

GURU VACHAKA KOVAI

The Light of Supreme Truth or THE COLLECTION OF GURU'S SAYINGS

Sri Muruganar Sri Ramana Maharshi (1879–1950)

Translated from the Original Tamil by Sadhu Om and Michael James With an Introduction by David Godman

Ramakrishna-Vedanta Study Circle. Athens, Greece Source: davidgodman.org Copyright © Michael James
This printout: November 4, 2004 Reprint: August 28, 2007

Introdução

No final dos anos 1920, Muruganar, um talentoso poeta tâmil que conviveu com Bhagavan por vários anos, começou a coletar os ensinamentos verbais de seu Guru, Ramana Maharshi. Ele os registrou em versos tâmeis de quatro linhas. Nenhuma pergunta foi registrada, apenas as respostas e afirmações sobre uma ampla variedade de temas espirituais. No final dos anos 1930, Muruganar havia completado mais de 800 desses versos, praticamente todos registrando uma declaração direta de ensinamento que Bhagavan havia proferido. Em 1939, decidiu-se publicar esses ensinamentos em forma de livro. Bhagavan então pediu a Sadhu Natanananda, um estudioso e devoto tâmil, para organizar os versos por assuntos, já que não havia uma ordem ou sequência específica no material que Muruganar havia acumulado. Depois que Natanananda fez esse trabalho e o mostrou a Bhagavan, Bhagavan editou cuidadosamente a obra, modificando as sequências e adicionando muitas revisões. Além de fazer essas correções textuais, Bhagavan também compôs novos versos que ele adicionou nos lugares apropriados no texto. Devido ao cuidado e atenção que Bhagavan dedicou à verificação e revisão desses versos, podemos ter certeza de que o conteúdo tem sua total aprovação.

Muitos dos ensinamentos verbais de Bhagavan foram registrados durante sua vida, mas poucos deles foram revisados e editados por ele. *Guru Vachaka Kovai* é a maior coleção de ensinamentos falados de Bhagavan que foi cuidadosamente verificada e revisada por ele durante sua vida. Como tal, ocupa um lugar único na literatura Ramana.

Uma segunda edição da obra em tâmil foi lançada em 1971. Esta continha muitos versos adicionais que Muruganar havia composto desde a primeira edição do livro em 1939. Esta nova edição da obra continha um total de 1.284 versos, sendo 1.254 compostos por Muruganar e os 28 restantes por Bhagavan.

Muruganar faleceu em 1973. Em 1980, Sadhu Om, executor literário de Muruganar, lançou uma nova edição de *Guru Vachaka Kovai* na qual ele converteu os versos originais em tâmil (que muitas vezes são muito difíceis de decifrar, a menos que se tenha um bom conhecimento das convenções literárias tâmeis) em prosa tâmil. Ele também adicionou comentários explicativos a muitas das interpretações em prosa. Este livro é a base da versão que estou incluindo neste site.

No final dos anos 1970 e início dos anos 1980, Michael James e Sadhu Om trabalharam juntos na tradução de *Guru Vachaka Kovai*. Embora todos os versos tenham sido traduzidos, junto com muitos dos comentários, a obra nunca foi publicada, pois Michael não estava satisfeito com a precisão de alguns dos versos. Em uma conversa que tive com ele há muitos anos, ele me disse que queria revisar muitos dos primeiros versos, já que sentia que alguns deles eram paráfrases um tanto soltas do texto, em vez de traduções literais.

Depois que Sadhu Om faleceu em 1984, Michael suspendeu o trabalho em sua tradução de *Guru Vachaka Kovai* e concentrou-se em outros projetos, como publicar as obras inéditas de Muruganar e Sadhu Om. Seu manuscrito de *Guru Vachaka Kovai* ficou sem revisão por quase vinte anos.

Ao longo dos anos, mostrei a versão de Michael James e Sadhu Om de *Guru Vachaka Kovai* a várias pessoas, e todos apreciaram sua rigorosa literalidade. Apenas uma versão de *Guru Vachaka Kovai* já apareceu em inglês antes, a do professor Swaminathan, que foi inicialmente serializada em *The Mountain Path* e posteriormente publicada pela Sri Ramanasramam. A versão do professor Swaminathan tentou manter o elemento poético do original, mas em muitos lugares isso resultou em uma diminuição da precisão. Sadhu Om e Michael James decidiram que, como os versos registravam declarações filosóficas de Bhagavan, uma tradução literal seria de maior interesse para os leitores e devotos, já que uma interpretação precisa revelaria todas as nuances dos ensinamentos de Bhagavan sobre muitos temas diferentes.

Alguns meses atrás, perguntei a Michael se eu poderia postar sua tradução no meu site, já que parecia muito improvável que ele terminasse uma versão final no futuro próximo. Michael concordou e pediu que fosse anunciado como um *”trabalho em progresso”*, e não uma obra completa. Quero expressar minha gratidão e apreço a Michael por permitir que este trabalho incompleto seja divulgado ao público.

O manuscrito com o qual trabalhei tinha muitas peculiaridades e arestas, a maioria das quais deixei intacta. Não quero impor meu próprio lápis vermelho editorial aos esforços de Michael; apenas quero expressar um desejo de que um dia ele conclua o trabalho e publique uma versão final e definitiva. No entanto, padronizei algumas das grafias e adicionei atribuições às notas que seguem muitos dos versos. Tanto Muruganar quanto Sadhu Om escreveram comentários sobre *Guru Vachaka Kovai*. Quando estes foram utilizados, adicionei os nomes apropriados no topo das notas. Quando não há fontes tâmeis publicadas para as notas, atribuí-as a Michael James. No entanto, como Michael trabalhou em estreita colaboração com Sadhu Om na preparação dessas notas, acredito que a maioria delas representa comentários verbais complementares de Sadhu Om que Michael adicionou para esclarecer o texto original.

Por fim, Michael deseja que todos saibam que estão livres para usar este material. No entanto, isso não significa que ele esteja cedendo quaisquer direitos sobre este trabalho. Ele pretende concluir o trabalho editorial um dia e lançar sua própria edição da obra.

DAVID GODMAN

Om Namo Bhagavate Sri Arunachala Ramanaya
A Luz da Verdade Suprema ou
A COLEÇÃO DOS DIZERES DO GURU

Versos Preliminares

Homenagem ao Guru

1. Esta Luz [ou seja, estes versos] dos Ensinamentos do Guru, que destroem a natureza básica da mente - ‘Eu’ e ‘meu’ - brilha como o Ser, iluminando nossos corações, sempre que ansiarmos com crescente desespero pela Graça.

2. O Eterno, graciosamente, assumiu a forma do Guru [Ramana] e, com amor, reivindicou-me - que era vítima da ilusão ‘Eu sou o corpo’ - como Seu, reformando-me com o sentido ‘Eu não sou este corpo inerte e sujo’. Que minha cabeça descanse sob os Pés do Guru Benigno, Gracioso e Silencioso.

3. O perfeito *Jnana*-Guru [Ramana] apresenta habilmente e com precisão o verdadeiro significado em muitas afirmações contraditórias e faz julgamentos adequados sobre várias discussões, revelando a Única Verdade Suprema que se encontra em harmonia entre todas elas. Que minha cabeça descanse sob seus Pés.

1 O Nome e a Origem deste Trabalho

4. Esta clara *Luz da Verdade Suprema* não foi acesa pela minha mente inocente e infantil, que não viu a Verdade. Foi acesa pelo plenamente amadurecido Conhecimento Supremo do meu Mestre Sri Ramana.

5. Muitas instruções para erradicar a ignorância [ou seja, a desatenção ao Ser] foram dadas pelo meu Amado, Eterno Companheiro [Sri Ramana], cuja Verdadeira Forma é Aquilo [*Sat-Chit*] que existe, brilha e se revela como ‘Eu’. Agora relembro algumas dessas instruções que minha mente compreendeu e preservou.

6. Eu, estando lá onde Ramana me abraçou, contarei um pouco da natureza da Verdade Suprema que vim a conhecer em minha vida de União Divina com Ele, meu Mestre.

Michael James: “Lá onde Ramana me abraçou” refere-se ao Estado Supremo de estar firmemente estabelecido no Ser.

“Verdade Suprema” alude ao título de toda a obra, *A Luz da Verdade Suprema*.

7. Eu agora componho e junto toda a Verdade Suprema que cheguei a conhecer através do Olhar Divino concedido a mim pelo meu Senhor Guru Ramana, que destruiu minha ilusão causada pelo sentido do ego, deixando-me em um estado de clareza.

2 O Benefício ou Fruto deste Trabalho

8. O benefício desta *Luz da Verdade Suprema* é o entendimento de que não há a menor coisa como ‘realização’, já que o Ser Supremo é o Sempre Alcançado Um Todo. Assim, os devaneios mentais causados pela busca do *Dharma*, *Artha* e *Kama* também são removidos.

Sadhu Om: Até agora, os *shastras* prescreveram, como metas legítimas da vida humana, os seguintes quatro objetivos:

Dharma: a prática de deveres sociais justos. *Artha*: a aquisição de riqueza por meios justos. *Kama*: a satisfação de desejos dentro de limites justos. *Moksha*: libertação, o estado natural de permanecer como o Ser.

Esta obra, *A Luz da Verdade Suprema*, mostra-nos agora que os três primeiros objetivos mundanos são fúteis e transitórios, e assim remove nossos esforços mentais errantes para alcançá-los. Podemos, no entanto, ainda pensar: “Não é necessário pelo menos um esforço mental para obter *Moksha*?” mas novamente esta Luz mostra-nos o absurdo de se esforçar para ‘alcançar’ o Ser, que é sempre alcançado, e, em vez disso, recomenda a cessação de toda atividade mental, fixando-nos no eterno, imóvel e sempre alcançado Estado do Ser. Há, portanto, algum Objetivo Supremo além daquele que é dado aqui, através desta *Luz da Verdade Suprema*? Consulte o verso 1204.

9. O Ser, que é a verdadeira natureza de cada um, é o substrato de toda felicidade neste e em outros mundos. Portanto, estar firmemente estabelecido no Ser, inabalável pelos pensamentos sobre os vários outros caminhos [Karmas, Yogas etc.,] que levarão apenas aos prazeres deste e de outros mundos, é o fruto deste trabalho.

3 A Submissão à Assembleia

Michael James: Era tradição na antiguidade que um escritor apresentasse seu trabalho a uma Assembleia de homens instruídos. Ele, portanto, tinha que compor um verso de ‘Submissão’, pedindo à Assembleia que corrigisse qualquer erro encontrado em seu trabalho.

10. Quando examinados, ver-se-á que estes doces versos de *A Coleção dos Dizeres do Guru* não foram compostos pela minha mente confusa e iludida, mas que foram inspirados sem pensar pelo Divino Venkatavan [Sri Ramana].

11. Por que devo oferecer uma ‘Submissão à Assembleia’ para um trabalho que não foi feito com o sentido de autoria, ‘Eu’? A total responsabilidade por este trabalho pertence a Ele, o Senhor Supremo [Sri Ramana], a quem até mesmo os Grandes só podem perceber através do *Samadhi* do Silêncio Místico dentro de seus corações.

4 Dedicção

12. Uma vez que foi minha mãe quem me ajudou [me dando este nascimento] a alcançar a Realização [*Jnana*] dissipando a ignorância, apresento este trabalho a ela com gratidão. “Que isso seja uma dedicação ao seu coração puro que não conhecia nenhum engano.”

5 O Autor

13. Kanna Murugan [Sri Muruganar], que através do olhar da Graça viu *Chit*, a grandeza de toda riqueza, é apenas os Pés Divinos de seu Mestre [Sri Ramana], que juntou algumas das palavras de seu Guru e as deu [ao mundo] como o Tesouro Supremo.

PARTE UM

UMA ANÁLISE DA VERDADE

Versos Beneditinos

14. Em resposta à grande e adequada penitência [*tapas*] realizada pela Terra Mãe cercada pelo oceano, o Supremo *Brahman* sem nome e sem forma tomou o glorioso nome e forma de Sri Ramana *Sadguru*. Que aqueles pés imaculadamente puros - *Sat-Chit* [Existência-Consciência] - estejam em nossos corações.

Michael James: O *tapas* realizado pela Mãe Terra é uma forma poética de se referir ao intenso anseio pela Verdade de muitos aspirantes amadurecidos na Terra. Esse anseio naturalmente traz o Supremo na forma de um *Sadguru*, como Sri Ramana.

15. Self, aquele puro *Brahman* que é por si só a Mono-sílaba, brilhando como o coração de todos os seres e coisas, é a excelente e doce bênção para esta *Coleção dos Ditados do Guru*, que remove a ilusão dos ignorantes.

Sadhu Om: Vale a pena referir aqui um verso avulso de Sri Bhagavan Ramana: “Uma Sílabas brilha para sempre no Coração como o Self; quem pode escrevê-la?” A Sílabas Única mencionada em ambos os casos é ‘Eu’ [*Aham*] ou Self, que é inescrevível, estando além do pensamento, palavra ou expressão.

16. A experiência de nossa própria Existência, que é a Realidade Suprema, *Jnana* em si, brilha como o Silêncio Místico e é o Verdadeiro Eu por trás da fictícia primeira pessoa ‘Eu’. Que esse Absoluto Ser Supremo, [conhecido como] os Pés, esteja sobre nossas cabeças.

17. Para aqueles que se voltam para dentro, o bem perfeito é a Graça do Guru Ramana, cuja verdadeira forma é o sono sem sono [*Turiya*]; é o doce Fruto cujo suco é a pura bem-aventurança suprema que cria no aspirante um gosto sempre crescente, livre de aversão, e é a bela Lâmpada que, sem necessidade de acender, leva alguém ao Coração.

Sadhu Om: A Graça é aqui mostrada como sendo a mesma coisa que *Turiya*, a verdadeira forma do Guru Ramana, que brilha eternamente como ‘Eu-Eu’, o Coração autoiluminado e, portanto, é chamada de lâmpada que não precisa ser acesa.

Existem duas possíveis traduções do próximo verso:

18a. Meu Mestre Sri Ramana tomou posse de mim, destruindo as misérias causadas pela minha falta de atenção ao Self; Sua beleza é Sua Unidade com *Jnana* e Sua Verdadeira Forma está além de apego e desapego. Seus Pés são o exemplo perfeito de todos os preceitos da Verdade.

18b. Meu Mestre Sri Ramana tomou posse de mim, destruindo as misérias causadas pela minha falta de atenção ao Self. Embora Ele tenha a beleza de *Jnana* e Renúncia, Sua Verdadeira Forma está além do apego e desapego, e Seus Pés são o exemplo perfeito de todos os preceitos da Verdade.

1 A Verdade ou Realidade do Mundo

19. Como a causa é vista somente como seu efeito, e uma vez que a Consciência [*Brahman*], que é a causa, é tão claramente verdadeira como um fruto de *amalaka* na palma da mão, este vasto universo, seu efeito, que é descrito nas escrituras como meros nomes e formas, também pode ser chamado de verdadeiro.

Sadhu Om: *Brahman* tem cinco aspectos, *Sat-Chit-Ananda-Nama-Rupa* [isto é, Ser, Consciência, Bem-aventurança, nome e forma]. Os três primeiros aspectos são reais, sendo eternamente autoiluminados, enquanto nome e forma são aspectos irrealis, uma vez que eles apenas parecem existir, dependendo da iluminação de *Sat-Chit-Ananda*.

Se, no entanto, alguém vê a causa, *Sat-Chit-Ananda*, que é real, pode-se dizer, ignorando os aparentes nomes e formas, que este universo também é real.

20. Quando visto do ponto de vista da Causa eternamente autoexistente, até os três, sete ou vinte e um mundos parecerão ser reais. Mas quando alguém vê apenas os nomes e as formas do mundo como reais, então mesmo *Brahman*, sua causa, parecerá ser absolutamente inexistente ou vazio [*sunya*].

Michael James: Os três, sete e vinte e um mundos ocorrem em diferentes classificações cosmológicas tradicionais.

21. Para aqueles [ignorantes] que consideram o mundo, que aparece diante deles, como real e agradável [tornou-se necessário para as escrituras dizer que] é criação de Deus. Mas para aqueles que obtiveram o Conhecimento ininterrupto do Self, o mundo é visto apenas como uma imaginação mental que causa o aprisionamento.

22. Este mundo de nomes e formas vazias, que são a imaginação dos cinco sentidos e uma aparência no puro Ser Supremo, deve ser entendido como o jogo misterioso de *Maya*, a mente, que se eleva como se fosse real a partir do Self, *Sat-Chit*.

Michael James: A origem de *Maya*, que significa “aquilo que não é”, é desconhecida; ela aparece, funcionando no homem, como mente, e é inferida em Deus por meio de suas ações, sustentação e dissolução deste universo; ela termina, ao ser vista como inexistente, quando a Verdade é conhecida.

O vidente, conhecido como mente ou ‘eu’, e o visto, conhecido como o mundo, surgem e se estabelecem simultaneamente no Self. Se o Self vê a Si mesmo através de Si mesmo, ele é o Self; se Ele se vê através da mente ou ‘vidente’, ele aparece como o mundo ou ‘visto’.

23. Os Realizados que não conhecem nada além do Self, que é a consciência absoluta, não dirão que o mundo, que não tem existência na visão do Supremo *Brahman*, é real.

Michael James: A palavra tâmil *Iraivan* geralmente é entendida como significando Deus, o Senhor deste mundo, e como Bhagavan explicou em outro lugar, a trindade da alma, mundo e seu Senhor sempre parecerão coexistir em *Maya*, e assim o mundo aparente existe na visão de seu aparente Senhor, Deus. Portanto, ao ver este verso, Bhagavan comentou: “Quem disse que não há mundo na visão de Deus?”, mas quando o autor, Sri Muruganar, explicou que ele usou a palavra no sentido do Supremo *Brahman*, Sri Bhagavan aceitou esse significado e aprovou o verso.

24. Ó homem, como um papagaio esperando ansiosamente pelo fruto da paina amadurecer, você persiste em seus sofrimentos, acreditando que esta aparência do mundo é real e agradável; se o mundo é real simplesmente porque aparece aos seus sentidos, então uma miragem seria água.

Michael James: O fruto de uma paineira sempre permanece verde, não mudando de cor mesmo depois de amadurecido; o papagaio, enquanto isso, espera ansiosamente, esperando comê-lo quando mudar de cor, mas acaba se decepcionando quando ele estoura, espalhando suas sementes peludas.

25. Esquecendo o Self, que lhe dá [ao vidente] luz para ver, e estando confuso, não corra atrás desta aparência [o mundo que você vê]. A aparência desaparecerá e, portanto, não é real, mas o Self, a fonte de você [o vidente], nunca pode desaparecer, então saiba que apenas Isso é real.

26. A palavra ‘Real’ é adequada para este mundo, que é visto apenas pela mente ilusória e mutável, mas não pelo Self, a fonte da mente?

Michael James: Como o Self sabe que apenas Ele mesmo é, qualquer imaginação como este mundo é inteiramente inexistente para Ele, e, portanto, nunca é visto por Ele.

27. Não tema ao ver este mundo vazio, que aparece como um sonho no sono do esquecimento do Self. Esta imagem do mundo imaginário e causadora de escravidão, [projetada no fundo] da mente escura e densa, não resistirá à luz do Conhecimento Supremo, *Sat-Chit-Ananda*.

28. Ó aspirantes que se escondem com medo deste mundo, nada como um mundo existe! Temar este falso mundo que parece existir, é como temar a falsa serpente que aparece em uma corda.

29. Este mundo só é visto sem dúvidas nos estados de vigília e sonho, onde os pensamentos surgem e estão em jogo. Pode ser visto no sono, onde nem um único pensamento surge? Os pensamentos são, portanto, o substrato deste mundo.

30. Se assim for dito que este mundo é apenas um jogo de pensamentos, por que, mesmo quando a mente está quieta, a cena do mundo, como um sonho, de repente aparece diante de nós? Isso se deve ao impulso armazenado de imaginações passadas!

31. Assim como a aranha emite o fio [de sua teia] de sua própria boca e novamente o retira, a mente projeta o mundo a partir de si mesma e novamente o absorve.

32. Quando a mente passa pelo cérebro e pelos cinco sentidos, os nomes e as formas [deste mundo] são projetados de dentro. Quando a mente reside no Coração, eles retornam e ficam escondidos lá.

33. Este mundo, cheio de diferenças de nomes e formas, permanecerá como [*Brahman*] indiferenciado quando estes forem removidos. A pessoa ignorante mascara o Supremo com nomes e formas imaginárias e, sendo assim auto-iludida, vê-o como o mundo.

34. A ideia enganosa de “eu sou o corpo” faz com que o mundo, que é uma aparência de nomes e formas, pareça real e, assim, vincula-se instantaneamente aos desejos [pelo mundo].

35. Uma vez que este mundo de diádicos e triádicos aparece apenas na mente, como o anel ilusório de fogo formado [na escuridão] ao girar o ponto único de uma ponta de corda incandescente, ele é falso e não existe na visão clara do Self.

36. Ó homem de mentalidade mundana que é incapaz de compreender o raciocínio sábio e os ensinamentos dos Sábios sobre o Conhecimento Supremo, se devidamente examinado, este grande universo de ilusão é visto como nada mais que o jogo ilusório das *vasanas* [tendências mentais] dentro de você.

37. Como o amarelo ilusório visto por um olho ictérico, todo o mundo que você vê diante de você é produto de sua própria mente, que está cheia de vícios enganosos como desejo [raiva, luxúria e assim por diante]. Na realidade, no entanto, é uma plenitude de puro *Jnana*.

38. Assim como o ‘amarelo’ desaparece à luz do sol, a aparência deste mundo desaparece na Luz do Conhecimento do Eu, e, portanto, não pode ser uma criação do Supremo [Self]. É apenas como os belos desenhos de cores que aparecem na plumagem de um pavão; ou seja, é apenas o reflexo das *vasanas* dentro de você.

Michael James: ‘Amarelo’ no sul da Índia refere-se à cúrcuma, cuja mancha desaparece à luz do sol.

Belos desenhos de cores, que não são vistos em cada pena individual do pavão, aparecem em sua plumagem, devido à combinação e posicionamento de muitas penas.

39. Este mundo é uma mera ilusão vista na visão objetiva enganada do ego, que é simplesmente a ideia de ‘eu sou o corpo’. Na visão do Conhecimento do Eu, no entanto, é tão falso quanto a aparente azulidade no céu.

40. Como é que este vasto mundo falso e vilão, que engana e devasta as mentes de todas as pessoas [exceto os sábios], entra em existência? Por nenhum outro motivo além do nosso próprio erro em nos afastar, em vez de nos apegar à atenção ao Eu.

41. Esta vida, uma ilusão baseada em [nossos] gostos e aversões, é um sonho vazio, que aparece como se fosse real durante o sono [da ignorância], mas que se descobre ser falso quando se acorda [no Conhecimento do Eu].

42. Quando a mente está menos em pura Consciência Suprema do Eu, todos os poderes que pareciam funcionar [através da mente], como ‘*Ichha*’ [força de vontade], ‘*Kriya*’ [o poder de ação] e ‘*Jnana*’ [o poder de conhecer], cessarão, sendo considerados imaginários.

43. A imagem projetada deste mundo de tríades é uma representação de *Chit-Para-Shakti* [ou seja, o poder ou luz refletida da Consciência do Eu] na tela da Consciência Suprema.

44. A aparência deste mundo ilusório, que é visto como real, é como a serpente vista numa corda, o ladrão visto num tronco de árvore ou a água vista numa miragem.

45. Os vários ornamentos feitos de ouro não são diferentes do ouro, e, da mesma forma, este mundo de coisas móveis e imóveis, manifestado a partir do Eu, não pode ser diferente do Eu.

46. O Eu está oculto quando o mundo aparece, mas quando o Eu brilha, o mundo desaparecerá. Sendo diferentes por natureza, como o [aparente] cão [visto em] a pedra, ambos não podem ser vistos juntos.

Sadhu Om e Michael James: A natureza do Eu, o verdadeiro aspecto do *Brahman*, não são esses nomes e formas, enquanto a natureza do mundo, o falso aspecto do *Brahman*, não é *Sat-Chit-Ananda*, então ambos não podem ser vistos simultaneamente. Veja também os versos 876, 877, 1216.

47. Este mundo que aparece, ocultando o Eu, é um mero sonho, mas quando ‘ocultado’ pelo Eu, permanece como nada além do Eu.

48. Este mundo inteiro de tríades que nos ilude, parecendo ser uma realidade indiscutível, é apenas a forma do Poder Supremo [*Chit-Shakti*], que reside eternamente como nada além do Supremo Eu.

49. Como o fogo brilha escondido dentro da fumaça, a Luz do Conhecimento brilha escondida nos nomes e formas deste mundo. Quando a mente é esclarecida pela Graça Suprema, a natureza do mundo se revela real [como o Eu], e não aparecerá mais como os nomes e formas ilusórios.

50. Para aqueles que nunca perdem o Verdadeiro Conhecimento do Eu, que é a base de todo conhecimento sensorial, o mundo também não é nada além do Conhecimento do Eu. Mas, como um homem comum, que não adquiriu o Conhecimento do Eu, pode entender a afirmação dos Sábios que, vendo através do *Jnana*, dizem que o mundo é real?

51. Apenas aqueles que desistiram do conhecimento mundano [ou seja, sensorial] e do apego a ele, e que destruíram a força maligna da mente [ou seja, *Maya*], alcançando assim a Suprema Consciência do Eu, podem conhecer o verdadeiro significado da afirmação “O mundo é Real”.

52. Se a perspectiva de alguém é transformada em *Jnana* [Sabedoria Divina], vista através disso, o universo inteiro, composto pelos cinco elementos, como éter e assim por diante, será considerado real, sendo o próprio Conhecimento Supremo. Assim você deve ver.

53. Se a perspectiva de alguém é transformada em *Jnana*, vista através disso, este mesmo mundo, visto anteriormente como um inferno de miséria, será considerado um céu de bem-aventurança.

54. Conforme o ditado “O visto não pode diferir dos olhos que veem”, o *Jnani*, cujo olho [ou seja, perspectiva] se tornou *Sat-Chit-Ananda* devido ao cessar de todas as atividades mentais, vê este mundo também como *Sat-Chit-Ananda*.

Michael James: Veja o verso 343.

55. A aparência deste mundo, como a aparência ilusória de um sonho, é meramente mental e sua verdade [portanto] só pode ser conhecida corretamente pela Consciência Suprema que transcende *Maya*, a mente.

56. Ó mente tola e ilusória, iludida ao ver o sonho diário que não é nada além da sua própria natureza [da mente], se você discernir a verdadeira natureza do seu próprio Eu, que é *Sat-Chit-Ananda*, este mundo pode ser algo diferente disso?

57. Este mundo vazio, desconcertante com multiplicidade, em seu estado original, é uma uniforme e ininterrupta bem-aventurança, assim como o pavão multicolorido é, em seu estado original, a gema de ovo amarela monocromática. Permaneça como o Eu e conheça essa verdade.

58. Aqueles que alcançaram seu objetivo, *Jnana*, não veem este mundo como uma multiplicidade de diferenças, uma vez que as múltiplas diferenças deste mundo são um jogo esportivo de *Chit-Shakti*, o *Todo uno*.

59. Para o *Jnani*, que, livre da ideia ‘eu-sou-o-corpo’, está estabelecido no Eu, este mundo brilha como Seu próprio Conhecimento do Eu; e, portanto, é errado para nós vê-lo como algo diferente [ou seja, como múltiplos nomes e formas].

60. Ao voltar-se para o Eu, você destrói sua ilusão, este mundo; o que então permanece como ‘isto é vazio’ é conhecido por você, o Eu; então, para destruir este [aparente] vazio também, afogue-o no oceano do Conhecimento do Eu.

61. Se você permanecer no Coração como *Sat-Chit* ‘Eu sou’, pelo qual todo o universo existe e brilha, então este mundo também se tornará um só com você, perdendo suas falsas e assustadoras dualidades.

62. Aquele que conhece essa aparência do mundo como sua própria forma, Consciência Suprema, experimenta a mesma Consciência até mesmo através de seus cinco sentidos.

2 A Irrealidade do Mundo

63. Alguns afirmam: “Este mundo diante de nossos olhos, embora não permanente, é real o suficiente”. Negamos isso dizendo: “Permanência é uma das marcas da Realidade”.

64. Algumas pessoas argumentam: “Embora dividido, este mundo que vemos não pode estar desprovido de Realidade”. Refutamos isso dizendo: “Inteira também é uma marca da Realidade”.

Sadhu Om: Eterno, Imutável e Autoluminoso: esses, Sri Bhagavan Ramana costumava declarar, são os três fatores essenciais da Realidade.

65. Porque a natureza da Realidade é a Existência Inteira e Autoluminosa, transcendendo tempo e espaço, os *Jnanis* nunca considerarão este mundo, que é destruído pela Roda do Tempo, como real.

66. A Suprema Bem-aventurança, '*Sadhasivam*' [ou seja, o Eu] é a única aprovada [pelos *Jnanis*] como a Realidade Inteira. Este mundo, visto como cheio de misérias e defeitos, é conhecido apenas pela mente, que é irreal e dividida por diferenças.

67. É o resultado da ilusão de que eu sou o corpo limitado, que o mundo, que nada mais é do que Consciência, é conhecido como uma segunda entidade, separada da Consciência.

68. Será que aquilo que é percebido pelos sentidos deste corpo irreal será real ou irreal? Ó mente, preocupada e cansada pelos caminhos mundanos, considere isso cuidadosamente agora e responda.

69. Tudo que é visto pelo ego que, tendo caído do verdadeiro estado do Eu e tendo sido enterrado profundamente na escuridão da ignorância, toma o corpo como 'Eu', não é real e é simplesmente inexistente.

70. Embora a aparência do mundo pareça ser muito real e atraente, ela só pode aparecer em '*Chittam*', que é '*Chit-Abhasa*' [o reflexo da Autoconsciência]. No entanto, na pura Autoconsciência, ela é inexistente.

Michael James: Assim como uma imagem de cinema pode ser vista claramente apenas em uma luz limitada em um fundo escuro e desaparecerá na luz do sol brilhante, também a aparência do mundo pode ser vista claramente apenas na luz limitada da mente e desaparecerá na luz da pura Autoconsciência. A consciência limitada da mente é um mero reflexo da Autoconsciência, condicionada como '*Chittam*', o depósito de tendências que age como o rolo de filme na analogia do cinema. Veja também o verso 244, onde essa ideia é explicada e esclarecida ainda mais. Veja o verso 114.

3 O Fascínio do Mundo

71. Assim como a barba da cabra vagueia e balança por nada, as pessoas perambulam alegremente, mas em vão, fazendo *Karmas* para a realização de seus desejos mundanos, enquanto desprezam as disciplinas [seguidas pelos aspirantes] que levam à eterna *Moksha* no Eu. Ah, que espetáculo lamentável é a condição dessas pessoas mundanas!

72. Ansiando por um pequeno grão de prazer, as pessoas se esforçam tanto usando a mente para arar o campo dos cinco sentidos, mas nunca desejam a inundação de Bem-aventurança que é o fruto que vem ao arar o Coração, a Fonte da mente, com a [simples] atenção ao Eu. Ah, que maravilha!

73. O *jiva* em forma de lua [a mente], sempre casado com o Eu semelhante ao sol, deve sempre permanecer em sua casa, o Coração; abandonar a Bem-aventurança do Eu e se desviar em busca de prazeres mundanos é como a loucura de uma esposa que estraga sua preciosa castidade.

Michael James: Veja também o verso 996.

74. Apenas quando o fascínio do mundo se perder, a verdadeira Libertação será possível [e seu fascínio não pode ser perdido a menos que seja considerado irreal]. Portanto, tentar impor realidade a este mundo é como um amante apaixonado que tenta impor castidade a uma prostituta.

Sadhu Om: Um amante impõe castidade a uma prostituta apenas por causa de sua paixão por ela, e da mesma forma algumas escolas de pensamento argumentam e tentam insistir na realidade do mundo, apenas por causa de seu imenso desejo pelo prazer deste mundo. Portanto, a Libertação, que é o fruto da ausência de desejos, é absolutamente impossível para eles. Consulte também o verso 635.

4 A Aridez do Mundo

75. Somente para as pessoas loucas que se iludem, confundindo este mundo fictício como um fato, e não para o *Jnani*, há algo para se deleitar além de *Brahman*, que é Consciência.

76. Será que aqueles que estão enraizados no Conhecimento da Verdade se desviarão para os caminhos mundanos? Não é a natureza básica e fraca dos animais que desce aos prazeres sensuais deste mundo irreal?

77. Se você perguntar: "Qual é o benefício de sacrificar os inúmeros prazeres sensuais e reter apenas a Consciência?", [respondemos que] o fruto do *Jnana* é a experiência eterna e ininterrupta da Bem-aventurança do Eu.

Sadhu Om: Qualquer experiência de prazer mundano é pequena e interrompida, enquanto a Bem-aventurança do Eu alcançada através do *Jnana* é eterna e ininterrupta, e é, portanto, o maior benefício.

78. Realmente, não há a menor felicidade em qualquer objeto mundano, então como a mente tola se ilude pensando que a felicidade vem deles?

79. Tolos estão agora tão orgulhosos e felizes com a riqueza e o prazer deste mundo, que podem, a qualquer momento, abandoná-los em desapontamento e angústia.

80. Sofrendo com o calor dos três tipos de desejos, todos os seres vivos vagam no deserto vazio e árido deste mundo-sonho, criado pelo redemoinho das tendências passadas. A sombra da árvore Bodhi, que pode esfriar completamente esse calor, é apenas o Eu, que brilha como *Turiya* [o quarto estado].

Michael James: Os três tipos de desejos são por mulheres, riqueza e fama.

5 Desempenhando o Papel no Mundo

81. Percebendo a verdade do Eu dentro do seu coração e sempre permanecendo como o Supremo, aja de acordo com o papel humano que você assumiu neste mundo, como se provasse seus prazeres e dores.

82. Não é certo que o Sábio se comporte de maneira inadequada, mesmo que ele tenha conhecido tudo o que há para conhecer e alcançado tudo o que há para ser alcançado. Portanto, observe o código de conduta que convém ao seu modo de vida externo.

A última linha se refere a religiões, castas e afins.

6 Vivartha Siddhanta (A Doutrina da Criação Simultânea)

83. A partir de suas palavras de abertura condescendentes, “Porque vemos o mundo”, deve-se entender que o Grande Mestre, Bhagavan Sri Ramana, que oferece a assistência mais prática aos aspirantes, descarta todas as outras doutrinas e ensina que apenas a ‘Doutrina de *Vivartha*’ é adequada para ser considerada verdadeira.

Sadhu Om: “Porque vemos o mundo” são as primeiras palavras do verso um de *Ulladu Narpadu*, o poema de Bhagavan com quarenta versos sobre a natureza da realidade.

Embora sua experiência da Verdade só possa ser adequadamente expressa pela “Doutrina de Ajata”, Bhagavan Sri Ramana usa apenas a “Doutrina de Vivartha” para seus ensinamentos.

Assumindo uma causa e seu efeito, as religiões geralmente ensinam que Deus criou as almas individuais e o mundo; algumas ensinam a ‘Doutrina de Dwaita’ [dualidade], que postula que todos esses três [Deus, almas e o mundo] permanecerão eternamente separados; outras ensinam a ‘Doutrina de Vishishtadwaita’ [Não-dualidade qualificada], que postula que, embora a dualidade prevaleça agora, as almas e o mundo se fundirão em união com Deus em algum momento futuro; outros ainda ensinam a ‘Doutrina de Advaita’ [Não-dualidade], que postula que mesmo agora, embora pareçam estar separados, esses três são, na verdade, meras aparências e não são nada além da única Realidade; e muitas outras doutrinas também são ensinadas por várias religiões.

Os aspirantes podem ser classificados em quatro níveis de maturidade, opaco [manda], médio [madhyama], maduro [teevra] e totalmente maduro [Ati teevra]; aqueles dos dois primeiros graus aceitarão prontamente a ‘Doutrina de Dwaita’ ou ‘Vishishtadwaita’.

A ‘Doutrina de Vivartha’ é recomendada para explicar o ponto de vista de Advaita, ou seja, para explicar como a aparência do mundo, seu vidente e o conhecimento do vidente sobre a aparência entram em existência simultaneamente, não condicionados por causa e efeito. No entanto, como isso aceita a aparência do mundo, almas e Deus, é apenas uma hipótese de trabalho para ajudar os aspirantes. A ‘Doutrina de Ajata’, por outro lado, nunca aceita sequer a aparência dessa trindade, mas proclama que a única Realidade Autoluminosa existe eternamente e sem modificação; Ajata é, portanto, a mais elevada de todas as doutrinas e é adequada apenas para os aspirantes totalmente amadurecidos.

Bhagavan Sri Ramana, portanto, desce condescendentemente e, deixando de lado ‘Ajata’ e as duas doutrinas inferiores, ele defende, por meio de seus ‘Quarenta Versos sobre a Realidade’, a ‘Doutrina de Vivartha’, que é adequada para os aspirantes maduros que não têm fé nas doutrinas inferiores, mas ainda não têm a maturidade para compreender a mais elevada, ‘Ajata’.

84. Tudo o que é percebido pela mente já estava dentro do coração. Saiba que todas as percepções são uma reprodução das tendências passadas agora sendo projetadas externamente [através dos cinco sentidos].

85. O próprio Ser é visto [devido a *Maya*] aparecendo como os muitos nomes e formas deste universo, mas não age como a causa ou o fazedor, criando, sustentando e destruindo este universo.

86. Não pergunte: “Por que o Ser, como se estivesse confuso, não conhece a Verdade de que é ele próprio que é visto como o mundo?” Se, em vez disso, você perguntar: “A quem essa confusão ocorre?”, descobrirá que tal confusão nunca existiu para o Ser!

Sadhu Om: Através do autoquestionamento, o confuso questionador, que é o ego, perderá sua identidade e se afogará no Ser; então será descoberto que nem a ignorância nem a confusão jamais existiram para o Ser, mas apenas para o ego inexistente.

87. O Ser aparecendo como o mundo é como uma corda se vendo como uma cobra; assim como a cobra é, após análise, considerada sempre inexistente, o mundo também é considerado sempre inexistente, mesmo como uma aparência.

88. Na verdade, não é um único pensamento deludido que cria a cobra - que, embora pareça ser separada, não é realmente diferente desse próprio pensamento - em uma corda; e que então sustenta essa cobra como a causa de sua própria miséria; e que finalmente destruirá essa cobra [obtendo um conhecimento claro de sua própria verdadeira natureza]?

Sadhu Om: Conclui-se, portanto, que não é o Ser, mas a ignorância, devido à falta de questionamento, que é a verdadeira causa da criação, sustentação e dissolução do mundo. Consulte também o verso 91.

89. A semente e seu broto parecem cooperar, cada um sendo a causa do outro, e ainda cada efeito também destrói sua causa; na verdade, o efeito não é realmente produzido pela causa, uma vez que ambos são produzidos apenas pela imaginação da mente ignorante.

90. Se a corda fosse em si um ser senciente, seria necessário algum outro ser para que ela fosse vista como uma cobra? Da mesma forma, como o Ser é Existência-Consciência, o mundo é apenas uma destruição dessa única Consciência.

91. O Ser mudou sua natureza de Ser imóvel para aquela de movimento, ou como mais este mundo veio à existência? O Ser nunca sofreu mudança ou movimento; este mundo parece existir unicamente por causa da ignorância, que é ela mesma falsa.

Michael James: Essa mesma ideia continua a ser ilustrada e desenvolvida nos oito versos seguintes.

92. Quando, na visão do espaço indivisível, até mesmo o pote não tem existência separada, não é tolice dizer que o espaço dentro do pote se move com os movimentos do pote?

93. Da mesma forma, quando, na plenitude da Autoconsciência, corpo e mundo não podem nem mesmo existir, por serem não-Ser e incompletos, é ridículo dizer que o Ser se move por causa dos movimentos do corpo e do mundo mutáveis.

94. Embora o Ser, que é sempre imóvel por causa de sua totalidade, pareça se mover com os movimentos do instável espelho, a mente, nunca é o verdadeiro Ser que se move, mas apenas seu reflexo, a mente.

95. Se for perguntado: “Como os *upadhis* ilusórios [atributos como mente, intelecto, *chittam*, etc.] [parecem] surgir para o Supremo Ser, que é Um sem um segundo?”, deve-se responder que eles são vistos surgir apenas na visão do *jiva* ignorante, e que, na realidade, nenhum atributo jamais surgiu para o Ser. Assim você deve saber!

Sadhu Om: Não há experiência dos *upadhis* em *Jnana*, e, portanto, eles aparecem apenas para os ignorantes e nunca para o *Jnani*. Tendo ouvido isso, os ignorantes ainda perguntam ao *Jnani* como sua visão errônea surgiu, mas eles devem entender que um *Jnani* nunca pode admitir que *upadhis* existem para o Ser, e que é, portanto, responsabilidade dos ignorantes descobrir por si mesmos como e para quem os *upadhis* aparecem. Assim, Bhagavan costumava fazer contra-perguntas aos seus devotos e dizer: “Você afirma que os *upadhis* surgiram e são reais, então você deve descobrir o que eles são, e como, de onde e para quem eles aparecem!”

Isso ilustra por que a “Doutrina de Vivartha” [ou seja, criação simultânea] é adequada ao ponto de vista do questionador, que só admite “Ajata” [ou seja, não-criação]. A nota do verso 83 também pode ser consultada aqui.

96. Uma fagulha de fogo pode voar apenas para uma bola de fogo de tamanho limitado [e não poderia fazê-lo a partir de um fogo ilimitado e onipresente]. Da mesma forma, é impossível que *jivas* e o mundo surjam como pequenas entidades separadas, ‘Eu’ [e ‘isto’], do Supremo Ser, que é o todo ilimitado.

Sadhu Om: Isso significa que o mundo, Deus e *jivas* aparecem apenas na visão do *jiva*, que é um falso reflexo do Ser, e que, no ponto de vista supremo do Ser, não há criação alguma.

97. O corpo existe apenas na visão da mente, que é iludida e voltada para fora pelo poder da *Maya*. Na visão clara do Ser, que é um único e vasto Espaço de Consciência, não há corpo algum e, portanto, é errado chamar o Ser de ‘*Dehi*’ ou ‘*Kshetrajna*’ [o proprietário ou conhecedor do corpo].

Sadhu Om: Em escrituras como a *Bhagavad Gita*, os Mestres Divinos se rebaixaram a usar termos como ‘*Dehi*’ e ‘*Kshetrajna*’, devido à incapacidade de seus discípulos de entender se a verdade fosse afirmada de outra maneira.

98. A menos que o corpo seja considerado ‘Eu’, a alteridade - o mundo de objetos móveis e imóveis - não pode ser vista. Portanto, porque a alteridade - as criaturas e seu Criador - não existe, é errado chamar o Ser de Testemunha.

Sadhu Om: Nas escrituras, os termos ‘*Jiva sakshi*’ [ou seja, testemunha do *jiva*] e ‘*Sarva sakshi*’ [ou seja, testemunha de tudo] são usados apenas como formalidade, mas não são estritamente corretos. Só quando há algo para ser visto pode haver um vidente ou ‘testemunha’ para vê-lo. Mas em um estado de unidade, onde não existem outros, quem testemunhará o quê? Portanto, o Ser, que é Um sem um segundo, não pode ser chamado de testemunha.

99. O mundo não existe separado do corpo; o corpo não existe separado da mente; a mente não existe separada da Consciência; e a Consciência não existe separada do Ser, que é Existência.

Sadhu Om: Portanto, pode-se concluir que tudo é Ser e que nada além do Ser existe.

7 A Doutrina do ‘Ajata’

100. Embora o Guru Ramana tenha ensinado várias doutrinas de acordo com o nível de entendimento daqueles que vieram até Ele, ouvimos d’Ele que apenas ‘Ajata’ é verdadeiramente sua própria experiência. Assim você deve saber.

Sadhu Om: ‘Ajata’ é o conhecimento de que nada - nem o mundo, a alma, nem Deus - jamais entra em existência e que ‘Aquilo Que É’ sempre existe como É.

101. É esse mesmo ‘Ajata’ que Sri Krishna revelou a Arjuna em um capítulo inicial [dois] da *Gita*, e saiba que foi apenas por causa do desconcerto e incapacidade de Arjuna de compreender a Verdade, que outras doutrinas foram ensinadas nos dezesseis capítulos restantes.

8 O Propósito por trás das Diversas Teorias da Criação

102. Por que as diferentes partes dos *Vedas* descrevem a criação de diferentes maneiras? Sua única intenção não é proclamar uma teoria correta da criação, mas fazer com que o aspirante investigue a Verdade, que é a Fonte da criação.

Sadhu Om: Se a criação fosse verdadeira, as escrituras a descreveriam de uma só maneira, mas suas diversas teorias deixam claro que a criação não é a verdade. Para permitir que os aspirantes maduros descubram a falsidade da noção de criação, os *Vedas* ensinam propositalmente teorias contraditórias. No entanto, tais contradições são encontradas apenas nas descrições da criação, elas nunca ocorrem quando os *Vedas* tentam descrever a natureza do Ser, o Supremo. Sobre o Ser, todos concordam e falam em uma só voz, dizendo “O Ser é Um, Perfeito, Inteiro, Imortal, Inalterável, Autoiluminado etc., etc.” A partir disso, devemos entender que a intenção profunda por trás de tais teorias conflitantes da criação é mostrar indiretamente aos aspirantes a necessidade de investigar o Ser, que é a Fonte de todas as ideias de criação.

9 O Papel Desempenhado por Deus

103. Pelo Seu próprio Poder da *Maya*, o Imutável, [embora brilhe mais diretamente do que qualquer outra coisa], esconde-se a si mesmo invisível e lança a corda dos três estados no espaço da mente; mantendo-a ereta. Ele então faz o *jiva*, que confunde o corpo como ‘Eu’, equilibrar-se nela e, assim, Ele realiza Seu jogo divino!

Sadhu Om: Os três estados são vigília, sonho e sono profundo.

Um truque de mágica realizado por artistas de aldeias na Índia é usado como uma analogia aqui. O mágico, escondendo-se atrás de uma tela, joga uma corda no ar e, fazendo-a parecer ficar ereta, ordena que seu assistente suba nela e se equilibre no topo. Aqui, Deus é equiparado ao mágico; o Coração é o Seu esconderijo; os três estados são comparados à corda; e o *jiva* é comparado ao assistente. Mas tudo isso é um jogo, aparecendo apenas aos olhos dos espectadores, e, portanto, é irreal. Da mesma forma, criação, sustentação e dissolução, que parecem ser o ‘*Lila*’ de Deus [ou seja, jogo divino] são todos irreais, pois são vistos apenas pelos ignorantes.

108. Na Presença do Senhor, que não tem intenção própria, os *jivas* ocupam-se exteriormente, seguindo por vários caminhos de ação, e colhem os frutos com resultados justos, até finalmente [percebendo a inutilidade da ação] voltarem-se para o Ser e alcançarem a Libertação.

Sadhu Om: Embora a Presença do Senhor seja essencial para que a ligação ou a libertação ocorram - de acordo com nossos próprios desejos - Ele não é responsável por eles.

109. Assim como os [bons e maus] incidentes que acontecem na Terra não afetam o sol, e como as propriedades dos quatro elementos não afetam o vasto éter, também as ações [*karmas*] dos *jivas* certamente nunca afetarão Deus, que está além da mente.

Michael James: As propriedades dos quatro elementos são:

Terra - tamanho e peso Água - frescor e fluidez Fogo - calor Vento - movimento e velocidade

10 As Três Entidades Primárias [Deus, Mundo e Alma]

110. Se alguém questiona até o fim: “Quem é esse *jiva*, ‘Eu’?”, descobrirá que ele é inexistente, e Shiva se revelará como nada além do Supremo Expansão da Consciência. Portanto, quando o *jiva* - o vidente, que com grande desejo viu este mundo - desapareceu, é ridículo atribuir realidade ao mundo - o visto.

Sadhu Om: Como a verdade do vidente e do visto são uma e a mesma coisa, quando o vidente [ou seja, o *jiva*] é considerado irreal, o visto também será conhecido como irreal. A verdadeira natureza do Ser [que até agora foi concebida, nesta trindade, como sendo Deus] será então encontrada como a única realidade.

111. Depois que as duas entidades primárias acima [ou seja, mundo e *jiva*] desapareceram, o que resta brilhando é apenas Shiva [ou seja, o Ser]. Mas, embora isso seja a verdade absoluta, como o *jiva* já morto pode pensar nisso como não-dual?

Sadhu Om: Como a Verdade da Não-dualidade [*Advaita*] está além do pensamento, Bhagavan Ramana costumava dizer que o *Advaita* não pode ser chamado de religião, porque ‘*mata*’ [religião] é o que é encontrado por ‘*mati*’ [a mente]. Veja o verso 993.

112. Se o mundo e o *jiva* são considerados eternos e reais, isso significaria uma falha na Totalidade do Senhor Supremo. A menos que aceitemos que o Senhor é imperfeito e dividido, não podemos dizer que o mundo e o *jiva* são reais.

Sadhu Om: As escolas de pensamento, como *Dwaita* e *Vishishtadwaita*, que dizem que o mundo e o *jiva* são reais, deveriam aceitar que estão assim degradando Deus como uma realidade parcial, ou então deveriam abandonar suas ideias dualistas.

113. Se *jiva*, a Consciência refletida, é realmente uma entidade separada do Supremo, então a declaração do Sábio, “Shiva faz tudo, os *jivas* não fazem nada”, seria apenas uma imaginação, e não baseada em sua experiência.

Michael James: Como seria absurdo sugerir que os Sábios fazem declarações imaginárias não baseadas em sua experiência, não se pode concluir que o *jiva* seja uma entidade real separada do Supremo.

114. Quando a luz limitada [que é usada para projetar imagens na tela do cinema] se dissolve na luz solar brilhante [que entra no cinema], as imagens também desaparecerão instantaneamente. Da mesma forma, quando a consciência limitada [*chittam*] da mente é dissolvida na Consciência

suprema [*Chit*], o espetáculo dessas três entidades primárias [Deus, mundo e alma] também desaparecerá.

Michael James: Veja os versos 10, 11 e 70.

115. Assim, já que a Verdade da Fonte é Única, por que todas as religiões [e às vezes até os Sábios] começam seus ensinamentos concedendo inicialmente que essas três entidades primárias são reais? Porque a mente, que é agitada pelo conhecimento objetivo, não concordaria em acreditar no Um, a menos que os Sábios se dignassem a ensiná-Lo como três.

Michael James: Veja o verso 2 de *Ulladu Narpadu*.

11 Véu

116. Saiba que o espesso véu do esquecimento de um *jiva* sobre todos os problemas causados aos outros ou por outros durante suas inúmeras vidas passadas se deve à Graça de Deus [para sua própria paz de espírito].

117. Quando a lembrança de apenas algumas situações miseráveis nesta vida pode tornar a vida um inferno, não deveria apenas o esquecimento ser amado por todos?

Sadhu Om: Nos dois versos acima, Sri Bhagavan nos aconselha que é tolice tentar conhecer nossos nascimentos passados. Tanto a dor quanto o prazer são meros pensamentos, originários da raiz do pensamento ‘Eu’, que é a própria miséria; portanto, como não pode haver felicidade verdadeira vinda da miséria, esquecer a dor e os prazeres do passado é a única felicidade.

12 Individualidade

118. Deuses e deusas individuais e seus poderes particulares parecerão ser reais apenas na imaginação daquelas mentes que os admiram. Tal ilusão mental é a todo momento completamente inexistente para o Ser, que transcende a mente.

119. É apenas devido ao falso conhecimento sensorial dos ignorantes que eles dizem que os *Muktas* que realizaram a Verdade têm individualidade [*vyakti*]. Na verdade, a universalidade [*avyakti*] é o verdadeiro estado de um *Jnani*, cuja natureza é a Expansão da Consciência; a individualidade vista Nele pelos devotos é um reflexo de sua própria individualidade.

Sadhu Om: Neste verso, é enfatizado que as pessoas que dizem: “Não só sabemos que o *Jnani* é um indivíduo, mas até Ele sente que tem individualidade” estão totalmente erradas; o que eles veem Nele é apenas o reflexo de sua própria natureza.

120. Aquilo que brilha no coração de um aspirante sincero como a Realidade Suprema é a própria *Jnana*. Portanto, após a aniquilação do ego, por que apontar “Este é um grande *Jnani*, e aquele é outro”? São eles meramente os corpos?

Michael James: Apêndice 3, ‘Quem é um *Jnani*?’ em *O Caminho de Sri Ramana, Parte 1*, explicará com mais detalhes este verso e os dois seguintes.

121. Com grande entusiasmo e admiração, você voa para ver um *Mahatma* aqui e outro *Mahatma* lá! Se você inquirir, alcançar e conhecer o *Maha-Atma* [ou seja, o Grande Ser] dentro de seu próprio coração, então todo *Mahatma* não é outro senão aquele [dentro de você].

122. Qualquer que seja o alto e maravilhoso estado de *tapas* que alguém possa ter alcançado, se ainda se identifica com uma individualidade, não pode ser um *Sahaja-Jnani* [ou seja, aquele no Estado de Espontaneidade]; é apenas um aspirante, talvez, de um estágio avançado.

Sadhu Om: A intenção por trás das instruções de Sri Bhagavan para nós neste verso é que cada um de nós veja por si mesmo se temos ou não a noção de individualidade, ignorando o fato de que outros possam nos chamar de *Jnani* ou *ajnani*, e que devemos tentar, com base neste princípio, nos corrigir. Este verso não tem a intenção de nos dar uma régua para medir os outros como *Jnanis* ou *ajnanis*.

123. Deixando de lado essa verdadeira autoconsciência, que está desprovida do menor sentimento de individualidade, e exibindo qualquer número de *siddhis*, é um puro desperdício. Quem, senão aqueles tolos que são incapazes de conhecer o Ser, desejará esses *siddhis* insensatos?

Sadhu Om: Um *Jnani* não se sentirá o realizador de qualquer *siddhis* que, de acordo com o *prarabdha*, ele possa parecer exibir; eles, portanto, não o tornarão orgulhoso e feliz, e apesar deles, ele permanecerá como sempre, deleitando-se no Ser. Consulte o versículo B2 (169) desta obra, que também é o versículo 15 de *Ulladu Narpadu* [Realidade Revelada em Quarenta Versos] Suplemento.

124. O *Jnani*, o Sem Forma que sempre permanece como o Supremo Ser, é uma totalidade coletada de todos os *siddhis* individuais. Todos os *siddhis* que funcionam através deles são Dele, já que Ele é a testemunha deles. Conheça-o como nada menos que o Senhor Dakshinamurti!

Sadhu Om: O *Jnani* é descrito como ‘o Sem Forma’.

Uma vez que os *siddhas* individuais, mesmo que possuam todos os oito *siddhis* dobráveis, são incapazes de exibi-los com orgulho diante de um *Jnani*, que possui *Atma-Siddhi* [ou seja, a permanência no Ser], que é o mais alto de todos os *siddhis*, eles são considerados contidos dentro Dele. Como o *Jnani* é o Ser de Deus, de quem os *siddhas* emprestam seus poderes, todos os *siddhis* são aqui considerados apenas Dele.

O *Jnani* não é nem um *Murti* [ou seja, a forma de um Deus individual], nem mesmo um *Avatar* ou *Amsa* [ou seja, um aspecto ou parte] dos *Trimurthis* [ou seja, os três Deuses da Criação, Sustentação e Dissolução].

Como o *Jnani*, o *Guru-Murti*, está acima dos *Trimurthis*, Ele é descrito aqui como Senhor Dakshinamurti, o Guru Primordial.

13 Associação com o Irreal

B1. Abandone o pensamento de que o repugnante corpo é ‘eu’. Conheça o Ser, que é a eterna bem-aventurança. Nutrir o corpo efêmero e tentar conhecer o Ser é como usar um crocodilo como jangada para atravessar um rio.

Michael James: Alguns dos versos desta obra foram compostos pelo próprio Bhagavan. Eles são numerados independentemente da obra principal como B1, B2, B3, etc. O B representa Bhagavan. Este verso em particular também aparece como verso doze em *Ulladu Narpadu Anubandham*.

Sadhu Om: A frase “Nutrir o corpo efêmero” pode ser mal compreendida pelos aspirantes; Sri Bhagavan simplesmente pretende dar um aviso através deste verso àqueles aspirantes que acreditam que, para realizar o Ser, devem viver uma vida longa em um corpo saudável. Essas pessoas às vezes vão aos extremos e, chamando-se a si mesmas de yogis, desperdiçam a maior parte de sua vida acordada fazendo certas práticas de yoga e preocupando-se ao ponto de hipocondria com uma dieta *sattvic*, limpeza física, boa aparência, boa saúde e assim por diante. Essas pessoas tolas, como resultado, são apenas um problema para seus benfeitores e parasitas inúteis na sociedade.

No entanto, Bhagavan não pretende negar a necessidade ou sabedoria de cuidar de forma razoável e moderada das necessidades físicas. O objetivo de um comerciante sábio não deve ser apenas pagar o aluguel de sua loja, mas deve ser ganhar um grande lucro além do aluguel; da mesma forma, o objetivo de um aspirante não deve ser apenas fornecer comida, roupa e abrigo [o aluguel] para o seu corpo [a loja], ele deve lembrar que seu negócio neste corpo é a autoinvestigação, e seu objetivo é fazer o lucro digno do Autoconhecimento. No entanto, se o aluguel não for pago para este corpo, o negócio não pode prosperar. Por outro lado, no entanto, pagar o aluguel [ou seja, fornecer essas necessidades] não deve se tornar o único esforço de toda a nossa vida; a maior parte de nossa atenção deve ser direcionada diretamente para a obtenção do Autoconhecimento, enquanto atendemos a um mínimo das necessidades. A ansiedade excessiva sobre as necessidades físicas da vida é como se apegar a um crocodilo que, em vez de agir como uma jangada para nos ajudar a atravessar o rio de *samsara*, nos engolirá, fazendo com que todos os nossos esforços fúteis sejam em vão.

125. Aqueles que mostram grande cuidado e amor por seus corpos, enquanto dizem que estão tentando conhecer o Ser, são como alguém que tenta atravessar um rio, confundindo um crocodilo com um tronco.

126. Em vez de se dedicar ao *Sat-Chit-Ananda*, o mais sutil, que está além do alcance da fala ou da mente, passar a vida cuidando apenas do bem-estar do corpo grosseiro é como tirar água com grande dificuldade de um poço para regar alguma grama inútil [em vez de arroz].

127. Aqueles que adotam a vida insignificante, confundindo o corpo como ‘eu’, perderam, por assim dizer, a grande vida de Felicidade ilimitada no Coração, que está sempre esperando ser experimentada por eles.

128. Não sabendo que o mundo diante deles traz apenas grande dano, aqueles que o consideram real e uma fonte de felicidade se afogarão no oceano do nascimento e da morte, como alguém que agarra um urso flutuante como uma jangada.

Sadhu Om: Se alguém agarrou um urso flutuante, sem conhecer sua verdadeira natureza, mas esperando que ele sirva como uma jangada, será muito difícil largá-lo, mesmo quando descobrir seu erro, já que o urso também terá agarrado a pessoa; da mesma forma, mesmo que alguém tenha ouvido do Guru que o mundo é uma falsa aparência, acha muito difícil deixá-lo de lado, por causa das tendências de atração que ele criou por seu grande desejo por ele, quando o considerava real. Tal é a força do apego da mente a este mundo!

129. Assim como os movimentos de um veículo no qual se está sentado são erroneamente considerados como os próprios movimentos, também aqueles que não têm Autoconhecimento sofrem do engano de confundir o nascimento e a morte [ou seja, *samsara*] experimentados pelo ego como os próprios [nascimento e morte do Ser].

130. Se o ignorante, que está apegado ao corpo e ao mundo como reais, quer ter paz, ele deve, abandonando sua noção errônea, se apegar como um *udumbu* ao Ser em seu coração.

Michael James: Um *udumbu* é um lagarto gigante encontrado na Índia que cresce até um metro de comprimento; sua peculiaridade é que ele é capaz de se agarrar à superfície plana de uma parede com tanta firmeza que um homem segurando-o pode se levantar.

131. Aqueles que vivem a vida de um ego, desejando se divertir com os prazeres dos objetos dos sentidos falsos, estão condenados ao engano. A única vida que vale a pena viver é se deleitar na Suprema Consciência - isto é, ser o Ser.

14 O Pandit

132. Por que muitos de vocês me chamam de *Pandit*? O sinal correto do verdadeiro *Pandit* é o conhecimento de que o conhecedor de todas as artes e ciências é inexistente e que tudo o que ele aprendeu ao longo das eras passadas é, portanto, mera ignorância.

Sadhu Om: Aqui Sri Bhagavan está se opondo àqueles que o chamam de grande *Pandit* simplesmente porque veem nele um gênio poético, conhecimento fluente das escrituras, um poder maravilhoso de memória, inteligência aguçada, habilidade em argumentação, familiaridade com muitos idiomas, conhecimento médico, habilidade arquitetônica e assim por diante. Ele nega que aquele que aprendeu todas as artes e ciências seja um verdadeiro *Pandit*. O ego, o conhecimento errôneo de que “eu sou o corpo” é em si mesmo a ignorância primordial, então, como pode o aprendizado adquirido por tal ignorância ser um verdadeiro conhecimento? O conhecimento de qualquer coisa além do Ser é, portanto, mera ignorância.

No entanto, Sri Bhagavan é Ele mesmo o verdadeiro *Pandit*, por causa de Seu Autoconhecimento. Aquele que é capaz de discernir e entender isso é o único apto a se dedicar à autoinvestigação e ganhar o Autoconhecimento, qualificando-se assim para ser chamado de verdadeiro *Pandit*.

133. Investigando: “Quem é esse ‘eu’ que aprendeu todas essas artes e ciências?”, e assim alcançando o Coração, o ego desaparece junto com todo o seu aprendizado. Aquele que conhece a Consciência do Ser restante é o verdadeiro *Pandit*; como podem os outros que não realizaram Isso serem *Pandits*?

134. Aqueles que aprenderam a esquecer tudo o que foi aprendido e a permanecer dentro de si são os únicos Conhecedores da Verdade. Outros, que se lembram de tudo, sofrerão com ansiedade, sendo enganados pelo falso *samsara*.

Sadhu Om: O conhecimento de todas as sessenta e quatro artes e ciências não é nada além do fruto do pensamento, e pensar e esquecer são propriedades da mente, que se perde no Estado do Autoconhecimento, onde prevalece a Unidade e onde nem lembrar nem esquecer acontecem. A bem-aventurança sozinha brilha neste Estado, e apenas aquele que aprendeu a experimentar essa bem-aventurança é o verdadeiro *Pandit*.

135. Ó erudito, você que inclina sua cabeça em vergonha diante de um *Jnani* quando Ele lhe pergunta: “Oh, pobre alma, quem é você que aprendeu tudo [essas artes e ciências]?”, que sua mente ignorante seja condenada.

Sadhu Om: As palavras fortes usadas aqui por Sri Bhagavan - “que sua mente ignorante seja condenada” - devem ser entendidas como uma bênção em vez de uma maldição, já que o objetivo do aspirante é a condenação (ou seja, a total aniquilação) de sua própria mente. Consulte também *Upadesa Manjari [Instrução Espiritual]* Capítulo 1, Pergunta 4.

136. Aquele que está permanentemente estabelecido na Consciência do Ser - tendo destruído a ilusão, que está na forma de dúvida e mal-entendido - é o Supremo *Pandit*.

137. Saiba que aquele que, aniquilando o ego, conhece a Coisa Suprema como ela é - isto é, como o verdadeiro ‘Eu sou’, que é o substantivo ‘Eu’, nome natural do Ser, brilhando junto com o verbo ‘Sou’ - é o verdadeiro imaculado *Pandit*.

15 O Poeta

138. Respondendo com um coração derretido pelo uso errôneo do passado de sua língua em miseráveis elogios humanos, que o poeta viva gloriosamente, assumindo a nova resolução: ‘Não cantarei mais em louvor a nenhum ser humano, mas apenas para a glória de Deus’.

139. Aqueles que, em vez de dedicar ao Deus Pés o fluxo poético que alcançaram por Sua Graça, o desperdiçam em louvores humanos indignos, são, infelizmente, como aqueles que obrigam sua filha, a eloquência da língua, a se prostituir.

Michael James: As palavras ‘sua filha, a eloquência da língua’ podem ser alternativamente traduzidas como ‘a Deusa da Eloquência [Saraswati]’.

140. O fluxo divino da poesia só pode brotar de um coração que se tornou silencioso, sendo completamente libertado pela atenção ao Ser de todo apego às cinco camadas, começando com *Annamaya* [o corpo composto de alimento].

16 A Vaidade do Aprendizado

141. Depois de saber que o propósito no coração de todas as escrituras é que a mente deve ser subjugada para alcançar a Libertação, qual é o uso de estudá-las continuamente? Quem sou eu?

142. Se aqueles que não são aptos nem mesmo para viver uma vida de moralidade religiosa se dedicam a um estudo crítico da *Vedanta*, isso não é nada além de uma poluição da pureza da *Vedanta*.

Muruganar: Este verso enfatiza que a pureza da mente e do coração é essencial para aqueles que se dedicam ao estudo da *Vedanta*.

143. Para aqueles que estão muito apegados aos seus corpos imundos, todo o estudo da *Vedanta* será tão inútil quanto o balançar da barba carnuda de um bode, a menos que, com a ajuda da Graça Divina, seus estudos os levem a subjugar seus egos.

144. Ser libertado da ignorância por meio de meros estudos é tão impossível quanto os chifres de um cavalo, a menos que, de alguma forma, a mente seja morta e as tendências sejam completamente apagadas pelo florescimento do Autoconhecimento.

Sadhu Om: Os leitores devem lembrar que Bhagavan Sri Ramana recomendou a autoinvestigação e a rendição como os únicos dois meios pelos quais a Verdade pode ser conhecida. O resultado de ambos os

métodos é tanto *mano-nasha* [morte da mente] quanto *vasanakshaya* [erradicação das tendências].

145. Para a mente fraca e instável do *jiva*, que está sempre oscilante como o vento, não há lugar para desfrutar da bem-aventurança exceto o Coração, sua Fonte; o estudo das escrituras é, para ele, como um barulhento *shandai* [uma feira de gado].

Sadhu Om: As artes são apenas o jogo habilidoso das modificações mentais [*mano-vrittis*]; assim como os rios que fluem rugem selvagememente até alcançar sua fonte original, o oceano, onde se tornam pacíficos e silenciosos, também a mente inquieta e em movimento não encontrará paz e silêncio até que, desistindo dessas *vrittis*, retorne e permaneça em sua Fonte. Consulte também o verso 8 de *Arunachala Ashtakam* [Os Oito Versos para *Arunachala*].

146. Erradicar desejos inúteis dos sentidos é possível apenas para aqueles investigadores especializados que, abandonando os vastos *Vedas* e *Agamas*, conhecem, através da autoinvestigação, a Verdade dentro do Coração.

Michael James: A frase '*Vedas e Agamas*' refere-se à parte das escrituras que ensina ações ritualísticas para alcançar fins desejados.

147. Embora se aprenda os imaculados *Jnana Sastras* perfeitamente e com grande entusiasmo, é preciso esquecer, abandonar e ficar livre deles quando se tenta permanecer como o Ser.

Sadhu Om: É necessário ter grande entusiasmo pelo estudo durante o tempo de *Sravana* [ou seja, ouvir as escrituras e o Guru], mas esse desejo e entusiasmo desaparecerão durante o tempo de *Manana* [ou seja, reflexão sobre esses ensinamentos], porque as ideias perderão sua novidade devido à convicção completa nelas. No entanto, durante o tempo de *Nididhyasana* [ou seja, prática], quando o aspirante tenta voltar-se ao Ser, ele percebe que as escrituras aprendidas por ele tendem a surgir como pensamentos obstrutivos, devido ao poder de *Sastra vasanas*. Assim, mesmo as escrituras divinas têm de ser descartadas e esquecidas, enquanto o aspirante tenta permanecer sozinho e fundir-se ao Coração.

17 A Grandeza da *Vedanta*

148. As pessoas mundanas, iludidas pelos prazeres sensuais que levam à destruição, não podem conhecer a existência da Verdade. Eles chamam a fértil glória do florescimento do *Jnana* do aspirante, que foi alcançado pela falta de paixão em relação aos prazeres dos sentidos, de 'filosofia do terreno árido'.

149. A experiência da *Vedanta* é possível apenas para aqueles que renunciaram completamente a todos os desejos. Para os desejosos, ela está distante, e eles devem, portanto, tentar livrar-se de todos os outros desejos pelo desejo de Deus, que está livre de desejos.

Sadhu Om: O termo *Vedanta* é comumente entendido como um sistema particular de filosofia, mas seu verdadeiro significado é a experiência de *Jnana* que é adquirida como a conclusão [*anta*] dos *Vedas*.

O desejo pelos objetos dos sentidos, que são todos 2ª ou 3ª pessoas, é diretamente oposto ao desejo por Deus, e é bastante claro que Deus não é apenas um entre os muitos objetos pessoais de 2ª e 3ª pessoa, mas que Ele deve ser a Realidade da 1ª pessoa. Portanto, devemos entender que descartar todos os desejos pelos objetos de 2ª e 3ª pessoa e ter amor pelo Ser sozinho é a verdadeira devoção a Deus. O verso B13 [731] também afirma esse mesmo ponto.

18 O Funcionamento do *Prarabdha*

150. Os sábios, que sabem que todas as experiências mundanas são formadas apenas pelo *prarabdha*, nunca se preocupam com as necessidades da vida. Saiba que todas as necessidades de alguém serão impostas pelo *prarabdha*, quer a pessoa queira ou não.

151. Cada *jiva* experimenta seu próprio *prarabdha*, que é catalisado pela mera Presença de Shiva como a Testemunha que habita o coração de cada um. Portanto, o *jiva* que não se ilude pensando que é o experimentador do *prarabdha*, mas sabe que é mera Existência-Consciência, não é senão Shiva.

Michael James: Consulte aqui o verso 1190.

19 O Poder do *Prarabdha*

152. Assim como a sombra escura aos pés de uma lâmpada permanece sempre imóvel, os egos ilusórios de alguns não se perdem mesmo que, devido ao seu destino [*prarabdha*], vivam, envelheçam e morram aos Pés do *Jnana-Guru*, a Luz ilimitada do Conhecimento; talvez isso ocorra devido à sua imaturidade.

Michael James: A imaturidade mencionada aqui é a falta do desejo de abandonar o ego, porque a libertação nunca pode ser alcançada sem *bhakti*, que é o forte anseio do aspirante em perder seu ego. Assim, este verso poderia ser mais apropriadamente incluído no capítulo 21 '*O Poder das Vasanas*'. Ou com o verso 605 em *Apaka Tiran*.

153. Por que não é possível alcançar os oito *siddhis* e o autoconhecimento, mesmo que se deseje? Porque riqueza e sabedoria, sendo contrárias uma à outra, geralmente não são obtidas juntas neste mundo.

Michael James: Se os *siddhis* aparecem junto com o *Jnana*, eles se devem aos *kamya karmas* realizados em uma vida anterior, enquanto o indivíduo ainda estava nas garras escuras da ignorância. Assim, uma vez que os *siddhis* estão de acordo com o *prarabdha* [um dos três *karmas*, todos baseados no ego], e uma vez que o

Jnana destrói o ego, ele se opõe aos *siddhis*. Além disso, como o *Jnana* é baseado no Ser e não no ego, não está vinculado a nenhum dos três *karmas*.

Sri Muruganar: Portanto, não é necessariamente verdade, como alguns dizem, que todos os *siddhas* devem ser *Jnanis* e todos os *Jnanis* devem ter *siddhis*, ou, como alguns outros dizem, que os *siddhas* não podem ser *Jnanis* e os *Jnanis* não podem ter *siddhis*.

20 A Natureza do Ego e do Ser

154. A natureza do ego é semelhante à de um elfo, sendo muito entusiasmada, surgindo de muitas maneiras perversas por meio de inúmeras imaginações, tendo um comportamento errático e conhecendo apenas coisas diferentes de si mesmo. Mas a natureza do Ser é mera Existência-Consciência.

21 O poder das Vasanas

155. Alguns *jivas* sofrem, sendo frequentemente jogados de volta ao redemoinho do *samsara* por suas *vasanas*, que são como meninos travessos não permitindo que eles se apeguem firmemente ao Ser, a margem [do rio *samsara*].

Sadhu Om: Pequenas criaturas, tentando escalar para sair dos perigosos redemoinhos de um rio, às vezes são empurradas de volta por meninos travessos; isto é usado como uma simile para aqueles *jivas* que, tentando se apegar à Atenção do Ser, se veem sendo constantemente puxados de volta por suas *vasanas* ao *samsara*, o redemoinho de pensamentos mundanos.

22 O Nó do Ego

156. A razão do nosso erro de ver um mundo de objetos diante de nós é termos nos erguido como um ‘eu’ separado, o observador, devido à nossa falha em prestar atenção à vasta perfeição da Autoconsciência, que é a nossa Realidade.

Sadhu Om: Quando nossa Existência ilimitada é erroneamente confinada pela identificação com o corpo limitado, nosso próprio Ser aparece como o mundo e Deus, que parecem ser entidades separadas de ‘eu’, o observador. No entanto, esses objetos separados aparecem apenas na visão do ego, e não na visão do Ser. Essa mesma ideia também é expressa no verso 158.

157. O falso, enganoso e autocego nó do ego, acreditando que o corpo é real, deseja várias atrações que são todas imaginadas como a azulidade do céu, e assim se aperta.

158. É apenas a visão que é cega para o Ser ilimitado, tendo se ocultado como “Eu sou o corpo”, que também aparece como o mundo diante dela.

159. A vida do ego sujo, que confunde um corpo tanto como ‘eu’ quanto como ‘meu lugar’, é apenas uma falsa imaginação vista como um sonho no puro, real e Supremo Ser.

160. Este *jiva* fictício, que vive como ‘Eu [sou o corpo]’, também é uma das imagens na tela.

Michael James: Compare com o verso 1218.

Sadhu Om: O *jiva*, nosso falso ser, é uma mera projeção na tela do nosso verdadeiro Ser, o Self. Em uma imagem de cinema mostrando a cena de um tribunal real, o rei é visto observando seu tribunal; assim como ele parece ser um observador, embora na verdade seja uma das imagens insensíveis [ou seja, o visto], assim também o *jiva* parece ser um observador vendo o mundo, embora na verdade ele também seja uma das imagens insensíveis projetadas na tela do Self. Consulte o verso 871 e nota.

23 O Poder do Ego

161. Apenas quando o ego é destruído, alguém se torna um Devoto; apenas quando o ego é destruído, alguém se torna um *Jnani*; apenas quando o ego é destruído, alguém se torna Deus; e apenas quando o ego é destruído, a Graça irrompe em chamadas.

Sadhu Om: Como o surgimento do ego é a raiz de todo orgulho, é o único obstáculo para sermos um servo e escravo verdadeiramente humilde de Deus, e, portanto, sua aniquilação é o único verdadeiro sinal de um verdadeiro *Bhakta* [Devoto] ou *Karma Yogi*. Como o ego é em si a raiz e a forma primordial da ignorância, sua aniquilação é o Supremo *Jnana*. Como o ego [ou seja, o sentimento ‘eu sou o corpo’] é a causa do sentimento de separação de Deus, sua aniquilação é o verdadeiro *Yoga* [ou seja, união com Deus]. Como o ego é a raiz e a forma primordial da miséria, sua aniquilação é a única verdadeira manifestação da abençoada Graça. Assim, é mostrado que o objetivo de todos os quatro *Yogas* é a aniquilação do ego.

162. Aquele que destruiu o ego é o verdadeiro *Sannyasin* e o verdadeiro Brâmane; mas, de fato, é difícil a destruição completa do pesado fardo do ego carregado por aqueles *Sannyasins* que sentem “Eu pertenço ao mais alto *ashrama*” e por aqueles brâmanes que sentem “Eu pertenço à mais alta casta”.

Sadhu Om: O verdadeiro *Sannyasa* é a renúncia do ego e a verdadeira Brahminidade é a realização do *Brahman* [ou seja, o Self], e, portanto, ambos os termos *Sannyasin* e *Brahmin* significam alguém que destruiu o ego. Mas como os *ashramas* [ordens da vida] e *varnas* [castas] pertencem apenas ao corpo, apenas aqueles que se identificam com seus corpos podem sentir que pertencem ao mais alto *ashrama* [conhecido como *Sannyasa*] ou à mais alta *varna* [conhecida como Brahminidade]. Tais sentimentos naturalmente criam orgulho e fortalecem o ego, e, portanto, quanto mais alto o *ashrama* ou *varna*, mais pesado o fardo do ego e mais difícil sua erradicação.

163. Aquele que vê a alteridade e a multiplicidade não pode se tornar um *Parppan* apenas porque aprendeu os quatro *Vedas*. Mas aquele que vê sua própria [morte do ego] é o verdadeiro

Parppan; o outro [ou seja, o *Brahmin* de casta] é internamente envergonhado, sendo desprezado pelos Sábios.

Michael James: *Parppan* significa literalmente “um vidente”, isto é, alguém que conhece a verdade, mas é comumente usado para significar um brâmane de casta.

164. A erradicação completa do ego é de fato muito difícil quando, mesmo no caso de Kannappa, cujo amor pelo Senhor Shiva era tão grande que ele arrancou os próprios olhos e os plantou no rosto do Senhor, permaneceu [até aquele momento] um vestígio de apego ao corpo [ou seja, ego] na forma de seu orgulho em relação aos seus belos olhos brilhantes.

Sadhu Om: Às vezes, Sri Bhagavan costumava revelar algumas informações que não eram fornecidas pelas escrituras e *Puranas*, como:

a) como, no *Bhagavad Gita*, Sri Krishna começou Seus ensinamentos com as doutrinas de *Ajata* e *Advaita*, mas depois condescendeu em vários estágios de *Dwaita*, e como Ele usou cuidadosamente palavras que, embora adequadas ao limitado poder de compreensão de Arjuna, também dão espaço para aspirantes bem amadurecidos descobrirem, mesmo agora, o motivo por trás dessas palavras.

b) como, no início, Sri Dakshinamurti respondeu às dúvidas de Seus discípulos com respostas sábias e convincentes antes de adotar seu método de ensino através do Silêncio.

c) a seguinte variação na história de Kannappa: Kannappa tinha orgulho de seus olhos, que eram muito bonitos, então, de acordo com o ditado divino, “Eu privarei à força o meu verdadeiro devoto de todas as suas posses para que sua mente sempre se apegue a mim”, o Senhor Shiva testou Kannappa, fazendo-o oferecer até mesmo seus olhos preciosos e invejáveis ao Senhor. Assim, mesmo seu leve apego ao corpo foi removido e ele foi absorvido em Shiva.

Como essas informações sobre o apego de Kannappa aos seus belos olhos não foram reveladas pelos *Puranas*, mas apenas por Sri Bhagavan Ramana, podemos inferir que Ele é ninguém menos que Shiva, que enfrentou Kannappa naquela época.

Essas informações sobre Kannappa, que continuam no próximo verso, foram coletadas por Sri Muruganar. As informações sobre o ensino de Sri Krishna foram registradas no verso 101 desta mesma obra e também em *Conversas com Sri Ramana Maharshi*, conversa, nos. 264, 364 e 611. As informações sobre o ensino verbal de Sri Dakshinamurti não foram registradas em outro lugar, então o leitor pode perguntar aos primeiros devotos de Sri Bhagavan para obter a história completa.

Nota do editor: Essas palavras foram escritas há mais de vinte anos. Desde então, a história de Dakshinamurti apareceu em *The Mountain Path*, 1982, pp. 11-12. Também aparecerá em alguns meses em *Padamalai*, no capítulo de “O Guru”.

165. A verdadeira glória do Shiva Bhakti é a salvação do devoto da condenação causada pela ilusão “Eu sou este corpo imundo”. Esta é a razão pela qual Shiva aceitou os olhos de Kannappa quando ele os ofereceu.

24 O Jogo do Ego

166. Quando analisado corretamente, a ordenança de Deus equivale a isto: se o ego se levanta, todas as coisas se levantam; se ele diminui, todas elas diminuem.

Sadhu Om: Consulte o último parágrafo de *Quem sou eu?*

167. A vida do ego presa à ilusão, liderada por todas as criaturas nos três mundos, não é nada além da dança dos fantasmas que possuem cadáveres em um crematório.

168. Escute, aqui está uma grande maravilha; pessoas que não podem nem pensar a menos que sejam autorizadas a fazê-lo pelo Poder Supremo [*Chit-Shakti*] estão realizando *karmas* com grande ânimo e zelo!

169. Isso é muito parecido com o zelo do aleijado que declarou: “Se alguém me levantar e me apoiar, enfrentarei o exército de inimigos sozinho, os derrubarei e erguerei uma pilha de cadáveres aqui”.

Michael James: Os dois versos acima são condensados e resumidos por Bhagavan no verso seguinte.

B2. As atividades fúteis daqueles loucos que, sem perceber que eles próprios são ativados pelo Poder Supremo, fazem esforços pensando: “Vamos adquirir todos os *siddhis*“, são como [os esforços] do aleijado na história que se gabava: “Se alguém me ajudar a ficar de pé, que valor meus inimigos terão diante de mim?”

Michael James: Este verso também aparece como o verso quinze de *Ulladu Narpadu Anubandham*.

170. Se, por vontade própria, nem o Deus do Vento pudesse se mexer, nem o Deus do Fogo queimar um tufo de palha, como um *jiva* comum pode fazer algo com sua força de ego separada?

Michael James: Essas analogias são baseadas em um ditado do *Kenopanishad*.

171. Tendo seu Autoconhecimento velado pela ilusão, sendo vinculado pelos frutos dos *karmas* pecaminosos e sofrendo, tendo perdido de vista o Supremo, o jogo do ego é uma mera farsa, como a escultura do Supremo que parece carregar a torre do templo.

172. Será que os passageiros, se sábios, carregariam sua bagagem em suas próprias cabeças, enquanto viajam em um trem que transporta, sob o poder do vapor, as cargas mais pesadas como se fossem tufo de palha?

173. Da mesma forma, já que, por sua própria natureza, o Poder Supremo sozinho sustenta todas as coisas, é sábio que os homens deixem os fardos [preocupações e ansiedades] de suas vidas nesse Poder Supremo, e assim se sintam livres.

Michael James: Consulte também *Quem sou eu?* para os dois ditos acima. Os três versos acima foram resumidos no seguinte verso por Bhagavan:

B3. Veja! Enquanto Deus assume a responsabilidade de todo o mundo, é uma farsa para o falso *jiva* pensar que carrega essas responsabilidades, como a escultura que parece carregar a torre do templo. De quem é a culpa se um passageiro em um trem, que transporta uma carga pesada, sofre ao manter sua bagagem na cabeça em vez de colocá-la no bagageiro?

Michael James: Este verso também aparece como o verso dezessete de *Ulladu Narpadu* Anubandham.

Não existem entre nós alguns aspirantes que, vendo os sofrimentos neste mundo, se esforçam para reformá-lo ou até mesmo para torná-lo celestial? Mas aqui Sri Bhagavan expõe a tolice de tais aspirantes e aconselha-os a entregar a Deus todos os seus cuidados, tanto para si mesmos quanto para o mundo, e a permanecerem quietos!

174. O medo e o tremor do corpo enquanto se entra em *samadhi* são devidos à leve consciência do ego ainda presente. Mas quando isso morre completamente, sem deixar nem mesmo vestígios, se permanece como o vasto espaço de pura consciência onde só prevalece a Felicidade, e o tremor para.

Sadhu Om: A aniquilação do ego é a única realização do Eu, então, quando o apego de um aspirante ao seu corpo está sendo removido por meio do questionamento, ele [ou seja, o ego] sentirá que está prestes a morrer, daí alguns aspirantes experimentarem durante sua *sadhana* um medo da morte e às vezes até mesmo um tremor físico ou grande calor, e assim, neste verso, Sri Bhagavan esclarece as dúvidas do aspirante e explica esses fenômenos.

175. A única ocupação digna é absorver completamente o ego voltando-se para o Eu e, sem permitir que ele se eleve, permanecer assim quieto, como um oceano sem ondas, no Autoconhecimento, tendo aniquilado o fantasma da mente ilusória, que vagava livremente.

176. O verdadeiramente poderoso *tapas* é aquele estado em que, tendo perdido o senso de fazer e sabendo bem que tudo é Sua Vontade, alguém se liberta da ilusão do ego tolo. Assim você deve saber.

Michael James: A última frase também pode significar: “Portanto, adquira tal *tapas*”.

25 Traição ao Eu

177. Estar iludido e sem Autoconhecimento, e assim ver todos os mundos e os *jivas* neles como diferentes de si mesmo, é verdadeiramente cometer traição contra o Eu, aquele vasto Espaço de Consciência no qual nada é diferente de Si mesmo, e que absorve tudo em Si.

Sadhu Om: A ascensão de um ‘Eu’ individual [ego ou *jiva*] é a razão pela qual o Eu é visto como muitas coisas. Portanto, como parece estragar a verdadeira Unicidade do Eu, a ascensão do ego é considerada traição contra o Eu.

26 Céu e Inferno

178. Ó homens, não discutam e briguem entre si sobre a realidade do céu e do inferno. Enquanto e na medida em que este mundo presente é real, até então e nessa medida o céu e o inferno também são reais.

Sadhu Om: Muitos de nós têm grande interesse em discutir sobre a realidade e a existência de outros mundos, como o céu e o inferno, e se são ou não meras imaginações mito-poéticas. Sri Bhagavan, no entanto, aponta que todos esses argumentos são baseados em uma premissa falsa, ou seja, a realidade da nossa própria existência. “Como o olho, assim é a visão”: portanto, acreditando que nós mesmos, o vidente, somos reais, concluímos que o mundo, o visto, também é real. Mas apenas quando, através do Autoconhecimento, descobrirmos que o vidente é irreal, podemos realmente saber que este e todos os outros mundos também são irreais. Até então, não temos uma verdadeira premissa para julgar a realidade deste ou de outros mundos e, portanto, é correto conceder o mesmo grau de realidade a todos os mundos, vistos ou não vistos, como damos ao vidente deles.

179. Se aqueles gênios que afirmam: “Sim, este mundo e corpo que vemos realmente existem”, se sentassem e examinassem [esta questão] comigo, eu certamente apontaria a eles: “Sim, não só este mundo realmente existe, mas também outros mundos, como o céu e o inferno!”

Sadhu Om: Até mesmo os cientistas hoje em dia compreenderam que as coisas que percebemos através dos cinco sentidos não podem ser ditas como existentes objetivamente da mesma maneira que nos aparecem, e que, como os sentidos não podem revelar as coisas como elas realmente são, é errado acreditar nos sentidos e decidir que o mundo existe como o vemos.

Neste verso, embora aqueles que afirmam a realidade deste mundo sejam ironicamente chamados de gênios por Sri Bhagavan, por que, em vez de aconselhá-los que o mundo é irreal, Ele se junta a eles dizendo que é real? Há duas razões pelas quais até mesmo os *Jnanis*, que perceberam a aparência do mundo como ilusória, dizem que o mundo é real:

1. O *Jnani* nunca se vê como um *jiva* irreal e insignificante, mas apenas como a Consciência real, ilimitada

e pura. Como Sua visão é a de *Brahman*, Ele dirá de acordo com o ditado “Como o olho, assim é a visão” - que o universo é real.

2. Se a verdade fosse dita de que este mundo e os outros, como o céu e o inferno, são todos irreais, os ignorantes, que não conhecem a Verdade Absoluta [devido ao poder de suas *vasanas*, na forma de desejos mundanos], perderiam todo o medo de praticar ações más e todo o interesse em realizar *punya karmas* [ações meritórias]. Portanto, é do melhor interesse dos ignorantes que lhes seja dito que ações malignas feitas neste mundo os levarão ao inferno e ações virtuosas os levarão ao céu.

Portanto, enquanto a mente moderna considera o mundo presente e os incidentes que acontecem aqui como reais, é definitivamente errado para qualquer pessoa acreditar que todos os mundos e incidentes mencionados nos *Puranas* são irreais, ou para qualquer pessoa dizer que podemos considerar essas coisas como meras imaginações ‘mito-poéticas’.

Consulte também *A Bhagavad Gita*, Capítulo 3, verso 26.

27 O Terror do Inferno

180. Apenas aqueles que não conhecem a natureza da miséria ficam aterrorizados com as torturas do inferno. Mas, se alguém entende o que é a miséria, conhecerá o caminho para acabar com ela e certamente alcançará seu estado natural de Felicidade.

Michael James: Uma análise minuciosa revelará que a natureza da miséria é o surgimento de “eu”, o ego, já que nenhuma miséria é experimentada no sono profundo, onde não há surgimento do ego. A maneira de erradicar a miséria é, portanto, não permitir o surgimento do ego, o que só pode ser evitado pela atenção vigilante ao Ser. Portanto, a investigação “Quem sou eu?” é o único meio de acabar com toda a miséria.

28 A Conquista do Inferno (Naraka)

181. Os *Puranas* dizem que o Senhor Narayana matou o demônio [da miséria], Naraka Asura. Este demônio não é outro senão aquele que vive como “Eu sou este corpo, a fonte da miséria”. Aquele que busca a origem de Naraka Asura [ou seja, do ego] e, assim, o aniquila, é verdadeiramente o próprio Senhor Narayana.

182. O banho de *Deepavali*, que é tomado por todas as pessoas na décima quarta lua em lembrança da conquista de Naraka, significa o banho de *Jnana*, que é tomado após destruir o ego Naraka Asura, procurando sua origem.

Michael James: *Deepavali* ou *Naraka Chaturdasi* é um festival anual celebrado na Índia no décimo quarto dia da lua minguante em outubro ou novembro. Neste verso, Sri Bhagavan explica o significado do banho de óleo que é tomado costumeiramente pelas pessoas na manhã daquele dia em lembrança da conquista de Naraka-Asura pelo Senhor Narayana [Maha-Vishnu].

Os dois versos acima foram resumidos no seguinte verso por Sri Bhagavan:

B4. Aquele que mata Narakasura (o ego) com a Roda [ou seja, arma] do *Jnana*, perguntando: “Onde está a fonte de Narakasura que governa Narakaloka, este corpo miserável, como ‘eu’?”, é o Senhor Narayana; e aquele dia [da destruição do ego] é o auspicioso dia da décima quarta lua.

183. *Deepavali* significa o grande Auto-Ressplendor que brilha após destruir a luz refletida [ou seja, o ego], Narakasura, que estava governando este corpo sujo, que é a forma do inferno, como ‘Eu’.

Michael James: *Deepavali* significa o “Festival das Luzes”. O verso acima, que explica o significado das “Luzes” [ou seja, os fogos de artifício usados naquele dia], foi reescrito por Sri Bhagavan com apenas uma pequena mudança no significado, mas em poesia mais clara e mais bela por causa da precisão de cada sílaba.

B5. *Deepavali* significou o brilho do Ser após a destruição, através da investigação, do maior pecador, Naraka [o ego], que tomou a morada deste corpo sujo, que é a forma do inferno, como ‘Eu’.

28 A grandeza de *Aham-mukha* (Atenção ao Ser)

184. Enquanto o Ser, a Fonte e a Realidade do ego - que só pode conhecer objetos diferentes de si mesmo através de seus sentidos - deve ser apegado, todos os esforços de um aspirante para se concentrar em outros objetos [que são todos segundos e terceiros], são como ignorar algo enquanto tenta agarrar sua sombra.

Michael James: Existem duas possíveis traduções do próximo verso:

185a. Para o intelecto extrovertido - que sofre muito, conhecendo através dos sentidos apenas os objetos de forma e qualidade diante dele - o meio de permanecer no Ser é começar a investigar interiormente, “Quem sou eu?”

185b. Para o intelecto extrovertido, o meio de permanecer no Ser é começar a investigar interiormente “Quem sou eu, que sofro muito, conhecendo através dos sentidos apenas os objetos de forma e qualidade diante de mim?”

186. Ó pessoas miseráveis e extrovertidas, ao não verem o vidente, vocês veem apenas o que é visto! Dissolver a dualidade, voltando-se para dentro em vez de para fora, é a única Felicidade.

Sadhu Om: Os termos “interior” e “exterior” só podem ser usados em referência ao corpo, mas como o corpo é em si mesmo uma mera imaginação, tais termos não devem ser tomados literalmente. A razão para o

uso dessas palavras é que o aspirante, em sua ignorância, sente que seu corpo é ‘Eu’, então, ao ser dito para “voltar-se para dentro”, ele deve entender que deve “voltar-se para o Ser”, ou seja, ele deve voltar sua atenção para o que ele sente como “Eu”. Na verdade, o Ser não está nem dentro nem fora do corpo, pois ele existe além de todas as limitações, como tempo e espaço.

187. Ó mente, não é sábio para você sair [na forma de pensamentos]; é melhor ir para dentro. Esconda-se profundamente dentro do coração e escape dos truques de *Maya*, que tenta perturbá-lo atraindo-o para fora.

Sadhu Om: O início do verso também pode ser traduzido como, ‘Ó mente, não é sábio para você se expor a nome e fama...’

188. [Ó mente,] não desperdice sua vida vagando por fora, perseguindo maravilhas e buscando prazeres; conhecer o Ser através da Graça [Autoinvestigação] e, assim, permanecer firmemente no Coração, é o que realmente vale a pena.

189. Uma vez que é apenas a noção de dualidade que estraga a Felicidade e causa a miséria, evitar ceder aos atrativos dessa noção e, assim, deter todos os *chitta vrittis* é o que realmente vale a pena.

190. Ó pessoas, sem saber que Shiva habita dentro de vocês, vocês voam como pássaros de um lugar sagrado para outro [buscando Seu *Darshan*]. A Consciência, quando permanece ainda no Coração, é o Shiva Supremo.

Sadhu Om: Buscar o *Shiva Darshan* fora de si mesmo requer movimento, mas é revelado aqui que ficar quieto é o único verdadeiro meio de buscá-lo.

191. O navio seria destruído pela tempestade se suas velas fossem estendidas para fora, mas está seguro quando sua âncora é afundada profundamente no mar. Da mesma forma, se a mente fosse mergulhada profundamente no Coração em vez de ser espalhada para fora, isso seria *Jnana*.

192. Prender a mente - que tenta correr para fora - com segurança dentro, é o ato verdadeiramente heroico do aspirante maduro que deseja ver o Senhor Supremo no Coração.

Sadhu Om: O final deste verso também pode ser traduzido como, ‘para ver o Supremo, que é o Senhor dos Santos’.

193. Quando a mente [ou seja, a atenção do ego] que vagueia por fora, conhecendo apenas outros objetos [2ª e 3ª pessoas] - começa a prestar atenção à sua própria natureza, todos os outros objetos desaparecerão, e então, experimentando sua própria verdadeira natureza [ou seja, o Ser], o pseudo-‘Eu’ também morrerá.

Sadhu Om: Este verso deixa claro que se a mente [ou seja, a primeira pessoa, ‘Eu’] tentar prestar atenção a si mesma, não só as 2ª e 3ª pessoas desaparecerão, mas a própria mente também morrerá. Recebemos aqui uma descrição completa do questionamento ‘Quem sou eu?’, ou seja, somos informados sobre o método, o que acontece durante a prática e qual resultado ela terá.

30 O Reino de Deus

194. Deus não reside em nenhum lugar que não seja o Coração. É devido à ilusão, causada pelo ego, a ideia de ‘eu sou o corpo’, que o Reino de Deus é concebido como sendo em outro lugar. Tenha certeza de que o Coração é o reino de Deus.

Sadhu Om: Porque nos limitamos e acreditamos que o minúsculo e indigno corpo é o ‘eu’, torna-se necessário pensar que existe, além do ‘eu’, algum Deus glorioso e onipotente, vivendo em um maravilhoso e distante Reino próprio, que cria este vasto universo. Na verdade, entretanto, como alma, mundo e Deus brotam e aparecem a partir de ‘eu’, a Fonte, tanto Deus como Seu Reino devem ser conhecidos como o Ser. Refira-se também à afirmação de Cristo: “O Reino de Deus está dentro de você”. [Lucas 17:21]

195. Saiba que você é a perfeita e brilhante Luz que não apenas torna possível a existência do Reino de Deus, mas também permite que seja visto como um maravilhoso céu. Conhecer isso é *Jnana*. Portanto, o Reino de Deus está dentro de você.

Sadhu Om: Aprendemos aqui que os mundos existem porque ‘nós’ existimos, e que são conhecidos porque ‘nós’ conhecemos nossa própria existência como ‘eu sou’. Em resumo, nosso *Sat-Chit* [Existência-Consciência] é a causa para a existência dos mundos e para o conhecimento sobre eles.

196. O ilimitado Espaço de *Turiyatita* que brilha de repente, em toda sua plenitude, no Coração de um aspirante altamente maduro durante o estado de completa absorção da mente, como se fosse uma experiência nova e desconhecida, é o raramente alcançado e verdadeiro *Shiva-Loka* [ou seja, Reino de Deus], que brilha pela Luz do Ser.

31 Siva (O Supremo)

197. Tendo erradicado o ego, que vagava como um fantasma na ilusão, e destruído a dualidade do ser consciente e do insentiente, a alma que assim se afoga e se encharca na luz do puro e feliz *Sahaja Samadhi*, é o Supremo Shiva.

198. Quando o ego, o sentimento de ser uma entidade separada, é removido, *chittam* permanece como *Shivam*, o Supremo *Chit*, tendo se fundido ao Coração como “Eu sou a Consciência em si”, e assim destruindo todas as falsas e densas concepções mentais.

Sadhu Om: A sílaba *tam* em *chittam* representa a ignorância [*tamas* ou escuridão]; então, quando esse *tam* é removido, apenas o puro *chit* permanece. Consulte também o verso 244.

199. Aquele Ser eterno e mais sutil que tudo permeia e transcende é Deus, o Supremo *Shivam*, que é realizado quando a mente amplamente dispersa é resolvida em sua Fonte, tendo suas impurezas removidas e tendo sido bem refinada.

32 A Unidade de Hara e Hari (Shiva e Vishnu)

200. Geralmente se diz que Aquele que dá *Jnana* aos *jivas* é Hara, e que Aquele que lhes dá prazer celestial é Hari. Mas, como a inabalável *Jnana* é em si mesma Deus e a Suprema Bem-Aventura, saiba que Hara e Hari não são dois, mas Um.

33 Shiva e Shakti

201. O Ser primordial e único - a Fonte e o Coração sem os quais *Para-Shakti*, que funciona na forma de mente, não pode ter sequer a menor existência - é o puro Shiva que brilha em Chidambaram.

202. A Bem-Aventura Eterna, depois de alcançá-la, a mente cessará de vagar para fora, é Shiva, o encantador da mente [*mano-ranjitam*] que é o Coração que proporciona a sempre nova experiência de *Jnana*.

203. As *chittams* dos aspirantes bem amadurecidos são elas mesmas as *gopikas* que foram encantadas pelo amor. Saiba que o Coração que remove o orgulho do ego, assim como a chama destrói a mariposa, é o Amado das *gopikas* [Sri Krishna].

Michael James: As *gopikas* são as meninas que viveram e brincaram com Sri Krishna às margens do rio Jamuna.

34 Shiva Puja (Adorando Shiva)

204. Uma atitude pacífica, juntamente com um ‘fluxo silencioso’ da mente em direção à morada constante no Ser, *Sat-Chit*, é a melhor adoração a Shiva.

Sadhu Om: Quando a mente vagueia para fora, longe da Fonte, ela está realmente desrespeitando o Ser, e, portanto, sua permanência constante no Ser [seu ‘fluxo silencioso’] é aqui considerada a verdadeira adoração ao Ser.

205. São Markandeya sobreviveu à morte ao vencer até mesmo Yama e viveu além de seu tempo destinado. Saiba, portanto, que a morte pode ser vencida adorando Shiva, o matador da morte.

Michael James: Na história de São Markandeya, Shiva matou Yama, o Deus da morte, e é por isso que se diz que, adorando Shiva, a morte pode ser vencida. A verdadeira adoração a Shiva é a permanência no Ser, como afirmado no verso 204 acima, e, como o Ser [Shiva] está além do nascimento e da morte, ao permanecer como Ser, se vence a morte e se alcança a imortalidade.

206. Tendo obtido a visão não dual de que todas as oito formas do universo, que são [meras] concepções mentais, são formas de Deus, adorá-las adequadamente também é um bom Shiva-puja.

Sadhu Om: As oito formas do universo são espaço, ar, fogo, água, terra, sol, lua e *jivas*.

A visão não dual é obtida apenas após perceber a unidade do Ser, e até então um aspirante deve confiar em sua imaginação mental para tentar ver e adorar as oito formas como as formas de Deus. Tal adoração, baseada na imaginação, pode ser considerada como bons *Nishkama Karmas* [ou seja, ação sem desejo], que ajudam a purificar a mente e, assim, apontam o caminho para a libertação, conforme ensinado por Sri Bhagavan nos versos 3 e 5 do *Upadesa Saram*. No entanto, como esta adoração é uma mera atividade mental, não pode ser considerada a mais alta e verdadeira *Shiva puja* mencionada nos versos 204 e 205 acima. Apenas o *Jnani* vê verdadeiramente que as oito formas não são diferentes do Ser [Deus]. Portanto, somente Ele pode realizar verdadeiramente *Nishkama Karmas* ou *Shiva-puja*.

Consulte *Maharshi's Gospel*, Parte I, capítulo 3, onde Sri Bhagavan afirma: “Apenas um *Atma-Jnani* pode ser um bom *karma-yogi*”.

35 A Verdade do Namaskaram

207. O significado do imperfeito *Namaskaram* do *jiva* [prostração], quando ele coloca sua orgulhosa cabeça sob os pés do Guru ou Deus, é que seu senso de ego, “Eu sou o corpo”, deve ser esmagado pelo Conhecimento do Ser.

36 Adoração ao Ídolo

208. Ó vocês que ridicularizam a adoração ao ídolo, sem descobrir através do amor que derrete o coração o seu segredo, como é que vocês [diariamente] adoram o ídolo sujo de seu corpo como ‘Eu’?

Sadhu Om: Geralmente se acredita que a adoração ao ídolo é confundir um ídolo com Deus e tratá-lo de acordo, oferecendo-lhe um banho, roupa, comida e toda hospitalidade; mas confundir um corpo com o Ser também é uma forma de adoração ao ídolo. De fato, tratar e amar um corpo como ‘Eu’ é o erro primordial que leva a todas as outras formas de adoração ao ídolo. Portanto, está claro que todos nós somos adoradores de ídolos, mesmo que nos orgulhemos de desprezar aqueles que adoram ídolos de templos. Enquanto alguém considera seu corpo como ‘Eu’, não há erro em adorar um ídolo como Deus, e até que se sinta que é errado tratar o próprio corpo como ‘Eu’, não se deve ser desdenhoso e criticar os outros por tratarem um ídolo como

Deus. Se alguém primeiro desarraiga e destrói a noção de ‘Eu sou o corpo’, então está em posição de criticar a adoração ao ídolo, se tal crítica for necessária [à luz do *Jnana*, tal crítica, é claro, será vista como desnecessária].

37 *Vibhuti* (Cinza Sagrada)

209. Quando o ego fictício, que acumulou tendências desde o passado sem começo, é queimado pelo Fogo do *Jnana*, essa Realidade que permanece dentro é a Sagrada *Vibhuti*. Isso você deve saber.

Sadhu Om: *Vibhuti* representa o Ser, que brilha sozinho após a destruição do ego.

210. O Senhor Supremo, tendo tomado a forma do Guru, acende o Fogo do *Jnana* através de Seu Supremo Discurso [*Para Vak*], proclamando sem palavras a Uma Sílabas, e assim queima o ego no coração puro de Seu discípulo. O *Vibhuti* que Ele dá é a restauração do Ser.

Sadhu Om: *Vibhuti* é preparado ao queimar esterco de vaca em um forno hermético. Em *Saiva Siddhanta*, o *jiva* é geralmente conhecido como a ‘vaca’, então o esterco de vaca usado aqui simboliza as *vasanas* do *jiva*, que, quando queimadas até virar cinzas, deixam apenas o Ser.

211. Aqueles que usam tal *Vibhuti* são inigualáveis em todos os aspectos neste mundo. Tal *Vibhuti*, que é a Realidade, o *Jnana* maravilhoso e livre de pensamentos, é a riqueza divina eterna.

212. Aqueles que amam e adoram essa *Vibhuti*, que é a Realidade, se tornarão essa *Vibhuti* em si. Portanto, tendo destruído o ego, permaneça sempre como essa *Vibhuti*, que é o Ser.

213. Quando o ego insensível se volta para dentro através da atenção ao Ser e morre, o Fogo do *Jnana* queima no Coração e consome todos os três mundos em sua chama ardente vermelha, que é o significado do vermelho *kumkum*.

Michael James: Os três mundos são o céu, a terra e as regiões inferiores.

38 O Touro Divino de Shiva

214. A razão pela qual os *Puranas* descrevem o touro tomado por Shiva como Seu veículo e criaturas semelhantes [tomadas por outros Deuses] é cultivar gradualmente em nós o hábito de ver todas as formas manifestas como Deus, seu Substrato.

39 *Shakti* e *Shanti* (Poder e Paz)

215. Nada é impossível para o Poder do Ser, que é o poder da Graça do Todo-Poderoso. Algumas pessoas dizem “É possível apenas através do poder da espada e do escudo”, por causa da natureza suja de *Maya*, a noção “Eu sou o corpo imundo”.

Sadhu Om: Este verso explica o sucesso alcançado através do poder divino da não violência durante a luta da Índia pela liberdade.

216. Aqueles que dizem que Poder e Paz são diferentes não os conhecem corretamente. O que prevalece internamente como Paz é expresso externamente como Poder.

B6. O que é experimentado como Paz enquanto [a mente está] voltada para dentro, é experimentado como Poder enquanto [ela está] voltada para fora. Apenas os *Jnanis* que investigaram profundamente e perceberam [a verdadeira natureza do Ser prevalecente durante a introversão e a extroversão] sabem que Paz e Poder são uma coisa só.

Sadhu Om: Há um ditado: “O que é mais difícil, construir uma barragem e controlar a enchente, ou romper a barragem e liberar a enchente?” Para deter a mente, que por hábito vagueia por fora com grande força, e mantê-la pacificamente dentro do Coração, é necessário o Poder Supremo da Graça; mas para soltar a mente e permitir que ela crie [ou seja, conceba] e veja inúmeros mundos externamente, apenas uma leve permissão desse Poder Supremo é necessária. Portanto, os poderes de criação e sustentação são apenas um pequeno reflexo desse Poder Supremo da Paz interior. Se um aspirante puder entender isso, certamente não sentirá mais nenhum deleite ou admiração em adquirir os *siddhis* oito vezes e o poder de criar e sustentar universos inteiros.

217. O poder de punir os outros de várias maneiras pode ser encontrado em alguém que cultivou um caráter nobre e um comportamento virtuoso; mas ter a maior paciência é o único verdadeiro sinal de ter realmente alcançado a Divindade.

Sadhu Om: Em vez de possuir poderes externos para punir os outros, o verdadeiro e maior poder é estar interiormente em Paz e, assim, ser capaz de suportar e perdoar os outros. Assim, este verso confirma as ideias do verso anterior.

40 *Mahat* e *Anu* (O Maior e o Menor)

218. Quando os polos opostos de um ímã grande e um pequeno são unidos, o pequeno, ao ganhar o maior poder do grande, torna-se um com ele e compartilha as mesmas propriedades.

Sadhu Om: Neste verso, é usada uma analogia sem explicação. O grande ímã é uma analogia para *Mahat* [ou seja, Deus ou Ser], o pequeno é uma analogia para *Anu* [ou seja, *jiva* ou ego], e seus polos opostos são os pés de Deus e a cabeça do *jiva*. Unir seus polos opostos, portanto, significa que o *jiva* se curva e coloca sua cabeça sob os pés de Deus, e assim perde sua individualidade ao se fundir em Deus e se torna o próprio Deus. Ou seja, quando o pequeno ego se funde com o Ser através da autoentrega, ele brilha como o Ser Supremo em si.

41 Desejo por *Siddhis*

219. Pedir avidamente por pequenos *siddhis* a Deus, que está pronto para se dar por inteiro, o Tudo [*Sarva*], é como pedir mingau azedo a um filantropo que tem o coração para dar tudo o

que lhe pedem.

220. Aquele que anseia por *siddhis* depois de chegar ao mundo dos *Atma-Siddhas*, o Espaço ilimitado da Autoconsciência, é como aquele que deseja um mingau azedo e velho depois de chegar ao Céu, que oferece o néctar divino, o alimento da imortalidade.

Sadhu Om: A expressão '*Atma-Siddha-Loka*' [o mundo dos *Atma-Siddhas*] pode ser interpretada de várias maneiras; seu principal significado deve ser o Ser, já que todos os *Atma-Siddhas* são o Ser e nada além do Ser, e em sua visão certamente não há *loka* ou mundo além do Ser.

Também pode significar a presença física do Guru ou *Atma-Jnani*, caso em que este verso é uma referência às almas infelizes que, apesar de serem abençoadas com a companhia de Bhagavan Ramana, o deixaram por causa de sua ganância por *siddhis*. "Depois de chegar em *Atma-Siddha-Loka*" pode alternativamente significar "embora o ego habite sob a misericórdia do sempre alcançado [*Nitya-Siddha*] Ser".

221. No coração em que a chama da Suprema Devoção irrompe, todos os *siddhis* se unem. Mas tal devoto, cuja mente se tornou completamente presa ao Senhor, nunca sentirá atração por eles.

222. Se um aspirante seguindo o caminho da Libertação desenvolve um gosto pelos *siddhis*, seu ego aumentará e, portanto, seu aprisionamento se tornará mais denso.

B7. A quietude absoluta da mente é a conquista da Libertação. Sendo assim, diga-me como aqueles que subjugam sua mente aos *siddhis*, que são inalcançáveis sem esforços mentais, podem mergulhar na Felicidade da Libertação, que é o completo cessar das atividades mentais?

Michael James: Consulte também *The Call Divine*, vol. IV p. 401. Este verso está em *Collected Works* como verso dezesseis de *Ulladu Narpadu Anubandham*.

Sadhu Om: Este verso revela que sem '*chitta-chalana*' [ou seja, atividades mentais] nenhum *siddhi* pode ser realizado. No entanto, os *siddhis* que são aparentemente realizados por um *Jnani*, cuja mente está morta, são diferentes porque são causados pela Vontade de Deus, e o *Jnani* não sente, portanto, nenhum senso de fazer [ou seja, Ele não sente que Ele mesmo os realiza]. Portanto, devemos saber que um *Jnani* realiza *siddhis* sem atividades mentais e que aquele que, por outro lado, sente "Eu estou fazendo, eu vou fazer ou eu posso fazer *siddhis*" certamente não é um *Jnani*.

223. O homem, o mais maravilhoso *siddhi* é que você, que é realmente a pura Consciência do Ser sem forma, toma o corpo com suas pernas e mãos como 'Eu' e dança como se fosse real; [comparado a isso] até mesmo os oito tipos de *siddhis* não são verdadeiras maravilhas.

Michael James: "...dança como se fosse real..." refere-se ao ego pensando que realiza *karmas* e passa por muitos nascimentos e mortes.

Sadhu Om: Ao se referir ao homem como "puro", é apontado que ele não é nenhum dos atributos impuros como a mente; ao se referir a ele como "sem forma", é apontado que ele não é nenhuma forma como o corpo; ao se referir a ele como Consciência do Ser, é apontado que ele não é matéria inerte como o corpo sem vida. Mas, uma vez que somos aparentemente capazes de nos transformar em todas essas coisas [ou seja, ego] que são diretamente opostas à nossa verdadeira natureza, isso é considerado por Sri Bhagavan como o mais maravilhoso dos *siddhis*. Este *siddhi* é ainda mais maravilhoso, pois nós, o Ser imóvel, nos tornamos ego e realizamos ações e passamos por muitos nascimentos e mortes. Assim, Sri Bhagavan aponta que, mais maravilhoso do que qualquer um dos oito *siddhis*, é este *siddhi* pelo qual o Ser imaculado parece se tornar o ego defeituoso.

224. A realização do Ser, que é a coisa primordial, e o Conhecimento da Libertação, é somente o verdadeiro *Jnana-Siddhi*. Todos os outros oito tipos de *siddhis* pertencem apenas à mente vacilante e ao seu poder de imaginação.

42 Imortalidade

225. A imortalidade é reservada apenas para aqueles que morreram em seu ego, o vazio sujo do sentimento "Eu sou o corpo", que encobre sua natureza imortal de *Sat-Chit-Ananda*, a única coisa amada.

Sadhu Om: Alguns aspirantes equivocados adotam vários tipos de yogas para impedir a morte do corpo ou, pelo menos, prolongar sua vida, na falsa crença de que isso é imortalidade. Tendo pena de tais pessoas, Sri Bhagavan aqui define claramente a verdadeira Imortalidade.

226. Devido à ilusão de que o corpo estranho é 'Eu', nascimento e morte parecem nos acontecer. Portanto, a imortalidade, nossa verdadeira natureza, só é alcançada quando essa ilusão é completamente removida.

Sadhu Om: Nascimento e morte só acontecem ao corpo, mas ao considerar o corpo como 'Eu', sentimos "Eu nasci e vou morrer". Se desejamos nos tornar imortais, precisamos apenas abandonar essa identificação ilusória com o corpo e, então, perceberemos que somos o Ser Eterno Não-Nascido e Eterno Imortal.

227. A morte não é nada além da ilusão de que "Eu sou o corpo estranho", e a imortalidade não é nada além da bem-aventurança que é obtida quando essa ilusão morre através do conhecimento do Ser não-dual.

228. A imortalidade pode ser obtida a menos que aquele que considera este corpo como 'Eu' morra como o Ser, tendo se tornado temeroso da morte deste corpo e, portanto, indagado "Quem é esse Eu?" [Não.]

229. Saiba e aceite que a Imortalidade é apenas o brilho da verdadeira Clareza [ou seja, Consciência pura], sem a ilusão das modificações mentais. A morte não pode ser superada por nada além dessa Consciência Pura.

Sadhu Om: Como a morte é resultado da ignorância, é dito neste verso que só pode ser superada pelo Conhecimento, a Consciência Pura do Ser.

43 Kaya e Kalpa

230. Nomear uma coisa transitória e ilusória que nasce para morrer como *Kaya* é simplesmente uma zombaria educada. Somente a Consciência do Ser, que é encontrada como a Verdade Suprema, é permanente [*Kaya*].

Michael James: *Kaya* literalmente significa permanente, mas passou a significar no uso comum o corpo.

231. O verdadeiro e único Conhecimento do Ser, que é destilado e obtido quando o ego repetidamente ascendente se funde em sua Fonte, é o verdadeiro *Kalpa* [medicina].

Michael James: Yogis geralmente usam a palavra *Kalpa* para significar o elixir para prolongar a vida do corpo, mas Sri Bhagavan aponta com este verso que o verdadeiro *Kalpa* é o Conhecimento do Ser.

44 A Conquista da Imortalidade Corporal

232. Apenas aqueles que não sabem que o corpo é a doença-raiz que dá origem a todas as outras doenças realizarão *tapas* para alcançar a imortalidade corporal, em vez de tentar erradicar essa doença; tais pessoas são como aquelas que se esforçam para regar apenas ervas daninhas.

233. Apenas aquelas pessoas sem valor cuja forma é o ego venenoso e inexistente, que é a base de todas as terríveis doenças, realizarão incansavelmente *tapas* para imortalizar o corpo, como alguém que toma um remédio para agravar sua doença.

234. Como resultado de *tapas* prolongados, dignos e bem executados, desejar estabilizar a individualidade em vez de permanecer sempre no Supremo Silêncio é devido à densa ignorância, como alcançar a pobreza com grande anseio e luta.

235. Para aqueles que veem através da perfeita *Jnana*, esta vida corporal é irreal e meramente mental, e portanto saibam que só há miséria e nenhum benefício no prolongamento da vida do *jiva* pelos próprios *jivas*.

45 Vairagya (Desapego)

236. Saiba que as pessoas que lhe oferecem elogios e *puja* com ambições mundanas, para fazer seu coração inchar de alegria, são apenas um isca dourada oferecida pela *Maya* para atrair você, que está fazendo *tapas* com grande *vairagya*.

Sadhu Om: Se o elogio oferecido pelos outros proporciona até mesmo a menor alegria, então, como uma isca, causará a queda de alguém. Esse elogio, é claro, não prende um *Jnana-Mukta*, que perdeu sua individualidade, e então Sri Bhagavan claramente se dirige a este verso para “você que está fazendo *tapas*”.

Muitos aspirantes, mesmo antes de alcançar o objetivo da Ausência de Ego, são encantados e iludidos pelo elogio e adoração dos outros e, esquecendo o objetivo, correm atrás de nome e fama e, indo de um lugar para outro, dão ensinamentos, bênçãos, etc. Para salvá-los de tal auto-ruína, Sri Bhagavan graciosamente dá essas instruções. Assim como a isca, embora dourada, matará sua presa, também o nome e a fama, embora aparentemente valham a pena, arruinarão o aspirante, fortalecendo seu ego e o impedirão de alcançar o objetivo.

237. A Suprema *Jnana* surge com facilidade apenas para aqueles afortunados em cujos corações o desapego em relação aos prazeres deste mundo e do próximo brota naturalmente neste nascimento.

238. Saiba bem que a experiência da Bem-Aventura existe apenas no Ser e nunca nesta vida de ilusão, e, portanto, alcance o Autoconhecimento, que é o Espaço da Graça e o estado final do Supremo Silêncio.

Sadhu Om e Michael James: Como o espaço é onipresente, vasto, abundante e sutil, Sri Bhagavan usa a palavra ‘Espaço’ - como em ‘Espaço da Graça’, ‘Espaço da Consciência’, ‘Espaço da Bem-Aventura’ etc. - para denotar a ideia de onipresença, vastidão, abundância e sutileza, que são todas qualidades do Ser.

239. Ó meu querido amigo *Vairagya* que está sempre me iluminando com Conhecimento, destruindo a densa ilusão do desejo, por favor, não me abandone, eu que sempre reivindico sua amizade.

Sadhu Om: Para enfatizar a instrução de que nunca devemos desistir do *vairagya*, isso é expresso aqui de maneira agradável na forma de uma oração dirigida ao *Vairagya*, que é personificado como um amigo, pedindo para que nunca nos abandone.

240. Ó meu virtuoso amigo *Vairagya*, quando o provérbio diz: “A amizade, mesmo com um fantasma perverso, é difícil de romper, uma vez que é feita”, se eu romper minha amizade com você que me protegeu do mal e me conduziu para casa durante todas as minhas vidas passadas, seria pior do que me encontrar com a hostilidade de todo o mundo.

Sadhu Om: Como é difícil romper uma amizade, mesmo quando se descobre que é prejudicial, é quase impossível romper uma que se sabe ser benéfica. No entanto, se uma amizade benéfica fosse rompida, especialmente com um amigo como o *Vairagya*, seria a pior calamidade que poderia ocorrer a alguém.

241. Qualquer pensamento que possa surgir, não permitir que ele viva ou cresça, mas destruí-lo ali mesmo, sem a menor negligência, fundindo-o de volta à sua Fonte, é um *Vairagya* poderoso e intenso.

Sadhu Om: Anteriormente, os Escritos nos ensinaram que *Vairagya* é sentir aversão pelos nossos desejos e rejeitá-los, mas agora Sri Bhagavan nos ensina que o verdadeiro *Vairagya* é manter uma vigilância constante em relação ao Ser, pela qual cada pensamento, em vez de ser permitido surgir e se desenvolver, é redirecionado e fundido em sua Fonte.

242. Se, pela maravilhosa arma do Autoquestionamento, você continuar destruindo, um por um, todos os inúmeros inimigos - as *vasanas* surgindo na forma de pensamento - à medida que cada um deles sai do forte - *chittam* - o forte do inimigo finalmente estará em suas mãos.

Sadhu Om: Todas as *vasanas*, que têm o nome coletivo de *chittam*, têm sua morada no Coração [referir-se a *Ulladu Narpadu Anubandham* versículo 19, *Arunachala Ashtakam*, versículo 7, e versículo 249 desta obra], então o forte do inimigo que capturaremos não é nada além de nossa própria casa, o Coração. A destruição do inimigo não é nada além de *Mano-Nasha*, a destruição de nossa própria mente.

Os dois versos acima são encontrados na forma de prosa em *Quem sou eu?*

46 Jnana e Vairagya

243. Se o mundo que é visto é encontrado como não sendo separado do observador, isso é *Jnana*. *Vairagya* é apegar-se firmemente ao Ser e rejeitar este mundo com desapego, vendo-o como meramente vazio.

Sadhu Om: Embora o mundo seja visto tanto pelo *Jnani* quanto pelo *ajnani*, o *Jnani* não o vê como sendo diferente de Si mesmo. Por outro lado, se alguém vê o mundo como sendo separado de si mesmo, é um *ajnani* e está apenas no estágio da prática, no qual se deve ver o mundo como uma aparição ilusória a ser rejeitada. Essa prática é *vairagya*, que é necessário para ganhar *Jnana*. Consulte também *Quem sou eu?*

47 A Natureza do *Chittam*

244. Assim como um prisma claro parece ser vermelho quando está perto de uma flor vermelha, o *Chit* parece ser o *chittam* quando está perto [mas não verdadeiramente associado com] as tendências mundanas sujas. O *chittam* permanecerá e brilhará como o Supremo *Chit* sozinho, se a sílaba '-tam', que representa a impureza, *Maya*, for removida.

Sadhu Om: O prisma permanece sempre incolor e sua cor vermelha é apenas aparente. Para remover a cor vermelha, basta remover a flor, porque o prisma será visto incolor como antes. Da mesma forma, *Chit* permanece verdadeiramente sempre puro e a impureza de *Maya* é apenas aparente. Essa associação aparente do sempre puro *Chit* com *Maya* é conhecida como '*chittam*' e para remover '-tam' [ou seja, *Maya*], que é apenas atenção focada erroneamente nas 2ª e 3ª pessoas, basta focar a atenção na 1ª pessoa, porque o '*chittam*' será então conhecido como o sempre brilhante *Chit*, Shiva.

48 *Chitta Suddhi* (Pureza da Mente)

245. A beleza dos objetos externos induz ao prazer, mas causa grande dano; a pureza interior, no entanto, não é assim, por isso é a verdadeira beleza. [É por isso que] os sábios adoram Aquele que é puro de coração e dizem com admiração: "Este é Deus em forma humana".

246. Grande desastre resultará se, em vez de buscar a beleza interior, buscar apenas a beleza exterior. Tal [tolice] é como a mariposa que ama a beleza da chama, ou a cobra que ama a serpente fêmea *virīyan*.

Sadhu Om: A *virīyan* é uma cobra muito venenosa, então, se uma cobra macho ama uma *virīyan* fêmea, estará cortejando sua própria destruição.

49 Morte

247. Desviar-se do Ser imortal, que é a Coisa Primordial, a Fonte de tudo, o Lar do Amor, a forma da Bem-aventurança e o Espaço do Supremo *Jnana*, é a Morte.

Michael James: 'Desviar-se do Ser imortal' significa surgir como um ego.

248. Ao aproximar-se do Guru e servi-lo fielmente, deve-se aprender, através de Sua Graça, a causa do próprio nascimento e do próprio sofrimento. Sabendo então que isso se deve ao afastamento do Ser, é melhor permanecer firmemente como o Ser [já que isso é o meio de evitar tal Morte].

50 A Morada do *Jiva*

249. O *jiva* habita o Coração, que está além da concepção mental, e suas *vasanas* também habitam ali. Se, em vez disso, as *vasanas* habitassem acima, no cérebro, elas não seriam destruídas quando o cérebro [ou seja, a cabeça] fosse cortado?

Sadhu Om: Kavyakantha Ganapati Sastri estava discutindo com Sri Bhagavan, dizendo que as *vasanas* habitam no *sahasrara* [ou seja, o cérebro], mas Sri Bhagavan respondeu que, se fosse assim, as *vasanas* seriam

destruídas e a *moksha* seria alcançada quando uma pessoa fosse decapitada. Além disso, as *vasanas* devem habitar com seu possuidor, o *jiva*, cujo lar, o Coração, deve estar dentro do tronco do corpo e não dentro da cabeça, já que quando a cabeça de um soldado é cortada em batalha, seu corpo pode continuar mostrando sinais de vida por algum tempo. Sri Bhagavan, assim, concluiu que o Centro da Vida, que é o local de habitação do *jiva* e suas *vasanas*, é o Coração e não o cérebro.

250. Uma vez que a chama da *Kundalini* se eleva para cima [da base da coluna - o *mooladhara*] e o Néctar flui para baixo a partir do cérebro [o *sahasrara*], o alvo é o Coração, o Centro da Vida.

Michael James: No estado desperto, quando a consciência do mundo e do corpo são sentidas, a consciência do Eu está espalhada por todo o corpo, mas quando a auto-atenção é praticada, a consciência do Eu começa a retirar-se. Essa retirada ocorre através do canal conhecido como *Sushumna Nadi*, que se estende desde a base da coluna [o *mooladhara chakra*] até o cérebro [o *sahasrara chakra*]. Essa elevação da consciência do Eu através do *Sushumna Nadi* é conhecida como a elevação da *Kundalini*, que é descrita como uma serpente apenas para os iniciantes em yoga [ver *Vichara Sangraham, A Compilação da Auto-investigação*, Capítulo 7]. Tendo sido retirada e reunida no *Sahasrara*, a consciência do Eu então fluirá para baixo em direção à sua Fonte, o Coração, e o vácuo livre de pensamentos assim deixado no *Sahasrara* é sentido como bem-aventurança. Essa bem-aventurança é conhecida pelos Yogis como o Néctar e é sentida como se estivesse fluindo para baixo à medida que a consciência do Eu desce em direção ao Coração.

251. Quem quer que contemple qualquer centro, como se o Ser estivesse morando lá, parecerá a essa pessoa, devido ao poder de concentração da mente, que o Ser é experienciado naquele centro. No entanto, o verdadeiro centro do Ser é apenas o Coração, de onde surge o ‘pensamento-Eu’ e onde se estabelece como um refúgio.

Michael James: A frase ‘qualquer centro’ pode incluir qualquer um dos seis centros imaginários de yoga ou qualquer outro ponto do corpo que possa ser escolhido para a prática da concentração.

252. Deixando de lado o Ser, o Coração, com o qual se está conectado em todos os [três] estados, se alguém se concentra em qualquer outro centro [como se estivesse morando lá], só será absorvido por um *laya* ilusório e, assim, não poderá conhecer o Ser e ser salvo.

51 O Coração

253. Diz-se que o Coração é de dois tipos diferentes, um a ser ignorado e o outro a ser considerado. O primeiro tipo, que é perceptível através dos sentidos, estando no lado esquerdo do peito, é inerte.

Sadhu Om: Como a pulsação que é o sinal de vida é causada pelo órgão carnal no lado esquerdo do peito, as pessoas geralmente concluem que é o Coração que é o Centro da Vida ou o Assento do Ser no corpo. Sri Bhagavan aqui nega essa opinião e ensina o lugar do verdadeiro Coração.

254. O Coração que permeia tanto o interior como o exterior do corpo, brilha no lado direito do peito, de acordo com a experiência dos *Jnanis*. Saiba que é apenas para os tolos que confundem o corpo com o Ser que o coração está na forma de um órgão carnal no lado esquerdo do peito.

Sadhu Om: Veja também: “O coração do sábio está à sua direita, mas o coração do tolo está à sua esquerda” [Eclesiastes X-2].

É bem conhecido por aqueles que entenderam Sri Bhagavan corretamente que, embora Ele tenha dito que o Coração está no lado direito do peito, Ele nunca aconselhou ninguém a meditar nesse ponto no corpo. É lamentável, portanto, que alguns devotos de Sri Bhagavan, não tendo refletido sobre o versículo 22 de *Ulladu Narpadu Anubandham* - “Isso [Coração] está dentro e fora, mas existe além [das limitações de] dentro e fora” - costumavam meditar no lado direito do peito e também recomendavam que outros fizessem o mesmo. Como o ensinamento nos versos 261 e 262 desta obra não foi registrado em nenhuma outra obra de Sri Bhagavan, e porque esses dois versos não foram adequadamente traduzidos e disponibilizados em nenhum idioma além do tâmil, essa interpretação errônea persiste até hoje e as pessoas ainda continuam com essa prática errônea. O verso 3 de *Os Cinco Versos sobre a Unidade do Ser*, que também aparece nesta obra como verso B8, deve ser consultado e compreendido aqui.

255. Se o Ser, o Senhor da alma, não residisse indiscutivelmente no lado direito do peito, por que todos têm o hábito de tocar apenas aquele lugar [para denotar o próprio ser], sempre que dizem ‘Eu’?

256. O indescritível Coração é o espelho no qual tudo [ou seja, todo o universo] aparece. A Única Consciência, o Espaço do mero Ser, só é a Coisa Primordial e Suprema, o Todo Silencioso.

Michael James: “Aquele Única Consciência, o Espaço do mero Ser” significa a pura e simples Consciência “Eu sou” e não “Eu me conheço”, e, portanto, é chamado de “mero Ser”. Consulte o verso 26 de *Upadesa Undiyar*, “Conhecer o Ser é ser o Ser”.

257. Coração, a Fonte, é o começo, o meio e o fim de tudo. Coração, o Espaço Supremo, nunca é uma forma, é a Luz da Verdade.

258. A morte da mente afogada no Oceano da Autoconsciência é o Silêncio eterno. O verdadeiro ‘Eu’ é o Espaço-Coração Supremo, que é o grande Oceano de Bem-aventurança.

Sadhu Om: Este verso diz que a mente se afoga no Oceano da Autoconsciência [*Chit*], que é o verdadeiro ‘Eu’ [*Sat*] e o Oceano de Bem-aventurança [*Ananda*]. Portanto, a maneira sutil como este verso é formulado dá

a implicação de que NÓS somos o Oceano de *Sat-Chit-Ananda*.

259. Você [a mente] não pode conhecer o Ser, que é a existência perfeita e ininterrupta e o Único sem um segundo. O Coração, *Sat-Chit-Ananda*, que é o mesmo Ser livre de pensamentos, é Annamalai.

Sadhu Om: Como até os deuses Brahma e Vishnu não conseguiram conhecer o topo ou o fundo de Arunachala [a coluna flamejante de Autoconsciência], em tâmil, é chamado de *Annamalai*, que significa “Colina Inatingível”. Portanto, quando até os deuses não conseguem conhecer o Ser, a mente também não consegue; ou seja, nem os deuses nem a mente podem conhecer sua Fonte, a menos que primeiro se fundam nela e percam sua individualidade [ou seja, a menos que, permanecendo como Ser, deixem de ser deuses ou mente].

260. Aquele que conhece o Coração nunca será arruinado; tendo perdido o senso de escravidão, Ele se torna o Supremo. Ele está livre dos pensamentos de dualidade e Ele sozinho desfruta, sem ilusão, a verdadeira Bem-aventurança.

261. Embora o Coração seja dito estar tanto dentro como fora, na verdade ele não existe nem dentro nem fora, porque a aparência do corpo, que é a base da diferença ‘dentro’ e ‘fora’, é em si mesma uma concepção mental.

262. Enquanto o corpo está [na verdade] no Ser, aquele que pensa que o Ser [ou Coração] está dentro do corpo insensível é como alguém que pensa que a tela - que é o substrato daquela imagem de cinema - está contida na imagem.

Michael James: A tradução de B8, que aparece aqui no texto original em tâmil, é a mesma que a tradução do verso 262 acima, mas em seu original em tâmil, Bhagavan aprimorou o estilo do verso anterior. Este verso também aparece como verso 3 de *Ekatma Panchakam (Os Cinco Versos sobre a Unidade do Ser)*.

A tela é o substrato no qual todas as imagens aparecem e desaparecem e, de maneira semelhante, o Ser é o substrato no qual a imagem deste universo inteiro, incluindo o corpo, está contida. Portanto, é incorreto dizer que o Ser está dentro do corpo. Sri Bhagavan usa esta analogia para enfatizar que, assim como a tela é real e as imagens são irreais, o Ser é a Realidade e as imagens da mente, do corpo e do universo são irreais. Como, portanto, o Real pode estar contido no irreal?

Suponha que um pote feito de gelo fosse imerso profundamente no mar, não seria errado dizer que a água está contida apenas dentro do pote? Na verdade, a água está tanto dentro quanto fora, e até mesmo o pote em si é apenas água. Da mesma forma, o Realizado sabe que apenas o Ser existe, e que não há questão de Ele existir dentro ou fora do corpo, já que o corpo e todo o universo não são nada além do Ser. Essa verdade não diluída existe mesmo no estado de ignorância, embora os ignorantes não estejam cientes disso. “Dentro” e “fora” são apenas em relação ao corpo, então, quando o corpo é considerado irreal, como as limitações de “dentro” ou “fora” podem ser aplicáveis? Portanto, o Ser, a Realidade, não deve ser concebido como sendo de alguma forma contido dentro do corpo.

263. Portanto, apenas o *Jnani* - que viu a morte do ego, que está na forma da noção ‘eu sou o corpo’ - terá, com sua visão aguçada, sutil e divina, completamente livre de ilusão, ver o Coração em todos os lugares e alcançar a grandeza.

264. O Coração, onde o Supremo Silêncio da Graça de Deus está brilhando, é o único estado de *Kaivalyam*, na Presença do qual o raro prazer de todos os céus é revelado como nada.

Michael James: *Kaivalyam* é o estado da Suprema Unidade.

Sadhu Om: Sri Bhagavan costumava comparar todos os prazeres disponíveis nos mundos celestiais, incluindo até mesmo *Brahma Loka*, com as pequenas partículas de luz da lua que caem no chão através da densa folhagem de uma grande árvore, enquanto a experiência de Bem-aventurança do *Jnani* é como o brilho da lua cheia em um espaço aberto.

265. O Coração, que brilha puro após a erradicação das tendências oscilantes [tendências] e velamento [ilusão], e que permanece como a Verdade Única, é o Supremo *Atma-Loka* pelo qual até mesmo os deuses do céu estão ansiando.

Michael James: *Atma-Loka* simplesmente significa Ser, e aqui é chamado de ‘loka’ (ou seja, mundo) para comparar a Bem-aventurança do Ser com os prazeres dos céus *lokas*. Como até mesmo os deuses nos céus celestiais (como *Swarga Loka* e *Brahma Loka*), embora estejam desfrutando dos maiores prazeres, ainda estão ansiando pela Bem-aventurança do Ser, esses céus *lokas* são inúteis.

52 O Guru

266. A Autoconsciência que brilha após a destruição do [pensamento raiz] - a identificação com qualquer um dos [três] corpos como ‘eu’ - é, o Poder Todo-Poderoso [*Akila Para Shakti*] que reside como ‘eu’ nos corações de todos os seres criados.

Michael James: Geralmente se supõe que a Onipotência (*Akila Para Shakti*) é o poder de Deus que cria e sustenta todo o universo e os indivíduos nele contidos. No entanto, este poder de criação e sustentação é apenas capaz de limitar ‘eu’ a um corpo específico, mas como a verdadeira Autoconsciência experimentada por um *Jnani* destrói essa limitação, é um Poder maior. Portanto, Sri Bhagavan aponta que a Autoconsciência de um *Jnani* é a verdadeira *Akila Para Shakti*.

267. Essa Autoconsciência natural da mera Existência, sem qualquer sentido de dualidade, é o Supremo Silêncio, que é glorificado [pelos escrituras] como a perfeição do *Jnana*, e que não

pode ser conhecido pelo ego, a natureza demoníaca tola.

Sadhu Om: A Autoconsciência referida aqui denota *Sat-Chit*, e é descrita como natural porque é sempre alcançada, e não algo a ser alcançado de novo.

Os oito *siddhis* dependem do funcionamento do ego, que aqui é dito ser uma natureza demoníaca. Esses *siddhis* são, portanto, poderes demoníacos e não poderes divinos como as pessoas geralmente acreditam.

Nestes dois versos, nenhuma menção direta é feita ao guru, mas eles são dados no início deste capítulo para orientar os aspirantes que estão empenhados em encontrar o verdadeiro Guru. Estes versos ensinam que a Onipotência [*Akila Para Shakti*] do Guru reside em Seu Poder de destruir o ego, e esse Poder é simplesmente Sua mera Autoconsciência, e não a habilidade de realizar e exibir *siddhis* milagrosos.

268. Saiba e descubra que Ele somente, que possui tal Akila Para Shakti [ou seja, o Poder do Supremo Silêncio que consome tudo, permanecendo como mera Existência-Autoconsciência], é o verdadeiro Guru que, por Sua ilimitada Graça, funde qualquer alma que venha a Ele no Ser não-dual, o Jnana além de toda fala.

Sadhu Om: As palavras “qualquer alma” são usadas para enfatizar o ponto de que até mesmo criaturas não humanas receberão a libertação por um Poderoso Guru, como, por exemplo, pássaros e animais alcançaram a Libertação através da Graça de Bhagavan Ramana. Considerando isso, até mesmo os seres humanos imaturos devem ter certeza de elevação se vierem a um verdadeiro Guru.

269. Verdadeiramente, a perfeita discipulado - que é a firme Suprema Devoção que inflama com a fusão do ego na Luz do Supremo Silêncio [ou seja, Autoconsciência] - é apenas o correto discipulado. Assim, você deve saber.

270. Aquele que o direciona para o Ser e revela a você o conhecimento do Ser, é o Guru. Na verdade, Ele é o Ser e Ele é Deus. Apegue-se a Ele.

Michael James: Como todo o universo que vemos é apenas uma projeção do Ser, o Ser sozinho é Deus, o verdadeiro criador do universo. É também o Ser sozinho que, após amadurecer o devoto através de tantos nascimentos, assume a forma do Guru humano para revelar o *Jnana* a ele. Assim, Deus, Guru e Ser são um e o mesmo.

271. Aquele que dá ‘faça’ e ‘não faça’ àqueles que vêm a ele é tanto Yama [Morte] quanto Brahma [o Criador] para eles. Mas o verdadeiro Guru divino é aquele que prova a eles que nada precisa ser alcançado por eles.

Sadhu Om: O ‘guru em potencial’, ao ordenar que aqueles que vêm a ele realizem muitas ações [*Karmas*] como *Japa* ou *Dhyana*, está apenas carregando um fardo maior de novas ações sobre os aspirantes, que vêm a ele em busca de alívio, porque eles são incapazes de suportar os frutos das ações que já acumularam no passado. Em vez de aliviá-los, o guru em potencial desempenha o papel de Yama [Morte] esmagando e matando-os com um fardo maior de *Karmas*.

Como os indivíduos têm que colher os frutos de suas ações através de inúmeras vidas, o ‘guru em potencial’ desempenha o papel de Brahma [criador], fazendo-os realizar mais *karmas* e, assim, fazendo-os ter mais nascimentos para colher os frutos dessas ações.

No entanto, como o *Sadguru* conhece a verdade de que o Ser existe sozinho, sem um segundo, Ele convence aqueles que se aproximam Dele de que eles não são diferentes do Ser. Quando, através do poder de Seu Silêncio, eles passam a entender essa verdade, sentem que não têm nada a fazer, mas que apenas têm que Ser. Como fazer sozinho é ação [*karma*] mas Ser não é, e como é apenas o *karma* que traz nascimento e morte, eles são aliviados tanto de Brahma quanto de Yama.

Diferente de outros Gurus que instruem seus discípulos a fazer os quatro yogas [*Karma*, *Raja*, *Bhakti* ou *Jnana*], Sri Bhagavan Ramana nos faz parar de fazer qualquer coisa para descobrir “Quem faz esses yogas?” e assim Ele direciona nossa atenção para o ‘Eu’, que é a pista certa para nos manter quietos. Essa é a natureza do verdadeiro Guru.

272. Como não se ama ouvir o ensino do Ser Supremo, que está sempre acontecendo no coração, alguém sai com grande ilusão entusiasta. Por causa disso, precisa de um Guru externo.

273. Essa Autoconsciência [Sat-Chit] que brilha em todos, como Tudo, é o Guru.

Sadhu Om: Guru é Aquele que existe e brilha como ‘Eu’ em todos e é o único fator comum em todos.

274. Aqueles que não entendem que o Jnana-Guru é o Espaço Supremo Sem Forma, embora Ele apareça na forma humana, são os principais entre todos os pecadores e criminosos mais vis.

53 A Graça do Guru

275. Para aqueles que estão sofrendo aqui no samsara, que foi criado pelos bons e maus karmas que são o resultado da escura ilusão, o único remédio para curar sua angústia mental é o grande entusiasmo que sentem pela Graça do Guru.

276. O Guru é Aquele que remove os sofrimentos e concede a Felicidade da Libertação àqueles que, quando vêm a Ele, são levados pela força de vários karmas realizados com o apego de gostos e aversões.

277. O olhar cheio de graça do Guru, a pedra filosofal, transformará até mesmo a natureza impura do jiva, o ferro enferrujado, em puro Jnana, o ouro. Portanto, a coisa mais digna de escolher, buscar e se apegar firmemente é o Darshan do olhar cheio de graça do Guru.

278. Para os *jivas*, que se iludem em tomar o falso como verdadeiro, o Guru, que é o Ser, a Luz para todas as luzes grosseiras do universo, expõe a falsidade de sua verdade.

Sadhu Om: ‘O falso’ neste verso denota todo o universo, incluindo o ego que o vê. ‘Sua verdade’ significa o que parece ser verdadeiro em sua visão iludida.

As luzes grosseiras do universo [o sol, a lua, o fogo etc.] são vistas pelos olhos, os olhos são conhecidos pela mente e a mente empresta luz do Ser; portanto, o Guru que é o Ser é dito ser a Luz para todas as luzes grosseiras do universo. Consulte também *Ulladu Narpadu Anubandham [O Suplemento dos Quarenta Versos]* verso 7.

279. O Supremo *Jnana-guru*, o imóvel e mais sutil Espaço da Graça, destrói ”*Laghu*” - a noção grosseira, inútil e vacilante do *jiva*, ‘Eu sou o corpo’ - e concede a ele o verdadeiro e perfeito *Jnana*.

Sadhu Om: Os substantivos e adjetivos usados no original em tâmil neste verso mostram claramente que o Supremo *Jnana-Guru* é o extremo oposto do *jiva* inútil e vacilante; a palavra ”*Guru*” tem o significado de grandeza e pesadez, enquanto a palavra ”*laghu*”, que é usada duas vezes, tem o significado de inutilidade e leveza.

280. O Guru, o Senhor do *Jnana*, que é o poder da grandeza ilimitada do Ser, é o Supremo Silêncio que derrota completamente os argumentos inúteis daqueles que estão manchados pela ilusão dos desejos mundanos.

Sadhu Om: Se alguém é derrotado pela habilidade do intelecto aguçado do adversário, a derrota é apenas temporária, pois continua a sentir raiva e inimizade em relação a ele. No entanto, quando os argumentos das pessoas mundanas são derrotados pelo Supremo Silêncio do *Jnana-guru*, suas mentes são dominadas pelo Conhecimento e Felicidade, e assim, esquecendo sua inimizade, sentem grande amor pelo Guru; portanto, a vitória conquistada pelo Silêncio é eterna.

281. Sem matar o corpo, mas matando, com o olhar de Seus olhos, o ego que se apresenta como se realmente existisse, o Guru, em pouco tempo, expõe toda a ficção [do corpo ao universo inteiro] como inexistente e revela o brilho do único Ser Supremo como a única existência real.

Sadhu Om: Assim como a luz solar brilhante expõe a inexistência da cobra, que apareceu em uma corda no crepúsculo, a Luz do claro Autoconhecimento do Guru expõe a inexistência de todo o universo, que apareceu na luz fraca da mente do *jiva*.

Quando um rio se funde com o oceano, todos os seus atributos, como velocidade, corrente e forma, são destruídos, mas nenhuma gota de sua substância, a água, se perde. Da mesma forma, quando um *jiva*, “Eu sou fulano”, encontra o olhar dos olhos do Guru, todos os seus atributos, como “fulano”, são destruídos, mas sua substância, a Consciência do Ser [*Sat-Chit*] “Eu sou”, brilha inalterada e sozinha; portanto, diz-se que o Guru “mata sem matar”.

282. É impossível ver a Dança Divina do Autoconhecimento [o *Sphurana*, “Eu-Eu”] no Coração, até que a dança da mente rebelde seja destruída pelo Poder Divino da Espada de *Mei-Jnana* [Conhecimento Certo], empunhada pelo grande herói, o *Sadguru*, que já decapitou o fantasma, [Sua própria] mente.

Sadhu Om: Shiva é dito estar dançando no '*samasana*' [campo de enterro], mas é impossível ver Sua Dança Divina até que a dança dos muitos fantasmas inquietos, que também estão dançando lá, seja interrompida. Da mesma forma, somos informados neste verso que é impossível ver a Dança Divina do *Sphurana*, “Eu-Eu” [que é o verdadeiro significado da Dança de Nataraja em Chidabaram], até que o fantasma rebelde da mente, que dança como ‘Eu’, seja decapitado pela Graça do *Sadguru*, que destruiu Sua própria mente.

283. Assim como a visão de um leão aparecendo em seu sonho despertará um elefante do sono, também o *Darshan* do *Sadguru* despertará o discípulo do sonho deste presente estado de vigília, que é apenas uma ilusão, para o estado de *Jnana*.

Sadhu Om: O presente estado de vigília é em si mesmo um sonho ilusório; assim como um sonho só pode existir dependendo do contexto do sono [ou seja, a perda da consciência do corpo desperto], este presente sonho, nosso chamado estado de vigília, só pode existir dependendo do contexto do sono de nosso esquecimento do Ser [ou seja, a aparente perda de nossa pura Consciência do Ser natural].

Essa ignorância [ou seja, nosso esquecimento do Ser] é um sono muito prolongado, no qual inúmeros sonhos [ou seja, nossas muitas vidas] ocorrem; consulte o *Ekatma Panchakam [Os Cinco Versos sobre a Unidade do Ser]* verso 1, no qual Sri Bhagavan expressa essa ideia.

O que é destruído pelo *Sadguru* não é apenas o drama do nosso presente estado de vigília, mas também o sono muito prolongado do esquecimento do Ser, que é o contexto de todos esses sonhos, nossos muitos nascimentos e mortes.

Assim como o leão visto pelo elefante em seu sonho é falso, mas seu despertar é verdadeiro, assim também o nome e a forma do *Sadguru* são falsos [do ponto de vista absoluto], mas o Despertar [ou seja, o Alvorecer do Autoconhecimento] causado por Ele é muito real. Depois que o elefante acorda do seu sonho, ele saberá que o leão visto por ele não era real, e da mesma forma, após o Alvorecer do Autoconhecimento, saberá-se que até mesmo o nome e a forma do *Sadguru* não são reais [ou seja, a noção de que o *Sadguru* é diferente do Ser, ‘Eu’, será conhecida como falsa].

284. Assim como um veado preso nas mandíbulas de um tigre [não pode escapar], aqueles que são capturados pelo olhar da Graça do *Sadguru* nunca serão abandonados, mas, tendo seu ego e *vasanas* completamente destruídos, realizarão a Verdade não-dual.

Michael James: Esta conhecida metáfora, que foi usada pela primeira vez por Sri Bhagavan em *Quem sou eu?*, vale a pena ser ponderada cuidadosamente. Um veado preso nas mandíbulas de um tigre geralmente seria considerado um objeto de piedade, já que certamente será morto, mas Sri Bhagavan usa isso como uma metáfora para consolar os devotos e garantir-lhes que nunca poderão escapar do *Sadguru*, e certamente serão salvos por Ele. O significado dessa metáfora é um pouco mais claro neste verso do que em *Quem sou eu?*, já que se diz aqui que o *Sadguru* destruirá completamente o ego e os *vasanas* de Seus devotos, dando a entender que Ele é o poderoso Tigre que consumirá o ego, a raiz de toda a miséria. Portanto, por meio desta metáfora peculiar, Sri Bhagavan mais uma vez enfatiza que a única verdadeira Salvação é a aniquilação completa do ego ou individualidade; assim, ‘ser destruído’ é ‘ser salvo’!

285. A mente do discípulo que se impregnou na Luz do *Jnana* - os Pés do *Sadguru* - que é abundante como [a luz do] sol, nunca poderá ser impressa pelas três diferenças distintas, que parecem existir, como se fossem reais, no Ser, a Pura Consciência.

Sadhu Om: As “três diferenças distintas” incluem as tríades [por exemplo, o vidente, o visto e o ato de ver], os três estados [vigília, sonho e sono profundo], os três *gunas* [*sattva*, *rajas* e *tamas*], etc.

Uma vez que um filme fotográfico foi exposto à luz solar, ele perde para sempre sua capacidade de receber a impressão de qualquer imagem. Da mesma forma, uma vez que a mente de um discípulo foi exposta à Luz da Graça do *Jnana-Guru*, ela nunca mais será enganada pelos desejos mundanos, etc. Consulte também *Sri Arunachala Ashtakam*, verso 5.

Michael James: Existem duas versões possíveis do próximo verso:

286a. De que adiantam as palavras faladas quando os olhos do *Sadguru* - que concede *Jnana* através de Seu Silêncio e revela a Luz do Ser que finalmente sobrevive - e os olhos do discípulo se encontram?

286b. De que adiantam as palavras faladas quando os olhos do *Sadguru* - que concede *Jnana* através de Seu Silêncio - e os olhos do discípulo se encontram, já que esse [encontro de seus olhos] por si só revelará a Luz do Ser que finalmente sobrevive?

Michael James: Os dois últimos versos deste verso são retirados do verso 1100 do *Tirukkural*. A frase ‘que concede *jnana* através de seu silêncio’ também pode ser traduzida como ‘que concede silenciosamente *jnana*’, ou ‘que concede silêncio, *jnana*’.

287. *Jnanis* perfeitos sempre disseram e sempre dirão: “Pela mera Graça do *Sadguru*, a Verdadeira Coisa - a final *Brahma-Jnana*, que brilha no puro Silêncio, o raramente alcançável *Vedanta* - surgirá por si só no coração como ‘Eu-Eu.’”

54 Algumas Garantias

288. Pensar de maneira adequada na Graça do Guru, que está além da expressão, e permanecer imóvel, desapegado da falsa [mundo] aparência diante de nós, é apenas Felicidade.

Sadhu Om: Sri Bhagavan costumava dizer: “A Graça é o Ser, que brilha em todos como ‘Eu-Eu’”. Portanto, “pensar de maneira adequada na Graça do Guru” não é nada além de prestar atenção ininterrupta ao Ser. Para mostrar que essa autoatenção é nada mais do que evitar a atenção à segunda e terceira pessoa, é descrito aqui como “permanecer desapegado da falsa aparência do mundo diante de nós”. Permanecer na autoatenção, “sendo imóvel”, não é um estado de preguiça, nem é permanecer como uma pedra no *kashta-samadhi* ou *laya*; é o estado de fazer um esforço ininterrupto em direção à autoatenção. Quando esse estado é compreendido e experimentado como nosso próprio Estado Natural, então a autoatenção se torna sem esforço e isso é *Sahaja Samadhi*.

289. Destrua o ego furtivo, que é o pensamento “Eu sou o corpo”, seja perguntando “Quem sou eu?” ou derretendo-se em nada, sempre pensando com amor nos pés de Deus. O que então restará é a Luz do *Jnana*.

Sadhu Om: Este verso mostra claramente que o ego só pode ser destruído por meio da autoinvestigação ou autoentrega. Deve-se destruir o ego por qualquer um desses dois meios que lhe pareça melhor e mais adequado. De qualquer forma, a destruição do ego é recomendada como essencial.

290. *Shanti* [ou seja, Paz ou Felicidade], que é amada por todos, não pode ser alcançada por ninguém, em lugar algum, a qualquer momento ou por qualquer meio, a menos que a mente seja subjugada pela Graça do *Sadguru*. Portanto, volte-se para Sua Graça com devoção unidirecionada.

291. Se alguém deseja ser salvo, é dado o seguinte conselho verdadeiro e essencial: assim como a tartaruga recolhe seus cinco membros dentro de sua concha, também se deve recolher os cinco sentidos e voltar a mente para o Ser. Isso é felicidade.

Michael James: A última frase também pode significar: “Isso é a conclusão feliz”.

Sadhu Om: Este importante conselho, para retirar a mente dos cinco sentidos e voltá-la para o Ser, não é dado a todos; é dado apenas para o benefício daqueles que desejam se salvar e não para aqueles que ainda esperam inutilmente salvar o mundo. Essas pessoas, que querem salvar o mundo, não encontrarão gosto pela

autoatenção e, portanto, ainda não estão aptas nem mesmo a se salvar, muito menos a salvar o mundo; a menos que alguém tenha aprendido a nadar primeiro, é inútil e fútil pular na água para salvar os outros.

292. Esteja certo de que aquilo que sempre brilha [para todos] é certamente a verdadeira Existência do Ser, “Eu sou”. Quando o verdadeiro Deus é assim realizado como o próprio Ser, sem dúvida ou equívoco, a Suprema Felicidade transbordará.

293. Tendo conhecido com certeza que tudo o que é visto, sem a menor exceção, é apenas um sonho e que ele [o visto] não existe sem o observador, volte-se apenas para o Ser - *Sat-Chit-Ananda* - sem prestar atenção ao mundo de nomes e formas, que é apenas uma concepção mental.

Sadhu Om: Quando se diz “... o visto não existe sem o observador ...”, devemos lembrar que o observador também é um sonho irreal, como o visto.

A instrução: “... volte-se apenas para o Ser - *Sat-Chit-Ananda* - sem prestar atenção ao mundo de nomes e formas ...”, deve nos lembrar que *Brahman* tem cinco aspectos: *Sat*, *Chit*, *Ananda*, nome e forma, dos quais *Sat*, *Chit* e *Ananda* são reais e nome e forma são irrealis; se, em vez de prestar atenção aos irrealis nomes e formas do mundo, prestarmos atenção a *Sat-Chit-Ananda* [ou seja, o Ser], então o mundo será conhecido como *Sat-Chit-Ananda* e não como nomes e formas.

294. A atenção ao próprio Ser, que sempre brilha como ‘Eu’, a única Realidade indivisa e pura, é a única jangada com a qual o *jiva*, que está iludido pensando “Eu sou o corpo”, pode atravessar o oceano de nascimentos intermináveis.

295. A falsa ilusão do *jiva* nunca pode ser perdida, a menos que o Ser - o puro *Sat-Chit*, que é a única Realidade sempre brilhando dentro, sem um segundo - seja realizado.

296. Tendo aniquilado a mente ilusória que sempre habita nas coisas mundanas, tendo matado o ego inquieto e tendo apagado completamente as *vasanas* mundanas, brilhe como Shiva, a pura Consciência em si.

Michael James: O ego é chamado de inquieto porque está sempre surgindo, desaparecendo ou vagando.

297. Não vagueie pelo lado de fora, comendo a areia escaldante dos prazeres mundanos, que são não-Ser; volte para o Coração, onde a Paz brilha como uma vasta sombra fresca e eterna, e desfrute do banquete da Felicidade do Ser.

298. O aspirante, tendo vindo aos pés do Senhor em busca de refúgio, com grande devoção e com um espírito de autoentrega, abandone completamente o desejo por poderes ocultos e *siddhis* e busque apenas alcançar e desfrutar da Felicidade da Libertação, que é em si mesma *Sada-Shivam* [o Senhor Supremo].

Sadhu Om: Este verso é um alerta não apenas para aqueles que desejam adquirir *siddhis*, mas também para os aspirantes que desejam usar os *siddhis* que adquiriram de acordo com seu *prarabdha*. Mulheres, riqueza e fama são as únicas coisas que podem ser obtidas por meio de poderes ocultos e *siddhis*, então, ao nos aconselhar a não desejar esses poderes, Sri Bhagavan está indiretamente nos aconselhando a desistir desses três desejos.

A partir deste verso, aprendemos que Shiva e Libertação são a mesma coisa; em *Atma-Vidya* [A Canção do Autoconhecimento], verso 5, Sri Bhagavan também usa o nome “Annamalai” para denotar o Ser, então devemos entender que em muitos lugares onde palavras como Hara, Shiva, Pés de Shiva, Pés do Guru, etc., são usadas neste trabalho, elas denotam o Ser e não um Deus pessoal. Consulte também o verso 1101.

299. Tendo se submetido à influência da Graça, sempre se deleite na densa e ardente Massa do Conhecimento Supremo, nos Pés de Lord Hara, a Realidade indestrutível, sem ceder às atividades mentais de pensar e esquecer.

300. O homem, a mente-ego iludida, não pode ser libertado da confusão e do medo [do nascimento e da morte], a menos que se submeta buscando refúgio sob a proteção da Graça; pois [por quaisquer outros meios], a força das *karmas* passadas [ou seja, *vasanas*] é invencível.

55 O Uchishtam do Guru

Michael James: Quando a comida é oferecida ao Guru, se a porção restante for dada ao discípulo, é considerada muito sagrada e um sinal das bênçãos e graça do Guru; essa porção restante de comida é conhecida como ‘*uchishtam*’.

301. O *uchishtam* dado pelo Guru ao discípulo são as palavras iluminadoras de instrução, provenientes de sua própria Autorrealização; a maneira correta de participar do seu *uchishtam* é o discípulo permanecer em silêncio no Ser, assim que ouvir essas palavras.

302. Depois de oferecer o ego - o apego ao corpo como ‘eu’ - como alimento ao Todo Supremo - o Guru Silencioso - a realização, pelo discípulo, do Ser, que permanece brilhando no coração, é o ato de comer o *uchishtam* do Guru.

Sadhu Om: O sentimento ‘eu sou fulano’ é o ego, mas quando isso é entregue ou oferecido ao Guru, apenas a porção ‘fulano’ [ou seja, o apego ao corpo] é removida. O que então resta é apenas *Sat-Chit*, ‘eu sou’, que nunca pode ser oferecido ou tomado.

Esse ‘eu sou’ é o Ser, que é descrito aqui como Aquele “que permanece brilhando no Coração”.

303. Diz-se [pelos Sábios] que a mera vida na Terra de um grande *jnani*, que sempre se deleita em *Sat* [ou seja, o Ser], é em si mesma o *uchishtam* supremamente puro de Deus, que removerá todos os pecados do mundo.

Sadhu Om: A ênfase neste verso é que mesmo as palavras, ensinamentos e escritos de um *Jnani* não são necessários, pois sua mera existência na Terra já é suficiente para remover todos os pecados do mundo.

56 Guru Puja (Adorando o Guru)

304. O hábito dos discípulos de adorar seu Guru, que os aceitou como seus, se refletido, é apenas observado como uma formalidade externa, assim como o hábito de uma esposa de, externamente, observar reverência adequada ao marido na presença de outros.

Michael James: Na Índia, é costume uma dona de casa prestar reverência formal ao marido por meio de muitas ações, como sempre sentar-se em um nível mais baixo que ele. Na verdade, no entanto, ambos sabem que essas ações são meras formalidades e que, como são uma só vida, ela não é realmente submissa ou inferior a ele. Da mesma forma, até o discípulo autorrealizado observará as formalidades da reverência externa em relação ao seu Guru, embora ambos saibam que são, na verdade, um só em *Jnana*.

305. Para aqueles que sempre pensam e se apegam aos Pés do *Sadguru*, que é a chama ardente da pura *Jnana*, através da Graça obtida por tal *Guru-bhakti*, suas mentes se tornarão claras e alcançarão *Mei-Jnana* [ou seja, o verdadeiro Conhecimento].

306. Aqueles que têm a sorte de se render aos Pés do seu *Sadguru*, desenvolverão *Para-Bhakti* [ou seja, o Amor Supremo]. Tal *Para-Bhakti* se transformará em *Mei-Jnana*, que queimará completamente todos os outros desejos indignos.

307. Quando Sri Krishna, o Oceano de Graça - tendo Arjuna entre Ele e nós - nos diz “Saiba com certeza que eu vou libertá-lo do cativeiro dos dois tipos de *karmas* se você chegar até mim”, Ele está nos aconselhando a alcançar o Ser.

Michael James: “... tendo Arjuna entre Ele e nós ...” significa que Krishna está dando instruções a todos nós através de Arjuna, assim como um orador fala em um microfone, embora ele esteja realmente dirigindo seu discurso ao seu público.

Os dois tipos de *karmas* são *punya karmas* (ações meritórias) e *papa karmas* (ações desméritas).

308. A adoração [ou seja, a rendição] aos Pés do Guru, com *Guru-bhakti*, é o verdadeiro *mantra*, que destruirá todas as *vasanas* crescentes e concederá *Jnana*, em que não haverá medo da ilusão de *Maya*. Assim você deve saber.

309. Embora se realize todo tipo de adoração ao Guru, que não é outro senão o Supremo Shiva caminhando na terra, perder ‘eu’, o ego, e fundir-se [ou seja, unir-se] a Ele, o Senhor da própria alma, é a melhor das [modalidades de] adoração.

Sadhu Om: Todos os outros modos de adorar o Guru envolvem o uso do corpo, fala ou mente e, portanto, - diferente da fusão do ego no Ser [ou seja, *Jiva-Brahma-Aikya*] - são tais que não podem ser realizados sempre e sem interrupção. Portanto, *Jiva-Brahma-Aikya* é a melhor maneira de adorar o Guru. Consulte também o verso 30 de *Upadesa Undiyar*: “Saber AQUILO que sobrevive à aniquilação do ‘eu’ é o verdadeiro *Tapas!* ...”

310. A grande ilusão causada pelo ego ignorante cria o senso de separação, que concebe as diferenças, como Guru-discípulo, Shiva-jiva, etc. A realização do Estado de Silêncio, onde tal senso de separação nunca surge, é o significativo *Namaskaram* [ou seja, reverência] que se deve fazer ao próprio Guru.

311. Tendo destruído o senso dualístico ‘eu sou o discípulo’ pelo grande Fogo dos Ensinamentos do *Jnana-Guru*, o Senhor, o brilho do Estado de Supremo Silêncio, desprovido de todas as *vasanas*, é a verdadeira maneira de adorar o *Sadguru*. Assim você deve saber.

312. Ao estar bem estabelecido no Conhecimento Supremo [*Guru-Bodham*] - que é uma experiência perfeita, alcançada por meio da investigação interna “Quem é esse ‘eu’ que é adotado [por ignorância]?” - o senso fictício ‘eu sou o discípulo’ [*sishya-bodham*] é completamente aniquilado. Esta é a adoração correta do *Sadguru* a ser realizada por um discípulo digno.

Michael James: “uma experiência perfeita” significa uma que seja completa, contínua e sem dúvidas.

Sadhu Om: O sentido ‘eu sou um *jiva*’ é chamado de *jiva-bodham*, e sua destruição é geralmente conhecida como *Shiva-Bodham*. Da mesma forma, a destruição do *sishya-bodham* [o sentido ‘eu sou um discípulo’] é chamada, neste e em outros versos, *Guru-Bodham*. Assim, *Guru-Bodham* simplesmente significa *Atma-Jnana*, o Estado de Autoconhecimento.

Neste estado, tanto o senso individual da primeira pessoa, ‘eu sou fulano’, quanto o senso de alteridade [segunda e terceira pessoas, como o Guru] não são experimentados. Portanto, o sentido ‘eu sou o discípulo’ não tem existência real e, assim, neste verso, é chamado de fictício.

313. Uma vez que Aquilo que veio na Forma do *Sadguru* não é nada além do espaço vasto e onipresente - como a luz do sol - do Supremo *Jnana*, a nobre atitude de não dar espaço [naquele vasto Espaço] para o surgimento da mente individual [‘eu’] é a adoração digna a ser realizada para o *Sadguru*. Assim você deve saber.

314. Para um discípulo digno, a adoração adequada ao Guru é ter a firme perspectiva de *Jnana-Guru-Bodham*, através da qual o discípulo vê todo o universo - que não é nada além das formas de ‘eu’ e ‘isso’, cada um ligado pelo desejo ao outro - como a Forma de seu Guru. Assim você deve saber.

Michael James: ‘eu’ e ‘isso’ significam o vidente e o visto.

Para o significado de *Jnana-Guru-Bodham*, consulte a nota do verso 312.

315. A dissolução do gelo - o ego, 'eu sou o corpo' - no oceano de *Guru-Bodham*, que brilha como o único Eu bem-aventurado, é a adoração correta do Guru. Assim você deve saber.

316. Naturalmente, nunca dar espaço à perspectiva pecaminosa do ego - que divide a natureza única, ininterrupta e onipresente do Guru em muitas - é a melhor adoração do Guru, que sempre brilha ininterruptamente.

Michael James: Este verso claramente nos ensina a verdadeira natureza do Guru; Ele não é a forma humana limitada, Ele é a Consciência única, ininterrupta e onipresente.

A perspectiva do ego é dita pecaminosa por causa do grande pecado que comete ao dividir e ver o único e real *Sat-ChitAnanda* como muitos nomes e formas irrealis do universo.

317. Depois de entregar o próprio corpo [riqueza e alma] ao *Sadguru*, evitar o crime de *dattapahara* - [ou seja] novamente confundir o corpo, etc. como 'eu' e 'meu' - é a adoração pura do *Sadguru*. Assim você deve saber.

Sadhu Om: *Dattapahara* é o crime de retomar o que já foi dado.

Enquanto um discípulo sentir 'eu sou o corpo' e 'este é o meu corpo', ele não pode ser considerado alguém que se rendeu ao Guru. Em vez disso, ele deve ser considerado alguém que roubou as coisas que já havia dado a outro. Em resumo, a aniquilação do ego é a rendição completa de si mesmo, e isso é a verdadeira *Guru-puja* [adoração do Guru].

318. O desaparecimento da travessura da mente - de deixar os Pés do *Sadguru*, que tomou alguém como Seu próprio ao subjugar o fogo triplo e de se desviar para o deserto ardente dos prazeres dos sentidos - e sua fusão [em Si mesmo], é a adoração digna a ser realizada aos Pés de Lótus do Guru.

Michael James: 'O fogo triplo' são os três tipos de desejo, a saber, por mulheres, riqueza e fama.

Quando uma alma madura encontra seu *Sadguru* pela primeira vez, ele sente imediatamente, mesmo sem qualquer esforço de sua parte, uma grande paz em seu coração e a remoção de todos os desejos mundanos; isso se deve ao poder da Graça que prevalece na presença do *Sadguru*. Essa experiência é o sinal correto pelo qual se pode saber que o *Sadguru* tomou alguém como Seu próprio. Essa sensação de paz pode permanecer em alguém permanentemente ou temporariamente, de acordo com o grau de maturidade, mas, seja qual for o caso, não há dúvida de que este é o sinal de que alguém foi colocado sob a proteção da Graça do Guru. Nos corações das almas menos maduras, a ausência de desejos e a paz, que foram induzidos pela Graça do Guru, parecerão desaparecer após um tempo, e sua mente parecerá desejar coisas mundanas (consulte o *Maharshi's Gospel* Livro I, capítulo 3, p. 18), mas o discípulo não deve desanimar, pensando que foi abandonado pelo Guru. Assim como um veado nunca pode escapar uma vez que foi capturado pelas mandíbulas de um tigre, também aqueles que foram tomados pelo Guru como Seus próprios nunca serão abandonados, mas certamente serão salvos. É apenas como resultado da Graça que todas as *vasanas* mundanas escondidas no coração do discípulo são agora agitadas e trazidas à superfície de sua mente, a fim de serem destruídas pelo poder da discriminação que lhe é concedido pelo Guru, porque só então ele será capaz de entender que a Paz ininterrupta é conquistada pelo próprio Ser. Dessa forma, o Guru faz da paz algo próprio do discípulo, porque até que seja assim encontrada como sua própria natureza, o discípulo não pode experimentá-la permanentemente. Portanto, a alma menos madura é advertida de que, embora seus três desejos triplos sejam uma vez subjugados pela Graça do *Sadguru*, ele não deve se desviar novamente para o deserto ardente dos prazeres dos sentidos. Esse esforço dele é descrito aqui como o digno *Guru-puja*.

Consulte também *Quem sou eu?*, onde a mesma ideia é expressa nas seguintes palavras: "... aqueles que são capturados pelo olhar da Graça do Guru certamente serão salvos e não abandonados. NO ENTANTO, DEVE-SE SEGUIR SEM FALHAS O CAMINHO INDICADO PELO GURU!"

319. A fusão no coração - através do questionamento da natureza do ego, que é uma ilusão na forma de mente - é a adoração correta dos Pés de Lótus do supremo *Mouna-Guru*, que está além da mente.

Michael James: Como o Guru não é nada além do supremo *Mouna* (Silêncio) que está além da mente, qualquer adoração realizada pela mente não será adequada. Ao fundir a mente no coração, apenas o Silêncio prevalece, e esse é o meio certo pelo qual Ele pode ser adequadamente adorado.

320. A adoração correta dos Pés de Lótus do Guru, que brilha como o vasto Espaço Supremo, é a prevenção do surgimento e propagação da nuvem escura da perspectiva errônea do ego, que, embora se comporte como o corpo, finge ser *Sat-Chit* [Existência-Consciência - ou seja, o Eu].

Michael James: A perspectiva errônea do ego, descrita aqui como uma nuvem escura, é ver uma multiplicidade de nomes e formas, todos irrealis. Essa nuvem escura obscurece a Realidade sem nome e sem forma, que é a verdadeira natureza do Guru, e, portanto, a adoração correta do Guru é a prevenção do surgimento do ego.

57 A Grandeza do Guru

321. Embora alguém tenha se livrado de todos os vícios, adquirido todas as virtudes, renunciado a todos os parentes e observado todas as austeridades prescritas pelos *Shastras*, pode-se alcançar a Bem-aventurança Eterna, a menos que se encontre com o *Jnana-Guru*? [Não, não pode!]

322. É certamente impossível para alguém alcançar e desfrutar da Bem-aventurança Suprema da Libertação, o ganho supremo, a menos que receba a Graça do *Sadguru*, que brilha como o todo único, que põe fim às diferenças de [díades e] tríades.

323. O *Sadguru* - o todo único e ilimitado, que permeia este e todos os outros mundos, e todo o tempo e espaço, e que brilha como 'Eu' dentro e como tudo fora - é Ele que reside nos corações de Seus discípulos íntimos como o Pilar de Luz do Conhecimento, a Lâmpada divina que não precisa ser acesa.

324. Ao se aproximar do *Sadguru* e depender completamente de Sua Graça, com grande *Guru-bhakti*, não se terá miséria neste mundo e viverá como Indra.

Michael James: Indra é o rei dos *devas* e possui todos os prazeres do céu a seus pés.

325. Sentado no trono do coração de Seus discípulos amados, o Durbar do *Sadguru* - que destruiu todos os males do discípulo - tem uma grandeza semelhante a uma montanha. Aqueles que o experimentaram [através da perda de sua individualidade] não podem expressá-lo, e aqueles que falaram sobre ele nunca o experimentaram; este é o veredicto dos *Vedas*, dado pelos verdadeiros Devotos [ou seja, *Jnanis*].

326. A grande, natural e doce auto-adesão [*Sahaja Atma-Nishta*] do *Sadguru*, que está desprovido do sentido do ego, é a poderosa Espada que pode cortar profundamente e remover o nó do coração [*hridaya-granthi*] de Seus discípulos amorosos.

Sri Muruganar: Este verso descreve o poder da auto-adesão do *Sadguru*. Porque externamente Ele está sentado calmamente, não se deve chegar à conclusão de que Ele não está concedendo Graça, já que Sua auto-adesão natural é em si a Graça. Se alguém se sentar calmamente diante Dele, essa verdade se revelará automaticamente.

327. Aplicar-se à autoinvestigação - como resultado de uma educação e entendimento adequados - não se desviar pelos sentidos insignificantes e estar firmemente estabelecido no Coração como a simples Auto-Efulgência, é realmente seguir o *Upadesa* do *Sadguru*.

58 Associação com *Sadhus*

328. As pessoas sábias nunca se associarão com aquelas que são vaidosamente argumentativas e que, em vez de subjugar-se interiormente através do conhecimento do caminho justo, mastigam suas bocas vazias, devido à falta de qualquer objetivo digno.

Michael James: "Aqueles que mastigam suas bocas vazias" é um idioma tâmil que significa aqueles que falam muito, mas sobre assuntos sem valor.

329. Muitos males podem acontecer a alguém se se associar àquelas pessoas loucas cujas belas bocas apenas tagarelam, mas cujas mentes permanecem confusas. A melhor associação a ter é apenas com aqueles que habitam no Supremo Silêncio, por terem aniquilado suas mentes.

330. Ó mente, desista imediatamente e corte sua conexão com aquelas pessoas perversas que seguem o caminho errado, sempre argumentando a favor do injusto; associe-se, em vez disso, com *Jnanis*, que sempre permanecem no Estado de Paz, desprovidos de confusão.

331. Como todos os vícios nascem apenas do entusiasmo fictício, causado pela perda da atenção ao Eu [*pramada*], o Estado Feliz de *Mei-Jnana* [Conhecimento Verdadeiro], onde o ego - que é esse entusiasmo ignorante em si - é aniquilado, é todas as virtudes.

332. Apenas os *Jnanis* imaculados são verdadeiramente virtuosos; outros [*ajnanis*] têm natureza inferior. Portanto, para sermos salvos, devemos nos aproximar apenas daqueles Virtuosos que sempre permanecem na Verdade, tendo se livrado da falsa ilusão mundana.

59 A Grandeza dos Devotos

333. Além da fala está a grandeza daqueles que conquistaram o privilégio de se tornarem presas do olhar da Graça do *Sadguru*, que amadureceu como o Fruto - o Supremo Ser - em razão da conquista invencível do Conhecimento do Ser.

334. Escondendo Sua própria Forma, assumindo outra forma como ser humano, o Senhor Shiva entra no grupo de Seus devotos iluminados, que têm devoção inabalável a Ele, como se Ele fosse um deles, sentindo imenso prazer em sua santa companhia.

Sri Muruganar: Assim, Sri Bhagavan indiretamente nos diz que o *Sadguru* não é senão o próprio Shiva.

335. A grandeza dos Devotos não pode ser limitada. Os Devotos são maiores do que Brahma e Vishnu, que frequentemente servem aos Devotos como se fossem seus escravos. É apenas a grandeza dos Devotos que os *Vedas* proclamam.

60 Brahma Vidya

336. Os videntes da raramente vista Verdade dizem: "*Brahma-Vidya*, que vale a pena aprender para o aspirante, é ver [a verdade de] o vidente que vê o mundo, em vez de ver o mundo que é visto".

337. *Brahma Vidya* não é nada além de ver Aquilo que permanece quando todos esses três - o mundo semelhante a uma miragem, o vidente desse mundo e o ver dos olhos brilhantes - são queimados sem deixar rastro.

Michael James: “Todos esses três”, a que se refere este versículo, são a tríade (ou seja, *triputi*), o visto, o vidente e o ver.

61 A Verdade em Todas as Religiões

338. “Quem sou eu?” - o escrutínio da verdade indispensável do próprio Ser - é a única corrente vital que passa por todas as religiões que vieram para nos salvar. Assim você deve saber.

Michael James: A verdade do próprio Ser é considerada indispensável porque todas as outras coisas dependem dela, e sem ela não poderiam brilhar nem existir.

339. Assim como a corda que é passada por todas as contas é apenas uma e não muitas, assim o Senhor Supremo existe e brilha como a única Luz em todas as religiões, e assim Ele também existe e brilha, não como outro, mas como o único Ser [‘Eu sou’] em todas as inúmeras criaturas.

Sadhu Om: Consulte também o *Sri Arunachala Ashtakam* verso 5.

340. Assim como uma chama parece ser muitas luzes quando acesa em muitos lampiões, é o único Ser que parece ser muitos indivíduos diferentes [*jivas*] quando é visto através de muitos atributos diferentes [*upadhis*].

341. Se não houvesse, em cada religião, pelo menos uma palavra que pudesse revelar a Suprema Coisa transcendental no Coração, tão claramente quanto uma montanha em um plano, então todas as pesquisas e argumentos encontrados nas escrituras dessa religião se tornariam nada além do alvoroço de um mercado de gado.

Sadhu Om: Afirma-se neste versículo que pelo menos uma palavra ou ditado [*Mahavakya*] que facilmente revela o fato de que o Ser é a Suprema Realidade será encontrado em todas as verdadeiras religiões existentes na Terra. Alguns dos apontados por Sri Bhagavan são:

no hinduísmo - “Tat twam asi”, “Aham Brahmasmi”, etc.

no islamismo - “Ana’l-Haq”; [ver versículo 962] no judaísmo e cristianismo - “EU SOU O QUE EU SOU”.

Essas palavras mostram claramente que Deus é a Realidade da primeira pessoa, ‘Eu’.

342. Diversas religiões ensinando diversos princípios vieram à existência para se adequar aos diversos níveis de maturidade das mentes das pessoas. Portanto, é mais sábio ter uma visão de igualdade sobre essas religiões, que devem ser encorajadas [e não condenadas].

62 A Visão do Ilimitado

343. Para aquele que obteve o Olho do Autoconhecimento mergulhando profundamente dentro de si mesmo, não há outra coisa a ser vista ou conhecida. Por quê? Porque, tendo perdido o conhecimento errado de que ele é a forma do corpo, ele se conheceu corretamente como o Sem Forma.

Sadhu Om: De acordo com o ditado: “Como o olho, assim é a visão” [referindo-se ao *Ulladu Narpadu* versículo 4], enquanto nos conhecermos como o nome e a forma de um corpo, veremos o mundo e Deus como nomes e formas, e daí eles também parecerão separados de nós. Mas quando percebemos que não somos a forma do corpo, então o mundo e Deus, que antes apareciam como meros nomes e formas, desaparecerão, e o Ser sozinho brilhará como o Único Sem Forma e Ilimitado. Para aqueles que estão neste Estado de Autoconhecimento, nada restará para ser visto ou conhecido.

Consulte também o versículo 54 desta obra.

344. Aqueles que buscaram a Deus dentro do templo móvel, este corpo, e o viram aqui claramente e sem qualquer confusão, certamente o verão brilhando mesmo no vasto templo, este maravilhoso universo.

Sadhu Om: O original em tâmil também permite que a última linha deste versículo seja interpretada como: “... certamente o verão nos ídolos instalados em todos os templos que foram maravilhosamente construídos neste mundo”.

345. Para aqueles que conheceram sem ilusão a verdade de Deus - como Ele reside e brilha dentro, como a Alma para a alma - mesmo a presença de um verme, que geralmente é rejeitado pelos outros, brilhará como a amada Presença do Senhor Supremo.

Michael James: “A Alma para a alma” significa o Ser (*Atman*), que é a Fonte e a Vida da alma individual (*jiva*).

346. Para aqueles que brilham como o Ser, que é a Graça - já que sua mente, que é a forma da ignorância, morreu - tudo e todo lugar serão encontrados como supremamente Felizes em sua visão divina, que emergiu como Autoexistência.

347. Para aqueles que veem com seus olhos físicos, Deus parece ser uma forma lustrosa; aos olhos dos grandes iogues, Ele aparece como seu lótus do coração; para os *brahmíns* que realizam *yajnas*, Ele aparece como o fogo do *yajna*; mas apenas para os *Jnanís*, que têm o Olho do Ilimitado, Ele aparece em todos os lugares.

Sadhu Om: Aqueles que veem Deus como uma forma lustrosa, um lótus do coração ou um fogo, estão apenas vendo uma imagem mental, e assim para eles Deus é visível apenas naqueles lugares específicos e limitados. Mas como a mente do *Jnani*, que era limitada pelo tempo e espaço, foi destruída, Ele sozinho alcança a Verdadeira Visão de Deus, e daí Ele vê Deus em todos os lugares. Assim, é enfatizado neste versículo que apenas um *Jnani* é capaz de ver verdadeiramente tudo como Deus, e que os outros só podem tentar imaginar a existência de Deus em tudo.

348. Apenas permanecer como o Olho [ou seja, o Ser], que é o Único Espaço da Consciência, tendo aniquilado a ideia ‘eu sou a forma do corpo’ e tendo perdido todas as concepções da mente travessa, é ver Deus de maneira correta e perfeita.

Michael James: Consulte também o verso 8 de *Ulladu Narpadu*, conforme explicado em *The Path of Sri Ramana* Parte II, Apêndice 4b, pp. 232-234.

349. Quando os sentidos astutos são controlados, quando as concepções mentais são removidas e quando alguém se estabelece de forma inabalável como o Ser no Coração, então o Conhecimento que brilha nesse Estado de firme Permanência no Ser é o verdadeiro Deus [Shiva].

350. Essa Verdadeira Visão, que está desprovida de ilusão e engano, é o Estado em que alguém brilha como o Oceano de Bem-aventurança. Apenas no Supremo Silêncio que é assim alcançado na Permanência do Ser, a alma nunca mais terá uma queda.

63 A Perda da Individualidade

351. Quando escrutinado, existe alguma coisa tal como o ego, o causador de problemas, exceto um mero nome [‘eu’]? Certamente não! Se de fato algo existe [para o nome ‘eu’], é verdadeiramente o Ser, assim como a coisa que existe para a falsa [nome] cobra é verdadeiramente uma corda.

Michael James: A falsidade do ‘eu’, o ego, é enfatizada neste versículo. Consulte também os versos 19, 20 e 21 de *Upadesa Undiyar*.

352. Quando o ego morre, sua base, o supremo Ser, brilha em toda a sua plenitude. Nenhum dano ocorre a você, Ser, quando o ego morre. Portanto, não tenha medo.

Michael James: A última frase também pode significar ‘Portanto, não se preocupe’.

353. Aqueles que sacrificaram sua mente como uma oferta a Shiva no fogo ardente do supremo *JnanaTapas* [ou seja, autoinvestigação], são o próprio Shiva. Sabendo disso, devemos também realizar este Sacrifício e atingir o Estado do Shiva sem forma.

Michael James: A segunda frase também pode ser traduzida como ‘Sabendo que eles [*Jnanis*] são o próprio Shiva, devemos adorá-los e, assim, alcançar o Estado do Shiva sem forma.

354. Não duvide, com medo, do que acontecerá quando você perder completamente sua individualidade [*jiva-bodha*]. O verdadeiro Estado do Ser será então seu, assim como alguém permanecerá permanentemente firme no chão quando perder o apoio no galho de uma árvore.

Sadhu Om: Devotos imaturos costumavam perguntar a Sri Bhagavan: “É apenas este indivíduo *jiva* que anseia por todos os tipos de realizações, incluindo *moksha*, então, se essa individualidade for destruída pela *vichara*, como pode ser alcançada a *Moksha* e por quem?” Por isso, neste verso, Sri Bhagavan assegura a tais pessoas, dizendo: “Não tema, quando o ego ou individualidade for aniquilado, o Estado que permanece revelará a Si mesmo como o verdadeiro Estado do Ser, no qual tudo é realizado”.

Há um antigo ditado em tâmil que diz que se alguém perder o apoio em um galho, será arruinado, e é bastante estranho e bonito que Sri Bhagavan use a mesma metáfora para nos assegurar que a perda da individualidade é a mais alta realização e que não deve ser temida. A importância dessa metáfora pode ser melhor compreendida a partir da seguinte história: Um homem foi visto em pé sob uma árvore, mas se agarrando a um galho acima de sua cabeça, como se fosse por sua própria vida. Quando seus amigos perguntaram por que ele estava se agarrando com tanto medo ao galho, ele respondeu que, se soltasse, cairia no chão. Imaginando sua tolice, seus amigos apontaram que ele já estava de pé no chão e, portanto, não tinha nada a temer; depois de muito esforço, eles o convenceram a soltar o galho, e então ele descobriu a verdade de suas garantias. Aqueles que temem perder sua individualidade são exatamente como esse homem; mas, ao se apegarem à sua individualidade, não estão ganhando nada e, se uma vez soltarem, saberão por si mesmos que são sempre o Ser Sempre-Abençoado e que nunca houve nada para temer.

355. Uma vez que no sono, onde o mundo perde sua realidade, todos conhecem verdadeiramente sua existência e a não existência de ‘Eu sou isso’ [ou seja, sua individualidade], todos devem aceitar a Realidade do indestrutível Ser.

Michael James: Consulte o verso 21 do *Upadesa Undiyar*.

356. O Estado em que o pensamento ‘Eu’ [ou seja, o ego] não surge nem um pouco é o Estado ‘Eu sou *Brahman*’. Alguém deixa de existir no sono, onde o pensamento ‘Eu’ não surge?

Sadhu Om: Fica claro neste verso que, assim como não experimentamos a perda de nossa autoexistência no sono, onde a individualidade desaparece, também no *Jnana*, onde a individualidade é destruída permanentemente, não há perda para NÓS, a autoexistência. Portanto, não há necessidade de temermos a perda da individualidade.

A ideia na primeira frase deste verso também é expressa no verso 27 de *Ulladu Narpadu*.

357. Se analisarmos adequadamente, o estado de ausência do 'Eu' é o nosso verdadeiro Estado de Consciência, no qual a inércia do corpo carnal é totalmente removida. Não sobrevivemos à perda da individualidade [no sono] sem sermos afetados? Conheça essa verdade permanecendo no Estado de Sono-Vigília [ou seja, *Turiya* ou *Jnana*].

358. Permanecer sem 'Eu' é o Estado de *Jnana* - Ser; verdadeiramente, é o Estado feliz e pacífico 'Eu sou Shiva'. Saiba que o mesmo é o Estado *Kaivalya* [ou seja, Não-dual] de *Brahma-Nirvana*, que é glorificado como o Estado de transcender o nascimento e a morte.

Sadhu Om: Consulte o verso 13 de *Ulladu Narpadu Anubandham*, no qual a ausência do ego é considerada o Estado de toda grandeza.

64 O Puro 'Eu' (*Suddhahankara*)

359. Quando o ego, 'Eu sou o corpo', é aniquilado, o 'Eu' ilimitado e ininterrupto [Ser] brilha intensamente. O brilho desse 'Eu' não é fictício como o ego, que nasce em um corpo sujo na terra e sofre em cativeiro.

Sadhu Om: O sentimento 'Eu sou o corpo' é o ego. Nessa consciência mista, o atributo 'o corpo' é a única impureza. Quando essa impureza, a identificação com o corpo, é removida, o que permanece como 'Eu sou' é o Ser, que também é chamado de puro 'Eu' ou *Suddhahankara*.

360. Saiba que o coração natural, ininterrupto e sempre existente, 'Eu', que brilha livre de ilusão, é o *Suddhahankara* [puro 'Eu'] que é visto nos *Jivanmuktas*, já que não tem senso de autoria em nenhuma atividade.

361. Aqueles que vivem uma vida perfeita de *Mei-Jnana*, alcançada pela destruição do ego impuro - 'Eu sou este corpo carnal' - se deleitarão no Ser, desatentos ao corpo, com grande paz desprovida de desejo.

65 O Desabrochar do Ser

362. Apenas quando a própria Fonte, o Coração, for conhecida através da investigação, a falsa primeira pessoa, 'Eu', cairá; e somente quando essa falsa primeira pessoa cair envergonhada, a verdadeira Primeira Coisa, o Ser, surgirá em toda a sua Glória.

363. Quando o fantasma insubstancial, o ego - que surge das trevas da ignorância e cuja dança é o próprio universo - é investigado, ele desaparece como o amigo do noivo [na história] e, quando desaparece, o Ser, o Sol, se ergue rasgando as trevas da ignorância, *Maya*.

Sadhu Om: Um estranho entrou uma vez em uma casa de casamento e se apresentou ao grupo da noiva como o melhor amigo do noivo; e com o grupo do noivo, ele se apresentou como se fosse um membro da família da noiva. Assim, durante cinco dias, ele passou seu tempo feliz, comendo bem e dando ordens aos empregados, mas no último dia, quando começaram a ser feitas perguntas sobre ele, ele desapareceu. Da mesma forma, o ego se ergue e se apresenta tanto como *Chit* [Consciência - a natureza do Ser] ou como *jada* [inércia - a natureza do corpo], embora realmente não pertença nem ao Ser nem ao corpo. Assim, ele desfruta de sua posição especial até ser investigado, momento em que desaparece.

364. O fim do ego, ao se afogar no Espaço do Silêncio, é a nossa [verdadeira vida de] viver como o Espaço de *Jnana*. Portanto, quando o ego desaparece, como um falso sonho, em sua Fonte, o verdadeiro 'Eu' [Ser] brilhará espontaneamente.

365. Este corpo é a cruz. O ego - a identificação 'Eu sou o corpo' - é Jesus. A eliminação do ego através do autoquestionamento é a crucificação de Jesus. A sobrevivência do Ser após a morte do ego e seu brilho como a Suprema Coisa é a Sua Ressurreição.

Michael James: Consulte o verso 973.

366. A morte do ego no ilimitado Silêncio - a Verdade não-dual - e o brilho do Ser é a *Kaivalya-Siddhi* [ou seja, a realização da Unicidade]. Nesse estado de *Jnana*, a pura bem-aventurança brilhará gloriosamente como a nossa própria [verdadeira] natureza.

66 Se livrando das misérias

367. Se o *jiva*, que está sempre iludido e sempre sofrendo de um sentimento de insuficiência, quiser se livrar de todas as suas misérias e ser feliz, ele só precisa conhecer o Supremo, seu Senhor, como seu próprio Ser.

368. Nem mesmo a menor das misérias cessará, a menos que se conheça Aquilo que, ao esquecer, torna-se iludido pelo poderoso agente - a *Maya* mundana.

369. Deixe aquele que chora pela morte de sua esposa e filhos, chorar primeiro pela morte de [seu] ego - 'Eu sou o corpo' - e cuidar de seu próprio Ser; então todas as suas misérias morrerão completamente.

370. Se você ama os outros apenas por seus corpos ou suas almas [ou seja, seus egos], sofrerá com a dor quando seus corpos morrerem e suas almas partirem. Portanto, para se libertar de tal dor, tenha um verdadeiro Amor em direção ao Ser, que é a verdadeira Vida da alma.

Michael James: A alma de uma pessoa é nada mais que seu ego, a identificação 'Eu sou o corpo'. A verdadeira Vida é o Ser, e não a alma ou o ego.

67 Sem desejo (*Nirasa*)

371. O desejo faz até mesmo um átomo parecer tão grande quanto o Monte Meru antes de ser alcançado, e vice-versa depois de ser alcançado, e assim [o desejo] torna alguém sempre pobre. Portanto, nunca vimos um abismo sem fundo tão impossível de preencher quanto o desejo, que nunca pode ser satisfeito.

372. Ó aspirantes de bom coração que desejam a perfeição, em vez de tentar evitar a pobreza - que é uma deficiência criada pela mente - adquirindo riqueza, é melhor adquirir *shanti*, paz mental.

Muruganar: A pobreza é realmente criada não por uma deficiência de riqueza, mas pela deficiência da mente inquieta e desejosa. Portanto, a pobreza não é removida adquirindo-se riqueza, mas apenas aquietando a mente.

373. A mente que se afoga no amor pelos Pés do Senhor começará a dançar em êxtase, pulando como antes na ilusão da vida conjugal e do prazer sexual?

374. Sábios, os Conhecedores da Verdade, declaram que a destruição de todas as atividades mentais [*chitta-vrittis*] é a única maior Felicidade. Portanto, a falta de desejo [ou seja, a atitude de indiferença], que está desprovida de gostos e desgostos, é o melhor meio.

375. Aqueles que têm desejo são afligidos pela terrível raiva quando seu desejo é obstruído, e assim é certo que o desejo é inerente à raiva. Portanto, quando todos os [seis] vícios estão morrendo, o desejo morre por último.

Michael James: Os seis vícios são desejo, raiva, avareza, confusão (ou seja, a incapacidade de discernir a verdade), orgulho e inveja.

376. Quando se diz que ter desejo até mesmo pelo supremo Estado de Silêncio é deixar de observar o grande *Sat-Achara*, é *Achara* ter desejos pelo corpo sem valor e outras coisas mundanas?

Sadhu Om: *Achara* significa observar princípios elevados na vida, e ter qualquer tipo de desejo é *anachara*. O maior de todos os princípios é *Sat-Achara* [ou *Brahmachara*], que não é nada além de permanecer como *Sat* [ou seja, o Ser].

Para quem está observando *Sat-Achara*, que é o estado perfeito de Amor, mesmo o desejo pela Libertação deve ser considerado errado, porque o desejo implica um movimento da mente em direção a uma segunda ou terceira pessoa, enquanto o Amor tem a forma de Existência ininterrupta e imóvel. Este é o significado do antigo ditado: “Corte o desejo até mesmo por Deus”.

Embora o significado de *Achara* deva ser entendido dessa maneira, encontramos em nosso meio pessoas que se gabam de estar observando *acharas* e que, portanto, certamente estão acima de todos os outros na vida. Eles mantêm a intocabilidade, se escondem enquanto comem, têm muito cuidado em vestir suas roupas de uma maneira específica, etc., mas ao mesmo tempo estão confundindo o corpo sujo com eles mesmos e têm inúmeros desejos feios. O comportamento deles pode ser considerado *Achara*? Certamente não. Portanto, a menos que se alcance *Atma-Nishta* [ou seja, perfeita permanência no Ser], toda a jactância sobre observar *acharas* não tem sentido.

377. Aquele que nunca pensa: “Eu quero isso; Não tenho aquilo”, estará sempre satisfeito apenas com as coisas que lhe vêm de acordo com seu *prarabdha*. Será que tal pessoa deixará seu estado de contentamento e se preocupará tola?

378. Exceto para aquele que cortou completamente o laço dos desejos, a falsa aparência [de que ele é um *jiva* sofrendo] não cessará. Portanto, sem hesitação, deve-se cortar até mesmo o desejo pela grande Felicidade Divina.

Michael James: Consulte novamente o verso 376 e sua nota.

379. Ó mente tola que sofre devido ao desejo pelos prazeres insignificantes deste mundo e do próximo, se você permanecer quieta [ou seja, sem desejo], certamente alcançará aquele Estado de Bem-aventurança que certamente transcende os prazeres desses dois.

68 Escravidão e Liberdade

380. A aniquilação da ilusão da liberdade do indivíduo é a realização da Liberdade indolor do Ser. Este é o único conhecimento supremo que existe igualmente em todas as religiões, que têm tantos ramos.

Sadhu Om: Uma vez que *Dharma* [ou seja, retidão] é a raiz de todas as religiões e que a ausência do ego é a essência de todos os *dharma*s, é mostrado aqui que a ausência do ego é a única Verdade, existindo igualmente em todas as religiões.

381. Os renascimentos, causados pela ignorância de não conhecer o Ser, não cessarão por nenhum outro meio [a não ser conhecendo o Ser]. Somente o verdadeiro Conhecimento do Ser, que brilha após a aniquilação da densa ilusão - o ego, ‘Eu sou o corpo’ - cortará a escravidão.

382. Grandes *Jnanis*, que nunca veem nada como escravidão, exceto o surgimento de inúmeras *chitta-vrittis*, também não veem nada como Libertação, exceto a morte de todas as *chitta-vrittis*. Esta é a Verdade!

383. A mente [impura], que se ilude como se fosse limitada, é o *jivatman* [ou seja, a alma individual], que sofre como se estivesse presa. Se permanecer quieta, sem gostos, desgostos ou

admiração, essa [pura] mente é em si mesma o *Paramatman* [ou seja, o Ser].

Michael James: A frase em tâmil traduzida aqui como “como se fosse limitada” também pode significar “como se fosse um bêbado,...”.

69 Autoinvestigação

384. Abandonando a atitude de investigar externamente cada vez mais, “Quem é você? Quem é ele?”, é melhor sempre investigar internamente com grande interesse sobre si mesmo, “Quem sou eu?”

385. Se alguém atende ao centro de si mesmo com uma mente aguçada para saber “Quem sou eu?”, a identificação ‘Eu sou o corpo’ morrerá e a Realidade brilhará como ‘Eu-Eu’. Então, todas as diferenças ilusórias, que são como a cor azul vista no céu, desaparecerão.

386. Todas as dúvidas e questões relacionadas à dualidade e à alteridade serão destruídas pela pergunta “Quem sou eu?”. Essa pergunta, “Quem é esse ‘eu’ que duvida e pergunta sobre outras coisas?”, se revelará como o *Brahmashtra* e destruirá a aparência de toda a alteridade, que não é nada além de escura ignorância.

Michael James: O *Brahmashtra* é a maior e mais poderosa Arma Divina.

387. Ao destruir o ego travesso e inquieto através do questionamento “Quem é esse ‘eu’ que vê o mundo exterior através dos sentidos enganadores?”, permanecer permanentemente em *Mei-Jnana-Para-Nishta* é verdadeiramente o meio para alguém alcançar a Liberdade.

Michael James: *Mei-Jnana-Para-Nishta* significa a suprema permanência como o verdadeiro conhecimento.

388. O indivíduo que investiga sua verdadeira natureza, “Quem sou eu?”, morrerá como o Ser sem ‘eu’.

Sadhu Om: Isso é como dizer, “O rio morrerá como o oceano”; ou seja, o ego morrerá através do questionamento, e Aquilo que sobreviverá à sua morte é o Ser sem ‘eu’.

389. Restringir a mente de ir para fora [através dos sentidos] e fixá-la sempre em sua Fonte, o Ser, que é conhecido como o Coração, de modo que o vão pensamento ‘eu’ não surja novamente, é o *Atma-Vichara* [autoinvestigação].

Sadhu Om: Consulte *Who am I?* onde é dito, “... Manter sempre a mente fixa no Ser - isso por si só é *Atma-Vichara* ...”

390. Para conhecer a Coisa Suprema, que brilha no coração como Existência-Consciência, é inútil procurá-la [como Deus] fora com grande entusiasmo, em vez de lentamente e com firmeza atentar para ela [como ela é] permanecendo em solitude. [Procurá-la fora é] como tentar mergulhar na água com uma lamparina nua na mão, a fim de encontrar uma pessoa que se afogou em uma inundação.

Michael James: Uma lamparina nua se apagará ao entrar em contato com a água e, portanto, não ajudará a encontrar a pessoa desaparecida. Da mesma forma, se a atenção de alguém estiver voltada para a segunda e terceira pessoa, isso não ajudará a encontrar a Coisa Suprema, que é a Realidade da primeira pessoa.

Consulte também o *Sri Arunachala Ashtakam* versículo 4, onde procurar Deus fora enquanto ignora Arunachala, que brilha como Existência-Consciência (ou seja, o Ser) é comparado a pegar uma lâmpada para procurar a escuridão.

391. O Ser, que brilha dentro das cinco bainhas, deve ser atendido dentro do Coração. Em vez de fazer isso, investigar isso nas escrituras é apenas uma investigação das escrituras - como pode ser uma autoinvestigação?

Sadhu Om: Consulte *Who am I?* onde é dito, “... O Ser está dentro das cinco bainhas; mas as escrituras estão fora das cinco bainhas. Portanto, buscar o Ser nas escrituras quando ele deve ser encontrado dentro, negando as cinco bainhas, é inútil ...”

392. Quando *mano-laya* é obtido restringindo a respiração, deve-se investigar atentamente, usando uma mente tão pacífica que agora está condensada das cinco [conhecimentos sensoriais] dispersos na consciência ‘eu’, e conhecer aquele *Sat-Chit* que não é o corpo.

Michael James: Veja também o versículo 516.

Sadhu Om: *Mano-laya* é um estado em que a mente não conhece objetos e é de dois tipos - sono e *kevala-nirvikalpa-samadhi*. No sono, a mente não recebe luz do Ser, e em *kevala-nirvikalpa-samadhi*, embora a mente receba luz do Ser, ela permanece apenas como o pensamento ‘eu’ e as *vasanas* não são permitidas a funcionar, nem são destruídas. Quando se acorda de qualquer tipo de *mano-laya*, as *vasanas* começam a funcionar como antes, e nenhum progresso é feito em *laya*, por mais tempo que se permaneça nele. Portanto, é dito que não é suficiente parar com *mano-laya*, mesmo que seja *kevala-nirvikalpa-samadhi*.

Laya ocorre porque a mente é contida de habitar sobre objetos sensoriais externos, mas embora a mente não esteja divagando e, portanto, esteja pacífica neste estado, não se pode progredir ainda mais.

Sempre que a mente acorda de *laya*, ela estará calma e pacífica [ou seja, não estará vagando em direção aos objetos], e portanto, deve-se fazer uso de uma mente tão pacífica, direcionando-a para a atenção ao Ser; porque somente através da atenção ao Ser pode ser alcançado *mano-nasha* [ou seja, destruição da mente].

Este versículo mostra claramente o que Sri Bhagavan quis dizer em *Upadesa Undiyar* versículo 14, onde Ele escreveu que a mente que foi aquietada pelo controle da respiração será destruída se for envolvida no “caminho único” [“*vazhi*” em tâmil, “*eka chintana*” em sânscrito]. Esse “caminho único” não é nada além da autoinvestigação, como este versículo deixa claro, e assim podemos certamente concluir que todas as outras interpretações registradas em alguns outros livros não estão corretas.

393. Aqueles que seguem o caminho puro da autoinvestigação nunca são descarrilados porque, como o sol, este caminho supremamente direto revela a eles sua própria clareza incontestável e singularidade.

Sri Muruganar: Ao contrário de *karma*, *bhakti*, *yoga*, etc., que analisados criticamente, têm que ceder aos outros caminhos, mudando seu rumo e se curvando um pouco, a autoinvestigação nunca tem que ceder e mudar seu rumo, por causa da singularidade do Ser. Por isso, Sri Bhagavan chama o caminho da autoinvestigação de caminho puro e direto. Além disso, como é necessário pelo menos um pouco de atenção ao Ser para alcançar o objetivo final, mesmo que se esteja avançando por algum outro caminho, esse caminho é chamado de caminho supremo por Sri Bhagavan.

Como este caminho é comparado ao sol, devemos considerar o Ser como o sol e a autoinvestigação como seu raio.

394. Como a morte não é nada além de *pramada*, aqueles que desejam conquistar a morte devem sempre evitar a *pramada*; e como isso é essencial, não há regra que prescreva um tempo ou lugar para investigar o Ser.

Michael James: *Pramada* significa inadvertência, ou seja, desistir no caminho do que foi empreendido; aqui *pramada* denota negligência na atenção ao Ser.

Assim como a morte, *pramada* pode acontecer a qualquer momento ou em qualquer lugar, e, portanto, a atenção ao Ser deve ser mantida com vigilância em todos os momentos e em todos os lugares.

395. Uma vez que tempo, lugar, etc., que parecem existir, não podem ter uma existência real própria separada do *Brahman* indiviso e perfeito, nenhum deles pode ser inadequado para a prática da autoinvestigação.

Sadhu Om: A palavra tâmil para ‘inadequado’ [*vilakku*] também pode significar ‘alvo’, e assim a seguinte interpretação alternativa também pode ser considerada: “... nada limitado por eles [ou seja, tempo, lugar, etc.] deve ser tomado como alvo para meditação”.

Ao considerar este significado alternativo, “tempo, lugar, etc., que parecem existir”, deve ser entendido como significando todo este universo de nomes e formas [que são todos segunda e terceira pessoas]. Portanto, somos informados neste versículo de que não devemos tomar como objetos de meditação nenhuma segunda ou terceira pessoa, como: (a) um lugar para o coração no lado direito do peito; (b) qualquer *chakra* ou centro no corpo; (c) qualquer nome ou forma de um Deus ou Deusa; (d) qualquer luz ou som divino; etc. Consulte também o versículo 184, onde a mesma ideia é expressa.

396. O esforço incessante para voltar a mente - que está sempre voltada para o exterior devido à força do hábito [cultivado em nascimentos passados] - para o Ser, através da autoinvestigação “Quem sou eu?” é [o significado de] a grande guerra travada entre *devas* e *asuras* [descrita nos *Puranas*].

Sadhu Om: Na Índia, muitas histórias são registradas em livros conhecidos como os *Puranas*, que contam as guerras travadas entre *devas* [deuses] e *asuras* [demônios]. Essas guerras não devem ser consideradas apenas mitos ou eventos que aconteceram apenas no passado distante, elas estão ocorrendo mesmo hoje. São a batalha constante que está sempre sendo travada na vida de um *sadhaka* entre seu desejo de atender apenas ao Ser e as tendências habituais de sua mente em se voltar para fora.

397. Sempre que um pensamento surgir, em vez de tentar, mesmo que um pouco, segui-lo ou cumpri-lo, seria melhor primeiro perguntar: “Para quem esse pensamento surgiu?”

Sadhu Om: As ideias expressas nos versículos 397, 398 e 399 também são expressas em prosa em *Quem sou eu?*

398. Quando se questiona interiormente: “Não sou eu que tive esse pensamento - então quem sou eu?”, a mente retornará ao seu ponto de origem, e o pensamento já surgido também desaparecerá.

399. Quando se pratica diariamente dessa maneira, como as impurezas estão sendo removidas da mente, ela se tornará mais e mais pura, a tal ponto que a prática se tornará tão fácil que a mente alcançará o Coração assim que a investigação começar.

400. Assim como as criaturas que saem dos arbustos para salvar suas vidas, incapazes de suportar o calor do incêndio florestal, são certamente queimadas até a morte, todas as *vasanas* escondidas no Coração serão destruídas, incapazes de resistir ao crescente e ardente fogo da força da autoinvestigação.

401. O pensamento “Quem sou eu?”, após destruir todos os outros pensamentos, finalmente morrerá, assim como o bastão usado para mexer a pira funerária, e então o supremo Silêncio prevalecerá para sempre.

Sadhu Om: Consulte também *Quem sou eu?*

402. Quando a ilusão que velou o Ser, a Luz da Consciência da Felicidade ilimitada [*Sat-Chit-Ananda*], é destruída pela clara investigação “Quem sou eu?”, a própria natureza brilhará gloriosamente como o *Atmakasha* [ou seja, Espaço do Ser].

403. Assim como uma bola de ferro aquecida no fogo brilhará como o próprio fogo, quando o impuro *jiva* é queimado no fogo da autoinvestigação, ele mesmo brilhará como o Ser.

404. Ao questionar: “Quem sou eu, o iludido que sofre tanto?”, a ilusão será dissolvida, a Realidade será alcançada, *Jnana* surgirá, *Mouna* fluirá e a Felicidade da Paz prevalecerá.

405. É apenas devido à ilusão causada por não aprender a Verdade do Ser que os *jivas* estão sofrendo. Portanto, sempre adote a prática de *Jnana* - a investigação interna “Quem sou eu que está sofrendo?”

406. Pelo contato com a pedra filosofal - investigação adequada e incessante - o fantasmagórico *jiva* perderá a ferrugem das impurezas mentais e se transformará no supremo Shiva.

Sri Muruganar e Michael James: Uma vez que a investigação é descrita como a pedra filosofal e as impurezas mentais são descritas como ferrugem mental, o *jiva* deve ser considerado o material básico e Shiva como o ouro.

407. Se o filho de Deus, o *jiva* que esqueceu sua verdadeira natureza [ou seja, o Ser], perguntar ansiosamente dentro de si: “Quem sou eu que está lamentando as misérias da vida?”, ele perceberá sua grandeza, ou seja, que ele é verdadeiramente Um com seu Pai - o Ser.

Michael James: Este versículo foi dado de acordo com as doutrinas do cristianismo.

70 O Verdadeiro *Tapas*

Michael James: Sri Bhagavan explicou aqui que *Tapas* significa renúncia, e a verdadeira renúncia (renúncia do ego) não é nada além da permanência no Ser (*Atma-Nishta*).

408. O propósito do *Tapas* é saber que o supremo *Atma-Jnana* [Conhecimento do Ser] está sempre brilhando graciosamente e naturalmente em todas as criaturas e experimentá-lo ao ser Ele; *tapas* não é criar ou obter *Jnana* de novo.

409. “Fixar a mente estúpida e egotista como Uma com o puro Shiva [ou seja, o Ser], subjugando-a dentro do Coração para que ela não possa vagar pelos órgãos dos sentidos, é o melhor *tapas*,” dizem os verdadeiros *Tapasvins*.

410. Manter ininterruptamente *Atmakara-vritti* [ou seja, o fluxo de atenção ao Ser], que engole em si mesma a aparência do universo com todas as suas diferenças, é, quando ponderado, a única marca do *Tapas* único.

411. Ai, por causa da ilusão causada por não saber que *tapas*, que é o dever natural de alguém, deve ser feito com amor, as pessoas se torturam no fogo do miserável *tapas*, apesar de o Oceano de Felicidade [o verdadeiro objetivo do *tapas*] estar sempre transbordando.

Sadhu Om: *Tapas* literalmente significa abrasador, ou sofrer torturas autoinfligidas, mas como esses significados parecem inadequados, Sri Bhagavan nos deu uma nova definição para essa palavra no verso 30 de *Upadesa Undiyar*. Nesse verso, somos informados de que *Atma-Nishta* [ou seja, a permanência no Ser - que é o Oceano de Felicidade] é o verdadeiro *Tapas*.

Existem algumas pessoas que, em nome do *tapas*, torturam seus corpos ao praticar austeridades como *panchatapagni* [ou seja, sentar-se para meditação cercado por cinco fogueiras - acima e nos quatro lados], etc. Essas atividades podem ser chamadas de *tapas* em seu sentido literal, mas são realizadas apenas para o cumprimento de desejos, seja neste mundo ou no próximo. Embora esses desejos possam ser egoístas [ou seja, para o próprio benefício individual] ou altruísta [ou seja, para o benefício de todo o mundo], eles são possíveis apenas enquanto o ego sobrevive. O objetivo do verdadeiro *tapas*, por outro lado, é a Felicidade, que só pode ser alcançada quando o ego é aniquilado.

Portanto, pessoas altamente discriminativas devem realizar o verdadeiro *tapas* de destruir o ego. O único caminho ou *tapas* que destruirá o ego é a atenção ao Ser [que geralmente é conhecida como autoinvestigação]. Essa atenção ao Ser é uma tortura autoinfligida ou uma experiência abrasadora? De acordo com a expressão divina “Eu sou o Caminho e o Objetivo”, o caminho deve ser tão feliz quanto o Objetivo, e como todos sabem, por sua própria experiência no sono, que o estado de ausência do ego é feliz, fica claro que prestar atenção ao Ser, que é o mais próximo e querido para todos nós, também será feliz e não será uma experiência de tortura ou miséria. Assim, já que a atenção ao Ser deve ser realizada com tanto amor e prazer, por que considerá-la como sendo *tapas* em seu sentido literal? Portanto, Sri Bhagavan declara que pensar em *tapas* como uma experiência miserável é devido à ilusão e ignorância, e assim Ele introduz uma ideia revolucionária sobre *tapas*.

A felicidade é nossa verdadeira natureza, mas através da desatenção nascida da ignorância, a deixamos, saímos e sofremos. Portanto, nosso dever natural e feliz é restaurar amorosamente a atenção ao Ser e, assim, permanecer em nossa verdadeira natureza.

412. O silêncio - que é a experiência de Shiva, o supremo *chit* [*jnana*] - é o verdadeiro *tapas* pelo qual *Brahman* [*Tat* ou *Sat*] é alcançado.

413. Assim como é impossível rastrear o caminho pelo qual um pássaro voou no céu e o caminho pelo qual um peixe nadou na água, também é impossível rastrear o caminho pelo qual os *Jnanis* alcançaram o Ser.

Michael James: O caminho pelo qual os *Jnanis* alcançam o Ser é a autoinvestigação, que é o verdadeiro *Jnana-marga*, mas como o ego desaparece nesse caminho, não apenas nenhum rastro é deixado para trás, mas também ninguém fica para encontrá-lo.

Quando se diz que “é impossível rastrear o caminho”, isso significa que o caminho não pode ser conhecido ou expresso porque, embora nos sejam dados indícios como a autoatenção, quando o ego tenta através da prática saber o que é exatamente a autoatenção, o próprio ego se perde. Consulte também o verso 999 e a nota.

414. A união com os Pés do Senhor na forma de Amor [*Bhakti*], na qual todas as atividades do ego morrem, é o Caminho do *Siddhanta*. A perda do ego ao permanecer no Ser [*Atma-Nishta*], que é o supremo *Jnana* e Bem-aventurança, é o Caminho do *Vedanta*.

Sadhu Om: Como a aniquilação do ego é enfatizada em ambos os caminhos, *Siddhanta marga* [ou seja, *Bhakti-marga*] e *Vedanta marga* [ou seja, *Jnana marga*] não são diferentes, mas sim um único caminho.

415. Conhecer o *Para* [ou seja, o Ser - o Supremo] através da autoinvestigação, discriminando entre *Para* e *apara* [ou seja, não-Ser], alcançando a despaixão interna em relação ao *apara* e permanecendo onde as noções de ‘eu’ e ‘meu’ estão completamente perdidas, é o modo de vida dos *Jnanis*.

416. Saiba que o seguinte é o caminho certo pelo qual o sofrido *jiva* pode se deleitar em Shiva: rejeitar Deus, mundo e alma como falsas aparências em *Brahman*, assim como a aparência de prata em uma concha.

417. Shiva brilha no templo dourado do Coração do Conhecimento [ou seja, Consciência] como o próprio Conhecimento. Apenas aqueles que o conhecem pelo puro Olho do Conhecimento estão verdadeiramente adorando a Verdade, porque o próprio Conhecimento é a verdadeira Coisa Suprema.

418. A mais elevada *Jnana*, que é conhecer a perfeita Realidade, é conhecer o Conhecimento pelo próprio Conhecimento. Até que o Conhecimento seja assim conhecido pelo próprio Conhecimento, a mente não terá paz.

419. Assim como os ornamentos são conhecidos por serem muitos e diferentes, mas o ouro é conhecido por ser um, também os objetos dos sentidos são conhecidos por serem muitos e diferentes. Aqui o ouro significa o único Ser-Conhecimento absoluto que resulta da destruição do *chittam* [ou seja, o depósito de *vasanas*], e que é desprovido dos conhecimentos qualificados e objetivos.

420. Conhecer os objetos dos sentidos como verdadeiros em vez de conhecer a verdade do conhecimento vidente [ou seja, o observador] é devido à ignorância nascida da falsa ilusão. O Verdadeiro Conhecimento não é aprender todas as artes que você deseja conhecer, mas perder o conhecimento relativo imaginário no Autoconhecimento.

Sadhu Om: Consulte o verso 12 de *Ulladu Narpadu*: “O conhecimento que conhece [objetos] não pode ser Verdadeiro Conhecimento ...”

421. Apenas o puro Conhecimento de *Sat-Chit* [ou seja, a Consciência ‘Eu sou’] existe verdadeiramente. Todos os outros conhecimentos [sensoriais ou mentais], que funcionam nele como se fossem verdadeiros, não passam de escuridão e ignorância fictícia; [portanto] é perigoso acreditar neles.

Sadhu Om: O simples e claro Conhecimento ‘Eu sou’, que é experimentado por todos no sono profundo, é o Conhecimento perfeito. Consulte *Maharshi’s Gospel*, Parte I, Capítulo I; “O sono não é ignorância, é o estado puro de alguém; a vigília não é Conhecimento, é ignorância. Há plena consciência [ou seja, conhecimento] no sono e total ignorância na vigília...” [8ª edição, 1969, p. 11].

422. Todos os outros conhecimentos são defeituosos e insignificantes; a experiência do Silêncio [ou seja, o Autoconhecimento] é o único Conhecimento Perfeito. Os diferentes conhecimentos objetivos são meramente sobrepostos ao Ser, o Puro Conhecimento, e, portanto, não são verdadeiros.

423. Será que aqueles Grandes que possuem a pura *Jnanadrishti* [ou seja, a perspectiva do *Jnana*] considerarão a perspectiva objetiva do pequeno ego como Conhecimento? O Conhecimento é apenas Aquele que conhece o Puro Conhecimento, e não aquele que conhece outras coisas.

Sadhu Om: “...Aquele que conhece o Puro Conhecimento...” é o Autoconhecimento que brilha como ‘Eu sou’.

424. Embora alguém tenha conhecido muitas coisas sutis, raras e maravilhosas, pode-se ser um *jnani* até que se conheça aquele que as conhece? Saiba que não se pode ser.

Sadhu Om: Consulte o verso 3 de *Atma-Vidya*: “Sem primeiro conhecer a nós mesmos, de que adianta conhecer qualquer outra coisa, pois o que mais há para conhecer depois que o Ser é conhecido?”

425. Diga-me, ó mente que corre loucamente para fora, pode haver alguma fonte de onde todo este universo brota além daquele Conhecimento que nunca nasce de outro?

426. Por que o conhecimento é frequentemente dito ser a única base para qualquer coisa e tudo? Porque o Conhecimento, que é a base para tudo que surge [ou seja, que vem à existência],

permanece como a única base mesmo para a Sua própria existência.

Michael James: Leia o verso 428 junto com este verso. Consulte também o verso 23 de *Upadesa Undiyyar*; “...não há Consciência [*Chit*] além da Existência [*Sat*] em si para conhecer a Existência ...”.

427. Um suporte [ou seja, uma base] é necessário apenas para uma coisa inerte que é *asat* [ou seja, que não é existência real]. Então, por que surge a necessidade de que NÓS, *Sat-Chit*, precisemos de algum outro *Chit* como nosso suporte? É por causa da ilusão pela qual pensamos que somos o impuro *Chittam* [mente].

Michael James: Existem duas versões possíveis do verso 428:

428a. Porque nossa verdadeira natureza é, em si mesma, *Sat* [Existência], diferente de outras coisas que são *asat*, saiba que a base para a Consciência sempre existente é essa mesma Consciência autoexistente.

428b. Já que ‘Eu’, nossa verdadeira natureza, sempre brilha como Existência [*Sat*], diferente de outras coisas que são inexistentes [*asat*: ou seja, que parecem existir em um momento e não em outro], saiba que ‘Eu’ [*Ser*], que brilha por si mesmo [ou seja, sem qualquer outra ajuda], é a base para a Consciência sempre existente [*Chit*].

429. Assim, enquanto essa Consciência, a Realidade em si, é você, em vez de saber com essa Consciência que você é a própria Consciência e permanecer como ela é, você conhece o mundo, que surge de você, a Consciência, e sofre muito. Ah, o que posso dizer sobre isso!

Michael James: Embora o mundo seja visto do lado de fora, ele é apenas uma manifestação aparente que surge de dentro.

430. Aqueles que não sabem, através da autoinvestigação, qual é a verdade de seu estado natural [*Ser*] confundem o corpo alienígena com o ‘Eu’ e veem o mundo como diferente de si mesmos e, portanto, sofrem na ilusão. Todas as outras coisas, exceto aquela [‘Eu’], que brilha como a única Existência-Consciência-Bem-aventurança [*Sat-ChitAnanda*] não iludida, são vistas em função do jogo enganoso da *maya*.

431. Para aquele cuja atenção está apenas nas coisas conhecidas [os cinco objetos dos sentidos] mas nem um pouco no conhecedor - para tal monte de lama [o corpo carnal] na forma de um ser humano, alguma escritura pode ensinar o verdadeiro conhecimento [*Jnana*]?

432. Não é porque você é o próprio conhecimento [isto é, consciência] que você é capaz de conhecer o mundo? Se [em vez de conhecer o mundo] você voltar sua atenção, tendo essa Consciência como seu alvo, Ela mesma, como o Guru, revelará a Verdade [ou seja, Realidade].

Sri Muruganar: ‘Voltar sua atenção, tendo essa Consciência como alvo’: Este é o estado em que se permanece conscientemente, não conhecendo outras coisas e não se esquecendo de si mesmo. Como, durante os estados de vigília e sonho, a mente estava habituada a prestar atenção em outras coisas, as segundas pessoas [ou seja, o mundo, que é uma concepção mental], ela só pode conceber mesmo Deus, que na verdade está além da concepção mental, como um objeto de percepção. Mas agora, quando a mente atende ao Ser, o Ser destrói esse hábito ilusório da mente e faz com que ela saiba: ‘Eu não existo, apenas o Ser, o verdadeiro Deus, realmente existe’. Assim, a Consciência, o alvo, ela mesma como o Guru revela a verdade.

O desejo da mente de ver Deus na forma de um objeto [ou seja, como uma segunda pessoa] é devido ao esquecimento de sua verdadeira natureza - Existência-Consciência - e ao seu agir com autoria como um indivíduo. Mas quando, abandonando a atenção objetiva, ela permanece como a própria Consciência, a autoria e o esquecimento mencionados são perdidos e a mente agora compreende que o Ser em si é o verdadeiro Deus e, assim, alcança a Paz eterna.

433. Apenas a verdade do Ser é digna de ser examinada e conhecida. Tomando-a como único alvo, deve-se atentar profundamente a ela e conhecê-la no coração [isto é, interiormente]. Ela só pode ser conhecida pela mente silenciosa e clara, que está livre de agitação e atividade.

434. Todos os tipos de conhecimento [mesmo o conhecimento de todas as artes e ciências] se fundirão completamente no Silêncio - o conhecimento puro do Ser. Todos os outros estados [bem como conhecimentos] parecem existir apenas por causa do jogo de *Chit***-*Sakti*** [o poder do conhecimento, ou seja, a mente], que existe no Ser, o estado supremo e natural de Bem-aventurança.

Michael James: ‘Todos os outros estados’ significa todos os estados de conhecimento (consciência) que não sejam o Silêncio.

435. A consciência natural da existência [Eu sou], que não se eleva para conhecer outras coisas, é o Coração. Como a verdade do Ser é claramente conhecida apenas por essa Consciência sem ação, que [meramente] permanece como o Ser, isso [ou seja, o Coração] é o único conhecimento supremo.

Michael James: A Consciência sem ação é a Consciência que não tem a ação de se elevar e conhecer outras coisas.

Sri Muruganar: A palavra ‘Coração’ denota o Ser e não um lugar. Ser o Ser [*Atma Nishta*] é, por si só, conhecer o Ser [*Atma Jnana*]. A Consciência [*Chit*] conhece a existência [*Sat*] porque a existência não é diferente da consciência.

436. Tudo o que é conhecido deve ser conhecido como sendo apenas esse conhecimento [que os conhece] e deve se fundir no Conhecimento – o Ser. A própria realidade que brilha em tal intensidade de permanência no Ser, destruindo completamente todas as diferenças, é a Libertação – o estado incomparável.

Michael James: “esse conhecimento [que os conhece]” é a mente.

437. Como a natureza da Realidade é não-dual [ou seja, não são dois], o verdadeiro Conhecimento não pode ser o conhecimento de um outro. Portanto, quando a mente está absolutamente livre de ilusão [ou seja, não conhece um outro] e permanece inabalável na bem-aventurança – isso é o verdadeiro Conhecimento.

Sadhu Om: Uma vez que a coisa real [*Sat*] é uma e não muitas, o conhecimento real [*Chit*] também deve ser um: o conhecimento da própria existência, e não pode ser o conhecimento de muitas coisas. Portanto, a permanência no Ser na forma de ‘Eu sou’, o sentimento da mera primeira pessoa do singular, em que a mente, o conhecimento distorcido de que muitas coisas, que todo mundo tem agora, foi encerrado, e sua natureza móvel, ou seja, conhecer outras coisas, foi interrompida, é o verdadeiro Conhecimento.

438. Saiba que o Conhecimento é desapego, Conhecimento é pureza, Conhecimento é união com Deus, esse Conhecimento inesquecível é destemor [*abhayam*], Conhecimento é o elixir da imortalidade, o Conhecimento sozinho é tudo.

Michael James: Aqui e nos dois versos seguintes, o Conhecimento é usado no sentido de consciência pura.

Abhayam pode alternativamente significar: ‘o lugar de refúgio’.

439. Conhecer a largura e o comprimento, a parte inferior e a superior – a profundidade e a altura – do Conhecimento é nada mais do que a quietude bem-aventurada da mente; é impossível até mesmo para os deuses conhecerem esse estado de Conhecimento.

Sri Muruganar: Como o Conhecimento transcende todas as limitações e medidas, ele está além da compreensão. A fusão do conhecimento da mente no Conhecimento não-dual [*Kevala Arivu*] e permanecer ali na bem-aventurança é conhecer o Conhecimento.

440. Sem Conhecimento [Ser] não há mundo; sem Conhecimento não há alma; sem Conhecimento não há Deus. Portanto, conhecer o Conhecimento [como definido no versículo anterior] é o objetivo final.

72 Nirvana

Michael James: ‘Nirvana’ significa revelação, ou seja, o desprendimento das cinco bainhas. Veja também *Sri Arunachala Aksharamanamalai*, verso 30.

441. Assim como a cobra muda sua pele sem sofrimento, é nosso dever digno desprender as cinco bainhas, que causam miséria devido ao apego rápido a elas.

442. *Jiva-nirvana* é o estado em que o apego às cinco bainhas foi removido para desfrutar plenamente da bem-aventurança silenciosa nascida da Graça do Senhor, o Ser, que é o espaço da Consciência.

Sadhu Om: Este verso também pode ser interpretado de forma metafórica e mística: a noiva [o *jiva*] para ser agraciada com o pleno gozo de seu noivo [o Ser], tem de perder a timidez na forma de apego às cinco bainhas.

73 A Conquista do Ser

443. Uma vez que é nossa experiência comum [para todos] que permanecemos sem corpo e brilhamos sozinhos mesmo em um estado de nada [ou seja, no sono] onde o mundo não existe, perder permanentemente nossa identificação como ‘eu’ com a forma das cinco bainhas é, de fato, a conquista do Ser [ou a realização do Ser]. Assim você deve ter certeza!

Michael James: Na compreensão da maioria dos aspirantes, ‘realização do Ser’ é a conquista de algo - o Ser, que eles acreditam que ainda não possuem, enquanto na verdade ‘realização do Ser’ é a perda de algo - o ego, que já está presente. “... Para criar espaço, basta remover a bagunça; o espaço não é trazido de outro lugar”, diz Sri Bhagavan em *Maharshi's Gospel* Parte I, capítulo 4 (veja também *Maha Yoga*, 7ª edição, página 121).

444. Como, quando o ego é destruído, o sol do Ser brilha como a única Realidade, pondo fim a este sonho, que é falso, e trazendo o verdadeiro despertar - a mera destruição do ego, através do autoquestionamento, é a conquista do Ser [ou a realização do Ser]. Assim você deve saber!

Michael James: ‘O sonho que é falso’ é este atual estado de vigília. ‘o verdadeiro despertar’ é o estado de *Turiya* ou *Jnana*.

445. Quando ‘eu’ e ‘meu’ são destruídos pelo claro verdadeiro Conhecimento, que é livre do conhecimento questionável eu sou o corpo, mesmo vivendo neste mundo ilusório, esse é o estado em que se permanece como Isso.

Michael James: ‘livre do conhecimento questionável’ também pode ser traduzido como ‘livre dos cinco conhecimentos sensoriais...’

O propósito dos dois versos anteriores é descrever a verdadeira natureza da conquista do Ser; como o *Mahavakya* ‘eu sou Isso’ denota este estado de conquista do Ser (realização do Ser) a destruição do ego também é a conquista de ‘eu sou Isso’, conforme descrito neste verso.

446. Como a realidade, a fonte [eu , o ego] brilha de forma tão sutil no coração que só pode ser conhecida por uma atenção muito sutil, é impossível para aqueles cuja mente é tão grosseira e embotada quanto a cabeça de um pilão atingir o alvo!

Sadhu Om: Consulte *Vichara Sangraham*, capítulo 8: ‘... Assim como é impossível separar as fibras de um tecido de seda com uma barra grossa e assim como é impossível descobrir a natureza de coisas minúsculas com a ajuda de uma lamparina oscilante ao vento, a experiência do Ser não pode ser obtida por uma mente grosseira e vacilante devido à influência da inércia [*tamo-guna*] e atividade [*rajo-guna*]; porque Ele [Ser] brilha muito sutil e imóvel... ”

74 ‘O Conhecimento Conclusivo a ser Obtido’ ou ‘O Conhecimento Bem Estabelecido’

Michael James: O título deste capítulo tem dois significados:

1. ‘O conhecimento conclusivo a ser obtido (através da reflexão)’, e
2. ‘O conhecimento bem estabelecido (o *Jnana* do *Jnani*)’.

Dos quatro versos neste capítulo, os três primeiros tratam da conclusão a que devemos chegar através da leitura e reflexão, e o quarto verso descreve o estado de conhecimento inabalável do Ser de um *Jnani*.

447. Porque na coisa perfeita - Silêncio [Ser], nenhum pensamento surge, porque o lugar é meramente um pensamento, e porque os dois outros lugares [segunda e terceira pessoas] surgem apenas após o surgimento de ‘eu’, ‘eu’ [a primeira pessoa] é o primeiro lugar.

Sadhu Om: Na gramática tâmil, (1) ‘eu’, a primeira pessoa, (2) ‘você’, a segunda pessoa, e (3) ‘ele, ela, isso, ou eles’, a terceira pessoa, são chamados de primeiro lugar, segundo lugar e terceiro lugar, respectivamente, diferente da maioria das outras línguas. Aqueles que fazem uma reflexão profunda [*manana*], ou seja, pensadores profundos, podem descobrir que isso é uma boa pista para a busca espiritual. Como? Tempo e lugar [espaço] são as duas primeiras concepções [ilusões] nascidas da *maya*. Neste verso, são dadas instruções sobre a natureza do ‘lugar’, enquanto nos versos 747 e 748 desta obra e nos versos 15 e 16 de *Ulladu Narpadu* a natureza do ‘tempo’ é bem descrita.

Porque o Ser é simplesmente Ser, que não tem surgimento, deve-se saber que nem mesmo a primeira pessoa, que tem um surgimento, está lá. Consulte também o 14º verso de *Ulladu Narpadu*, que diz: “... Quando a primeira pessoa deixa de existir através da investigação da verdade dessa primeira pessoa...”

O ego é o pensamento identificando-se como ‘eu’ um corpo que é limitado pelo tempo e espaço. Portanto, tempo e lugar não podem deixar de ser encontrados entrelaçados em cada pensamento que surge do ego. Embora, no início, possa parecer uma maravilha ouvir que ninguém pode fazer um pensamento sem tempo e lugar, após um pouco de reflexão, veremos que é uma verdade inegável. Vamos agora ver novamente este verso à luz dessa explicação.

Como entre os três lugares, primeiro, segundo e terceiro, ‘eu’ é o que surge primeiro, Sri Bhagavan aponta que ‘eu’ é o principal entre as concepções de lugar. Além disso, é apontado que, como o lugar é um mero pensamento, até mesmo ‘eu’, o primeiro lugar é apenas um pensamento. Além disso, ao apontar a inferência lógica: ‘Nenhum pensamento pode surgir no Ser, já que a forma do Ser, a coisa perfeita, é Silêncio’, Sri Bhagavan conclui que mesmo o menor surgimento de ‘eu’, o ego, não é possível lá.

Assim como ‘eu’, que entre os três lugares [primeiro, segundo e terceiro lugares] é tomado para pesquisa espiritual, é o primeiro e a fonte de todos os lugares, também o ‘presente’, que entre as três divisões do tempo [passado, presente e futuro] é tomado para pesquisa espiritual, é o primeiro e a fonte de todas as divisões do tempo. Assim como ‘eu’, o primeiro lugar desaparece quando investigado, o ‘presente’, o primeiro tempo, também desaparece na investigação, revelando a natureza atemporal e sem lugar [sem espaço] do supremo, Ser. Como até mesmo o primeiro tempo, ou seja, o ‘presente’, é apenas um pensamento, assim como a primeira pessoa, ele não pode ter um surgimento no Ser. Portanto, como o Ser transcende o tempo e o espaço, *Ajata* (veja a nota do verso 100) deve ser conhecido como o conhecimento conclusivo correto a ser obtido, e isso deve ser entendido como o objetivo deste verso.

Finalmente, a partir das três razões dadas neste verso, temos que tirar seis conclusões:

1. Ser não é um lugar
2. lugar não existe no Ser
3. ‘eu’ é um pensamento
4. ‘eu’ é o primeiro lugar
5. Ser não tem surgimento
6. Ser não é o primeiro lugar.

448. Aquele que surge como ‘eu’ no corpo é a mente. Quando se tenta descobrir de onde esse pensamento ‘eu’ surge no corpo, ele [o pensamento ‘eu’ ou a mente, que assim busca] alcança o Coração; portanto, é realmente do Coração [Self] que a mente surge.

Sadhu Om: Estas são as palavras de Sri Bhagavan em *Quem sou eu?* Quando acordamos, o sentimento de ‘eu’ surge de um lugar no corpo e depois se espalha por todo o corpo; o que é descrito neste verso como ‘primeiro’ é esse lugar. No entanto, Sri Bhagavan nos dá uma dica de que, ao rastrear o pensamento ‘eu’, não será encontrado um lugar, mas o poder de rastreamento, aquele que rastreia, se dissolverá no Self.

449. Além dos pensamentos, não há Deus, mundo ou alma. Em todos os pensamentos, o pensamento ‘eu’ é predominante. Este pensamento ‘eu’ é o primeiro de todos os pensamentos. A fonte da qual o pensamento ‘eu’ surge é o Coração.

Michael James: Quando neste verso e no verso anterior é dito que o Coração é a fonte de onde a mente surge, o Coração não deve ser considerado um lugar. Deve ser entendido como a coisa da qual a mente emerge. A razão para afirmar isso é dada no próximo verso.

450. Aqueles que permanecem firmemente no Self nunca conhecerão qualquer outra coisa como base [ou seja, como um lugar] além do Self. Eles, o verdadeiramente [Sat] brilhante [Chit] Um, proporcionando um lugar para todas as coisas - como faz a tela [em um show de cinema] - fará com que elas brilhem [como se fossem reais].

Michael James: O *ajnani* sente que é apenas o corpo e, portanto, experimenta o universo como algo externo a si mesmo. Ou seja, ele pensa que todas as coisas existem ou estão em algum lugar no espaço; em sua visão, a terra ou o espaço são a base para tudo. O *Jnani*, por outro lado, não se limita como um corpo e, portanto, sabe que Ele não está no universo, mas que o universo está Nele. Ou seja, Ele experimenta que Sua existência é a base na qual, ou lugar em que, todas as outras coisas, incluindo a terra e o espaço, existem. Ele sabe que, porque Ele é, tudo parece existir, e, portanto, eles estão Nele e Ele sozinho é a base deles.

75 A Experiência da Felicidade

451. Na medida em que alguém mergulha no Coração, nessa medida experimenta-se a felicidade que, embora realmente brilhe como a natureza ininterrupta do próprio Ser, é experimentada de maneira interrompida de tantas formas diferentes [por meio dos objetos sensoriais].

452. Se você fixar firmemente sua mente no Coração, o verdadeiro conhecimento surgirá. Estar então mergulhado na experiência da paz jubilosa de *Sada Siva*, você brilhará como o Sol do verdadeiro conhecimento com o esplendor de mil sóis nascendo.

Michael James: *Sada Siva* é a bondade suprema eterna, ou seja, o Ser.

453. Sempre que pensamentos [desejos] são satisfeitos, a mente alcança sua fonte [o Coração] e experimenta apenas a felicidade do Self. Isso realmente acontece nesta vida quando o que é desejado é obtido, quando as aversões são removidas e durante o tempo de permanência no Self [samadhi], desmaio e sono apreciados.

Sadhu Om: Consulte *Quem sou eu?*

454. Nesta vida tola de ilusão egotista concebida pela mente mesquinha, que é uma forma contraída do *chittam*, há alguém que experimente a verdadeira felicidade da clareza serena que brilha quando o *chittam* permanece sem sequer o menor pensamento!

Michael James: *Chittam* é o depósito do conhecimento e das tendências consequentes (*vasanas*) acumuladas de nascimento a nascimento.

76 Sono

455. Embora as pessoas desfrutem da maior felicidade no sono profundo, onde nada mais existe, em vez de entender que é a verdadeira felicidade e tentar alcançá-la na vida [ou seja, em vez de encontrar os meios - a autoinvestigação - para experimentá-la ininterruptamente mesmo no estado de vigília], ansiar por obter outras coisas, objetos sensoriais, como se fossem os remédios para as misérias que ocorrem, é uma total tolice.

456. A ignorância está preocupada apenas com os outros objetos que são conhecidos pelo ego louco nos dois estados diferentes do sono e do desmaio [ou seja, vigília e sonho], mas não está preocupada com o Self.

Michael James: ‘os outros objetos’ são objetos diferentes do Self.

457. Chamar o sono de um ‘invólucro’ [*kosha*] é apenas por causa da tolice do esquecimento do Ser, no qual o estado de vigília é considerado como um estado de conhecimento [*prajna*]. Se o conceito de que o estado de vigília é um estado digno e verdadeiro de conhecimento [*prajna*] se perder, então o próprio sono brilhará como a única Realidade não-dual.

Sadhu Om: Como se considera a consciência do ego [a sensação de ‘eu sou o corpo’], que existe na vigília e no sonho, como a verdadeira consciência da própria existência, [está-se em] um estado de inconsciência e ignorância. Mas se, por meio da investigação, perceber o verdadeiro estado como a pura consciência autoexistente, desprovida do apego ao corpo, a consciência do ego que foi vivenciada na vigília e no sonho como a própria existência, será considerada irreal, e o conhecimento de que o estado que foi chamado até então de sono é a perfeita e real Consciência do Ser surgirá. É apenas para deixar isso claro que Sri Bhagavan disse em

Evangelho do Maharshi: “O sono não é ignorância, é o estado puro; a vigília não é conhecimento, é ignorância. Há pleno conhecimento no sono e total ignorância na vigília ...”

458. Aquele que, sem conhecer sua verdadeira grandeza, se ilude pensando que não conseguiu ver [ou conhecer] nada durante o sono é apenas o ego completamente alimentado, a raiz, que estava se considerando durante os dois estados anteriores [vigília e sonho] como o vidente [e não Você, o Ser]!

Sadhu Om: Para o Ser, que brilhava durante o sono, não havia ilusão de tal conhecimento e ignorância. Tudo isso é apenas para o ego. É apenas o ego, que estava ausente durante o sono, que diz depois de acordar no estado de vigília que não conhecia nem outras coisas nem a si mesmo.

459. Quando os tríades [vidente-visto-visão, conhecedor-conhecido-conhecimento] desaparecem devido à destruição da base, o ego tolo, e quando a multiplicidade [os estados de vigília e sonho] é assim completamente destruída, a pura e ampla Luz do Dia [o Ser] que então brilha como cem sóis é a Noite de Siva [*Sivarathri*].

Sadhu Om: *Sivarathri* é uma noite auspiciosa em que todos os *jivas*, incluindo Brahma e Vishnu, adoram o Senhor Siva. A beleza a ser notada aqui é que essa noite é explicada como sendo um dia claro e puro. Por quê? Como nada mais é conhecido lá, é noite; e como a pura consciência brilha lá, é um dia claro e luminoso.

460. Quando as tendências impuras sem começo, que eram a causa do despertar e do sonho, são destruídas, então o sono, que foi [considerado como] levando a resultados ruins [ou seja, *tamas*] e que foi dito ser um vazio e ridicularizado como ignorância, será encontrado como o próprio *Turiyatitam*.

461. *Anandamaya* é dito ser um invólucro [*kosha*] por causa do grande desejo em relação ao estado de vigília daquele que se identifica com o *vijnanamaya kosha*. Mas quando o forte ego se identificando com *vijnanamaya* é destruído, o *anandamaya* que sobrevive perderá a natureza de um invólucro [*kosha*] e permanecerá como a suprema Bem-aventurança.

Sadhu Om: Apenas porque temos desejos na forma de tendências sutis para deixar o sono frequentemente e ascender e fazer *pravrittis* no *vijnanamaya kosha* [o intelecto - *buddhi*], os *sastras* descrevem o estado feliz do sono como um invólucro. É apenas o apego, o desejo de estar ativo em *vijnanamaya*, que nos arrasta para fora do *anandamaya kosha* [sono]. Se esse apego for perdido, a saída do sono feliz não acontecerá. Então, o estado ininterrupto de felicidade [no sono], em vez de ser apenas um invólucro, brilhará como nosso estado natural, interminável e verdadeiro de Bem-aventurança.

462. Se alguém alcança o estado inabalável de atenção ao Ser - a Consciência da Existência - até que o sono o domine, não precisa ficar de coração partido, sentindo: ‘Ah, a ilusão do sono ignorante, o esquecimento, me venceu!’ [ou seja, o sono nunca virá].

Sadhu Om: Como o conhecimento da consciência ‘Eu sou’ continua até lá, não será um sono, mas será experimentado como o estado do brilho do Ser.

77 A Coisa Real

463. A corda, o verdadeiro conhecimento [o Ser], na qual desaparece a maravilhosa serpente, a ilusão da mente - que existe enquanto não é investigada e torna-se inexistente quando investigada - é a única Coisa real.

Michael James: Todo o universo, que parece existir por causa da maravilhosa ilusão, a mente, não é a Coisa real. A Coisa real é apenas o conhecimento do Ser, o Único, no qual todo o universo desaparece quando a mente, sua raiz, se funde. Como a falta de investigação é a única razão para a aparente existência da mente, a autoinvestigação é o único caminho para conhecer a Coisa real.

464. O conhecimento da suprema Bem-aventurança que brilha naturalmente [como ‘sou’], sem qualquer desejo e além das diferenças, na bem estabelecida auto-permanência [*samadhi*] é a Coisa real.

465. Como em todos os momentos e em todos os lugares, o inconfundível Ser [‘Eu sou’] sozinho brilha eternamente como a única Coisa, exceto Isso, todas as outras coisas em todos os momentos e em todos os lugares devem ser descartadas como falsas.

Michael James: O que é chamado de ‘tempo e espaço’ em si mesmo é falso.

78 A Perda da Autoria

466. A pura Bem-aventurança da paz brilhará dentro apenas para aqueles que perderam o senso de autoria. Pois, esse tolo senso de autoria é a semente venenosa que produz todos os frutos malignos.

467. Em vez de continuar, impulsionado pelos pensamentos inquietos, realizando ações como ‘Eu deveria fazer isso, eu deveria desistir daquilo’ como se fossem dignas de serem feitas, agir de acordo com a Graça de Deus, o Senhor de nossa alma, nos leva, é a verdadeira forma de adorá-Lo.

468. Nos tempos antigos, a casta dama [*Draupadi*] teve sua honra salva e seu sari alongado pela Graça do Senhor Krishna somente quando, por último, deixando de segurar seu próprio sari, ela ergueu ambas as mãos em completa rendição a Ele; e o malvado forte [*Duchasana*] que a estava despidendo caiu envergonhado.

Sadhu Om: Enquanto Draupadi tentava segurar seu sari com as próprias mãos para que não fosse arrancado e clamava pela ajuda de Sri Krishna, Sua Graça não começou a funcionar. Mas assim que, tendo fé completa em Sua graciosa proteção, ela desistiu de segurar suas roupas com as próprias mãos e levantou-as acima da cabeça, sua rendição se tornou completa e, assim, Sua Graça começou a funcionar, fazendo seu sari crescer infinitamente e fazendo o malvado Duchasana, que a estava despidendo, cair em um desmaio. Esse incidente é destacado ali para nos instruir a renunciar ao senso de autoria e, assim, nos rendermos completamente e sem reservas a Deus.

469. Aqueles que, como uma criança que não procura saber o que é bom para si [mas se apoia nos pais], dependem puramente da Mãe, *Chit-Sakti*, a Graça do Senhor, alcançam Seus pés e permanecem naturalmente em Seu serviço [ou seja, permanecem no Ser], tendo perdido todas as ações feitas com autoria, que são causadas pela ilusão defeituosa [*maya*] ‘Eu sou o corpo’.

Sadhu Om: Em vez de depender do próprio esforço [que é apenas o senso de autoria], devotos ou aspirantes sempre dependem do poder da Graça do Supremo. Esse poder é personificado aqui como a Mãe. Ela é descrita como ‘*Chit-Sakti*’ porque a Graça brilha em todos na forma de Autoconsciência - o *sphurana* ‘Eu-Eu’. Como isso se deve puramente à misericórdia insondável do Senhor, essa Graça é descrita aqui como a Mãe.

A maneira correta de entender a instrução de Sri Bhagavan aqui é que os aspirantes devem se apegar completamente e sem duvidar à autoconsciência ‘Eu-Eu’. Como uma criança que, sem nem mesmo tentar saber o que é bom para si mesma, depende apenas da mãe, se um aspirante, sem sequer tentar conhecer as escrituras, tentar fazer qualquer yoga ou esperar qualquer ajuda externa, simplesmente se apega à consciência do ‘Eu’, isso por si só é suficiente e ele será facilmente e certamente salvo de toda ilusão e armadilhas.

Como se apegar à consciência do ‘Eu’ é meramente um ‘ser’ e não um ‘fazer’, isso não requer autoria e também não se transforma em ação [*karma*]. Assim, o aspirante naturalmente sempre permanece no Ser. Sri Bhagavan aconselha que esta permanência no Ser é o estado de se permanecer no serviço do Senhor.

470. O Senhor que te alimentou hoje sempre o fará bem. Portanto, viva despreocupado, colocando todo o seu fardo aos pés Dele e não pensando no amanhã ou no futuro.

471. Saiba bem que mesmo realizando *tapas* e *yoga* com a intenção ‘Eu deveria me tornar um instrumento nas mãos do Senhor Shiva’ é uma mancha para a rendição completa de si mesmo, que é a forma mais elevada de estar a Seu serviço.

Sadhu Om: Como até mesmo o pensamento ‘Eu sou um instrumento nas mãos do Senhor’ é um meio pelo qual o ego mantém sua individualidade, ele é diretamente oposto ao espírito de completa autoentrega, a ausência do ‘eu’. Não há muitas pessoas boas que se envolvem em orações, adoração, yoga e tais atos virtuosos com o objetivo de alcançar poder de Deus e fazer o bem ao mundo como alguém divinamente comissionado? Aqui é exposto que até mesmo esses esforços são egoístas e, portanto, contrários à autoentrega.

472. Tornar-se assim um escravo do Senhor e permanecer quieto e silencioso, desprovido até mesmo do pensamento egoísta ‘Eu sou Seu escravo’, é a permanência no Ser, e isso é o conhecimento supremo.

Sadhu Om: Como o mesmo conhecimento supremo que é obtido através do caminho da *Jnana* [autoinvestigação] é obtido até mesmo através do caminho da *Bhakti* [autoentrega] é mostrado neste verso.

473. Sentado no coração de todos como Coração, o Senhor ordenará tudo de acordo com o destino de cada um [*prarabdha*]. Portanto, se permanecermos inabalavelmente no Ser, nossa origem, tudo acontecerá sem erro.

474. Aqueles que têm a fé forte, “Aquele que plantou esta árvore a regará”, nunca ficarão angustiados. Se ele [que a plantou] vê a árvore secando, que até mesmo essa visão patética seja apenas seu fardo.

Michael James: Devotos com grande fé em Deus nunca sentem preocupação com as necessidades de suas vidas, porque têm tanta certeza de que Deus nunca os abandonará. Mesmo quando acontece de não lhes serem fornecidas suas necessidades, eles não sentem que estão aflitos; eles simplesmente suportam pacientemente, sentindo que é apenas Deus quem tem que sofrer ao vê-los em apuros. Portanto, em todas as ocasiões eles são felizes. Este verso, assim, garante que para tais devotos não há miséria alguma na vida.

475. Uma vez que Deus é a raiz, tudo o que é oferecido a Ele irá para a árvore inteira da bananeira, o mundo e as almas que brotam dEle, a raiz.

Sadhu Om: Submeter-se a Deus é como regar uma árvore de bananeira na raiz. Se, rejeitando essa autoentrega, que não é senão o estado do verdadeiro conhecimento, alguém se envolve no mundo pensando que está prestando serviço ao mundo, é como se estivesse pulverizando água nas folhas e galhos da árvore de bananeira. Por outro lado, se alguém se entrega a Deus, isso por si só é o verdadeiro serviço para todo o mundo e todas as almas.

Aqui, alguns podem duvidar que esta instrução parece contradizer o 5º verso do *Upadesa Undiyar*. Mas na verdade não é assim. Como? O verso 5 do *Upadesa Undiyar* aponta que adorar o universo imaginando-o como Deus é apenas um processo de pensamento [*enni vazhipadal*], e que seu fruto é apenas a purificação da própria mente [*karuttai tirutti* - como apontado no verso 3]; tal adoração não é para o benefício do universo. Mas, ao se entregar a Deus, o pensamento ou imaginações param e se atinge o estado de conhecimento perfeito. Atingir esse conhecimento supremo sozinho é realmente ajudar ou servir o mundo. Portanto, a instrução dada no verso 5 do *Upadesa Undiyar* é para aqueles *sadhakas* que desejam obter purificação da mente [*Chitta-suddhi*], enquanto

a instrução dada neste verso atual é para aqueles *sadhakas* que realmente desejam servir todo o mundo. Assim, se analisarmos dessa maneira, fica claro que essas duas instruções não se contradizem.

Como é que o verdadeiro conhecimento sozinho é o melhor serviço ao mundo? Vamos ver. Suponha que alguém sonhe durante o sono que seus amigos são feridos por um tigre. Em vez de fornecer remédios para seus amigos no sonho, não seria acordar do sono uma ajuda real a eles? Nenhum outro esforço tomado no próprio sonho será um serviço real para eles. Da mesma forma, realizar o Ser, que é o verdadeiro despertar, será a única maneira adequada de servir todo o universo.

Como se jogar no serviço do mundo com um senso de realização aumentará o egoísmo de um aspirante em vez de lhe dar *chitta-suddhi*, o verdadeiro benefício do *karma yogi*, Sri Bhagavan, com a intenção de salvar os aspirantes de tal ruína, dá-lhes instrução adequada neste verso.

79 A Conquista da Inação

476. Seja realizando ações ou não, se a ilusão da individualidade - o ego, ‘eu sou o realizador das ações’ - for completamente aniquilada, essa é a conquista da inação.

Sadhu Om: As pessoas geralmente pensam que a conquista da inação é um estado em que se deve permanecer imóvel, desistindo de todas as atividades. Mas isso está errado. Sri Bhagavan Ramana proclama que a perda do sentimento de realização sozinho é o tipo certo de inação, e isso sozinho é *nishkama karma* - ação feita sem qualquer desejo de resultado.

80 Autoentrega

477. Àquele que se entrega [‘eu’ e ‘meu’] ao Senhor, o Senhor se dá aqui e agora. Apenas aquele que assim perdeu a si mesmo [em Deus] e obteve o conhecimento de *Brahman*, permanece sempre na experiência do puro êxtase supremo de Siva.

Sri Muruganar e Michael James: Entregar-se a Deus significa entregar as noções de ‘eu’ e ‘meu’. A entrega do Senhor significa que, após a perda de ‘eu’ e ‘meu’, só resta Existência-Consciência-Bem-aventurança. Para denotar a natureza de seu brilho como Existência-Consciência-Bem-aventurança, Sri Bhagavan diz que ‘tal pessoa ganha o Conhecimento [*Chit*] e se afoga em Êxtase [*ananda*]’. Como a Existência-Consciência-Bem-aventurança, que é a própria natureza de alguém, não leva tempo para brilhar assim que ‘eu’ e ‘meu’ são perdidos, diz-se neste verso que o Senhor se dá ‘aqui e agora’.

478. Quando bem analisado, o resultado de todos os esforços feitos no *Bhakti-marga* é que a forma do ego se dissolve pela força da intensa meditação nos Pés do Senhor, e a individualidade é perdida aos Seus Pés pela autoentrega.

Michael James: Como a forma do ego se dissolve através da força da intensa meditação nos Pés do Senhor? A intensa meditação em Seus Pés só é possível quando há um intenso amor por Ele. Por causa desse intenso amor por Ele, o aspirante não se importa com seu próprio corpo e suas necessidades. Assim, ele perde o interesse em sua própria individualidade e, portanto, sua forma de ego é dissolvida. Deve-se notar aqui, no entanto, que a mera concentração sem amor não pode levar à ausência de ego.

479. Apague sua individualidade, que não pode ter uma posição separada do Senhor, que brilha como tudo. A definição correta de devoção suprema, onde prevalece a paz bem-aventurada, é a rendição do mau ego volúvel.

480. “Ofereça o eu ao Senhor”, eles dizem. Então, de quem mais seria senão Dele já? Portanto, é dever de alguém se arrepender por ter roubado sua posse [‘eu’ e ‘meu’] e devolvê-la aos Seus Pés de Lótus.

Sri Muruganar: Aqueles que dizem “Devemos nos entregar ao Senhor” não têm uma percepção precisa da devoção [*pra-bhakti*]. A autoentrega se tornaria um esforço [*tapas*] somente se houvesse uma liberdade separada para o *jiva* agir; não é mesmo? Mas, como o chamado *jivatma* é sempre a possessão do Senhor, sem liberdade própria, seu principal dever é, envergonhado de seu ato de roubo ao surgir como uma entidade independente, ‘eu’, fundir-se novamente Nele de uma vez por todas e tornar-se inexistente.

481. Não haverá motivo para temer para aquele cuja mente obedece à vontade do Senhor orando: “Ó Senhor, que nada aconteça de acordo com o meu desejo; que apenas Tua vontade seja feita”.

482. Não dar espaço em seu coração - que tem um grande amor em direção à atenção ao Eu, a verdadeira forma de Deus - a qualquer pensamento levantado por *vasanas* é a maneira correta de se oferecer ao Senhor.

Sadhu Om: Estas são as palavras de Graça dadas por Sri Bhagavan em *Quem sou eu?*: “Não dar espaço algum ao surgimento de pensamentos que não sejam o pensamento do Eu [*Atma-chintana*] - ou seja, autoatenção] e estar firmemente estabelecido no Eu é se entregar ao Senhor”. Consulte também o verso 1189.

483. Renunciar a todos os desejos através da atitude “Tua vontade é a minha” é o estado de entrega completa, em que o mau ego, o véu original, o primeiro a surgir, é aniquilado. Assim você deve saber.

484. Ao investigar internamente, onde pode existir o ladrão que, com apego e desejo, agarrou como ‘eu’ e ‘meu’ as posses [a alma, o corpo, o mundo e assim por diante] do supremo Senhor infinito?

Sadhu Om: Como a mente, o corpo e o mundo surgem do Eu [Deus], eles são descritos como as posses de Deus.

Este verso e o próximo explicam como a autoinvestigação e a autoentrega resultam um no outro, sendo o resultado a ausência de ego.

485. Quando o ego, perdendo toda a sua malícia, morre na abidância do Eu [*nishtha*] ao ser presa ao poder de Siva [*Siva-Sakti*] e torna-se inerte como um tronco, já que a Felicidade que põe fim a todos os sofrimentos é experimentada lá, só então a autoentrega é verdadeira.

486. Oferecer-se com grande devoção ao Senhor, que brilha como o puro Eu, é como quebrar o dedo do pé do ídolo de *Ganapathi* feito de açúcar mascavo e oferecê-lo ao próprio ídolo.

Michael James: Consulte a nota de rodapé em *O Caminho de Sri Ramana* Parte II, parte 93, para a história do *Ganapathi* de açúcar mascavo.

Sri Muruganar e Sadhu Om: Quando até mesmo a autoentrega, que é tão glorificada no dualismo como a forma mais alta e final de devoção a Deus, é assim exposta por Sri Bhagavan neste *Upadesa* como sendo sem sentido, devemos considerar de que valerão todas as outras formas de adoração! Portanto, permanecer em silêncio, morar no Eu, não dar espaço ao surgimento do ‘eu’, que é o pecado de usurpar a posse de Deus, é a melhor de todas as adorações.

487. Coloque incondicionalmente sua mente aos Pés do Senhor que tem *Sakti* à sua esquerda. Então, como o ardiloso ‘eu’ e ‘meu’ estão mortos, o glorioso e bem-aventurado Supremo Eu brilhará triunfantemente.

Michael James: ‘O Senhor que tem *Sakti* à sua esquerda’ é uma maneira tradicional de se referir ao Senhor Siva.

81 A Atitude em Relação aos Inimigos

488. Pessoas boas [aspirantes] não devem odiar os inimigos nem um pouco, por pior que sejam, com desânimo. Pois até o ódio, como o desejo, é digno de ser odiado.

Sadhu Om: Este verso traz o mesmo *upadesa* dado por Sri Bhagavan em *Quem sou eu?*: “Não se deve desgostar dos outros, não importa o quão ruins eles sejam. São ambos os gostos e desgostos que devem ser odiados.”

489. Já que aquilo [este corpo e o ego, cuja forma é ‘eu sou o corpo’] que é rejeitado por um aspirante como ‘não eu’ é o mesmo que é ridicularizado por seus inimigos, para um aspirante que quer destruir o ego [si mesmo], os vários insultos de seus inimigos são como uma bigorna para o ourives.

Sadhu Om: Um aspirante significa aquele que realmente quer destruir seu senso de ego. Ele e seu senso de ego são uma e a mesma coisa. Através dos caminhos da autoentrega e da autoinvestigação, o que ele rejeita ou odeia é o ego ou ele mesmo. Já que aqueles [seus inimigos] que odeiam ou repreendem também estão fazendo o mesmo, eles são apontados aqui como grandes ajudantes em seu projeto. Isso é explicado pelo exemplo de um ourives e sua bigorna. Porque a bigorna resiste por baixo de cada golpe de martelo, o ourives consegue moldar seu metal adequadamente. Se a bigorna fosse macia, todos os esforços do ourives seriam em vão. Da mesma forma, quanto mais apreciação um aspirante recebe, menos será a redução do seu ego. Assim, em vez de seus apreciadores, seus inimigos estão ajudando o aspirante em seu *sadhana*.

490. Apenas aquele poderoso que tem a grande valentia de conquistar o ódio pelo amor é um verdadeiro Sábio [muni].

Sri Muruganar: “O ódio não pode acabar com o ódio” foi o ensinamento de Buda. No entanto, mesmo alguns aspirantes espirituais, ao verem atrocidades e pensarem que é seu dever atacar os malfeitores, se lançam na questão com raiva. Para apontar que não é adequado que eles façam isso, essa instrução foi dada.

82 A Simplicidade da Vida

491. Se alguns homens de grande riqueza desistissem voluntariamente de alguns de seus modos luxuosos de vida, milhões de pobres sofrendo lamentavelmente poderiam viver.

492. Como o bondoso Senhor produz o alimento necessário para todas as criaturas apenas na quantidade necessária, se alguém consome mais do que o necessário para sustentar a vida, é um pecado de roubar violentamente a comida dos outros. Assim você deve saber.

Sri Muruganar: Embora este verso mencione apenas comida, ele é aplicável a todas as necessidades da vida. O que se acumula mais do que o necessário é apenas acumular pecados. Isso é bem confirmado pelo próximo verso.

83 Capítulo sobre o Crime do Excesso

493. Pelo crime do excesso, até mesmo o néctar se torna veneno. Pelo crime do excesso, muitos são os males. Portanto, deve-se perceber o crime do excesso e removê-lo.

Sri Muruganar: Embora se diga que o jejum e a falta de sono são de certa forma um auxílio ao progresso espiritual, o excesso deles é certamente prejudicial. A *Bhagavad Gita* aponta: “Para quem dorme mais ou restringe totalmente o sono, e para quem come mais ou jejua mais, não há sucesso no yoga.” Sri Bhagavan também costumava dizer que mais do que o jejum, a comida *sattvic* em quantidades moderadas é o auxílio adequado para o *sadhana*.

84 Humildade

494. A grandeza de alguém aumenta na medida em que se torna humilde. A razão pela qual Deus é Supremo a tal ponto que todo o universo se curva a Ele, é o Seu sublime estado de humildade em que o ego iludido nunca se levanta sem saber.

495. Para um sábio aspirante que busca alcançar a verdadeira grandeza, é melhor prestar homenagem [*namaskarams*] aos outros até que a completa ausência de ego seja alcançada. Por outro lado, é realmente perigoso para ele aceitar homenagens dos outros.

Sadhu Om: O sábio aspirante mencionado aqui é apenas aquele que visa a realização do Eu. Uma vez que o ego diminui ao fazer *namaskarams* aos outros, é apontado como ‘melhor’, e como o ego aumenta ao aceitar *namaskarams* dos outros, é apontado como ‘realmente perigoso’.

496. Não é por conta de Seu comportamento tão humilde, como alguém que se dispõe a estar sempre a serviço de todas as criaturas, que Deus se torna digno de todas as gloriosas adorações já realizadas por todos os mundos?

497. Ao ver a Si mesmo em todos, ao ser humilde até mesmo com Seus devotos que se curvam a todos, e ao permanecer naturalmente em tal pináculo de mansidão que nada pode ser mais humilde do que Ele mesmo, o estado de ser Supremo chegou ao Senhor.

Sadhu Om: Através dos versos 494, 496 e 497, Sri Bhagavan revela uma verdade única e surpreendente, isto é, Ele explica como Deus se torna digno de ser adorado por todos os mundos. Sri Bhagavan aponta aqui que é porque Deus é natural e amorosamente humilde para com todos em Sua própria criação. O seguinte incidente provará que Bhagavan Sri Ramana, por essa mesma razão, não é senão o próprio Deus.

Um devoto perguntou a Sri Bhagavan: “Qual é o seu sentimento quando centenas de pessoas vêm e fazem *pranams* para você?” Sem hesitar, Sri Bhagavan respondeu: “Primeiro eu faço minhas *namaskarams* para cada um deles assim que entram nesta sala, e só então eles o fazem. Subsidiar o próprio ego é a forma correta e real de fazer *namaskarams*. Eu não tenho mais chances a cada dia de fazer tais *namaskarams* do que qualquer pessoa que venha aqui?”

Esta resposta de Sri Bhagavan contém muito significado secreto e profundo para se refletir. A essência da instrução dada aqui é que ser sempre humilde, sem permitir o surgimento do ego, é o único caminho para alcançar a grandeza.

498. Uma vez que a mente em si é ao mesmo tempo a mais ínfima [*anu*] e a maior [*mahat*], o Ser, a Realidade que está além da mente, é transcendente [*atitam*]. Além disso, o Ser é maior do que tudo o que se conhece como maior e mais ínfimo do que tudo o que se conhece como ínfimo.

Sadhu Om: Consulte a 5ª estrofe de *Atma Vidya Kirtanam* [*A Canção da Ciência do Ser*], na qual Sri Bhagavan diz que o Ser é o Espaço que contém o espaço mental [que, por sua vez, contém o espaço físico].

499. O canudo oco e frágil flutua alto na superfície do mar, enquanto a pesada pérola repousa no fundo do mar. Da mesma forma, embora o inútil esteja posicionado acima, ele é realmente baixo, e embora o grande esteja posicionado abaixo, ele nunca é baixo.

Sadhu Om: As últimas duas linhas deste verso são o verso 973 do *Tirukkural*, o 3º verso no capítulo intitulado ‘Grandeza’.

Um dia, alguns devotos tentaram afastar da presença de Sri Bhagavan uma pessoa que insistentemente queria um assento não menos alto que o de Sri Bhagavan. Adivinhando o que havia acontecido, Sri Bhagavan imediatamente comentou, apontando seu dedo acima de sua cabeça: “Ah, vocês estão muito felizes em afastá-lo; mas o que vocês farão com este aqui?” Logo acima da cabeça de Sri Bhagavan, havia um macaco sentado no galho de uma árvore estendendo sua cauda em direção a ele! Os devotos se arrependeram de seu erro. Esse incidente não é uma explicação direta e prática deste verso?

85 O que é Digno de Ser Feito

500. Digno de ser feito é a autoinvestigação; digno de ser alcançado é a glória do Ser; digno de ser abandonado é o senso de ego; digno de ser fundido é a própria fonte, para que preocupações e ansiedades morram.

501. Digno de ser alcançado é o verdadeiro conhecimento; digno de ser contemplado pela mente são os Pés do Senhor; certamente digno de ser unido é a companhia dos Sábios [*satsang*]; digno de brotar no coração é a Felicidade.

Michael James: O verso 1144 também deve ser lido aqui.

PARTE DOIS

A PRÁTICA DA VERDADE

(*Tattuvam Anusantana Viyal*)

1 Capítulo Sobre a Grandeza da Instrução

(*Upadesa Matchit Tiran*)

502. Saiba que as sábias palavras do Único [o *Sadguru*] que está bem estabelecido no Coração são o melhor guia para as mentes confusas e iludidas dos devotos se libertarem de correr atrás dos sentidos mesquinhos e alcançarem interiormente seu objetivo.

503. O verdadeiro conhecimento [*jnana*] não surgirá sem explorar dentro da essência da instrução ‘Tu és Aquilo’ pronunciada incessantemente pelo olhar do *Sadguru*, o Ser, a forma de Siva [na Terra], habitando nos corações de Seus devotos.

504. O brilho ininterrupto do Ser, a vida da vida, como a consciência natural ‘Eu-Eu’ no coração é a natureza de Deus dando *upadesa* contínua ao discípulo digno.

Sadhu Om: Este verso explica ainda mais as ideias reveladas na instrução: “Para algumas almas altamente maduras, acontece que o Senhor revela a Realidade de dentro, sendo o Conhecimento de seu conhecimento”, dada como resposta à oitava pergunta: “Como é que alguns grandes Seres alcançam o conhecimento supremo mesmo sem um Guru?”, no capítulo ‘*Upadesa*’ no livro *Upadesa Manjari* dado por Sri Bhagavan. Este verso explica como o Ser, sendo o Guru interior, ensina o verdadeiro conhecimento a uma alma totalmente madura mesmo sem assumir uma forma humana do lado de fora. O brilho de ‘Eu-Eu’, a essência da consciência ‘sou’, é o ensinamento silencioso do Guru interior, o Ser. Como o conhecimento supremo e não dual é nada além da consciência do Ser ‘eu sou’, seu brilho como ‘Eu-Eu’ em si é o conselho interno silencioso do Guru, induzindo o discípulo [a mente] a permanecer sempre nele. É assim que o Ser age como Guru de dentro.

2 Capítulo Sobre os *Mahavakyas*

(*Mahavakkiyat Tiran*)

505. Extraída das muitas expressões que removem a ignorância contidas nos quatro *Vedas*, a frase essencial que denota a verdade absoluta, Silêncio, é ‘a unidade da alma individual e do Supremo’ [*jiva-brahma-aikya*].

Michael James: O *mahavakya* ‘Tu és Aquilo’ (*tattvamasi*) também denota isso.

506. Para as almas altamente maduras que buscam o supremo *sat-chit-ananda* para se libertarem do calor abrasador do nascimento [e da morte], é pelo questionamento apenas da palavra ‘Tu’, que [das três palavras ‘Aquilo’, ‘Tu’ e ‘és’] denota a natureza da alma individual, que a glória da Libertação é alcançada.

Sadhu Om: Devemos lembrar aqui a instrução de Sri Bhagavan no verso 32 de *Ulladu Narpadu* sobre o que um discípulo sincero e dedicado deve fazer quando ouve o *Mahavakya* ‘Tu és Aquilo’ de um Guru. Assim que ouve a frase ‘Tu és Aquilo’, a atenção do discípulo deve se voltar para saber ‘O que sou eu?’. Este é o verdadeiro objetivo com o qual o *Mahavakya* foi revelado. A palavra importante que está no *Mahavakya* acima para fazer a mente do discípulo voltar-se para a autoatenção é ‘Tu’. Portanto, este verso afirma categoricamente que, das três palavras, apenas ‘Tu’ deve ser tomada para análise por um discípulo digno. Os dois versos seguintes também enfatizam a mesma ideia.

507. Apenas para voltar para dentro as mentes dos aspirantes menos maduros, o que será favorável para o questionamento mencionado acima, [os *Vedas*] adicionaram as outras duas palavras ‘Aquilo’ [*tat*] e ‘és’ [*asi*] à palavra ‘Tu’ [*tvam*], formando assim o *Mahavakya* ‘Tu és Aquilo’ [*tat tvam asi*]. Assim você deve saber.

508. Na verdade, o questionamento feito dentro de si mesmo para conhecer o verdadeiro significado denotado pela palavra ‘Tu’, ‘O que é isso?’

[‘Quem sou eu?’], é o meio adequado para conhecer também o significado correto das outras duas palavras.

3 Capítulo sobre a Grandeza das *Upanishads*

(*Upanisha Matchit Tiran*)

509. A Graça é a forma de Deus, que nunca conheceu a ignorância [*ajnana*]. O verdadeiro conhecimento de *Brahman* [*brahma-jnana*] é o estrado em que os Pés de Lótus de Deus estão colocados. As *Upanishads* são as sandálias douradas desses Pés. Para o pequeno ego [homem moderno] que é possuído pela loucura do conhecimento científico [*vijnana*], o único dever digno é manter as sandálias das *Upanishads* em sua cabeça.

Sadhu Om: O ensinamento transmitido por este verso é que o principal e imediato dever da mente moderna, que está repleta de conhecimento científico, é, em vez de se orgulhar de seu conhecimento insignificante, renunciar ao seu orgulho e seguir o caminho do autoconhecimento mostrado pelas *Upanishads*. Como é um fato bem conhecido que o conhecimento da ciência mundana, embora tenha se desenvolvido cada vez mais, nunca encontrou um fim, este verso instrui que, se quiser alcançar um conhecimento completo, o intelecto humano que se dedica à ciência, que nunca fornecerá nada além de um conhecimento incompleto, tem que buscar refúgio sob a misericórdia das *Upanishads*, que sozinhas ensinam o autoconhecimento, o conhecimento final e completo. Este é o único caminho para ser salvo, e este é o seu principal dever.

4 Capítulo sobre *Upasana*

(*Upasanait Tiran*)

Michael James: *Upasana* significa adoração, ou seja, apegar-se a Deus através do corpo (fazendo *puja*), da fala (fazendo *japa* ou recitando *stotras*) ou da mente (fazendo *dhyaana*).

510. Aqueles devotos afortunados que viram os Pés de Lótus de Deus, que brilham supremamente puros em seus corações, terão todas as suas tendências maléficas e inauspiciosas erradicadas e brilharão com a Luz do Conhecimento.

511. As qualidades diabólicas [*asura sambat*] só trarão ruína para você. Sabendo disso bem, desenvolva apenas qualidades divinas [*deyva sambat*]. *Upasana*, que cultivará qualidades divinas no coração, sozinha salvará a alma.

Sadhu Om: Aqui, *upasana* deve ser entendida como se apegar ao Eu, isto é, atender ao Eu, que é a autoinvestigação. Pois a autoinvestigação, por si só, confere todas as qualidades divinas [*deyva sambat*]. A palavra ‘sambat’ significa ‘aquilo que é ganho’. Como todas as coisas ganhas externamente só trarão miséria ao *jiva*, ‘deyva sambat’ é o único que vale a pena ser ganho e é desenvolvido exclusivamente pela autoinvestigação.

512. Embora o conhecimento não dual [*advaita jnana*] seja difícil de alcançar, torna-se fácil de alcançar quando o verdadeiro amor, *bhakti*, pelos Pés do Senhor [Siva] se intensifica, uma vez que Sua Graça, a Luz reveladora que dissipa a ignorância, começa a fluir.

513. Ao fixar firmemente com amor os Pés do Senhor no coração, pode-se romper o vínculo da ilusão e, ao cortar esse vínculo, pode-se contemplar a verdadeira Luz do conhecimento supremo, com o lótus do coração desabrochado.

Michael James: Os leitores devem lembrar aqui o ensinamento de Sri Bhagavan de que o Eu é denotado pelos termos ‘os Pés de Deus’, ‘Graça’ e assim por diante.

514. Se a cabeça do *jiva* estiver fixa nos Pés de Siva, o *jiva* brilhará como o próprio Siva. Porque, o pequeno ego, perdendo sua natureza de movimento, permanece imóvel no verdadeiro estado do Eu, que é imóvel.

Michael James: A natureza da onda é se mover. A natureza do oceano é permanecer imóvel. Se a onda errante ama o oceano, ou seja, se ama a natureza do oceano, a saber, permanecer parado, perderá sua forma de onda, afundará no oceano e, assim, se tornará o próprio oceano, ou seja, se tornará imóvel. Da mesma forma, se o *jiva*, a mente errante, ama Siva, o Eu, ele perderá sua natureza de *jiva*, ou seja, a natureza de se mover e se manter como uma entidade separada, dissolver-se em Siva e tornar-se Siva em Si mesmo.

515. Para romper o vínculo forte, longo e falso e ser salvo, sem perder tempo, medite sempre com amor ardente e intenso nos Pés de Lótus dourados do Senhor.

Sadhu Om: “Pratique sempre a meditação sobre o Eu [*atma-dhyana*] e alcance a suprema bem-aventurança da Libertação”, diz Sri Bhagavan no capítulo final do *Vichara Sangraham*. Portanto, devemos entender que meditar sobre o Eu é o que está sendo recomendado neste verso.

516. A verdadeira forma [natureza] de Deus [Eu] não pode ser compreendida, exceto pela mente que permanece firmemente imóvel em *nishta* [Permanência no Eu ou *samadhi*]. Portanto, sem permitir que a mente vague como um vagabundo [ou seja, passar pelo estado de vigília e sonho - *sakala*] ou cair em *laya* [ou seja, cair no sono - *kevala*] devido ao cansaço, treine a mente para estar consciente e ainda focada em um único alvo [Eu].

Michael James: É indicado neste verso que tornar a mente imóvel, ou seja, mantê-la afetada por *sakala* (o estado de multiplicidade) e *kevala* (o estado de nada), é o que se chama *nishtha* ou *samadhi*.

517. Abandone todos os apegos aos pequenos objetos dos sentidos [*vishayas*], que são causados pela ilusão ‘eu sou este corpo carnal’. A mente silenciosa [assim aquietada ao renunciar aos objetos dos sentidos] é o puro *mani-lingam* [forma superior de Siva-*lingam*]. Se isso for adorado [ou seja, se esse silêncio mental for cuidadosamente preservado com grande amor, que é o verdadeiro culto a ele], ele concederá uma felicidade infinita.

518. Todos os dias, todos os planetas, todos os *yogas* e todos os *orais* são dias auspiciosos, planetas auspiciosos, *yogas* auspiciosos e *orais* auspiciosos para um aspirante fazer essa *upasana* [prática espiritual].

Michael James: *Yogas* e *orais* são partes específicas do tempo em um dia, conforme calculado na astrologia.

Sri Muruganar: Como os dias, planetas, *yogas* e *orais* estão dentro do conceito da mente, alguns deles podem ser inauspiciosos, mas apenas para atividades mundanas. Nenhum deles pode causar qualquer dano a um aspirante que queira fazer a atenção ao Eu [*atma-dhyana*], que é o verdadeiro culto a Deus, porque isso diz respeito ao Eu, que está além da mente. Os dez versos cantados por Sri Jnanasambandhar para vencer os efeitos dos planetas e também algumas outras canções dos santos tãmeis nos garantem que nenhum desses fatores temporais pode criar qualquer obstáculo para um devoto que se encontra sob o poder da Graça de Deus.

519. É muito raro ter plena fé em Um [Deus ou Guru]. Se essa fé florescer no coração [devido a méritos passados], proteja e nutra-a, pois é semelhante a um recém-nascido, sem estragá-la dando espaço a dúvidas ou suspeitas, assim como, se alguém possuísse a Kamadenu, criaria-a com grande cuidado e amor.

Michael James: A Kamadenu é uma vaca divina que dará a alguém tudo o que se desejar. Da mesma forma, a fé completa em Deus ou Guru concederá tudo e qualquer coisa a um devoto. Esse é o maravilhoso poder da fé.

5 Capítulo Sobre *Upasana* através do Silêncio

(*Maunopasanait Tiran*)

520. Instalar o Senhor no trono do coração e fixar a mente ininterruptamente no Eu de tal maneira que se torne um com Ele é o verdadeiro e natural culto através do Silêncio [*maunopasana*].

521. O estado puro de ter um grande apego ao Eu e não ter apego a qualquer outra coisa é realmente o estado de Silêncio. Aprender a permanecer como ‘Eu sou esse Silêncio’ e sempre permanecer como Ele é o verdadeiro culto mental [*manasika puja*].

Sadhu Om: Hoje em dia, muitos de nós estamos sob a impressão de que fazer culto mental [*manasika puja*] significa imaginar que se está coletando todas as coisas necessárias, como flores, pasta de sândalo, frutas, guirlandas e assim por diante, e que se está oferecendo a Deus.

No entanto, isso é apenas uma atividade mental [*pravritti*]. Este verso nos ensina que isso não é o verdadeiro *manasika puja*, e que a permanência no Eu, ‘culto através do Silêncio’ [*maunopasana*] mencionado acima, é o verdadeiro *manasika puja*.

6 Capítulo Sobre o Delírio dos Argumentos

(*Vada Mayal Tiran*)

522. Apenas os ignorantes que não sabem nem um pouco sobre a natureza do seu próprio [do ego] surgimento e desaparecimento se envolverão em uma acalorada guerra de palavras: “O destino é mais poderoso do que o livre-arbítrio [o esforço da mente]”; “Não, o livre-arbítrio é mais poderoso do que o destino”; “O destino é superior ao livre-arbítrio”; “Não, o livre-arbítrio é superior ao destino”.

Michael James: Consulte o versículo 18 de *Ulladu Narpadu*.

523. Em vez de indagar e conhecer através da experiência prática a Coisa verdadeiramente existente e, assim, atingir o estado claro do supremo Silêncio, alguns saltam com egoísmo, tendo fanatismo por uma religião específica e ódio em relação a outras religiões, e fazem argumentos e críticas vãs e barulhentas.

Michael James: Consulte o versículo 991.

524. A própria natureza do argumento é ocultar a verdade. Como é apenas uma arte da ilusão e imaginação, ela iludirá e confundirá a mente. Portanto, ninguém que tenha caído no buraco escuro dos argumentos verá a Luz do Sol, o autoconhecimento.

525. Palavras [e pensamentos] não revelam o Eu. Pelo contrário, eles o encobrem completamente. Portanto, esteja alerta para controlar tanto a fala quanto o pensamento, para que o Eu, que está oculto por eles, brilhe por si só.

Sri Muruganar: ‘Nós’, o Eu, somos a única realidade. Até os pensamentos [mente] e a fala, que é apenas uma forma grosseira de pensamentos, são estranhos a nós e, portanto, irreais. Então, a prática da atenção ao Eu, que eliminará os pensamentos e a fala, é um empreendimento digno.

526. Não empreste seu intelecto [*buddhi*] como escravo para a ginástica da eloquência [na forma de fala e poesia] e para a mágica dos argumentos. Conheça a verdade, o Eu, voltando a mente pura e *sattvic* para dentro e, assim, destruindo a ilusão da alteridade.

7 Capítulo Sobre a Inutilidade das Medidas

(*Alavai Yavalat Tiran*)

527. O medidor, a medida [ou seja, o padrão ou escala de medição], o medido e a medição - tudo isso parece existir e brilhar devido ao brilho da existência-consciência [*sat-chit*] no coração. Qual medida existe para medir o Eu [a existência-consciência]?

Sadhu Om: Tudo é medido pela mente, tendo as medidas imaginárias [dimensões ou padrões de medição] de tempo e espaço. Aquelas coisas que são assim medidas [incluindo tempo e espaço], o ato de medi-las e o medidor [a mente] - tudo isso parece ter existência apenas por causa e na presença do Eu, a existência-consciência. Além disso, eles não têm existência real própria. Portanto, como o Eu pode ser medido por algum deles - mente, tempo, espaço e assim por diante?

528. Somente enquanto o medidor [a mente] existe, a medida e o medido também parecerão existir como reais. Mas quando o medidor [a mente] vê o Eu, a Coisa realmente existente, e se perde nela, todas as outras coisas, como a medida, o medido e a medição, automaticamente se tornarão irreais.

8 Capítulo Sobre o Conhecimento Indireto

(*Paroksha Jnanat Tiran*)

529. O fogo dos desejos dos *jivas* será extinto apenas pela experiência direta [*aparoksha*] do puro conhecimento do Eu, no qual todas as *vasanas* da mente ignorante estão mortas. Se a sede e o calor do corpo físico pudessem ser aplacados e resfriados por um espelho, então a sede espiritual [o desejo pela bem-aventurança - *moksha*] também poderia ser saciada pelo conhecimento indireto [*paroksha jnana*].

Michael James: *Paroksha jnana* significa conhecimento mediado ou indireto, ou seja, o conhecimento sobre o Eu reunido através de livros (por *sravana* e *manana*) em oposição ao conhecimento imediato ou direto (*aparoksha jnana*), ou seja, a experiência direta do Eu (obtida através de *nididhyasana*).

530. Quando, assim, a experiência direta [*aparoksha*] do puro Eu Supremo é o único verdadeiro conhecimento não dual [*jnana*], chamar até mesmo o que é indireto [*paroksha*] de conhecimento [*jnana*] é como chamar demônios [*rakshasas*] de ‘pessoas meritórias’ [*punya janas*].

Michael James: Na literatura, ao se referir a algo indigno, é costume usar um nome digno para ridicularizá-lo indiretamente. É dessa maneira que os *rakshasas*, que são bem conhecidos por serem pecadores perversos, às vezes são chamados de ‘pessoas meritórias’ (*punya janas*). Sri Bhagavan aponta neste verso que o conhecimento indireto (*paroksha jnana*) é chamado de ‘conhecimento’ (*jnana*) apenas neste espírito, pois, na verdade, não passa de ignorância (*ajnana*) em si.

531. O supremo *Jnana* [conhecimento do Eu], que destrói a ilusão enganosa, nascerá apenas de um verdadeiro questionamento na forma de uma atenção voltada para aquilo que existe como a Realidade [‘Eu sou’] no coração. Mas saiba que o mero conhecimento dos livros sobre questionamento, mesmo que aprendido com escrituras claras, será como uma abóbora desenhada em uma folha de papel, inútil para cozinhar.

532. É possível saciar a fome comendo comida cozida por uma imagem pintada de um fogo ardente? Da mesma forma, um fim para as misérias da vida e o gozo da bem-aventurança do Eu não podem ser alcançados apenas pelo conhecimento verbal, mas apenas pelo conhecimento prático do Eu, que é obtido ao extinguir o ego no coração. Assim você deve saber.

533. A bem-aventurança do *sphurana* do Eu Supremo não pode ser obtida por argumentos intelectuais, mas apenas pelo conhecimento que brilha no coração como a forma do Senhor Divino que empresta luz à mente.

9 Capítulo Sobre a Unicidade do *Jiva*

(*Eka Jivat Tiran*)

534. Que aspirantes altamente maduros e corajosos que possuem um intelecto brilhante e aguçado aceitem firmemente que a alma [*jiva*] é apenas uma [*eka*] e, assim, estejam estabelecidos profundamente no coração [investigando ‘Quem sou eu, aquele único *jiva*?’]. É apenas para se adequar às mentes imaturas que as escrituras geralmente dizem que as almas [*jivas*] são muitas [*nana*].

Sadhu Om:

Se o ego entra em existência, tudo entrará em existência; se o ego não existir, nada existirá; [portanto] o ego é tudo. – *Ulladu Narpadu* verso 26.

Se ‘Eu’ surgir, tudo surgirá. – *Quem sou eu?*

Se o pensamento ‘Eu’ não existir, nenhuma outra coisa existirá – *Sri Arunachala Ashtakam*, verso 7.

Como está claro a partir dos três *upadesas* acima de Sri Bhagavan, o surgimento do ego, o sentimento ‘eu sou fulano’, é a causa do surgimento e aparência de todo o universo com inúmeros *jivas* vivendo nele. Devemos concluir, sem qualquer dúvida, que é apenas na perspectiva ignorante do ego, o único ‘Eu’, o único *jiva*, e que, pela destruição desse único ‘Eu’, através da investigação ‘Quem sou eu?’, a existência de todos os outros *jivas* chegará ao fim. Este é o significado do *upadesa* contido neste verso.

535. Existe alguém que nasceu ou alguém que cortou o vínculo do nascimento [e da morte]? Durante o tempo em que o pensamento ‘Eu’ [o ego] não surge [isto é, no sono profundo], há alguém que está preso no corpo [ou seja, que se identifica com o corpo] ou que está livre dele? Investigue bem, agora, e me diga!

Sadhu Om: Na ausência do ‘Eu’, o único *jiva*, [seja no sono, onde o pensamento ‘Eu’ diminuiu, ou em *Jnana*, onde foi destruído], nenhum outro *jiva* existe, seja como um ser preso [*bandha*] ou como um ser libertado [*mukta*]. A unicidade do *jiva* é ainda mais enfatizada neste verso.

10 Capítulo Sobre Conhecimento e Ignorância

(*Arivu-ariyamait Tiran*)

536. Ó pessoas mundanas que analisam cada vez mais uma coisa após a outra e correm atrás de cada uma delas pensando que cada uma é mais valiosa que a outra! Analisar aquela única Coisa [o Ser] pela qual nada mais restará [para ser analisado], é [verdadeiro] conhecimento.

Sadhu Om: A palavra em tâmil usada aqui é ‘*nadum*’, que pode significar ‘analisar’ ou ‘desejar’. No entanto, é mais apropriado aqui considerá-la no sentido de ‘analisar’, porque na segunda metade do verso, a palavra em tâmil ‘*aydal*’, que significa apenas ‘analisar’, é usada duas vezes. Além disso, o verso está no “Capítulo sobre Conhecimento e Ignorância”.

537. Para aqueles que podem analisar [investigar] e conhecer a coisa mais sutil [o Ser], que benefício há na pesquisa e conhecimento de objetos grosseiros? Mais valiosa do que a pesquisa feita [pela mente] através do olho e assim por diante, é a pesquisa indestrutível feita internamente [ou seja, a autoinvestigação ou autoatenção].

Sadhu Om: O significado deste verso é que a autoinvestigação, pela qual o Ser é conhecido, é muito superior às pesquisas científicas.

538a. Conhecer o Ser claramente, rejeitando todas as coisas alienígenas [o universo] como mera nulidade [*sunya*] é o supremo conhecimento [*jnana*] que transcende tempo e espaço, além do qual não há conhecimento digno [ou superior].

538b. Conhecer o Ser claramente, rejeitando todas as coisas alienígenas [o universo] como mera nulidade [*sunya*] é o supremo conhecimento [*jnana*]. O conhecimento de todos os tempos e lugares ou o conhecimento da mente dos outros não é conhecimento digno.

539. A verdade é que qualquer esporte lúdico de *Sakti* [ou seja, qualquer glória vista neste universo] não pode ser diferente de *Sakta*, o Ser [o possuidor de *Sakti*]. Portanto, ter a perspectiva de pensar que o mundo, que é [na verdade mera] consciência [*chit*], é diferente dela [consciência, ‘nós’] e ser iludido [por gostos e desgostos pelas coisas do mundo], é a falsa *maya*, que causa o erro [ou seja, todos os obstáculos e misérias].

540. O conhecimento ‘Eu sou o corpo’ é a ignorância ilusória e destrutiva. O conhecimento correto [o conhecimento de *Brahman*], que é digno de ser alcançado, é o conhecimento de que mesmo a ignorância acima mencionada, que é falsa, não existe separada do Ser, a realidade inevitável.

Sadhu Om: Embora a cobra que aparece em uma corda seja falsa, ela não pode ter tal aparência, como se existisse, sem a existência da corda. Da mesma forma, embora a ignorância ‘Eu sou o corpo’ seja um conhecimento falso, mesmo assim, não pode parecer existir sem a existência do verdadeiro Ser. O ensinamento dado neste verso é o mesmo que o dado no verso 13 de *Ulladu Narpadu*.

541. Assim como, por conta da mera imaginação, o espaço único e ininterrupto é chamado por diferentes nomes [como ‘*ghatakasa*’, o espaço todo-penetrante], o Ser único, completo e ininterrupto é visto pelos imaturos como muitos [ou seja, como diversas almas e objetos]. Esse é o resultado da maravilhosa *maya*.

542. Ver o Ser único, a realidade desprovida de qualquer falsidade, como muitos e diferentes é o que é a ignorância. Portanto, qualquer coisa que apareça com qualquer nome e forma, vê-la em sua natureza real [como o Ser] é o que é o conhecimento.

Sadhu Om: As duas últimas linhas deste verso são o verso 355 de *Tirukkural*. Ao ler o verso em tâmil de Sri Muruganar, aqueles que conhecem *Tirukkural* podem entender como habilmente ele usou este verso de *Tirukkural* para explicar a ideia de Sri Bhagavan.

543. Embora os mundos externos estejam com inúmeras diferenças [isto é, com diferentes nomes e formas], a realidade interna de todos eles é o Ser único, assim como, embora as sementes de gergelim colocadas no grande expulsor de óleo giratório sejam inúmeras, a única substância nelas é o óleo.

544. Conhecer através da real clareza [*chit*] no estado em que a imensa bem-aventurança [*ananda*] e a não-dual existência do Ser [*sat*] estão brilhando como um só, que nenhuma dualidade como conhecer e não conhecer jamais existiu, é o verdadeiro conhecimento.

545. Conhecimento e ignorância só podem existir em relação a objetos externos, que são a segunda pessoa. No entanto, como eles [conhecimento e ignorância] não existem no estado real em que apenas o Eu brilha, o verdadeiro conhecimento é aquele em que a dualidade do conhecimento e ignorância não existe.

Sadhu Om: Consulte o verso 12 de *Ulladu Narpadu* e o verso 27 de *Upadesa Undiyar*.

546. Alguns dizem: “Conhece a ti mesmo” [mas] existe alguém que não se conhece? Diga-me, não é igualmente ignorante dizer “Eu realizei o Eu” como dizer “Eu não realizei o Eu”?

Sadhu Om: Vale a pena ler o verso 33 de *Ulladu Narpadu* aqui. *Jnanis*, que obtiveram o conhecimento do Eu, nunca dizem “Eu realizei meu Eu” ou “Eu não realizei meu Eu”. Consulte a fala de Sri Bhagavan na segunda linha do segundo verso de *Sri Arunachala Ashtakam*, “Um ‘Eu’ não surge para dizer ‘Eu vi’; como então pode surgir um ‘Eu’ para dizer ‘Eu não vi’? “O estado em que o ego não surge é o estado além de saber e não saber.

547. Se alguém permanece apenas como consciência [isto é, como ‘Eu sou’, em outras palavras, na abidância do Eu, *atma-nishtha*], a ignorância [que é uma das dualidades de ignorância e conhecimento] não existirá. Portanto, a ignorância é falsa; apenas a consciência do Eu é real. Quando corretamente conhecido, é ignorância dizer que há ignorância. Verdadeiramente, a pura consciência é nossa natureza. Assim você deve saber.

11 Capítulo Sobre Ilusão

(*Marul Tiran*)

548. Somente enquanto alguém pensa ‘Eu conheço outras coisas’ a ilusão ‘Eu não me conheço’ permanecerá. Quando tal pensamento é removido pela experiência do sempre existente autoconhecimento, essa ilusão se tornará falsa [isto é, se tornará inexistente].

Sadhu Om: Como sempre que algo é conhecido, nosso poder de atenção assume a forma de um pensamento [*vrutti*] ‘Eu conheço outras coisas’, prevalece uma falsa ilusão ‘Eu não me conheço’. Mas quando a discriminação [*viveka*] ‘Sempre que eu conheço qualquer outra coisa, é conhecida porque eu existo ali, e portanto, todo conhecimento da minha própria existência já está lá’ brilha cada vez mais por meio da investigação [*vichara*], a verdade ‘Não há momento em que eu não me conheça’ surgirá. Este é o estado eterno, sempre alcançado, do autoconhecimento.

549. Como a natureza do Eu é o todo perfeito, tudo e um sem outro, conhecer todas as outras coisas em vez de indagar dentro de si ‘Qual é a minha verdadeira natureza?’ [em outras palavras, ‘Quem sou eu?’] é apenas mera ilusão.

550. Da mesma maneira que um sonho aparece no espaço mental por mera imaginação mental, a cena deste quadro mundial [como nossa vida] aparece neste estado de vigília. Portanto, permanecer no Eu conhecendo firmemente assim, destruindo todo conhecimento objetivo [o conhecimento de segunda e terceira pessoas neste estado de vigília] e aniquilando todos os desejos tolos pelas cenas objetivas aqui, é o único caminho digno.

551. Apenas os ignorantes que não investigam e conhecem o Coração, a Coisa Suprema, ficarão assustados e iludidos pela enganosa *maya*. Mas os brilhantes *Jnanis*, que experimentaram o supremo Eu, o oceano de bem-aventurança, não terão medo dela [*maya*].

552. As pessoas loucas que não conhecem a Realidade não-dual [Eu], que existe e brilha como uma só, e que com o olho ictérico da ignorância veem o Eu como muitos, são como aqueles que veem muitas miragens no deserto.

Sri Muruganar: Através deste verso, Sri Bhagavan indica que é certo que aqueles que têm a perspectiva dual serão desapontados e sofrerão muito nesta vida.

12 Capítulo Sobre o Estado de Vigília e o Sonho

(*Nana Kana Tiran*)

553. Aqueles que têm o olho da *Jnana* [isto é, *Jnanis*] declaram que tanto o estado de vigília quanto o sonho são os mesmos em termos de imperfeição. Pois, o estado de vigília, um estado de grande apego, não desaparece assim como o sonho?

554. Todos os *karmas* que alguém viu que fez em sonho, não darão fruto no estado de vigília. Da mesma forma, todos os *karmas* feitos neste estado de vigília pelo sentido do ego iludido não darão fruto no estado do despertar do Eu.

Sadhu Om: Este verso enfatiza que para um *Jnani*, nenhum dos três *karmas* [*agamyā*, *sanchita* ou *prarabdha*] permanecem a ser experimentados.

555. *Jnanis* dizem que tanto o sonho quanto o estado de vigília são criações da mente iludida. Porque, em ambos, pensamentos e nomes-e-formas existem da mesma maneira.

Michael James: Consulte *Who am I?* onde Sri Bhagavan diz: “Em ambos os estados de vigília e sonho, pensamentos e nomes-e-formas [os objetos] entram em existência simultaneamente”.

556. Quando o ego está meio desabrochado, o sonho aparece. Quando o ego está totalmente desabrochado, o estado de vigília, a aparência do mundo que é o pleno florescer da ignorância, surge.

Michael James: Consulte o versículo 10 do *Drik Drisya Viveka*, uma obra de Sri Adi Sankara que Sri Bhagavan traduziu para o prosa tâmil, onde se diz: “No sono profundo, onde o corpo permanece insensível [*jada*], o ego está completamente submerso [em *laya*]. Seu meio desabrochar é o sonho; seu desabrochar total é o estado de vigília”.

557. Quando a experiência dos frutos dos *karmas* que haviam causado o estado de vigília chega ao fim, e quando os frutos dos *karmas* a serem experimentados no sonho começam, a mente, da mesma maneira que havia tomado um corpo como ‘Eu’ no estado de vigília, identificará e assumirá outro corpo como ‘Eu’ no sonho.

Michael James: Consulte *Who am I?* onde Sri Bhagavan diz: “No sonho, a mente [simplesmente] assume outro corpo”.

558. Se for perguntado: ‘Quando o corpo do sonho e o corpo do estado de vigília são assim diferentes, como é que o sêmen no corpo do estado de vigília escorre quando se vê no sonho que o corpo do sonho entrou em contato com uma mulher?’, a resposta será que é devido à rapidez do apego com que se passa do corpo do sonho para o corpo do estado de vigília.

559. Quando o sonho é assim considerado uma aparição causada pela mente vacilante, o estado de vigília também é o mesmo. Tão verdadeiros são os acontecimentos no estado de vigília, tão verdadeiros são também os acontecimentos no sonho durante o tempo do sonho.

Michael James: Consulte *Who am I?* onde Sri Bhagavan diz: “Na medida em que todos os eventos que acontecem no sonho parecem ser reais naquele momento”.

560. A resposta ‘O estado de vigília é longo e o sonho é curto’ foi dada como uma mera resposta [consoladora] ao questionador. [Na verdade, no entanto, nenhuma diferença existe, porque, uma vez que o tempo em si é uma concepção mental,] o conceito de diferenças no tempo [como ‘longo’ e ‘curto’] parece ser verdadeiro apenas por causa do jogo enganoso de *maya*, a mente.

Sadhu Om: Sri Bhagavan refere-se aqui à seguinte resposta que Ele deu em *Who am I?*, “Exceto que o estado de vigília é longo e o sonho é curto, não há diferença [entre os dois]”.

561. A glória de *maya*, a mente, que concebe todas as coisas dentro do alcance da falsa escuridão da ignorância e ilude, reside em mostrar e confundir um segundo como uma era [*kalpa*] e uma era como um segundo.

Sadhu Om: Apenas dentro de um quarto escuro e apenas por meio de uma luz limitada é possível projetar e ver uma imagem de cinema. É impossível fazê-lo em um lugar onde a luz do sol brilha intensamente. Da mesma forma, apenas dentro da escuridão da ignorância do esquecimento do Eu e apenas por meio da luz da mente é possível projetar os estados de vigília e sonho e ver imagens do mundo neles. É impossível projetar e

experimentar o estado de vigília e o sonho quando [em *jnana-samadhi*] o Eu brilha com todo o seu esplendor. Portanto, a instrução contida neste verso é que é apenas por meio de *maya*, a luz da mente, que as diferenças relativas ao tempo e espaço são vistas no estado de vigília e no sonho.

562. Ao sempre atender ao Eu, uma existência básica, o todo perfeito, o olho da luz do conhecimento, afaste os dois sonhos [estado de vigília e sonho] que são experimentados pelo ego e que são meras imaginações ilusórias de diferenças que aparecem na escuridão [do esquecimento do Eu].

563. Se a mente, que está cheia de ilusão ignorante e que vê os mundos nos sonhos [nos dois sonhos, ou seja, no estado de vigília e no sonho] mas que não vê sua própria verdade, indagar quem ela mesma é [em outras palavras, ‘Quem sou eu?’] e, assim, perder sua natureza mental, ela então brilhará como o Sol do verdadeiro conhecimento [*jnana*], permanecendo aos Pés do Senhor.

564. Conhecer corretamente o Eu é como alguém que, ao acordar de um sonho, sabe que todo o turbilhão de sofrimentos experimentados naquele sonho se tornou falso e que se é realmente o mesmo indivíduo não afetado que estava deitado seguro na cama macia.

Sadhu Om: Neste verso, apenas o exemplo [*upamanam*] é claramente descrito, enquanto o ‘exemplificado’ [*upameyam*, ou seja, o que é ilustrado por esse exemplo], a saber, o estado não afetado do Eu, é deixado para os leitores expandirem e entenderem.

O *jiva*, que esqueceu sua natureza real, é comparado àquele que dormiu em sua cama. Os sofrimentos experimentados pelo *jiva* devido aos frutos das *karmas* realizadas durante seus inúmeros nascimentos e mortes, que aparecem e desaparecem como sonhos no sono do esquecimento mencionado do Eu, são comparados ao turbilhão de sofrimentos experimentados no sonho durante o sono. Então, todas as aparições de nascimentos e mortes do *jiva* chegando ao fim como falsas através do verdadeiro despertar como o Eu, são comparadas a todos os sonhos chegando ao fim como falsos através do despertar do sono. Embora o Eu, o não-dual, pareça se tornar um *jiva* e sofrer através de muitos nascimentos e mortes, na realidade o Eu não é afetado por essas falsas aparições. Isso é ilustrado pelo exemplo de alguém que dorme, que sempre permanece realmente a mesma pessoa não afetada que estava deitada segura na cama macia.

Sri Muruganar: Quando se chega a saber, através do despertar do Eu, que todos os díades e tríades são falsos, todos eles desaparecerão, não tendo base [nenhum ego] para brilhar. A consciência beatífica que simplesmente dorme [ou: A consciência que simplesmente dorme beatificamente], não associada às díades e tríades, é o estado de conhecer corretamente o Eu.

565. A libertação de alguém após passar por grandes sofrimentos em *samsara* [o estado mundano de atividade] é como despertar do sono depois de ver, devido à ilusão, em um sonho, a si mesmo perdendo o caminho, vagando em um deserto, sofrendo muito e depois alcançando a cidade natal.

Sri Muruganar: Este verso é uma indicação sutil de Sri Bhagavan de que até mesmo a libertação é uma mera concepção mental [ou seja, é falsa]. A verdade é que o Ser sempre desvinculado existe por si só.

B9. Esquecer o Eu, confundir o corpo com o Eu, passar por inúmeros nascimentos e, por fim, conhecer o Eu e ser o Eu é como acordar de um sonho de perambular por todo o mundo. Saiba assim.

Michael James: Este verso composto por Sri Bhagavan é o verso um do *Ekatma Panchakam*.

13****Capítulo Sobre os Diferentes Estados

(*Avasta Beda Tiran*)

566. Se for possível para os outros quatro elementos [a saber, terra, água, fogo e ar] existirem realmente separados do vasto espaço [o quinto elemento], então os três estados como vigília [a saber, vigília, sonho e sono] também podem ter uma existência real separada do impecável *turiya* [o estado do Eu].

Michael James: A instrução é que a vigília, o sonho e o sono são irrealis.

567. (a) A diferença entre os três primeiros estados densos [vigília, sonho e sono] e os estados quarto e quinto [*turiya* e *turiyatita*] são [aceitos nos *sastras*] apenas para aqueles que não são capazes de romper a escuridão da ignorância do sono e imergir e permanecer firmemente no radiante *turiya* [o estado do Eu].

567. (b) A diferença entre os três primeiros estados densos e os estados quarto e quinto são apenas para aqueles que não são capazes de imergir e permanecer firmemente no *turiya*, que brilha atravessando a escuridão da ignorância do sono.

Sadhu Om: A importância deste verso é que os aspirantes avançados devem saber que todos os estados mencionados nas escrituras que não são *turiya* [ou seja, sono, vigília, sonho e *turiyatita*] são irrealis. Para entender melhor esses dois versos, 566 e 567, o leitor pode consultar o verso 32 de *Ulladu Narpadu – Anubandham* e também as últimas páginas do capítulo oito de *O Caminho de Sri Ramana* - Parte Um.

568. Apenas enquanto o que está ligado aos estados [o *avasta -abhimani*, ou seja, aquele que se identifica com um corpo e, assim, sente ‘Eu estou agora no estado de vigília; Eu estava tendo sonhos’] existe, os [aforedito cinco] diferentes estados serão conhecidos como se existissem. Mas

quando esse ligado [*abhimani*], que surge na forma de uma consciência do ego, se perde através da autoinvestigação, todas as diferenças que pertencem aos estados também terminarão.

Sadhu Om: A palavra tâmil '*arivay*' pode ser interpretada como 'saiba que', em vez de 'na forma de uma consciência do ego'.

569. Aquele [o *Jnani*] que, por devoção suprema [isto é, por completa autoentrega] alcançou o reino do estado supremo [*para-avasta*, isto é, o Eu], através de seu estado supremo natural nunca vê que qualquer estado além daquele realmente existe.

Sadhu Om: Assim como um grande espaço aberto se torna três partes quando duas paredes de divisão são erguidas no meio dele, quando os dois tipos de identificação com o corpo, a saber, a identificação com o corpo desperto e a identificação com o corpo do sonho, imaginariamente surgem, nossa única consciência do Eu ininterrupta parece se tornar três estados, a saber, vigília, sonho e sono. Nós que experimentamos e nomeamos nosso estado original quando o corpo na vigília é identificado como 'Eu', e como o estado de sonho quando o corpo no sonho é identificado como 'Eu', também experimentamos e nomeamos nosso estado original, sem adjunções de pura consciência do Eu, que então permanece como se fosse nosso terceiro estado, como sono.

Quando as duas paredes da vigília e do sonho na forma das duas identificações corporais são destruídas através da autoinvestigação, nossa consciência do Eu única, ilimitada e natural é experimentada como o único estado claro e sem adjunções, como o grande espaço aberto. Uma vez que isso é experimentado como um novo estado, completamente diferente daqueles três estados [vigília, sonho e sono] experimentados até então, é chamado pelas escrituras de 'o quarto' [*turiya*]. Mas quando o conhecimento 'Isto não é nada além do nosso estado natural eterno' surge através da experiência bem estabelecida do estado natural do Eu [*sahaja atma sthita*] e quando a vigília, o sonho e o sono são, assim, conhecidos como irreais, o nome '*turiya*', o quarto, também se tornará sem sentido, já que este estado terá perdido sua novidade. Portanto, como essa consciência eterna, natural e não dual do Eu não pode ser chamada de '*turiya*' [o quarto estado], as escrituras novamente a nomearam como '*turiyatita*' [o estado de transcender *turiya*, o quinto estado]! Mas todas essas classificações e diferenças de estados são meramente verbais e, na realidade, não existem. Esses cinco tipos de estados são classificados e contados aos aspirantes durante seu período de ignorância e para sua satisfação mental. A experiência do *Jnani* é a única consciência do Ser-existência, que está além de todos os estados.

14 Capítulo Sobre os Dois *Karmas* — Bons e Maus

(*Iru Vinai Tiran*)

570. Enquanto alguém pensa 'Eu, um indivíduo, estou existindo', é adequado aceitar a teoria de que - por conta do egoísmo, o apego ao corpo - certamente se tem a ver [com um senso de autoridade] os dois tipos de *karma* [bons e maus] e experimentar seus frutos.

Sadhu Om: Ninguém pode negar a teoria do karma - a teoria de que todos têm que realizar ações [karmas] e colher [experimentar] seus frutos - desde que exista autoridade, que é a própria natureza do ego. Consulte também o versículo 38 de *Ulladu Narpadu*, no qual Sri Bhagavan diz: "Só se formos o autor das ações, teremos que experimentar o fruto resultante...".

571. Deus, o Senhor da alma, nomeou o fantasma, o ego, como um estranho carcereiro [ou sentinela] para proteger o corpo e prolongar sua vida até que a alma experimente, sem perder um pouco, todos os frutos do *karma* alocados a ela em *prarabdha*.

572. São apenas os resultados das boas e más ações [*karmas*] feitas no passado que vêm na vida presente como prazeres e dores, e também como amigos e inimigos poderosos, que são a causa instrumental para eles [prazeres e dores].

573. Não realize nenhuma boa ação [*karma*] através de um meio ruim, pensando 'É suficiente se der bons frutos'. Porque, se o meio for ruim, até uma boa ação se tornará ruim. Portanto, até mesmo os meios de fazer boas ações devem ser puros.

Michael James: A partir deste versículo, temos que entender que o ditado popular 'O fim justifica os meios' não deve ser considerado um princípio digno de seguir.

574. Apenas são boas ações [*karmas*] aquelas que são feitas com amor e com uma mente pacífica e pura. Todas aquelas ações que são feitas com uma mente agitada, desejosa e impura devem ser classificadas apenas como ações más.

15 Capítulo Sobre Díades e Tríades

(*Irattai Muppudi Tiran*)

Michael James: Díades (*dwandwa* em sânscrito ou *irattai* em tâmil) significa os pares de opostos, como bom e mau, prazer e dor, conhecimento e ignorância, e assim por diante. Tríades (*triputi* em sânscrito ou *muppudi* em tâmil) significa os três fatores do conhecimento objetivo, como conhecedor, conhecendo e coisa conhecida, experimentador, experimentando e coisa experimentada, vidente, vendo e coisa vista, e assim por diante.

575. A natureza do não-Self é permanecer como base da percepção imaginária de díades pelos sentidos pela mente, que escorregou do verdadeiro estado do Self. Não há espaço para tais díades [ou tríades] no Self.

Michael James: A natureza do Self é a unidade; a natureza do não-Self é ter díades e tríades.

Este versículo deixa claro que a palavra “um” (*ondru*) usada por Sri Bhagavan no versículo 9 de *Ulladu Narpadu*, onde Ele diz: “As díades e tríades sempre dependem para sua existência do um [*ondru*]...”, não denota o Self, mas apenas o ego, que é não-Self. Consulte *The Path of Sri Ramana* - Parte Dois, apêndice 4c.

576. ‘Isto é uma coisa’ - apontar uma limitação assim é a indicação de que uma coisa é conhecida. Só por causa de tal indicação [só porque tal indicação é possível, em outras palavras, só porque é possível apontar uma limitação para uma coisa], torna-se possível definir uma coisa. Assim, uma definição de uma coisa é possível apenas porque essa coisa está dentro de uma limitação. Mas o Self, que transcende tudo, não tem limitação [e, portanto, não pode ser conhecido ou definido].

Sadhu Om: Como o Self não é, como díades e tríades, um objeto de conhecimento, não pode ser apontado dentro de um limite ou definido como tal e tal.

577. Uma vez que a natureza do Self é brilhar como um sem outro, a atenção a outras coisas é impossível para ele. Quando a natureza do vidente [o ego] é procurada e vista, ‘Quem é que vê todas essas [díades e tríades]?’ o nó mental será cortado e, portanto, as díades e tríades deixarão de existir.

Michael James: Consulte o verso 9 de *Ulladu Narpadu*.

578. Aceite o sempre brilhante autoconhecimento como a única realidade. Rejeite todas as tríades, decidindo que elas são um sonho imaginário.

579. Uma vez que o Self é a Coisa eterna e não dual e, como não há meio de alcançá-lo além da atenção ao Self, saiba que o próprio Self é o caminho, o próprio Self é o objetivo e que eles [o caminho e o objetivo] não são diferentes.

Sadhu Om: O ditado dos Sábios, “Eu sou o caminho e eu sou o objetivo”, deve ser lembrado aqui.

580. Quando a mente ilusória que vê diferenças se afoga e morre no estado do Self, a existência-consciência única [*sat-chit*], todas as diferenças ilusórias também se mostrarão como nada além da consciência [*chit*] do *Brahman* [Self], a existência [*sat*].

581. Aqueles que conhecem os cinco conhecimentos sensoriais alienígenas dizem que os conhecimentos são de diferentes tipos. Eles são pessoas ignorantes que não conseguem se livrar da ilusão das diferenças. Quando o verdadeiro conhecimento firme é obtido aprendendo-se a retirar a mente dos cinco sentidos, que causam a loucura [de desejo, medo e assim por diante], as diferenças deixarão de existir.

16 Capítulo Sobre o Prazer dos Sentidos

(*Vidaya Bhaga Tiran*)

582. O sábio Dadhyangatharvana, que havia experimentado [a bem-aventurança do] Self, disse uma vez: “O prazer que Indra desfrutava com sua esposa, Ayirani, não é melhor do que o prazer desfrutado por um cão com sua cadela”.

Sri Muruganar: Indra, o rei dos céus, pensava orgulhosamente que os prazeres que desfrutava no céu eram os mais elevados de todos. Dadhyangatharvana, um grande sábio, certa vez aconselhou Indra como acima para que este último pudesse alcançar a ausência de desejo [*vairagya*].

583. Para uma fome voraz, até mesmo um mingau de arroz quebrado ou um mingau de farinha de arroz selvagem será o alimento mais delicioso. [Portanto,] neste mundo, a causa do prazer não reside na natureza dos objetos sensoriais, mas apenas na intensidade do desejo por ele.

Sadhu Om: A ideia é bem explicada em *The Path of Sri Ramana* - Part One, capítulo dois.

584. Aquilo que existe [*sat*] em si é consciência [*chit*]. A própria consciência é bem-aventurança [*ananda*]. Obter prazer de outras coisas é mera ilusão [ou seja, o prazer que supomos obter de outras coisas é ilusório, falso]. Diga-me, exceto na clara e real autoexistência, pode haver felicidade real nos objetos sensoriais imaginários?

585. Um cão tolo mastigando um osso seco com os dentes, fazendo a boca sangrar com feridas e desfrutando de seu próprio sangue, elogia: “Nada será tão saboroso quanto este osso”.

Sadhu Om: Assim como o cão que não sabe que o sangue que prova vem apenas de sua própria boca, as pessoas ignorantes que não sabem que a felicidade vem apenas de seu próprio Ser, buscam e acumulam objetos sensoriais, pensando que a felicidade vem deles. Consulte também *The Path of Sri Ramana* - Part One, capítulo dois [primeira edição, páginas 20 a 21; segunda edição, página 39].

586. Aqueles interessados em argumentos [os simples estudiosos das escrituras], que não experimentaram a felicidade da consciência [a bem-aventurança do Self], que valorizam apenas os prazeres - que são diferentes do Self - derivados de objetos como mulheres, e que estão confusos, acabarão perecendo ansiando por eles [os prazeres sensoriais] mesmo na hora da morte.

587. As mentes das pessoas ignorantes, tendo esquecido a vida divina que floresce no coração e que [sozinha] é digna de ser conhecida e desfrutada, desejarão intensamente o sabor dos prazeres sensoriais, que são fragmentos insignificantes.

588. Pessoas mesquinhas, sendo objeto de ridicularização, mergulharão apenas no poço, a nascente suja do sexo; eles nunca a rejeitarão e tomarão amorosamente um banho, afogando-se no oceano da suprema bem-aventurança de Siva.

589. Para aqueles aspirantes que têm grande e intensa ânsia de desfrutar do fruto maduro da bem-aventurança suprema ilimitada, os prazeres dos sentidos, que são dignos de serem apreciados e desfrutados apenas por pessoas cegas [pessoas cegadas pela ignorância] que não sabem como se salvar da ruína, são os mais baixos e adequados apenas para rejeição.

590. Quando alguém realmente existe como alimento [ou seja, como o contentamento que é experimentado enquanto se come], sem saber disso, se alguém pensa que come comida [para obter contentamento e, assim, desenvolve o desejo de comer mais e mais], a comida [o desejo por comida] consumirá a pessoa e a tornará escrava de uma fome insaciável e grande [ou seja, de um grande descontentamento insaciável].

Sadhu Om: Aqui a palavra ‘comida’ [annam] denota não apenas a comida ingerida pela boca [e saboreada pela língua], mas também todos os outros quatro prazeres sensoriais absorvidos pelos olhos, ouvidos, nariz e pele. Pensamos que a comida nos dá existência substancial, enquanto realmente nós mesmos somos a substância [vastu] ou existência [sat]. Não sabemos que nossa própria natureza é a existência [Sat]. Como somos felicidade ou contentamento em si, é tolo esperar obter contentamento da comida [objetos sensoriais]. Se nós, a existência [sat], a plenitude do contentamento [ananda], desejarmos obter objetos sensoriais para nosso contentamento, nossa natureza de plenitude de contentamento é transformada por esse desejo em uma natureza de deficiência; assim, ele [o desejo] nos engole [nos mata] criando um fogo insaciável de desejo.

591. Aqueles que não sabem que, sempre que comem, a própria comida está consumindo sua vida, pensando que estão comendo os prazeres [bhogas], anseiam por eles e correm atrás deles.

Sadhu Om: Como a comida e objetos similares de prazer fazem os jivas desejá-los cada vez mais à medida que são desfrutados cada vez mais, eles afastam os jivas do desejo pelo Self. Como a morte é nada mais do que ser separado da vida [em outras palavras, ser separado do Self], a comida e outros objetos de prazer, que nos separam do Self, são aqui ditos como consumindo nossa vida ou nos matando [os jivas] à medida que os desfrutamos cada vez mais.

592. Assim como ao alimentá-lo com ghee, um fogo se acenderá e não se apagará, assim, satisfazendo desejos, o fogo do desejo nunca diminuirá.

Michael James: A palavra aqui em tâmil é ‘kama’, que denota desejo em geral e luxúria em particular.

Verso:

Não apagado, com ira flamejante

A chama com ghee apenas se inflama; O fogo do desejo nunca diminui À medida que cada vez mais é satisfeito.

593. “Ah, é só pelo toque [ou mordida]?” Ao analisar, [a resposta será], “Não, mesmo pela visão ou simples pensamento, a serpente dos cinco desejos sensoriais mata a alma!” Portanto, nunca vimos uma cobra mais venenosa do que o desejo sensorial.

17 Capítulo Sobre a Mente, a Maya

(Mana Mayai Tiran)

594. Maya sorri orgulhosamente de sua própria vitória em iludir completamente até as pessoas mais inteligentes de tal maneira que elas sintam que o que é, na verdade, irreal [ou seja, o ego, o mundo e assim por diante] é a única realidade.

Sadhu Om: É o jogo de maya que faz alguém sentir ‘Eu sou fulano de tal’ [Eu sou um jiva, uma alma individual], quando, de fato, o ego é inexistente. Mesmo aqueles que são bem instruídos e têm uma inteligência aguçada, pensando que são o corpo [ou seja, que são almas individuais], anseiam adquirir poderes ocultos [siddhis] e realizar milagres, e, assim, ganhar glória para si mesmos, os chamados indivíduos. Portanto, Sri Bhagavan aponta que maya iludiu, conquistou e trouxe até eles sob seu poderoso e vicioso domínio.

595. Quando a luz do conhecimento do Self [‘Eu sou’] é experimentada dentro, o que importará se uma inundação de escuridão [a aparência do mundo] prevalece do lado de fora? Essa densa escuridão nunca pode encobrir a luz do Self [‘Eu sou’].

Sadhu Om: Por mais longa, escura e densa que seja a sombra de uma pessoa no chão, ela não pode encobrir o sol no céu. Da mesma forma, por mais inumeráveis que sejam os mundos lá fora, que entram em existência apenas por causa da existência do Self, sua aparente existência não pode encobrir a existência do Self, ‘Eu sou’.

596. Dizer que a destrutível, inexistente [asat] e insensível [jada] maya já prendeu sob seu domínio o Self, a Luz do conhecimento [que é o único sat e apenas chit, ou seja, a única Coisa real, consciente e indestrutível], é mais tolo e ridículo do que dizer que um pequeno mosquito engoliu o vasto céu e depois vomitou.

Sadhu Om: A palavra sânscrita ‘Maya’ significa ‘aquilo que não é’ (ya = o quê; ma = não é).

597. Quando é estabelecido [pela experiência dos Sábios e pelas palavras das escrituras] que o Coração [Self], a forma do conhecimento perfeito [jnana], é a única coisa existente e real, essa [chamada] grande maya não seria um mero mito? Então, como é estranha a opinião [mantida por alguns] de que o Self [ou Brahman] é iludido pela mordida dessa serpente, a mente-maya!

Sadhu Om: Como está bem estabelecido, por tudo que foi dito nas estrofes acima, que ‘maya’ é inexistente, não está claro que as cinco funções [pancha-kriyas], a saber, criação, sustentação, destruição, véu e Graça, que são ditas ser o jogo de maya, são irrealis e que ajata é a única conclusão correta [siddhant]?

18 Capítulo Sobre Ignorância

(*Pedaimai Tiran*)

598. Pessoas ignorantes que identificam o corpo como ‘Eu’, vendo *Jnanis* que experimentam *Brahman* como ‘Eu’, comentam, como se definissem o estado supremo de *Jnana*, “Veja, se essas pessoas estão no estado de *advaita*, como então elas comem, fazem atividades e assim por diante?” Dizendo assim, eles expõem sua própria ignorância - a de confundir o corpo insensível com ‘Eu’.

Sadhu Om: Como as pessoas ignorantes experimentam apenas o sentimento ‘Eu sou o corpo’, elas só podem ver até mesmo os *Jnanis*, que, ao contrário, experimentam o Supremo Ser como ‘Eu’, como meros corpos. Isso está de acordo com a regra ‘Como é o olho [o vidente], assim é a visão [a coisa vista]’. Consulte o versículo 4 de *Ulladu Narpadu*, “Pode a visão ser diferente do olho?”. Portanto, Sri Bhagavan ridiculariza essas pessoas ignorantes que falam, tomando as atividades do corpo, o não-Ser, como as atividades do *Jnani*, o Ser, e diz que estão expondo sua própria ignorância - a ignorância de considerar o corpo como Ser.

599. Uma menina que não atingiu a idade da puberdade se sente muito feliz, pensando na grandeza da celebração de seu casamento como união conjugal. Da mesma forma, os instruídos que não investigaram dentro e conheceram o Ser, sentem-se muito orgulhosos e felizes com o *Vedanta* verbal que tagarelam, pensando que é o conhecimento não-dual [*advaita jnana*].

Michael James: A metáfora usada neste verso refere-se ao antigo costume do casamento infantil.

600. Aqueles que aprenderam a ciência suprema do Self [*atma-para-tattva*] apenas lendo e ouvindo das escrituras, que se consideram muito importantes por causa de seu poder intelectual, mas que não se testaram [investigaram em si mesmos], os conhecedores das escrituras, perdendo assim sua individualidade e se afogando em êxtase, testam [com a régua de seu conhecimento escritural] *Jnanis*, que estão em Silêncio. Ah, me diga, que grande tolice é essa!

601. Aqueles que não têm a habilidade de conhecer até mesmo seu próprio Ser, mas fazem grandes esforços [através de *tapas*, *yoga*, pesquisa científica ou histórica, astrologia e assim por diante] para saber como foi o passado e como será o futuro, são como uma criança pequena que pula para pegar sua própria sombra.

Michael James: Como foi o passado e como será o futuro? Ou seja, como foi o mundo no passado e como será no futuro, quem fomos em nossas vidas passadas e quem seremos em nossas vidas futuras, qual será nosso futuro nesta vida presente, e assim por diante?

602. Aqueles que, por causa do vacilar de suas mentes, não conseguem conhecer o estado em que estão no presente, meditam profundamente para descobrir seu estado em seu passado distante e futuro distante.

603. Aqueles que não têm nem mesmo o menor interesse em saber ‘Como estamos hoje?’ [‘Qual é a nossa verdadeira existência hoje?’], pensam e se preocupam muito com sua verdade [sua condição] antes de seu nascimento presente e após sua morte. Como é estranha a atitude deles!

604. “É pela entrada de Siva ali que a mente [*chittam*] se purifica, ou pela purificação da mente que Siva entra ali?” Já que aqueles que perguntam assim são tão ignorantes a ponto de tomar a ação única e não diferente como duas ações diferentes, não temos resposta para dar a eles.

Sadhu Om: Não está claro que aqueles que fazem essa pergunta pensam que a entrada de Siva no *chittam* e a purificação do *chittam* são duas ações diferentes? A menos que realmente sejam duas ações diferentes, não podemos dizer que uma é a causa e a outra é o efeito. Na verdade, porém, eles não são dois, mas um e o mesmo. Em outras palavras, a condição pura do *chittam* é o próprio Siva, e Siva não é nada além do *chittam* puro, ou seja, *chit* [consulte os versículos 70 e 244]. Como a pergunta é, portanto, baseada em uma premissa falsa, ela não pode ser considerada uma pergunta significativa e, portanto, nenhuma resposta significativa para ela pode ser dada. É por isso que Sri Bhagavan diz: “Não temos resposta para dar a eles”.

19 Capítulo Sobre Imaturidade

(*Apakva Tiran*)

605. Por que essas pessoas de mente imatura, que estão derretendo e chorando com o anseio de obter facilmente os cinco prazeres sensoriais, vêm e se associam aos *Sadhus*, que sempre vivem com o objetivo de conquistar e destruir completamente os cinco prazeres sensoriais?

Sadhu Om e Michael James: Não se aproximam dos *Sadhus* pessoas imaturas, mesmo que possuam diplomas ou posições altas e poderosas na sociedade, com ofertas mundanas e esperam em sua presença sagrada pelo cumprimento de seus desejos? Isso não é apenas tolo, mas também inadequado. Como tais pessoas mundanas estão loucas pelos cinco prazeres sensoriais, enquanto os *Sadhus* estão destruindo totalmente o desejo pelos cinco prazeres sensoriais pelo poder de sua *tapas*, eles não têm negócios com os *Sadhus*. O seguinte incidente lançará mais luz sobre este ponto:

Uma tarde às 16h, durante a estadia de Sri Bhagavan na caverna de Virupaksha, um velho *brahmin* chegou lá com sua filha e ofereceu um grande prato cheio de doces caros. Sri Bhagavan aceitou um pouco disso, e o resto foi distribuído a todos os devotos presentes, que ficaram imensamente felizes, já que naquela época eles não estavam recebendo nem mesmo comida comum suficiente para satisfazer suas necessidades. Os devotos estavam

muito felizes, mas Sri Bhagavan não parecia tão satisfeito. No terceiro dia, quando ela veio com seu prato habitual, embora todos os devotos estivessem muito felizes, Sri Bhagavan disse-lhe com um olhar de desagrado: “O que é isso? Por que você traz hoje também? Eu não me importei quando você trouxe uma ou duas vezes, mas por que você traz diariamente coisas tão caras? Se há alguma expectativa por trás dessas ofertas, isso está errado. Este não é o lugar para o cumprimento de desejos mundanos. Se você tem algum desejo assim, não traga essas ofertas a partir de amanhã”.

No dia seguinte, para grande decepção de muitos devotos, ela não veio. Um dos devotos perguntou depois a seu pai e ficou sabendo que, apesar de ter passado da idade normal, a menina ainda não havia atingido a maturidade para seu casamento, e que alguém havia aconselhado seu pai que, se tais ofertas fossem feitas a Sri Bhagavan, seus desejos seriam realizados.

20 Capítulo sobre *Pramada*

(*Pramada Tiran*)

Michael James: *Pramada* significa inadvertência, ou seja, desistir de uma ação que foi iniciada. No caminho espiritual, significa falta de vigilância na atenção ao Eu, em outras palavras, escorregar do estado de permanência no Eu.

606. O *jiva* chamado *vyavaharika* [a alma no estado de vigília] que surge [devido a *pramada*] do maravilhoso estado natural de autoconsciência, que permanece no estado de vigília experimentando os resultados de suas próprias ações boas e más [*karmas*], e que desaparece, também é um *swapnakalpita* [uma alma no sonho].

Michael James: Este versículo se encaixaria bem no capítulo sobre a unidade do *jiva* (*Eka Jiva Tiran* - Parte Dois, capítulo 9). Para conectá-lo a este título de capítulo atual, no entanto, as palavras ‘devido a *pramada*’ são adicionadas entre colchetes.

Nas escrituras, a alma (*jiva*) é descrita como tendo três formas, a saber (1) *kutastha* (a alma existente no sono), (2) *vyavaharika* (a alma existente no estado de vigília) e (3) *swapnakalpita* (a alma imaginada no estado de sonho), que são dadas importância de acordo com sua realidade. De acordo com as escrituras, *kutastha* é mais real do que *vyavaharika*, e *vyavaharika* é mais real do que *swapnakalpita*, já que *swapnakalpita* é um ser imaginário, ou seja, ele é aquele que, por meio da imaginação, surge no sonho. Mas neste verso, Sri Bhagavan declara que não apenas *swapnakalpita*, mas até mesmo *vyavaharika*, é imaginário, que *vyavaharika* não tem maior realidade do que *swapnakalpita*, e que *vyavaharika* é apenas outro tipo de *swapnakalpita*, porque a realidade de *vyavaharika* é a mesma que a realidade do mundo em que ele vive e age. Como este mundo no estado de vigília também não é nada além de uma coisa imaginária e semelhante a um sonho, Sri Bhagavan declara que mesmo *vyavaharika* é um *swapnakalpita*.

607. Por terem escorregado do estado destemido do Ser, as almas, sentindo-se baixas e mesquinhas, sofrem os sofrimentos do nascimento [e morte]. “Pessoas que escorregam de seu status são como um cabelo que caiu da cabeça”.

Sadhu Om: Em tâmil, as duas últimas linhas deste versículo, aqui entre aspas, são o versículo 964 do *Tirukkural*. Devido ao título do capítulo, ou seja, ‘Prestígio Familiar’, sob o qual este versículo aparece no *Tirukkural*, é interpretado que, se alguém de nascimento elevado se comportar de maneira inadequada, perderá imediatamente todo o seu valor, como um cabelo que caiu da cabeça. No entanto, ao adicionar mais duas linhas no início deste verso do *Tirukkural*, Sri Muruganar lhe deu um significado muito mais profundo, ou seja, que ao cair do estado do Ser [em outras palavras, ao se tornar um *jiva*] perdemos nossa verdadeira glória e nos tornamos uma criatura insignificante e sem valor.

608. Em vez de conhecer o estado do Ser, que é eternamente claro como uma montanha em uma planície aberta, e permanecer firmemente nele, aquele que se afasta [como um *jiva*] é como um [o décimo homem] que conta apenas as outras nove pessoas e se esquece de contar a si mesmo.

Michael James: Consulte a história do décimo homem, apresentada em *Evangelho de Maharshi*, Livro Dois, capítulo um.

609. Em vez de indagar atentamente ‘Quem sou eu?’ dentro do Coração - o lugar de surgimento do pensamento, onde a Coisa divina, Siva, brilha desprovida de pensamento - e conhecê-la [a Coisa divina], fundir-se nela e tornar-se um com ela como ‘Eu sou Isso’, é tolice escorregar do Ser.

610. Se permanecermos sempre como a Coisa perfeita e principal [o Ser], o Grande, como pode a degradação ser causada por outros [já que não há outros no estado de perfeição do Ser]? “Pessoas que escorregam de seu status são como um cabelo que caiu da cabeça.”

Michael James: Ou seja, só quando alguém escorrega do Ser é que se torna um *jiva* mesquinho e degradado, assim como o cabelo perde seu valor apenas quando cai da cabeça.

611. Aquele que - acreditando que os objetos mentais, que aparecem diante dele por conta da ilusão, sejam reais - escorrega do Ser [ou seja, desiste de permanecer como Ser], o conhecimento maravilhoso, primordial e puro, é um louco insensato.

612. Não se deixe enganar pelo que [diádicos e triádicos] aparecem ou desaparecem diante de você, atenda sempre ao Ser sem pestanejar. Pois, mesmo que a não-vigilância [*pramada*] que perturba a atenção ao Ser seja muito pequena, o mal resultante disso será muito grande.

Sri Muruganar: Estar sempre atentamente desperto no próprio estado, o Ser, sem ser encantado pela aparência de quaisquer tipos de diádicos e triádicos, é o *Jnana-samadhi*. Isso também é Libertação. Por outro lado, se alguém esquece o Ser, a consciência, e pensa, mesmo que minimamente, que há objetos a serem conhecidos, essa *pramada* - não importa o quão leve seja - em si mesma causará grande mal, assim como uma pequena gota de veneno fará grande mal.

21 Capítulo Sobre *Samsara*

(*Samsara Tiran*)

Michael James: *Samsara* literalmente significa ‘o que está bem em movimento’ e denota o estado de atividade mundana do ego, no qual passa por inúmeros nascimentos e mortes.

613. A mente impura, que funciona como pensar e esquecer, é ela mesma *samsara*, a sequência de nascimentos e mortes. A pura autoconsciência em que a mente pensante e esquecida está morta, ela mesma é a libertação perfeita [*mukti*], desprovida de nascimento e morte.

Sri Muruganar: O surgimento do pensamento (o surgimento do primeiro pensamento, ‘Eu sou fulano’) em si é o nascimento, e o esquecimento do Ser em si é a morte. O fenômeno da mente de tal pensamento e esquecimento é chamado de *samsara*. Quando a mente, liberta de seu estado impuro de pensar e esquecer, permanece sempre apegada ao Ser, isso é chamado de destruição da mente [*mano-nasa*], que em si mesma é libertação.

614. O grande e ilusório *samsara* é [nada mais do que] a mente que deixa sua verdadeira natureza de brilhar como existência [Ser], que confunde o corpo carnal como sendo si mesma e que, assim, é preenchida com a densa escuridão da ignorância e, através dessa visão equivocada, vê os objetos sensoriais como se fossem reais, como a azulidade no céu.

615. Na verdade, nada existe exceto o Ser. No entanto, abandonando a imensa e não dual bem-aventurança da imortalidade, a ilusão interna, o pensamento ‘Eu sou o corpo’ [que é a forma de *chit-jada-granthi*, o nó entre o Ser sensível e o corpo insensível], passa pela sequência de nascimentos e mortes [conhecido como *samsara*].

616. O próprio *chittam* [o depósito de tendências, *vasanas*] é o *samsara*. Embora aqueles [os *jivanmuktas*] que vivem sem *samsara* [ou seja, sem *chittam* e suas *vasanas*] estejam [aparentemente] às vezes, devido ao corpo-*karma* [*prarabdha karma*] no *samsara* [ou seja, envolvidos em atividades mundanas], eles estão realmente sempre passeando no espaço do verdadeiro conhecimento [*mey-jnana*].

22 Capítulo Sobre Obstáculos

(*Pratibandha Tiran*)

617. As muitas aflições que ocorrem com severidade como raios na vida dos grandes devotos são apenas para estabelecer sua mente pura cada vez mais firmemente [em *tapas*, ou seja, na permanência no Ser] e não para derrubá-los [dela].

618. Discriminando e sabendo bem que todos os sofrimentos que vêm por *prarabdha* em sua vida são enviados a ele pela Graça de Deus a fim de tornar sua mente mais forte e, assim, salvá-lo, deixe um aspirante suportá-los pacientemente como *tapas* sem se alarmar nem mesmo no mínimo.

619. Assim como uma gema tirada da mina não terá todo o brilho se não for polida na pedra de amolar, também o verdadeiro *tapas*, a *sadhana* que se está fazendo, não brilhará bem se não for acompanhada de provações e tribulações em seu caminho.

620. Para que um grande carro de templo siga pelas ruas e alcance com segurança seu destino, não apenas os fortes cavilhas, mas também os blocos de obstrução, que impedem que ele se choque com algo ao correr para os lados das ruas, são indispensáveis.

Sri Muruganar e Sadhu Om: Em todo este verso, apenas um exemplo [*upamana*] é dado e o ‘exemplificado’ [*upameya*] é deixado para o leitor inferir. Deve ser entendido da seguinte forma: ‘Da mesma forma, para que um aspirante complete com sucesso seu *tapas* ou *sadhana*, não apenas um caráter e modo de vida impecáveis, mas também os obstáculos que vêm através do *prarabdha* são indispensáveis. Portanto, um aspirante deve aceitar pacientemente os obstáculos, vendo-os como sendo devido à Graça’. Por exemplo, as duras palavras “Por que tudo isso para alguém assim?”, proferidas pelo irmão mais velho de Venkataraman, quando aceitas pacientemente, trouxeram ao mundo um grande Bhagavan Sri Ramana Maharshi. Não apenas por palavras não intencionais como essas, mas até mesmo pelos problemas intencionais causados por pessoas perversas, um grande bem resultará na vida de um aspirante.

23 Capítulo Sobre a Maravilha da *Maya*

(*Maya Vichitra Tiran*)

621. Embora o que sempre exista seja verdadeiramente apenas um [ou seja, o Ser] e, embora sua natureza seja de não se tornar, que maravilha é que Ele parece ter se tornado muitos *jivas*, fazendo muitos *karmas* bons e maus e colhendo seus resultados e, assim, desde tempos imemoriais até agora, estar assumindo de quatro maneiras inúmeras formas de nascimento dos sete tipos e, finalmente, conseguir alcançar a Libertação.

Sadhu Om: As quatro maneiras de nascer são através de sementes, suor, ovos e útero, e os sete tipos de nascimento são os *devas*, seres humanos, animais, pássaros, criaturas sem pernas, criaturas que vivem na água

e plantas.

622. Quando considerado corretamente, nada será mais maravilhoso e risível do que alguém se esforçar muito através de algum *sadhana* para alcançar o Ser da mesma maneira que se esforça para alcançar outros objetos, mesmo que realmente permaneça sempre como o Ser não-dual.

24 Capítulo Sobre o Mal da Fama

(*Puhazhchi Navai Tiran*)

Michael James: A palavra em tâmil '*puhazhchi*' significa tanto fama quanto elogio.

623. Porque traz a pessoa sob o grande mal de ceder à não-vigilância [*pramada*], através da qual se é levado a pensar que se é um corpo indigno e mesquinho, quando na verdade se é o supremo *Brahman*, a fama [ou elogio] deve ser rejeitada com grande desprezo e de forma alguma deve ser almejada por pessoas sábias.

Sadhu Om: Não é o *jiva* [o ego], que tem um nome e forma como 'Eu sou fulano', aquele que ganha fama ou recebe elogios? Portanto, é possível aspirar a fama ou elogio apenas quando assumimos o estado de um ego, um estado miserável e pisoteado causado por *pramada*. Por isso, aconselha-se que as pessoas sábias que aspiram ao conhecimento do Ser rejeitem necessariamente a possibilidade de ganhar nome e fama. É altamente impróprio para tais aspirantes [*mumukshus*] correr loucamente atrás de nome e fama. O verso 263 do *Tirukkural* diz: "Nasça para viver com fama; para aqueles que não alcançam a fama, é melhor não nascer". Tiruvalluvar [o autor do *Tirukkural*] acertadamente disse que a fama é essencial apenas para aqueles que querem nascer como um *jiva* [como um ego]. Mas como os *mumukshus* são aqueles que não gostam de nascer, mas apenas de pôr fim à sua condição de *jiva* e realizar o Ser, a fama que foi recomendada por Tiruvalluvar é um obstáculo e um grande mal para eles. É por isso que Sri Bhagavan diz que deve ser rejeitada com desprezo por pessoas sábias.

624. Ao se expor devido ao desejo de ser elogiado por outros, está-se desnecessariamente removendo a própria proteção e criando obstáculos à *sadhana* que se empreendeu.

Sadhu Om: O desejo pela aniquilação do ego é o sinal correto de *atma-sadhana*. Mas fama e elogio são coisas a serem conquistadas apenas pelo ego. Portanto, se alguém tem desejo de fama, significa que não deseja destruir o ego. É por isso que Sri Bhagavan diz que aquele que tem desejo de fama está criando obstáculos para sua *sadhana*. Portanto, se o *atma-sadhana* deve progredir sem obstáculos e bem protegida, é melhor que um aspirante viva uma vida de nome desconhecido e lugar desconhecido.

25 Capítulo Sobre o Mal da Arrogância

(*Anava Navai Tiran*)

625. Estar sujeito à arrogância, o reinado do inferno, é o grande e inaceitável erro. Quem, senão pessoas sem valor, deixará de odiar o rosto daquele *kalipurusha* [aquele mal, a arrogância], que nunca deveria ser visto por pessoas boas?

626. Chegar e sentar-se com as costas e o pescoço retos [como se fossem grandes iogues] na santa presença dos *Jnanis*, que estão em abidância no Ser [*atma-nishtha*], mas [então] bocejando, dormindo e roncando - este hábito das pessoas mundanas é altamente impróprio e ruim.

Sri Muruganar e Sadhu Om: É realmente verdade que tais incidentes, como descritos neste verso, costumavam acontecer na presença de Sri Bhagavan. Este verso trata do comportamento impróprio e arrogante de algumas pessoas mundanas que vêm à presença de *Jivan-muktas* e fingem ser grandes *yogis*. A santa presença de *Jnanis* como Sri Bhagavan Ramana é muito rara na terra. Portanto, em tais ocasiões raras em que está disponível, em vez de usá-la para erradicar nosso sono da ignorância [*ajnana*], fingir estar em *yoga*, mas na verdade bocejando, dormindo e roncando devido a *tamas*, é altamente impróprio por parte das pessoas.

26 Capítulo Sobre o Nascimento da Miséria

(*Dukha Utpatti Tiran*)

627. Embora a natureza do Ser exista sempre como bem-aventurança, alguém é queimado pelo calor ardente do sol da miséria do nascimento [e morte] unicamente devido ao surgimento do ego e ao seu funcionamento malicioso com a loucura da densa ilusão.

628. O ego, o vil apego ao corpo [como 'Eu sou isso'], é a base de todas as qualidades demoníacas [*asura sampat*]. Para aqueles cujo ego ilusório [*maya-ahankara*] está aumentando através do contato com a vinculação do 'meu' [*mamakara*], é de fato impossível alcançar a paz.

27 Capítulo Sobre a Alma

(*Jiva Bodha Tiran*)

629. O perambular da pequena alma [através dos cinco sentidos], seu sofrimento no mundo, sua volta ao seu interior e seu repouso pacífico no coração por um tempo, é como o vagar sob o sol quente, o retorno à sombra fresca de uma árvore e o desaparecimento do calor [por um tempo].

630. A pessoa discriminativa [*viveki*], depois de sofrer sob o sol quente, não gostará de retornar ao sol saindo da sombra. Da mesma forma, aqueles que sofreram com o calor triplo [de desejo por riquezas, mulheres e fama] que abrasa este mundo, não deveriam voltar-se novamente para o mundo, deixando o Coração [Ser].

Michael James: Consulte *Quem sou eu?* onde a alegoria de vagar sob o calor escaldante do sol, usada nos dois versos acima, é dada por Sri Bhagavan.

631. As almas encarnadas [*jivas*], que aparentemente surgiram da Coisa Real [Ser ou *Brahman*], não podem, até se fundirem na Coisa Real [sua origem], parar [ou interromper] em qualquer lugar, apesar de qualquer quantidade [ou tipo] de obstáculos [na forma de dor e prazer, ou seja, eles não podem parar de fazer esforços, descansando contentes com qualquer quantidade de prazeres ou desanimados com qualquer quantidade de dores experimentadas em incontáveis nascimentos de qualquer tipo em qualquer mundo], assim como um pássaro que voa no vasto céu a partir do solo não pode ficar em nenhum outro lugar até retornar à terra.

632. Quando as almas [ao perguntar ‘De onde eu sou?’ ou ‘Quem sou eu?’] retornam à sua fonte pelo caminho que vieram, uma vez que se fundem ao seu próprio Ser e, como a bem-aventurança do Ser é claramente experimentada por eles ali, permanecem imóveis, estabelecidos para sempre no Ser.

Sadhu Om: Os versos 631 e 632 transmitem as mesmas ideias expressas por Sri Bhagavan no verso 8 de *Sri Arunachala Ashtakam*. Consulte também as primeiras sete páginas do capítulo dois de *O Caminho de Sri Ramana*, Parte Dois, onde a mesma ideia é explicada detalhadamente.

633. Em vez de ser salvo pela Graça de Deus, pensando nela [a Graça] sem pensar [ou seja, permanecendo quieto com a consciência ‘eu sou’], quem pode e como fazer algo surgindo como ‘eu sou fulano’? Portanto, prestando atenção ao Ser e, assim, não permitindo que o ego fantasmagórico surja e atenda a outras coisas, permaneça no supremo Silêncio, onde você é Aquilo.

28 Capítulo Sobre a Impotência da Alma

(*Jiva Asakta Tiran*)

634. Exceto pela pura luz da Graça de Deus, ninguém que vive neste mundo de ignorância será capaz de desfrutar da bem-aventurança do supremo *Jnana*, Ser, que brilha mesmo através da escuridão da ilusão [ou seja, que brilha como a luz do conhecimento, permitindo saber até mesmo a existência da escuridão ou ignorância].

Michael James: Consulte também o verso 648.

29 Capítulo Sobre a Verdade dos Objetos Vistos

(*Drisya Unmai Tiran*)

635. Quando alguém que não vê a verdade em si mesmo, o observador, que é indispensável para ver, vê o mundo como verdadeiro, o próprio mundo que é visto por ele o ridiculariza e ri dele internamente, trazendo vergonha para ele.

Sadhu Om: Este verso, que declara que o mundo ri dentro de si e ridiculariza aquele que o vê como real, tem uma beleza única. Podemos nos perguntar como uma coisa insensível chamada ‘mundo’ pode rir. Essa é a beleza deste verso. Devemos entender este verso tendo em mente a ideia ensinada no verso 74 desta obra. Uma prostituta de natureza baixa e sem castidade não ria de si mesma ao ouvir as palavras de apreciação de seu amante apaixonado e novo, que diz a seu amigo: “Ah, essa mulher, minha amante, é a mulher mais casta do mundo”? Da mesma forma, o mundo ri dentro de si daqueles que pensam que ele é real. Assim, este verso personifica bem o mundo. Sri Bhagavan dá mais ênfase ao fato de que o mundo é irreal, expondo neste verso que o apoio ou a evidência de nenhum outro é necessário para provar a irrealidade do mundo, pois o próprio mundo sabe que é irreal. Este é o clímax da diversão neste verso.

Este verso contém a mesma instrução dada por Sri Bhagavan em *Evangelho do Maharshi*, Livro Dois, capítulo três [8ª edição, página 63], “Bem, então, esse mundo, que você diz ser real, está realmente zombando de você por buscar provar sua realidade enquanto de sua própria realidade você é ignorante”.

636. Apenas aquelas coisas que estão dentro do alcance da luz, e não aquelas que estão além do alcance da luz, podem [ser conhecidas por] existir. Da mesma forma, apenas aquelas coisas [o universo] que estão dentro do alcance da mente [a luz refletida do Ser], cuja função é pensar e esquecer, são conhecidas por ter existência.

Michael James: O mundo não pode aparecer onde a luz da mente está ausente. Isso significa que, na verdadeira luz do Ser, o universo, que consiste em objetos que são criados (pensando), sustentados (continuando a pensar) e destruídos (esquecendo), não existe de forma alguma. Por outro lado, como o Ser (ou Deus), a Coisa verdadeiramente existente, está além do alcance da luz da mente, para a mente, Ele é inexistente. A razão pela qual o Ser é dito estar além do alcance da luz da mente, cuja função é pensar e esquecer, é que Ele é uma Coisa que não pode ser pensada nem esquecida e que não pode pensar nem esquecer por si mesma.

637. Quando algo é conhecido à sua frente [de você], isso apenas estabelece que algo existe, mas não estabelece que a forma que é feita para aparecer pelo contato dos sentidos com ela, é a realidade ou verdadeira natureza dessa coisa.

Michael James: O nome e a forma de uma coisa que conhecemos são criados apenas pelo contato dos cinco sentidos com essa coisa. Como o nome e a forma são meras imaginações da mente, a verdadeira natureza de qualquer coisa que conhecemos no mundo (ou como o mundo) é, na verdade, nada mais que o Ser.

638. Se, em vez de ver algo à sua frente [de você] pela mente, você ver pela mente quem vê, tudo será encontrado como sendo você mesmo, o observador; então todos os conhecimentos objetivos serão considerados tolos.

639. Se o observador [*drik*, o ego] e o observado [*drisya*, o mundo] fossem diferentes em sua realidade [*sat*], o ato de ver nunca seria possível. Mas, como ver é possível, saiba que eles [o observador e o observado] têm a mesma realidade.

Sadhu Om: Se agorairmos o versículo 636 através do olho da ideia dada neste versículo, entenderemos claramente que a razão pela qual foi dito lá que apenas aquelas coisas que estão dentro do alcance da mente são conhecidas por ter existência, é que ‘ver’ é possível apenas quando o observador e o observado estão no mesmo plano de realidade [*sat*].

Neste versículo, nos é ensinada uma ideia única! Muitos de nós não dizem: “É fácil ver outras coisas, pois são diferentes de nós, o observador, mas é difícil para nós vermos o Ser, já que não é diferente de nós”? No entanto, se examinarmos o assunto de acordo com este versículo, descobriremos que a lei da natureza sobre o observador, o observado e a observação é bastante contrária a isso. É indiretamente, mas firmemente instruído aqui que conhecer o Ser é o mais fácil, porque a realidade [*sat*] do observador [o ego] é, na verdade, o Ser, a única realidade, que queremos ver ou conhecer.

Também devemos considerar aqui o fato de que a visão de um sonho é possível apenas porque todos os objetos vistos nesse sonho têm a mesma realidade [*sat*] do sonhador que vê o sonho.

Mais um ponto também deve ser entendido aqui. Uma vez que a realidade ou natureza do conhecedor, o ego, é a mesma que a realidade ou natureza de todos os objetos conhecidos [não apenas de todos os objetos conhecidos através dos olhos, ou seja, os objetos vistos, mas também de todos os objetos conhecidos pelos outros quatro sentidos, ou seja, os objetos ouvidos, cheirados, degustados e tocados], uma coisa como o mundo é conhecida por existir, o que não é nada além do conhecimento obtido através dos cinco sentidos. E uma vez que, porque surge e se põe, a natureza do ego é falsa, o mundo dos nomes e formas, que também tem a natureza de surgir e se pôr, também é dito ser falso. Mas quando a verdadeira natureza do ego, que vive apenas se alimentando dos nomes e formas, que surgem e se põem, é examinada [investigada] e encontrada como o Ser ou *Brahman*, a verdadeira realidade [*sat*], que não possui a natureza falsa de surgir e se pôr, então a realidade do mundo também será encontrada como o Ser. Refira-se aqui ao versículo 4 de *Ulladu Narpadu*, onde Sri Bhagavan pergunta: “Pode o observado ser diferente do olho (o observador)?”. Somente então a verdade absoluta, ou seja, que até mesmo o mundo é real - que é o próprio *Brahman* - será devidamente compreendida [refira-se aqui aos versículos 50 e 52 desta obra]. Até então, é indispensável [e, como ajudará a alcançar a realidade absoluta, também é altamente recomendável] para os aspirantes considerar a realidade [*sat*] do observador, o ego, como irreal ou *asat*, e também concluir que, como o mundo tem a mesma realidade [*sat*] que o observador, é irreal.

30 Capítulo Sobre a Atenção Objetiva

(*Suttu Unarvu Tiran*)

640. Visto que a bem-aventurança divina é tal que brilhará por si só se alguém simplesmente permanecer quieto [permanecer como sua própria existência-consciência], em vez de indagar sobre si mesmo e saber que não é nada além do supremo Self, que é desprovido de vir e ir, e, assim, desfrutar dessa bem-aventurança, é, infelizmente, uma pena que alguém desnecessariamente vagueie [atendendo à segunda e terceira pessoas, isto é, que alguém trabalhe desnecessariamente muito nos caminhos do *puja*, *dhyana* e assim por diante].

Michael James: Neste verso, é dito de uma maneira irônica que é inútil labutar e vaguear para obter a bem-aventurança, que estará sempre disponível se simplesmente ficarmos quietos, sem fazer nada!

Este verso também pode ser interpretado para ter um segundo significado da seguinte forma: “Para a bem-aventurança que brilhará mesmo quando alguém permanece quieto, vagar na [*sadhana*] de conhecer-se orgulhosamente como o grande Self, que não tem vinda, é alcançar essa bem-aventurança”. No entanto, uma vez que este segundo significado não é uma frase coerente e que o raciocínio nele não é consistente, ele não é um significado adequado. Além disso, quando os versos posteriores neste capítulo são lidos, fica claro que o objetivo deste capítulo é expor a futilidade da atenção objetiva (isto é, expor que o Self não pode ser alcançado pela atenção a objetos da segunda e terceira pessoa), e, portanto, apenas o primeiro significado dado acima será considerado adequado.

641. Mesmo que na verdade alguém sempre permaneça como o Self, os esforços para buscar o Self como se fosse algo diferente e para alcançar o Self, é para finalmente desaparecer ao saber que o Self Eu brilhando em qualquer um, embora agora pareça ser diferente de si mesmo, não é diferente de si mesmo.

642. Pensar que o Self, que [na realidade] não é diferente de si mesmo, é outro e se esforçar muito para alcançá-lo através do próprio esforço [através de *sadhana*], é como correr atrás da própria sombra para pegá-la.

643. Uma vez que a própria existência está claramente brilhando como a consciência ‘Eu-Eu’ no coração, essa realidade, o olho não falso [ou conhecimento], e não os objetos [*vishayas*] vistos pelo olho físico, é o único *sakshat* [o que é visto diretamente]. Portanto, busque e conheça isso.

644. Aqueles que não prestam atenção e não conhecem a consciência-existência que brilha sempre inalterada no coração, caem em *maya* através da atenção objetiva causada pelo ego, que surge e ataca com intensa ilusão.

31 Capítulo Sobre a Cessação da Atenção Objetiva

(*Suttu Aruttal Tiran*)

645. A verdadeira intenção das escrituras ao dizer “Conheça a verdade de si mesmo”, não é nada mais do que fazer alguém abandonar a atenção objetiva, o falso conhecimento. Por quê? Porque a verdade de si mesmo sempre brilha em todos como ‘Eu sou’, como o sol.

Michael James: Como a verdade de si mesmo sempre brilha em todos como ‘Eu sou’, não é algo a ser conhecido de novo. Portanto, quando as escrituras dizem “Conheça a verdade de si mesmo”, sua verdadeira intenção é simplesmente nos fazer voltar nossa atenção para o ‘Eu sou’ sempre conhecido, abandonando assim a atenção para objetos de segunda e terceira pessoa, pois tal atenção objetiva é o único conhecimento errado ou *ajnana*. Assim, a intenção das escrituras não é nos fazer conhecer algo novo, mas apenas nos fazer abandonar nosso conhecimento errado. Em outras palavras, se simplesmente abandonarmos nossa atenção objetiva, isso por si só nos mostrará que sempre conhecemos o Self.

646. O Self, o brilho da Graça, que não se revela quando procurado pela mente, que é apenas uma atenção objetiva [isto é, uma atenção para segunda e terceira pessoas], se revelará quando essa atenção objetiva [a mente] cessar de funcionar. “Quando eu olho para ela, a nova noiva apenas olha para o chão, mas quando eu não olho para ela, ela olha para mim com amor e sorri suavemente com alegria por dentro.”

Michael James: As duas últimas linhas deste verso são uma citação do verso 1094 do *Tirukkural*. A maneira incomum de comparar o Self com a noiva e o ego com o noivo deve ser notada aqui.

Quando se busca conhecer o Self como um objeto através da mente extrovertida, Ele não é revelado. Mas como a cessação da extroversão é em si mesma a introversão ou a orientação para o Self (*ahamukham*), o Self brilhará automaticamente quando a extroversão cessar.

Aqui os leitores são advertidos para não interpretar a simile da seguinte maneira errada: ‘A noiva olha para o noivo apenas quando ele não olha para ela. Portanto, o Self se revelará apenas quando não prestarmos atenção a Ele, isto é, apenas quando prestarmos atenção ao mundo externo’. Este não é o significado que se pretende ao dar esta simile. A interpretação correta deve ser: ‘O Self não pode ser conhecido pela mente, mas Ele brilhará automaticamente quando, e apenas quando, a natureza da mente (ou seja, atender ou conhecer apenas objetos de segunda e terceira pessoa) for destruída’.

647. Não olhe para isto, não olhe para aquilo. Se você simplesmente permanecer sem olhar para nada, então por esse olhar poderoso para [o próprio] ser [isto é, por essa poderosa atenção ao Self, ‘Eu sou’], você se tornará a realidade suprema que tem a perspectiva do espaço ilimitado da consciência [*chit-akasa*].

648. Exceto pela Graça do Senhor, que começa a funcionar quando alguém se rende completamente a Seus Pés com devoção sincera, ela [a realidade] não pode ser cognoscida apenas pela habilidade da mente do *jiva*. Tão sutil é a realidade.

Michael James: Consulte também o verso 634.

649. Não procure e vague sem alcançar nenhum estado [digno] apesar de ter aprendido todas as artes e ter ouvido todas as [filosofias] que devem ser ouvidas. Simplesmente permanecer como amor Nele [o Senhor] que brilha como amor, é o estado supremo!

Michael James: Os versos 983 e 1023 também podem ser lidos junto com este capítulo.

32 Capítulo Sobre a Verdade do Amor

(*Anbu Unmai Tiran*)

650. Aqueles que não conhecem o gosto do amor, que de maneira alguma é inferior a qualquer um dos outros seis gostos, consideram o amor como o sétimo gosto. [Mas saiba que] o amor é o gosto básico que dá vida a todos os outros seis gostos diferentes classificados [no passado].

Michael James: Os seis gostos são doce, amargo, salgado, azedo, picante e adstringente, e o amor às vezes é classificado junto com estes como o sétimo gosto.

651. Apenas aqueles que não conhecem o gosto inexprimível do amor contarão o gosto como sete [como se o amor fosse um gosto como os outros seis gostos]. Mas como conhecemos bem o gosto do amor, o gosto real, declaramos que o amor é o único gosto feliz [e que nenhum desses outros são gostos de todo].

652. Só quando o Self, a verdade do amor, é conhecido, o nó de todos os severos problemas da vida será cortado. Só quando o pináculo do amor [o amor supremo ou *para-bhakti*] é alcançado, pode-se dizer que mesmo a libertação foi alcançada. O amor é verdadeiramente o coração de todas as religiões.

Sadhu Om: Quando a verdadeira natureza do amor é realizada, ela cessará completamente de tomar a forma de desejo, que é a sua ‘forma de *vritti*’ [isto é, quando o amor está na forma de uma *vritti* ou movimento]. Quando o desejo é assim removido, todos os seus cinco rebentos, a saber, raiva, avareza, delusão, arrogância e ciúmes, também cessarão de existir [referir ao verso 375]. Como todos os problemas da vida se baseiam apenas nestes seis vícios, diz-se que o nó de todos os problemas da vida será cortado ao se perceber a verdadeira natureza do amor. A verdade do amor não é nada além do Self. Como? Como a natureza real do Self é *asti-bhati-priya* ou *sat-chit-ananda*, o amor [*priya*] ou *ananda* não pode ser diferente do Self. É por isso que os sábios declaram que o amor é Deus.

653. A verdade por trás do dito dos sábios, “Quando se vai ver os Sábios, que são os tesouros do conhecimento verdadeiro e claro [*jnana*], deve-se levar alguma oferta e não se deve ir de mãos vazias”, é que se deve ir com verdadeiro amor por eles no coração [ou seja, não se deve ir apenas para ver a vista ou testá-los].

Sri Muruganar: Como outros tipos de oferendas podem não estar disponíveis para todos e em todos os momentos, como até mesmo essas oferendas serão inúteis se não houver amor no coração, e como se o amor sozinho estiver presente, ele preencherá a deficiência criada pela ausência de todas as outras oferendas, o amor é aqui recomendado como a oferta suprema.

654. Não apenas pelo amor ser obstruído, mas também pelo amor ser forçado de maneira errada, todos os seres vivos são apanhados e consumidos por muitas misérias na vida.

Sadhu Om: O mal que acontece às coisas que gostamos é o que é mencionado aqui como ‘amor sendo obstruído’, enquanto ter coisas que não gostamos forçadas sobre nós é o que é mencionado aqui como ‘amor sendo forçado de maneira errada’. Assim, quando o amor é permitido funcionar na forma de um movimento [*pravritti rupa*], isto é, como pequenos desejos - gostos e desgostos - os *jivas* têm de passar por incontáveis misérias na vida. Portanto, manter o amor em sua forma pura, não permitindo que ele tome uma forma de *vritti* como gostos e desgostos, é tanto (a) não permitir que o amor seja obstruído, e (2) não permitir que o amor seja forçado de maneira errada. É por isso que Sri Bhagavan disse na obra *Quem Sou Eu?*, “Gostos e desgostos devem ser desprezados”.

655. A experiência do Self, que não é nada além da forma de [supremo] amor, é aquela em que os olhos só veem amor, a língua só prova amor e o toque só sente amor, que é a bem-aventurança.

Michael James: Este verso descreve que a natureza da experiência do Self é a essência ininterrupta [*ekarasa*] do amor, ou seja, explica que este mundo, que não é nada além da experiência ganha através dos cinco sentidos, é transformado em e experimentado como Self quando o amanhecer do conhecimento do Self acontece. O verso 62 desta obra deve ser lido novamente aqui.

Sri Muruganar: O amor próprio que brilha naturalmente em tudo quando tudo é conhecido como Self, é completamente diferente do falso e ilusório sentimento de prazer que aparece através das experiências sensoriais mentais. Este êxtase divino, conhecido como ‘*prema*’ ou ‘*bhakti*’, é o que é expresso por Manikkavachagar em seu *Thiruvandappahuti* como sua grande experiência.

33 Capítulo sobre a Forma

(*Sakala Tiran*)

656. Aqueles que dizem que a realidade não tem forma são aqueles que não conhecem a realidade. Pois a forma do Sábio [*sahaja nishtha*] que corretamente conhece e permanece na realidade, Self, cuja natureza é como a natureza do espaço [que tudo permeia], é verdadeiramente a forma da realidade. Saiba disso.

Sri Muruganar: Através deste verso, Sri Bhagavan refuta o dito, ‘A realidade não tem forma’. Como? Uma vez que o Sábio [*sahaja nishtha*] que conheceu a realidade como ela é, não é outro senão a própria realidade. Ele mesmo é a verdadeira forma dessa realidade. Isso é o que se quer dizer com, ‘*Jnani* Ele mesmo é o Self’.

Michael James: Sri Muruganar se refere aqui à *Bhagavad Gita*, capítulo 7, verso 18, no qual Sri Krishna diz que o *Jnani* é *Atma*.

657. A adoração do sem forma é possível apenas para aqueles que perderam a noção ‘Eu sou esta forma [o corpo]’. Qualquer tipo de adoração [isto é, qualquer esforço na meditação sem forma] feita por aqueles que têm a noção ‘Eu sou esta forma [o corpo]’ é nada mais que uma adoração da forma. Saiba disso.

Michael James: Refira-se aqui ao verso 208 desta obra.

658. Adorar a realidade sem forma através do pensamento livre de pensamento [isto é, ao prestar atenção à autoconsciência livre de pensamento, ‘Eu sou’] é o melhor. Se alguém é incapaz de fazer esta adoração sem forma a Deus, adorar a Deus na forma é apropriado.

659. Que aqueles que se tornaram presa da ilusão da ação [*karma*], sendo incapazes de seguir o caminho original da luz do Self, existência-consciência, adorem a forma de seu Deus amado. Então, gradualmente perderão sua ilusão [em relação a nomes e formas e ação] e finalmente [pela Graça de Deus ou Guru] alcançarão o Supremo Self.

Sri Muruganar: A atenção ao Self é o único caminho descrito neste verso como ‘o caminho original’. Mas que aqueles que são instigados à ação [*karma*], estando sob o domínio da ignorância [*avidya*], e que, portanto, são incapazes de seguir o caminho original, adotem pelo menos o caminho artificial de adorar Deus em forma; isto, em seu curso, finalmente os conduzirá à libertação.

660. Ó mente que realiza a adoração [*puja*] do Senhor Shiva em forma com grande Shiva-*bhakti* tanto interna quanto externamente, faça isso conscientemente sem esquecer que Deus existe em todos os lugares na forma de consciência perfeita.

Sadhu Om: Sempre que nesta obra a palavra ‘Siva’, ‘Hara’ ou similar é usada, deve-se entender como referindo-se a Deus em geral e não como denotando apenas uma forma pessoal particular de Deus chamada Siva. Refira-se ao verso 1101 desta obra.

661. Se alguém adora diariamente o Siva-yogi [o Sábio que se tornou um com Siva, o Self], a mente se tornará unidirecionada, a autoinvestigação surgirá dentro, através da qual alguém será [abandonando a atenção objetiva] estabelecido no Self, a mera consciência [Eu sou], e assim a doença da ilusão do nascimento [e morte] desaparecerá.

662. Se as observâncias prescritas nos *Vedas* não lhe proporcionam abundantemente uma devoção real e unidirecionada aos Pés de Deus, saiba que todos os esforços árduos feitos por você para observá-los estritamente e infalivelmente são totalmente em vão.

663. Aqueles que sempre adoram os pés santos de Allah [Deus] alcançarão todos os benefícios e a felicidade juntos, tendo extinguido todo o fogo do sofrimento da vida mental imaginária conduzida por eles em razão de ações [karmas] malignas e pecaminosas.

Sadhu Om: Como este é um conselho dado a alguns muçulmanos, Sri Bhagavan usou a palavra ‘Allah’ em vez de Deus.

664. Esqueça tudo o que deve ser obtido seja neste mundo ou no próximo, suporte perfeitamente e com paciência todos os obstáculos que surgem, e não se desanime com qualquer quantidade de pobreza que apareça, viva da maneira que a Graça de Deus o conduz.

665. Para aqueles *sadhus* de primeira classe que aspiram apenas a alcançar os Pés do Senhor Shiva [Deus], é melhor viver como um objeto digno de pena aos olhos das pessoas mundanas do que ser invejado.

34 Capítulo Sobre as Cinco Funções de Deus

(*Pancha Kritya Tiran*)

666. Saiba que, de acordo com Sua vontade, lei e plano, todos os momentos de cada dia, as cinco funções de Deus [criação, sustentação, destruição, ocultação e Graça] estarão acontecendo perfeitamente e incessantemente no universo, que é cheio de objetos móveis e imóveis.

667. Cada momento [ou seja, muitos milhões de vezes por segundo] cada átomo [no universo] é destruído e recém-criado. Como isso está acontecendo incessantemente, parece que eles [os objetos do universo] são os mesmos [objetos] existindo continuamente. Saiba disso.

Sadhu Om: Embora cada quadro de um filme de cinema que é projetado na tela consista em apenas uma imagem imóvel, como muitos desses quadros são projetados em um segundo e a velocidade de sua projeção é mais rápida do que a capacidade de compreensão de nossos olhos, parece para nós como se o filme contivesse uma imagem continuamente em movimento. Da mesma forma, como tudo neste universo, que está sob o domínio das cinco funções de Deus, é criado e destruído pelo inexprimível poder de Deus muitos crores de vezes por segundo, e como a velocidade com que são criados e destruídos é mais rápida do que a capacidade de compreensão de nossa mente [ou seja, como nossa mente é incapaz de captar o intervalo entre cada destruição e a subsequente nova criação], parece para nós como se o universo estivesse existindo continuamente.

Será útil aqui notar o que de fato se entende neste versículo pela criação e destruição de cada átomo do universo. No verso 6 de *Ulladu Narpadu*, Sri Bhagavan pergunta, “Pode haver um mundo à parte da mente?” e em *Quem sou eu?* Ele diz, “Além dos pensamentos, não há tal coisa como o mundo”. Portanto, como o universo não é nada além de pensamentos, o surgimento dos pensamentos é a criação do universo e o desaparecimento dos pensamentos é a sua destruição. Todos os pensamentos, que não são nada além de segundas e terceiras pessoas, surgem e desaparecem apenas para a mente, que não é nada além do primeiro pensamento, ‘Eu sou o corpo’. Portanto, como todos os outros pensamentos só podem surgir depois que a mente surge, e como devem desaparecer quando a mente desaparece, seu surgimento e desaparecimento devem necessariamente ser ainda mais rápidos do que o surgimento e desaparecimento da mente, o pensamento ‘Eu’, que, através do inexprimível e maravilhoso poder de Deus, por si só surge e desaparece muitos crores de vezes por segundo. Mas como a mente é tão inconstante que é incapaz de captar ou cognizar até mesmo o seu próprio surgimento e desaparecimento, como ela pode captar o surgimento e desaparecimento de outros pensamentos? É porque a mente é assim incapaz de captar a velocidade com que outros pensamentos surgem e desaparecem, que ela parece para a mente como se houvesse algo existindo continuamente como o universo. Somente quando a mente examina a si mesma, a primeira pessoa, com uma atenção aguda e sutil, e somente quando é capaz de cognizar seu próprio surgimento e desaparecimento, é que ela deixará de surgir e, em vez disso, tornar-se-á imóvel [*achala*]. E somente nesse estado de imobilidade, em que a mente não é mais uma mente mas o Self, é que ela será capaz de entender o surgimento e desaparecimento do mundo, os pensamentos de segunda e terceira pessoa, e terá o poder supremo de não permitir que qualquer pensamento surja. É porque Bhagavan Ramana é um tal que sempre permanece firmemente estabelecido no Self como Self, que Ele foi capaz de descobrir e assim revelar a verdade sobre a criação, sustentação, destruição e assim por diante.

35 Capítulo Sobre as Ações da Alma e de Deus

(*Jiveswara Seyal Tiran*)

668. Se considerarmos que todas as ações da alma [*jiva*] são as ações de Deus [Siva], então a *jiva* pode existir como uma entidade individual separada de Siva? Mas se a *jiva* se sente separada de Siva, então as ações da *jiva* não podem ser as ações de Siva, e a *jiva* também será independente de Siva.

Sadhu Om: Não conhecendo a interpretação correta das antigas palavras sagradas dos Sábios, “Tudo são ações de Deus; nem mesmo um átomo pode se mover sem a vontade de Deus”, muitas pessoas dizem quando vêm misérias, “Tudo isso são resultados das ações de Deus”, mas quando obtêm alguns prazeres na vida, dizem orgulhosamente, “Estes são os resultados de minhas ações meritórias passadas [*punya karmas*]”. Para corrigir essa perspectiva equivocada das pessoas, Sri Bhagavan dá essa upadesa.

Sri Muruganar: Este é um ponto muito sutil. Se as ações da *jiva* são aceitas como sendo as ações de Siva, então a *jiva* não deve permanecer diferente de Siva. Nesse estado, a *jiva* perderá toda a sua existência individual e apenas Siva será independente. Quando a *jiva* se rendeu dessa maneira, não haverá mais ego [*ahankara*] nela. O estado de rendição é o estado da completa destruição do ego. Se alguém age com egoísmo, mas ao mesmo tempo diz: “Tudo são ações de Siva”, então deve-se entender que essa pessoa não se rendeu a Siva.

36 Capítulo Sobre a Criação da Alma e de Deus

(*Jiveswara Srishti Tiran*)

669. A criação de Deus não aprisiona: somente a criação da *jiva*, que é uma concepção mental, aprisiona. Isso é ilustrado pela história do pai do filho morto que estava feliz enquanto o pai do filho vivo lamentava.

Sadhu Om: A história mencionada neste versículo é a seguinte: dois vizinhos chamados Rama e Krishna, que viviam em uma pequena vila no sul da Índia, partiram em peregrinação a Kasi. No caminho, Rama morreu de febre e Krishna continuou sua peregrinação sozinho. Durante a viagem a Kasi, Krishna encontrou outro peregrino que estava retornando para o sul e pediu-lhe que levasse a notícia da morte de Rama aos seus pais. O peregrino chegou àquela vila, mas ao contar a notícia, disse, por esquecimento, que Krishna havia morrido e que Rama estava a caminho de Kasi. Os pais de Krishna choraram e lamentaram a perda do filho, que na verdade estava vivo, enquanto os pais de Rama estavam felizes pelo bem-estar do filho, que na verdade estava morto. Agora, o conhecimento errado dos pais não foi a causa de suas respectivas misérias e felicidades? Da mesma maneira, a causa das misérias de nascimento e morte experimentadas pelas *jivas* é apenas o conhecimento errado, a concepção mental errada, de que se é o corpo. Portanto, a concepção ‘eu sou o corpo’, que é apenas uma criação da mente ou *jiva*, é a única causa do aprisionamento. É por isso que Sri Bhagavan diz neste versículo, “Somente a criação da *jiva*, que é uma concepção mental, aprisiona”.

De acordo com sua maturidade, Deus não concede às *jivas* o seu *prarabdha* designado - os frutos selecionados e organizados de boas e más *karmas* - para seu próprio desenvolvimento? Tudo o que vemos como nossa vida em um corpo e como um mundo em que vivemos, não é nada além do nosso *prarabdha*. Não pensamos que tal mundo, que é organizado de acordo com nossos *karmas* e *vasanas*, é a criação de Deus? Portanto, o próprio propósito da aparência ou criação do mundo que vemos, é nos ensinar o *vairagya* ao nos fazer experimentar dores e prazeres e, assim, voltar nossa mente para o Self. O estado em que a mente está sempre voltada para o Self é a libertação ou *moksha*. Portanto, o próprio propósito do mundo, que se diz ser a criação de Deus, não é nos aprisionar, mas apenas nos libertar. É por isso que se diz neste versículo, “A criação de Deus não aprisiona”.

670. A vasta criação de Deus provê o *Jnana-Guru*, Deus em forma humana, e possibilita alcançar a *Jnananishtha*, o estado desprovido de *vasanas*, e por isso está sempre ajudando as *jivas* a atingirem a libertação.

Sadhu Om: A criação de Deus é devido à Sua Graça sem limites, e seu propósito é permitir que as *jivas* alcancem a libertação [*mukti*]. Consulte o capítulo três, ‘*Karma*’, de *O Caminho de Sri Ramana* - Parte Dois, onde é explicado detalhadamente como Deus, devido à Sua benigna Graça, distribui e organiza o *prarabdha* de tal maneira a ajudar as *jivas* - que estão sofrendo muito devido ao fato de que realizam *agamyā karmas* em todas as vidas - a atingirem a libertação.

37 Capítulo Sobre a Negação

(*Neti Seyal Tiran*)

671. O corpo carnal, o *prana*, os *indriyas* [os órgãos sensoriais e o órgão de ação], a mente, o intelecto e o ego [*ahankara*] não são ‘Eu’. Mesmo a ignorância [do sono profundo], em que apenas as tendências latentes para os conhecimentos sensoriais [*vishayavasanas*] permanecem e que está desprovida de todos os conhecimentos sensoriais e todas as ações, não é ‘Eu’.

Sadhu Om: Consulte a obra *Quem sou Eu?*, onde as ideias deste verso são expressas em prosa por Sri Bhagavan.

672. Uma vez que todos estes [objetos alienígenas acima mencionados] perderão sua existência se não estiverem conectados comigo, a Realidade, e já que nenhum deles pode ter existência ou consciência à parte da Realidade, todos estes, que devem ser desprezados como inexistentes [*asat*] e insensíveis [*jada*], não são ‘Eu’.

Michael James: Consulte a obra *Quem sou Eu?*, onde Sri Bhagavan diz: “Depois de negar como ‘não Eu, não Eu’ tudo o que foi mencionado acima, o conhecimento que permanece sozinho, ele mesmo é ‘Eu’”.

673. Nota do Editor: Este verso foi omitido no manuscrito com o qual trabalhei, provavelmente devido a um descuido de digitação em algum momento na década de 1980 quando o original foi redigitado.

674. Seja o que for [entre os objetos alienígenas acima mencionados, que não são ‘Eu’] que aja de qualquer maneira, permaneça alheio a essas atividades [isto é, à noção de que é ‘Eu’ que ajo]

e simplesmente seja uma testemunha delas.

Sadhu Om: As instruções ‘simplesmente seja uma testemunha delas’ que Sri Bhagavan dá neste verso devem ser corretamente entendidas. A palavra ‘testemunha’ [*sakshi*] é usada nas escrituras Vedânticas em um sentido especial, e deve ser entendida de acordo. As escrituras explicam que o Eu ou *Brahman* é uma testemunha de todas as atividades assim como o sol é uma testemunha de tudo o que acontece na terra, isto é, todas as atividades acontecem na e por causa da mera presença do Eu, assim como tudo o que acontece na terra ocorre na e por causa da mera presença do sol. No entanto, assim como o sol não se preocupa com [isto é, não atende a] tudo o que acontece na terra, o Eu também não se preocupa com [isto é, não atende a] todas as atividades que ocorrem na Sua presença. Refira-se aqui ao trabalho *Quem sou Eu?* em que Sri Bhagavan claramente explicou esta semelhança com o sol, que não é afetado e não se preocupa com tudo o que acontece na terra.

Portanto, quando Sri Bhagavan diz neste verso que devemos simplesmente ser uma testemunha de todas as coisas, Ele não quer dizer que devemos permanecer como o sol, desapegado e indiferente ao que acontece ou não acontece na nossa presença. É por isso que Ele também diz neste verso, ‘permaneça alheio a eles’, pois quem está realmente alheio a algo não se preocupa minimamente com essa coisa e não lhe dá atenção. Enquanto se presta atenção a algo, significa que se está preocupado com esse algo, em outras palavras, que se está apegado a ele. É por isso que na obra *Quem sou Eu?* Sri Bhagavan define desapego, o estado de permanecer alheio ao não-Eu, assim, “Não prestar atenção ao que-é-outro [*anya*] é desapego [*vairagya*] ou ausência de desejo [*nirasa*]”.

No entanto, infelizmente, hoje em dia, muitos escritores e palestrantes que apenas leram as escrituras Vedânticas, mas nunca entenderam a prática correta pela qual se pode separar-se do não-Eu, recomendam às pessoas que devem testemunhar ou observar [isto é, prestar atenção a] tudo o que acontece. Assim, eles criaram uma crença falsa na mente de muitos aspirantes de que testemunhar ou observar objetos é um *Jnana-sadhana*, e que ao testemunhar coisas pode-se desapegar-se delas. Na verdade, no entanto, tal atenção objetiva é apenas um meio de se apegar aos objetos, e nunca pode ser um meio de se desapegar deles. É por isso que Sri Bhagavan ensinou que a auto-investigação, que é uma atenção à primeira pessoa ou sujeito [ou seja, uma atenção não objetiva], é o único meio de conhecer o Eu e, assim, desapegar-se do não-Eu.

38 Capítulo Sobre o Estado Desprovido de Tendências

(*Nirvasanai Tiran*)

675. Em vez de aparar periodicamente os cabelos das tendências [*vasanas*], é melhor removê-los permanentemente pela permanência eterna no Eu [*atma-nishtha*], não permitindo que eles brotem na forma de pensamentos no cérebro. Essa é a glória [ou seja, o significado] do *mundanam*.

676. Assim como um espinho que é usado para remover outro espinho que penetrou profundamente e está causando dor, as boas tendências [*subha vasanas*], após removerem as más tendências [*asubha vasanas*] no coração, também devem ser descartadas [já que também são uma forma de ligação].

Sadhu Om: As *vasanas* que somos aconselhados a erradicar aqui são apenas as *vasanas subha* e *asubha*, e não a *Sat-vasana*. A *sat-vasana* é a força de gosto que nos permite permanecer cada vez mais firmemente em *Sat*, isto é, em *Brahmanishtha*. O verso 69 do *Sri Aruanchala Aksharamanamalai* e o terceiro capítulo e os dois primeiros apêndices de *O Caminho de Sri Ramana* – Parte Dois lançarão mais luz sobre este assunto.

677. As boas tendências [*subha vasanas*] serão úteis apenas até que todas as sujas más tendências [*asubha vasanas*] sejam destruídas. Mas o puro estado desprovido de tendências [*parisuddha nirvasana sthita*], no qual as inúmeras tendências de ambos os tipos [boas e más] são extintas, é o nosso objetivo supremo.

Sadhu Om: Não apenas as más tendências [*asubha vasanas*] mas também as boas tendências [*subha vasanas*] devem ser destruídas. Mas o leitor não deve confundir a palavra *subha vasana* com a palavra *Sat-vasana*. *Sat-vasana* é diferente de *subha vasana*, e sendo essencial para a permanência no Eu [*atma-nishtha*] deve ser almejada. É esta *Sat-vasana* que Sri Bhagavan ora no verso 69 de *Aksharamanamalai*.

39 Capítulo Sobre a Verdade do Jejum

(*Upavasa Unmai Tiran*)

Michael James: A palavra ‘*upavasa*’ tem dois significados, a saber (1) seu significado literal, ‘viver perto’ (_upa_=perto; _vasa_=viver), ou seja, viver perto de Deus ou do Eu, e (2) o significado que é geralmente aplicado a ela, ‘jejum’. Neste versículo, no entanto, Sri Bhagavan usa *upavasa* em seu sentido literal, e Ele usa outra palavra, *unnavratam*, para jejum.

678. As pessoas sábias, sabendo que não ceder ao gosto pelos cinco prazeres dos sentidos é a verdade do jejum e que permanecer incessantemente no Eu é a verdade de *upavasa* [vivendo perto de Deus], sempre observarão [tanto o jejum quanto *upavasa*] com grande amor.

Sadhu Om: O verdadeiro jejum não é abster-se de alimentar o estômago, mas abster-se de alimentar os cinco sentidos [não fornecendo a eles os objetos de prazer]. Como a palavra ‘*upavasa*’ literalmente significa ‘viver perto’, o verdadeiro *upavasa* é sempre permanecer no Eu sem deixá-lo.

40 Capítulo Sobre a Regulação da Dieta

(*Ahara Niyama Tiran*)

679. Uma vez que a regulação da dieta desenvolve a qualidade *sattvic* da mente, ela ajudará muito na Auto-investigação. Portanto, qual é a necessidade de alguém, devido à confusão, ansiar

por quaisquer outras observâncias [*niyama*]? A regulação da dieta sozinha será suficiente.

Sadhu Om: Regulação da dieta [*ahara-niyama*] significa tomar apenas alimentos *sattvic* em quantidades moderadas.

Sri Muruganar: Aspirantes no caminho da Auto-investigação muitas vezes se preocupam com as muitas outras observâncias [*niyamas*] que podem auxiliar em seu *sadhana*. Mas a regulação da dieta sozinha será suficiente, pois é a mais alta de todas as observâncias.

41 Capítulo Sobre Acharas ou Limpeza

(*Tuytanmai Tiran*)

680. A razão pela qual as escrituras recomendam a limpeza do corpo [*acharas*] é apenas para fazer com que alguém abandone completamente o apego ao corpo através do *vairagya* adquirido ao saber na prática que, apesar de ser repetidamente limpo, o corpo carnal e sujo se torna sujo novamente e novamente.

Sadhu Om: Uma história ilustrando a ideia neste versículo é dada em *O Caminho de Sri Ramana* - Parte Dois, apêndice três, páginas 224 a 228.

681. Quando os *Vedas* ordenam, “Case-se com uma garota”, não é seu objetivo interno que se deve abandonar o desejo pelos prazeres triviais do sexo? Da mesma forma, quando os *Vedas* ordenam às pessoas que façam *yagas*, por exemplo, não é seu objetivo oculto que se deve abandonar todo o desejo pelos prazeres do céu [que vêm como resultado de fazer *yagas*]?

Sadhu Om: Quando uma mãe quer dar um remédio para seu filho, ela o chama para dentro de casa mostrando-lhe alguns doces, pois sabe que ele não vai gostar do remédio, mas será atraído pelos doces. Da mesma forma, sabendo que as pessoas imaturas não vão apreciar a ideia de *Jnana*, mas serão atraídas se lhes forem oferecidos prazeres sensuais, os *Vedas* primeiro [no *Karma Kanda*] mostram vários meios para obter vários prazeres. No entanto, assim como o objetivo secreto da mãe é dar o remédio ao seu filho quando ele entra em casa, o objetivo secreto dos *Vedas* é preparar e amadurecer as pessoas para o *Jnana Kanda* ao primeiro levá-las ao caminho da retidão. A mesma ideia também é expressa no versículo 31 de *Sri Ramana Pada Malai* por Sri Sivaprakasam Pillai e também nos versículos 75 e 76 do segundo capítulo de Kaivalya Navanitam.

682. Aqueles que alegremente tomam como ‘Eu’ seu corpo carnal e sujo, que converte até mesmo o alimento puro em podridão logo após ser ingerido, são piores do que um porco, que se alimenta de sujeira.

B10. Aqueles que tomam como ‘Eu’ seu corpo, que ingere alimento puro e o converte em sujeira, são piores do que um porco que ingere sujeira e a converte em sujeira.

Sadhu Om: Assim como um homem identifica seu corpo como ‘Eu’, assim um porco identifica seu corpo como ‘Eu’. Embora ambos estejam igualmente errados em identificar um corpo como ‘Eu’, Sri Bhagavan aponta como o corpo de um porco é superior ao de um homem! Ou seja, o corpo de um porco come apenas sujeira e a excreta novamente como sujeira, enquanto o corpo de um ser humano come boa comida pura e a excreta como sujeira. Portanto, o veredicto de Sri Bhagavan é que aqueles que identificam um corpo humano como ‘Eu’ são piores do que porcos!

42 Capítulo sobre a Ausência de Motivação

(*Nishkamya Tiran*)

683. Adorar a Deus em busca de algum ganho é apenas adorar esse ganho em si. Portanto, para aqueles que desejam alcançar o estado de Siva [o estado de unidade com Deus], a completa destruição de até mesmo um único pensamento de qualquer ganho é indispensável.

684. Pessoas boas nunca desperdiçarão seu elevado *tapas*, que é destinado a salvar sua alma, para a obtenção dos prazeres mundanos ilusórios [seja neste mundo ou no próximo]. Saiba que o ato daqueles que fazem *kamya tapas* com o objetivo de alcançar os prazeres do céu, é semelhante a trocar uma joia muito preciosa por uma pobre papa.

Sadhu Om: O objetivo do *tapas* deve ser a auto-realização e não qualquer outra coisa. Como o *tapas* de muitos *asuras* foi feito apenas com o objetivo de conquistar os mundos celestiais e desfrutar de seus prazeres lá, isso não levou à sua salvação. Da mesma forma, todo o *tapas* feito por pessoas com objetivos que não a auto-realização [*atma-siddhi*] não levará à sua salvação. Essas pessoas são ignorantes e não sabem o que realmente é *tapas*.

43 Capítulo sobre o Controle dos *Karanas* ou Instrumentos de Conhecimento

(*Karana Tanda Tiran*)

685. Se os instrumentos internos de conhecimento [os quatro *antahkaranas*, a saber, mente, intelecto, *chittam* e ego] e os instrumentos externos de conhecimento [os cinco *bahihkaranas*, a saber, olhos, ouvidos, nariz, língua e pele] foram controlados dia e noite [ou seja, sempre], a suprema Realidade que brilha no inexprimível estado de *turiya* surgirá.

Sri Muruganar: O declínio [ou seja, controle] de todos os instrumentos de conhecimento [*karanas*] naturalmente em todos os momentos só será possível quando o ego diminuir permanentemente. Portanto, os aspirantes devem visar apenas a destruição do ego. Tentar controlar cada um dos instrumentos mencionados individualmente não é o caminho direto.

686. Em vez de impedir que a mente flua para fora e mantê-la firmemente dentro, quebrar a trava [ou seja, ir contra as restrições estabelecidas pelos Sábios para o controle da mente] e permitir que a mente corra para fora através dos cinco sentidos, é um ato tão pecaminoso quanto causar a destruição de uma cidade ao quebrar as muralhas da cidade e romper as margens dos reservatórios de água.

687. Foi apenas isso que foi ilustrado pela antiga história de Brahma e Vishnu que, desnecessariamente divergindo, argumentando e brigando entre si, tentaram testar a Coluna de Luz [Arunachala] com suas mentes confusas e falharam.

Sadhu Om: Como só experimentamos uma existência individual separada quando a consciência-existência do Self é extrovertida através dos cinco sentidos, é melhor que essa individualidade subsida como uma no Self, tendo controlado os cinco sentidos.

44 Capítulo sobre a Conquista dos *Karanas*

(*Karana Jaya Tiran*)

688. Pela morte do ego – a identificação com o corpo que é composto pelos cinco elementos – rejeitando com indiferença os defeitos causados pelos cinco elementos [terra, água, ar, fogo e espaço], que não pertencem ao Self, é a conquista dos elementos [*bhuta-jayam*].

Sadhu Om: Este versículo deveria estar sob um título de capítulo separado, ‘A Conquista dos Elementos’.

Muitas pessoas acreditam que a conquista dos cinco elementos [*bhuta-jayam*] significa a habilidade adquirida por alguns *siddhas* para controlar e lidar com esses elementos, por exemplo, a habilidade de andar sobre água, fogo ou ar. No entanto, Sri Bhagavan declara neste verso que a verdadeira conquista dos cinco elementos não é nada além de não identificar como ‘Eu’ o corpo, que é composto por esses elementos.

689. A ideia de ‘Eu sou a mente [*chittam*]’ tendo desaparecido, e assim a confusão da intelectualidade [*buddhi*] tendo cessado e as noções de vinculação e liberação tendo se perdido, para alcançar a *siddhi* de firmemente permanecer no conhecimento do Self é a conquista da mente [*chittam-jayam*].

Sadhu Om: A crença mantida por muitas pessoas de que a conquista da mente [*chitta-jayam*] significa adquirir o poder de alcançar o que se deseja, o poder de encantar as mentes dos outros, ou o poder de conduzir as mentes dos outros de acordo com os próprios motivos egoístas, está errada. Sri Bhagavan declara neste verso que o poder de *Jnana* que destrói o próprio *chittam* [mente ou o depósito de tendências] é o verdadeiro *chittam-jayam*.

45 Capítulo sobre *Asana* ou Postura

(*Asana Tiran*)

690. Permanecer firme sem cair do conhecimento de que todo o universo tem apenas o Self, o supremo espaço de *Jnana*, como sua base [*asana*], é a postura firme e inabalável [*asana*] para o bom *samadhi* [ou seja, *sahaja samadhi*].

Sadhu Om: Para as pessoas dos dias atuais que receberam a compreensão grosseira de que dobrar as pernas, endireitar as costas, direcionar os olhos para a ponta do nariz e permanecer como um tronco, é a postura do *yoga* [*yoga asana*], Sri Bhagavan ensina neste verso a postura correta para o *yoga* [*yoga-asana*] para *jnana-yoga*.

46 Capítulo sobre o Poder do *Yoga*

(*Yoga Vali Tiran*)

691. Tendo feito o gosto de ver através dos sentidos enganadores diminuir e, assim, terminado o conhecimento objetivo malicioso da mente, o ego saltitante, para conhecer a luz sem luz [*prajna* ou autoconsciência] e o som sem som [o *Atmasphurana* ‘Eu sou’] no coração é o verdadeiro poder do *yoga* [*yoga-sakti*].

692. Como é apenas o esforço realizado em nascimentos passados que, depois de amadurecer, se torna o *prarabdha* [dos nascimentos presentes e futuros], saiba que também é possível para si mesmo, que anteriormente fez esse esforço, mudar o *prarabdha* através do esforço raro [de se voltar para o Self].

Michael James: As palavras ‘o esforço raro’ que Sri Bhagavan usa aqui devem ser entendidas como significando apenas o esforço de voltar a mente para o Self, pois este esforço é raramente feito pelos *jivas* e, portanto, é o mais raro de todos os esforços. As palavras ‘mudar *prarabdha*’ devem ser entendidas como ‘transcender *prarabdha*’, pois pelo esforço da autoatenção perde-se a individualidade (junto com o senso de ação e o de experiência, que são inerentes à individualidade) e, portanto, não se pode mais experimentar o *prarabdha*. Esta ideia é confirmada no próximo verso.

693. Não importa quais boas *karmas* produzam quais prazeres ou quais más *karmas* produzam quais dores como resultados, conquiste o poder de ambos afogando a mente no próprio Self, a suprema Realidade.

Sadhu Om e Michael James: Quando a mente se afoga no Self, o sentido de ação e o de experiência são perdidos. Então, como não resta ninguém para experimentar o *prarabdha*, diz-se que o *prarabdha* foi conquistado. Refira-se também ao verso 38 de *Ulladu Narpadu* e ao verso 33 de *Ulladu Narpadu – Anubandham*.

694. Mesmo em assuntos mundanos, o sucesso é impossível sem o devido zelo [*shraddha*] em um esforço, não se deve permitir que o zelo [*shraddha*] na prática espiritual diminua até que se

torne um com o Supremo ilimitado.

695. Por mais graves que sejam os pecados do passado, se, em vez de pensar amargamente ‘Eu sou um grande pecador’ e lamentar-se por isso, mergulharmos no Self com grande firmeza, em breve alcançaremos a Bem-aventurança.

Sadhu Om: Este versículo transmite o mesmo ensinamento que Sri Bhagavan deu na obra *Quem sou eu?* onde Ele diz: “Por maior que seja o pecador, se, não lamentando ‘Oh, eu sou um pecador! Como posso alcançar a salvação?’ mas abandonando completamente até o pensamento de que se é um pecador, se é firme na auto-atenção, certamente será salvo.”

696. Aqueles que alcançaram a *Jnana-siddhi* [a realização do conhecimento] neste mesmo nascimento através do poder da Graça de Deus e sem nenhum esforço de sua parte, como na ilustração do gatinho [*marjala-nyaya*], são aqueles que tiveram devoção a Deus em suas vidas passadas através de seu próprio esforço, como na ilustração do macaco [*markata-nyaya*].

Michael James: *Marjala-nyaya* significa a ilustração do gatinho que, sem nenhum esforço de sua parte, é carregado aqui e ali por sua mãe, enquanto *markata-nyaya* significa a ilustração do macaquinho que, por seu próprio esforço, se agarra à sua mãe.

697. Para aqueles que se concentram ininterruptamente no espaço ilimitado e onipresente da consciência [*chitrambalam*], não há nem mesmo um átomo de destino [*prarabdha*]. Isto é o que significa a expressão das escrituras, “O destino não existe para aqueles que buscam o céu”.

Sadhu Om: Desta versão devemos entender que a palavra ‘céu’ na expressão das escrituras, “O destino não existe para aqueles que buscam o céu” não denota qualquer mundo de prazer, mas apenas o estado de libertação [*mukti*].

698. Saiba que *prarabdha*, que, como um redemoinho, gira sem falhas ao redor da mente que toma o corpo como ‘Eu’, não pode nem ao menos agitar a mente que se conhece e que brilha como o espaço puro da consciência.

Sadhu Om: A importância deste versículo é que não há *prarabdha* para o *Jnani*.

699. Diga-me, meu coração, exceto a atenção [*dhyana*] ao Self [*swarupa*], que brilha ininterruptamente como o próprio ser, que estratégia existe para reduzir a cinzas o senso de ação [*kartrutva*], a mente perversa [ou ego], que afoga o *jiva* no fundo do oceano de karmas.

Michael James: Este versículo ensina enfaticamente que não há meio de destruir a mente ou o ego além da atenção ao Self [*swarupa-dhyana*].

47 Capítulo Sobre o Controle da Respiração

(*Uyir Orukka Tiran*)

700. Abandonar o nome e a forma [os aspectos falsos] do mundo - que consiste em existência, consciência, bem-aventurança, nome e forma - é a exalação [*rechaka*], perceber a existência-consciência-bem-aventurança é a inalação [*puraka*], e permanecer sempre firmemente como existência-consciência-bem-aventurança é a retenção [*kumbhaka*]. Faça [tal *pranayama*].

Sadhu Om: *Pranayama* significa a prática de regular a respiração. No *raja yoga*, exalar o ar é chamado de *rechaka*, inalar o ar é chamado de *puraka*, e reter o ar nos pulmões é chamado de *kumbhaka*. Neste versículo, o verdadeiro significado de *pranayama* é descrito de acordo com o *jnana marga*. Refira-se também ao capítulo X, ‘*Jnanashtanga*’, da obra *Vichara Sangraham* de Sri Bhagavan, onde esta mesma ideia é dada.

Sri Muruganar: Das cinco características do *Brahman*, nomeadamente existência, consciência, bem-aventurança, nome e forma [*sat, chit, ananda, nama e rupa*], as características distintivas do mundo são o nome e a forma, e por isso abandonar completamente estes dois é *rechaka*. Quando o falso nome e forma são assim abandonados como uma imaginação de miragem, o que resta são os aspectos verdadeiros [*satya amsas*], a saber, existência, consciência e bem-aventurança. Como estas três, que são as características distintivas do Self, são a realidade do mundo, percebê-las é *puraka*. Permanecer sempre nessa realização é *kumbhaka*. Ou seja, destruir as tendências para o mundo [*loka-vasanas*], perceber o Self e permanecer sempre como Ele, é o significado de *Jnana-pranayama*. Embora *sat, chit* e *ananda* sejam nomeados como se fossem três coisas diferentes, na experiência eles são verdadeiramente um e o mesmo. Neste contexto, refira-se também ao versículo 979 desta obra.

701. Abandonar completamente a noção ‘Eu sou o corpo’ é *rechaka*; mergulhar dentro através do sutil escrutínio ‘Quem sou eu?’ é *puraka*; e permanecer como um com o Self como ‘Eu sou Aquilo’ é *kumbhaka* - tal é o *jnana-pranayama*.

Sadhu Om: No versículo anterior, foi dito que abandonar os nomes e formas do mundo é *rechaka*. E como a atenção incessante ao Self é perceber a existência-consciência-bem-aventurança, que é a realidade tanto do mundo quanto de si mesmo, mergulhar dentro questionando ‘Quem sou eu?’ é aqui dito ser o correto *puraka*. Como existência, consciência e bem-aventurança não são realmente três coisas diferentes, mas o único Self, permanecer sempre como o Self é aqui dito ser o correto *kumbhaka*. Assim, neste versículo, o *jnana-pranayama* de acordo com o caminho de Sri Ramana é explicado de uma maneira mais prática.

702. Quando aquele que estava iludido em se considerar a mente e que estava vagando [através de nascimentos e mortes], abandonando sua vida ilusória e semelhante a um sonho, questiona o

Self, seu próprio estado, e permanece sempre como o Self, essa é a verdade do *pranayama*. Assim você deve saber.

Michael James: Neste versículo, abandonar a vida ilusória e semelhante a um sonho deve ser entendido como *rechaka*, questionar o Self, o próprio estado, deve ser entendido como *puraka*, e permanecer sempre como o Self deve ser entendido como *kumbhaka*.

48 Capítulo Sobre o Segredo da Ação

(*Karma Rahasya Tiran*)

B11. A mera investigação 'Para quem são esses defeitos, *karma* [ou seja, *kamya karma*, ação realizada com desejo], *vibhakti* [falta de devoção], *viiyoga* [separação de Deus] e *ajnana* [ignorância]?' é em si *karma*, *bhakti yoga* e *jnana*! [Como?] Quando assim indagado, 'Eu' é [encontrado para ser] inexistente, [e portanto] estes [quatro defeitos] são [também encontrados para ser] sempre inexistentes. A verdade é [então revelada] que sempre permanecemos como [o imaculado] Self.

Michael James: Este versículo também é o versículo 14 de *Ulladu Narpadu Anubandham*.

Sadhu Om: Como todos os benefícios dos quatro yogas, que são traçados para a remoção desses quatro defeitos, são alcançados através do caminho da auto-investigação, 'Quem sou eu?', deve-se entender que se alguém se dedica à auto-investigação, nenhum dos quatro yogas é necessário. Consulte também *The Path of Sri Ramana* - Parte Um, pp. 62 a 63.

703. A essência [*tattva*] do *karma* é conhecer a verdade de si mesmo ao questionar 'Quem sou eu, o autor, que começa a fazer *karmas*?' A menos que o autor dos *karmas*, o ego, seja aniquilado através da investigação, a perfeita paz da suprema bem-aventurança, que é o resultado do *karma yoga*, não pode ser alcançada.

Sadhu Om: O significado deste versículo é que o maior e mais importante *karma* que um *karma yogi* tem a fazer é investigar-se e assim ter o ego destruído, e que a auto-investigação é, portanto, o apropriado *karma yoga*.

704. Aquele que conheceu a verdade de [ou seja, a inexistência de] si mesmo, o autor, só é aquele que realizou todos os *karmas* prescritos sem falhas. Pois além da suprema bem-aventurança [que é alcançada pela aniquilação do ego], que fruto se espera alcançar pela dura *tapas* de realizar diariamente os *karmas* com grande cuidado.

Sadhu Om: Este versículo revela o segredo de que aniquilar o ego através da auto-investigação não é apenas fazer um serviço social no espírito do *karma-yoga*, mas também é realizar todas as ações diárias prescritas [*karmanushtanas*] perfeitamente.

705. Uma vez que o conhecimento não-dual impecável [*advaita jnana*] só brilha como o objetivo da observância de todos os tipos de *dharmas*, o *Jnani* sozinho é aquele que observou todos os *dharmas*.

Sadhu Om: Aqui Sri Bhagavan explica o significado correto das palavras 'o próprio *dharma*' [*svadharma*] usadas por Sri Krishna no *Bhagavad Gita*, cap. 3, v. 35, enquanto ensina sobre *karmas* e *dharmas*. 'Sva' significa Self, e *dharma* significa estar estabelecido nele. Portanto, a permanência no Self [*atma-nishtha*] sozinha é o verdadeiro *svadharma*, adequado a todas as pessoas. Assim, o segredo do *karma* e do *dharma* é ensinado neste capítulo.

49 Capítulo Sobre Japa

(*Japa Tiran*)

B12. Para aqueles que não conseguem alcançar através do *jnana-marga* [ou seja, Auto-investigação] o lugar [fonte] onde 'Eu' existe, é melhor conhecer durante o *japa* o lugar onde a Palavra suprema [*para-vak*] brilha.

Sadhu Om: Depois de ver o seguinte versículo composto por Sri Muruganar [que é um *venba*, um versículo de quatro linhas], Sri Bhagavan compôs o versículo acima [que é um *kural venba*, um versículo de duas linhas] dando a mesma ideia de forma mais concisa.

706. Para aqueles que não conseguem mergulhar profundamente dentro do silêncio, o conhecimento mais aguçado, buscando "Qual é a fonte da qual o 'Eu' se eleva?", é melhor examinar enquanto se faz mentalmente o *japa* de onde vem a Palavra suprema [*para-vak*].

Sadhu Om: Nos dois versículos acima, Sri Bhagavan explicou o segredo por trás da segunda das duas instruções que ele deu a Kavyakantha Ganapati Sastri em 18 de novembro de 1907.

Quando Ganapati Sastri se aproximou de Sri Bhagavan e orou por instruções sobre a natureza do verdadeiro *tapas*, Sri Bhagavan inicialmente permaneceu em silêncio e olhou calmamente para ele por cerca de quinze minutos. Então Ganapati Sastri novamente orou, "Eu li sobre tal *mouna-upadesa* em *sastras*, mas não consigo entender. Graciosamente, instrua-me também através da fala". A primeira instrução então dada por Sri Bhagavan foi Seu ensino básico [*yathartha upadesa*] 'Quem sou eu?', ou seja, para atender à fonte de onde 'Eu' surge. Mas sendo desconcertado pela novidade deste *upadesa*, Ganapati Sastri perguntou novamente, "Esse mesmo estado pode ser alcançado através do *japa* também?" Portanto, vendo que o devoto tinha uma grande inclinação pelo *japa*, Sri Bhagavan deu Sua segunda instrução, ou seja, "Se alguém repete um *mantra* e se alguém observa de onde o som desse *mantra* começa, a mente se acalmará; isso é *tapas*."

Quando uma moeda de um real com uma cabeça impressa de um lado e uma flor impressa do outro é mostrada a uma criança pequena e quando seu pai pergunta, “Qual moeda você prefere, a que tem uma cabeça ou a que tem uma flor?”, seja que a criança peça pela cabeça ou pela flor, ela será dada a mesma moeda por este pai, que simplesmente virará o lado que a criança gosta. Assim como o pai faz seu filho feliz, Sri Bhagavan fez Ganapati Sastri feliz ao lhe dar a mesma instrução uma segunda vez em uma forma diferente. Como? De onde mais o som de um *mantra* começa, senão da pessoa que o repete? Portanto, observar a fonte de onde o som do *mantra* começa significa nada mais do que atentar para o ‘Eu’, a primeira pessoa, que está fazendo o *japa*. Assim, escondendo gentilmente o fato de que sua segunda *upadesa* era a mesma que a primeira, Sri Bhagavan deu ao seu devoto a mesma moeda de um real [Auto-investigação] com o outro lado virado para cima, como se ele estivesse recomendando o *japa-sadhana*.

O fato de que Sri Bhagavan estava indiretamente recomendando apenas a Auto-investigação mesmo em sua segunda instrução, como explicado nesta nota, é confirmado neste versículo pelas palavras ‘*para-vak*’, pois no versículo 715 Sri Bhagavan explica que *para-vak* significa nada mais do que ‘Eu-Eu’.

707. Uma vez que você mesmo é a forma do *japa*, se você perguntar ‘Quem sou eu?’ e conhecer a sua natureza, ah, você descobrirá que o *japa* que estava fazendo anteriormente com esforço estará sempre acontecendo sem esforço e incansavelmente no coração.

Sadhu Om: De todos os nomes de Deus, o nome silencioso ‘Eu’, a consciência singular da primeira pessoa, é o mais importante. Uma vez que Deus brilha igualmente e como um só em todos os seres vivos, e uma vez que todos os seres vivos se referem a si mesmos como ‘Eu’, fica claro que ‘Eu’ é a verdadeira natureza de Deus. É por isso que Sri Bhagavan diz: “Você mesmo [a consciência do Eu] é a forma do *japa*“. Como a atividade na forma de esforço é destruída quando se analisa a própria natureza através da pergunta ‘Quem sou eu?’, o *japa sahaaja* [isto é, a consciência do Eu-Eu sempre brilhante] que então continua sem esforço é o que este verso declara ‘estará sempre acontecendo sem esforço e incansavelmente no coração’.

708. Até que os objetos conhecidos se fundam completamente no sujeito conhecedor [ou seja, até que os conhecimentos sensoriais - díades e tríades - se fundam na mente e se tornem inexistentes] e até que se saiba firmemente qual é a natureza do verdadeiro Eu, de que adianta dizer vaidosamente pela boca, “Eu sou Deus, eu sou Deus”?

Sadhu Om: Como antes de conhecer o Eu, identifica-se a si mesmo com o corpo, se alguém diz ‘Eu sou Deus’ será o mesmo que dizer que o corpo é Deus, o que não é apenas falso, mas também perigoso, pois aumentará o falso sentimento de egoísmo. Portanto, antes de se abandonar a identificação com o corpo, é inútil e sem sentido repetir os *Mahavakyas*, tais como ‘Eu sou *Brahman*’ e ‘Eu sou Ele’. Além disso, uma vez que após conhecer o Eu, permanece-se como *Brahman* [Deus] apenas, é desnecessário repetir ‘Eu sou *Brahman*, Eu sou *Brahman*’, assim como é desnecessário para um homem repetir ‘Eu sou homem, Eu sou homem’. Portanto, fazer *japa* dos *Mahavakyas* é perigoso antes da realização do Eu e é desnecessário após a realização do Eu.

709. Em vez de vagar repetindo [fazendo *japa* de] ‘Eu sou o Supremo’, permaneça calmamente como o Supremo. Não é gritando em voz alta ‘Eu sou Isso’, mas apenas permanecendo como ‘Eu sou Isso’, que as misérias [de nascimento e morte] desaparecerão.

710. As doenças não serão curadas apenas repetindo o nome do remédio, mas apenas ao tomar o remédio. Da mesma forma, os laços de nascimento [e morte] não nos deixarão apenas fazendo *japa* de muitos *Mahavakyas* como ‘Eu sou Siva’ [*Sivoham*].

Michael James: O que é significado pela frase ‘ao tomar o remédio’ não é mencionado neste verso, mas como o verso anterior nos instrui a ‘permanecer calmamente como o Supremo’, devemos entender que ‘tomar o remédio’ significa apenas ‘permanecer como o Supremo’.

50**Capítulo Sobre o Verdadeiro Templo**

(*Mey Koyil Tiran*)

711. Aqueles que não entendem vivamente que Deus é o templo [ou seja, o lugar de morada ou base] tanto do mundo quanto da alma, constroem templos para Deus e - limitando o Deus ilimitado como uma pequena divindade e assim o velando - o adoram.

Michael James: O objetivo por trás deste verso não é condenar a adoração em templos ou instruir os aspirantes a que não devem adorar Deus na forma de uma divindade de templo. Seu objetivo é apenas fazer com que eles entendam a limitação de tal adoração e ajudá-los a ir mais longe, voltando sua atenção para o Eu. No entanto, está claro a partir do verso 208 desta obra que Sri Bhagavan não condena a adoração em templos, que tem seu próprio valor enquanto o aspirante identifica seu corpo como ‘Eu’.

51**Capítulo Sobre o Santo Nome**

(*Tirunama Tiran*)

712. Ao escrutínio, quando a realidade, o Coração [*ullam*], aparentemente se expande a partir do coração na forma de consciência [‘Eu sou’] para assumir muitos milhares de nomes, o primeiro deles é ‘Eu’. Assim você deve saber.

Sadhu Om: Como a palavra tâmil ‘*ullam*’, que significa ‘Coração’, também significa ‘sou’ - o brilho da Realidade, ‘Eu’ - a Realidade é chamada pelo nome ‘*ullam*’. Compare isso com as palavras sagradas de Sri Bhagavan no 2º verso de *Sri Arunachala Pancharatnam*, “Como você brilha como ‘Eu’ no Coração, seu nome mesmo é Coração”.

713. Como sozinho com ‘Eu’, o primeiro nome acima mencionado [de Deus], ‘sou’ sempre brilha como a luz da Realidade ‘Eu’, ‘sou’ também é [um igualmente grande] nome [de Deus].

714. De todos os muitos milhares de nomes, nenhum é tão verdadeiramente apto, tão realmente belo, como este nome [‘Eu’ ou ‘sou’] para Deus, que habita no coração sem pensamento.

Sri Muruganar: De todos os milhares de nomes de Deus adorados em muitas religiões diferentes e em muitas línguas diferentes, não há outro nome tão belo e verdadeiramente adequado a Deus como este ‘sou’. O nome ‘Jeová’ usado na língua hebraica para denotar Deus significa apenas isso.

715. De todos os nomes conhecidos de Deus, o nome ‘Eu-Eu’ sozinho brilhará triunfantemente quando o ego for destruído, surgindo como a Suprema Palavra silenciosa, [*mouna-para-vak*] no espaço do coração daqueles cuja atenção é introvertida.

Sadhu Om: Como fica claro a partir deste verso que o que Sri Bhagavan quer dizer com a palavra ‘para-vak’ é apenas o *atma-sphurana* ‘Eu-Eu’, o leitor pode entender que o que Ele quis dizer quando disse no verso Bhagavan-12 [B12, acima 706], deste trabalho, “*vak parai ar stanam terdal*” [conhecer o lugar onde o *para-vak* brilha], era ‘prestar atenção à fonte onde ‘Eu-Eu’ brilha’, que é nada mais que o método de Auto-investigação. Assim, este verso confirma a ideia expressa na nota de rodapé do verso 706. Veja também o verso 1197.

716. Mesmo que alguém se lembre incessantemente desse nome divino ‘Eu-Eu’, ele conduzirá com segurança ao ponto de origem do qual os pensamentos surgem, destruindo assim o ego enraizado no corpo.

Sadhu Om: Este verso transmite o mesmo ensinamento que é dado por Sri Bhagavan na seguinte frase de *Quem sou eu?*: “Mesmo que se pense incessantemente ‘Eu, Eu’, isso levará a esse lugar [a fonte da mente].”

717. Embora a palavra ‘Eu’ pareça denotar a alma encarnada ou ego, saiba que, ao escrutínio, apenas o Self, a base da alma encarnada, é [considerado] o verdadeiro significado da palavra ‘Eu’.

Sadhu Om: Refira-se também ao verso 21 de *Upadesa Undiyar*.

52 Capítulo Sobre Devoção

(*Bhaktimai Tiran*)

718. O melhor devoto [*bhaktiman*] é apenas aquele herói que destrói a si mesmo [o ego], que é realmente um vazio inexistente e que é denotado pelo termo ‘tu’ [*twam*], em *Sadasiva* [Self], que brilha como o significado do termo ‘Aquilo’ [*tat*], através da experiência ‘sou’, a consciência tranquila do Self denotada pelo termo ‘és’ [*asi*].

Sadhu Om: Aquele que se identifica com o corpo e que sente ‘Eu sou fulano’ é o *jiva* ou ego, que é denotado pelo termo ‘tu’ [*twam*]. Aquilo que permanece fora de ‘Eu sou fulano’ depois que a parte do ego ‘fulano’ foi destruída na consciência feliz do Self, *Sadasiva*, é ‘Eu sou’, que é denotado pelo termo ‘Aquilo’ [*tat*]. Assim, neste verso, o *Mahavakya* ‘Aquilo tu és’ [*tat twam asi*] do *Vedanta jnana-marga* é explicado à luz do *Siddhanta bhakti-marga*. Portanto, deve-se entender que a destruição do ego, que é o objetivo do *jnana-marga*, também é o objetivo do *bhakti-marga*.

719. O melhor devoto é apenas aquele herói que, no insondável oceano de bem-aventurança [Self], destrói o falso ‘Eu’, a forma de pensamento que flutua como uma bolha na água.

Sadhu Om: A partir dos dois versos acima, fica claro que apenas o *Sahaja Jnani* é um devoto perfeito de Deus.

720. Aqueles que, com mentes amadurecidas através da *bhakti*, beberam completamente a essência da *bhakti*, desejam apenas o néctar divino da suprema *bhakti* como o fruto de [sua] *bhakti*.

Sadhu Om: Devotos de um nível exaltado nunca desejam alcançar *siddhis* ou prazeres, seja neste mundo ou no céu, como fruto de sua devoção. Como eles provaram a essência da *bhakti*, eles irão orar ao Senhor para conceder-lhes apenas a dádiva de uma devoção sempre crescente para com Ele. Esse sutil segredo é revelado por Sri Bhagavan na última linha do 7º verso do *Sri Arunachala Navamanimalai*, onde Ele ora, “Ó meu querido Senhor, concede-me apenas um amor sempre crescente pelos Teus pés”.

721. O silêncio desprovido do surgimento agressivo do ego é Libertação [*mukti*]. A própria inadvertência maligna [de escorregar daquele estado de Silêncio] é a não devoção [*vibhakti*]. Permanecer como um [com o Self], com a mente subjugada sem surgir divisivamente [como outra], é a verdadeira *bhakti* a Siva.

53 A Não-diferença entre *Bhakti* e *Jnana*

(*Bhakti Jnana Abhedha Tiran*)

722. Após escrutínio, a suprema devoção [*parabhakti*] e a *Jnana* são, por natureza, uma e a mesma coisa. Dizer que uma dessas duas é um meio para a outra é devido à falta de conhecimento da natureza de ambas.

Michael James: Como o estado de suprema devoção (*parabhakti*) é a perda da individualidade, nada mais é do que o estado de *Jnana*.

723. A razão pela qual mesmo aqueles que conhecem a verdade [que *bhakti* e *jnana* são uma e a mesma coisa], seguem apenas uma como se, ao contrário do que foi dito acima, fosse melhor que a outra, é para impedir que os aspirantes que estão seguindo essa, acreditando que seja melhor, a abandonem e saltem para a outra.

54 Bhakti e Vichara

(Bhakti Vichara Tiran)

724. A realização de Realização [*samadhi*], que resulta no final da prática de inquérito sobre o amado conhecimento verdadeiro [*mey-jnana vichara*], é unicamente devido à Graça de Deus, que brilha como o Self, como a própria realidade, a Alma da alma.

Michael James: Como o Self é a verdadeira vida ou alma da pseudo alma, o *jiva*, Ele é o verdadeiro Deus. Portanto, o inquérito, que é a atenção ao Self feita com grande amor ao Self, é a verdadeira adoração a Deus. Assim, apenas através da Graça de Deus, o Self, é que o inquiridor se estabelece firmemente em *samadhi*.

725. A menos que o Senhor [o Deus e Guru] que reside dentro [como Self], pelo poder de Sua Graça, puxe a mente para dentro, quem pode, pelo mero poder da mente furtiva e maliciosa, impedir sua natureza de saída e alcançar o Coração e descansar em paz?

726. A Graça de Deus, cuja forma é oito vezes maior, não pode ser obtida sem a Graça do Guru. Nem pelas *vidyas* [artes e aprendizado] nem por qualquer outro meio será obtida a Graça, mas apenas pela *bhakti* [em direção ao Guru].

Michael James: Como o próprio Deus se encarna como Guru, a Graça de Deus é proclamada como nula sem a Graça do Guru. Como a *Guru-bhakti* é ela mesma *God-bhakti*, ela sozinha, e nada mais, permitirá a alguém obter a Graça de Deus.

727. Não se deve duvidar se a Graça de Deus, o grande apoio, foi concedida a alguém ou não, pois o fato de a mente de alguém estar muito interessada em inquérito, tendo um grande gosto pela libertação da escravidão, é em si mesma prova suficiente [que a Graça de Deus foi concedida].

728. Para dizer a verdade, a Graça de Deus e o inquérito ‘Quem sou eu?’, que é o meio para permanecer dentro, cada um sendo uma grande ajuda para o outro, juntos levam alguém ao estado de unidade com o Self supremo.

729. A menos que a suprema Realidade [Deus ou Self] Se revele no Coração, a ilusão [*maya*] deste sonho mundial não terminará. O inquérito ‘Quem sou eu que vê este sonho?’ é a adoração [*upasana*] que traz [a Graça do Supremo para] essa revelação.

Sadhu Om: Portanto, a auto-investigação é a *upasana* adequada que se deve fazer para ganhar a Graça de Deus e assim acordar deste sonho mundial.

730. Atenção ao próprio Self é dito ser a suprema devoção a Deus, que é inatingível pela mente e assim por diante, porque esses dois [o Self atendido pelo questionador e o Deus adorado pelos devotos] são por natureza [*swarupam*] um e o mesmo.

Sadhu Om: *Swarupam*, Self, Deus, Guru e Graça são todas palavras diferentes que denotam a mesma realidade.

731. Saiba que o caminho da *Jnana* e o caminho da *bhakti* estão inter-relacionados. Siga esses dois caminhos inseparáveis sem dividir um do outro.

B13. Atenção ao Self é devoção ao Senhor supremo, porque o Senhor existe como Self.

Michael James: O verso 730 deve vir como 731 e vice-versa.

732. Se alguém vê ‘Quem sou eu que anseia ganhar a Graça do Senhor?’ o ego [*anava*] será destruído e assim a Graça do Senhor se revelará. Depois que o ego foi assim destruído, no espaço da Graça, que é o próprio Senhor, nenhuma outra impureza [*mala*] existirá.

733. Uma vez que as outras duas impurezas [*karma* e *maya*] crescem apenas dependendo do ego [*anava*], o [raiz] apego, quando o ego é destruído as outras duas não podem de forma alguma sobreviver.

Michael James: De acordo com *Saiva Siddhanta*, as três impurezas (malas) são *anava*, *karma* e *maya*. A palavra ‘*anava*’, que significa ego, é derivada da palavra ‘*anu*’, que significa átomo, e a razão pela qual é assim chamada é explicada por Sri Muruganar abaixo.

Sri Muruganar: A ilusão de identificar o corpo, que não é o Self, como ‘Eu’ é o apego interno ou primeiro apego. Como essa ilusão nos faz sentir o Self, que é de fato a consciência ininterrupta, como uma coisa semelhante a um átomo no corpo, ela é chamada ‘*anavam*’.

55 Um único Ponto de Devoção

(Ekagra-Bhakti Tiran)

734. Aqueles que têm devoção unívoca para com Deus, como a agulha magnética [de uma bússola de navio] que sempre fica voltada para o norte, nunca ficarão perplexos e se desviarão no oceano do apego deste mundo.

735. Aqueles que vivem no mundo, apegando-se de todo o coração a Deus, são como crianças que giram em torno de um pilar segurando-o firmemente. Como eles têm uma forte e inabalável fé em Deus, estão desprovidos de ego [*anava*] e, portanto, nunca cairão presa à ilusão do mundo.

736. Se alguém fixa a mente firmemente naquela pura Suprema Realidade que permeia todas as atividades, não será afetado por qualquer número de atividades que são feitas.

Sadhu Om: Assim como a tela do cinema, que é a base que permeia todas as imagens, não é queimada por uma imagem de fogo ou encharcada por uma imagem de uma enchente, assim o Self, a Suprema Realidade que é a base que permeia todas as atividades, não é afetado por qualquer número de atividades. Portanto, uma vez que aquele que atende ao Self permanece como o próprio Self, ele não é afetado por qualquer número de atividades que possa parecer estar fazendo.

Sri Muruganar: (i) As palavras ‘todas as atividades’ incluem tanto as atividades mundanas quanto as atividades religiosas. (ii) Como ele que se mantém na realidade [Self] perde seu senso de ação, diz-se ‘ele não será afetado’. Portanto, embora [pareça como se] ele fizesse tudo, na verdade ele não faz nada.

737. Entre todos os grãos de arroz, apenas aqueles que se movem de um lado para o outro serão esmagados pelo moinho de mão, enquanto aqueles que não se movem para longe do pé do eixo não serão esmagados.

Michael James: Da mesma forma, entre todas as pessoas do mundo, apenas aquelas que se desviam para os desejos mundanos, deixando o pensamento dos Pés de Deus, serão arruinadas por *maya*, enquanto aquelas que não deixam Seus Pés não serão tão arruinadas.

56 Meditação e Inquérito

(*Dhyana Vichara Tiran*)

738. Imaginar mentalmente a si mesmo como a Suprema Realidade, que brilha como existência-consciência-bem-aventurança [*sat-chit-ananda*], é meditação [*dhyana*]. Fixar a mente no Self de modo que a semente da falsa ilusão [o ego] seja destruída é inquérito [*vichara*].

Sadhu Om: *Dhyana* é atividade mental, um ato de imaginação da mente, enquanto *vichara* é o estado da destruição da mente [*mano-nasa*]. A ideia expressa neste verso também pode ser encontrada em forma de prosa em *Quem sou eu?*.

739. Quem quer que medite sobre o Self em qualquer *bhava* [ou seja, em qualquer forma ou com qualquer sentimento de relação], atinge o mesmo apenas naquele *bhava* [ou seja, de uma maneira qualificada ou *saguna*]. Aqueles pacíficos que permanecem quietos sem qualquer *bhava* como tal, alcançam o nobre e inqualificado estado de *Kaivalya* [o estado *nirguna* do Self].

Sadhu Om: É enfatizado neste verso que ao meditar em Deus em nome e forma, alcança-se Deus apenas naquele nome e forma, e que somente permanecendo imóvel [através do autoquestionamento] sem pensar ou meditar, pode-se alcançar o estado inqualificado [*nirguna*] de Deus, o estado de unidade [*Kaivalya*]. A partir deste verso, o leitor pode entender o significado correto do verso 8 de *Ulladu Narpadu*.

740. Só se pode atingir a própria fonte [o Self] depois que o ego [a individualidade separada], foi completamente aniquilado. Como meditar ‘Eu sou Aquilo’ pelo ego? Portanto, tendo o ego sido aniquilado [através do autoquestionamento], permanecer silenciosamente no Self é o caminho correto.

Sadhu Om: O verso 32 de *Ulladu Narpadu* deve ser estudado junto com este verso. No verso anterior, Sri Bhagavan instruiu que adorar a Deus em nome e forma não dará o estado não qualificado [*nirguna*], a conquista final. Neste verso, Ele instrui que mesmo a prática da meditação sobre os *Mahavakyas*, como ‘Eu sou *Brahman*’, que até agora era erroneamente acreditada pelas pessoas como meditação sobre o não qualificado [*nirguna-upasana*], não dará o estado final, uma vez que é nada mais do que um mero ato mental de imaginação. Sri Bhagavan afirma que a permanência silenciosa no Self, que é a técnica correta de autoquestionamento, sozinha dará a conquista final.

741. A razão pela qual se vê Siva como ‘Isto [forma] é Ele’ meditando sobre Ele como se fosse um entre os objetos dos sentidos - embora [na verdade] Ele brilhe como a consciência sem forma - e por que se lamenta [quando essa forma desaparece], é por causa da loucura de não se conhecer ao questionar ‘Quem sou eu?’

Michael James: Refira-se aqui aos versos 1070, 1072 e 1073 deste trabalho.

Alguns aspirantes meditam sobre Siva em uma forma particular. Quando, através da força dessa meditação (*bhava-bala*), eles veem Ele nessa forma como um objeto de visão, acreditam que alcançaram o *darshan de Siva*. Mas o que quer que apareça em um momento certamente desaparecerá em outro, e, portanto, o aspirante terá que lamentar quando a forma de seu amado Siva desaparecer. No entanto, uma vez que Siva é na realidade a consciência pura sem forma que brilha dentro como ‘Eu’, se o aspirante deseja alcançar um *darshan* de Siva que nunca desaparecerá, ele só precisa questionar dentro de si ‘Quem sou eu, o vidente desta visão?’ e, assim, realizar o Self.

57**Meditação sobre o Self**

(*Swarupa-Dhyana Tiran*)

742. Aquele que medita bem e verdadeiramente sobre si mesmo, que é consciência, será estabelecido em Siva, o Self.

58**Meditação sobre o Espaço**

(*Akaya-Dhyana Tiran*)

743. A meditação sobre o vasto, inexplorado e indiviso espaço, permitirá que se alcance qualquer [grandeza] mundana que se deseje da maneira que se deseje.

Sadhu Om: Algumas pessoas, com um olho em alguns resultados desejados, não meditam em nenhum dos nomes e formas de Deus, mas no vasto espaço. Mesmo por tais práticas, os desejos são cumpridos.

744. Entre aqueles que meditam sobre o espaço, apenas aqueles que depois abandonam essa meditação sobre o vasto espaço [ao questionar ‘Quem sou eu que medita sobre o espaço?’] alcançarão a [verdadeira] grandeza do não-nascimento. Os outros cairão no ciclo de nascimento e morte.

Sadhu Om: Deve-se entender que a frase ‘alcançar qualquer grandeza que se deseje’ usada no verso anterior denota apenas o cumprimento de desejos mundanos [*kamyas*], enquanto a frase ‘alcançar a grandeza do não-nascimento’ usada no presente verso denota a conquista da Libertação.

Embora o espaço não seja um nome e uma forma como o de Deus, ele também tem um nome [ou seja, espaço] e uma forma [ou seja, vastidão] próprios. Além disso, é um objeto da segunda pessoa. Portanto, neste verso, é aconselhado que se deve abandonar tal objeto de meditação e voltar-se para o Self, questionando ‘Quem sou eu que conheço este espaço?’ O Self é o único alvo da meditação que concederá o estado supremo de não-nascimento e imortalidade.

745. Dizer que alguém que praticou a permanência no Self [*nishtha*] apegando-se ao Senhor, Self, a forma da consciência, perdeu o equilíbrio da mente e enlouqueceu, é como dizer que alguém morreu ao beber o néctar da imortalidade. Saiba assim.

Sadhu Om: É errado dizer, como algumas pessoas mundanas às vezes fazem, que alguém enlouqueceu seguindo o caminho da auto-investigação. Neste verso, Sri Bhagavan nos garante que nunca sofreremos de qualquer desordem mental seguindo este caminho, e que, ao contrário, alcançaremos maior clareza e força mental.

Este verso deve ser lido juntamente com os versos do capítulo sobre auto-investigação.

59**Meditação sobre o Tempo**

(*Kala-Dhyana Tiran*)

746. Se você deseja alcançar a grandeza eterna, desprovida do defeito do nascimento e da morte, a *sadhana* correta é meditar sobre aquele tempo [ou seja, o presente] que não tem a mínima modificação de ir e vir.

Sadhu Om: Se analisarmos o significado deste verso à luz do verso 15 de *Ulladu Narpadu*, “O passado e o futuro existem dependendo do presente; eles também, enquanto ocorriam, eram e serão presentes. Portanto, [entre os três tempos] apenas o presente existe...”, podemos entender que o que é denotado aqui pela frase ‘aquele tempo que não tem a mínima modificação de ir ou vir’ é apenas o presente. Assim, este verso nos dá a rara pista de que a *atma-sadhana* pode ser feita não apenas na forma de atender à primeira pessoa [das três pessoas], mas também na forma de atender ao presente [dos três tempos]. Em qualquer destas duas formas que se faça a *atma-sadhana*, tanto a primeira pessoa quanto o tempo presente desaparecerão, sendo considerados verdadeiramente inexistentes, e a grandeza eterna desprovida de nascimento e morte será alcançada. Consulte também *O Caminho de Sri Ramana* - Parte Um, páginas 135 a 136, onde essa ideia é explicada mais detalhadamente.

747. Aqueles que abandonaram essa concepção [a concepção do tempo] - tendo conhecido [ao prestar atenção ao presente como instruído no verso anterior] que o tempo é nada mais do que o Self [assim como a serpente aparente é nada mais do que uma corda] - são os grandes que alcançam a imortalidade. Todos os outros morrerão, mortos pela espada do tempo.

Sadhu Om: Neste verso, indica-se que o tempo presente e a primeira pessoa são semelhantes em natureza. Quando se examina ou medita tanto sobre ‘eu’ [o ego, a primeira pessoa ou primeiro lugar] quanto sobre o presente [o primeiro tempo], o ego e o presente desaparecerão, sendo considerados inexistentes, e nossa real existência-consciência [*sat-chit*], ‘eu sou’, que transcende o tempo e o espaço, permanecerá sozinho. Isso é o que é significado pela frase “abandonaram até mesmo a concepção do tempo” usada por Sri Bhagavan neste verso.

Vale a pena notar aqui o aviso dado por Sri Bhagavan na versão alternativa do verso 16 de *Ulladu Narpadu*, onde ele diz, “Exceto ‘nós’, onde está o tempo? Se, sem analisarmos a nós mesmos, confundirmos o corpo com ‘nós’, o tempo nos engolirá...”. A mesma ideia é expressa no presente verso pela frase “Todos os outros morrerão, mortos pela espada do tempo”.

748. Aqueles que estão firmemente estabelecidos em seu próprio estado [de auto-existência], nunca veem algo como o tempo, mas apenas o próprio Self. Eles não mais conhecerão a única realidade total [*tattva*] como os três tempos diferentes [presente, passado e futuro].

Sadhu Om: O verso 16 de *Ulladu Narpadu* deve ser lido e compreendido aqui.

60 Prática

(*Nididhyasana Tiran*)

749. Se, em vez de prestar atenção ao universo externo composto pela terra e assim por diante - que [parece] existir apenas enquanto não se investiga [a verdade] e que se torna inexistente quando se investiga - atentar-se e conhecer o que existe no coração, então não haverá necessidade sequer de ter o pensamento de renascimento.

Sadhu Om: Três pontos devem ser inferidos deste verso, a saber (1) o mundo não tem existência real e parece existir apenas por causa da falta de investigação (*avichara*), (2) nascimento e morte são meros pensamentos, e (3) quando se realiza o Self, isso em si é atravessar o oceano de nascimentos e mortes.

As duas últimas linhas deste verso são um verso do capítulo ‘Conhecendo a Verdade’ na seção ‘Sobre Renúncia’ no *Tirukkural*. A maneira como este verso de *Tirukkural* é tratado por Sri Muruganar no presente verso é ao mesmo tempo apropriada e bela.

750. Qualquer coisa que se pense incessantemente [até a morte], pelo poder de tal pensamento, torna-se aquilo. [Uma vez que se tornará o Self se sempre meditar sobre o Self] se com grande amor praticar [atenção ao Self] e [assim] conhecer a natureza dos apegos [‘eu’ e ‘meu’] e permanecer no Self para que os apegos sejam destruídos, a doença [de *ajnana*] que causa o nascimento [e a morte] não se aproximará.

Sri Muruganar: Dizem as escrituras que alguém se torna aquilo que pensa no momento em que a vida deixa o corpo. Portanto, neste verso é instruído que aqueles que desejam a libertação devem pensar no Self a fim de deixar de lado outros pensamentos, que são a causa do renascimento. Como a morte pode acontecer a qualquer momento, qualquer segundo de nossa vida pode ser o segundo antes da morte. Portanto, é opinião de Sri Bhagavan que a meditação no Self deve ser feita a cada segundo.

751. A clareza perfeita e pacífica é o que os *Vedas* declaram ser o objetivo final do *tapas*. Por outro lado, quaisquer benefícios abundantes e imensuráveis que são alcançados [através de qualquer tipo particular de *tapas*], se ainda assim restar um átomo de desejo [ou oscilação da mente], então esse *tapas* deve ser abandonado de imediato.

752. Enquanto surgir um pensamento em alguém de que algo é indispensável, deixe-se ter e desfrutar disso. Mas quando, através de algumas experiências amargas, surge um pensamento de se livrar disso, deve-se abandoná-lo de imediato.

753. Não determine a Graça de Deus meramente pela conquista de vários tipos de prosperidade [como riqueza, saúde e assim por diante], que vêm como resultado de ações meritórias [*punyas*], mas apenas pela clareza pacífica da consciência, que está isenta de todas as ansiedades mentais, que são causadas pelo esquecimento [do Self].

Sadhu Om: Pessoas ignorantes frequentemente pensam que obtiveram a Graça de Deus simplesmente porque lhes são providenciados diferentes tipos de bem-estar mundano, como riqueza e saúde. Mas estes não são os sinais corretos da Graça de Deus, uma vez que são dados a alguém meramente por causa de seus próprios *punyas*, ou seja, eles são o resultado do *prarabdha*. O estado de *Jnana*, em que se conhece o Self e, assim, permanece em paz ininterrupta, isento de misérias, é o verdadeiro sinal da Graça de Deus. Também deve ser notado aqui que a clareza pacífica da autoconsciência, que foi dita no verso 751 ser “o objetivo final do *tapas*“, é dita neste verso ser o verdadeiro sinal da Graça de Deus.

754. Em vez de alcançar o poderoso *sankalpa-siddhi*, que permite alcançar qualquer coisa de qualquer maneira que se pense [ou deseje], atingir a paz interior - onde nem um único pensamento [ou desejo] surge - permanecendo na verdadeira consciência [Self], é o estado mais poderoso.

Sadhu Om: Em vez de alcançar o que se deseja, não ter desejo algum é o estado perfeito de felicidade. Em outras palavras, já que todo desejo não é nada mais do que um pensamento, o poder de não pensar é maior do que o poder de alcançar o que se pensa.

61 Outras Sadhanas

(*Sadhana Antara Tiran*)

755. A vida se tornará muito grande para os *jivas* se eles praticarem a autoinvestigação sem desperdiçar os dias de suas vidas. [Se fizerem isso, o sentimento] ‘A miserável forma corporal sou eu’ terminará e o oceano do supremo prazer surgirá dentro deles.

756. Além da autoinvestigação, que é a melhor [*sadhana*], não há *sadhana* alguma para fazer a mente submergir. Se for feita para submergir por outras *sadhanas*, a mente permanecerá por um tempo como se tivesse submergido, mas se levantará novamente.

757. Mesmo pelo controle da respiração a mente submergirá, mas esta submersão durará apenas enquanto a respiração permanecer controlada. Quando a respiração começar, a mente também começará e vagará externamente, impulsionada pelas *vasanas*.

Sadhu Om: A ideia expressa nos dois versos acima pode ser encontrada em forma de prosa em *Quem sou eu?*

61 Auxílios à Investigação

(*Vichara Sahaya Tiran*)

758. O melhor caminho para submergir as atividades da mente - que surge externamente como [a tríade ou *triputi*] o observador, o observado e o objeto observado - é treinar a mente para ver sua própria natureza [em outras palavras, praticar a auto-atenção].

759. Uma vez que a própria realidade [Self] brilha em si mesma como ‘Eu sou’, Ela pode se conhecer. O melhor auxílio para investigar a natureza do Self tal como Ele é no coração, é a incontestável luz real do Self.

Michael James: Algumas pessoas dizem que é impossível alguém se conhecer, assim como é impossível para o olho ver a si mesmo. Mas no presente verso Sri Bhagavan prova que essa ideia é errada.

Como o olho é apenas um instrumento insensível através do qual a mente sensível conhece outras coisas, é inadequado comparar o sempre autoluminoso Self ao olho. Como o Self, a realidade (*Sat*), brilha como a própria consciência (*Chit*). Ele não precisa de nenhuma outra consciência para conhecer a Si mesmo como 'Eu sou'. Portanto, a verdadeira luz do Self (autoconsciência) é o único auxílio necessário para investigar e conhecer o Self.

760. Aquele [puro] estado da mente entre dois pensamentos, é o supremo Self [*paramartha swarupam*]. Tendo conhecido assim através da investigação, permanecer no Coração é o [supremo] estado.

761. Ao fazer continuamente *japa* muitas vezes, ao meditar com amor sobre um [nome e] forma de Deus, e ao observar restrições alimentares [ou seja, consumir apenas alimentos *sattvic* em quantidades moderadas], a mente se tornará unidirecionada e ganhará força, as tendências passadas tendo sido enfraquecidas.

762. Assim como a natureza errante [*chalana*] da tromba de um elefante é facilmente contida pelas correntes de ferro que ela segura, a natureza errante furtiva [ou ilusória] da mente base e fraca será contida pelo nome e pela forma [de Deus que ela segura].

Sadhu Om: A ideia expressa nos dois versos acima também pode ser encontrada em forma de prosa em *Quem sou eu?*

763. Apenas para tal mente que ganhou a força interior da unidirecionalidade, a auto-investigação será bem-sucedida. Mas uma mente fraca será como madeira molhada colocada no fogo da *jnana-vichara*.

764. Aquelas almas avançadas que abandonaram todos os desejos, sabendo que o aumento da miséria é o único fruto dos desejos, alcançarão a eterna felicidade do Self ao adotar o caminho direto da auto-investigação.

63 O Limite da *Sadhana*

(*Sadhana Ellai Tiran*)

765. Enquanto houver *triputi-bheda* [a experiência da diferença entre a tríade - o conhecedor, o ato de conhecer e o objeto conhecido], a *sadhana* é indispensável. A partir da experiência da tríade [*triputi*], pode-se determinar que a falsa ilusão, o ego, ainda não foi aniquilado.

Michael James: Deste verso fica claro que o ego é a base na qual as tríades (*triputis*) dependem para sua existência. Portanto, o leitor deve entender que a palavra 'um' (*ondru*) usada no verso 9 de *Ulladu Narpadu* denota apenas o ego e não o Self. Consulte aqui *The Path of Sri Ramana* - Parte Dois, apêndice 4 (c).

766. Deve-se entender que enquanto nos outros dois corpos [os corpos grosseiro e sutil] a tríade vinculativa [*triputi*] aparece como três coisas diferentes, a ligação ao corpo causal ilusório não terá sido destruída, e portanto o renascimento ilusório não terminará.

767. Se o ego é destruído pela *sadhana* [da auto-investigação], então nada será visto como outro [ou seja, a experiência dos *triputis* cessará]. Então, como declarado pelo *Advaita*, tudo o que antes era conhecido como outras coisas enganosas, será [conhecido como] apenas o Self.

768. Aqueles que destruíram o ego, o embrião [de todos os nomes e formas], e que [portanto] viram a realidade, sabem [os nomes e formas de] este mundo como uma aparição ilusória. Uma vez que brilham como o espaço ilimitado de consciência [que é desprovido de nomes e formas], sua decisão é que a consciência, sua própria natureza, existe sozinha.

64 Permanência no Self e Discriminação

(*Nishtha Viveka Tiran*)

769. A permanência no Self [*atma-nishtha*], que brilha sem defeito, sozinha destruirá todas as amarras, que são o não-Self. [Por outro lado] a discriminação [*viveka*] que distingue o real, a própria natureza, do irreal, é apenas um auxílio para a completa ausência de desejos.

770. Se você investigar [você encontrará que] você não é isso [o corpo] que você agora considera ser. [Portanto] investigue o que você é, mergulhe no coração e estabeleça-se diretamente como 'Você é Isso [Self]'.

771. Sabendo bem que não há um apoio permanente em nenhum lugar para a alma, exceto permanecer apenas como a única realidade, destrua desejos por tudo, mas sem aversão [a qualquer coisa], e permaneça no Coração como um com a suprema existência-consciência [*Sat-Chit*].

772. Aqueles que destruíram a ignorância pela clareza do conhecimento e que estão firmemente estabelecidos na permanência do Self [*nishtha*], estão completamente mortos em mente. Eles sobreviverão como eternos *Muktas*, sua mente tendo sido dada *jiva-samadhi* [ou seja, tendo sido enterrada viva] aos Pés de Siva.

Michael James: As palavras "completamente mortos em mente" (*chintai ara settu*) usadas neste versículo denotam o estado de destruição da mente (*mano-nasa*). Uma vez que, quando a mente morre assim, ela brilha como Self, torna-se eterna. Tal estado de estar morto enquanto vivo é denotado pela palavra '*jiva-samadhi*'. A frase "Eles sobreviverão como eternos *Muktas*" usada na última linha deste versículo denota o estado em que a mente assim morre como mente e sobrevive como Self. A crucificação e ressurreição de Cristo significam apenas isso. Veja o versículo 365.

65 Permanecer Imóvel

(*Summa Iruttal Tiran*)

773. O que nosso Senhor [Sri Ramana] nos ensina firmemente a considerar como a maior e mais poderosa *tapas* é apenas isso, ”*Summa iru*” [‘Apenas seja’ ou ‘Fique imóvel’], e não qualquer outro dever para a mente fazer na forma de pensamentos [como meditação, *yoga* e assim por diante].

Sadhu Om: Como o renascimento se deve aos *karmas* realizados pela mente, fala e corpo, a Libertação só será alcançada simplesmente permanecendo imóvel sem a mínima ação desses três instrumentos. Refira-se ao verso 4 de *Atma Vidya Kirtanam*, no qual Sri Bhagavan diz: “... Se permanecermos sendo imóveis, sem a mínima ação de mente, fala e corpo, oh que maravilha, a auto-irradiação será experimentada ... “. Portanto, como indicado no verso acima, o único dever que nos é imposto por Sri Bhagavan é apenas ser. Refira-se a *Maharshi’s Gospel*, Livro I, cap. 6, onde Sri Bhagavan diz: “Seu dever é SER”.

Michael James: Uma tradução mais literal do original em tâmil desta frase seria: “Permanecer imóvel [*summa iruppadu*] sozinho é o seu dever”.

774. O estado preguiçoso de apenas ser e brilhar [como ‘Eu sou’] é o estado do Self, e esse é o estado mais elevado que se pode alcançar. Reverencie como os mais virtuosos aqueles que alcançaram esse estado preguiçoso, que não pode ser alcançado exceto por muito grande e rara *tapas*.

Sadhu Om: Nos dois versos acima, é ensinado que permanecer imóvel é o estado mais elevado. Para ridicularizar de maneira inofensiva aqueles que zombam desse estado como um preguiçoso e inerte, Sri Bhagavan diz aqui humoristicamente: “Reverencie como os mais virtuosos aqueles que alcançaram esse estado preguiçoso”.

66 O ‘Eu’ Individual

(*Vyashti Aha Tiran*)

775. Aquele que se comporta como ‘Eu sou fulano, o corpo carnal, sem ter o verdadeiro conhecimento “Eu sou é Eu sou”, sofrerá inutilmente quando o corpo morrer, sendo pego pela rede da ilusão semelhante a um sonho de que ele também está morrendo.

Sadhu Om: O conhecimento ‘Eu sou este corpo, Eu sou fulano’ não é o conhecimento correto e verdadeiro de si mesmo; é apenas o ego, o falso senso de individualidade. Conhecer-se apenas como ‘Eu sou é Eu sou’, sem nenhum adjunto como ‘isto’ ou ‘aquilo’, é o verdadeiro conhecimento. Quando Moisés viu Deus na forma de uma chama de fogo, ele perguntou a Ele quem Ele era, e Deus respondeu: “EU SOU O QUE SOU”; Sri Bhagavan costumava apontar frequentemente esta frase do Antigo Testamento, que é a única frase na Bíblia cujo todo é impresso em letras maiúsculas.

776. Uma vez que a Suprema Realidade sem defeitos, que é o verdadeiro conhecimento, brilha como o primeiro, uno e perfeito Todo, surgir como um indivíduo separado do Senhor - que não pode ser definido como ‘Ele é isto’ - mesmo para adorá-lo é errado.

Sadhu Om: A união não-dual é o estado de amor perfeito; a separação mostra uma deficiência no amor. Portanto, por mais que se adore o Senhor depois de se separar dele como um indivíduo, toda essa adoração mostra uma deficiência no amor por ele. Portanto, o verdadeiro amor por Deus é perder a individualidade separada nele e tornar-se um com ele.

777. Surgir forçosamente como o falso ‘Eu’ saltitante e sofredor diferente da Realidade, o espaço ininterrupto de Jnana, é o pecado de cortar em duas partes e matar o mais alto [não-dual] dharma [ou seja, Brahman].

Sadhu Om: Dividir o Brahman ininterrupto em dois, uma alma que adora e um Deus que é adorado, é aqui dito estar cometendo o hediondo pecado de Brahman-hatti [matando Brahman].

778. No mundo real [Self] que brilha como Um, desprovido de conhecimento [de outras coisas] e movimento [chalana], como é possível que um regime estrangeiro surja, exceto pela mera imaginação vazia de um mundo mental que é [aparentemente] diferente de Deus [Self]?

Sadhu Om: O estado do Self sozinho é real, e existe e brilha desprovido de conhecimento e ignorância, uma vez que não há outra coisa para ele conhecer ou ignorar, e desprovido de movimento, uma vez que é o Todo ininterrupto. Por outro lado, o que aparece como um mundo de multiplicidade e como um jiva que conhece essa multiplicidade e se move nela, não é nada mais do que uma ilusão mental e não é real. Assim, este verso nos ensina que o único Self, que é Ajata [desprovido de criar ou ser criado], sozinho é a Realidade.

779. A natureza da ligação é apenas o pensamento ascendente e ruinoso ‘Eu sou diferente da realidade’. Como certamente não se pode permanecer separado da realidade, rejeite esse pensamento sempre que ele surgir.

Sadhu Om: Não é concebendo uma linha de fronteira imaginária na folha indivisa do Oceano Índico que determinamos ‘Isto é a Baía de Bengala’? Essa linha é apenas um pensamento. Na verdade, o oceano nunca foi dividido. Uma forma imaginária cujo limite é determinado por este pensamento, torna-se a Baía de Bengala. Da mesma forma, é apenas porque a existência-consciência ‘Eu’ é erroneamente imaginada como ‘Eu estou limitado a este corpo’ que surge o sentimento ‘Eu sou um indivíduo limitado e ligado, separado do Self’. Não é esta ligação apenas um pensamento ou uma imaginação? Portanto, uma vez que a Libertação da ligação é apenas a remoção do primeiro pensamento ‘Eu sou o corpo’, este verso instrui que se deve remover esse pensamento por vichara sempre que ele surgir.

780. Deixando o estado do Self, não pense em nenhum pensamento [mesmo o primeiro pensamento, ‘Eu’]; se o fizer, arrependa-se e não cometa o mesmo erro novamente. “Não faça nada pelo qual você se arrependerá; se o fizer, é melhor não fazer tal coisa novamente.”

Sadhu Om: As últimas duas linhas deste verso são o verso 655 do Tirukkural, em que Tiruvalluvar fala sobre os erros que um homem comete. Mas, como todos os erros são cometidos apenas depois de cometer o erro primordial de surgir como ‘Eu sou um homem, um indivíduo chamado assim e assim’, Sri Bhagavan não recomenda apenas uma maneira de corrigir outros erros, mas sim Ele ensina que não se deve permitir que o pensamento ‘Eu sou um homem’ surja, e que, se uma vez permitir que ele surja, deve pelo menos se arrepender disso e não permitir que ele surja novamente. Assim, Sri Bhagavan lida com a própria raiz do problema e nos mostra como remover o veneno em seu estado nascente.

781. Não desanime pensando: “Quando vou alcançar a bem-aventurança do yoga, o estado do Self?”, pois o verdadeiro estado do autoconhecimento sempre brilha da mesma maneira, sem a condição de um tempo ou um espaço, como longe ou perto.

Sri Muruganar: Como o Self é Deus, a permanência no Self é por si só o yoga supremo. Para aqueles que renunciaram a tudo apenas para obter a bem-aventurança da consciência (*chit-ananda*), a riqueza suprema da Graça, o pensamento na forma de um desejo excessivo torna-se um obstáculo para alcançá-lo. A diferença no tempo, como passado e futuro, e no espaço, como longe e perto, existe apenas no mundo mental da imaginação e não no mundo real do Self. Portanto, Sri Bhagavan diz: “Não lamente: ‘Ah, quando vou me unir ao Self?’”, pois é melhor passar em atenção ao Self o tempo que se gasta nesse lamento.

Sadhu Om: As palavras ‘sempre o mesmo’ usadas no original em Tamil também podem significar ‘sempre unido’ ou ‘sempre alcançado’. Os versos 15 e 16 de *Ulladu Narpadu*, que revelam a irreabilidade do tempo e do espaço, também podem ser lidos aqui.

67 Retirando-se para a Fonte

(*Mula Munaiva Tiran*)

782. Indagando ‘Qual é o nosso lugar de nascimento [fonte]?’ e conhecendo e chegando a esse lugar de nascimento, é o melhor de todos os caminhos para erradicar as misérias, que só podem existir no lugar onde você entrou [e não no lugar onde nasceu].

Sadhu Om: A partir deste verso, temos que entender o seguinte: O estado do Self é o nosso lugar de nascimento, e o estado de individualidade [*jivatman*], no qual a mente, o corpo e o mundo aparecem, é o lugar onde entramos. No estado do Self não há misérias; é só no estado de individualidade que todas as formas de misérias, como nascimento e morte, e todos os tipos de vícios, como desejo, podem existir. Para erradicar todas essas misérias e defeitos, a auto-investigação é o melhor caminho.

Como uma menina tem todos os seus direitos e todas as possibilidades de desfrutar da vida apenas na casa do marido, o lugar onde entrou pelo casamento, é um costume mundano comum aconselhá-la: “Deixe seu lugar de nascimento e vá para o lugar que você entrou [ou seja, vá para a casa do seu marido]”. Mas, ao contrário desse conselho mundano, neste verso Sri Bhagavan aconselha os aspirantes espirituais: “As misérias existem apenas no lugar onde você entrou, então, para remover todas as misérias, volte para o seu lugar de nascimento”.

783. Ó mente [tolamente] errante [exteriormente] buscando [por felicidade], não sabendo que o estado de Liberação é seu próprio direito, se você voltar pelo caminho que veio [para fora], por esse caminho você recuperará o estado de Liberação, a felicidade perfeita infundável.

Sadhu Om: Devemos saber que o estado do nosso próprio Self é a Liberação, a felicidade eterna, e é sempre o nosso próprio direito. Experimentamos misérias apenas porque voltamos nossa atenção para fora, deixando o Self. Portanto, o *sadhana* para alcançar a felicidade aparentemente perdida é apenas voltar nossa atenção para o Self, a fonte de onde nos levantamos e saímos como um *jīva*.

784. Até que a própria subsistência no Coração [Self], o centro [de tudo], seja experimentada, os cinco conhecimentos sensoriais não diminuirão nem um pouco, e até que os cinco conhecimentos sensoriais ilusórios sejam completamente extintos, a felicidade, o conhecimento da realidade, não será alcançado.

Sadhu Om: A nota para o verso 604 também deve ser lida aqui. A remoção de *ajñana* e o amanhecer de *Jnana* não são duas ações separadas, são uma e a mesma coisa. Pensando que essas são duas ações separadas, não devemos nos deixar confundir, perguntando qual deve acontecer primeiro.

O *jīva* sempre tem a liberdade de desejar a perda da individualidade ou do ego. Portanto, é suficiente se o gosto pelo não surgimento do ego surgir em seu Coração; tenha certeza de que o gosto será satisfeito pela Graça.

785. Ó mente, em vez de olhar e, assim, se preocupar com o que é imaginado [o mundo], volte-se para a sua fonte e entre no Coração. Naquele estado supremo de consciência, tudo [que você estava buscando antes] se tornará o único Self não-dual, a sua verdadeira natureza.

786. Quando se diz que até mesmo o simples escorregar da [permanência em] o estado do puro Self não-dual é um crime para aqueles que começaram a fazer o seu dever [ou seja, o verdadeiro *tapas* da permanência no Self], será que, após consideração, será adequado para eles interferir nos assuntos dos outros?

Sadhu Om: No verso 266 do *Tirukkural*, Tiruvalluvar diz: “Aqueles que fazem *tapas* sozinhos são aqueles que fazem seus deveres”. Portanto, o dever ou *dharma* primordial de um aspirante é fazer o verdadeiro *tapas* de atender e permanecer no Self. Portanto, a negligência na atenção ao Self é deslizar de seu dever ou *dharma*; em outras palavras, prestar atenção a outras coisas é o pecado de *adharma*. Quando é assim, quanto mais pecaminoso será se um aspirante interferir nos assuntos dos outros?

787. Se alguém sempre vê apenas as boas qualidades nos outros em vez de ver qualquer defeito, a vida de alguém será muito agradável, sem espaço para qualquer repugnância.

788. A menos que se siga o princípio, “O que é essencial para ser reformado é apenas a minha própria mente”, a mente de alguém se tornará cada vez mais impura ao ver os defeitos dos outros.

789. Ó mente, não é porque você alcançou qualidades doces, desprovidas de ego, que os Grandes Seres são gentis com você; é apenas por causa de sua grandeza de perdoar todos os seus defeitos acumulados sem se importar com eles. Saiba disso.

Sadhu Om: “Eu alcancei qualidades e méritos muito elevados, e é por isso que até mesmo os Grandes Seres são muito gentis comigo” – pensando assim, não se deve ter uma alta estima por seus próprios méritos e maturidade. Os Grandes Seres são sempre gentis conosco porque são capazes de nos perdoar, ignorando todas as nossas más qualidades. Portanto, como eles, nós também devemos perdoar os outros pelos erros que cometem conosco e devemos sempre ser gentis com eles.

790. Errar é da natureza humana; no entanto, se aqueles que são fortes em ter um comportamento virtuoso erram, é bom para eles admitirem seus erros e se reformarem, em vez de escondê-los para manter sua reputação.

791. Uma vez que as observâncias prescritas (*niyamas*) ajudam a percorrer uma longa distância, elas são adequadas para serem aceitas e observadas. Mas quando elas [são encontradas para] obstruir a prática mais alta, a investigação para o verdadeiro conhecimento (*mey-jnana-vichara*), descarte-as como inúteis.

Sadhu Om: Todos os *niyamas* são prescritos apenas para desenvolver a qualidade *sattvic* na mente. Como é apenas através de uma mente *sattvic* que se pode entender que a auto-investigação é a única verdadeira *sadhana*, os *niyamas* ajudarão apenas até esse ponto. Então, quando o aspirante adota a prática da auto-investigação, quaisquer *niyamas* que se mostrem como um obstáculo à *vichara* devem ser imediatamente abandonados por ele. Como o surgimento de um ‘Eu’ é necessário para observar os *niyamas*, e como na *vichara* esse ‘Eu’ não deve ser permitido surgir de maneira alguma, os *niyamas* deixarão o aspirante por conta própria, como folhas murchas caindo de uma árvore.

792. Quando o que você deseja é obtido como você deseja, não pense que é devido ao poder do seu *tapas*. Sabendo que é por causa da Graça de Deus, ame seus pés cada vez mais.

793. Deixe que o que acontece, aconteça como tem que acontecer [ou seja, como está destinado por Deus a acontecer]. Não pense em ir contra isso nem mesmo um pouco. Sem fazer nada como um novo começo, permaneça como um com o *Sakshi* [Self] que brilha pacificamente no Coração.

794. O fruto de [o Guru] tornar um fracasso dos esforços de alguém é fazer com que se entenda que apenas pela Graça do Guru e não apenas pelo próprio esforço pode *Siddhi* [a realização do autoconhecimento] ser obtido, e [assim] preparar-se para buscar a Graça do Guru.

Sadhu Om: A aniquilação do ego é o objetivo de todas as *sadhanas* espirituais. Mas se parece que há sucesso nos esforços de um aspirante, não haverá espaço para esse ego brotar novamente e crescer com mais força pelo menos na forma de ‘Eu fiz um grande *tapas* e tive sucesso’. Portanto, para evitar que algo assim aconteça, mesmo nos esforços sinceros de um aspirante, muitas vezes são feitas falhas para ocorrer pela Graça do Guru.

795. Para aqueles que, como Dattatreya, o filho de Atri Maharshi, conseguem aprender uma lição com tudo [neste mundo], devido à sua mente não ser torta e pervertida [mas direta], toda a vida no mundo será um *gurukulam* [um centro de aprendizado].

Sadhu Om: No *Srimat Bhagavatam* é dito que o sábio Dattatreya aprendeu vinte e quatro bons princípios de vinte e quatro coisas que ele encontrou neste mundo. Da mesma forma, se formos capazes de aprender uma boa lição de tudo o que buscamos neste mundo, então o mundo inteiro será nosso *gurukulam* e toda a nossa vida será uma vida vivida aos pés do Guru.

Para que isso não me deixe, graciosamente retenha em mim a virtude de ver em cada criatura que vejo, pelo menos uma boa qualidade brilhando mais nelas do que em mim e de, assim, ser humilde e submisso para com elas.

—*Sri Ramana Sahasram, verso 31*

69 Quietude

(*Amaidi Tiran*)

796. Maior do que a quietude não há conquista; maior do que a quietude não há esforço; maior do que a quietude não há *tapas*; maior do que a quietude não há vida imortal.

Sri Muruganar: O que aqui é chamado de quietude é o estado de quietude da mente. Isso só pode ser alcançado pela investigação incessante [*vichara*]. Quando a mente sabe que na verdade não há nada para rejeitar

ou aceitar, ela perderá seus movimentos [*chalana*] e permanecerá em suprema paz [*parama-santi*]. Como tal paz é a semente do estado natural [*sahaja*], aqui é dito ser a “vida imortal” [*amara vazhu*].

797. Agitação é o inimigo que causa problemas; a agitação leva a cometer pecados hediondos; a agitação é embriaguez; a agitação da mente é o poço profundo e escuro.

Sri Muruganar: Como o movimento rápido de pensamentos muito sutis é em si mesmo miséria, essa agitação é descrita aqui como embriaguez e como um inimigo hediondo. Como todos os inimigos internos, como desejo, raiva e orgulho, não são nada além dos sutis movimentos de pensamentos, aquele que destruiu esse movimento ficará a partir de então desprovido de todos os tipos de inimigos, pecados hediondos, misérias e o poço da ignorância.

70 A Conduta de um Discípulo

(*Sishya Achara Tiran*)

798. No entanto, o dever de um discípulo é, mesmo em sonho, seguir firmemente e aderir ao ensino digno dado a partir de Sua experiência imortal pelo Guru, que brilha com a mais alta qualidade divina, a da Graça sem causa [*avyaja Karuna*].

Sadhu Om: A palavra ‘ainda’ que começa este verso, alude ao mesmo ‘ainda’ que é usado na seguinte passagem de ‘Quem sou eu?’: “Assim como a presa que caiu nas mandíbulas de um tigre não pode escapar, assim aqueles que caíram sob o olhar da Graça do Guru certamente serão salvos e nunca serão abandonados; No entanto, deve-se seguir sem falha o caminho mostrado pelo Guru”.

Michael James: Veja o verso 284.

799. Embora aqueles que seguem firmemente o caminho para a Salvação possam às vezes ter que se desviar dos códigos Védicos, seja por esquecimento ou por qualquer outra razão [como pobreza ou doença], eles nunca devem ir contra as palavras do Guru.

Sadhu Om: Embora os *Vedas* tenham sido dados pelo próprio Deus, para aqueles que seguiram os *Vedas* através de tantas vidas e que assim alcançaram a maturidade da mente, Ele finalmente assume a forma do Guru por Sua Graça e ensina o caminho da auto-inquirição para que eles possam alcançar a união não-dual com Ele e, assim, desfrutar Dele, a suprema bem-aventurança. Quando Deus assim vem na forma do Guru, suas palavras devem ser tomadas pelo discípulo como mais importantes e sagradas do que as palavras dos *Vedas*, porque as palavras do Guru são instruções dadas a ele em seu estado de maturidade, enquanto as palavras dos *Vedas* foram instruções dadas a ele para se adequar ao seu então estado de imaturidade. Portanto, neste versículo, é sugerido que, se alguma das regras dos *Vedas* se apresentar como obstáculos à auto-inquirição, mesmo as palavras dos *Vedas* devem ser abandonadas.

800. As palavras dos Sábios dizem que se alguém faz algo errado [*apacharam*] a Deus, isso pode ser corrigido pelo Guru, mas um *apacharam* feito ao Guru não pode ser corrigido nem mesmo por Deus.

Sri Muruganar: As palavras ‘códigos Védicos’ [*veda-neri*] significam as observâncias [*acharas*] e assim por diante prescritas nos *Vedas*. Para aqueles que se desviam das palavras do Guru, mesmo que um se desvie dos códigos Védicos, nunca se deve desobedecer às palavras do Guru.

Assim, enfatiza-se que a devoção ao Guru é maior do que a devoção a Deus.

Michael James: Quando o versículo 801 foi mostrado a Sri Bhagavan, Ele compôs um verso próprio transmitindo o mesmo significado. Este verso de Sri Bhagavan é dado abaixo como verso B14, e também está incluído em *Ulladu Narpadu Anubandham* como versículo 39. Como o significado desses dois versos, que são traduções do versículo 87 da obra de Sri Adi Sankara *Tattvopadesa*, é o mesmo, apenas uma tradução do versículo B14 é dada aqui.

B14. Ó filho, sempre tenha [a experiência de] não-dualidade [*advaita*] no Coração, mas nunca expresse não-dualidade em ação. A não-dualidade pode ser aplicada aos três mundos, mas saiba que a não-dualidade nunca deve ser aplicada ao Guru.

Michael James: Os três mundos são *Brahma Loka*, *Vishnu Loka* e *Siva Loka*, e aplicar a não-dualidade aos três mundos significa ter uma atitude mental ‘Eu não sou diferente de Brahma, de Vishnu ou de Siva’. No entanto, enquanto o ego ou individualidade de alguém sobreviver, não se deve ter a atitude ‘Eu não sou diferente do Guru’, já que tal atitude seria um mero ato de imaginação e faria o ego de alguém crescer ainda mais. Assim, este verso enfatiza a mesma ideia do verso 800, ou seja, que por mais errado que alguém possa fazer a Deus, nunca deve fazer nada de errado ao Guru, pois o Guru deve ser considerado mais sagrado até mesmo do que Deus.

71 Bondade para com Jivas

(*Jiva Karunya Tiran*)

802. O Jnani, que se salvou, só pode fazer o bem aos outros. Outros, que não dissiparam a escuridão da ignorância, são como o cego para o cego.

Michael James: Quando este verso de quatro linhas foi mostrado a Sri Bhagavan, Ele compôs um verso de duas linhas transmitindo o mesmo significado, que é dado abaixo.

B15. Apenas aquele que é salvo pode salvar outros jivas, enquanto os outros são como o cego guiando o cego.

803. Um *Jnani* que, tendo destruído o ego, permanece no estado do Self, que é *Jnana*, concede o conhecimento do Self àqueles que, atormentados por misérias, vêm até Ele com fé, destruindo a ilusão de sua identificação com o corpo; fazê-lo é [a verdadeira] bondade para com os *jivas* [*jiva-karunya*]. Todas as outras formas de bondade não servem para nada [e, portanto, não são de todo a verdadeira bondade].

Sadhu Om: Este verso enfatiza claramente que conceder o conhecimento do Self é a verdadeira bondade. Toda a caridade, filantropia ou *jiva-karunya* que não seja isto - mesmo tentar transformar o mundo em um paraíso - não é de todo a verdadeira bondade. Uma vez que o estado de ser um *jiva* é em si mesmo a maior miséria, a verdadeira bondade para com os *jivas* é o *Sadguru* conceder-lhes o conhecimento do Self, e assim remover sua condição de *jiva* e conceder-lhes a condição de *Siva*.

Suponhamos que um homem esteja sonhando que ele e seus camaradas foram atacados por um tigre. Alguns de seus camaradas estão feridos e o tigre está prestes a atacar novamente, então o homem grita em seu sonho pedindo para alguém trazer um rifle e uma caixa de primeiros socorros. Seu grito é ouvido por um amigo que está acordado. Agora, qual é a ajuda verdadeiramente gentil e útil que o amigo acordado pode dar ao homem sonhando? Será de alguma utilidade se ele trouxer um rifle e uma caixa de primeiros socorros? Se ele simplesmente tocar no homem e acordá-lo, isso não será a melhor ajuda, tanto para o homem sonhando quanto para seus camaradas feridos?

Todas as misérias de um *jiva* são vivenciadas por ele em um sonho que ocorre durante o longo sono do esquecimento do Self, e, portanto, seu despertar desse sonho é a única solução para todas as suas misérias. Como o *jiva* só pode ser despertado para o conhecimento do Self por alguém que já está acordado, um *Jnani* é o único que pode fazer o verdadeiro bem ao *jiva*. Se qualquer *ajnani* tentar aliviar o sofrimento de outro, ele será como alguém no sonho trazendo um rifle e uma caixa de primeiros socorros; como ele não sabe a verdadeira causa do sofrimento do homem sonhando, toda a sua ajuda será como um cego guiando outro cego.

804. Uma vez que se diz que cada um deve ser o médico de si mesmo, ó médico, antes de vir para nos curar, primeiro cure a si mesmo e depois venha até nós.

Sadhu Om: Este verso parafraseia o provérbio inglês, “Médico, cure a si mesmo”. Embora este verso pareça ser dirigido a um médico, ele é indiretamente dirigido aos futuros *gurus* que simplesmente leram as escrituras e que imediatamente vêm ao público, sobem nas plataformas de palestras e começam a dar instruções. Para tais pessoas este verso aconselha, “Ó pregadores que vêm para dar instruções aos outros sem terem alcançado a salvação, antes de começarem a nos prescrever o remédio para remover a doença do nascimento e da morte, primeiro curem-se dessa doença e depois venham para nos curar”.

Sri Muruganar: Como o autoconhecimento é para todas as pessoas o único remédio para curar a doença do nascimento e da morte, e como nenhuma doença corporal pode existir sem essa doença [do nascimento e da morte], deve-se primeiro curar essa doença.

72 Dever para com os Antepassados

(Pitirar Kadamai Tiran)

805. Quando os pais estão vivos, os filhos não os protegem [providenciando-lhes comida e outras necessidades], mas após a morte dos pais, esses nobres e caridosos filhos celebram suas cerimônias anuais de *requiem* com pompa e glória. Quão estranha é a natureza deste mundo!

73 Fazer o Bem aos Outros

(Paropakara Tiran)

806. Aquele que engana os outros é seu próprio inimigo e está prejudicando a si mesmo.

807. Tudo que se dá aos outros, está se dando apenas a si mesmo. Se essa verdade é conhecida, quem se abstém de dar aos outros?

Sadhu Om: A ideia expressa neste verso pode ser encontrada em forma de prosa em *Quem sou eu?*

808. Como todos são o próprio Eu, quem quer que faça o que quer que seja [bom ou mau] a quem quer que seja, está apenas fazendo isso a si mesmo. [Portanto, devemos apenas fazer o bem aos outros.]

809. Ao dar esmolas a Sridhara [Senhor Vishnu] Mahabali tornou-se grande, mesmo que tenha sido pressionado e enviado para *Patala Loka* [pelos Pés do Senhor]. Portanto, “Embora seja apenas uma ruína que recai sobre alguém ao dar, é digno dar mesmo ao custo de se vender”.

Michael James: As duas últimas linhas deste verso são o verso 220 do *Tirukkural*.

Sri Muruganar: Não há realmente nada no mundo que possa ser trocado por si mesmo; mesmo assim, se for para dar, até isso [vender-se] deve ser feito. Assim, a doação é muito glorificada. A perda que se incorre ao dar não é de toda uma perda. “O mundo [das boas pessoas] não considerará uma ruína se uma pessoa cair na vida ao dar aos outros”, diz o verso 117 do *Tirukkural*.

74 Compaixão para com os Seres Vivos

(Bhuta Dayai Tiran)

810. Aquele que está sempre alegre, dando palavras de asilo [*abhaya*] a todas as criaturas e se comportando de tal maneira que elas não tenham medo dele, não teme nem mesmo Yama [o Deus da morte], pois está estabelecido no estado de igualdade, tendo a perspectiva do Eu.

Sadhu Om: Como todos têm um grande apego ao corpo como ‘Eu’ e como a morte o separa de seu corpo, todos temem a morte. Mas, como um *Jnani* tem a experiência de estar separado do corpo mesmo enquanto vive no corpo, Ele sozinho não pode ter medo da morte e, portanto, pode dar *abhaya* ou refúgio a qualquer um.

811. Quando um homem forte, por sua força física, prejudica uma pessoa fraca, o *dharma* [de um aspirante] não é se agitar [ou começar a atacar furiosamente o malfeitor], mas sim ter compaixão pelo fraco, sabendo que Deus, que tem piedade do fraco, punirá o malvado adequadamente.

Sadhu Om: Neste verso, é ensinado que, em vez da natureza *rajásica* que leva a pessoa a atacar o indivíduo forte e maldoso, a natureza *sátvica*, que leva a pessoa a ajudar o aflito, é mais adequada para um aspirante. Neste contexto, vale a pena lembrar como Sri Bhagavan uma vez impediu um devoto de atacar os ladrões que o haviam espancado e como ele estava empenhado em aplicar bálsamo nos hematomas dos devotos e do cachorro que haviam sido espancados pelos ladrões.

812. Aquele que não tem o poder de trazer de volta a vida para um corpo do qual ela se separou, não tem o direito de tirar a vida de qualquer corpo por qualquer motivo.

813. Aquelas pessoas ignorantes e inúteis com hábitos malignos e cruéis, contrários à retidão, irão, por medo em seus corações, bater e matar as criaturas dignas de piedade e cheias de pecados, como serpentes venenosas que sibilam.

Sadhu Om: A ‘retidão’ mencionada neste verso significa compaixão pelos seres vivos [*bhuta daya*], que só pode existir verdadeiramente como resultado da coragem mencionada no verso 310, ou seja, a coragem mesmo diante da morte. Essa coragem surgirá em alguém apenas quando a ignorância ‘Eu sou o corpo’ for destruída. Aqueles em quem essa ignorância não é destruída naturalmente experimentarão medo devido ao seu apego ao corpo. Aqueles em quem essa ignorância não é destruída naturalmente experimentarão medo devido ao seu apego ao corpo ao verem criaturas venenosas como cobras, e, portanto, sentirão ódio por elas e as matarão a golpes. Para instruir que é errado agir assim, tais hábitos são descritos neste verso como ‘hábitos malignos’ e ‘contrários à retidão’, e as pessoas que têm tais hábitos são descritas como ‘ignorantes e inúteis’. Como a própria natureza dessas criaturas é ser venenosa e prejudicar os outros, diz-se que elas são cheias de pecado e dignas de pena. Portanto, mesmo que elas nos prejudiquem, matá-las não é um ato justo.

Sri Muruganar: Não só criaturas como cobras venenosas, mas também pessoas que cometem atos pecaminosos, são motivadas inconscientemente por um ódio inato. Portanto, por mais pecaminosas que sejam, não devemos ficar com raiva delas, mas sim ter piedade delas por sua ignorância.

814. A mente mais forte [a de um *jnani*], que nunca se abala mesmo diante de cadeias de misérias que a acometem, irá derreter-se cada vez mais e chorar quando devotos e outros que vêm até Ele sofrem.

Sadhu Om: É bem conhecido que Sri Bhagavan permaneceu imperturbável e Seu rosto estava tão alegre como sempre quando alguns ladrões o espancaram, quando centenas de vespas picaram Sua coxa, e finalmente quando o tumor em Seu braço esquerdo causou uma dor insuportável continuamente por onze meses. No entanto, houve ocasiões em que Sri Bhagavan se comoveu e derramou lágrimas quando alguns devotos vieram até Ele lamentando a perda de seus filhos ou parentes, ou quando estavam sofrendo de alguma doença incurável. Assim, Sri Bhagavan exemplificou a ideia expressa neste verso.

O próximo verso é uma pergunta a Sri Bhagavan que foi feita por Sri Muruganar:

815. Ó Venkata [Sri Ramana], quando Você tocou o que pensou ser apenas um arbusto verde e frondoso, muitas vespas picaram aquela mesma perna, fazendo-a inchar. Como é que Você se sentiu arrependido [por destruir o ninho delas] como se tivesse feito deliberadamente aquele erro que aconteceu sem intenção?

Sri Muruganar: Um dia, quando Sri Bhagavan estava passeando em Arunachala, Ele esbarrou sua perna em um ninho de vespas que estava escondido em um arbusto verde. Imediatamente, um enxame de vespas voou ao redor de Sua perna e começou a picá-la como se a estivesse furando com agulhas. Sri Bhagavan ficou por algum tempo sem mover a perna e disse: ‘Este castigo é necessário por ter causado este problema [*himsa*]; aceite-o,’ e a perna ficou inchada. Este verso e o próximo são uma pergunta e resposta relacionados a este incidente.

Michael James: Um dia, por volta do ano de 1906, Sri Bhagavan estava passeando nas encostas altas do norte de Arunachala, quando por acaso viu uma grande figueira. Querendo olhar mais de perto, Ele se moveu em direção a ela, mas no caminho Sua coxa esbarrou e quebrou um ninho de vespas escondido em um arbusto verde. As vespas furiosas voaram para fora, enxamearam em torno de Sua perna e picaram violentamente apenas aquela coxa que havia quebrado o ninho delas. Sentindo pena das vespas, Sri Bhagavan disse: “Sim, não foi esta coxa que quebrou o ninho delas? Deixe que ela seja punida”, e pacientemente permitiu que Sua perna fosse picada pelas vespas. O verso acima é a pergunta de Sri Muruganar sobre este incidente, e o próximo verso é a resposta de Sri Bhagavan.

B16. Embora as vespas tenham picado a perna e a feito inchar quando ela tocou e danificou o ninho delas construído no meio de um arbusto verde frondoso, e embora tenha sido um erro que aconteceu sem intenção, como seria de fato a natureza de sua mente [ou seja, quão dura ela seria] se ele não se sentisse ao menos arrependido?

75 O Estado de Igualdade

(*Naduvu Nilai Tiran*)

816. É errado para aqueles que tentam viver uma vida justa deixar o estado de igualdade e tomar para si alguns direitos que não estão disponíveis para todos igualmente.

Sadhu Om: Vale a pena lembrar aqui que Bhagavan Ramana recusou aceitar para Si qualquer alimento especial, conveniência ou importância que não fosse fornecida a todos no Ashram onde Ele vivia. Assim, Ele próprio exemplificou o que ensinou neste verso.

817. Se outros têm algum direito, então só se deve usufruir desse direito. Se algum direito é negado aos outros, seria errado alguém usufruir dele.

Sadhu Om: Uma vez, uma estrangeira, não conhecendo os costumes da Índia, estava sentada no Salão estendendo as pernas em direção a Sri Bhagavan. Um ashramita objetou a sua atitude, dizendo: “É errado esticar as pernas em direção a alguém; por favor, dobre suas pernas”. Imediatamente, Sri Bhagavan, que estava sentado em Seu sofá esticando as pernas em direção aos devotos, dobrou as pernas. Este incidente mostra como Sri Bhagavan não assumiu nenhum direito especial para Si se não fosse permitido aos outros.

818. Aqueles que vão contra o estado de igualdade são aqueles que vão contra Deus, que é a própria igualdade. Embora realizem a devida adoração a Deus, estão completamente rejeitando a adoração a Deus.

Sadhu Om: Como a igualdade [*samatvam*] é a natureza de Deus, a experiência de Deus é chamada de *samadhi* [o estado em que a mente se mantém em equilíbrio]. Portanto, aqueles que negam a igualdade aos outros, estão indo contra Deus.

Sri Muruganar: Assim como o sol ou a chuva, Deus não rejeita ninguém. Sri Ramalinga Swami se dirige a ele, “Ó Igualdade, que permanece imparcial tanto para as pessoas boas quanto para as más”. Portanto, os devotos também não devem se desviar do estado de igualdade; se o fizerem, então sua adoração a Deus é inválida.

76 Consciência

(*Mana-Sandru Tiran*)

819. Se a consciência de alguém, de acordo com a qual se tem [sempre] agido, uma vez diz a alguém para não viver em uma sociedade [aparentemente] boa, é melhor para alguém viver sozinho do que viver nessa sociedade, rejeitando a própria consciência pura.

Sadhu Om: Este verso é uma instrução dada a alguns devotos bons como Sri Muruganar que vieram viver no Ashram, acreditando ser um ambiente favorável para o seu progresso espiritual, mas que logo tiveram que sair e viver sozinhos fora do Ashram, tendo descoberto por uma razão ou outra que não era um ambiente adequado. Quando uma sociedade aparentemente boa é assim considerada inadequada por um aspirante avançado, ele deve seguir sua consciência e viver sozinho, e não deve continuar a depender de qualquer maneira dessa sociedade.

No entanto, deve-se notar que neste verso a palavra ‘consciência’ significa apenas a consciência de um aspirante avançado, razão pela qual é referida como ‘consciência pura’. Como as mentes das pessoas imaturas são frequentemente incapazes de resistir às suas tendências ruins, sua consciência pode às vezes decidir que o bom é mau e o mau é bom, e portanto não é a consciência de tais pessoas que está sendo referida aqui. Em vez de serem enganados por sua discriminação errada, seria melhor para tais pessoas seguir o conselho de seus mais velhos.

Sri Muruganar: Se a consciência de alguém, sendo movida por *prarabdha*, separa e impede alguém de viver em uma sociedade boa, será melhor para um aspirante sábio viver sozinho em vez de rejeitar sua consciência pura tentando viver entre o mesmo grupo de pessoas.

77 Não Proferir Falsidades

(*Poyyamai Tiran*)

Michael James: Este verso pode ser interpretado de duas maneiras:

820. (a) Seria errado não cumprir uma promessa que já se fez a alguém, assim como seria errado falar amorosamente a suprema verdade sobre o Eu para um *anadhikari* [aquele que não está apto].

820. (b) Seria errado da nossa parte falar amorosamente a suprema verdade sobre o Eu para um *anadhikari*, porque isso contradiria o que se lhe tinha ensinado anteriormente e, uma vez que assim perderia a sua realidade [na sua visão], ele recusar-se-ia a aceitá-la.

Sadhu Om: A palavra ‘*tannil*’ usada neste verso pode ser interpretada de duas maneiras, a saber (i) para significar ‘como [errado]’ ou (ii) para significar ‘da nossa parte’.

821. Uma vez que o Supremo Ele próprio, que se apresenta como o Senhor no coração de todos, brilha como a Verdade [*satyam*], a morada [de todas as virtudes], não se deve quebrar a palavra dada, mesmo que seja numa altura de perigo para a própria vida. Se se quebra, resultará uma miséria infalível.

78 Não-apego

(*Anasakti Tiran*)

822. O barco pode permanecer na água, mas se a água entrar no barco trará grande catástrofe. [Da mesma forma] um homem pode viver no mundo, mas se o mundo entrar [na mente do] homem toda a vida será miserável.

Sri Muruganar: Não é o mundo em si, mas apenas o apego ao mundo que constitui o *samsara-bandha* [o laço da existência mundana]. O apego é causado pela mente, e não pelo que está fora. Nenhum mal advirá ao simples fato de se viver no mundo; mas todas as misérias surgem apenas por causa do desejo de desfrutar do mundo.

823. Apenas a panela, que absorve água, afundará nela, enquanto o tronco, que não absorve água, não afundará. [Da mesma forma] apenas aqueles que se apegam interiormente ao mundo serão iludidos, enquanto aqueles que não se apegam ao mundo não serão iludidos, mesmo que estejam envolvidos em atividades mundanas.

824. Aquele que é livre de qualquer apego no coração nunca estará em risco, mesmo que esteja envolvido em todas as [atividades], devido à clareza com que sua mente brilha.

825. Em vez de se apegar a este mundo maravilhoso, mas completamente falso, em busca de refúgio [ou em vez de depender dele para a felicidade] e, assim, se afogar nele, é sábio renunciá-lo interiormente como uma casca de fruta de tamarindo e esquecê-lo totalmente.

Michael James: Mesmo enquanto está em sua casca, a fruta do tamarindo se separa da casca e permanece desapegada a ela. Da mesma forma, mesmo estando no mundo, a mente deve se separar do mundo e permanecer desapegada dele. Se, em vez disso, ela se apegar ao mundo, dependendo dele para a felicidade, ela se afogará nele como uma panela que absorve água.

826. Um prédio pesado erguido sobre fundações que não são fortemente construídas, colapsará em devastação e desgraça. Portanto, é essencial desde o início para os aspirantes que trabalham duro [em seu caminho espiritual] aderir estritamente e a qualquer custo às observações preliminares.

Sri Muruganar: Observações preliminares [*charyas*] aqui significam devoção [*bhakti*] e desapego [*vairagya*].

Sadhu Om: Se um aspirante não desenvolve desde o início a força de caráter necessária praticando o controle dos sentidos, quando ele é ensinado a verdade *Advaitic* pelas escrituras ou Guru, ele será abalado por seu desejo mundano antes de atingir *Jnana* e experimentará uma queda.

Sri Muruganar: É essencial no início para os aspirantes fazerem um esforço para praticar o controle dos *chitta-vrittis* [a mente correndo atrás de objetos sensoriais]. Se um iniciante se move de perto entre objetos mundanos, fingindo como se estivesse livre de apego, ele acabará por experimentar a decepção.

827. Se alguém se apega incessantemente e firmemente ao verdadeiro Ser [Self] e, assim, alcança a clareza [do verdadeiro conhecimento], os apegos, que são aparências superpostas como a azulidade do céu, irão por sua própria vontade se afastar, deixando a pessoa pura.

79 A Grandeza da Renúncia

(*Turavu Matchi Tiran*)

828. O caminho da renúncia é um terreno escorregadio. Deslizar mesmo mentalmente levará à grande ruína. Portanto, é dever de quem caminha no caminho da renúncia, o terreno escorregadio, proteger-se para que o esquecimento traiçoeiro não entre sorrateiramente em seu coração.

Sadhu Om: Para aqueles que estão começando no caminho da renúncia, a palavra 'esquecimento' usada aqui denotará o esquecimento de observâncias como controle dos sentidos e controle de conduta e caráter, enquanto para aqueles que estão bem avançados no caminho, denotará o esquecimento do Eu.

829. Como é impossível saber de antemão o último momento da vida de alguém, é melhor para quem tem uma determinação firme [para pôr fim ao nascimento e à morte] renunciar no próprio momento em que sente nojo pelo corpo e pelo mundo.

Sri Muruganar: Como *vairagya*, a determinação firme de acabar com o nascimento e a morte, é o sinal correto de maturidade, deve-se renunciar a *sannyasa* assim que surge um nojo pelo corpo e pelo mundo, não importa a qual dos quatro *ashramas* [modos de vida] a pessoa possa pertencer naquele momento. A ordem ascendente dos *ashramas* é aplicável apenas aos buscadores comuns e não àqueles aspirantes maduros que têm intenso *vairagya*.

830. Assim como uma fruta cai da árvore quando está madura, um aspirante certamente renunciará à sua vida familiar como uma papa sem sal assim que se tornar plenamente maduro, a menos que seu *prarabdha* interfira como um obstáculo.

Sadhu Om: Se o *prarabdha* de tal aspirante maduro é permanecer em casa, ele obstruirá sua renúncia externa, mas ele permanecerá em sua família com completa desapego interior. Como o *prarabdha* controla a vida externa, os *ashramas* vêm apenas de acordo com o *prarabdha*; mas como o *prarabdha* não pode obstruir a renúncia interna, o verdadeiro desapego [*vairagya*] pode surgir em uma pessoa não importa a qual dos *ashramas* ela possa pertencer.

831. Aqueles que compreenderam que os múltiplos objetos, que aparecem em e de si mesmos como um sonho [mas que são vistos como um universo externo] são meras concepções mentais [projeções de suas *vasanas* internas] e que, portanto, renunciaram a eles, sozinhos podem destruir *maya*, o defeito enganoso. Os outros não sabem como destruir esse defeito.

Sadhu Om: Até que se entenda que a aparência do mundo é apenas a própria projeção ou concepção mental, como um sonho, o senso de realidade [*satya-buddhi*] em relação a ele permanecerá em alguém, e portanto, não

será possível alcançar a renúncia perfeita. O fato de que o mundo é apenas uma ilusão mental irreal também é enfatizado no próximo versículo.

832. *Jnanis* perfeitos, que experimentaram o Eu, o conhecimento real não dual, não serão confundidos por esta visão dual [a aparência do mundo]. Eles renunciarão a isso como uma ilusão vazia e traíçoeira [*maya*].

833. Buda renunciou a riquezas ilimitadas porque tinha compreendido a transitoriedade [deste mundo]. Portanto, para quem conheceu a transitoriedade do mundo visível aos sentidos, é impossível ser *laukika* [uma pessoa com mentalidade mundana].

834. Apenas aqueles que, considerando o mundo como sem valor, renunciaram a ele sem medo e com grande coragem, são os sábios que definitivamente veem a Realidade Suprema. Os outros são tolos que veem apenas o que é irreal.

835. “Renunciar ao mundo como sempre inexistente mesmo enquanto parece existir, é a realização do Eu, a consciência que parece ser inexistente”, dizem os Sábios.

Sadhu Om: O que se entende por ‘realização do Eu’? O Eu sozinho é a realidade sempre existente, enquanto o mundo é uma coisa sempre inexistente [referir-se a *Upadesa Manjari*, cap. 2, resposta à pergunta 5]. No entanto, enquanto o mundo é conhecido como se existisse, o Eu parecerá estar oculto ou inatingível. Portanto, o simples ato de renunciar à aparência do mundo como irreal será em si mesmo a realização do Eu, a Realidade Suprema.

836. Aquilo que permanece irrenunciado depois que tudo que pode ser renunciado foi renunciado - essa existência brilhando no Coração como o verdadeiro Eu, sozinho é a realização da abundante bem-aventurança.

837. Para aqueles que fizeram a mais rara renúncia, a do ego, nada resta a ser renunciado.

Sadhu Om: Referir-se aqui ao verso 26 de *Ulladu Narpadu*.

838. Como a mente do *Sadhu* [*chittam*] brilha como *Sadasiva*, nada resta [a ser renunciado ou] mesmo a ser desejado.

839. O majestoso [o verdadeiro renunciante] que vagueia despreocupado, possuindo nada e recusando tudo, confunde e perplexa até mesmo a mente de um rei que pode dar qualquer coisa! Ah, que maravilha!

80 A Verdadeira Renúncia

(*Turavu Unmai Tiran*)

840. Saiba que, ao invés de se pensar no coração ‘Eu renunciei a tudo’, não pensar ‘Eu sou limitado à medida do corpo, e estou preso na média servidão da vida familiar’, é uma renúncia superior.

Sadhu Om: Enquanto um *sannyasin* sentir ‘Eu renunciei a tudo’, não é claro que ele tem um sentido de identificação com o corpo, ‘Eu sou fulano’, e um sentido de fazer, ‘Eu renunciei’? Portanto, sua renúncia não é verdadeira. Por outro lado, se um homem de família não sente ‘Eu sou um chefe de família’ ou ‘Eu tenho uma família’, ele não está livre do sentido de ‘Eu’ e ‘meu’? Portanto, ele sozinho é o verdadeiro renunciante. Assim, este verso ensina que desistir do ego, o sentido de ‘Eu’, é verdadeiramente desistir de tudo.

81 A Unidade da Mente

(*Samashti Mana Tiran*)

841. A mente é dita ser duas [ou boa ou má] apenas em relação às tendências boas e más que a influenciam. Saiba que, ao escrutínio, é realmente uma mente que funciona de maneira diferente como uma mente boa e como uma mente má.

Sadhu Om: A mesma ideia também é expressa em prosa na seguinte passagem de *Quem sou eu?*: “Não existem duas mentes, uma mente boa e uma mente má. A mente é apenas uma. As tendências [*vasanas*] são de dois tipos, auspiciosas [*subha*] e inauspiciosas [*asubha*]. Quando a mente está sob a influência de tendências auspiciosas, ela é chamada de mente boa, e quando está sob a influência de tendências inauspiciosas, de mente má.”

842. Considerar ‘Esta é a minha mente, aquela é a sua mente’ é a causa do aprisionamento. Mas quando a mente brilha como ela é, [ou seja, como] o poder da clara consciência do Eu supremo, ela é certamente apenas uma. Saiba assim.

843. Saiba que o verdadeiro ‘Eu’ parece ser muitos ‘Eus’ por causa da visão do corpo [ou seja, por causa da visão errônea de que cada corpo é um ‘Eu’]. Mas através da visão do Eu, a existência-consciência eterna, saiba que todos são um.

82 Aniquilação do Ego

(*Ahandai Yozhivu Tiran*)

844. Corte o ego ilusório e cheio de tristeza pelo conhecimento aguçado obtido através do questionamento, [porque] a verdadeira felicidade da paz [*santi*] não pode prevalecer, exceto em um coração onde este nó [*granthi*] foi erradicado.

845. Pela lâmina afiada da espada do divino Silêncio cultivado no coração pela prática de *jnana-vichara*, deve-se arrancar e afastar a raiz, o ego, ‘Eu sou o corpo’. Este é o meio para alcançar a felicidade transbordante da paz.

846. Não faça nenhum esforço real e firme, exceto para aniquilar a sensação ‘Eu sou o corpo’ [o ego]. Saiba que o ego, ‘Eu sou o corpo’, é a única causa de toda *samsara-duhkha* [as misérias da vida].

847. Saiba que a suprema felicidade raramente alcançada, a libertação, a maior renúncia, a morte sem morte e a sabedoria são todas uma e a mesma coisa - a destruição da ilusão ignorante ‘Eu sou o corpo’.

848. [A destruição desta ilusão é também] todas estas: leitura e audição [ou seja, *sravana*], reflexão [*manana*], permanência [*nididhyasana*], a obtenção da Graça, Silêncio, a suprema morada, paz, sacrifício ritualístico, devoção, caridade, *tapas*, *dharma* e *yoga*.

B17. Saiba que a aniquilação da sensação ‘Eu sou o corpo’ [*dehatma-bhava*] é caridade [*danam*], austeridade [*tapas*], sacrifício ritualístico [*yagna*], retidão [*dharma*], união (yoga), devoção [*bhakti*], céu [*Swarga*], riqueza [*vastu*], paz [*santi*], veracidade, Graça [*arul*], o estado de silêncio [*mauna-nilai*], a morte sem morte, conhecimento [*arivu*], renúncia, libertação [*mukti*] e felicidade [*ananda*].

Sadhu Om: Tudo o que é mencionado acima será alcançado apenas destruindo a noção errônea ‘Eu sou o corpo’ através do auto-questionamento. Portanto, o auto-questionamento deve ser entendido como tudo em tudo.

849. Embora os bons *dharma*s [atos retos] sejam ditos ser muitos, assim como os ornamentos de ouro são muitos, a única realidade de todos esses *dharma*s é o auto-sacrifício [*tyaga*], assim como a única realidade de todos os ornamentos é o ouro.

Michael James: A palavra *tyaga* significa auto-sacrifício, e geralmente é entendida como a renúncia do ‘meu’ [*mamakara*]. No entanto, como este verso está sob o título do capítulo ‘Aniquilação do Ego’, neste contexto *tyaga* deve ser entendido como a renúncia do ‘eu’ [*ahankara*], ou seja, a renúncia do ego.

Sri Muruganar: Assim como o ouro, que é o fator comum [*samanyam*], é a única realidade de toda a diversidade [*visesham*] de ornamentos, assim também *tyaga*, que é o fator comum, é a única realidade da diversidade desses *dharma*s. Assim como sem ouro não pode existir nenhuma diversidade de ornamentos, sem *tyaga* não pode existir nenhuma diversidade de *dharma*s.

850. Se o aspirante extremamente corajoso que renunciou ao ‘meu’ [*mamakara*] – a porta de entrada para todas as misérias, que estão na forma de desejos – conseguir renunciar completamente ao ‘eu’ [o ego ou *ahankara*] através do *vichara*, essa é a realização do fruto de todo grande *dharma*.

851. Em vez de estragar a totalidade da existência do Senhor [Self] surgindo orgulhosamente como ‘Eu [sou um indivíduo separado]’, submergir dentro é a observância correta [*niyama*] ou *tapas* para entrar no santíssimo, a presença de *Jnana-Siva*.

Sadhu Om: Este verso nos ensina que tipo de *tapas* ou observância é necessário para entrar no *sanctum sanctorum* de Siva. O surgimento do ego na forma ‘Eu sou o corpo’ – como se fosse uma realidade diferente de Self, Lord Siva – é por si só estragar a unidade de Siva. Portanto, se, em vez de surgir assim, o ego submerge no Self, esse seria o correto *tapas* ou observância necessária para a entrada no *sanctum sanctorum* de Siva. É assim indiretamente sugerido aqui que aqueles que não possuem tal *tapas*, quem quer que sejam, não estão qualificados para entrar no templo, o *sanctum sanctorum* do Senhor Siva, pois têm a pior impureza, a do ego emergente.

Sri Muruganar: Exceto os duas vezes nascidos – isto é, aqueles que não só nasceram fisicamente, mas também nasceram novamente como Self, indagando ‘De onde eu, a alma, nasci?’ – ninguém está qualificado para entrar na pura presença do Senhor Siva, seja para ver ou para tocar sua forma divina. Portanto, a observância exigida para a entrada no templo que é prescrita aqui é a ausência de ego.

Sadhu Om: Deve-se entender aqui que Self é Siva, o coração é seu *sanctum sanctorum*, e o *Jnani* realizado é o duas vezes nascido [o verdadeiro *brahmin*].

852. Na visão dos sábios, dissipar o ego, que contrai a totalidade perfeita do Supremo [limitando-a ao corpo ao sentir ‘Eu sou o corpo’], é a verdadeira e imaculada adoração ao Supremo [cuja natureza é brilhar como o ‘Eu sou’ ilimitado e sem adjunções].

853. Pessoas loucas que, em vez de se tornarem alimento para Deus, buscam fazer de Deus um alimento para eles, acabarão por fim, através do egoísmo, se tornando alimento para Yama [morte].

Sadhu Om: Não foram muitos *asuras* que buscaram subjugar Deus através de sua adoração para alcançar seus próprios fins egoístas? É esse tipo de atitude em relação a Deus que é descrita neste verso como ‘buscar fazer de Deus um alimento para eles’. Através de sua adoração egoísta [*kamya upasana*], tais pessoas estão, na verdade, apenas cortejando sua própria destruição!

854. A menos que a aparência [deste mundo] conhecida objetivamente pelos sentidos, e o maligno ego, o conhecedor dela, morram como alimento para Siva, que brilha como o estado de consciência suprema, a realidade suprema não pode ser alcançada.

855. Pode o estado imóvel do verdadeiro Eu ser percebido pela mente [vagabunda] insignificante? [Portanto] a menos que o sentido do ego na forma do nó entre a consciência e o insensível [*chit-jada-granthi*] seja aniquilado, [nossa] natureza real não pode ser alcançada.

856. Não é por causa do surgimento de um ‘Eu’ no meio [da consciência e do corpo insensível] que a nossa paz é completamente destruída? [Portanto] a menos que o miserável *Vritrasura*, o vão ego-‘Eu’, seja morto, *Kaivalyam* [o estado de unidade] não pode ser alcançado.

857. Quando a luz da lua, o *jiva* ou conhecimento da mente, se funde na verdadeira luz do sol, o conhecimento do supremo Self, morre e se torna um com Ele, esse é o auspicioso tempo de *amavasya* [a noite da lua nova].

858. Apenas pela morte e por nenhum outro meio pode-se chegar a *Moksha-loka* [o mundo da Liberação]. Mas o que é essa morte? É [não apenas matar o corpo, mas] matar ‘Eu’ e ‘meu’, [pois] matar este corpo é um crime.

Sadhu Om: A morte do corpo não é a nossa verdadeira morte. Sri Bhagavan costumava dizer: “Matar nosso corpo sem matar nosso ego é como bater e quebrar uma cadeira em vez de punir o criminoso que está sentado nela”. Ou seja, o corpo é inocente e insensível como uma cadeira; é a nossa mente ou ego que está em falta, tendo causado toda a miséria, e por isso merece ser punido e destruído.

859. Apenas aqueles que estão mortos para os desejos pelos [prazeres do] vasto panorama ilusório do mundo terão sua vida transformada em Siva. Não haverá bem-aventurança por qualquer outro meio que não seja o despertar da pura e fresca experiência do Eu.

Sadhu Om: Aqui é enfatizado que a verdadeira felicidade não está na realização dos desejos, mas apenas na destruição dos desejos.

860. Se você perguntar, “O que é essa grande morte que não trará mais nenhum nascimento e que destruirá os inúmeros nascimentos e mortes consequentes?”, é a morte da ignorância ‘Eu’ e ‘meu’.

Sadhu Om: Cada aparente morte do corpo é nada mais do que uma chance de nascer novamente em outro corpo. Portanto, em vez de buscar a morte do corpo físico, é mais sábio buscar a morte muito grande e gloriosa de ‘Eu’ e ‘meu’, porque o nascimento e a morte corporais insignificantes então terminarão para sempre.

861. Apenas pela atenção à realidade, ‘Quem sou eu?’, a vida do ego ligada ao corpo morrerá.

862. Destruir o falso ego no [Auto-]Conhecimento e permanecer [nesse Auto-Conhecimento] é a verdadeira clareza [ou seja, o verdadeiro despertar].

863. Exceto através da destruição do falso sentido ilusório ‘Eu’ (sou o corpo), não há experiência do verdadeiro *Jnana*.

864. Aquele cujo ego ilusório [completamente] se dissolve em e se torna um com a existência-consciência, cessará de fazer o esforço de iniciar [qualquer ação ou *karma*] e brilhará no Coração, tendo alcançado o estado natural e pacífico de bem-aventurança.

83 Conhecimento da Realidade

(*Tattva-Jnana Tiran*)

865. Apenas quando a ilusão do ego, o sentido de individualidade [*jiva-bodha*] - que surge da astuciosa *Maya*, que realiza muitos atos heróicos com imenso poder e autoridade [como se ela fosse separada, mas igual ao supremo *Brahman*] - é destruída, a experiência do supremo conhecimento do Eu [*Paramatmabodha*] surgirá.

Sadhu Om e Michael James: Da falsa *Maya* surge o sentido aparentemente real de individualidade, a falsa concepção ‘Eu sou um *jiva*’. Apenas quando este falso sentido de individualidade é destruído será obtido o conhecimento da realidade. Embora *Maya* crie o sentido de individualidade como se tivesse grande poder e autoridade, ela é de fato ‘*ma-ya*’ [literalmente ‘o que não é’]. Portanto, se o conhecimento da realidade deve despertar, *Maya* e toda a sua criação devem ser consideradas inexistentes, assim como, se a corda deve ser conhecida como realmente é, a cobra deve ser considerada inexistente.

866. Quando o sentimento ‘Eu sou o corpo’ [*dehatma-buddhi*] se vai, a confusão ilusória e as ansiedades terminam. Ah! O ‘Eu’ que brilha no coração em que a investigação é conduzida, é a suprema consciência indiferenciada [*nirvikalpa chit-param*].

Sadhu Om: Uma vez que a causa raiz de todas as diferenças [*vikalpas*] é o *dehatma-buddhi*, e uma vez que o *dehatma-buddhi* é destruído pela investigação, o que brilha no Coração como resultado da investigação é o indiferenciado *sat-chit-ananda*.

867. Deus, que parece ser inexistente, é o único que sempre existe, enquanto o eu [o indivíduo], que parece existir, é sempre inexistente. O estado de ver assim a própria inexistência [*maya*] pode ser dito como o supremo *Jnana*.

868. *Sahaja samadhi*, o silêncio de *sattva*, é a única beleza de *tattva-jnana* [o conhecimento da realidade].

Michael James: *Sattva* é uma das três *gunas* ou qualidades da mente. No entanto, em algumas escrituras como *Kaivalya Navanitham* é dito que *sattva* é a natureza original ou primordial da mente. Portanto, neste versículo é dito que no estado natural (*sahajasamadhi*) mesmo este *sattva* - a natureza primordial da mente - está silencioso.

Sri Muruganar: Embora *sahaja samadhi* seja o estado que transcende todas as três *gunas* [*sattva*, *rajas* e *tamas*], como *sattva* é a única natureza primordial da mente, a frase ‘*sattva-mouna*’ [o silêncio de *sattva*] é usada aqui.

84 Vendo

(*Katchi Matchi Tiran*)

869. O papel [dharma] de ver é atribuído ao Ser - o espaço da consciência, o sol - apenas na imaginação dos *ajnanis*, [porque] *maya*, a ignorância vazia [de ver a alteridade], nunca existe no Ser, o suporte [sthanu], [e também porque] o Ser é sem um segundo.

Sadhu Om: Como o Ser é na verdade aquilo que transcende todos os papéis e todas as qualidades, e como Ele existe como um sem um segundo, glorificá-Lo como o ‘testemunho de tudo’ [*sarva-sakshi*] ou como o ‘conhecedor de tudo’ [*sarvajna*] é apenas a tolice das pessoas ignorantes.

870. Se sinto que vejo o mundo, qual é o segredo por trás disso? É que um mundo de objetos sensoriais e um observador dele surgem em ‘mim’, o espaço da luz perfeita e verdadeira do conhecimento ininterrupto [Self-]Knowledge. Saiba assim definitivamente.

Sadhu Om: Esta aparência do mundo, que é composta pelos cinco conhecimentos sensoriais, e o *jiva* que o vê não são reais. Eles são meras aparências falsas como uma miragem, tendo o Self como base, e aparecem apenas com a ajuda da luz do Self. Além disso, esta aparência do mundo não é sequer vista pelo Self, mas apenas pelo *jiva*, que é ele próprio uma parte dele. Refira-se aqui ao verso 7 de *Ulladu Narpadu*, onde Sri Bhagavan diz, “Embora o mundo [os objetos vistos] e a mente [o *jiva* que o vê] surjam e se põem juntos, é [não pelo Self, mas] apenas pela mente que o mundo é visto. [O Self, por outro lado, é] o Todo que é a base para [a falsa aparência de] o mundo e a mente surgirem e se porem, mas que brilha sem surgir ou se pôr, [e por isso] é a única realidade.”

871. A convicção criada pelos sentidos de que a aparência é real é uma convicção errada. Saiba que tanto os sentidos, que permitem que a aparência seja conhecida, como o *jiva*, o conhecedor dela, são do mesmo grau de realidade que a aparência.

Sadhu Om: Como o conhecedor [o *jiva*], o conhecido [a aparência do mundo] e o conhecimento [o ato de perceber o mundo através dos cinco sentidos] formam um triângulo [*triputi*], todos eles são igualmente falsos. Em outras palavras, como mesmo o *jiva* que é visto e seu ato de ver são ambos parte da aparência do mundo, eles são ambos irreais como essa aparência. Para ilustrar isso, vamos supor que um filme é feito de um rei assistindo a um show de cinema; quando este filme é projetado, não são o rei e seu ato de assistir ao show de cinema, ambos imagens no filme? Refira-se aqui ao verso 160 e sua nota.

872. Ele que vê o vidente [o conhecedor da mente, ou seja, o Self] brilhará como o próprio Supremo Self, tendo destruído o sentido de diferença ‘Eu sou diferente do vidente do vidente’ e tendo atingido a sua própria natureza.

Sadhu Om: A ideia central deste verso é que aquele que viu o Self brilhará como o Self, tendo destruído sua individualidade e atingido o conhecimento não-dual [*advaita-jnana*].

Embora no verso 869 e em outros versos deste trabalho Sri Bhagavan diga que é errado atribuir ao Self a função de ‘ver’, neste verso Ele se refere ao Self como ‘o vidente do vidente’. A razão para essa aparente contradição é que Ele está falando aqui a partir do nível ordinário de compreensão - o mesmo nível de compreensão no qual a maioria das escrituras antigas como *Drik-Drisya Viveka* foi dada. Portanto, o leitor deve entender a expressão ‘o vidente do vidente’ como figurativa e não literal.

873. Tal vidente do vidente [ou seja, um *Jnani*] nunca verá a escravidão dos *karmas*. Ele governará o espaço da suprema consciência como Seu reino. Através da visão do Self, Ele será capaz de governar [ou seja, ver] tudo o que é visto como Seu próprio Self. Saiba assim.

874. Quando visto através da visão do supremo espaço do Self, a ilusão de nascer neste mundo falso como uma miragem é [descoberta como] nada mais do que a ignorância egotística de identificar um corpo como ‘Eu’.

Sadhu Om: O apego [*abhimani*] de identificar um corpo como ‘Eu’ é nascer; nutrir incessantemente esse apego é a vida neste mundo; esquecer temporariamente esse apego é a morte; e destruir esse apego para sempre é *Jnana* ou *Moksha*.

875. Quando visto não através do ‘Eu’ pequeno, mas através do ‘Eu’ infinito, tudo é conhecido como estando dentro do Self, o verdadeiro Supremo. Saiba que, assim como a aparência de muitos objetos diferentes em um sonho, o Self sozinho é visto como outras coisas [o mundo].

Sadhu Om: O que é visto em sonho aparece apenas para aquele que dorme. Embora tudo o que é visto pareça ser objetos diferentes do sonhador [o vidente do sonho], não são todos eles [incluindo o sonhador] não-diferentes daquele que dorme? Da mesma forma, somos apenas nós [o Self] que aparecemos neste sonho do estado de vigília como o *jiva* [o vidente] e o mundo [os diferentes objetos que são vistos].

876. Até que a falsa aparência da cobra desapareça, a verdadeira corda, a base, não será conhecida. [Da mesma forma] até que a falsa aparência do mundo desapareça, o verdadeiro Self, a base, não será visto.

Sadhu Om: A mesma ideia é expressa por Sri Bhagavan na seguinte passagem de *Quem sou eu?*: “Assim como a menos que o conhecimento da cobra, a superposição imaginária, vá embora, o conhecimento da corda, que é a base, não será obtido, assim a menos que a percepção do mundo, que é uma superposição imaginária, cesse, a realização do Self, que é a base, não será obtida”. Consulte os versos 46, 876 e 877.

877. Só quando o conhecimento do mundo cessar, o conhecimento do Self será obtido. Tal vida gloriosa iluminada pelo Self é a verdadeira e natural vida do *jiva*; todos os outros tipos [de chamada vida gloriosa] serão inúteis para ele.

Sri Muruganar: Como a palavra ‘mundo’ [*loka*] literalmente significa ‘o que é visto’, a frase ‘o conhecimento do mundo’ usada neste verso denota conhecimento objetivo, o conhecimento visual que aparece com *triputi-bheda* [a diferença do vidente, do visto e do visto]. A palavra ‘iluminada’ aqui denota o brilho da realidade como conhecimento não qualificado [ou seja, como a consciência sem adjuntos ‘Eu sou’].

PARTE TRÊS

EXPERIÊNCIA DA VERDADE

(*Tattva Anubhava Vīyal*)

1 Conhecimento Direto

(*Aparoksha Jnana Tiran*)

878. O Self sozinho é o verdadeiro olho. Portanto, o Self, que é conhecido por si mesmo, é o verdadeiro conhecimento direto. Mas pessoas insensíveis, que não têm a visão do Self, afirmam que o conhecimento de objetos sensíveis alienígenas é conhecimento direto.

Sadhu Om: Sri Bhagavan aqui descreve aqueles que não veem através do olho do Self como ‘pessoas insensíveis’, uma vez que veem apenas através dos insensíveis olhos físicos. Tais pessoas dizem que o conhecimento dos objetos deste mundo é conhecimento direto [*pratyaksha aparoksha jnana*]. No entanto, o mundo visto em frente aos olhos não é percebido diretamente, pois é conhecido apenas através do meio da mente e dos cinco sentidos. Self, o conhecimento da própria existência, é um conhecimento mais real e mais direto do que o conhecimento de qualquer objeto alienígena. É somente depois que há o primeiro conhecimento ‘Eu sou’ que o conhecimento ‘o mundo e tudo mais existe’ pode surgir, e portanto nenhum conhecimento exceto ‘Eu sou’ pode ser conhecimento direto; O Self sozinho é o conhecimento direto sempre presente.

879. A aparição das tríades [*triputis*] pode ser possível na visão do Self, que existe e brilha como o [um] olho ilimitado [de pura consciência]? Todos os outros objetos diante Dele serão [encontrados para ser] o Self sozinho, tendo sido queimados pelo olhar poderoso do olho do fogo de *Jnana*.

880. A única consciência real e indivisível que não sabe nada como diferente [de si mesma] e que está desprovida do conhecimento de todos estes - a visão dual do bem e do mal, tempo, espaço, causa, efeito, *karma* e assim por diante - é o olho ilimitado [mencionado no verso anterior].

2 A Experiência Sempre Direta

(*Nitya-Aparoksha Tiran*)

881. Todo o benefício a ser obtido pelo inquérito interno é apenas a destruição do sentido ‘Eu’ enganoso [o ego]. Seria demais dizer que é para alcançar o Self, que sempre brilha claro e sempre alcançado.

Sadhu Om: Em *O Evangelho de Maharshi*, Livro Um, capítulo seis, página 30, Sri Bhagavan diz: “Para fazer espaço, é suficiente que o aperto seja removido; o espaço não é trazido de outro lugar.” Veja também *Conversas* p. 199. Se o ego for destruído, isso sozinho será suficiente, pois será equivalente a alcançar o Self.

882. O brilho puro e direto do Self, como o do décimo homem, é alcançado apenas pela remoção do falso esquecimento [do Self]; o ganho experimentado não é um novo. Saiba assim.

Sadhu Om: Depois de cruzar um rio, dez tolos começaram a contar-se para ver se já haviam cruzado com segurança. Mas, ao contar, cada um se esqueceu de contar a si mesmo, e então cada um contou apenas nove, o que os levou a acreditar que um deles se afogou no rio. Vendo seu sofrimento, um viajante entendeu que sua miséria era apenas por terem esquecido de se contar, então ele disse: “Vou dar a cada um de vocês um golpe, e vocês devem contar em voz alta ao receberem seu golpe”. Assim que o décimo homem recebeu seu golpe e contou “Dez”, todos exclamaram: “Sim, somos dez afinal. Nosso companheiro perdido foi encontrado”. Na verdade, no entanto, o décimo homem não foi ganho de novo, pois ele nunca realmente se perdeu. Da mesma forma, a experiência do Self não é para ser ganha de novo. O fruto da *sadhana* é apenas a remoção do aparente esquecimento do Self.

883. Uma joia se tornará ouro apenas quando sua forma for destruída por fusão? Não é [na realidade] ouro mesmo enquanto está na forma de uma joia? Portanto, saiba que todas as três [irreais] entidades [o mundo, a alma e Deus] formadas pela mente, são igualmente [na realidade] nada mais que existência-consciência [Self].

Sadhu Om: Mesmo enquanto parecem ser muitas coisas diferentes, o mundo, a alma e Deus são na realidade nada mais que o único Self. É errado pensar que eles se tornarão Self apenas depois que suas formas diversas desaparecerem. Na verdade, apenas o Self, a substância ou realidade dessas formas diversas, é real, enquanto as próprias formas são sempre irreais.

884. A busca e a obtenção do Self no coração é como uma mulher procurando seu colar sendo iludida ao pensar que ela o havia perdido, embora ela estivesse [de fato] sempre usando-o em

volta do pescoço, e [finalmente] o recuperando ao tocar o pescoço.

Michael James: Assim como a mulher nunca havia realmente perdido seu colar, o Self nunca é desconhecido. Portanto, pensar que o conhecimento do Self é algo a ser recém adquirido não é menos tolo do que pensar que a mulher havia recuperado seu colar apenas quando ela tocou o pescoço.

885. Exceto pelo [esforço feito através] do caminho de investigar o misterioso senso, [o ego], por qualquer esforço feito através de outros caminhos como o *karma*, é impossível alcançar e desfrutar do Self, o tesouro brilhando no coração.

Sadhu Om: Neste verso Sri Bhagavan claramente e enfaticamente dá Seu veredito de que por mais que se esforce em qualquer outro caminho como *karma*, *yoga*, *bhakti* ou *jnana*, não se pode alcançar a felicidade do Self até que se pergunte ‘Quem sou eu que me esforço nesses outros caminhos?’ Compare o verso 14 de *Ulladu Narpadu - Anubandham* aqui.

886. Se esse estado incomparável que deve ser experimentado no futuro através do *tapas* na forma de [os seis passos de] *sama* e assim por diante é um estado real, ele deve existir [e ser experimentado] mesmo agora tanto quanto então.

Sadhu Om: Se dissermos que não experimentamos o Self agora e que só o experimentaremos em algum momento no futuro, seria o mesmo que dizer que o Self é inexistente em um momento e existente em outro. Se algo é inexistente em um momento e passa a existir em outro, não será inevitavelmente perdido novamente? Portanto, uma vez que não existe em todos os três tempos [passado, presente e futuro], como pode ser chamado de coisa real [*sat vastu*]? Portanto, uma vez que o autoconhecimento é a realidade, deve ser entendido como aqui, agora, sempre alcançado [*nitya-siddha*] e diretamente experimentado [*pratyaksha*]. A mesma ideia também é expressa no próximo verso.

887. Se esse estado não existe agora, mas virá [para a existência] apenas mais tarde, esse estado que virá não pode ser nosso estado natural, e portanto não permanecerá conosco permanentemente, mas irá [em algum momento] se afastar de nós.

Sri Muruganar: Veja o último ponto mencionado no verso anterior. Como um estado que chega a um momento e se vai em outro não é o estado final, não importa quão glorioso e feliz seja, ele não será eterno. Se o próprio estado natural for o estado final, então não haverá destruição para ele. É natural e justo que qualquer estado que não seja o próprio estado natural se afaste de alguém em algum momento.

888. Isso [*Brahman*] é o todo [*purnam*]; isto [a aparência do mundo] também é o todo. Mesmo quando [este] todo se funde em [aquele] todo, é o todo. Mesmo quando [este] todo sai [como se fosse uma realidade separada] de [aquele] todo, o todo sozinho permanece.

Michael James: Este verso é adaptado do famoso estrofe védica, “Purnamadah purnamidam...”, que foi por vezes citado por Sri Bhagavan. Em alguns comentários sobre os ensinamentos de Sri Bhagavan, esta estrofe védica é erroneamente interpretada para apoiar a visão de que “é tanto falso quanto fútil afirmar que *Brahman* sozinho é real e que o mundo [de nomes e formas] é irreal” (ver *Sat-Darshana Bhashya*, 6ª ed., pp. 6-7). No entanto, quando este estrofe diz, “Isso é todo e isto é todo”, não deve ser entendido como significando que *Brahman* é real e que o mundo como tal também é real. O ensinamento de Sri Bhagavan é que o mundo todo é irreal como mundo, mas real como *Brahman*, o todo (*purnam*), assim como a cobra é irreal como cobra, mas real como a corda, sua base. Portanto, este verso deve ser entendido da seguinte forma: “Aquilo [a corda] é a corda; isto [a cobra aparente] também é a corda. Mesmo quando esta cobra se funde [desaparece] naquela corda, é a corda. Mesmo quando esta cobra sai [como se fosse uma cobra] daquela corda, a corda sozinha permanece.” Em outras palavras, assim como na verdade a corda sozinha existe, assim na verdade *Brahman*, o todo, sozinho existe; e assim como a cobra aparente é uma falsa aparição, assim o mundo aparente é uma falsa aparição. Nem a saída (manifestação) desta aparência mundial nem a sua fusão novamente em *Brahman* são reais. *Brahman* permanece sempre como o todo imutável e inalterável.

889. Aquilo [*Brahman*] é o espaço supremo; você também é o espaço supremo. Aquilo [o *Mahavakya*] que instrui que ‘Você é Aquilo’ também é o espaço supremo. [Por ‘yoga’ ou ‘união’] nada é acrescentado de novo àquele todo real, que existe e brilha como o espaço comum, e [por ‘*neti-neti*’ ou ‘negação’] nada é removido dele.

Sri Muruganar: Este verso explica a ideia expressa no estrofe 29 de *Upadesa Undiyar*. Devemos saber que, na verdade, não há alcance da Liberação. Como a servidão é uma concepção mental falsa, a Liberação também não é nada além de uma concepção mental falsa. Além do Self, não existe *Jnani* e nenhum *ajnani*; no estado da verdade absoluta, não há *jnanopadesa* ou *Mahavakya*! Mesmo o pensamento de que o estado natural do Self foi perdido é falso; o *tapas* feito para remover as misérias causadas por esse pensamento também é falso; até mesmo o estado de *Jnana* em que se alcançou novamente a abidância [através do *tapas*] é falso! O *upadesa* é que o Self sozinho sempre existe.

890. “Exceto pelo todo não-dual [Self], todas as multiplicidades mundanas impostas a Ele como ‘isto’ ou ‘aquilo’ não são reais nem um pouco; eles são todos nada além de uma completa ilusão sobreposta a Ele” - tal é o veredicto final [de todos os *Jnanis*].

891. Uma vez que eles [*Jnanis*] dizem: “Embora o Único [aparentemente] se torne muitos [objetos deste mundo], [na verdade] Ele não se torna nada”, e desde o início todos permanecem como aquele Único [Self], a obtenção do verdadeiro conhecimento [que nosso estado natural é

assim sempre experimentado ou *nityaaparoksha*] é a Libertação.

892. Depois de entender teoricamente [*através de sravana e manana*] que o Self é não-dual, e depois de vacilar repetidamente em seus esforços para atingir [*através de nididhyasana*] a experiência prática do verdadeiro Self, quando, [finalmente e com grande desolação] todos os esforços mentais cessam, o conhecimento que então brilha no coração é a natureza dessa realidade.

Sadhu Om: Este verso retrata claramente a experiência real de um aspirante. Não é a experiência de muitos aspirantes sinceros que, depois de aprender sobre a verdadeira natureza do Self através da audição [*sravana*] e da reflexão [*manana*], eles lutam arduamente na prática [*nididhyasana*] da atenção ao Self, mas falham repetidamente em suas tentativas, até finalmente se sentirem cansados e desolados, conhecendo sua própria incapacidade? Este verso encoraja tais aspirantes, apontando que quando a mente, que é a causa raiz de todos os esforços, assim chega a um completo impasse devido ao cansaço extremo, é exatamente o momento em que o Self irá brilhar claramente e sem obstrução. A canção Tamil *Konjam Poru* [que foi traduzida para o inglês sob o título 'Wait a Little' e impressa como canção No. 15 em 'A Selection of Songs from Sri Ramana Gitam'] dá uma descrição gráfica e encorajadora do estado de espírito de um aspirante que alcança este estado.

3Nirvikalpa samadhi

(*Nirvikalpa samadhi Tiran*)

893. Apenas não estar ciente das diferenças [*vikalpas*] no mundo exterior não é o sinal do verdadeiro *nirvikalpa samadhi*. A inexistência de diferenças [*vikalpas*] na mente que está morta é o supremo *nirvikalpa samadhi*.

Sadhu Om: Muitas pessoas estão sob a impressão errada de que quem está em *nirvikalpa samadhi* deve permanecer inerte como um tronco insensível, não conhecendo nem este corpo nem o mundo. Depois de permanecer por algum tempo [—seja dias, meses ou mesmo anos] em tal estado, que é chamado de *kashta nirvikalpa* ou *kevala nirvikalpa samadhi*, a consciência do corpo retornará, momento em que a mente se tornará extrovertida e todos os vícios, como luxúria e raiva, surgirão devido às tendências passadas [*vasanas*]. Este tipo de *samadhi*, que é uma experiência que pode ocorrer durante as primeiras etapas da prática de certas *sadhanas*, é apenas uma suspensão temporária da mente [*manolaya*]. No entanto, o tipo correto de *nirvikalpa samadhi* é apenas a aniquilação da mente [*mano-nasa*], a destruição permanente do primal *vikalpa* 'Eu sou o corpo'. Este é o estado do verdadeiro conhecimento e é chamado de *sahaja nirvikalpa samadhi*.

Kashta nirvikalpa samadhi pode ser comparado ao estado de um pote amarrado com uma corda que fica submerso na água de um poço. Como o pote submerso na água, a mente está submersa em *laya*. Mas a qualquer momento o pote pode ser retirado pela corda. Da mesma forma, como a mente não é destruída, pode a qualquer momento ser novamente retirada por suas *vasanas* e forçada a vagar sob seu domínio. Mas em *sahaja nirvikalpa samadhi* a mente é dissolvida em Self e perde sua forma ou individualidade, como uma boneca de sal imersa no oceano. Portanto, não pode se levantar novamente. *Sahaja nirvikalpa samadhi*, no qual a mente é destruída, é o verdadeiro *samadhi*.

894. Permanecer na consciência natural, 'Eu sou', é *samadhi*. Sendo libertado da consciência mista com adjuntos ['Eu sou assim e assado', 'Eu sou o corpo', 'Eu sou um homem', 'Eu sou isto ou aquilo' e assim por diante], permaneça firmemente neste estado ilimitado [livre de adjuntos] [do real *samadhi*].

895. Grandes Sábios dizem que o estado de equilíbrio que está desprovido de 'Eu' [o ego, 'Eu sou isso ou aquilo'] é o *mounasamadhi*, o ápice do conhecimento [*jnananta*]. Até que aquele *mouna-samadhi*, 'Eu sou aquele [Eu sou]', seja alcançado, busque como seu objetivo a aniquilação do ego.

896. Ao contrário do 'Eu' que surge e se põe [o ego], o Self permanece sempre brilhando. Portanto, rejeite e, com isso, destrua a falsa primeira pessoa, 'Eu [sou assim e assado]', e brilhe como o verdadeiro 'Eu' [Self].

Sadhu Om: A consciência mista que surge como 'Eu sou fulano', 'Eu sou isso' ou 'Eu sou aquilo', é a falsa primeira pessoa ou ego. Mas a consciência-existência, que brilha sozinha como o puro 'Eu sou', é a verdadeira autoconsciência, que está desprovida de todas as três pessoas, primeira, segunda e terceira. Portanto, Sri Bhagavan nos instrui a permanecer como o Self, destruindo o ego.

897. Ó minha mente que está sofrendo [ou que perdeu sua verdadeira natureza] por pensar 'Eu sou um *jiva*', você será novamente enganada se pensar ou meditar 'Eu sou Deus' ['Eu sou *Brahman*' ou 'Eu sou Siva']. [Porque] no estado supremo nada existe como 'Eu [sou isto ou aquilo]' mas apenas o único Self [Eu sou], o Coração [que sempre existe como é].

Sadhu Om: O sentimento 'Eu sou um homem' é um mero pensamento. É a forma do ego. Consequentemente, se alguém começa a pensar ou meditar 'Eu sou *Brahman*' ou 'Eu sou Siva' ou 'Eu sou Ele', isso também será um mero pensamento, outra forma do mesmo ego. Portanto, já que isso é apenas outro tipo de pensamento, não se pode, através disso, ficar livre de pensamentos e atingir o estado do Self, cuja forma é a mera existência [*Sat*]. Por isso, Sri Bhagavan nos adverte que aquele que medita 'Eu sou *Brahman*' será enganado no final.

898. O estado bem estabelecido no qual a mente quieta [a mente desprovida de pensamentos] tem a experiência ininterrupta [de pura consciência] é *samadhi*. Tal mente estabilizada, que alcançou o ilimitado supremo Self, é a essência da Divindade.

Sadhu Om: Uma onda é uma onda enquanto se move; quando a mesma onda se acalma sem movimento, é o oceano. Da mesma forma, a mente é a mente enquanto se move e é limitada; quando a mente se torna imóvel e ilimitada, é Deus ou *Brahman*. A palavra Tamil '*Kadavul*' [Deus] literalmente significa '*kadandu-ullavar*' [Ele que existe transcendendo]; portanto, nosso próprio estado real, o Self, que transcende todos os adjuntos como 'isso' ou 'aquilo', é Deus [*Kadavul*].

899. Ouça a dica para alcançar a realidade que permanece [como 'Eu sou'] dentro do conhecimento [a mente] como o conhecimento para o conhecimento [ou seja, como o Self que dá luz à mente]: escrutinar e conhecer o conhecimento que conhece o objeto [a mente] por esse mesmo conhecimento [questionando 'O que é isso?' ou 'Quem sou eu?'] é o meio para permanecer dentro [como a realidade].

Sadhu Om: Refira-se à segunda linha do verso 5 de *Sri Arunachala Ashtakam*, no qual Sri Bhagavan canta, "Assim como uma gema é polida, se a mente for polida na pedra chamada mente para libertá-la de falhas, ela brilhará com o lustre da Tua Graça". Ou seja, só quando a mente presta atenção a si mesma será libertada de falhas e assim brilhará como a realidade, o puro 'Eu sou'. Ao prestar atenção às segundas e terceiras pessoas, a mente só reunirá impurezas. Portanto, ao se envolver em qualquer atividade ou *sadhana* que não seja a atenção ao Self, a mente nunca morrerá. Ela morrerá apenas quando prestar atenção à sua própria forma para descobrir 'O que sou eu?' ou 'Quem sou eu?' Esta verdade foi descoberta por Sri Bhagavan a partir de sua própria experiência direta. Meditar ou analisar qualquer coisa que não seja a mente não é nem introversão [*antarmukham*] nem um meio de conhecer a realidade. Apenas a auto-atenção - a prática da mente atendendo ao sentimento da primeira pessoa singular 'Eu' - afogará a mente no Self e assim a destruirá. Portanto, este é o único caminho para alcançar e permanecer como a realidade.

900. Permanecer firmemente como 'Eu sou eu', sem qualquer movimento da mente, é a realização da Divindade [*Sivatvasiddhi*]. [Porque] o brilho do verdadeiramente bem-estabelecido estado de conhecimento [Autoconhecimento] onde nada existe além disso [conhecimento] é puro Siva, não é?

901. O esplendor da consciência-felicidade na forma de uma consciência brilhando igualmente dentro e fora é a realidade primal suprema e feliz cuja forma é o Silêncio e que é declarada pelos *Jnanis* como o estado final e inobstrutível do verdadeiro conhecimento.

Sadhu Om: Porque o corpo, que é limitado no tempo e no espaço, é confundido com o 'Eu', todos têm a sensação 'Eu estou apenas dentro do corpo e não fora'. Se o corpo não for assim tomado como 'Eu', não haverá espaço para a sensação de diferença 'dentro' e 'fora' [ver verso 251]. Nesse estado, a autoconsciência 'Eu sou', que brilha como a única consciência desprovida de 'dentro' ou 'fora', é em si mesma o verdadeiro conhecimento [*mei-jnana*], a realidade primal inteira e perfeita.

902. Quem pode e como pensar na total realidade primordial, cuja finalidade é o Silêncio, como 'Eu sou Isso', e por que sofrer assim? Alcançar o Silêncio [livre de pensamento] é a permanência no Self [*nishtha*]; é [atingido pela] destruição de [o primeiro pensamento] 'Eu'. Quando 'Eu' é assim destruído, onde há espaço para pensar?

Sadhu Om: Quando a realidade é, na verdade, nada mais que o Silêncio inteiro e perfeito que existe além do alcance do pensamento, por que alguém deveria sofrer tentando em vão atingi-lo pensando 'Eu sou Isso'? Meditar 'Eu sou *Brahman*', 'Eu sou Ele' ou 'Eu sou Siva' é inútil e não é de todo uma *jnana-sadhana* adequada. Segundo Sri Bhagavan, a única verdadeira *jnana-sadhana* é perder 'Eu', o ego, através do questionamento 'Quem sou eu?'

4 Imutabilidade

(Nirvakra Tiran)

903. Ó grandes e raros sábios, qual é a natureza da mudança? A aparência e o desaparecimento de todas essas coisas estão realmente acontecendo continuamente, ou são apenas [aparentes mudanças] aparecendo e desaparecendo [na sempre inalterável realidade]?

Sadhu Om: Os versos 63, 64, 65 e 91 desta obra devem ser novamente referidos aqui. Alguns entre nós erroneamente acreditam que, embora este universo passe por inúmeras mudanças, como criação, crescimento, decadência e destruição, ele é uma realidade sempre existente, e que todas essas mudanças são, portanto, verdadeiras. Sri Bhagavan diz a essas pessoas que sua crença está errada, e explica que a razão pela qual elas têm essa crença errada é apenas por causa de sua perspectiva errada de ver o sempre inalterável Self como um universo com inúmeras mudanças. Ao longo deste capítulo, Sri Bhagavan continua a refutar essa crença errada com muitos argumentos, e, portanto, esses versos servem como uma condenação adequada de sua filosofia errônea.

904. O surgimento e o desaparecimento deste universo é um defeito [ou mudança] causado pelo nascimento e morte do corpo sujo e carnal. Atribuir essas mudanças ao Self, o espaço de *Jnana*, é uma ilusão, como atribuir o aparecimento e desaparecimento das nuvens ao céu.

Sadhu Om: O estado em que o mundo aparece e desaparece é pequeno e irreal, pois essas mudanças são vistas apenas pelo pequeno ego, que aparece e desaparece junto com o corpo.

905. Existe alguma ilusão pior do que a confusão de pensar que o Self, que sabe que o mundo aparentemente existente é completamente inexistente, está sujeito à mudança?

Sadhu Om: Refira-se aqui ao verso 4 de *Ulladu Narpadu*, onde Sri Bhagavan diz: "... Pode a visão [o visto] ser diferente do olho [o observador]? Na verdade, o Self é o Olho, o Olho ilimitado [e, portanto, imutável]". Em outras palavras, como é o olho, assim é a visão. Portanto, se, em vez de ver através dos defeituosos e mutáveis olhos físicos, se vê através do olho ilimitado e imutável do Self, o universo desaparecerá e o único Self será conhecido por existir sozinho. Quando a verdade é tal, pode haver alguma ilusão maior do que ver o Self, a realidade sempre imutável, como este mundo pequeno e mutável? Essa é a pergunta de Sri Bhagavan.

906. Saiba que nem mesmo o menor defeito [ou mudança] causado pelas atividades [no mundo] afetará o Self imutável, assim como nem mesmo o menor defeito [ou mudança] causado pelos outros [quatro] elementos, terra, água, vento e fogo, afetará o vasto espaço.

Sadhu Om: Consulte também *Quem sou eu?* onde uma ideia semelhante é expressada por Sri Bhagavan.

907. De acordo com a perspectiva de diferentes pessoas, a mesma mulher é considerada esposa, irmã do marido, nora, esposa do cunhado, mãe e assim por diante. No entanto, na verdade, ela não sofre nenhuma mudança em sua forma.

Michael James: Da mesma forma, embora na perspectiva ignorante do *jiva*, o Self pareça ter passado pela mudança de se tornar muitos nomes e formas diferentes, como o mundo, a alma e Deus, na verdade, permanece sempre inalterado.

5 Solidão

(*Ekanta Tiran*)

908. Ao ser analisado, entre todas as muitas qualidades necessárias para aqueles que desejam alcançar a Liberdade imperecível, é a atitude de um grande apreço por estar em solidão permanente que deve estar bem estabelecida em sua mente.

Sadhu Om: Sri Bhagavan costumava dizer: "Solidão [*ekantam*] não é um lugar; é uma atitude interior da mente" [veja *Evangelho de Maharshi*, Livro Um, cap. 2]. A mente de um *mumukshu* deve sempre gostar de estar no estado de felicidade livre de todas as *vasanas* ou pensamentos. Compare aqui o verso 912.

6 Desapego

(*Asanga Tiran*)

909. Ó mente [cuja verdadeira natureza é o Self], embora pelo poder de sua mera presença todos os *tattvas* [os princípios irrealis como a mente, os sentidos, o corpo e o mundo] se unam e causem estragos internamente, não se deixe confundir por eles, mas seja uma mera testemunha deles pela [força da] experiência do conhecimento do Self desapegado.

Michael James: Embora este verso seja dirigido à mente, ele deve ser entendido como sendo dirigido à mente em sua verdadeira natureza como Self. Isso quer dizer, este verso indiretamente diz à mente: "Você, na verdade, não é aquilo que é afetado por todos esses *tattvas*, você é o Self desapegado, em cuja presença e por cuja presença todos esses *tattvas* funcionam. Portanto, seja como você realmente é (ou seja, permaneça em sua verdadeira natureza como Self)." Também deve ser observado que neste verso Sri Bhagavan instrui a mente sobre como permanecer como uma testemunha desapegada a todos esses *tattvas* irrealis. Imaginando-se como uma testemunha deles, a mente nunca pode permanecer verdadeiramente desapegada deles; apenas pela experiência do conhecimento do Self desapegado (*asanga-swarupa-jnananubhava*), ou seja, apenas conhecendo e sendo o verdadeiro e sempre desapegado Self, pode-se permanecer como uma testemunha desapegada a todos os irrealis *tattvas*.

910. Seja o que for e o quanto for [bom ou mau] que venha [para alguém] ou vá [longe de alguém], permanecer como outro além do conhecedor deles e ser não afetado por eles, diferente de uma palha levada pelo vento, é *Jnana*.

Michael James: Seja o que for, bom ou mau, que chegue a um *Sahaja Jnani*, Ele permanece sempre não afetado por eles e desinteressado por eles, uma vez que Ele se conhece como o Self, que é outro além do experimentador do bom ou do mau. Seu estado pode ser comparado a uma tela de cinema, que não é queimada por imagens de fogo nem encharcada por imagens de água, embora seja o suporte de todas essas imagens. Esse estado completamente desapegado e desinteressado de verdadeiro conhecimento (*jnana*) foi bem ilustrado pela vida de Sri Bhagavan. Embora tantas coisas ruins tenham acontecido ao seu redor - embora alguns *sadhus* falsos tenham tentado se passar por seu guru, embora, por ciúmes, tenham tentado matá-lo rolando pedras sobre ele, embora alguns devotos insinceros fingissem amá-lo, mas faziam maldades às suas costas, embora algumas pessoas lhe dessem drogas intoxicantes como *bhang*, embora um testamento tenha sido feito em seu nome, embora processos judiciais tenham sido movidos contra ele, embora um livro abusivo tenha sido escrito sobre ele, embora alguns de seus bons devotos como Sri Muruganar tenham sido maltratados e abusados, embora alguns supostos discípulos tenham até tentado deliberadamente interpretar mal seus ensinamentos, traduzindo-os erroneamente e escrevendo comentários falsos sobre eles, e assim por diante - e embora tantas coisas boas tenham acontecido ao seu redor - embora devotos sinceros tenham vindo a ele e o tenham louvado como o Senhor Supremo, embora seu Jayanti, Golden Jubilee e outras funções tenham sido celebrados de forma grandiosa, embora seu nome e

fama tenham se espalhado pelo mundo inteiro, e assim por diante - Ele permaneceu sempre como uma mera testemunha, alheio a todas essas coisas.

911. A menos que alguém se perceba como o Self desapegado, que é como o espaço que não permanece nem um pouco apegado a nada, embora exista dentro, fora e permeando tudo, não se pode permanecer sem ilusões.

Sadhu Om: Sem o conhecimento do Self, ninguém pode viver neste mundo desapegado.

912. As tendências [*vasanas*] no coração são o verdadeiro apego [*sangam*] que deve ser descartado. Portanto, em qualquer sociedade [*sangam*] em que possam viver, nenhum mal acontecerá àqueles grandes que têm controle total sobre a mente enganadora [tendo destruído todos os seus *vasanas* e, assim, alcançado *mano-nasa*].

7 Controle da Mente

(*Mano-Nigraha Tiran*)

913. Para aqueles que permitem que sua mente vagueie para lá e para cá, tudo dará errado.

Sadhu Om: A mente deve ser controlada e feita para se acalmar, e não deve ser permitido que seja arrastada para cá e para lá por suas *vasanas*.

914. Tornar a mente, que corre em todas as direções com tal velocidade que até o vento fica assustado, aleijada como um homem completamente coxo que não consegue se mover para lugar nenhum, e assim destruí-la, é alcançar a verdadeira imortalidade.

Sri Muruganar: Uma vez que o *samsara* de nascimento e morte é na verdade apenas para a mente e não para o Self, se, em vez de se mover sozinho com a mente como se sua forma fosse a própria forma de alguém, se souber que ela é diferente de si mesmo e assim destruí-la, o estado de imortalidade será claramente conhecido como a própria realidade de alguém.

915. Erradicar as três desejos semelhantes a ervas daninhas [os desejos por mulheres, riqueza e fama] antes mesmo que eles brotem, e fazer com que a mente se acalme e permaneça calma como um oceano sem ondas criadas pelo vento, é *Jnana*.

916. Quando a mente não se desvia nem um pouco por qualquer um dos sentidos, que são a causa que lança alguém na miséria, e quando a mente permanece submersa como um oceano tempestuoso que se acalmou completamente, isso é *Jnana*.

917. Assim como o sol não pode ser visto em um céu densamente nublado, o próprio Self não pode ser visto em um céu mental que é escurecido por uma densa nuvem de pensamentos.

918. Aquele que destruiu a mente é o imperador que cavalga no pescoço do elefante do supremo *Jnana*. Saiba com certeza que a agitação da mente é a única causa da miserável escravidão do cruel e feroz nascimento [e morte].

Sri Muruganar: Como a agitação da mente [*chitta-chalana*] é a raiz das misérias do nascimento, os pensamentos sozinhos são aqui ditos como escravidão. Como a própria natureza [Self] brilha assim que os pensamentos são destruídos, o que teve a mente assim destruída é glorificado de maneira figurativa como um imperador cavalcando no elefante do *Jnana*.

919. A clareza tranquila, desprovida de agitação mental, é o *samadhi* que é essencial para a Liberação. [Portanto] tente sinceramente experimentar a consciência pacífica, a clareza do coração, destruindo a agitação enganosa [da mente].

920. Sem a auto-realização [*atma-darsanam*], o ego não morrerá. Da mesma forma, sem a gloriosa morte da mente [ou ego], este cenário mundial de sonho miserável não desaparecerá. Saiba disso.

Sadhu Om: Se todas as misérias da vida devem chegar ao fim, a mente deve morrer. Se a mente deve morrer, a realização do Self deve ser alcançada. Portanto, apenas a auto-realização removerá todas as misérias.

921. [Ao confrontá-lo] ninguém pode destruir a [mente] natureza [de subir e saltar através dos sentidos]. [A única maneira de destruí-lo é] ignorá-lo como algo inexistente [ou seja, como uma mera falsa aparência]. Se você conhece e conscientemente permanece no Self, a base [para o surgimento e configuração] da [mente] natureza, a velocidade da [mente] natureza [ou seja, a velocidade com que ela se levanta e salta através dos sentidos] gradualmente chegará ao fim [já que não haverá ninguém para atendê-la].

Sadhu Om: Vali recebeu uma benção pela qual ganhou metade da força de qualquer oponente que o enfrentou, e, portanto, Ram teve que matá-lo sem enfrentá-lo cara a cara. Da mesma forma, se alguém tenta matar a *mind-maya* confrontando-a diretamente [ou seja, lutando para controlar os pensamentos, a natureza ascendente e saltitante da mente], na verdade estará dando nova força a ela. Como a mente [ou seja, a natureza ascendente e saltitante da mente] é um objeto conhecido por nós, devemos tratá-la como uma segunda pessoa e ignorá-la, voltando nossa atenção para a primeira pessoa, o mero sentimento 'Eu'. A mente então perderá o poder da Graça [*anugraha-sakti*] e assim ela gradualmente se acalmará e morrerá por conta própria. Para uma explicação mais completa disso, consulte o capítulo 7 de *The Path of Sri Ramana* - Parte Um, 2ª edição, páginas 101 a 105.

922. Ó pessoas que estão desejando e sofrendo tanto, sem conhecer de forma alguma os meios para destruir a mente para que ela não funcione mais, o meio é experimentar claramente que o

visto [a aparência do mundo] e o observador [o *jiva*] não são nada além de si mesmo [o Self].

Michael James: Enquanto se experimenta uma diferença entre o observador e o observado, a mente não pode de forma alguma ser controlada. E até que se conheça a verdadeira natureza de si mesmo, não se pode experimentar que o observador e o observado são nada além de si mesmo e, portanto, não são diferentes. Portanto, o único meio de destruir a mente e assim controlá-la efetivamente é conhecer a verdadeira natureza de si mesmo.

Em algumas traduções, este verso foi interpretado para significar que, para acabar com a inquietação da mente, deve-se “considerar todas as coisas que são perceptíveis e o percebido como o Self” (veja *Guru Ramana Vachana Mala*, v. 207). No entanto, essa interpretação está errada, porque a menos que se conheça a verdadeira natureza do Self, é impossível considerar todas as coisas como Self. Tentar imaginar que tudo é Self seria apenas uma *bhavana* mental, e portanto não seria um meio eficaz de fazer a natureza inquieta da mente se acalmar. A verdadeira experiência do conhecimento do Self é o único meio de acabar com a inquietação da mente.

923. Como ornamentos [vistos] em ouro, como água [vista] em uma miragem, e como uma cidade dos sonhos com ameias, tudo o que é visto não é nada além do Self. Tomá-los como sendo diferentes do Self está errado.

Michael James: Assim como na inspeção, os muitos tipos de ornamentos são encontrados como sendo nada além de ouro, a suposta água é encontrada como nada além de calor cintilante, e a cidade dos sonhos é encontrada como nada além da imaginação do adormecido, então, quando a verdade é realizada, a falsa aparência do mundo é encontrada como sendo nada além do Self.

8 A Mente Morta

(*Mrita Mana Tiran*)

924. Eu declaro com certeza que mesmo quando a mente é extinta e não funciona mais na forma de pensamentos, ainda existe uma realidade [Eu sou] como a morada de *Jnanananda* [a bem-aventurança do verdadeiro conhecimento], que estava [anteriormente] escondida [como ‘Eu sou este corpo’] como se fosse limitada pelo tempo e espaço.

Sadhu Om: Aqui Sri Bhagavan afirma que mesmo após a aniquilação do primeiro pensamento que brilhava todo esse tempo como ‘Eu sou este corpo’, existe um Self brilhando como *sat-chit-ananda*, ‘Eu sou Eu’. Algumas escolas de Budismo dizem: “Finalmente não restará nada como Self; apenas um vazio [*sunya*] estará lá”. Mas Sri Bhagavan refuta essa crença errada e declara enfaticamente a partir de sua própria experiência, “Certamente existe uma realidade [*sat-vastu*], que é *Jnanananda*; esse estado não é um vazio [*sunya*] mas um todo perfeito [*purna*]”. Compare aqui o verso 20 de *Upadesa Undiyar*, “Onde ‘Eu’ [o ego-self] morre, aquele Único [o verdadeiro Self] brilha espontaneamente como ‘Eu-Eu’; isso sozinho é o todo [*purna*]”, e o verso 12 de *Ulladu Narpadu*, “O Self é o verdadeiro conhecimento; ele não é um vazio [embora desprovido de todo conhecimento objetivo]”.

925. Aquele que é sempre alcançado [*nitya-siddha*] e que brilha pervadindo em todos os lugares, desprovido de [as diferenças tais como] ‘agora’ ou ‘então’, ‘aqui’ ou ‘lá’, ‘existindo’ ou ‘não existindo’, é o puro Siva.

9 Onisciência

(*Mutrunarvu Tiran*)

926. Apenas o conhecimento absoluto que brilha indiviso porque não conhece nada existente além do Self, e não o conhecimento objetivo que sabe até [tudo o que acontece em todos] os três tempos [passado, presente e futuro], é a suprema onisciência. Saiba assim.

Sadhu Om: A habilidade de conhecer todas as outras coisas, como os acontecimentos do passado, presente e futuro, e a habilidade de dominar todas as sessenta e quatro artes, são glorificadas pelas pessoas como ‘Onisciência’ ou ‘*sarvajnatvam*’. No entanto, uma vez que Sri Bhagavan diz no verso 13 de *Ulladu Narpadu*, “Conhecimento da multiplicidade é ignorância [*ajnana*]”, e uma vez que Ele diz no verso 26 de *Ulladu Narpadu*, “Verdadeiramente o ego é tudo,” todas essas coisas que são glorificadas como ‘onisciência’ devem de fato ser entendidas como mero conhecimento objetivo do ego, e portanto, como nada mais do que ignorância. No verso 13 de *Ulladu Narpadu* Sri Bhagavan diz, “Aquilo que sabe [multiplicidade ou alteridade] não pode ser verdadeiro conhecimento,” porque na verdade não existe outra coisa para conhecer ou fazer conhecer. Portanto, o autoconhecimento não-dual que brilha por si mesmo como o todo [*purna*] sem conhecer qualquer outra coisa, é a única verdadeira onisciência ou *sarvajnatvam*.

927. Já que mesmo com seu pequeno conhecimento tantos males e misérias já estão repletos naqueles cujas mentes não se acalmaram, se eles ganharem onisciência eles não obterão nenhum benefício, mas apenas um aumento na densa escuridão da ilusão que já existe dentro deles.

Sadhu Om: Um aspirante cuja mente não se acalmou já estará confuso com todo o conhecimento objetivo que ele reuniu e assim estará sufocando, incapaz de suportar o pesado fardo de seus pensamentos oscilantes. Portanto, se ele for capaz de adquirir mais conhecimento, como o conhecimento de todos os eventos acontecendo em todos os tempos e todos os lugares, ele não estará ainda mais confuso e não estará sobrecarregado com ainda mais ondas de pensamentos? Portanto, não será impossível para ele aliviar-se de todos os pensamentos e permanecer pacificamente no Self? Portanto, essa suposta onisciência [o conhecimento de todos os objetos alienígenas] não é apenas inútil, mas também muito prejudicial.

928. A onisciência consistindo em uma inundação [de conhecimento relativo] é real apenas para aquele que, em vez de se conhecer como aquele que meramente existe, se engana ao se considerar um conhecedor [de outras coisas] e que assim vê o enganoso espetáculo [deste mundo]. Mas para um *Jnani*, que não tem tal ilusão, a onisciência [consistindo em tantos conhecimentos] é nada mais do que um conhecimento lunático.

929. Só quando se está iludido [pensando] que se é o conhecedor [a mente], sente-se ‘Eu sou um de pouco conhecimento’. Mas quando o verdadeiro conhecimento surge, a onisciência também perecerá completamente como o pouco conhecimento.

Sadhu Om: O que permanece como o conhecimento natural de nossa mera existência após o *Jnana-pralaya*, a grande dissolução na qual tudo é destruído, é a realidade. Portanto, assim como o pouco conhecimento, os vários tipos de onisciência também devem ser destruídos naquele momento. Assim, no estado supremo de autoconhecimento, nada restará exceto o único conhecimento real, o sentimento singular da primeira pessoa ‘Eu sou’.

930. Os *Vedas* glorificam Deus como ‘onisciente’ apenas para aqueles que se consideram pessoas de pouco conhecimento. [Mas] quando examinado de perto, [entender-se-á que] uma vez que Deus é por natureza o real Todo [do qual nenhum ‘outro’ pode existir para Ele saber], Ele não sabe de nada.

931. “Visto que as experiências de ver [ouvir, provar e assim por diante] são, quando vivenciadas, as mesmas para os *Muktas* [como para os outros], e visto que eles [os *Muktas*] estão assim experimentando as muitas diferenças que aparecem como resultado de ver [ouvir e assim por diante], eles estão experimentando a não-diferença [mesmo enquanto veem essas diferenças]” – dizer isso é errado.

Sadhu Om: As pessoas têm muitos conceitos errados sobre o estado de um *Jnani* ou *Jivanmukta*, e um desses equívocos é refutado aqui. “O que as pessoas veem como água, o *Jivanmukta* também vê como água, e o que elas veem como comida, Ele também vê como comida. Portanto, em Sua experiência dos objetos dos sentidos, o *Jivanmukta* é o mesmo que outras pessoas. Mas mesmo enquanto o *Jivanmukta* assim vê essas diferenças, Ele vê a não-diferença nelas” – não há muitos *pandits* e palestrantes que falam e escrevem assim, mesmo que eles mesmos não tenham experiência de *Advaita*, mas apenas tenham lido sobre isso nos livros? Mas quem é a autoridade adequada para dizer qual é a experiência real de um *Jivanmukta*? Apenas um verdadeiro *Jivanmukta*! Assim Bhagavan Sri Ramana, que realmente experimentou a realidade e que é o verdadeiro Loka Maha Guru, declara neste verso que tais afirmações estão erradas, e no próximo verso Ele explica como e por que estão erradas. Consulte também o verso 1180.

932. O *Mukta* é visto como se também estivesse vendo as muitas [diferentes] formas apenas na perspectiva iludida dos observadores que veem as muitas diferenças; mas [na verdade] Ele não é o vidente [ou qualquer coisa em absoluto].

Sadhu Om: O verso 119 desta obra deve ser lido novamente aqui. Enquanto se vê a si mesmo como um indivíduo que vê o mundo das diferenças, não se pode deixar de ver o *Jnani* da mesma forma como um indivíduo que vê diferenças [veja *Ulladu Narpadu* versículo 4, “Pode a visão ser diferente do olho?”] Mas, como o *jnani* é de fato nada além do próprio *Jnana* sem corpo e sem individualidade, vê-lo como um vidente e acreditar que até Ele está vendo diferenças como si mesmo, é verdade apenas na perspectiva dos *ajnanis*. A verdade absoluta, no entanto, é que o *Jnani* não é um vidente e que Ele nunca vê diferenças, pois, como Sri Bhagavan diz no versículo 13 de *Ulladu Narpadu*, “O conhecimento da multiplicidade é apenas ignorância [*ajnana*]”.

Assim, nos dois versos acima, Sri Bhagavan refuta claramente a ideia errada expressa na nota ao final da introdução [*bhoomika*] para *Sat-Darshana-Bhashya*, 6ª ed. pp. 35 a 38, ou seja, a ideia de que um *Jnani* ou alma libertada retém Sua individualidade apesar da destruição do ego, e que Ele “percebe a diversidade na unidade e experimenta a unidade na diversidade” [compare aqui pp. 160 a 164 de *Maha Yoga*, 7ª ed.]. Sobre esta teoria errônea do *bheda-abheda* ou unidade na diversidade, Sri Bhagavan costumava dizer que se a menor diferença ou diversidade é percebida, significa que o ego ou individualidade está lá, então se a diferença é experimentada, a não-diferença ou unidade seria meramente uma proposição teórica e não uma experiência real [veja *The Golden Jubilee Souvenir*, 2ª ed., p. 295, e *The Mountain Path*, outubro de 1981, p. 224].

933. É apenas devido ao hábito errado de atender às segundas pessoas que se é iludido [pensando] que se tem pouco conhecimento. Quando se desiste dessa atenção para as segundas pessoas e conhece a verdade do próprio Eu através de *vichara*, o pequeno conhecimento morrerá e brilhará como o pleno [ou seja, como o pleno conhecimento ou verdadeira onisciência].

934. Conhecer diretamente o Eu não-dual, que por causa da perspectiva errada aparece como todas estas muitas [nomes e] formas, [o universo], e nada mais, é [verdadeira] experiência.

Sadhu Om: Não existem algumas pessoas iludidas que pensam que este mundo foi erroneamente criado por Deus como uma mistura de dor e prazer, e que, portanto, tentam através de alguns tipos de yoga erradicar a dor e estabelecer o prazer e assim tornar o mundo um céu? Para apontar que seu modo de pensar é errado e seu objetivo é pura tolice, Sri Bhagavan começa este verso com as palavras “Por causa da sua perspectiva errada”, implicando assim: “É apenas por causa da sua perspectiva errada que este mundo aparece para você dessa maneira; Deus nunca o criou assim; os erros que você vê no mundo são resultado de *drishti-dosha* [um

defeito na sua perspectiva] e não de *srishti-dosha* [um defeito na criação de Deus]”. Portanto, Sri Bhagavan ensina que a verdadeira onisciência ou *sarvajnatvam* é apenas a remoção da perspectiva errada [*dosha-drishti*] através da obtenção de *Jnanadrishti* [a perspectiva de *Jnana*].

935. Se todas as imagens mentais [que aparecem] no sonho não estivessem [já] habitando dentro de [um], elas não poderiam ser vistas. Sendo assim, para alcançar a experiência do Eu, no qual habitam todas estas [imagens mentais que aparecem] no estado de vigília, só isso é [verdadeira] onisciência.

Michael James: Tudo que se vê em sonho é apenas uma projeção dos *vasanas* já habitando dentro de si. Da mesma forma, tudo que se vê mesmo neste estado de vigília é apenas uma projeção dos próprios *vasanas* (veja o verso 84). Portanto, para conhecer tudo, basta conhecer a si mesmo. No entanto, uma vez que só o Eu (o Self) realmente existe e uma vez que o chamado ‘tudo’ é realmente inexistente e irreal, não haverá ‘tudo’ a ser conhecido quando se conhece a si mesmo. Como Sri Bhagavan diz na segunda linha do terceiro verso de *Atmavidya Kirtanam*, “O que [mais] há para conhecer depois que se conhece a si mesmo?”

936. Se não se adotar a vida iludida da civilização moderna, se rejeitar a inclinação para os conhecimentos mundanos inúteis [como ciências, artes e idiomas], e se eliminar o sentido de diferenciação [*bheda-buddhi*] entre Siva [ou *Paramatma*] e a alma [ou *jivatma*], então apenas o verdadeiro significado de Siva *Jnana Bodham* brilhará.

Michael James: As palavras ‘*Siva Jnana Bodham*’ aqui dão dois significados; eles podem ser tomados para denotar um texto *Advaitic* com esse nome, ou podem ser tomados para significar o conhecimento de *Siva*, a realidade suprema.

10 O Estado Transcendendo o Quarto

(*Turiyatita Tiran*)

937. Nos *Jnanis*, que destruíram o ego, os três estados [vigília, sonho e sono], que eram vistos anteriormente, desaparecerão, e o nobre estado de *turiya* [o ‘quarto’] brilhará gloriosamente neles como *turiyatita* [o estado transcendendo o ‘quarto’].

938. O estado de *turiya*, que é o Self, puro *sat-chit*, é ele próprio o não-dual *turiyatita*. Saiba que os três estados são meras [falsas] aparências, e que o Self é a base de apoio para eles [ou seja, a base na qual eles aparecem e desaparecem].

939. Só seria possível se os outros três estados [vigília, sonho e sono] fossem reais que o sono acordado [*jagratsushupti*], o puro *Jnana*, seria o quarto? Como esses três estados são [achados para ser] irrealis em frente a *turiya*, isso [*turiya*] é o único estado; saiba [portanto] que isso [*turiya*] é ele mesmo *turiyatita*.

Michael James: As ideias expressas nos três versos acima foram resumidas por Sri Bhagavan no seguinte verso, que também é o verso 32 de *Ulladu Narpadu Anubandham*.

B18. Só é chamado de *turiya* [o ‘quarto’] para aqueles que experimentam a vigília, o sonho e o sono, o estado do sono acordado, que está além [desses três estados]. Como aquele *turiya* é o único que realmente existe e como os três estados aparentes não existem, ele [*turiya*] é ele mesmo *turiyatita*.

Sadhu Om: A palavra ‘*turiya*’ significa literalmente o ‘quarto’. Como apenas os três estados de vigília, sonho e sono estão sob a experiência de todas as pessoas, o estado de *Jnana* ou sono acordado [*jagratsushupti*], que não é nenhum desses três estados, é chamado de ‘quarto’ pelos *sastras*. Mas Sri Bhagavan pergunta aqui: “Por que esse estado deveria ser chamado de quarto ou *turiya* quando, no momento da experiência desse estado, que é o estado eterno do despertar do Eu, os outros três estados [vigília, sonho e sono] são encontrados para ser verdadeiramente inexistentes?” Então esse estado não deveria ser considerado como o primeiro? Não, seria errado até mesmo considerá-lo como o primeiro, porque nenhum segundo estado existirá para ser experimentado depois que este estado, o único estado real, é experimentado. Portanto, em vez de chamá-lo de primeiro ou de quarto, ele realmente deveria ser chamado apenas de ‘*atita*’ [o estado que transcende tudo, *turiyatita*] – tal é o *upadesa* dado neste verso.

Mesmo os três estados de *jiva* de vigília, sonho e sono, não são realmente três; são apenas dois, ou seja, *sakala* [o estado de funcionamento da mente] e *kevala* [o estado de não funcionamento da mente]. Mesmo esses dois têm apenas realidade relativa [*vyavakarika satya*]. Na verdade, o sono é a natureza de *turiya* ou *turiyatita*. Para uma explicação mais completa deste ponto, leia as páginas 144 a 145 de *The Path of Sri Ramana* - Parte Um, 2ª ed. Consulte também os versos 460 e 567 desta obra, e a resposta à questão 9 do capítulo 4 de *Upadesa Manjari*.

940. Seja chamado de um sono profundo desprovido de vigília, ou de uma única vigília intocada pelo sono que se insinua, caberá adequadamente ao venerável *Jnana-turiya*.

Sadhu Om: Este estado real pode ser adequadamente descrito de muitas maneiras diferentes, como sono vigilante, vigília sonolenta, sono não desperto, vigília não dormindo, morte sem nascimento ou nascimento sem morte.

11 Akhanda Vritti

(*Akhanda Vritti Tiran*)

941. Uma vez que cada *vritti* [movimento da mente] é um fragmento [*khanda*], o grande *Akhanda* [a realidade não fragmentada ou ininterrupta] é apenas um estado de *nivritti* [um estado desprovido de movimento]. [Portanto] dizer que no estado supremo há *Akhandakara-vritti* [movimento em uma forma ininterrupta] é como falar de um rio na forma de um oceano.

Sadhu Om: Para se adequar à pobre capacidade de compreensão de mentes imaturas, muitos termos inadequados são usados nas escrituras. Sri Bhagavan às vezes apontava quão inapropriados são alguns desses termos escriturais, incluindo o termo '*Akhandakara-vritti*', que literalmente significa 'movimento [*vritti*] em uma forma não fragmentada ou ininterrupta'. Este termo às vezes é usado para denotar o estado final de perfeita permanência no Eu, e também às vezes é usado para denotar certas práticas, como a meditação sobre o *Mahavakya* 'Eu sou *Brahman*'. No entanto, Sri Bhagavan revela neste verso que este termo não se adequa nem ao estado de prática nem ao estado de realização, pois o estado de prática é um estado de *khanda* [fragmentação], enquanto o estado de realização é um estado de *nivritti*. No estado supremo de *Akhanda* [não fragmentação], não pode haver espaço para qualquer movimento ou *vritti*. Quando um rio se funde no oceano, ele perde sua identidade ou individualidade separada como um rio e se torna um com o oceano; portanto, seria inadequado chamá-lo de 'rio na forma de um oceano' [*samudrakara-nadi*]. Da mesma forma, quando todos os *vritis* [movimentos da mente] incluindo o primeiro *vritti*, o *aham-vritti* ou pensamento 'Eu', se fundiram no estado ininterrupto de conhecimento do Eu, eles perdem sua identidade separada como *vritis* e se tornam um com aquele estado ininterrupto; portanto, em vez de chamar esse estado ininterrupto como mero '*Akhanda*', é inadequado tentar reter o termo '*vritti*' e chamar esse estado de um '*vritti* em uma forma ininterrupta' [*akhandakara-vritti*].

12 Rompimento do Nó

(*Granthi-Bheda Tiran*)

942. O estado em que a mente não se despedaça de dor, no qual a mente não se imerge no prazer e no qual ela permanece igualmente indiferente e pacífica [tanto na dor quanto no prazer], é o sinal de *granthi-bheda* [o rompimento do nó de identificação com o corpo].

943. Não pensar sobre o que aconteceu no passado e não pensar sobre o que virá [no futuro], mas permanecer como uma testemunha desapegada mesmo para tudo que está acontecendo [no presente] e estar feliz por causa da abundante paz, é o sinal de *granthi-bheda*.

944. Quaisquer pensamentos que possam vir, sua natureza é tal que eles não podem existir sem o indispensável Eu; portanto, não sucumbir à desatenção [*pramada*] tal como [fará alguém sentir], "Ai, o estado do Eu [permanência no Eu ou atenção ao Eu] foi perdido no caminho", também é isso [ou seja, também é o sinal de *granthi-bheda*].

Michael James: Mesmo que pensamentos devam surgir, o *Jnani*, (aquele em quem o nó ou *granthi* foi rompido) saberá através de Sua inabalável experiência do Eu que eles não podem existir sem o Eu, e portanto qualquer quantidade de pensamentos não fará Ele sentir que Ele perdeu Seu controle sobre a atenção ao Eu ou permanência no Eu. Uma pessoa que pensa que as ondas são diferentes do oceano sentirá ao ver as ondas que elas estão velando o oceano, enquanto uma pessoa que sabe que as ondas não são outras que o oceano nunca se sentirá assim. Da mesma forma, o *ajnani*, que sente os pensamentos como algo diferente de si mesmo, sentirá que os pensamentos distraem sua atenção do Eu, enquanto o *Jnani*, que sabe que os pensamentos não são outros que Ele mesmo (ou seja, que sabe que os pensamentos não têm existência independente, mas parecem existir apenas dependendo de Sua própria existência), nunca sentirá que os pensamentos distraíram Sua atenção do Eu.

13 Ter Feito o Que Deveria Ser Feito

(*Krita-Kritya Tiran*)

945. Quem quer que tenha quaisquer experiências, onde quer que seja e através de quaisquer coisas, todas essas experiências são, após escrutínio, nada além de uma parte [refletida] da experiência do Eu.

Sadhu Om: Todas as experiências objetivas são nada mais que um reflexo falso da única verdadeira experiência do Eu, 'Eu sou'. Refira-se aqui ao verso 1074 desta obra, à sexta resposta no capítulo 2 de *Upadesa Manjari*, e às páginas 19 a 21 de *The Path of Sri Ramana* – Parte Dois, 1ª ed.

946. Uma vez que o Eu atrai para dentro o primeiro pensamento [a mente], o experimentador [de felicidade], afoga-o no coração e não permite que sua cabeça se levante. Sua forma é pura *sukhatita* [aquilo que transcende a felicidade]; chamá-Lo de *sukha-swarupa* [a forma da felicidade] é errado.

Sadhu Om: Aquele que conhece o par 'felicidade e miséria' [*sukha-duhkha*] é apenas a mente. O Eu transcende todos os pares e não é afetado por eles. Uma vez que no momento da realização do Eu, a mente, que surge para classificar 'isso é felicidade' ou 'isso é miséria', não é permitido levantar sua cabeça nem mesmo um pouco, mas é arrastada para dentro e afogada no oceano do conhecimento do Eu [na consciência absoluta, que é mera existência], seria mais adequado chamar o Eu de 'aquele que transcende a felicidade' [*sukhatita*] ao

invés de ‘a forma da felicidade’ [*sukha-swarupa*].

947. Depois de questionar e assim conhecer que o Eu é ‘Eu sou isso [o Eu que transcende até mesmo a felicidade]’, desejando que prazer dual para quem aquele verdadeiro e grande *Jnani* teria anseio mental?

Sri Muruganar: Uma vez que Ele [o *Jnani*] é verdadeiramente o Eu, a bem-aventurança ininterrupta [*akhanda-ananda*], e uma vez que nem qualquer felicidade nem qualquer *jiva* existem separados Dele, é dito “desejando que prazer dual para quem”, e como nenhuma dor aparecerá sem desejo, é dito “desejando o que Ele teria anseio mental”.

948. As injunções védicas que dizem: “Você tem que fazer isso”, não se aplicam aos verdadeiros *Jnanis*, nos quais a escura ilusão de ser o executor está morta. A razão pela qual se diz [na ‘*Karma Kanda*’ dos *Vedas*] que mesmo os *Jnanis* têm que realizar muitos *karmas*, é apenas para proteger o *vaidika dharma* [e não para obrigar os *Jnanis* a realizar *karmas*].

Michael James: Algumas escolas de pensamento acreditam que mesmo os *Jnanis* têm que fazer algumas boas ações (*karmas*), por exemplo, que eles devem realizar sacrifícios (*yajnas*) para o bem-estar do mundo, ou que eles devem ajudar Deus a governar o universo. Tais coisas também são ditas na ‘*Karma Kanda*’ (aquela parte dos *Vedas* que ensina ações ritualísticas para a realização de desejos), mas são ditas apenas para acalmar as mentes das pessoas ignorantes e para incentivá-las a seguir o caminho dos *karmas*, de modo que a indisciplina não floresça na sociedade. No entanto, uma vez que um *Jnani* está desprovido de qualquer sentido de executor, é apenas na perspectiva dos *ajnanis* que Ele pode às vezes parecer estar realizando tais bons *karmas*. Quando Sri Bhagavan foi questionado por devotos imaturos se os *Jnanis* têm que escolher fazer algum tipo de trabalho ou *karma*, até Ele às vezes costumava responder: “Sim, alguns *Jnanis* podem assumir um trabalho [*karma*], mas não todos” (veja *Maharshi’s Gospel*, Livro Um, cap.7, p. 39); no entanto, Ele deu tais respostas apenas para se adequar ao entendimento imaturo de tais devotos e para acalmar suas mentes.

949. Uma vez que não há nada a ser alcançado além do que já alcançaram, para os *Sukhatitars* sem ego [aqueles que transcenderam a felicidade] não há nada mais a fazer. Uma vez que essa é a natureza deles, eles são os únicos que alcançaram o objetivo, tendo feito [tudo o que deveria ser feito].

Sadhu Om: Compare aqui o verso 15 de *Upadesa Undiyar*, “Para o grande Yogi que atingiu a realidade, tendo destruído sua forma-mente, não há uma única ação [restante a ser feita] ...,” e o verso 31 de *Ulladu Narpadu*, “O que resta para Ele fazer que assim desfrutava da bem-aventurança do Eu, que surgiu com a destruição de si mesmo [a mente ou o ego]...”.

Sri Muruganar: O estado de ausência do ego é a pura quietude; ele é o que é chamado de ‘aquele que transcende a felicidade’ [*anandatita*] e ‘aquele que transcende o quarto’ [*turiyatita*]. Uma vez que para aqueles que alcançaram esse estado, que é *paratpara* [o mais alto dos altos], não há mais nenhum estado que possa ser alcançado por esforço, eles são os únicos que são chamados de ‘aqueles que fizeram o que deveria ser feito’ [*kritakrityars*]. “Um pote cheio pode conter mais água? [Da mesma forma] como e para que aqueles que alcançaram o Silêncio bem estabelecido podem se esforçar?” canta Tayumanavar.

950. Se alguém desaparecer sem o próprio esforço em *Sadasiva*, o próprio Ser, como o próprio Ser, então permanecerá em paz e bem-aventurança como alguém que já fez tudo e que não tem mais nada a fazer.

951. Os *Jnanis*, que alcançaram a plenitude da experiência do Ser, saberão de algo além [do Ser]? Como pode a mente deludida e limitada imaginar a suprema bem-aventurança deles, que transcende a aparente dualidade [de felicidade e miséria]?

Sadhu Om: Compare aqui o versículo 31 de *Ulladu Narpadu*, “... Uma vez que Ele [o *Jnani*] não sabe nada além do Ser, quem pode e como conceber qual é o estado dele?” É impossível determinar o estado de um *Jnani*, e é errado tentar fazê-lo. Sua experiência de suprema bem-aventurança, que é *sukhatita* [transcendendo até mesmo a felicidade], não pode ser medida nem mesmo por pessoas com intelectos muito aguçados, porque, como é possível para a mente julgar um estado de bem-aventurança que só brilhará após a destruição da mente?

14 A Inexistência da Miséria

(*Dukha-Abhava Tiran*)

952. A própria realidade [Ser], que brilha dentro de todos como o Coração, é o oceano de bem-aventurança pura. Portanto, a miséria, que é irreal como a azulidade do céu, realmente não existe exceto na mera imaginação.

Sadhu Om: Neste capítulo, a verdade proclamada pelo Sábio Appar, ou seja, “A bem-aventurança é a única existente, a miséria é sempre inexistente”, é bem explicada. O que realmente existe é apenas a bem-aventurança, nossa verdadeira natureza. No passado, presente e futuro nunca houve e nunca haverá tal coisa como ‘miséria’ em absoluto. A dualidade ‘prazer e dor’ é uma ilusão ou imaginação que parece existir apenas por causa da perspectiva defeituosa do ego, cujo surgimento é em si irreal. Portanto, a miséria só pode ser tão real quanto o ego. Como o ego ou *jiva* é uma falsa aparência que não tem existência real, as misérias que aparecem na perspectiva defeituosa do ego também são uma falsa aparência, como a aparência da cor azul vista no céu incolor.

953. Como a própria realidade, o sol da *Jnana* que nunca viu a escuridão da ilusão, brilha por si mesma como felicidade, a confusão da miséria aparece apenas por causa do sentido irreal de individualidade [*jīva-bodha*]; mas na verdade ninguém passou por tal coisa [como ‘miséria’].

Sadhu Om: Suponha que um homem que está dormindo felizmente, tendo feito uma refeição completa, sonha que está vagando sofrendo de fome. Quando ele acorda, ele não percebe que a fome e a miséria que ele experimentou no sonho são, na verdade, irreais e inexistentes? Da mesma forma, quando alguém acorda do sono do esquecimento do Ser, no qual o sonho da vida atual está ocorrendo, percebe-se que todas as misérias que se experimentou como *jīva* são, na verdade, irreais e inexistentes [ver versículo 1 de *Ekatma Panchakam*]. Consulte também o exemplo dado por Sri Bhagavan no versículo 30 de *Ulladu Narpadu Anubandham*, “... embora deitado imóvel aqui [em sua cama], [um homem em sonho] sobe uma colina e cai num precipício”. O ensinamento de Sri Bhagavan é que a miséria é irreal, sendo meramente mental.

Ao longo deste capítulo, Sri Bhagavan expõe a verdade de que a miséria é inexistente para fortalecer a *titiksha* [a tolerância ou capacidade de suportar a miséria] nos aspirantes, para que eles não se desencorajem e abandonem sua *sadhana* por causa das várias misérias que ocorrem em sua vida.

954. Se [através da investigação ‘Quem sou eu?’] alguém examinar [e conhecer] o próprio Ser, que é bem-aventurança auspiciosa, não haverá miséria alguma em sua vida. É devido à ilusão maligna que alguém sofre através da noção de que o corpo, que nunca é o próprio ser, é ‘eu’.

955. Aqueles que não se conhecem como o Ser [não-dual] único perecerão diariamente, sofrendo em vão de medo [porque veem o mundo como algo diferente de si mesmos]. [Portanto] destruindo a noção ‘eu sou o corpo’, a raiz [de toda miséria], através da firme compreensão de seu verdadeiro Ser, alcançada pela investigação ‘Quem sou eu?’, atinja o estado de não-dualidade [*advaita*].

956. Se alguém se apegar apenas ao conhecimento [do próprio Ser] como o verdadeiro refúgio, então a miséria do nascimento [ou o nascimento da miséria], que é causada pela ignorância, chegará ao fim.

15**A Onipresença do Sono**

(*Sushupti Vyapaka Tiran*)

957. Não desanime e perca sua vitalidade mental pensando que [o estado de experimentar] o sono no sonho ainda não foi obtido. Se a força de [experimentar] o sono no atual estado de vigília for obtida, então [o estado de experimentar] o sono no sonho também será obtido.

Sadhu Om: As palavras ‘sono no atual estado de vigília’ [a *navum nanavil sushupti*] denotam o estado de sono vigilante [*jagrat-sushupti*] ou *turiya*, o estado de não experimentar diferenças durante a vigília. Para atingir esse estado, os aspirantes têm que fazer esforços no estado de vigília. No entanto, alguns aspirantes costumavam perguntar a Sri Bhagavan, “Também temos que fazer tais esforços no sonho, para que possamos atingir o estado de não experimentar diferenças mesmo durante o sonho?” Esta dúvida é respondida por Sri Bhagavan neste versículo.

O sentimento ‘Eu sou este corpo’ [*dehatma-buddhi*] surge no corpo sutil durante o sonho apenas por causa do hábito de identificar o corpo bruto como ‘Eu’ durante a vigília. Portanto, se alguém pratica a auto-investigação no estado de vigília e, assim, erradica o *dehatma-buddhi* [o hábito de identificar um corpo como ‘Eu’] neste estado, isso por si só será suficiente para erradicar o *dehatma-buddhi* no sonho também. Portanto, Sri Bhagavan aconselha no próximo versículo que, até que o *dehatma-buddhi* seja completamente erradicado mesmo no sonho, não se deve abandonar a auto-investigação no estado de vigília. Consulte aqui o quarto parágrafo do primeiro capítulo de *Vichara Sangraham*, onde Sri Bhagavan diz: “Todos os três corpos [bruto, sutil e causal] constituídos pelos cinco invólucros estão incluídos no sentimento ‘Eu sou o corpo’. Se esse [isto é, a identificação com o corpo bruto] for removido, todos [isto é, a identificação com os outros dois corpos] serão automaticamente removidos. Já que [a identificação com] os outros corpos [o sutil e o causal] sobrevivem apenas dependendo deste [a identificação com o corpo bruto], não há necessidade de removê-los um por um.”

As palavras ‘*kanavil sushupti*’ [sono no sonho], que são usadas na primeira e última linhas deste verso, também podem ser entendidas como ‘sono sem sonho’, caso em que o seguinte significado alternativo pode ser dado: “Não desanime e perca sua vitalidade mental pensando que o sono sem sonho ainda não foi obtido. Se a força de [experimentar] o sono no estado de vigília atual for obtida, então o sono sem sonho também será obtido.”

958. Até que o estado de sono na vigília [ou seja, o estado do sono consciente ou *jagrat-sushupti*] seja atingido, a autoinvestigação não deve ser abandonada. Além disso, até que o sono no sonho também seja atingido, é essencial persistir nessa investigação [ou seja, continuar tentando se apegar ao mero sentimento ‘Eu’].

Michael James: As ideias nos dois versos acima foram resumidas por Sri Bhagavan no seguinte verso.

B19. O estado do sono na vigília [*jagrat-sushupti*] resultará do constante escrutínio da investigação de si mesmo. Até que o sono permeie e brilhe na vigília e no sonho, continue essa investigação.

16 Sono Consciente

(*Arituyil Tiran*)

959. Ó homens que, capturados pelas perigosas armadilhas do mundo e atingidos pelas afiadas flechas das cruéis misérias, estão sofrendo grandemente e estão vagando em busca da realização da suprema felicidade, o sono no qual não há perda de consciência [ou seja, o sono consciente ou *jagrat-sushupti*] é a única felicidade imperecível.

Sadhu Om: ‘O sono no qual não há perda de consciência’ [*arivu-azhiya tukkam*] significa apenas o estado do Autoconhecimento. Aqui, consciência [*arivu*] significa *prajna* ou o conhecimento da própria existência, e não o conhecimento de outras coisas. Aquilo que conhece outras coisas não é o verdadeiro conhecimento [veja o verso 12 de *Ulladu Narpadu*]. O estado que chamamos de sono é o estado em que não conhecemos outras coisas, nem mesmo o corpo. O estado que chamamos de vigília é o estado em que, junto com o conhecimento da própria existência [Eu sou], também há conhecimento de outras coisas. O estado em que permanecemos conscientes apenas de nossa própria existência, como na vigília, mas em que a mente [o conhecedor de outras coisas] não surge, como no sono, é chamado de estado de sono consciente ou sono desperto. Como nenhuma outra coisa é conhecida neste estado, é um sono; e como a própria existência está brilhando claramente lá, é um estado de consciência ou vigília.

960. Aqueles que estão dormindo, tendo abandonado o hábito de [sair através] dos sentidos enganosos e tendo se estabelecido no lótus do coração, são aqueles que estão acordados na morada do conhecimento real [*meyjnana*]. Os outros são aqueles que estão adormecidos, imersos na densa escuridão deste mundo irreal [*poy-jnala*].

17 Conhecimento Não-Dual

(*Advaita Jnana Tiran*)

961. Quando o ‘Eu’ morreu por *Sivaya Namah* [completa obediência ao Senhor Siva] e está queimando no fogo da devoção inobstruída e ardente [*bhakti*], então na chama da auto-experiência brilhará a verdadeira clareza do infalível *Sivoham* [a experiência ‘Eu sou Siva’].

Sadhu Om: ‘*Sivoham*’ é o estado final de experiência que resulta da morte do ego. Mas o ego nunca morrerá simplesmente fazendo *japa* de ou meditando ‘*Sivoham, Sivoham*’ [Eu sou Siva, Eu sou Siva]. Para fazer o ego morrer, a prática de ‘*Sivaya Namah*’ [completa obediência ao Senhor Siva, a Realidade Suprema] é necessária. E para fazer o ego prestar obediência [ou seja, render-se] ao Senhor Siva, deve-se atender à sua fonte e, assim, impedir que ele se levante [veja *Ulladu Narpadu* versículo 27, “O estado em que ‘Eu’ não se levanta, é o estado ‘Nós somos Isso’. A menos que se analise a fonte de onde ‘Eu’ surge, como alcançar o estado de ausência de ego, em que ‘Eu’ não se levanta?...”]. Portanto, a autoinvestigação, a verdadeira prática de ‘*Sivaya Namah*’, é a única *sadhana* que destruirá o ego e, assim, trará a verdadeira experiência de ‘*Sivoham*’.

962. Saiba que a luz brilhante do fogo que se acende dentro, acesa por mais e mais moagem interior da mente, que foi libertada de impurezas, na pedra do coração através [da indagação] ‘Quem sou eu?’, é o verdadeiro conhecimento “*Ana’l-Haq*” [Eu sou a realidade].

Sadhu Om: A ideia expressa no verso 341 desta obra deve ser notada aqui. Se uma religião é verdadeira, pelo menos uma declaração sagrada de *Mahavakya* que revela a natureza transcendente do Self, deve ser encontrada em suas escrituras. Se tal *Mahavakya* não fosse encontrado em suas escrituras, ela não seria uma religião verdadeira. Por exemplo, Sri Bhagavan costumava apontar a inigualável *Mahavakya* ‘Eu sou o que sou’ que é revelada na Sagrada Bíblia. Da mesma forma, Ele também costumava apontar a declaração sagrada ‘*Ana’l-Haq*’ na Religião Islâmica *al-Haq* é um dos 99 nomes de Alá, e significa ‘a realidade’ ou ‘a verdade’; “*Ana’l-Haq*” significa ‘Eu sou a realidade’, e é uma declaração sagrada feita por Hallaj, um famoso Sábio Sufi]. Sri Bhagavan costumava explicar que o objetivo final de todas essas religiões é fazer com que alguém conheça o Self. [Consulte também o verso 663.]

963. Apenas a firmeza no conhecimento não-dual [*advaita jnana*] é heroísmo. Por outro lado, mesmo a conquista sobre [um] inimigo é, sob escrutínio, [encontrada para ser devido não ao heroísmo, mas apenas à] grande medo possuindo a mente, que é abalada pelo alvoreço do mundo irreal de dualidade. Saiba assim.

Sadhu Om: Só quando uma coisa é sentida como diferente de si mesmo, surgirá um medo dela ou um desejo por ela. Como nenhuma outra coisa existe no estado não-dual de autoconhecimento, não pode surgir nenhum medo ou desejo nesse estado, e, portanto, ele é o único estado de verdadeira coragem ou heroísmo. Mesmo que por sua própria força alguém seja capaz de conquistar e subjugar todos os seus inimigos poderosos, não se pode dizer que possua verdadeiro heroísmo, pois tenta conquistá-los apenas por causa do medo de que possam causar-lhe algum mal. O medo é a única causa que impulsiona alguém a conquistar seus inimigos, e o conhecimento da dualidade é a única causa do medo. Apenas o *Jnani*, que tem a experiência da não-dualidade, não tem medo, porque nada existe como outro além de si mesmo, e, portanto, ele sozinho é verdadeiramente o grande herói [*maha-dhira*].

964. Apenas aquele [estado] que está desprovido das diferenças criadas pelo ego, a grande e densa ilusão, é a realização da Unidade [*Kaivalya-darsanam*]. Essa consciência suprema, divina, silenciosa e transcendente, que penetra tudo, é a Morada Suprema [*param-dhana*] experimentada pelos grandes Sábios.

18 Graça Divina

(*Tiruvavul Tiran*)

965. Se você, pensando Nele [Deus ou Guru], der um passo em direção a Ele, em resposta a isso, mais [graciosamente] do que até mesmo uma mãe, esse Senhor, pensando em você, virá Ele mesmo nove passos [em sua direção] e te receberá. Veja, tal é a Sua Graça!

966. Quando a graça divina é apenas a realidade que brilha [no coração de cada *jiva*] como ‘sou’ [*ullam*], a culpa de desconsiderar [ou ser ingrato para com] a realidade será adequada apenas para os *jivas* que não pensam nela [ou seja, que não se atentam a essa realidade que brilha como ‘Eu sou’] derretendo-se interiormente [com amor]; como, ao contrário, pode a culpa de não conceder doce Graça ser adequada a essa realidade?

Sadhu Om: A consciência da primeira pessoa ‘sou’ é a experiência de todos. Esta consciência de nossa existência existe em nós apenas porque Deus reside dentro de nós como o Eu devido à Sua insondável Graça. Assim, Deus está sempre concedendo Sua Graça a todos na forma da consciência ‘sou’. Já que o brilho desta consciência ‘sou’ é a maior ajuda permitindo que os *jivas* alcancem Deus e assim sejam salvos, essa consciência em si é aqui dita ser a graça divina de Deus. Portanto, é errado para os *jivas* acusarem Deus de ser ingrato para com eles. Ao contrário, uma vez que os *jivas* nunca se atentam ao Eu, a consciência de existência que brilha como ‘Eu sou’, mas sempre se atentam apenas a segunda e terceira pessoas, não é Deus, mas apenas os *jivas* que devem ser acusados de serem ingratos.

Sri Muruganar: Já que, para que os *jivas* não tenham nem a menor dificuldade em conhecer e alcançar Deus, Ele existe e brilha devido à Sua infinita Graça em cada *jiva*, não como outro, mas apenas como o Eu, a realidade daqueles *jivas*, é dito: “A graça divina é apenas a realidade que brilha como ‘sou’”; já que Deus está incessantemente concedendo Graça ao sempre brilhar nos corações de todos os *jivas*, dia e noite na forma do contínuo brilho de ‘Eu-Eu’, é dito: “Como pode a culpa de não conceder doce Graça ser adequada a essa realidade?”; já que, a menos que os *jivas* se voltem para dentro em direção a Ele e se atentem a Ele, eles não podem entender a verdade de que Deus está sempre concedendo Graça a eles, e já que é assim um grande erro para os *jivas* que não se atentam a Ele, cuja própria natureza é a Graça, acusá-lo de não conceder Graça a eles, é dito: “A culpa de desconsiderar a realidade será adequada apenas para os *jivas* que não pensam nela, derretendo-se interiormente”. Uma vez que, assim como a única realidade, o Eu, que existe e brilha como um sem um segundo no coração, em si [aparentemente] existe como muitos, então em todos os *jivas*, que são [aparentemente] muitos por causa dos adjuntos [*upadhis*], ele [aparentemente] brilha individualmente como ‘Eu-Eu’, saiba que o verbo da primeira pessoa do plural ‘*ullam*’ [uma forma contraída de ‘*ullom*’] é adequadamente usado aqui. Já que o coração [*hridayam*] é chamado de ‘*ullam*’ em tâmil porque é o lugar onde isso [o Eu] assim existe e brilha, esta palavra ‘*ullam*’ é usada aqui com um duplo significado [ou seja, ‘sou’ e ‘coração’], e portanto ambos os significados podem ser considerados aqui.

967. Embora a consciência-existência [*sat-chit*] que brilha abundantemente no [estado de] permanência - em que a mente se voltou para dentro [através da investigação ‘Quem sou eu?’] e o ego [portanto] diminuiu - seja desprovida de características e qualidades e esteja além da mente, ela aparece como Guru, [tendo características como nome e forma]. [Tal é] a Graça de Deus, que é o Ser.

Sadhu Om: Neste verso, é claramente ensinado que o Ser é o único Guru, o Ser é o único Deus e o Ser é a única Graça. Embora o Ser, que é Deus, não tenha característica [*kuri*] ou qualidade [*guna*], devido à Sua abundante Graça para com os devotos, Ele assume características e qualidades e aparece na forma de um Guru para salvá-los. Assim, Graça, Deus, Guru e Ser são um e o mesmo.

968. O ‘Eu’ dos [aqueles] verdadeiros devotos que viram a forma [ou natureza] da Graça, brilhará como a forma da realidade suprema, uma vez que o ego, o irreal *chitjada-granthi* [o nó entre o Ser consciente e o corpo insensível] que cria as agonias mentais ilusórias, morreu e não se levanta mais no coração.

Sadhu Om: A frase ‘os verdadeiros devotos que viram a forma [ou natureza] da Graça’ [*arul vannam kanda mey anbar*] pode ser entendida como significando tanto (1) aqueles verdadeiros devotos que viram o *Sadguru*, que é a encarnação da Graça [conforme explicado no versículo anterior], ou (2) aqueles verdadeiros devotos que realizaram o Ser, a verdadeira natureza da Graça, através da auto-investigação.

969. [Desde que, como explicado no verso 966, o Senhor está sempre e em todos os lugares concedendo Sua Graça a todos, brilhando neles como ‘Eu sou’] *jivas* permanecem imersos na enxurrada ambrosial da Graça; [quando é assim, sua] ilusão e sofrimento através da ilusão são tolices, [como] morrer [por causa de] não saber como saciar [sua] sede [mesmo estando] em meio à enchente de água do rio Ganga.

Michael James: Alguém que está com água até o pescoço na enchente do Ganges só precisa se abaixar para beber e saciar sua sede. Da mesma forma, como Deus ou o Guru está sempre nos concedendo Sua Graça ao brilhar dentro de nós como ‘Eu sou’, só precisamos voltar nossa atenção para dentro em direção a esse ‘Eu sou’ para beber e saciar nossa sede por Sua Graça.

970. Por que Deus imparcial, que concede [Seu] olhar gracioso a todos, descarta as pessoas más? O [divino] olho que surge como tudo, não descarta ninguém; [é apenas por causa de] a ilusão de sua perspectiva sombria e defeituosa [que parece rejeitar algumas pessoas].

Sadhu Om: A palavra em Tâmil ‘*kan*’, que significa ‘olho’, também é usada às vezes para significar

‘conhecimento verdadeiro’ ou ‘*jnana*’. Portanto, as palavras ‘o olho que surge como tudo’ [*ellamay pongum kan*] também significam o conhecimento ‘Eu sou’ que brilha como tudo. Como o conhecimento ‘Eu sou’ está brilhando em todos como a verdadeira forma da Graça, nunca se pode dizer que o Olho da Graça está rejeitando alguém.

Se tivermos que dizer: “Fulano não me viu”, não podemos fazer isso apenas depois de procurar por essa pessoa? Da mesma forma, se formos acusar Deus de não conceder Seu olhar gracioso a nós, não podemos fazer isso apenas depois de nos voltarmos para dentro e olharmos para Ele, a autoconsciência que brilha dentro de nós como ‘Eu sou’? Portanto, quando nunca prestamos atenção ao Ser, mas sempre permanecemos extrovertidos, não podemos justamente acusar Deus de não conceder Sua Graça a nós. “Voltando para dentro, veja-se diariamente com um olhar introvertido e será conhecido [que Ele está sempre concedendo Sua Graça]...”, canta Sri Bhagavan no verso 44 do *Sri Arunachala Aksharamanamalai*. O olhar extrovertido das pessoas ignorantes que nunca se voltam para dentro, é descrito no presente verso como “a ilusão de sua perspectiva sombria e defeituosa” [*avar mangun kan malai mayakku*].

Sri Muruganar: Quando Deus reside dentro de cada *jiva* como o Ser e incessantemente sempre conhece todos eles como Ele mesmo, a menos que as *jivas* o conheçam, elas não podem saber o fato de que Deus está concedendo Sua Graça a eles; portanto, é dito “a ilusão de sua perspectiva sombria e defeituosa”.

19 Existência-Consciência-Bem-aventurança

(*Sat-Chit-Ananda Tiran*)

971. Quando, ao mudar [sua direção, ou seja, voltando-se para o Eu interior], o conhecimento iludido, o intelecto [*buddhi*] que conhece outras coisas, alcança [e se funde com] o Coração [Eu interior], que é a existência pura, essa existência-consciência-bem-aventurança [*mey-arivu-ananda*] será atingida.

972. Quando [todos os seus] desvarios [ou movimentos] cessam, a mente [*chittam*], que é [em sua real natureza] a consciência [*chit*], verá a si mesma como a realidade [*sat*]. [Quando assim] a *chit-sakti* [o poder da consciência ou poder do conhecimento] se torna uma com a realidade [*sat*], o que é a [resultante] suprema bem-aventurança [*paramananda*], a restante [das três aspectos de *Brahman*], além do próprio Eu?

Sadhu Om: Conhecer [*chit*] a si mesmo como a realidade [*sat*] é bem-aventurança [*ananda*]. Conhecer a si mesmo, o Eu, como o corpo é o conhecimento iludido chamado ‘mente’ [*chittam*]. É apenas por causa desse conhecimento errôneo que tal coisa como ‘miséria’ parece entrar em existência. No entanto, quando se conhece a si mesmo como o Eu [atman], já que o *chittam* então perde sua natureza de movimento e adquire a natureza da consciência [*chit-rupa*], ele se conhece como a realidade [*sat*]. Como essa união de *sat* e *chit* é a plenitude de *ananda*, a miséria será conhecida como sempre inexistente e a verdade de que o Eu é *sat*, *chit* e *ananda* brilhará. O estado de suprema bem-aventurança [*paramananda*] que é experimentado quando o poder da consciência [*chit-sakti*] e o Senhor [Siva] cuja natureza é existência [*sat*] se tornam um, é o verdadeiro significado da forma de Ardhanariswara [o Senhor que é tanto Siva quanto Sakti].

973. Quando o ego insensível, o *jiva* que é *chit-jada* [uma combinação de consciência e insensibilidade], morre, ele brilhará como a natureza da consciência [*chit-swarupa*]. Já que a natureza da consciência permanece lá [naquele estado] como existência [*sat*] somente, a bem-aventurança [experimentada lá] é sempre o próprio Eu.

Sadhu Om: O ego ou *jiva* é um conhecimento errôneo que atua como um falso nó ligando o Eu, que é consciência [*Chit*], e o corpo, que é insensível [*jada*]. Quando esse ego morre, ou seja, quando sua identificação errônea com o corpo insensível é destruída através da auto-investigação, sua natureza de insensibilidade [*jada-swarupa*] é removida e, portanto, ele permanece brilhando como a própria natureza da consciência [*chit-swarupa*]. Como não pode haver existência além dessa consciência, essa consciência [*chit*] permanece como a única existência [*sat*], que é o Eu. Como esse estado é um estado de não-dualidade, a bem-aventurança experimentada ali também é nada mais que o próprio Eu. Portanto, o conhecimento [*chit*] do Eu, a própria existência [*sat*], é em si a bem-aventurança [*ananda*].

Sri Muruganar: A morte do ego insensível é o desfazer do *chit-jada-granthi* [o nó entre a consciência e o corpo insensível]. Desfazer o *chit-jada-granthi* significa separar, através da auto-investigação, o corpo e o Eu, que foram unidos pela ignorância [*avidya*]. “O Senhor da Montanha dançou e [assim] separou o corpo e o Eu”, canta Sri Sundaramurti Nayanar. Aqui [no verso atual], o fruto do rompimento do nó [*granthi-bheda*] é descrito como “a bem-aventurança [que é] o próprio Eu” [*tan-mattira-inbam*], e a natureza da consciência, que resulta disso [a separação do nó], é descrita como “existência somente” [*sat-mattiram*].

974. Não esquecer a consciência [ou seja, não esquecer a própria autoconsciência devido à *pramada* ou desatenção] é o caminho da devoção [*bhakti*], a relação do amor real inalterável, porque a verdadeira consciência do Eu, que brilha como a bem-aventurança suprema indissociável [não-dual] em si, surge como a natureza do amor [ou *bhakti*].

Sadhu Om: O verdadeiro conhecimento do Eu, que sempre brilha naturalmente, é a plenitude da bem-aventurança não-dual [*ananda*], porque brilha como a verdade do amor. Existência [*sat*], consciência [*chit*] e bem-aventurança [*ananda*] não são realmente três, mas uma e a mesma coisa. Devemos saber que estar consciente [*chit*] de nossa própria existência [*sat*] é em si a bem-aventurança [*ananda*]. O verso 979 deve ser

referenciado aqui. O amor por si mesmo brilha em todos os *jivas* porque o amor próprio é a própria natureza do Eu. Portanto, uma vez que o amor é a natureza do Eu, e uma vez que o Eu é a própria forma de felicidade suprema, é errado considerar a felicidade como sendo o resultado do amor; em vez de considerar o amor e a felicidade como causa e efeito, devemos entender que o amor é em si a felicidade. Uma vez que amando o Eu, se conhece o Eu e conhecendo o Eu, se ama o Eu, devemos entender também que o conhecimento em si é amor, que é felicidade. Uma vez que o Eu é a própria existência ou ser, ele nunca pode se tornar um objeto a ser conhecido, e por isso conhecer o Eu é nada mais que ser o Eu; assim devemos entender que o ser [*Sat*] em si é o conhecimento [*Chit*], que é tanto felicidade [*ananda*] quanto amor [*priyam*]. Portanto, o verdadeiro conhecimento ‘Nós, a forma do amor ou felicidade, existimos sozinhos’ é o estado de bem-aventurança perfeita, não-dual [*ananda*].

975. Quando o defeito egoísta carnal, a causa eficiente [da aparente existência da aparência do mundo], que é [ele mesmo] inexistente, for destruído, esse estado [do Eu] é a única existência [*sat*] que estava deitada [como uma base de apoio] para todos os mundos que pareciam existir, dependendo Dele [para sua aparente existência].

Sadhu Om: O ego é aqui descrito como impermanente, irreal e carnal porque identifica o corpo impermanente, irreal e carnal como ‘Eu’. Como o ego é irreal [*asat*], os nomes e formas do mundo, que são vistos apenas pelo ego, também são irreais. No entanto, o ego parece ser real porque é uma mistura do nome irreal e forma do corpo e a consciência real do Eu. Portanto, é o Eu, o aspecto real do ego, que faz os nomes irreais e formas do mundo parecerem ser reais. Assim, o Eu é a única realidade desta aparente aparência do mundo.

976. Quando a louca ilusão do ego, o único *jiva*, que é [ele mesmo] insensível, é descartada, esse estado [do Eu] é a única consciência [*chit*] que estava deitada [como uma base de apoio] para todos os *jivas*, que apareciam como se tivessem sensibilidade, para saber [ou seja, para serem aparentemente sensíveis e conhecer outros objetos].

977. Quando o miserável orgulho do ego, que é a única causa [de todo sofrimento] e que é [ele mesmo] infelicidade, for destruído, esse estado [do Eu] é a bem-aventurança [*ananda*] que estava deitada [como uma base de apoio] para todos os prazeres objetivos, que apareciam como se tivessem felicidade, para serem experimentados [como aparentemente prazerosos].

Sadhu Om: O ego é aqui descrito como o orgulho que causa toda a miséria porque se orgulha de identificar o corpo, que é completamente desprovido de felicidade, como ‘Eu’

Os três versos acima, de 975 a 977, devem ser lidos e refletidos juntos. Este mundo não parece ser uma realidade sempre existente [*sat*], todos os *jivas* no mundo não parecem ser conscientes [*chit*], e todos os objetos no mundo não parecem nos dar felicidade [*ananda*]? O segredo por trás de tudo isso é revelado nestes versos.

O corpo é impermanente [e, portanto, irreal ou *asat*], insensível [*jada*] e a fonte de todas as misérias, como doenças e assim por diante, enquanto a consciência ‘Eu’ é o brilho de *sat-chit-ananda*. O conhecimento errôneo que identifica este corpo como ‘Eu’ é o ego. É apenas durante o tempo do funcionamento do ego e apenas na perspectiva do ego, que assim confunde o corpo irreal, insensível e miserável como sendo real, consciente e uma fonte de felicidade [ou seja, como sendo *sat-chit-ananda*], que este mundo parece ser real [*sat*], os seres vivos nele parecem ser conscientes [*chit*] e os objetos nele parecem ser uma fonte de felicidade [*ananda*]. Esses três versos claramente afirmam que o ego é a única causa que faz os nomes e as formas [*nama-rupa*, os dois aspectos irreais de *Brahman*] parecerem como se fossem reais, conscientes e uma fonte de felicidade [*sat-chit-ananda*, os três aspectos reais de *Brahman*]. Impor a existência [*sat*], a consciência [*chit*] e a felicidade [*ananda*], que são reais, aos nomes e formas, que são irreais, e assim ver esses nomes e formas como reais, é a perspectiva errada [*doshadrishti*] do ego. Quando este ego é destruído através do auto-inquérito, o aparente *sat-chit-ananda* imposto ao mundo desaparecerá, e o real *sat-chit-ananda*, que é o Eu, a base ou suporte da aparência do mundo, sozinho brilhará. Somente quando o ego é assim destruído, a verdade será conhecida de que foi apenas por causa da existência [*sat*] do Eu que os nomes e formas do mundo pareceram como se realmente tivessem existência, que foi apenas por causa da consciência [*chit*] do Eu que os nomes e formas do mundo pareceram como se realmente tivessem consciência, e que foi apenas por causa da felicidade [*ananda*] do Eu que os nomes e formas do mundo pareceram como se realmente estivessem dando felicidade.

Não apenas estes versos revelam esta verdade profunda, mas o fazem de uma maneira muito bela. As primeiras e últimas palavras de cada verso denotam respectivamente *sat*, *chit* e *ananda*. No primeiro verso, o ego é descrito como sendo irreal, defeituoso e carnal [em contraste com a realidade ou *sat*], no segundo verso, ele é descrito como sendo insensível, iludido e louco [em contraste com a consciência ou *Chit*], e no terceiro verso, ele é descrito como sendo miserável, orgulhoso e desprovido de felicidade [em contraste com a bem-aventurança ou *ananda*]. Muitos outros pontos de beleza literária e linguística podem ser apontados nestes três versos, todos os quais ajudam a enfatizar a profunda verdade revelada neles.

978. Aqueles que dizem, “Se eles permanecerem como a realidade suprema, a forma de felicidade [*sukha-swarupa*], para eles não pode haver experiência de felicidade,” são aqueles que [assim] argumentam e afirmam que a forma de felicidade [ou seja, a realidade suprema, que é *sat-chit-ananda*] é meramente um objeto insensível como o açúcar.

Sadhu Om: Na intoxicação da devoção dualista, algumas pessoas costumavam dizer: “Eu não quero me tornar o próprio açúcar; prefiro permanecer como uma formiga ao lado do açúcar para provar a sua doçura”. Ou

seja, existe uma crença errônea entre alguns devotos de que o estado de não-dualidade [*advaita*] no qual se funde e se torna um com *Brahman* será um estado seco e vazio, desprovido de felicidade [*ananda*]. Somente aqueles que não alcançaram a experiência da devoção perfeita [*sampurna-bhakti*] podem acreditar ou falar assim. Consulte a página 152 de *The Path of Sri Ramana* – Part Two, onde é explicado que o devoto perfeito [*sampurnabhaktiman*] é apenas aquele que tem ‘amor sem outro’ [*ananya-priti*].

O açúcar é um objeto insensível [*jada-vastu*], enquanto uma formiga é sensível e, portanto, capaz de desfrutar da doçura do açúcar. Mas *Brahman* não é assim; Ele não é um objeto insensível como o açúcar. *Brahman*, que é a realidade [*sat*], é também consciência [*chit*] e, portanto, capaz de se conhecer. Como *Brahman* é também a felicidade [*ananda*], que é a própria natureza da consciência [*chit-swabhava*], nenhum outro objeto sensível [*chit-vastu*] é necessário para experimentar a felicidade de *Brahman*. Portanto, é tolo comparar o Eu, que não é apenas a felicidade, mas também a consciência que conhece a felicidade, a um objeto insensível como o açúcar.

É completamente errado dizer, como algumas pessoas fazem, que essa comparação foi ensinada por Sri Ramakrishna. Sri Ramakrishna, que teve a experiência perfeita de *sat-chit-ananda*, nunca teria comparado *Brahman* a um objeto insensível como o açúcar. Quando as pessoas dizem que Sri Ramakrishna costumava comparar *Brahman* ao açúcar, devemos duvidar da precisão do registro de Seus ensinamentos.

979. Embora existência [*sat*], consciência [*chit*] e felicidade [*ananda*] sejam faladas como [se fossem] diferentes, quando realmente experimentadas, essas três são [encontradas como] uma [a saber, ‘eu’, o Eu] assim como as três qualidades harmoniosas, liquidez, doçura e frescor, são [em substância] apenas uma água.

20 A Grandeza da Realidade

(*Unmai Matchi Tiran*)

980. Existir [literalmente, ser o que existe] é a natureza do Eu. Todas as coisas que não são essa [o Eu] são uma multidão de falsas imaginações [*kalpanas*] e não podem [realmente] existir. Todas elas se afastarão do Eu, mas essa [o Eu] nunca irá embora [ou seja, nunca se tornará inexistente].

Sadhu Om: A palavra ‘existência’ [*uladadal*] aqui denota nossa verdadeira existência-consciência [o sentimento de nosso ser] que está desprovida de corpo e mente. Embora a mente, o corpo e o mundo, sendo irrealis, desapareçam durante o sono, a morte e a dissolução, nós [Eu ou *Brahman*] somos o que brilha como a indestrutível existência-consciência.

981. Ele [ou seja, o Eu] que existe como a forma de consciência, não se tornará inexistente. Se se permanece desprovido de outros conhecimentos, [isto é] se as imaginações enganosas, irrealis e duais [superpostas] na consciência forem removidas, para si mesmo que [assim] existe como [mera] consciência não haverá destruição.

Sadhu Om: Apenas aquelas coisas que são conhecidas pela mente como objetos são passíveis de serem destruídas, enquanto nós, que somos existência-consciência, nunca podemos ser destruídos. Como a pura consciência ‘eu sou’ brilha mesmo depois que o ego, o conhecedor dos objetos, foi destruído, nunca pode haver destruição para nós.

982. O Eu, o Todo [*paripurnam*], parecerá completamente inexistente [*sunya*] para aqueles que têm *pramada* [desatenção ao Eu], que assassina o Eu [e que surge] quando o ‘Eu’ surge [mesmo] um pouco devido à superposição [de adjuntos ou *upadhis*] sobre o próprio supremo Eu, que é a suprema Realidade.

Michael James: *Pramada* ou desatenção ao Eu, o próprio ser, surge apenas quando o ego, o sentimento irreal ‘Eu sou fulano’, surge devido à superposição do adjunto [*upadhi*] ‘fulano’ sobre a pura consciência ‘Eu sou’. Como a superposição deste adjunto oculta a verdadeira natureza do Eu, o puro ‘Eu sou’, e faz com que pareça como se não existisse, *pramada* é dito assassinar o Eu.

Sri Muruganar: Como o pensamento ‘Eu’ é o único ego, quando ele surge [mesmo] um pouco, o vínculo surge devido ao sentimento ‘Eu sou o corpo’ [*dehatma-buddhi*], e daí a ignorância [*ajnana*] conhecida como *pramada*, que é uma queda da [permanência como] Eu, nasce. Saiba que na verdade isso é o pecado de assassinar *Brahman* [*brahma-hatja dosha*]. Para aqueles *jivas* ligados que estão assim sob o domínio do *pramada*, o Todo parecerá ser um estado que não pode ser conhecido, e [assim] parecerá como se não existisse [*sunya*].

983. Aquele que se conhece como o grande, o estado real [do Eu], em vez de erroneamente se conhecer como o que vê objetos fora, alcançará o estado de plenitude de paz, tendo perdido através da [adequada discriminação] o desejo por todos os oito *siddhis*.

Sadhu Om: Este verso também pode ser lido junto com os versos 645 a 649 no capítulo ‘A Cessação da Atenção Objetiva’.

Apenas aquelas pessoas que estão iludidas pensando que objetos existem fora e são reais, considerarão que os oito poderes ocultos [*ashta-siddhis*] são maravilhosos e dignos de serem alcançados. Mas aquele que se conhece como o Eu, a existência-consciência, e que portanto desistiu do conhecimento objetivo, entenderá a inutilidade e a irrealidade de todos os *siddhis*, e assim ele os rejeitará como triviais e permanecerá na felicidade do Eu, a única realidade.

984. O Poderoso que [sempre] se apega à realidade nunca terá medo, devido à ilusão mental, de nada.

Sadhu Om: Uma sensação de medo só pode surgir em alguém enquanto se está iludido pensando que realmente existe algo além de si mesmo. Mas o Herói que alcançou a força da permanência no Eu [*nishta-bala*] tem a firme e inabalável experiência de que Ele, a realidade, é o único que existe. Portanto, já que nenhuma outra coisa existe em sua perspectiva, nem medo nem confusão podem surgir para Ele.

21 Tudo é Brahman

(*Sarvam Brahma Tiran*)

985. É apenas o Eu, o único conhecimento puro, que, como o conhecimento irreal [a mente], faz todas as diferenças [*vikalpas*] aparecerem. [Portanto] para aquele que conhece e alcança o Eu, que é o conhecimento harmonioso, todas essas outras coisas [a aparência completa do mundo] serão [encontradas como] da natureza do único Eu.

Michael James: Todas as diferenças, como nome e forma, tempo e espaço, sujeito e objeto, são feitas para aparecer apenas pela mente, que é verdadeiramente inexistente, sendo nada mais que uma aparência irreal no verdadeiro Eu. Assim como quando a corda real é vista, a cobra irreal e inexistente é encontrada como nada mais que essa corda, então quando o verdadeiro Eu é conhecido, a mente irreal e inexistente e todos os seus produtos (a aparência completa do mundo) são encontrados como nada mais que esse Eu. É apenas neste sentido que a aparência irreal do mundo é dita ser da natureza do único Eu ou *Brahman*.

986. Apenas o Eu sempre existente, além do qual nada existe e do qual nada é diferente, é a única realidade. Tudo o que é conhecido naquele Siva [aquela única realidade], que é o Supremo que existe e brilha como *sat-chit*, é apenas aquele Supremo e nada mais.

987. Seja real ou irreal, seja conhecimento ou ignorância adquirida pelo intelecto, seja agradável ou desagradável para a mente, tudo é apenas *Brahman* e nada mais.

988. Fé [*shraddha*], descrença [*asraddha*], pensamento [*chinta*], ausência de pensamento [*achinta*], desapego [*virakti*], não desapego [*avirakti*], conhecível [*vedam*], desconhecível [*avedam*], eminência [*varam*], baixaza [*avaram*], louvável [*vaniyam*], desprezível [*avanidyam*] – tudo é apenas *Brahman* e nada mais.

Sadhu Om: Os quatro versos deste capítulo enfatizam que o Eu ou *Brahman* é a única realidade existente. Devemos entender que todos os díades ou pares de opostos mencionados nestes versos são na verdade inexistentes e que o único *Brahman* é o que existe [veja nota no verso 985]. Não devemos interpretar estes versos como significando que, uma vez que até mesmo as díades são apenas *Brahman*, a perspectiva dual é apreciada, ou para significar que não há nada de errado em se estar imerso nessas díades.

22 Harmonia Entre as Religiões

(*Samarasa Tiran*)

989. Uma vez que o Silêncio, o ápice do conhecimento, é a natureza comum [de todas e cada uma das religiões], todas as religiões [*matas*] são aceitáveis como um meio para o verdadeiro *Advaita*, que brilha único e puro, e [portanto] não são contrárias ao maravilhoso *Vedanta*.

Sadhu Om: Qualquer conhecimento que qualquer religião proclame como o objetivo ou realização final, uma vez que o Silêncio é o limite ou fronteira de todo conhecimento, o conhecimento final de cada uma dessas religiões está contido no Silêncio. Uma vez que *Advaita Vedanta* é um princípio comum tendo o Silêncio como seu objetivo, cada religião é um meio e é concordante com *Vedanta*. Refira-se aqui aos versos 1176 a 1179, 1235 e 1242.

990. Mesmo que [algumas] pessoas de mentalidade mesquinha e limitada inventem uma religião diferente devido à inimizade [com as religiões já existentes], saiba que até essa religião é aceitável para Siva, que brilha como a forma do conhecimento indivisível.

991. Na religião em que você tem fé, siga essa religião com amor verdadeiro, voltando-se para dentro em vez de argumentar externamente contra outras religiões devido ao apego [*abhimani*] à sua própria religião.

Michael James: Todos os tipos de apego [*abhimani*], incluindo até mesmo o apego à própria religião [*matabhimana*], estão enraizados apenas no ego, o *dehabhimana* ou apego ao próprio corpo como ‘eu’. Portanto, se, devido ao apego à própria religião, alguém direciona sua atenção para o exterior para argumentar contra outras religiões, estará apenas fortalecendo seu *dehabhimana* ou senso de identificação com o corpo. Como o objetivo final de todas as religiões é destruir o *dehabhimana*, deve-se voltar para dentro e conhecer a própria natureza verdadeira, erradicando assim o ego.

992. É melhor abandonar os vários argumentos sobre dualidade [*dvaita*], não-dualidade qualificada [*visishtadvaita*] e não-dualidade pura [*suddhadvaita*], e em vez disso pensar e adorar a Deus com amor maduro [*tapas*] para alcançar a riqueza da graça divina, e [assim] conhecer a realidade.

993. A religião [*mata*] só existirá enquanto a mente [*mati*] existir. Depois que ela [a mente] se fundir no coração, voltando-se para dentro e examinando essa mente [perguntando ‘Quem sou eu, essa mente?’], naquele Silêncio abundantemente pacífico nenhuma religião pode se sustentar.

Michael James: Em sânscrito e tâmil, a religião é chamada de ‘*mata*’ porque só pode existir no âmbito da mente (*mati*). Portanto, quando a mente se funde no Eu, o estado de Silêncio Supremo, através da pergunta ‘Quem sou eu?’, nenhuma religião pode permanecer. Assim, os aspirantes devem entender que todas as diferenças e controvérsias criadas pelas várias religiões diferentes existem apenas na mente, e que essas diferenças

e controvérsias só podem ser resolvidas quando a mente se volta para dentro e se funde no Eu, a realidade ou Silêncio que é (como revelado no verso 989) o fator comum e harmonioso em todas as religiões.

994. Entre a multitudinosa raça humana, apenas as crianças [ou seja, os Sábios infantis] que estão desprovidos da mente travessa, o sentido do ego, serão completamente protegidas do sofrimento pela Mãe-Pai [ou seja, Deus], que está sempre pensando nelas.

995. Apenas os puros *mahatmas* nos quais a mente mutável [*vikara manas*] não surge nem ao menos um pouco são pessoas afortunadas, porque a alegria de sentar e brincar para sempre no colo da Mãe, que é a fonte de felicidade, é a sua experiência completa.

Sadhu Om: Embora Deus seja tão compassivo que está sempre concedendo Sua Graça a todos por vontade própria, nós, o ego, obstruímos Sua Graça por nosso surgimento e nossas atividades travessas. Como os *Jnanis*, que estão desprovidos dessas atividades travessas do ego, são como bebês pequenos que não obstruem os esforços que seus pais fazem para protegê-los, eles são os únicos afortunados que sempre desfrutam da suprema bem-aventurança da Graça de Deus.

24 União com o Eu

(*Atma Muyakka Tiran*)

996. O estado que está desprovido da distinção dual ‘Eu’ e ‘Ele’ e no qual se tornou um com o Noivo, o Eu, que é o espaço do verdadeiro conhecimento [*mey-jnana*], o sentido do ‘Eu’ tendo caído, é em si a glória da castidade de ser um com Siva.

Sadhu Om: Se o verso 73 desta obra também for lido aqui, a expressão “a glória da castidade de ser um com Siva” será claramente compreendida.

997. Pode haver fala ou respiração naquela união silenciosa em que a perspectiva dual ‘Eu’ e ‘Ele’ [ou ‘Eu sou Ele’] se funde em unidade? Quando ‘Eu’ é [assim] destruído, [ou seja] quando o olhar do olho se encontra com o olho, as palavras faladas não são de uso algum.

Sadhu Om: Os dois últimos versos deste verso são o verso 1100 de *Tirukkural* [veja o verso 286 desta obra, onde o mesmo verso de *Tirukkural* é usado]. Este verso de *Tirukkural* descreve o encontro dos olhos de dois amantes, mas neste verso atual, Sri Muruganar usa o mesmo verso em um contexto espiritual.

Quando o ego é destruído, todos os sentimentos duais como ‘Deus e alma’ [*Siva-jiva*] e ‘Mestre e discípulo’ [*Guru-sishya*] também serão completamente destruídos, e portanto apenas o Silêncio permanecerá. Só quando a diferença ‘*Siva e jiva*’ existe pode o poder da fala ser usado para adorar Deus cantando *stotras* e assim por diante, e só quando a diferença ‘*Guru e sishya*’ existe pode o poder da fala ser usado para transmitir *upadesa* ao discípulo. No entanto, uma vez que o propósito de todas as palavras faladas, como *stotras* cantadas pelo devoto ou *upadesa* dada pelo Guru, é apenas para destruir o ego e, assim, fazer a diferença ‘Eu’ e ‘Ele’ se fundir em unidade no estado de suprema Silêncio, naquele estado final palavras faladas não serão mais úteis.

Como a palavra Tamil para ‘olho’ [*kan*] também significa conhecimento ou consciência, a frase “Quando o olhar do olho se encontra com o olho” deve ser entendida aqui para significar quando a atenção da consciência individual limitada [o ego] se encontra com e, assim, se funde na consciência suprema ilimitada [Self], assim como um rio se encontrando e se fundindo no oceano. Quando o ego assim se funde no Self, ele perde sua individualidade e é completamente destruído, e assim todas as dualidades e diferenças criadas por esse ego também são destruídas. Em tal estado de Silêncio perfeito, como pode haver até mesmo a menor fala ou respiração, ou qualquer outra coisa, aliás?

998. [Apenas] aqueles que se uniram [ao Self] podem conhecer a natureza daqueles que se uniram [ao Self]. Como aqueles que não se uniram [ao Self] podem conhecê-lo? A natureza daqueles que se uniram [ao Self], como uma abelha que bebeu mel, é tão grandiosa que eles não conhecem nada além do Self.

Michael James: Quando uma abelha bebe mel, ela fica tão intoxicada que não conhece mais nada. Da mesma forma, tendo-se tornado um com o Self, o *Jnani* não conhece nada além do Self, e por isso a natureza de seu estado [ou seja, a natureza de sua existência, a natureza de sua consciência ou conhecimento, e a natureza de sua bem-aventurança] não pode ser conhecida por outros que não atingiram esse estado. Compare aqui o verso 31 de *Ulladu Narpadu*.

Sri Muruganar: A natureza daqueles que se uniram à realidade, como uma abelha que bebeu mel, é tão grandiosa que não pode ser conhecida por outros. Isso ocorre porque eles não conhecem a alteridade. Apenas aqueles que se uniram podem conhecer a natureza daqueles que se uniram; aqueles que não se uniram não podem conhecê-la.

999. Mesmo por aqueles que se uniram [ao Self], a felicidade da união não pode ser pensada, mas apenas vivenciada. Aqueles que se uniram [não conseguem pensar nem mesmo no] método pelo qual alcançaram [aquele estado de] Silêncio, aniquilando o senso de ego naquele *anandatitam* [aquele estado que transcende a felicidade].

Michael James: Embora apenas aqueles que alcançaram a união com o Self possam conhecer a natureza ou estado daqueles que alcançaram essa união, nem mesmo eles podem expressá-la para os outros, mas apenas vivenciá-la. Se então fosse perguntado: “Eles não podem expressá-la para os outros porque para eles não existem outros, mas pelo menos eles mesmos não podem pensar nesse estado e como o alcançaram?”, a resposta seria que mesmo isso é impossível, porque para eles a mente pensante ou ego foi completamente destruído.

Além disso, no estado de realidade absoluta que é vivenciado pelos *Jnanis*, o estado de *ajnana* é percebido como sempre inexistente, e por isso é impossível para eles pensarem em um método pelo qual passaram do sempre inexistente estado de *ajnana* para o estado de *Jnana*, a realidade única e sempre existente. É por isso que se diz no verso 413 desta obra que é impossível traçar o caminho pelo qual os *Jnanis* alcançaram o Self. Como só existe o Self, não pode haver lugar ou estado (como o *ajnana*) fora do Self de onde ele possa ser alcançado e, portanto, não há caminho para alcançá-lo. Para um pássaro que está voando no céu, não pode haver um caminho para alcançar o céu, e para um peixe que está nadando na água, não pode haver um caminho para alcançar a água. Como somos verdadeiramente sempre o Self e apenas o Self, não pode haver um caminho ou método para alcançarmos o Self. No entanto, enquanto pensamos que não nos conhecemos como o Self, a única realidade existente, os Sábios têm que nos aconselhar a tentar descobrir quem ou o que realmente somos. Quando assim voltamos nossa atenção para nós mesmos para descobrir ‘Quem sou eu?’, descobriremos que somos sempre nada além do Self, e que o aparente ego ou individualidade que estamos erroneamente tomando como ‘Eu’ nunca existiu. Nesse estado, não podemos pensar que seguimos qualquer caminho ou método; apenas perceberemos que somos sempre como somos, e que nunca passamos por sequer a menor mudança ou movimento de qualquer tipo.

25 A Grandeza da Consciência

(*Chaitanya Matchi Tiran*)

1000. O conhecimento que vê o mundo como se fosse diferente [de si mesmo], o conhecimento objetivo que é o ego [ahankara], é meramente insensível [jada]. Quando [este] ego morre, a chama da pura não-dualidade [suddhaadvaita], que é o conhecimento da fonte da mente, brilhará.

Michael James: O ego, o conhecimento objetivo que vê o mundo como outro que não ele mesmo, é insensível [jada] e irreal [asat] porque identifica o corpo insensível e irreal como ‘Eu’. Portanto, o conhecimento real puro não-dual irá brilhar apenas quando este ego insensível, o conhecimento irreal, for destruído.

1001. A existência [sat] por si só brilha como consciência [chit]. Portanto, até que a mente [chittam] seja completamente extinta e [portanto] se torne a existência-consciência absoluta [kevala sat-chit], é impossível para a pequena mente, que é uma falsa imaginação [kalpana], um reflexo da consciência [chit-abhasa], ver a realidade, que é a consciência suprema não-dual.

1002. Apenas até que o sol apareça no horizonte oriental, a autoconceituação daquela lua [brilhará orgulhosamente] neste mundo. [Da mesma forma] apenas até que o conhecimento que é da natureza da consciência [chinmaya-unarvu ou seja, Autoconhecimento] apareça, destruindo o conhecimento ilusório, o ego, a autoconceituação do conhecimento do jiva [brilhará orgulhosamente]. Saiba assim.

Michael James: Ou seja, o conhecimento intelectual do *jiva* e a habilidade nas várias artes e ciências.

1003. Na frente do grande sol, o Eu - [que sempre brilha] no Coração, o céu da consciência [chitakasa], sem nascer e pôr - a mente do Atma-jnani é, no vasto mundo, como a lua vista em plena luz do dia.

Michael James: Durante a noite, a lua pode ser de alguma utilidade para permitir que se veja o mundo de forma tênue, mas depois que o sol nasceu, a lua não tem mais utilidade, mesmo que continue a ser vista no céu. Da mesma forma, no estado de *ajnana*, a mente, que é um mero reflexo da pura luz do Eu, pode parecer ser de alguma utilidade para iluminar o mundo, mas depois que o sol do autoconhecimento [atma-jnana] nasceu, a mente não tem mais utilidade do que a lua em plena luz do dia.

1004. Saiba que a mente que ilumina o mundo ilusório é [uma luz refletida] como a luz cintilante do espelho, refletindo a luz solar brilhante.

Michael James: O mundo ilusório de nomes e formas é projetado e iluminado apenas pela luz da mente, que é apenas um reflexo fraco da verdadeira luz do Eu. Assim como a pálida luz da lua é engolida quando a luz solar brilhante aparece, assim também a pálida luz da mente é engolida quando a brilhante luz do Eu surge (veja o verso 857). Quando a luz da mente é assim engolida, os nomes e formas ilusórios do mundo, que dependiam dessa luz solar para sua aparente existência, também desaparecerão, sendo encontrados como irrealis diante da luz real da autoconsciência. (Veja o verso 114 desta obra).

1005. O estado em que não se vê um segundo objeto pessoa, o estado em que não se ouve um segundo objeto pessoa, o estado em que não se conhece um segundo objeto pessoa – saiba que esse estado é o infinito [bhuma].

Michael James: O *upadesa* dado por Sri Bhagavan neste verso é o mesmo que o dado por Sanatkumara no *Chandoyga Upanishad*, 7.24.1, ou seja, “Esse [estado] em que não se vê o que-é-outro [anya], não se ouve o que-é-outro e não se sabe o que-é-outro, é o Infinito [bhuma], enquanto que [estado] em que se vê o que-é-outro, ouve o que-é-outro e sabe o que-é-outro, é finito [alpa]. O que é infinito [bhuma], sozinho é imortal [eterno e, portanto, real], enquanto o que é finito [alpa] é mortal [transitório e, portanto, irreal] ...”. No mesmo *Upanishad* 7.25.1 e 7.25.2, o Infinito [bhuma] é identificado como sendo sinônimo primeiro de ‘Eu’ (*aham*) e depois de Si mesmo (*atma*). Portanto, neste verso e no próximo, a palavra ‘*Bhuma*’ deve ser entendida como significando Si mesmo ou *Brahman*, nosso verdadeiro estado de mero ser.

A partir do presente verso, temos que entender que qualquer estado em que haja até mesmo o menor conhecimento de qualquer segundo ou terceiro objeto pessoa não é o verdadeiro estado do Eu, o verdadeiro

despertar; é apenas outro sonho ocorrendo no sono do esquecimento de Si (consulte aqui *O Caminho de Sri Ramana* – Parte Um, p. 143). Portanto, qualquer que seja o estado que possamos experimentar, mesmo que seja um estado divino ou celestial como viver em *Siva Loka* ou *Vaikuntha*, desde que experimentemos qualquer coisa além da mera consciência do Eu ‘Eu sou’, devemos questionar ‘Quem conhece essas outras coisas?’ e, assim, voltar nossa atenção para o sentimento da primeira pessoa ‘Eu’. Quando a atenção é assim fixada de forma cada vez mais intensa na primeira pessoa, o surgimento dessa primeira pessoa (o ego ou a mente que vê essas outras coisas) diminuirá cada vez mais, até finalmente se fundir para sempre em sua fonte, e então o verdadeiro estado do Eu, em que nada além da mera consciência do Eu ‘Eu sou’ é conhecido, será experimentado.

1006. Onde o que é visto, o que é ouvido e *pramada* [ou seja, o ego, cuja natureza é *pramada* ou desatenção para o Eu], que tem a grandeza de ver a finitude, são [todos] destruídos, [esse] imensurável *Bhuma*, [cuja forma é] o conhecimento não-dual [*advaita-jnana*], é a única a pura felicidade da paz abundante.

Michael James: O *upadesa* dado por Sri Bhagavan neste verso é o mesmo que o dado por Sanatkumara no *Chandogya Upanishad*, 7.23.1, ou seja, “O que é infinito [*_bhuma*] é a única felicidade [*sukham*]. No finito [*alpa*] não há felicidade. O infinito é a única felicidade [*bhumaiva sukham*]” Mas no presente verso Sri Bhagavan revela mais sobre a natureza desse *Bhuma*, que é a única felicidade, ou seja, é o *Jnana* não-dual que está desprovido de qualquer coisa vista ou ouvida, e que está desprovido até mesmo do ego, cuja natureza é *pramada* (desatenção para o Eu) e cuja chamada ‘grandeza’ está apenas em conhecer objetos finitos. A partir dos dois versos deste capítulo, devemos entender que a verdadeira felicidade está apenas no estado infinito, eterno e real do conhecimento não-dual, que está desprovido tanto da mente que conhece quanto dos objetos conhecidos, e que nem mesmo a menor felicidade real existe no estado finito, transitório e irreal do conhecimento dual, em que objetos são conhecidos.

27 O Espaço do *Jnana*

(*Jnana Veli Tiran*)

1007. Ó homens que – depois de correr por todo o mundo e depois de ver e adorar homens santos – estão pesquisando a verdade com grande amor, se vocês examinarem a suprema realidade que [aqueles] grandes *tapasvins* claramente conhecem, [vocês descobrirão que é nada mais do que] o espaço aberto e vazio de *Jnana*.

Michael James: A realidade que é experimentada pelos *Jnanis* é apenas o espaço vazio de *Jnana* (o conhecimento da própria existência), isto é, a mera consciência ‘Eu sou’. Este espaço de *Jnana* é o mesmo que o *Bhuma* descrito no capítulo anterior, e é dito aqui ser um espaço aberto e vazio porque é o estado que está completamente desprovido tanto de objetos para conhecer quanto de uma mente para conhecê-los.

1008. Quando examinado, aquilo que é mostrado e dado pelos Pais-Gurus [os gurus como pais] aos discípulos que procuram mestres espirituais, correndo ao redor do mundo, é apenas o maravilhoso espaço de *Jnana* [a mera consciência ‘Eu sou’].

1009. O objetivo eterno, que é o refúgio em que as errâncias cansativas aqui e ali chegam ao fim, [e que é dado por] o Guru-*Jnana*, que é *Siva*, a suprema realidade, que brilha triunfantemente como a existência-consciência sem defeitos [*sat-chit*], é apenas o maravilhoso espaço de *turiya* [o vazio espaço de *Jnana*].

Michael James: As errâncias cansativas através de tantos nascimentos e mortes, bem como as errâncias cansativas do corpo e da mente em cada nascimento, chegam ao fim.

1010. Se, até o fim, se faz um esforço total para alcançar a permanência [como o Eu], que remove a escravidão [na forma] de desejos [*sankalpas*], assim como uma cobra remove sua pele, o que emerge é [apenas] o espaço aberto e vazio de *Jnana*.

1011. A glória da luz do espaço da consciência [*chit-akasa jyoti*] é o crematório no qual o *jiva*, o reflexo ilimitado da consciência [*chit-abhasa*], está completamente morto [e está sendo queimado até as cinzas]. É como [um fogo] pegando uma densa floresta seca e se espalhando e queimando sem limite.

Michael James: O *jiva*, o reflexo da consciência, é aqui descrito como ilimitado porque é a causa-raiz de uma quantidade ilimitada de tendências (*vasanas*), as sementes que dão origem a todas as imaginações ignorantes (*ajnana-kalpanas*). Quando este *jiva* é completamente destruído e está queimando junto com todas as suas *vasanas* no fogo do conhecimento verdadeiro (*jnanagni*), o crematório no qual assim queima é a expansão da pura consciência (*chit-akasa*), cuja luz é como a expansão do fogo ardente que pega e se espalha instantaneamente por uma vasta, densa e seca floresta, reduzindo-a completamente a cinzas. Nesta simile, a madeira seca da vasta floresta deve ser entendida como sendo como as inúmeras *vasanas* do *jiva*, que se tornaram secas como resultado da *vairagya* do *jiva* ou desatenção a elas, e que assim se tornaram combustível apto para o fogo do *Jnana* (veja páginas 102 a 103 de *O Caminho de Sri Ramana* – Parte Um). A Luz da pura consciência, que aqui é dita ser como um incêndio florestal que se espalha por todo o lado e instantaneamente consome o ego e todos os seus produtos (a aparência total do mundo), é a mesma que o sol ardente de Arunachala (o sol do autoconhecimento) que, como descrito no verso 27 de *Sri Arunachala Aksharamanamalai* e no verso 1 de *Sri Arunachala Pancharatna*, engole tudo por seus raios de luz brilhante que se espalham (veja o verso 114 deste trabalho).

1012. Saiba que aquilo que é digno [para ser alcançado] é apenas o Silêncio, que é mero Eu, o [errado] conhecimento 'Eu' tendo morrido como ignorância [*ajnana*]. Se você perguntar a verdade, "Por que [é assim]?", [é porque aquele estado de Silêncio é] o espaço [de *Jnana*] no qual nada existe para desejar e [portanto] ser uma causa de miséria.

Michael James: O desejo é a única causa da miséria e só pode surgir se algo diferente de si mesmo existir. Portanto, como o Silêncio, o estado do Eu, é o espaço da mera consciência em que nada além do Eu existe, ele sozinho é digno de ser alcançado. Para atingir este Silêncio, o ego, o conhecimento errado 'Eu sou o corpo', deve ser destruído, tendo sido encontrado como nada além de uma ignorância inexistente.

1013. Saiba que a glória do vasto espaço do verdadeiro conhecimento [*mey-jnana*], cuja grandeza não pode ser superada por nada mais, não pode ser facilmente vista por nenhum outro meio, senão pela Graça do Guru, que destrói [todos nossos] defeitos.

1014. Aqueles que viram a glória de [aquele] vasto espaço [de *Jnana*] serão transformados em Siva supremamente feliz e silencioso, tendo destruído o nascimento [e a morte], que foram multiplicados cada vez mais por causa da vaidade do apego [ao corpo como 'Eu'] e a outra vaidade [de tomar os objetos deste mundo, incluindo o corpo, para serem 'meus'].

1015. O assunto para *Parasakti*, que se apresenta como o predicado, tendo como objetos todas as coisas que são conhecidas pelos cinco - degustar, cheirar, ver, ouvir e tocar - é o espaço de *Jnana*, o estado maravilhoso.

Sadhu Om: Em uma frase, o objeto depende do predicado ou verbo principal, e o predicado depende do sujeito. Sem o predicado e objeto, o sujeito pode se manter, mas sem o sujeito, o predicado e objeto não podem se manter. Neste verso, toda a aparência do mundo, que consiste meramente no conhecimento adquirido através dos cinco sentidos, é comparada ao objeto de uma frase; *Parasakti*, o poder de *maya* que cria esta aparência de mundo, é comparado ao predicado ou verbo principal de uma frase; e o espaço vazio de *Jnana*, o verdadeiro estado do Eu no qual tanto *Parasakti* quanto Sua criação dependem para sua existência aparente, é comparado ao sujeito de uma frase. Assim, de uma forma humorística, Sri Bhagavan declara que todo este vasto universo e seu poderoso criador existem apenas dependendo de um mero espaço aberto e vazio.

Outro significado oculto também é dado neste verso. A palavra tâmil para 'sujeito' é '*ezhuway*', que também pode significar 'o lugar que surge'; a palavra tâmil para 'predicado' é '*payanilay*', que também pode significar 'inútil'; e a palavra tâmil para 'objeto' é '*seyyappadu porul*', que significa 'a coisa feita'. Assim, Sri Bhagavan indiretamente adverte: "Se você se eleva do espaço de *Jnana* e cria tantas coisas, não é de nenhum uso".

Ao longo deste capítulo, dos versos 1007 a 1015, o estado de *Jnana* - o supremo objetivo da vida [*parama-purushartha*] que finalmente deve ser alcançado por *sadhakas* após praticar tantas *sadhanas* e fazer tantos sacrifícios ao longo de muitos nascimentos - ao invés de ser glorificado como uma grande conquista, é descrito como "um espaço aberto e vazio, um mero espaço que não contém nada além que possa ser desejado ou alcançado, um mero estado de silêncio absoluto". No entanto, deve-se entender que a razão pela qual Sri Bhagavan aparentemente ridiculariza o estado de *Jnana* desta maneira é apenas para nos permitir conhecer a verdadeira grandeza desse estado semelhante a um espaço vazio. Ou seja, Sri Bhagavan ensina nesses versos que, uma vez que não apenas todos os incontáveis objetos deste universo grande e vasto inimaginável, mas até a *parasakti* que os cria e sustenta, surgem e se espalham apenas do espaço do autoconhecimento [*atma-jnanakasa*], que é a mera consciência 'Eu sou', o estado supremo e insuperável é apenas o estado de *Jnana*, o mero conhecimento de nossa própria existência, que é a base que suporta a onipotente *Parasakti*.

Desde que, tendo surgido e abandonado o estado de mera existência-consciência [o conhecimento de seu próprio ser], as mentes de todos os *jivas* sempre permanecem extrovertidas e se orgulham apenas do conhecimento objetivo, eles não estarão aptos a alcançar o estado de *moksha* ou *Jnana* a menos que renunciem a esse gosto pelo conhecimento objetivo e, em vez disso, adquiram um grande amor e encontrem completa satisfação no estado do mero ser. É apenas para ensinar essa verdade e, assim, instilar firme *vairagya* nos corações de Seus devotos, que Sri Bhagavan glorifica o estado de *Jnana* descrevendo-o neste capítulo como um mero espaço aberto e vazio. Também é apenas por essa mesma razão que Sri Bhagavan uma vez comentou humoristicamente: "Todos que vêm aqui dizem que vieram apenas para *moksha*. Mas se até mesmo uma pequena experiência de *moksha* fosse dada como amostra, isso seria suficiente, e nem mesmo um único corvo ou pardal ficaria aqui; todos voariam para longe e eu ficaria sentado aqui completamente sozinho!"

28 O Espaço da Consciência

(*Chit-Ambara Tiran*)

1016. Vagar por aí em busca do espaço da consciência [*chit-ambara*], que existe e brilha em todos os lugares como o Eu, é como procurar com uma tocha flamejante pelo sol em plena luz do dia, que com sua supremacia faz a branca lua sentir vergonha.

Sri Muruganar: O espaço da consciência [*chitrambalam* ou *chit-ambara*] é o que também é chamado de espaço do coração [*daharakasa* ou *hridayakasa*], o espaço da consciência [*chidakasa*] e o espaço do conhecimento [*jnanakasa*]. Essa é a verdadeira forma de Deus, que brilha como o Eu.

1017. 'Eu' [o ego] é irreal; isto [o mundo], que não é [esse 'Eu'], também é irreal; o conhecimento que sabe 'Que Eu sou isto [corpo]' também é completamente irreal [ou esse 'Eu', o conhecimento que sabe disso, também é completamente irreal]; a causa primordial [*mula-prakriti*] que faz o

triângulo [*triputi*] aparecer, também é irreal. Apenas o maravilhoso espaço da consciência [*chit-ambara*] é real.

Michael James: A causa primordial (*mula-prakriti*) mencionada aqui é *maya*, a mente ou o ego. O espaço da consciência, que é o único real, é o mesmo que o *Bhuma* descrito nos versos 1005 e 1006, cuja natureza é a mera existência-consciência e que está completamente desprovido do irreal triângulo - o conhecedor (o ego), o ato de conhecer e os objetos conhecidos.

1018. Aqueles que estão iludidos, pensando ‘O que é conhecido através dos cinco sentidos é real’, e que deixam de lado como irreal o seu próprio estado [do Eu], que é o espaço da consciência no qual todos os muitos mundos vastos e lotados aparecem [como imagens numa tela de cinema], não podem alcançar o benefício supremo [do autoconhecimento].

1019. Quem mais além dos *Jnanis*, que brilham como o próprio Siva, tendo destruído as impurezas da mente [isto é, as tendências ou *vasanas*], pode conhecer claramente a grandeza do glorioso espaço da consciência [o estado do verdadeiro *Jnana*], que não é tocado por nenhum defeito ou deficiência?

28 Revelação

(*Arivurutta Tiran*)

1020. “Portanto, esse espaço da consciência é em si mesmo o verdadeiro supremo Siva, que não pode ser descrito por ninguém” – dizendo assim, o divino Senhor Ramana, o supremo *Jnani*, revelou-me o estado do Eu, que é o próprio Siva.

1021. O Eu mesmo revelou graciosamente e concedeu o Eu, que é a forma do Eu, no momento, que é a forma do Eu, e no lugar, que é a forma do Eu; para que o Eu possa atingir [a si mesmo], ele percebeu a si mesmo como a forma do Eu.

Sadhu Om: Nos dois versos acima, Sri Muruganar expressou a experiência do supremo *Jnana* que lhe foi concedida pela Graça de Seu *Sadguru*, Bhagavan Sri Ramana. O estado de ausência de ego de Sri Muruganar pode ser claramente compreendido aqui pelo fato de ele dizer que o Eu percebeu a si mesmo, e não, “Eu percebi o Eu”.

Verdadeiramente, nenhum *jiva* pode jamais perceber o Eu; é o Eu sozinho que se percebe [referir-se às páginas 105 a 106 de *O Caminho de Sri Ramana – Parte Um*]. Além disso, pelas palavras usadas no verso 1021, “no momento, que está na forma do Eu, e no lugar, que é a forma do Eu”, devemos entender que o Eu não se percebe em nenhum momento ou lugar específico. Como o tempo e o espaço são ambos irrealis, sendo nada mais que uma falsa aparência no verdadeiro Eu, a experiência de um *Jnani* é que Ele, o Eu, sempre se conheceu em todos os momentos e em todos os lugares. Para Ele, a ignorância [*ajnana*] é algo que nunca existe, então, embora na perspectiva dos outros possa parecer que Ele atingiu *jnana* em um momento e lugar específicos, em Sua própria perspectiva Ele não sente verdadeiramente que uma vez estava na ignorância e agora atingiu *Jnana* [veja o verso 1085].

30 O Estado do Eu

(*Atma Nilai Tiran*)

1022. Quando o ego, que projeta o mundo mas se esconde [sendo incapaz de conhecer sua própria verdadeira natureza], entra no coração [ao indagar] assim ‘Qual é a fonte brilhante de mim mesmo?’, o supremo conhecimento que irradia triunfantemente e com vigor [na forma do *sphurana* ‘Eu-Eu’] é o interminável e real estado do Eu.

Sadhu Om e Michael James: A própria natureza do ego é atender apenas a coisas diferentes de si mesmo. Portanto, o ego não sabe quem ou o que ele é. Essa ignorância de sua própria natureza (isto é, a ignorância do fato de que ele verdadeiramente não tem existência própria) é o que é significado aqui pelas palavras “o ego que se esconde” (*olikkum ahankaram*). Mas se esse ego transitório e irreal, que surge na forma do conhecimento errado ‘Eu sou isto’ ou ‘Eu sou aquilo’, tenta desviar sua atenção do mundo das segundas e terceiras pessoas, que ele projeta através dos cinco sentidos, e para si mesmo, a primeira pessoa, para descobrir ‘Quem sou eu?’, ele subsistirá em sua fonte, o coração ou Eu, ondeupon o estado eterno e real brilhará por si só na forma do verdadeiro conhecimento ‘Eu sou Eu’.

1023. Se - em vez de girar com desejo [por prazeres mundanos] por conhecer objetivamente outras coisas que aparecem diante dele devido à atenção objetiva - a mente perversa atende a si mesma, perguntando ‘Quem sou eu que conheço objetos?’, [ela alcançará aquele estado de] permanência em sua própria realidade que é o único verdadeiro estado [do Eu].

1024. Independentemente de qual *asrama* eles tenham entrado e de qual casta [*varna*] eles tenham nascido, os *Jnanis* permanecerão sempre em seu próprio estado [o estado natural do Eu]. Apenas o próprio estado deles é o estado real; diga-me, por outro lado, não são todos os outros estados [como os *varnas* e *asramas*] meramente estados irrealis [uma vez que pertencem apenas ao corpo irreal]?

1025. O estado do Eu é o único estado real e amável. Por outro lado, todos os estados de viver no céu, [que é] como um lótus do céu, são apenas estados mentais irrealis que se alimentam cada vez mais de ilusão e que, como a água de uma miragem, aparecem [apenas] devido à imaginação.

Sadhu Om: As palavras ‘como um lótus do céu’ [*van-murali pol*] podem dar dois significados, a saber (i) ‘[céus] como o *Brahma-Loka*’ [porque o trono de Brahma, cuja morada está no céu, é um lótus], e (ii) ‘como um lótus imaginário no céu’. Assim como o lótus imaginário visto no céu e como a água imaginária vista numa miragem, todos os estados que não o estado do Eu são meras ilusões mentais e são verdadeiramente inexistentes. Até os prazeres de viver nos vários tipos de céus como o *Brahma Loka* são triviais e irrealis, e por isso eles não podem satisfazer nosso anseio por felicidade completa e perfeita, assim como a água de uma miragem não pode saciar nossa sede. Portanto, o único estado que é verdadeiramente digno de ser amado e aspirado é o estado do Eu.

1026. Embora a própria realidade natural de alguém exista [e seja experienciada diariamente no sono profundo] como a suprema felicidade, [a] busca pela felicidade e [portanto] o sofrimento com a mente iludida e enganosa sempre indo atrás do que-é-outro [o não-Eu], é em si a perda daquilo que é felicidade.

Sri Muruganar: Como a verdade atual de sua própria experiência é expressa por todos assim: “Eu acordei do sono; eu dormi felizmente”, é concordado por todos que o Eu brilha como a forma de felicidade no estado natural do sono, onde a mente está vazia e desprovida de apego aos objetos dos sentidos. Se for perguntado por que essa felicidade, que existia como a própria natureza naquele estado, deixa de ser experimentada assim que o sono termina, é por causa do desejo de correr atrás de objetos sensoriais, tendo se separado do próprio estado. Portanto, é aconselhado que se atinja a felicidade inigualável que é a própria experiência verdadeira, mantendo a mente inabalável pelo desejo por objetos sensoriais, que surge devido à ilusão, conhecendo a si mesmo e brilhando sem desatenção [*pramada*], permanecendo pacífico mesmo no estado de vigília como no sono.

1027. Os *Jnanis* sabem que o sabor do Eu [*atma-rasam*] é o melhor sabor [*ati-rasam*], e por isso permanecem no estado do Eu. Aqueles que não sabem que a felicidade do Eu é definitivamente a mais alta, permanecem no estado do mundo [ou seja, permanecem imersos na vida mundana buscando apenas prazeres mundanos].

Michael James: No apêndice de *Guru Vachaka Kovai – Urai*, Sri Sadhu Om incluiu onze versos avulsos de Sri Bhagavan e deu notas indicando onde cada um deveria ser incorporado no texto. No verso 6 desse apêndice, que deveria ser incorporado aqui, Sri Bhagavan diz:

Se [através da pergunta ‘Quem sou eu?'] se conhece a própria natureza no coração, [ela será encontrada como] existência-consciência-felicidade [*sat-chit-ananda*], que é a plenitude [inteireza ou perfeição] sem começo e sem fim.

No versículo acima, Sri Bhagavan parafraseou o versículo 28 de *Upadesa Undiyar*.

1028. Aqueles que não sabem que sua própria natureza é a felicidade, serão iludidos como um veado-almiscarado, [enquanto] aqueles que claramente conhecem sua própria natureza [como existência-consciência-felicidade], permanecerão em seu próprio estado [do Eu] sem prestar atenção ao mundo [e sem buscar felicidade nos objetos mundanos].

Michael James: O veado-almiscarado emite um odor agradável, mas não sabendo que o odor está vindo apenas de si mesmo, corre para lá e para cá em busca da fonte desse odor. Da mesma forma, não sabendo que toda a felicidade que desfrutam vem apenas do seu próprio Eu, cuja natureza é a felicidade, as pessoas ignorantes (*ajnanis*) correm atrás de objetos mundanos em busca de felicidade. Compare aqui o verso 585 desta obra, e as páginas 36 a 40 de *The Path of Sri Ramana* – Parte Um.

1029. O que é chamado de felicidade é apenas a natureza do Eu; O Eu não é diferente da felicidade perfeita. Só existe o que é chamado de felicidade. Conhecendo esse fato e permanecendo nesse estado do Eu, desfrute da bem-aventurança eternamente.

Sadhu Om: Consulte a obra *Quem sou eu?*, onde Sri Bhagavan diz: “O que é chamado de felicidade é apenas a natureza do Eu; a felicidade e o Eu não são diferentes. A felicidade do Eu [*atma-sukha*] é a única que existe; só isso é real.”

31 O Poder do Eu

(*Atma Vala Tiran*)

B20. Proclame assim, “Quem quer que tenha conquistado os sentidos pelo conhecimento [*jnana*], sendo um conhecedor do Eu [*atmavid*] que permanece como existência-consciência, é o fogo do conhecimento [*jnanagni*]; [Ele é] o portador do raio do conhecimento [*jnana-vajrayudha*]; Ele, Kala-kalan, é o herói que matou a morte.

Michael James: O portador do raio (*vajrayudha*) é Indra, o mais poderoso dos deuses, que é considerado por alguns seguidores do *karma-kanda* (a parte dos *Vedas* que ensina ações ritualísticas para o cumprimento dos desejos mundanos) como o Senhor Supremo do Universo. Portanto, neste verso, Sri Bhagavan diz a tais *karma-kandis* que o verdadeiro Indra, o *JnanaIndra*, é apenas o *Atma-jnani*.

A palavra ‘kala’ significa ‘morte’ ou ‘tempo’, e é um nome de Yama, o Deus da morte. *Kala-karan* significa ‘morte à morte’ ou ‘conquistador do tempo’, e é um nome do Senhor Shiva, que matou Yama.

Assim, neste verso, Sri Bhagavan revela que o *Jnani* não é meramente uma encarnação de qualquer Deus particular. O *Jnani* é o próprio *Jnana*, e portanto Ele é nada menos que Indra, Senhor Shiva e todos os outros Deuses. Como o *Jnani* conquistou os sentidos, através dos quais todo o universo é projetado, Ele conquistou,

na verdade, o universo inteiro. Portanto, em todo o universo, não há poder maior que o poder da permanência do Eu do *Jnani*.

O verso acima de Sri Bhagavan, que também está incluído em *Ulladu Narpadu –Anubandham* como o verso 28, resume as ideias expressas nos dois versos seguintes de Sri Muruganar.

1030. Somente o poderoso *Jnani*, que conquistou os cinco [sentidos] pela permanência do Eu, que irrompe inobstruído [mesmo pela menor *pramada*], é o portador do raio de *Jnana* que destruiu Yama, que nunca voltará vazio [de mãos vazias]; [Ele é] o sol de *Jnana*, que destrói [a escuridão da] aparência de [os seis inimigos internos, ou seja, desejo, raiva, avareza, ilusão, orgulho e] ciúme.

1031. Saiba que Ele [o *Jnani*] que, irritadamente o fazendo voltar para o coração [através da atenção ao Eu], destrói o cruel Surapadma, o ‘Eu’ [ou ego], que possui o poder de criar e sustentar todos os mundos através dos seis sentidos, é Kumara [Senhor Subrahmanya], que se deleita na bem-aventurança suprema.

Sadhu Om: Uma vez que é apenas através da mente que se é capaz de conhecer o mundo através dos outros cinco sentidos, a mente às vezes é contada como um dos sentidos, fazendo com que eles sejam seis em número.

O fato de que o verdadeiro *Jnani*, que conquistou e destruiu o ego, é a encarnação de todas as formas de Deus [*Isvara-murtis*], também é revelado por Sri Bhagavan no verso 6 de *Devikalottaram*, “Ele é o de Quatro Faces [Brahma], Siva e Vishnu; Ele é o rei dos *devas* [Indra] e Guha [Senhor Subrahmanya]; Ele sozinho é o Guru de todos os *devas*; Ele é o grande Yogi e o possuidor da riqueza de todas as *tapas*.”

1032. Ó homens que estão [erroneamente acreditando] que este corpo, que é [insensível como] uma imagem, é ‘Eu’, uma imagem pode pensar em alguma coisa? Aquilo que pensa e aquilo que esquece é só a alma. Portanto, aquilo que é chamado ‘Eu’ é [não o corpo insensível, mas] só isso [a alma sensível].

Sadhu Om: Neste verso, o ego ou *jiva*, o falso ‘Eu’, é referido como se fosse o verdadeiro ‘Eu’. Por quê? Já que o objetivo inicial de Sri Bhagavan é apenas provar que o ser sensível é apenas a *jiva* ou mente que pensa e esquece. Ele então conclui que o corpo, que é insensível e que não pode pensar em nada, portanto, não é ‘Eu’. Então, no próximo verso, Ele revela a verdade de que mesmo essa mente não é o verdadeiro ‘Eu’. Assim, o método de ensino adotado por Sri Bhagavan nestes dois versos é o mesmo que o mencionado em *Kaivalya Navanitham*, capítulo 1, verso 18, a saber, “Como mostrar a lua crescente ao primeiro mostrar algumas árvores na terra, e como mostrar Arundhati [uma pequena estrela] ao primeiro mostrar algumas [maiores] estrelas no céu ... “.

1033. Quando esse corpo é [assim encontrado para ser] diferente [do ‘Eu’], deve haver outra alma [ou vida] tendo como seu corpo a alma, cuja forma é ‘Eu sou o corpo’, brilhando dentro dessa alma. Quando isso é assim, exceto aquela [outra alma], que é a verdadeira alma, pode haver outras almas? Me diga.

Sadhu Om: A alma que pensa e esquece mencionada no verso anterior é a *jiva*, cuja forma é o pensamento ‘Eu sou o corpo’. Mas já que aquele verso conclui que o corpo não é ‘Eu’, a *jiva* ou ego é encontrada para não ter na verdade nenhuma forma. Em outras palavras, já que a *jiva* não é nem o corpo insensível nem a consciência ‘Eu sou’, mas é apenas um elo falso que aparentemente entra em existência quando essas duas coisas diferentes são confundidas como sendo uma e a mesma, temos que concluir que a *jiva* não tem existência real e que, portanto, ela não pode ser ‘Eu’, a verdadeira alma ou vida. Assim, devemos aceitar que existe outra alma [outra realidade sensível] que tem estado existindo todo este tempo dentro daquela *jiva* insensível, ativando-a e tendo-a como seu abrigo. Esta outra alma [o Eu], que tem a *jiva* como seu corpo e que é a consciência ou vida que faz aquela *jiva* insensível parecer como se fosse sensível ou viva, é a única alma real. Quando o Eu [a verdadeira, pura consciência ‘Eu sou’] é assim encontrado para ser a única realidade das *jivas* [a consciência mista e irreal ‘Eu sou o corpo’], como pode haver almas verdadeiramente existentes além do Eu? Assim, este verso ensina que, exceto o Eu, a única e verdadeira alma ou vida, nunca existe nenhuma alma em nenhum momento ou em nenhum lugar.

Michael James: Consulte aqui o verso 1051.

1034. A realidade que brilha plenamente, sem miséria e sem um corpo, não só quando o mundo é conhecido, mas também quando o mundo não é conhecido [como no sono], é a sua verdadeira forma [*nija-swarupa*].

1035. Deixe o mundo que é conhecido [através dos cinco sentidos] ser real ou descartado como uma imaginação da mente que conhece [o mundo], você não existe lá como a forma da consciência que conhece? Aquela, a pura consciência [‘Eu sou’], sozinha é a forma do Eu [*atma-swarupa*].

1036. A realidade que é a mera consciência [da própria existência] que permanece quando a ignorância [dos objetos] é destruída junto com o conhecimento [dos objetos], só essa é o Eu [*atma*]. Naquela *Brahma-swarupa*, que é a plena autoconsciência [*prajnana*], não há a menor ignorância [*ajnana*]. Saiba assim.

Sadhu Om: As pessoas geralmente pensam que o estado de não conhecer outras coisas é um estado de ignorância [*ajnana*]. Mas isso não é correto. Na verdade, o conhecimento de outras coisas é em si mesmo a ignorância [veja *Ulladu Narpadu*, versículo 13]. Como mesmo durante a ausência do chamado conhecimento de

outras coisas, que não é nada além de ignorância, o puro autoconhecimento ‘Eu sou’ é experimentado por todos, esse conhecimento da própria existência é apenas o conhecimento perfeito [*purna-jnana*]. Este conhecimento, que é diferente de outros conhecimentos, é referido neste verso como ‘a realidade que é apenas [ou vazia] consciência’ [*v_etrarivana unmai_*], ‘Eu’ [*atma*], ‘Autoconsciência’ [*prajnana*] e ‘*Brahma-swarupa*’.

1037. Não é apenas aquilo que é desprovido de ignorância [*ajnana*], mas também o Eu, que é o conhecimento perfeito [*sujnana*]. Se não fosse o verdadeiro conhecimento [*sat-bodha*], como poderiam as diferenças do intelecto nascer dele?

Sadhu Om: A frase ‘as diferenças do intelecto’ [*vijnanabheda*] significa o conhecimento das diferenças [o conhecimento de díades e tríades] que brilha no intelecto ou *vijnanamaya-kosa* e que é experienciado por todos os *jivas*. Embora este conhecimento qualificado [*visesha jnana*] seja irreal, a base da qual ele aparentemente surge ou nasce deve ser um conhecimento ou consciência real. Portanto, deve-se concluir que o Eu [*atma*], a fonte do intelecto, é da natureza do conhecimento [*jnana*]. Refira-se aqui ao verso 12 de *Ulladu Narpadu*, “... Saiba que o Eu é conhecimento, não um vazio”.

1038. Esse conhecimento não é uma qualidade [*guna*] do Eu, porque a natureza do Eu é *nirguna* [desprovida de qualidades]. Além disso, o autoconhecimento não é um ato [de conhecimento], porque [o Eu é] sem ação [*akartritva*]. Portanto, o conhecimento é a própria natureza [do Eu].

Michael James: Como o Eu é a realidade não-dual, não há outra coisa para conhecer o Eu, e portanto é o Eu sozinho que se conhece. Mas como o Eu é por natureza sem ação e, portanto, sem ação, o conhecimento do Eu por si mesmo não é um ato de conhecimento; o Eu se conhece não por um ato de conhecimento, mas por ser ele mesmo [veja *Upadesa Undiyar* versículo 26, “Ser o Eu é em si mesmo conhecer o Eu, porque o Eu é aquilo que é desprovido de dualidade ... “]. Portanto, segue-se que a própria natureza do Eu é o conhecimento, embora seja um conhecimento que está desprovido do ato de conhecer. É por isso que Sri Bhagavan diz no verso 12 de *Ulladu Narpadu*, “... Aquele que conhece não pode ser o [verdadeiro] conhecimento...”. A mesma verdade também é expressa por Sri Muruganar no verso 831 de *Mey Tava Vilakkam*, onde ele diz, “O verdadeiro ‘Eu’ é tal conhecimento que não conhece nem outras coisas nem a si mesmo”. Como o autoconhecimento é não-dual, é um conhecimento que brilha sem a tríade [*triputi*] - o conhecedor, o ato de conhecer e o objeto conhecido - e, portanto, é bastante diferente de outros tipos de conhecimento, todos os quais envolvem o ato de conhecer. Veja também *O Caminho de Sri Ramana* – Parte Dois, apêndice 4 (c), p. 236.

1039. Esse conhecimento sem adjunções, que é puramente existência poderosa, que brilha por si só como o indestrutível ‘Eu sou’, e que não depende nem um pouco de qualquer outra coisa, é apenas a natureza da própria realidade inabalável [Eu].

1040. Como conhecer a própria realidade, que [como descrito no verso anterior] existe como o brilho do *Jnana*, como [se conhece] objetos de percepção insignificantes [segunda e terceira pessoas]? [Mas] se alguém permanecer pacificamente no Eu, [assim] destruindo a falsa primeira pessoa ‘Eu’ [o ego que surge misturado com adjunções como ‘Eu sou isso, Eu sou assim’], a verdadeira primeira pessoa [Eu, o verdadeiro ‘Eu’] brilhará por si só.

1041. Entre os muitos grupos que são tríades [*triputis* ou os três fatores do conhecimento objetivo], nenhum fator [*puti*] pode existir sem o Eu. No entanto, nem mesmo um entre esses fatores é o Eu. Apenas aquilo que permanece como a base de todos esses [fatores] é o estado real do Eu.

Sadhu Om: O grupo de três fatores, o observador, o ato de ver e o objeto visto, é uma tríade [*triputi*]. ‘Eu sou o observador’, ‘Eu estou vendo’ e ‘esses objetos são vistos por mim’ - nenhum desses três conhecimentos pode existir sem um ‘Eu’. Mas esse ‘Eu’, o observador, não é o Eu; é apenas o ego. Portanto, é dito neste verso que nenhum dos três fatores que constituem uma tríade é o Eu. Ações ou *pravrittis* como ver não são a natureza do Eu. ‘Eu estou vendo’ é a natureza do conhecimento do ego. O conhecimento da própria existência, ‘Eu sou’, é apenas a natureza do Eu. Se não existisse o conhecimento básico, ‘Eu sou’, o conhecimento qualificado ‘Eu estou vendo’ não poderia surgir para o ego. Portanto, é dito neste verso que nenhum dos fatores de uma tríade pode existir sem o Eu, e também que, uma vez que o conhecimento objetivo não existe para o Eu, nenhum desses fatores é o Eu.

1042. O próprio Eu, cuja grandeza é a eternidade e a perfeição completa, não é de modo algum dualidade [outra coisa] a ser alcançada. Unir-se [atingir o yoga com] o Eu é conhecer [a própria] existência [*sat*] e não é conhecer qualquer outra coisa. Esse conhecimento [o conhecimento da própria existência] é a verdadeira forma do Eu.

Michael James: O verdadeiro *yoga* é apenas a união com o Eu, que não é o estado de conhecer outras coisas, mas apenas o estado de conhecer a própria existência. Como para conhecer algo precisamos prestar atenção nele, o único caminho para alcançar o verdadeiro *yoga* é a auto-atenção e não a atenção a qualquer outra coisa. Quando, pela auto-atenção, se alcança o *yoga* ou união com o próprio Eu, ver-se-á que essa auto-atenção (a consciência da própria existência) é ela própria a verdadeira forma ou natureza do Eu.

1043. O único conhecimento supremo ininterrupto que existe como base para o surgimento de todos os dyads [*dvandvas* ou pares de opostos] que são vistos, como sutis [*sukshama*] e grossos [*sthula*], vazio [*sunya*] e pleno [*purna*], e desalento [surgindo do desejo] e alegria livre de desejo, é só ‘Eu’ [a verdadeira forma ou natureza do Eu].

1044. A única consciência real [*chinmaya*] que existe como base para o surgimento dos muitos eus irreais [egos] e para [seus] sofrimentos, sem sofrer ela mesma devido às misérias produzidas pela mente, que existe sem realizar os dois *karmas* [bom e mau], é só o Eu.

1045. Saiba que o espaço do Coração que, como o sol, existe e brilha por si só como a simples natureza [da existência] ‘Eu sou’ e como a verdadeira clareza [da consciência], que está livre do orgulho de [apego ao] corpo, é só o Eu.

1046. Aquilo que é o denso Silêncio, a verdadeira consciência, a luz mais sutil, que não é o ego que conhece objetivamente as coisas à sua frente como ‘isso’, e sobre o qual a mente se desanima e lamenta, “Eu não sei isso”, só pode ser o Eu, a consciência-existência.

1047. Todos os mundos são um espetáculo de imagens em movimento, [enquanto] o Eu é a [tela] imóvel da verdadeira consciência.

Michael James: Compare aqui o verso 1218.

1048. [Assim como em um filme de cinema] esses triados [*triputis*] são projetados na tela dessa realidade [o Eu], que é a forma da consciência.

1049. Assim como a nota fundamental [*sruti*], que é a nota [invariável] misturada e indispensável para todas as sete notas [variáveis], e assim como a tela, que é a base [imóvel] para as imagens que estão se movendo [nela] devido à energia elétrica, aquilo que existe livre dos defeitos [de mudança e movimento] é o Eu, a realidade.

Michael James: Embora as outras notas estejam sempre mudando, a nota fundamental (*sruti*) permanece sempre inalterada; da mesma forma, embora a mente e seus produtos, o corpo e o mundo, estejam sempre passando por inúmeras mudanças, o Eu, a consciência básica ‘Eu sou’, permanece sempre inalterado. E embora as imagens na tela estejam sempre se movendo, impulsionadas pela energia elétrica do projetor, a própria tela permanece sempre imóvel; da mesma forma, embora a mente e seus produtos estejam sempre em movimento, impulsionados pelo poder do *prarabdha*, o Eu, a consciência básica na qual eles aparecem, permanece sempre imóvel. Assim, como a nota fundamental e a tela de cinema, o Eu não é afetado nem um pouco por quaisquer mudanças ou movimentos que possam parecer ocorrer nele.

1050. Aquilo que sempre existe em todos os lugares sem características como ir e vir [ou nascer e pôr], e que, devido ao seu brilho dentro de cada coisa irreal, faz com que essas coisas irreais, que são muitas e diferentes, apareçam como se fossem reais, só pode ser o Eu, a suprema realidade [*para vastu*].

1051. Aquele que é desconhecido embora resida dentro de cada *jiva*, e que está incessantemente, incansavelmente e eficientemente ativando todas essas *jivas*, tendo-as como Seus corpos, só pode ser o imortal Eu interior [*antaratma*].

Michael James: Consulte aqui o verso 1033 e sua nota.

1052. Saiba que o Eu é apenas [como] o eixo imóvel no meio [da roda], e não [como] os raios da roda giratória, que são [similares às] almas-ego, sempre sofrendo [ou sempre vagando], cuja natureza é nascer e perecer [pôr].

Sadhu Om: Neste capítulo, os versos 1033, 1046, 1051, 1052 e 1057 mostram claramente a diferença entre o *jiva* [a alma individual ou ego] e o *atma* [o verdadeiro Eu].

Embora em algumas escolas religiosas de pensamento, como Saiva Siddhanta e Budismo, a *jiva* sofredora seja chamada de ‘*atma*’ [ou *jivatma*], nos ensinamentos de Sri Ramana e em muitos escritos *Advaitic*, a palavra ‘*atma*’ não é usada para denotar o *jiva* [o ego ou alma irreal] mas apenas para denotar a realidade suprema. Portanto, os leitores devem entender que a diferença entre essas várias escolas de pensamento reside apenas no significado dado à palavra ‘*atma*’, e não em sua conclusão final sobre a irrealidade da alma individual.

1053. Aquilo que aparece [seja o que for], deixe aparecer; aquilo que desaparece [seja o que for], deixe desaparecer. O que [perda ou ganho] isso é para o autoconhecimento? O que permanece depois que tudo entrou e deixou de existir na unidade [*kevalam*] de Siva - que surge como o Todo [*purnam*] - só pode ser o Eu, a própria natureza.

Sadhu Om e Michael James: Tudo o que aparece e desaparece existe apenas na perspectiva errada do ego, e não na verdadeira perspectiva do Eu. Portanto, o Eu não é afetado nem um pouco por qualquer coisa que apareça ou desapareça, e por isso neste verso e no verso 6 do *Sri Arunachala Ashtakam*, Sri Bhagavan diz: “Deixe-os aparecer ou deixe-os desaparecer”. O que permanece inalterado de qualquer forma, seja pela aparência deste universo ou pelo seu desaparecimento (como no sono), e que permanece brilhando como o único Todo perfeito mesmo depois de toda essa aparência ter sido destruída no momento da dissolução (*pralaya*) - só isso é o Eu, só isso é ‘nós’, só isso é Siva.

1054. O conhecimento puro que brilha [como o *sphurana* ‘Eu-Eu’] quando esse ego enganoso é examinado [através da investigação ‘Quem é este Eu?’] e destruído, que os *Upanishads* elogiam como a gloriosa *darshan* da dança de Siva e que é a verdadeira clareza da Graça de Deus, só pode ser a forma do Eu.

Michael James: Neste verso, Sri Bhagavan revela que o verdadeiro significado de Nataraja, a forma dançante do Senhor Siva, é o brilho do Eu na forma do *sphurana*, ‘Eu-Eu’.

1055. Saiba que a natureza do *Brahma-swarupa*, que é [um] sem outro [ou seja, que é não-dual], é a antiga glória. Embora essa antiga *swarupa* [Eu ou *Brahman*] pareça ser como um vazio [*sunya*] ela não é um vazio; [é] a única existência-consciência [*sat-chit*], que é a própria realidade total.

Michael James: Consulte também o verso 12 de *Ulladu Narpadu*.

1056. Os sábios dizem que o estado [ou lugar] no qual opensamento ‘Eu’ [o ego] não surge nem um pouco, só pode ser o Silêncio [*mouna*] ou o Eu [*swarupa*]. [Esse] Eu silencioso só pode ser Deus; o Eu só pode ser o *jiva*; o Eu só pode ser este mundo antigo.

Sadhu Om: A mesma ideia também é expressa por Sri Bhagavan nas seguintes duas passagens de *Quem sou eu?*: “O lugar [ou estado] onde o menor traço do pensamento ‘Eu’ não existe, só pode ser o Eu [*swarupa*]. Isso só pode ser chamado de Silêncio [*mouna*] O Eu só é o mundo; o Eu só é ‘Eu’; o Eu só é Deus; tudo é o Supremo Eu [*Siva-swarupa*].” Consulte também a nota do verso 985, onde se explica em que sentido tudo é o Eu ou *Brahman*.

1057. A realidade - a mera existência que é para o mundo, a alma e Deus como o espaço é para todos os objetos - só pode ser a natureza do Eu, que é o supremo Siva, e que é elogiado como a suprema morada [*param-dhama*] que transcende a mente.

33 A Grandeza do Eu

(*Atma Matchi Tiran*)

1058. Uma vez que a grandeza da natureza da unidade é queo vidente só pode ser o visto, a própria realidade [Eu] é a maior coisa [*mahat*]. A primeira pessoa silenciosa e radiante [que brilha] depois que o ego, a primeira pessoa que é o vidente, foi completamente destruído, só pode ser o Eu, a consciência suprema.

Sadhu Om: Todos os objetos que são vistos não são nada além de uma expansão do ego, a falsa primeira pessoa que os vê. Portanto, a realidade tanto do vidente [o ego] quanto do visto [o universo vasto inteiro] é apenas uma. Essa realidade é nada menos que o Eu, a própria existência-consciência, que é a verdadeira primeira pessoa que permanece brilhando como autoconsciência radiante no estado de Silêncio no qual o ego, a falsa primeira pessoa, foi completamente destruído. Portanto, como o ego ou vidente não é nada além de um reflexo irreal, pequeno e atômico do Eu, a própria realidade, só o Eu é a maior de todas as coisas.

1059. Aqueles que mergulham profundamente fixando sua mente [ou atenção] no Eu - a morada da felicidade da consciência, o vasto oceano de paz, a maior coisa [*mahat*] - alcançarão a Graça do Eu, o tesouro interminável.

1060. O Eu sozinho é a maior coisa [*mahat*]; de fato, não existe outro *mahat* maior que o Eu. Portanto, por qualquer tipo de meio [ou *tapas*] que seja, não vimos qualquer outra coisa digna de ser adquirida em troca do Eu.

Sadhu Om: Não há realização maior do que a realização do Eu; portanto, é tolice abandonar a realização do Eu para alcançar qualquer outra coisa, como os oito *siddhis*. No entanto, existem alguns chamados *mahatmas* hoje em dia que ridicularizam a realização do Eu, dizendo que ela não é a maior realização e que, mesmo depois de alcançá-la, há muitas coisas maiores que se pode alcançar praticando alguns tipos peculiares de *yoga*. Portanto, para refutar tais crenças errôneas, neste verso Sri Bhagavan, o maior de todos os *tapasvins*, declara enfaticamente a verdade que Ele realizou a partir de Sua própria experiência, ou seja, que, por mais que se faça qualquer tipo de *tapas*, não se pode alcançar nada maior do que a realização do Eu.

1061. Exceto a gloriosa realização do Eu supremo, que é a maior coisa [*mahat*], não há [digna] realização nesta vida. Para conhecer e experimentá-lo [o Eu supremo], destrua o inútil ego-self através do questionamento [ou escrutínio] feito no coração.

1062. Se, ao questionar [‘Quem sou eu?’] no coração, alguém alcança a rara riqueza do Eu, que é a bela joia do verdadeiro conhecimento [*mey-jnana*] que é [sempre] existente e brilhante, a pobreza na forma de densa ilusão morrerá, [assim] destruindo a miséria do nascimento [e morte], que é a raiz de [todo] sofrimento.

1063. Sendo ignorantes do valor dessa joia [de *Jnana*], os tolos morrem preguiçosamente [sem tentar alcançá-la]. [Por outro lado] aqueles que, conhecendo o método [da auto-investigação], alcançaram essa [joia de *Jnana*], que é a posse legítima de todos, são os Grandes, aqueles que alcançaram a suprema felicidade. Adorem-nos.

1064. Em vez de permanecer na consciência do próprio Eu, examinando pacificamente assim, ‘Quem sou eu, a forma da consciência?’, por que sofrer [saindo] através dos sentidos perversos, confundindo-se com o reflexo da consciência [*chit-abhasa*], que, sendo separado [da verdadeira autoconsciência], é a forma da mente [*chittam*]?

1065. Mesmo que alguém tenha alcançado abundantemente e completamente [todos] os poderes ocultos [*siddhis*] começando por *anima*, que são amados [tanto] pelas pessoas mundanas tolas, todo o aprendizado aprendido por aquele que não alcançou a joia perfeita do Eu, cortando o nó primal [o *chit-jada-granthi* ou ego], é vazio.

Michael James: *Anima*, o primeiro dos oito *siddhis*, é a habilidade de se tornar pequeno como um átomo.

1066. Eles [os Sábios] dizem que o tesouro da Graça Silenciosa, o pensamento nunca ausente do divino Siva [isto é, o estado ininterrupto de atenção ao Eu] - é a verdadeira riqueza. Esse supremo tesouro resplandecente, que é difícil de alcançar, é a riqueza que é [disponível] apenas para aqueles que têm o amor para destruir [todos] os pensamentos.

1067. Assim como [um mergulhador de pérolas] mergulha no oceano, [onde as pérolas estão] escondidas, com uma mente focada e com uma pedra [amarrada à cintura], obtém a pérola preciosa e [assim] se torna feliz, mergulhe no coração com desapego [*vairagya*], alcance o tesouro do Eu e [assim] fique livre da miséria.

Sadhu Om: A mesma ideia também é expressada por Sri Bhagavan na seguinte passagem de *Quem sou eu?*: “Assim como um mergulhador de pérolas, amarrando uma pedra à cintura, mergulha no oceano e pega a pérola que está no fundo, todos, mergulhando profundamente em si mesmos com desapego [*vairagya*], podem alcançar a pérola do Eu.”

1068. A consciência da experiência do Eu extremamente pura - que silenciosamente existe desprovida de ‘eu’ e ‘meu’ no próprio Eu, que é a única realidade brilhante, aquilo que existe desprovido de defeitos - sozinha é o que brilha acima de [tudo].

34 A Supremacia do Eu

(*Atma Para Tiran*)

1069. A existência-consciência [*sat-bodha*] que brilha sem [nunca] se tornar irreal, sozinha é o Eu, que transcende a mente e no qual o intelecto e a alma se regozijam. Esse Supremo gracioso, que é um monte de paz extrema, sozinho é o remédio para fazer a mente que conhece [ou pensa] [diminuir e tornar-se] pacífica.

1070. Aqueles que não se conhecem [como] o Eu, que é a realidade não contaminada por [mesmo a menor] irrealidade, mas [se conhecem como] apenas o corpo, que é transitório e irreal, se sentirão mentalmente felizes ao verem com entusiasmo muitos tipos de formas de Deus.

1071. Se alguém se aproxima e adora qualquer outro [qualquer Deus além do Eu], pode-se obter todas as outras coisas [todas as coisas além do Eu]. Mas que ser insignificante [que Deus insignificante] pode conceder ao *jiva* a vida no estado divino de Siva, que é a suprema consciência eterna e real?

Sadhu Om: Se alguém deseja alcançar coisas além do Eu, como riqueza, saúde, fama, prazeres celestiais e assim por diante, pode alcançá-las adorando Deuses que não o Eu. Mas se alguém deseja alcançar a realização do Eu, o estado de Siva, a consciência suprema, o caminho direto é adorar o Eu através da prática da autoatenção. Por si só, a adoração a qualquer um dos nomes e formas de Deus não é suficiente para permitir que alguém alcance a realização do Eu, e é por isso que Sri Bhagavan diz neste verso, “Que Deus insignificante pode conceder ao *jiva* a vida no estado divino de Siva?”. A adoração a Deus em nome e forma só pode purificar a mente e, assim, levar indiretamente ao caminho da auto-investigação.

A partir deste verso, o leitor pode entender que o verdadeiro significado pretendido por Sri Bhagavan no verso 8 de *Ulladu Narpadu* quando ele usou as palavras “*peruruvil*” é apenas ‘em nome e forma’ e não ‘sem nome e forma’. Consulte aqui o apêndice 4 (b) de *O Caminho de Sri Ramana* – Parte Dois.

1072. Aqueles que não conhecem o próprio Eu como a testemunha tanto daquilo que é conhecido no estado de vigília [o estado de *sakala* ou multiplicidade] quanto daquilo que não é conhecido nem no mínimo no sono envolvente [o estado de *kevala* ou unicidade], serão iludidos [ou angustiados] como se tivessem [em algum momento] atingido [uma visão de Deus] mas tivessem [mais tarde] perdido [ela].

Sadhu Om: Assim como os objetos do mundo aparecem durante o estado de vigília e desaparecem durante o sono, assim as visões de Deus aparecem em um momento e desaparecem em outro. Portanto, essas visões de Deus não têm mais realidade do que o mundo e os objetos nele. Mas aquilo que sempre brilha [na forma da autoconsciência ‘eu sou’] tanto na vigília [quando os objetos são conhecidos] quanto no sono [quando os objetos não são conhecidos] é o Eu. Só porque eles não atendem e percebem a natureza sempre brilhante do Eu como ele é, alguns aspirantes se sentem felizes em um momento como se tivessem visto Deus e se sentem angustiados em outros momentos como se tivessem perdido essa visão de Deus. Mas aqueles que conhecem o Eu, que nem aparece nem desaparece, nunca terão motivo para experimentar tal angústia.

1073. Uma vez que muitos Deuses que são vistos devido à [força da] adoração [*upasana*] realizada, passam por [a mudança de] aparecimento e desaparecimento, a própria natureza [o Eu], que é aquilo que sempre existe e é conhecido, é o real e supremo Deus, que permanece [para sempre] sem mudar.

Sadhu Om: A natureza da realidade é sempre brilhar, sem mudar ou desaparecer, enquanto as visões de Deus aparecem e desaparecem. Mesmo antes desse Deus aparecer, o conhecimento de nossa existência [nossa consciência-existência, *sat-chit*] estava brilhando; mesmo enquanto esse Deus estava aparecendo, nossa existência estava brilhando na forma ‘Eu, que vejo este Deus, existo’; e mesmo depois que esse Deus desapareceu, nossa experiência foi que existíamos para conhecer esse desaparecimento. Portanto, uma vez que aquilo que estava brilhando em todos os três tempos sem mudar ou desaparecer era apenas nossa própria consciência-existência,

este verso afirma que essa consciência-existência [*sat-chit*], que é o Eu, sozinha é o supremo Deus [*para-deva*] e o real Deus [*nija-deva*].

1074. Aqui ou lá, como isso ou aquilo, o que quer que seja conhecido em qualquer lugar como uma segunda pessoa devido a [uma] olhar através do conhecimento objetivo [a mente] - todos eles em todos os lugares são [nada mais que] o espaço puro de luz [o espaço da consciência], a própria realidade que existe e brilha como o Eu.

Sadhu Om: Na resposta à pergunta 6 do capítulo dois de *Upadesa Manjari*, Sri Bhagavan diz: “Onde quer que quaisquer objetos sejam conhecidos, é o Eu que se conhece lá como esses objetos”. Consulte também o verso 945, e a p.19 de *O Caminho de Sri Ramana – Parte Dois*.

1075. Sabendo que o que quer que seja conhecido objetivamente como ‘isso’ ou ‘aquilo’ é [nada mais que] uma imaginação da mente, se alguém permanece imóvel [*summa irukka*] naquilo que é neutro [ou seja, se alguém permanece meramente como ‘eu sou’, a consciência neutra que não conhece objetivamente nenhuma segunda ou terceira pessoa], aquela realidade que [então] brilha sozinha é a existência-consciência [*satchit*], o Eu supremo e grande.

1076. Ficar confuso ao escrutinar, devido à ilusão, princípios [*tattvas*] que não o princípio supremo, o Eu, é como passar pela dor de examinar minuciosamente o lixo inútil de um barbeiro em vez de descartá-lo coletivamente.

Sadhu Om: A mesma ideia é expressa por Sri Bhagavan na seguinte passagem de *Quem sou eu?*: “Assim como é infrutífero escrutinar o lixo que deve ser descartado coletivamente, assim é infrutífero para aquele que deve conhecer a si mesmo contar o número e escrutinar as propriedades dos *tattvas* [os princípios que constituem o mundo, a alma e Deus] que estão velando a si mesmo, em vez de descartar todos eles coletivamente.” Sri Bhagavan aqui condena a maneira como os eruditos desperdiçam seu tempo lendo, aprendendo de cor, discutindo e discutindo interminavelmente sobre os detalhes de como o universo é criado a partir dos cinco elementos, sobre o funcionamento dos *pranas*, *jnanendriyas*, *karmendriyas*, *nadis* e assim por diante no corpo, sobre os vários tipos de *jivas*, e sobre todas as outras inúmeras classificações dadas nas escrituras. Uma vez que todos esses princípios ou *tattvas* são apenas a segunda ou terceira pessoa, o não-Eu [*anatma*], não se deve perder tempo escrutinando-os, mas sim escrutinar o Eu, o único princípio real, através da indagação ‘Quem sou eu?’

1077. Saiba que para aqueles que permanecem dentro com amor fiel [para o Eu], a felicidade aumentará cada vez mais. Felicidade, amor, Siva, Eu, Graça, conhecimento, paz e libertação - todos estes são [apenas nomes para] a própria natureza real.

35 O Estado de Intrepidez

(*Abhaya Nilai Tiran*)

1078. Por causa da ignorância da mente experimentando um sentido de diferença [*bheda-buddhi*] no Eu, [até mesmo] grandes *devas* são perturbados pelo medo. [Portanto] é sábio permanecer sem medo no estado supremo da não-dualidade, tendo atingido a realidade, o próprio Eu, através da negação [do não-Eu].

Sadhu Om: A natureza do *jiva* é pensar que o medo será removido apenas quando houver outra pessoa com ele. Mas essa ideia é tola. Como pode haver causa para o medo no estado do Eu, onde nada mais existe? Só em um estado onde existe algo além de si mesmo é possível que se tenha desejo por essa coisa ou que se tenha medo dela. Portanto, a verdadeira intrepidez só pode ser alcançada no estado não-dual do Eu, onde nada mais existe.

Para ilustrar como a intrepidez só pode ser alcançada quando se atinge o estado do Eu, Sri Bhagavan costumava narrar a seguinte história: Depois que o Senhor Vishnu matou Hiranya, o filho de Hiranya, Prahlada, estava governando o reino com felicidade. Mas depois de algum tempo, um medo surgiu em Prahlada. “Porque o Senhor Vishnu é bondoso comigo, estou vivendo com segurança. Mas se um dia Ele se enfurecer comigo, Ele me matará assim como matou meu pai”, pensou Prahlada. Sendo um grande devoto do Senhor Vishnu, Prahlada não tinha para quem se voltar, então ele orou a Ele. O Senhor imediatamente apareceu diante de Prahlada, que então explicou seu medo e orou pelo estado de intrepidez. “Sim”, disse o Senhor Vishnu, “Você está correto. Ao me ver assim em nome e forma, você não pode se livrar do medo. Você deve me ver dentro de si mesmo. Só quando você me perceber como não sendo diferente de si mesmo, alcançará o estado de intrepidez”. Então o Senhor lhe ensinou o caminho da Auto-investigação. Quando Prahlada seguiu as instruções do Senhor e percebeu o Eu, ele alcançou o estado de intrepidez. Essa história ilustra assim que mesmo Deus não pode servir como refúgio permanente do medo, desde que se mantenha o senso de diferença [*bheda-buddhi*]. Só alcançando o Eu não-dual é que se pode se tornar verdadeira e permanentemente livre do medo.

1079. Só quando se atinge a liberdade do Eu [o estado de auto-realização] se obterá a abundante paz de espírito na qual se regozijará infinitamente. Na experiência dessa monarquia [o reino do Eu], que é o real e o espaço-como [estado de] não-dualidade, não haverá o menor desejo dual pelo medo.

Sadhu Om: Somente neste único estado não-dual do Eu, será conhecida praticamente a verdade das palavras de Saint Appar, “Agora não há nada a temer, e nada virá para causar medo”.

34 Não-Dualidade

(*Advaita Tiran*)

1080. Uma vez que a única existência-consciência-felicidade é vista como Deus e a alma - assim como por causa de um pote ou de uma sala o único espaço aberto é visto como este ou aquele espaço [como um espaço de pote ou um espaço de sala] - a sua existência [a existência real de Deus e da alma] não pode ser diferente. Saiba assim.

Michael James: O espaço em um pote [*ghatakasa*] e o espaço em uma sala [*mathakasa*] parecem ser diferentes apenas por causa dos adjuntos limitantes do pote e da sala, pois na realidade o espaço é apenas um. Da mesma forma, Deus e o *jiva* parecem ser diferentes apenas por causa de seus adjuntos limitantes, pois em sua natureza real, que é a existência-consciência-felicidade, eles são um e o mesmo. Refira-se ao versículo 24 de *Upadesa Undiyar*, onde Sri Bhagavan diz: “Em [sua real] natureza [que brilha] como existência, Deus e as almas são apenas uma substância [*vastu*]. [Seu] senso de adjuntos [*upadhis*] é que é diferente.”

1081. Na realidade [a real consciência ‘eu sou’] é possível que duas coisas diferentes venham à existência como *jiva* e Siva? Se há alguma diferença [em substância] entre a boneca-mestra e a boneca-escrava, ambas feitas da ambrosia obtida, me diga?

Michael James: A única diferença entre duas bonecas feitas de ambrosia, uma na forma de mestra e a outra na forma de escrava, são seus nomes e formas. Sua substância, a ambrosia (*amrita*) ou néctar da imortalidade, é uma e a mesma. Da mesma forma, a substância ou realidade de ambos, Deus (*Siva*) e a alma (*jiva*), é o único Eu imortal, e a aparente diferença entre eles reside apenas em seus nomes e formas.

37 Ateísmo

(*Nastika Tiran*)

1082. Não será apenas ele que se confunde por ser aquilo que não existe [isto é, ser o corpo, que na verdade é inexistente] que declara Você [Deus] como inexistente? Como pode ele que conhece sua própria realidade como ela é [isto é, como a mera consciência-existência ‘eu sou’] negar Você, que é aquela [mesma] realidade, dizendo que Você é inexistente?

Michael James: Uma nota no texto em tâmil afirma que este versículo é dirigido a Deus, e que ele trata da crença do ateu que acredita que Deus não existe. ‘*Asattu*’ significa aquilo que não existe. ‘*Mey*’ significa a realidade. Ou seja, ‘Como pode alguém que sabe que existe dizer que Deus, que não é diferente dessa existência ou realidade, não existe?’

Sadhu Om: Sri Bhagavan conclui o versículo 20 de Ulladu Narpadu dizendo, ” ... porque o Eu não é diferente de Deus”. Assim, o ateu que nega a existência de Deus está negando a existência de seu próprio Eu. Como ninguém pode verdadeiramente negar sua própria existência, aqueles que desejam negar a existência de Deus deveriam primeiro tentar indagar e conhecer a verdadeira natureza de sua própria existência, ‘Qual é a verdade de minha existência? Quem sou eu?’ Se o fizerem, eles automaticamente virão a conhecer a verdade da existência de Deus. Portanto, devemos entender que aqueles que percebem a sua própria existência como ela é, nunca negarão a existência de Deus, e que, como ninguém pode realmente negar a sua própria existência, ninguém é realmente um ateu. Mas quem é o verdadeiro teísta será explicado no versículo 1084.

38 Teísmo

(*Astika Tiran*)

1083. Para aqueles que dizem que Ele [Deus] existe, Ele existe em [seus] corações como consciência. [Mas] na mente venenosa [daqueles que não acreditam Nele], Ele nunca existirá [isto é, Ele nunca brilhará ou será conhecido]. Se, purificando a mente venenosa, alguém vê sem ilusão, Ele brilhará triunfantemente e sem liga como o Eu.

1084. Saiba que o Buda [o Sábio ou *Atma-jnani*], que experimentou a realidade pura [o Eu], tendo claramente conhecido ‘Esta é a natureza da consciência’, é verdadeiramente digno do nome ‘teísta’ [*Astika*].

Sadhu Om: Como o mundo, a alma e Deus aparecem, existem e desaparecem simultaneamente, todos têm o mesmo grau de realidade [*sama-satya*] entre si. Portanto, se se aceita a própria existência como uma alma ou *jiva*, isso equivale a aceitar a existência das outras duas entidades, o mundo e Deus. É por isso que se concluiu na nota do versículo 1082 que ninguém é verdadeiramente ateu. Mas quem é o verdadeiro teísta? Todos que dizem que Deus existe não são verdadeiros teístas. Apenas o *Jnani*, que realizou a si mesmo como o supremo Eu, tendo abandonado o conhecimento errado de que ele é um indivíduo ou *jiva*, é apto a ser chamado de verdadeiro teísta [*Astika*]. Assim, a beleza dos versículos 1082 e 1084 reside em sua conclusão final, a saber, que qualquer um que não possa negar sua própria existência não é um ateu, e que qualquer um que não tenha realizado o Eu não é um teísta.

39 Liberdade Sem Começo da Impureza

(*Anadi Mala Mukta Tiran*)

1085. Uma vez que a escuridão da ilusão de [identificar] o corpo [como ‘Eu’] nunca existiu [seja no passado, presente ou futuro] para Aquele que conhece Sua verdadeira natureza, que é o sol do verdadeiro conhecimento [*mey-jnana*], e que tem o espaço [de consciência] como Seu corpo, saiba que a escuridão [da ignorância ou *ajnana*] existe apenas para aquele que é cegado por [identificar] o corpo [como ‘Eu’].

Sadhu Om: É apenas de acordo com a perspectiva do *jiva*, a alma irreal, que se diz nas *sastras* que a servidão existe na forma de impurezas como o ego, *maya*, a escuridão da ignorância, e assim por diante, e que

a libertação será alcançada quando tal servidão for removida pelo *sadhana* e pela Graça divina. No entanto, neste capítulo é revelado que, uma vez que este *jiva* é apenas uma entidade inexistente e falsa, para você, que é o Eu, a realidade, nunca existe tal coisa como impureza, *maya* ou servidão, e que a liberdade da impureza [*mala-mukti*] é a sua natureza real sem começo [*anadi swabhava*].

1086. A investigação que deve ser feita e o *Jnana* que deve ser alcançado, são aplicáveis apenas ao *jiva*, que é afligido pela ilusão de apego [ao corpo como ‘Eu’]. A ilusão do conhecimento errado [*mala bodha*] não é aplicável a [o *Jnani*, que é] o Eu não-dual, que é desprovido de ilusão e livre sem começo de impureza [*mala*].

1087. É possível para o Eu, que existe permeando tudo como a essência real [*nija rasam*], ser preso por *maya*, que é uma falsa aparência? [Portanto] não se perturbe como se você estivesse preso, [mas em vez disso] investigue calmamente e conheça calmamente [essa verdade].

1088. Por que você está desnecessariamente em turbulência ao pensar mentalmente em si mesmo como o limite do adjunto [o corpo]? Saiba que sua realidade [Self] existe [e brilha] sem obstáculos até mesmo no sono, onde você se funde desprovido de [qualquer] adjunto misturado, [e assim esteja livre da miséria].

40 A Vida Vivida de Acordo com a Realidade

(*Sat-Achara Vazhkkai Tiran*)

1089. Ó homens que desejam viver para sempre, vocês não sabem qual é o caminho para viver [assim]. Vendo um devaneio através da [escuridão da] ilusão que brota do vazio [de *maya*], vocês se orgulham de pensar e argumentar que o que caiu [sua vida presente caída, seu chamado estado de vigília] é a [real] vida. [Ao se apegar à autoconsciência ‘Eu sou’ e assim] perfurando o vazio [que é a causa para a falsa ilusão deste estado de vigília], alcance a vida real [o estado sempre imperecível do Self].

1090. Observar a indiferença para com tudo, prevenindo a raiva perversa e o desejo para que a confusão da ilusão da mente defeituosa [*manamaya*] possa ser destruída, é a melhor vida vivida de acordo com a realidade [*sat-achara vazhkkai*]. Observe [tal vida].

1091. A vida verdadeira, cheia de amor, de permanecer inabalavelmente no coração como a própria realidade, é a única beleza do *Jnana*, o gozo da natureza de [*Siva_swarupa-bhoga*], na qual o ego irreal e ilusório, que prevaleceu [anteriormente], foi destruído.

1092. O *Jnani*, que brilha como a intensa beleza [ou felicidade] do Self, vivendo a vida majestosa de indiferença [*udasina*], tendo colocado todo o seu fardo aos pés do Senhor Siva, é verdadeiramente belo [ou feliz] e afortunado.

1093. A felicidade irá surgir no coração que está mergulhado na experiência do verdadeiro conhecimento impregnado de amor [mey-jnana]. Lá não existirá o desejo causador de miséria e causado pela ilusão. Essa vida natural extremamente pura do Self será cheia de paz.

1094. Aquilo que é digno de ser seu alvo é o Self, o conhecimento que é a pura felicidade. A vida perfeita é existir diretamente como aquele [Self], habitando no coração através do conhecimento inesquecível [‘Eu sou’].

1095. A vida divina [de permanecer como Self] é a única vida da realidade suprema. Por outro lado, a vida no mundo que é visto, é uma vida de ilusão. Que ilusão [*maya*] é viver uma vida de medo [temendo a morte]. Não é essa [vida de medo] meramente [sua] afogamento no jogo da ilusão da mente [*mano-maya*]?

1096. Nenhum *tapas* é necessário para aqueles que permanecem [firmemente em Self] desprovidos da travessura do *jiva* de capturar o mundo de [nomes e] formas ilusórias pela atenção que surge nos pequenos objetos sensoriais [devido a] acreditar no mundo que é visto através dos cinco sentidos para ser real.

Sadhu Om: O que é significado neste verso pelas palavras ‘travessura do *jiva*’ [uyir-cheshtai] é apenas a atividade extrovertida [pravritti] da mente indo para o mundo através dos cinco sentidos. A verdadeira ‘observância da realidade’ [sat-achara] é impedir que a mente corra atrás da segunda e da terceira pessoa e fazer com que ela permaneça no Self, a verdadeira consciência da primeira pessoa.

1097. Para aqueles que estão estabelecidos na Graça e que experimentam [ou governam] todos os mundos como o Self, tendo perdido a vida do ego emergente e conquistado os duais como dor e prazer, nenhum [outro] *tapas* precisa ser feito.

Sadhu Om: Para fazer qualquer tipo de *tapas*, um ego ou indivíduo ‘Eu’ deve surgir como o executor. Mas o fruto perfeito de todos os *tapas* é a destruição desse ‘Eu’. Uma vez que o ‘Eu’ é destruído, que outro *tapas* deve ser feito e quem deve fazê-lo? É por isso que, para estabelecer que qualquer yoga diferente da destruição do ego é inútil, Sri Tayumanuvar cantou: “Quando você permanecer quieto [summa irukka], a felicidade surgirá; por que então [fazer qualquer] yoga ilusória [*maya-yoga*]? É possível [atingir a felicidade] através da sua atenção objetiva? Não diga mais nada, ó karma-nishtha [um imerso em karma], ó você criança pequena.”

41 Sem forma

(*Nishkala Tiran*)

1098. Se alguém é uma forma [o corpo], até mesmo o Self, a fonte que é o Senhor, também aparecerá dessa maneira [ou seja, também aparecerá como uma forma]. Se alguém não é uma forma, já que não pode haver conhecimento de outras coisas [nesse estado], será que essa afirmação [que Deus tem uma forma] será correta?

Sadhu Om: Este capítulo lida com a questão de saber se Deus tem ou não uma forma. Enquanto alguém pensar que tem um nome e uma forma, o corpo, deve aceitar que Deus também tem um nome e uma forma. Só depois de perder o senso de ego, ‘Eu sou o corpo’, pode-se conhecer Deus como sem forma. Até então, não se deve discutir que Deus tem forma ou que não tem forma. O verso 4 de Ulladu Narpadu também deve ser lido aqui.

1099. Ele [Deus] assume [qualquer] forma imaginada pelo devoto através do pensamento repetido em meditação prolongada [bhavana]. Embora Ele [assim] assuma inúmeros nomes e formas por [Sua aparente identificação com] adjuntos ilusórios [maya-upadhi], a real consciência sem forma é o único Hara [Deus].

Sadhu Om: O jiva projeta suas próprias vasanas, que estão armazenadas em seu chittam, através dos cinco sentidos e as vê do lado de fora como o mundo de nomes e formas. Visões de Deus em nome e forma são vistas da mesma maneira. Sri Bhagavan costumava explicar que até mesmo o viswarupa darshan [a visão da forma cósmica de Deus] mostrado por Sri Krishna a Arjuna no Bhagavan Gita era apenas uma projeção das próprias vasanas de Arjuna. Sri Krishna deu a Arjuna a visão divina [divya-drishti] para permitir que ele visse Nele as ideias auspiciosas [bhavanas] sobre Deus que Arjuna já havia armazenado na forma de vasanas dentro de seu chittam. Esta divya-drishti não era jnana-drishti, como alguns comentaristas erroneamente afirmaram, mas era apenas a capacidade de projetar certas vasanas auspiciosas que existiam em uma forma sutil em seu chittam e vê-las como objetos grosseiros do lado de fora. Em jnana-drishti, Jnana sozinho brilhará e nenhum nome e formas serão vistos. O que Sri Krishna disse foi apenas: “Eu te dou o olho divino” [divyam dadami te chakshuh – XI.8]. Além disso, Ele disse: “Veja em mim o que mais você quiser ver” [y_ach chanyad drashtum ichchasi – XI. 7], e não “Veja-me como eu realmente sou”! O que deve ser entendido aqui é que Sri Krishna simplesmente permitiu que Arjuna projetasse e visse em uma forma grosseira as ideias passadas [bhavanas] sobre os nomes e formas de Deus que já estavam armazenados em seu chittam.

1100. Permanecer imóvel e atento à suprema realidade [Self] por meio do *para-vak* [a palavra suprema ‘Eu-Eu’] pronunciada pelo coração, sozinho, é louvar o Supremo primordial perfeito, que é a luz interior [do conhecimento] que brilha no coração e que é desprovida de nomes e formas, que são ilusões irreais como a azulidade do céu.

Sadhu Om: *Atma-anusandhana*, o estado de atenção e permanência como Self, sozinho é a maneira perfeita de louvar a Deus [veja os versos 730 e B13, onde se diz que *atma-anusandhana* é a suprema devoção a Deus]. Por quê? Qual é o objetivo de todos os elogios ou *stotras*? Não é glorificar a verdadeira grandeza do Senhor? A única maneira de glorificar a grandeza do Senhor de maneira permanente e perfeita é fazer com que o ego se funda em Self para que não surja novamente. Ou seja, como a verdadeira grandeza de Deus reside no fato de que Ele sozinho existe, e como esse estado perfeito de unidade é prejudicado pelo surgimento do ego [sendo aparentemente dividido em duas entidades separadas, a alma e Deus], apenas quando se permanece em Self e, portanto, impede o ego de surgir, a verdadeira grandeza de Deus brilha em toda a sua glória. Portanto, a maneira perfeita de louvar a Deus é apenas permanecer em Self sem o menor surgimento do ego.

1101. O coração de qualquer tipo de louvor [*stuti*] cantado por aqueles que estão observando tal *Jnana-achara* [ou seja, por *Jnanis*, que estão sempre permanecendo imóveis e atentos ao supremo como descrito no versículo anterior] é apenas aquela suprema realidade pura [Self], e de maneira alguma se limita a [um determinado] nome e forma.

Sadhu Om: Embora os *Jnanis* louvem a Deus em nome e forma, deve-se entender que o que eles realmente estão louvando é apenas o Self, a suprema realidade sem nome e sem forma. Não se deve pensar que seus louvores se limitam a qualquer nome ou forma particular. A partir deste verso, fica claro que sempre que Sri Bhagavan usa os nomes ‘Annamalai’ ou ‘Arunachala’ em obras como *Sri Arunachala Stuti Panchakam*, Ele está de fato se referindo apenas ao Self. Da mesma forma, o Senhor Siva que é louvado nos versos de Santos Saivitas como *Jnanasambandhar*, e o Senhor Vishnu que é louvado por Santos Vaishnavitas como os *Azhwars*, são apenas o próprio Self.

Sri Muruganar: O verdadeiro objeto de qualquer tipo de louvor [*stotra*] cantado por Sábios, que observam *Jnana-achara* na forma de permanência em Self [*atma-anusandhana*], é apenas aquela suprema realidade que transcende a concepção mental, e não qualquer nome e forma particulares que eles manejam apenas como símbolos. Embora, numa visão superficial, esses *stotras* pareçam estar relacionados a muitas religiões diferentes, aqueles que conseguem compreender com profundo discernimento, não deixarão de perceber a natureza comum de imparcialidade com que eles [os sábios] se comportam desprovidos dessa [preocupação com qualquer religião particular].

1102. O levantamento do gracioso Pé do Senhor Nataraja, que dança a amorosa investigação, [assim] abraçando Seus devotos para que eles possam alcançar o Coração, é um novo e maravilhoso mistério, assim como a lua e o sol se unindo juntos.

Michael James: A auto-investigação feita com grande amor por um devoto é nada mais do que o fun-

cionamento da Graça do Senhor dentro dele. Portanto, é dito metaforicamente neste verso que o próprio Senhor dança a amorosa auto-investigação. A elevação do *sphurana* 'Eu-Eu', que encanta e abraça a mente do devoto, levando-a ao Coração, é aqui comparada ao Senhor erguendo Seu Pé no clímax de Sua dança. Este surgimento do *sphurana* é uma nova e maravilhosa experiência, e aqui é comparada à lua e ao sol se unindo ou se casando, porque a mente do devoto é uma luz refletida, como a luz da lua, enquanto o Coração é a luz ou consciência original, como a luz do sol, e portanto a fusão da mente no Coração é semelhante à luz da lua unindo-se e fundindo-se na luz do sol.

Este verso revela, assim, que o verdadeiro significado da forma do Senhor Nataraja é apenas a experiência sem forma do *sphurana* 'Eu-Eu'. Veja também o verso 1054.

1103. Ser enganado nesta vida, perambulando pelo mundo inteiro e experimentando miséria [por conta de um desejo por tantas coisas], é tolice. Permaneça nos Pés do Supremo Siva, o [estado de] Silêncio que é *Sadasiva* e que destrói os movimentos [*chalanas*] causados pelo ego.

1104. Exceto aqueles que desaparecem [e permanecem] no Coração com consciência [com lembrança da consciência-existência 'Eu sou'], ninguém pode alcançar o estado imaculado da realidade, [porque] a realidade é velada pelo esquecimento da mente e pensamento no sono e ao acordar respectivamente.

42 Aquele que Permanece no Estado Natural

(*Sahaja Nishthar Tiran*)

1105. O *Jnani*, o inalterável, que está dormindo naturalmente dentro do corpo, não conhece Suas atividades [*vyavahara*] no mundo, Sua absorção [*nishtha*] e Seu sono, assim como aquele que está dormindo no carro não conhece o movimento do carro, sua parada e seu deitado [com os bois desatrelados].

Michael James: O versículo acima de Sri Muruganar foi reescrito por Sri Bhagavan na forma do seguinte versículo, que também está incluído em *Ulladu Narpadu – Anubandham* como versículo 31.

B21. Para o conhecedor da realidade [*mey-jnani*], que está adormecido dentro do corpo carnal, que é [como] um carro, Suas atividades [no despertar e no sonho], Sua absorção [*nishtha*] e Seu sono são semelhantes ao movimento do carro, sua parada e o carro sendo desatrelado, para quem está dormindo no carro.

Sadhu Om: A vida corporal de um *Jnani* parece ser real apenas na perspectiva dos outros. Assim, pessoas ignorantes [*ajnanis*] pensam: “Este *Jnani* está realizando atividades aqui no estado de vigília”. Mas como o *Jnani* é, na verdade, sem corpo, Ele não conhece essas atividades; para Ele, o corpo e suas atividades são completamente inexistentes. Esse é o ensinamento dado neste versículo. Assim como o viajante que está dormindo num carro de boi não conhece o movimento do carro, e assim como uma criança adormecida não sabe que está se alimentando [ver versículo 1140], assim o *Jnani* não conhece o estado em que o corpo, os sentidos e a mente estão ativos.

Quando o corpo, os sentidos e a mente de um *Jnani* permanecem sem atividades [*pravrittis*], as pessoas pensam: “Este *Jnani* está em *samadhi*“. Este é semelhante ao estado em que os bois permanecem atrelados ao carro, mas ficam sem se mover. Mesmo este estado de *samadhi* ou *nishtha* não é conhecido pelo *Jnani*; para Ele, é completamente inexistente.

Quando as pessoas pensam: “Este *Jnani* está dormindo”, esse estado de aparente sono no qual seu corpo, sentidos e mente parecem estar inconscientes, é semelhante ao carro repousando com os bois desatrelados. Assim como mesmo o descanso do carro não é conhecido pelo viajante dormindo no carro, assim também o estado de sono não é conhecido pelo *Jnani*; para Ele, esse estado é completamente inexistente.

Portanto, esses três diferentes estados na vida de um *Jnani* parecem existir apenas na visão errada dos *ajnanis*, que veem o *Jnani* sem corpo como um corpo. Para o *Jnani*, o estado de atividade [despertar e sonho], o estado de *samadhi* e o estado de sono não existem de fato. É por isso que Sri Bhagavan diz no versículo 31 de *Ulladu Narpadu*, “Quem pode e como conceber qual é o estado Dele [o *Jnani*]?”

1106. A mente pura do *Jnani*, que existe e brilha como a testemunha [que não está ligada a nada], é um espelho claro que reflete todos os pensamentos defeituosos das mentes pervertidas de outros [que se aproximam Dele] e que [assim] ilude as mentes das pessoas fazendo-o [o *Jnani*] parecer defeituoso.

1107. Aos olhos daqueles [pessoas ignorantes] que são iludidos pelo senso de autorrealização [*kartritva*], o *Sahaja Jnani*, que vive transcendendo até a *sattvaguna*, pode às vezes parecer como alguém que possui muita *rajo-guna* enganosa. Por conta disso, não duvide [de sua *Jnana*, porque a *rajo-guna* é apenas um reflexo dos pensamentos rajásicos do observador].

1108. Se alguém fizer algo errado a um Grande Ser, um *Jivan-mukta*, que brilha e é conhecido como um tesouro de pureza, acumulará e carregará como um fardo uma vasta culpa e pecados para esta vida e futuras vidas [ou seja, culpa a ser experimentada nesta vida e pecados cujos frutos serão experimentados em vidas futuras].

1109. Pessoas de mentalidade baixa cometem erros da mesma maneira com pessoas ruins e com grandes Sábios, não sabendo que eles são diferentes, assim como um cachorro que vive lambendo da mesma maneira o prensa de óleo e o *Siva-lingam*, sem saber [a diferença entre eles].

Michael James: Depois que o *puja* foi realizado, o óleo permanecerá na superfície do *Siva-lingam*. Portanto, ignorando a santidade do *Siva-lingam*, cães vadios às vezes vêm e lambem o óleo dele da mesma forma que lambem o óleo derramado na parte externa de uma prensa de óleo. Da mesma forma, sendo ignorantes da verdadeira grandeza do *Jnani*, pessoas de mente baixa se comportarão em relação a Ele da mesma maneira errada e desrespeitosa que se comportam até mesmo com pessoas más.

1110. Embora um cachorro ladre para o sol, o insulto não afetará o sol. [Da mesma forma] as palavras mesquinhas de culpa [censura, ridicularização ou calúnia] das pessoas ignorantes não atingirão aquele que atingiu a luz do verdadeiro conhecimento [mey-jnana], que é brilhante como o sol.

43 One who Firmly Abides as Pure Consciousness

(*Sthita Prajnar Tiran*)

1111. The *Jnani* [literalmente, aquele que é o espaço da consciência], que sempre permanece apenas como o conhecimento brilhante [a mera consciência ‘eu sou’] desprovida da diferença dos estados transitórios [de] atenção da introversão e extroversão, é o único *sthita-prajna* imutável [aquele que firma firmemente como a pura consciência imutável].

Sadhu Om: Aquele que brilha desprovido do sentimento dual ‘dentro’ e ‘fora’ e que não experimenta o menor senso de diferença entre o estado de absorção [*samadhi*] alcançado através da introversão [*ahamukka*] e o estado de atividade [*vyavahara*] que resulta da extroversão [*bahirmukka*], é o único *sthita-prajna* [aquele que firma firmemente como pura consciência] ou um *dridha-jnani* [aquele que alcançou o conhecimento firme]. Aquele que experimenta o Eu apenas no estado de *samadhi* e que experimenta o corpo e o mundo quando não está em *samadhi*, é apenas um aspirante [*abhyasi*] e não um *sthita-prajna*. Como essa diferença na experiência não existe para o *sthita-prajna*, Ele permanece sempre em *sahaja-nishtha* [o estado natural de permanência do Eu].

1112. Saiba que Aquele que, através do verdadeiro conhecimento do Coração, brilha como a natureza de Siva [*Siva-swarupa*], que é o Eu e que é desprovido de ‘Eu’ [o ego], é o *sthita-prajna* perfeitamente silencioso, que não é movido por nada.

Sadhu Om: De todos os movimentos [*chalanas* e *vrittis*], o surgimento do ego como ‘eu sou este corpo’ é o primeiro. Portanto, todos os outros tipos de movimento [*chalana*] naturalmente se tornarão inexistentes para Aquele que alcançou o estado de Silêncio ao submergir e se conhecer como o Siva imóvel [*achala*], que é o Eu e que está completamente desprovido até mesmo do menor surgimento do ego, ‘eu sou isto’. Tal estado firme de conhecimento é o único estado de *sthitaprajnatvam* [firme permanência como pura consciência].

44 Aquele que Rompeu o Nó

(*Granthi Bhedittar Tiran*)

1113. Assim como as pessoas ignorantes [*ajnanis*] de mente volúvel veem [apenas] o mundo, que é um conjunto de objetos dos sentidos, em todo lugar devido ao [seu] conhecimento objetivo [o conhecimento pelo qual veem tudo como segunda e terceira pessoas, como objetos além de si mesmos], assim o Sábio que permanece [como o Eu] tendo rompido o nó [*chit-jada-granthi* ou ego] e tendo [assim] renunciado [ao conhecimento objetivo] vê [apenas] o Eu, a consciência básica, existindo e brilhando em todos os lugares.

1114. Apenas Ele é um Buda [um Sábio ou *Atma-jnani*] que sempre existe e brilha como o sol [*Jnana*] autoiluminado e diante do qual a dualidade do mundo-aparência, que surge como uma maravilha com tantas diferenças, não aparece e torna-se [completamente] inexistente.

1115. Saiba que o conhecedor da realidade [mey-jnani], que está bem estabelecido no Coração e que sempre se alegra contentemente na grandeza do Eu, nem considerará o mundo como uma densa [irreal] ilusão, nem o considerará como algo além de Si mesmo.

Michael James: A declaração feita em *Sri Ramana Gita*, capítulo 1, versículo 11, e que é reiterada neste versículo presente, ou seja, que o *Jnani* não considera o mundo nem irreal nem além de Si mesmo, foi mal interpretada por algumas pessoas para apoiar sua crença errônea de que o mundo de nomes e formas é real como tal. No entanto, o fato de tal interpretação ser errada é esclarecido no versículo anterior desta obra, onde se afirma que a dualidade do mundo-aparência (ou seja, o mundo de nomes e formas) é inexistente para o Buda ou *Jnani*, e também nos próximos dois versículos desta obra, onde é afirmado que o *Jnani* sabe que a consciência é a única realidade do mundo, e que no estado de *Jnana* ou pura consciência nada existe exceto aquela pura consciência.

Ou seja, o *Jnani* não se experimenta como o corpo, que é apenas um nome e forma, mas apenas como o Eu, que é existência-consciência-bem-aventurança (*sat-chit-ananda*), e portanto, de acordo com o princípio estabelecido no versículo 4 de *Ulladu Narpadu*, Ele não vê o mundo como nomes e formas, mas apenas como Si mesmo, a pura consciência sem nome e sem forma ou *sat-chit-ananda* (veja *Ulladu Narpadu* versículo 18, “... para aqueles que conhecem o Eu, a realidade brilha desprovida de forma como o substrato do mundo...”).

Assim, uma vez que o *Jnani* sabe que Ele, a realidade, é a única existência, e que os nomes e formas irrealis são completamente inexistentes, Ele não pode ver o mundo como algo irreal ou diferente de Si mesmo. Por outro lado, uma vez que o *ajnani* vê o mundo como nomes e formas, é correto e necessário para ele discriminar entre os nomes e formas irrealis e o real *sat-chit-ananda*, e considerar o mundo de nomes e formas como uma

ilusão irreal criada pela mente, que é em si uma entidade irreal e inexistente. Consulte aqui *Maharshi's Gospel*, Livro Dois, capítulo 3 (8a ed. p. 60), onde Sri Bhagavan diz, “Não há alternativa para você, a não ser aceitar o mundo como irreal, se você está buscando a Verdade e apenas a Verdade”. Consulte também os versos 50 e 51 desta obra, onde Sri Bhagavan diz que a declaração ‘o mundo é real’ só pode ser corretamente compreendida pelo *Jnani* e não pelo *ajnani*.

1116. O *Jnani* sabe que o mundo inteiro, que aparece na consciência, é da natureza da consciência [o Eu]. Ele, o afortunado, permanecerá [sempre] no Eu, sabendo que além da consciência [o Eu] não há realidade para o mundo.

1117. Aquele cuja mente foi destruída, tendo se afogado no todo não-dual [*advaita-purna*], nunca será perturbado nesta vida irreal de dualidade, [porque] nesse supremo estado de Graça, [o estado do] Eu, que é pura consciência [não misturada com quaisquer adjuntos como ‘isso’], nada como ‘Eu’ [o ego ou sujeito] e ‘isso’ [o mundo ou objeto] existe exceto isso [Eu, a pura consciência ‘Eu sou’].

Michael James: A última linha também pode ser traduzida como, ‘nada [nenhum sentimento-adjunto] como “Eu sou isso” existe’.

No estado de pura consciência, nada existe exceto essa pura consciência, ‘Eu sou’. Portanto, na verdadeira visão do *Jnani*, que sempre permanece como pura consciência, nada existe como ‘Eu’ [o ego] ou como ‘isso’ [o mundo].

1118. Como o *Jnani* rompeu o nó do fazedor [*kartritva*], Ele não vê [nenhuma] ação que deve ser feita [por Ele]. Como em Seu estado de *Jnana* nem mesmo um átomo aparecerá como um outro objeto insensível [um objeto insensível diferente de Si mesmo], nem mesmo um átomo de dúvida ou ilusão surgirá [para Ele].

1119. Embora a mente [de um *Jnani*] que foi encantada pela verdadeira luz [do autoconhecimento] esteja [aparentemente] envolvida como antes nos cinco sentidos, que conhecem o gosto, o cheiro, a visão, o som e o toque, ela foi [de fato] cortada [destruída] pelo poder do intenso autoquestionamento.

1120. Aquele que atingiu a vida de um *Jnani* no coração, não obterá nem mesmo o menor prazer da vida do corpo carnal e dos pequenos [cinco] sentidos. Não é essa vida do Silêncio em si a experiência ilimitada e ininterrupta de [a bem-aventurança do] supremo *Brahman*?

Michael James: Portanto, diante dessa bem-aventurança ilimitada, o prazer insignificante derivado através dos cinco sentidos não se tornará completamente insignificante?

1121. Assim como um rio que se uniu e se tornou um com o oceano ondulado não se tornará separado [do oceano] por se transformar [novamente em um rio], assim para o *jiva* que alcançou [e se tornou um com] o Eu, que é a forma do conhecimento, não haverá reencarnação por causa de sua ilusão.

Sadhu Om: Como a própria natureza do Eu é o conhecimento ou *Jnana*, e como o nascimento é nada mais que o falso conhecimento ou ignorância ‘Eu sou o corpo’, que parece existir apenas por causa da ilusão ou esquecimento do Eu, a alma que alcançou o verdadeiro autoconhecimento nunca mais nascerá.

1122. Entre aqueles cujas mentes estão possuídas pelo esquecimento [do Eu], aqueles que nascem morrerão e aqueles que morrem renascerão [novamente]. [Mas] saiba que aqueles cujas mentes estão mortas, tendo conhecido a gloriosa realidade suprema, permanecerão apenas lá, naquele estado elevado [de realidade], desprovido de [ambos] nascimento e morte.

1123. Aquele que viu [a Si mesmo como] existência-consciência [*sat-chit*], viu *Sadasiva*; Ele viu a destruição da dualidade que cria medo; Ele viu Seu estado natural, que é o estado puro de *turiya*; Ele é o Grande; Ele não verá o nascimento [nunca mais].

1124. Se em um momento anterior o nó original [o ego] foi cortado, não se estará mais preso em momento algum. Este [estado de libertação], que é a própria natureza, é o único estado de Deidade; este é o único Senhorio poderoso; este é o único paz abundante. Saiba assim.

45 A Grandeza do Sábio

(*Sandror Matchi Tiran*)

1125. Quando Aquele que tem [realizou] Deus [*mahesan*] dentro de si como a grande realidade [como Seu próprio Eu] e que não tem nem um único apego, caminha, saiba que esse Deus, que existe e brilha como o Protetor do perigo, está caminhando.

Sadhu Om: Este versículo pode ser interpretado das seguintes duas maneiras:

a) Quando o *Jnani* caminha, saiba que é o próprio Deus quem está caminhando na forma daquele *Jnani*.

b) Quando o *Jnani* caminha, saiba que o próprio Deus está caminhando atrás Dele para proteger Seu corpo do perigo.

A ideia expressa na versão (b) também é expressa em um versículo de *Kurundirattu* ao qual Sri Bhagavan às vezes se referia [veja *Minhas Recordações de Bhagavan Sri Ramana* por Devaraja Mudaliar, edição de 1970, pp. 31 a 32].

1126. Ele [o *Jnani*] que permanece como Siva, tendo destruído a mente [o conhecimento limitado ‘Eu sou fulano de tal’], reside igualmente em todos os *jivas* [como seu verdadeiro Eu, o

conhecimento ilimitado ‘Eu sou’]. [Portanto] ao meditar na forma [*swarupa*] Dele, que claramente brilha como um *Mukta*, [por Sua Graça] a verdadeira luz [do autoconhecimento] brilhará de dentro [como o *sphurana* ‘Eu-Eu’].

Michael James: O *swarupa* do *Jnani* pode aqui ser interpretado como Sua forma física ou Sua verdadeira natureza. Mas como a verdadeira natureza do *Jnani* é o Eu, a própria verdadeira natureza, que é comum a todos (*samanya*), e como este versículo aponta para o *swarupa* do *Jnani* em particular (*visesha*), é mais apropriado aqui interpretar a palavra ‘*swarupa*’ como Sua forma física. Além disso, quando vemos os outros versos deste capítulo, podemos entender que todos eles estão preocupados com a grandeza da forma física do *Jnani* e o benefício inestimável de se associar a essa forma.

Sri Bhagavan costumava exaltar a grande eficácia do *sat-sang* (associação ou contato com um *Jnani*), e Ele também costumava apontar que o contato mental é melhor do que o mero contato físico (veja *Dia a Dia*, 9-3-46). É por isso que Sri Bhagavan assegura neste versículo que ao pensar na forma do *Jnani*, a verdadeira luz do autoconhecimento brilhará de dentro. Essa também é a razão pela qual Sri Bhagavan afirmou que, ao se pensar apenas na forma de Arunachala, a *Mukti* seria alcançada. Portanto, os devotos não precisam temer que o *sat-sang* de Sri Bhagavan não está mais disponível agora que Sua forma física se foi; Seu *sat-sang* está sempre disponível para aqueles que voltam sua mente para Ele.

Sri Muruganar: O *swarupa* de um *Mukta* reside como o *swarupa* de Siva em todos os *jivas*. Para revelar que a razão pela qual a verdadeira luz brilhará por si só no coração daqueles que praticam a meditação sobre Seu *swarupa*, é dito, “Aquele que permanece como o próprio Siva”, e, “Ele está residindo igualmente em todos os *jivas*”.

1127. O olhar Dele [o *Jnani*] que é rico em verdadeiro conhecimento [*mey-jnana*], que é a vida suprema que flui como o surgimento de cem sóis sem jamais diminuir, facilmente concederá a inigualável *Jnana* àqueles que se banham nele, salvando-os e conduzindo-os ao objetivo da imortalidade.

Michael James: Muruganar indicou que o seguinte versículo de Bhagavan deveria ser incluído aqui. Ele apareceu originalmente como versículo 7 do apêndice de *Guru Vachaka Kovai*.

Através de palestrantes, escrituras e virtuosas ações, nenhum estado pode ser alcançado igual a [aquele estado que é alcançado por] a pista [de auto-investigação ou auto-atenção] que é claramente alcançada dentro pela associação com um *Sadhu* [aquele que permanece como a realidade ou *sat*]. [Sabendo disso com certeza,] vá.

Neste versículo, Sri Bhagavan expressa em um metro de duas linhas (*kural-venba*) a mesma ideia que Ele expressou em um metro de quatro linhas (*venba*) no versículo 2 de *Ulladu Narpadu – Anubandham*.

1128. Aqueles [*Jnanis*] cujas mentes estão embebidas na essência do gozo de Siva [*Siva-bhoga-rasam*], o verdadeiro conhecimento [*mey-jnana*] que existe e brilha como o *eka-rasam* [a única essência, o Self não-dual], converterão o vazio [a mente do *jiva*], que é um deserto ardente, a essência da ilusão [*moha-rasam*], em um lugar [frio e fértil] [que produz os frutos de *bhakti* e *Jnana*] que é amado até mesmo pelos deuses.

1129. As mentes de todos aqueles que vêm ao *Jnani*, cujo coração transborda de paz, tornar-se-ão bem-aventuradas [sendo preenchidas com Sua paz]. [Pois] não é Seu rosto fresco [semelhante à lua], que está embebido de alegria, o [totalmente desabrochado] lótus vermelho [*Jnana*] ao qual as abelhas [os devotos] são atraídos?

46 A Glória do Grande

(*Periyar Matchi Tiran*)

1130. Se ele presta um santo serviço a um Grande [um *Jnani*], a alma iludida perderá sua ilusão, a riqueza bem estabelecida e permanente da Graça será alcançada [por ele] no coração, e ele viverá como a pessoa mais afortunada.

47 Um cujas *Vasanas* estão Mortas

(*Vasanai Mandar Tiran*)

1131. Como a agitação [ou confusão] nunca surgirá sem [o surgimento de] o sentimento ‘Eu sou apenas o corpo’ [o ego] no coração, aquele cujas tendências [*vasanas*] - [que são a forma de] o ego ou a mente - estão mortas, não serão mentalmente agitadas [ou confundidas] nem mesmo em sonho.

1132. Criaturas baixas, como animais de quatro patas e pássaros, vivem sempre com mentes agitadas [ou errantes]. [Mas] o iluminado [o *Jnani*], cuja mente vive destituída de qualquer pensamento [como mera existência-consciência ‘Eu sou’], [só] é aquele que [realmente] vive.

Michael James: A vida silenciosa na qual a mente está morta, sozinha é a vida adequada para um homem viver; a vida de um homem cuja mente está vagando, não é melhor do que a vida de pássaros e bestas.

1133. Embora eles empreendam e façam muitas ações [*vyvahas*], aqueles cujas tendências mentais [*manavasanas*] estão mortas são como alguém que se senta por muito tempo [aparentemente] ouvindo histórias purânicas, mas que tem [na verdade] direcionado sua mente para longe.

1134. Embora estejam [sentados] em silêncio, se suas tendências mentais [*mana-vasanas*] não forem destruídas, são de fato aqueles que fizeram tudo como o fazedor, assim como alguém que

[sofre pensando] em sonho [que] escalou uma colina e está caindo de cabeça sobre um precipício, embora [na verdade seu corpo esteja] deitado silenciosamente [dormindo em sua cama].

Michael James: As ideias expressas nos dois versos acima por Sri Muruganar, que também são expressas no décimo primeiro capítulo de *Vichara Sangraham*, foram resumidas por Sri Bhagavan no seguinte verso, que também está incluído em *Ulladu Narpadu – Anubandham* como o verso 30.

B22. Assim como alguém que está [aparentemente] ouvindo uma história quando sua mente foi [na verdade] longe, a mente [do *Jnani*] na qual as *vasanas* foram apagadas, não fez [nada] embora [aparentemente] tenha feito [muitas coisas]. [Por outro lado] a mente [do *ajnani*] que está impregnada delas [as *vasanas*], fez [muitas coisas] embora [aparentemente] não tenha feito [nada], [assim como] alguém que [pensa] em sonho [que] escalou uma colina e está caindo sobre um precipício, embora [na verdade seu corpo esteja] deitado imóvel aqui [dormindo em sua cama].

Sadhu Om: Embora uma pessoa possa parecer a um observador estar sentada e ouvindo uma história, se sua mente não está prestando atenção na história, mas está absorvida em pensar em outras questões, na verdade ela não está ouvindo a história. Da mesma forma, embora um *Jnani* possa parecer para nós observadores estar envolvido em muitas atividades, uma vez que suas *vasanas* foram destruídas e, portanto, ele perdeu o senso de fazer, na verdade ele não está fazendo nada [referir-se também aos versos 1105, B21, 1140 e 1165].

Embora o corpo de uma pessoa dormindo seja visto deitado tranquilamente em um lugar, ela pode estar sofrendo devido aos seus sonhos, acreditando que escalou uma colina e está caindo de um precipício. Da mesma forma, embora o corpo de um *ajnani* seja visto sentado em silêncio por muito tempo em meditação ou *samadhi*, e embora pareça ter desistido de todas as atividades, uma vez que suas tendências para a ação [*karma-vasanas*] não foram destruídas e, portanto, ele mantém o senso de fazer, ele é na verdade quem está fazendo todos os tipos de *karmas* e experimentando seus frutos.

48 O Libertado

(*Jivan-Muktar Tiran*)

1135-1136. “Embora sua ação tenha sido destruída, é apropriado chamar aqueles que estão usando um corpo, que estão comendo [ganhar a vida] por outras atividades e que estão fazendo ações [*karma-bandha*] de ‘libertado’? Também vemos que, sendo vítimas do *karma* designado [ou seja, do seu *prarabdha karma*], até mesmo aqueles Grandes sofrem, [então como pode se dizer que eles estão livres da experiência do prazer e da dor, que são os resultados da ação?]” Se for perguntado assim, [a resposta é que] seus sofrimentos são meramente de acordo com a perspectiva [*drishti*] dos observadores [os *ajnanis*]; me diga, eles [os *Jivan-muktas*] dizem que estão sofrendo?

Sadhu Om: Como o *ajnani* se considera um corpo [um indivíduo separado e finito], ele não pode deixar de ver até mesmo o *Jnani* como um corpo; no entanto, em sua própria perspectiva, o *Jnani* sabe que Ele é o Eu Infinito, que é sem corpo e completamente desprovido de individualidade. Devido à sua perspectiva defeituosa [*dosha-drishti*], as pessoas veem o *Jnani* como um executor [*karta*] de ações e como o experimentador [*bhokta*] de seus frutos, que são designados como *prarabdha*. Mas como o *Jnani* é como o espaço infinito e indivisível, que não tem individualidade separada, Ele não sente que está fazendo quaisquer ações ou que está desfrutando ou sofrendo de seus frutos. Tendo transcender o dualismo de prazer e dor, Ele é tanto um não executor [*akarta*] quanto um não experimentador [*abhokta*]. Assim, para o *Jnani*, nenhum dos três *karmas* [*agamyā, sanchita* e *prarabdha*] existe sequer minimamente. Refira-se aqui aos versos 1144 e B23, e ao verso 33 de *Ulladu Narpadu – Anubandham*.

Sri Bhagavan uma vez revelou sua própria experiência ao dizer: “O rádio canta e fala, mas se você o abrir, não encontrará ninguém lá dentro. Da mesma forma, minha existência é como o espaço; embora este corpo fale como o rádio, não há ninguém dentro como um executor.”

1137. Quando aqueles Grandes [os *jivan-muktas*] experienciam a realidade transcendente [Self] apenas como sua própria forma [*swarupa*], essas pessoas insensíveis [os *ajnanis*, que identificam o corpo insensível como ‘eu’] vendo-os [os *Jivan-muktas*] como a forma do corpo sofredor, é apenas de acordo com a perspectiva dos observadores [esses *ajnanis*].

1138. Saiba que o mérito [ou *punya* que resulta das boas ações que os *jivan-muktas* podem parecer fazer] vai para aqueles que se aproximam e elogiam com amor [aqueles] Grandes Libertados, que, tendo perdido o sentido de executor, vivem como ordenado por Deus, e que o demérito [ou *papa* que resulta dos pecados que os *jivan-muktas* podem parecer fazer] vai para aqueles que os vilipendiam ao invés de elogiá-los.

Michael James: Como a vida corporal de um *Jivan-mukta* é uma mera aparência que existe apenas na perspectiva errada do *ajnani*, todas as ações de Seu corpo, fala e mente também são uma mera aparência. Portanto, uma vez que tais ações não existem em Sua perspectiva, Ele não pode ser afetado de maneira alguma por seus resultados.

1139. Se for perguntado, “Se eles [os *Jivan-muktas*] perderam o sentido de executor, como podem continuar as ações [do seu corpo, fala e mente]? Nós vemos [tais] ações em andamento”, tenha certeza de que, uma vez que [seus] anexos internos morreram, eles têm o próprio Deus residindo em seus corações e fazendo [todas essas ações].

Sadhu Om: Como mencionado na nota do verso 1136, Sri Bhagavan uma vez comparou o corpo de um

Jivan-mukta a um rádio, que canta e fala, mas que não tem ninguém dentro dele. Assim como aquilo que faz o rádio cantar ou falar é a estação de transmissão, que está em algum lugar distante, então o executor que está falando e agindo no corpo de um *Jnani* é o próprio Deus.

1140. As ações dos grandes *Jivan-muktas* na intoxicação do Silêncio, que é desprovido de todo ‘Eu’ e ‘meu’, são como as crianças comendo em um sono muito profundo quando são feitas para se sentar e comer.

Sadhu Om: Sendo intoxicadas por seu estado de sono profundo e feliz, essas crianças não têm senso de executor, ‘Eu estou comendo’, e não têm senso de experienciador, ‘Esta comida é saborosa’, e ainda assim elas realizam a ação de comer. Da mesma forma, sendo intoxicados por seu estado feliz de Silêncio, o estado do sono sem sono, os *Jnanis* não têm senso de executor ou de experienciador, mesmo que pareçam realizar ações. Assim como a criança está completamente inconsciente de sua alimentação, assim o *Jnani* está completamente inconsciente de todas as ações de Seu corpo, fala e mente. Refira-se aqui aos versos 1105, B21, 1133, B22, 1148, B24 e 1165.

1141. Assim como um carregador carrega um fardo e felizmente o coloca no destino, assim também o grande conhecedor da realidade [*mey-jnani*] ficará feliz em colocar o fardo deste corpo.

Sadhu Om: Um carregador nunca sentirá qualquer apego na forma de ‘Eu’ ou ‘meu’ em relação ao fardo que está carregando. Da mesma forma, um *Jnani* nunca sentirá qualquer apego em relação ao Seu corpo, seja na forma ‘Eu sou este corpo’ ou na forma ‘este corpo é meu’. Assim como um prato de folha só serve para ser descartado depois que se comeu nele, assim o corpo só serve para ser descartado depois que o autoconhecimento - o fruto que deve ser obtido vivendo no corpo - foi alcançado. Com a morte do corpo, o *Jnani* não incorrerá em nenhuma perda e não sentirá nenhuma tristeza. O objetivo do presente verso é apenas ensinar essa verdade, e não deve ser interpretado como se o *Jnani* estivesse preso ao corpo até a hora da morte, ou que Ele sentisse o corpo como um fardo indesejado, ou que Ele estivesse sofrendo por viver no corpo.

Michael James: O verso 8 do apêndice de *Guru Vachaka Kovai* – *Urai* é incluído aqui. Neste verso Sri Bhagavan diz:

Quem conheceu o Self descartará o corpo assim como [se descarta] uma folha depois que a comida foi comida [a partir dela].

Neste verso de duas linhas, Sri Bhagavan resumiu a ideia expressa em um verso de quatro linhas em uma obra em tâmil chamada *Prabhulingalila*, capítulo 12, verso 11, de Sivaprakasa Swamikal. Consulte *Letters from Sri Ramanasramam*, p. 208, para mais detalhes. Nos últimos dias de Sua vida corporal, quando os devotos oravam a Ele, “Ó Bhagavan, você deveria viver neste corpo por muitos mais anos”, Sri Bhagavan costumava se referir a este verso para fazê-los entender que, uma vez que não há mais benefício a ser obtido vivendo no corpo depois que o autoconhecimento foi alcançado, é apenas apropriado descartá-lo.

1142. A onda do oceano profundo permitirá que uma pequena criatura que caiu [nela] e que está à beira da morte, levante a cabeça? [Da mesma forma] diante da plena inundação do Silêncio do verdadeiro conhecimento [*mey-jnana-mouna*], é possível para o ego, ‘Eu sou o corpo base e carnal’, se erguer?

Sadhu Om: A experiência de um *Jivan-mukta* é uma grande enchente do Silêncio do *Jnana*. Nesse fluxo ilimitado de Silêncio, o ego nunca pode se erguer novamente, e, portanto, é certo que para um *Jivan-mukta* não haverá renascimento [não há ressurgimento do ego].

1143. Pode a mente [do *Jnani*] que conheceu a grandeza do seu próprio Eu, tendo perdido o ‘Eu’ [o ego, cuja forma é ‘Eu sou isso’], ser enganada pela aparência enganosa e ilusória [deste mundo irreal]? Pode a percepção da aparência irreal da dualidade ser real em meio ao maravilhoso e puro espaço de *turiya* [o espaço sem nome e sem forma da pura consciência]?

1144. Para um *jiva* que está sofrendo devido à morte e ao nascimento, a coisa mais digna de fazer e atingir com pleno amor, é [ter] a experiência do grande estado de *Jivan-mukta*, tendo submergido e conhecido [sua própria verdadeira natureza], para que o surgimento [do ego], que é o ganhar vida [do *jiva*] devido à [sua] esquecimento da sua própria realidade [Eu], possa morrer.

Michael James: O surgimento do ego como ‘Eu sou fulano de tal’, que acontece devido ao esquecimento do Eu, é o nascimento do *jiva*. Para que este *jiva* possa morrer e para que a interminável miséria do nascimento e da morte chegue ao fim, a coisa mais digna para o *jiva* fazer é atentar para si mesmo com grande amor e, assim, conhecer sua própria verdadeira natureza [Eu], e assim submergir em sua fonte e atingir a experiência de *Jivan-mukti*.

Este verso pode ser lido junto com os versos 500 e 501 no capítulo sobre o que é digno de ser feito.

1145. Diga-me, quando o marido deles, que é o autor, morre - o sentido de autoria [\ *kartritva*] tendo sido destruído - em vez das esposas, que são suas três *karmas*, se tornarem viúvas de uma vez, duas delas podem se tornar viúvas e uma delas permanecer casada?

Sadhu Om: O *jiva* não é apenas o autor das *karmas*, mas também o experimentador de seus frutos. Portanto, quando o *jiva* é destruído pelo autoconhecimento, todos os três *karmas* [\ *agamyā*, *sanchita* e *prarabdha*] se tornarão inexistentes, já que não há ninguém restante para fazer ou experimentar eles. Portanto, para o *Jnani* não há *karma* de forma alguma. Assim, quando algumas escrituras dizem que *agamyā* e *sanchita* são

destruídas e que *prarabdha* permanecerá sozinha para o *Jnani*, o que elas dizem deve ser entendido como uma mera formalidade [\ *upachara*] e não deve ser considerado a verdade real.

A ideia expressa no verso de quatro linhas acima por Sri Muruganar, foi resumida por Sri Bhagavan no seguinte verso de duas linhas. Mais tarde, quando este verso de duas linhas foi incluído em *Ulladu Narpadu - Anubandham*, Sri Bhagavan adicionou outras duas linhas a ele.

B23. Saiba que, assim como nenhuma esposa permanecerá casada quando o marido morrer, todas as três *karmas* se tornarão inexistentes quando o autor morrer.

Michael James: Este verso são as duas últimas linhas do verso 33 de *Ulladu Narpadu - Anubandham*. Nas duas primeiras linhas desse verso, Sri Bhagavan diz: “Dizer que *sanchita* e *agamy* não aderirão a um *Jnani*, [\ mas] que *prarabdha* permanece [\ para ser experimentado por Ele], é uma resposta superficial para ser dita às perguntas dos outros”. Consulte aqui *The Path of Sri Ramana - Part One*, pp. 66 a 68, para uma explicação detalhada.

1146. Para o corpo, que nasceu por causa de *prarabdha*, esse *prarabdha* nunca falhará [em dar fruto]. [Mas] o *Jivan-mukta*, que se separou [do corpo] cortando o *chit-jada-granthi*, transcendeu o próprio *prarabdha*.

Sri Muruganar: O princípio de *Visishtadvaita* de que *prarabdha* não deixará de dar frutos mesmo para o *Jivan-mukta*, é refutado aqui. Como?

Como Ele perdeu a consciência corporal com o corte do *chit-jada-granthi*, as atividades do Seu corpo existem apenas na perspectiva dos outros.

1147. “Quando [é um fato que] a experiência do *karma* [*prarabdha*] existe como o corpo, se não há experiência do *karma* [*prarabdha*] para alguém, [mesmo que ele seja um *Jnani*] não morrerá [seu corpo]?” - se você perguntar assim, me diga corretamente por quem o corpo bruto é visto?

Michael James: É visto pelo próprio *Jnani*? Não é visto apenas pelos *ajnanis*?

Sadhu Om: O *Jnani*, que não tem experiência de *prarabdha*, não vê um corpo existindo para Si mesmo. Assim como o corpo do sonho se torna inexistente assim que o sono termina, assim, na perspectiva do *Jnani*, Seu corpo se tornou inexistente assim que Ele alcançou o *Jnana* [isto é, assim que Sua experiência de *prarabdha* foi destruída]. Assim, o corpo do *Jnani* parece existir apenas na perspectiva dos *ajnanis*, que são eles mesmos completamente inexistentes em Sua perspectiva. Portanto, é sem sentido dizer que o corpo de um *Jnani* ainda está vivo.

Michael James: O verso 9 do apêndice ao *Guru Vachaka Kovai - Urai* é incluído aqui. Neste verso, Sri Bhagavan diz:

“Se a pomba capturada na mão do caçador for libertada, ela voará até mesmo da floresta [na qual foi capturada], [não voará?]” Se você perguntar assim, [a resposta é que] quando o caçador, voltando para casa, vai embora [da floresta deixando a pomba], ela [a pomba] permanecerá [na floresta], já que até aquela floresta, que era [previamente considerada por ela como] alienígena, será [encontrada como sendo sua] casa.

Um dia, um devoto chamado K. V. Ramachandran compôs um verso de duas linhas (*kural venba*) no qual disse: “Se a pomba capturada na mão do caçador for libertada, ela voará até mesmo da floresta”. Embora este verso pareça ser uma afirmação, na verdade pretendia ser uma pergunta em forma metafórica. Aqui ‘o caçador’ significa *maya*, ‘a pomba’ significa *jiva*, a libertação da pomba significa a libertação do *jiva*, e ‘a floresta’ significa o corpo bruto. Portanto, o significado implícito no verso de K. V. Ramachandran é: “Se o *jiva*, que está preso por *maya*, é libertado, ele deixará imediatamente o corpo [no qual estava preso], não deixará?”

Sri Bhagavan deu Sua resposta a essa pergunta pegando o mesmo verso de duas linhas e o expandindo para um verso de quatro linhas (*venba*). O significado implícito em Sua resposta é o seguinte: “Se você perguntar assim, a resposta é que quando, prestando atenção a ‘eu’, *maya* [que é nada mais que a mente] desaparece, sendo considerada inexistente, o *jiva* [que assim realizou sua verdadeira natureza como o Ser] permanecerá no corpo bruto, pois mesmo aquele corpo, que anteriormente era considerado pelo *jiva* como estranho ou diferente de si mesmo, será conhecido [através da experiência ininterrupta de *Jnana*] como nada mais que o Ser”.

Este significado implícito é tornado ainda mais explícito em tâmil pelo fato de Sri Bhagavan usar as palavras ‘*nadi aham*’, que significa tanto “Voltando para casa” quanto “prestando atenção a ‘eu’”.

Portanto, o significado da resposta de Sri Bhagavan é que não há regra de que o corpo deve morrer quando se atinge *Jivan-mukta*. Além disso, uma vez que após a realização do Ser nada (nem o corpo, nem o mundo) pode existir como algo além da única consciência ininterrupta do Ser, até mesmo o conhecimento limitado ‘o corpo não sou eu’, que existia durante o período de *sadhana*, será removido, e o conhecimento ilimitado ‘o corpo também sou eu’ será alcançado. O verso 17 de *Ulladu Narpadu* também pode ser lido aqui.

1148. Aquele que está cego pela embriaguez não sabe se a roupa em seu corpo permanece ali ou caiu. [Da mesma forma] o *Siddha* [ou seja, *Jnani*] que conhece [e está imerso na] forma da luz [Sua própria autoconsciência], que é [ilimitada e sutil como] o espaço, não sabe da conexão [a vida] ou a remoção [a morte] do corpo irreal e insensível.

Michael James: Este verso é uma tradução de um verso em sânscrito no *Bhagavatam* (XI-13-36) que Sri Bhagavan às vezes costumava citar. A mesma ideia também é expressa por Sri Bhagavan no seguinte verso. Consulte aqui *Day by Day with Bhagavan*, 9-1-46 e 18-1-46 a 21-1-46.

B24. O corpo é transitório [e portanto irreal]. Seja [devido ao *prarabdha*] repousando ou movendo, seja devido ao *karma* [*prarabdha*] agarrando-se [vivendo] ou deixado [morto], o *Siddha* que conhece o Ser não conhece o corpo, assim como aquele que está cego pela intoxicação com aguardente [não conhece suas] roupas.

Sadhu Om: Só porque as palavras “seja repousando ou movendo, seja vivendo ou morto” são usadas aqui, não devemos concluir que para o *Jnani* um corpo realmente nasce, vive, trabalha e morre. Devemos entender que para o *Jnani* na verdade não existe tal coisa como nascimento, atividade e morte do corpo, e que estes parecem existir apenas na perspectiva errada do *ajnani* que os vê.

1149. A forma do corpo vivo do perfeito *Jnanamukta*, que destruiu o defeito do ego, é como um tecido de seda vermelho [queimado], que permanece sem perder sua aparência mesmo que tenha perdido sua realidade, tendo se tornado cinzas.

Michael James: Quando um tecido de seda vermelho é queimado, ele mantém tanto sua forma quanto sua cor, mesmo que sua substância tenha se transformado em cinzas. Da mesma forma, depois que o ego foi queimado no fogo de *Jnana*, o corpo do *Jnani* parecerá permanecer inalterado e aparentemente continuará a viver e a realizar atividades, mesmo que Sua consciência ‘eu sou o corpo’ (*dehatma-buddhi*) tenha sido completamente destruída.

1150. Assim como apenas uma cobra pode conhecer as pernas de uma cobra, apenas um *Jnani* pode conhecer a natureza de um *Jnani*. A natureza de um *Jnani* não pode ser conhecida corretamente por mais ninguém, mas apenas erroneamente [literalmente, como *viparita*].

Sri Muruganar: Como o conhecimento de quem possui apenas conhecimento de livros é um conhecimento iludido, ele só pode ver a realidade erroneamente e não como ela é, e portanto ele não pode conhecer claramente a verdadeira natureza de um *Jnani*. Mesmo nas escrituras que dão a definição [*lakshana*] de *Jivan-mukti*, é dito que os *Jnanis* podem parecer loucos, pessoas possuídas por fantasmas ou crianças, e que não é possível para as pessoas ignorantes [*ajnanis*], nas quais a consciência do mundo não se perdeu, compreendê-los.

1151. A experiência suprema [*brahmanubhava*] - que tem a glória de não conhecer qualquer outra coisa - do grande apreciador da alegria do verdadeiro conhecimento [*meyjnana-mahā-anandī*], que alcançou o estado de Silêncio [*mouna*], a forma Daquilo [*tadakara*] que brilha triunfante na destruição de si mesmo [o ego], não pode ser concebida por quem quer que seja.

Michael James: A ideia expressa neste verso é reexpressa por Sri Bhagavan em suas próprias palavras no seguinte verso, que também está incluído em *Ulladu Narpadu* como verso 31.

B25. Para Ele que desfruta da bem-aventurança do Ser, que surgiu na destruição de si mesmo [o ego], que coisa única resta para fazer? Ele não sabe nada além do Ser; [portanto] quem pode e como conceber qual é o seu estado?

49 O *Jnani*

(*Jnaniyar Tiran*)

1152. É impossível expressar a grandeza de um *Jnani*. Ele sozinho conhece a natureza [ou beleza] de Sua existência. Ele é mais vasto que o espaço; Ele é mais firme que uma montanha. Tendo examinado e destruído o sentimento ‘eu sou o corpo’, conheça [esta verdade claramente].

Sri Muruganar: Enquanto tivermos a sensação ‘eu sou o corpo’ [*dehatma-buddhi*], mesmo o *Jnani* parecerá ter um corpo e estar em servidão como nós, e, portanto, é impossível para nós conhecermos a grandeza do *Jnani* como ela é. Somente quando perdemos essa ignorância [*ajnana*], o estado ininterrupto [*akhanda nilai*] do *Jnani* brilhará.

1153. Saiba que o Muni que conheceu a verdadeira luz - que é o Ser, que permanecendo sem forma faz tudo [as formas do mundo] brilhar - brilhando intensamente e sem véu [*tirodhana*] como ‘Eu’ mesmo, é o rei que governa [todos] os céus [como *Brahma Loka*, *Vishnu Loka* e *Siva Loka*].

1154. A mente do *Jnani*, que dorme no Ser, tendo se estabelecido imóvel no oceano do perfeitamente natural êxtase [*nir-atisaya ananda*] do Silêncio indiferente do Ser [*swarupa-nirvikalpa-manna*], não sofrerá perdendo-se no mundo.

Michael James: Ou seja, ele não sofrerá no mundo, sendo capturado no desperdício da ilusão das falsas tríades ou triputis.

1155. Os sábios que, tendo escorregado [através de *pramada*] do Ser, que é o despertar [real], desejam o sonho ilusório do mundo que é visto, como [se fosse] o despertar [real], são diferentes, e os sábios que estão em clareza, tendo conhecido o Ser, são diferentes.

Sadhu Om: A palavra ‘*pulavan*’ [sábio] significa ‘aquele que sabe’. O primeiro tipo de sábio mencionado neste verso é o *ajnani* erudito, que apenas adquiriu conhecimento através dos cinco sentidos, enquanto o segundo tipo é o verdadeiro *Jnani* que alcançou o autoconhecimento. Uma vez que o conhecimento adquirido através dos cinco sentidos é um conhecimento falso, enquanto o conhecimento do Ser é o único conhecimento verdadeiro, esses dois tipos de sábios são completamente diferentes um do outro.

1156. Por mais atentamente que se olhe para as verdadeiras escrituras, elas só dirão para se examinar dentro de si mesmo [e assim conhecer quem realmente se é]. O propósito de olhar num espelho é apenas ficar feliz ao ver o belo rosto do homem, não é?

Sadhu Om: O propósito de olhar num espelho não é simplesmente desperdiçar o tempo, seja olhando o reflexo ou apreciando o espelho; o propósito é apenas experimentar a alegria de ver a beleza do próprio rosto. Da mesma forma, o propósito de ler as escrituras é apenas experimentar a verdadeira felicidade do autoconhecimento. Portanto, assim que alguém lê as escrituras, que revelam 'Você mesmo é aquele *Brahman*', deve-se fazer bom uso dessa informação e verificar a verdade dela a partir da própria experiência direta, examinando e conhecendo a si mesmo através da pergunta 'Quem sou eu?'. Consulte aqui a obra *Quem sou eu?* onde Sri Bhagavan diz, "Como é dito em todas as escrituras que para alcançar a libertação deve-se controlar [ou seja, destruir] a mente, depois de saber que o controle da mente é a decisão final das escrituras, ler escrituras ilimitadamente é infrutífero" [veja o verso 141 desta obra].

Depois de se envolver na *sadhana* de conhecer o Ser, pesquisar nas escrituras não tem utilidade. As escrituras são úteis apenas para nos direcionar para o caminho da autoindagação e não têm mais utilidade para nós durante o tempo em que estamos envolvidos na prática ou *nididhyasana*. Isso é o que Sri Bhagavan quis dizer na obra *Quem sou eu?* quando disse: "Para Rama saber que ele é Rama, é necessário um espelho? ... Tudo que se aprendeu terá que ser esquecido em algum momento."

1157. Entre aqueles que se aproximam do espelho - as verdadeiras *Jnana-sastras* que revelam que o que deve ser conhecido é o Self - muitos [meramente] olham para as *sastras* e os grandes comentários [sobre elas], enquanto poucos se salvam [como as escrituras recomendam] procurando [dentro de si] e conhecendo sua própria natureza [Self].

1158. Se [a verdade é] dita, o conhecedor da realidade [*mey-jnani*] é diferente, e o estudioso [*viijnana*] que conhece as escrituras [que falam] sobre o verdadeiro conhecimento [*mey-jnana*] é diferente. Para aqueles que desejam romper a servidão da ignorância [*ajnana*], é necessário deixar os estudiosos e se associar com aqueles que permanecem como o supremo Self [*atma-paramishthar*].

Sri Muruganar: Ele [Sri Bhagavan] diz isso porque o conhecimento experiencial [*anubhava-jnana*] não pode ser alcançado a menos que se associe com aqueles que permanecem como Self. O benefício que pode ser obtido pelo mero *viijnana* [conhecimento scriptural] não é nada além do louvor e adoração do mundo.

1159. Saiba que as palavras [de *upadesa*] proferidas por um *Jnani*, que conheceu a realidade que sustenta tudo pelo poder de [sua] Graça, sempre serão um apoio salvador para as almas que foram iludidas por muito tempo sob o domínio da escuridão [mas que desejam ser salvas].

Sadhu Om: A razão pela qual se diz no verso 1158 que se deve deixar os estudiosos e associar-se em vez disso com aqueles que permanecem como o Self é explicada neste verso. Ao invés de todas as palestras e explicações dadas por estudiosos scripturais, em uma única palavra proferida por um *Jnani*, que [embora possa ser iletrado] conheceu a realidade suprema, há mais poder de autoridade [o poder da luz do Self] para dissipar a escuridão da ignorância [*ajnana*] em outros *jivas*. Portanto, é instruído aqui que devemos nos aproximar com amor de um *Jnani* ao invés dos estudiosos scripturais.

50 A Ação dos *Jnanis*

(*Jnanigal Karma Tiran*)

1160. Se o veredito é que a inação sozinha é *Jnana*, [então significaria que] o veredito é que até a inação devida à lepra é *Jnana*! Saiba que aquele exaltado estado em que se abandonou gostos e aversões por ações [e por seus frutos] e que está desprovido de qualquer autoria [literalmente, responsabilidade] na mente, sozinho é o estado de *Jnana*.

Sadhu Om: Permanecer sem o surgimento de autoria, seja na forma de 'eu devo fazer ações' ou na forma de 'eu devo parar de fazer ações', é o verdadeiro estado de *Jnana*. Sri Bhagavan costumava dizer que fazer *nishkamya karma* [ou seja, realizar ação sem desejo pelo fruto] significa verdadeiramente apenas permanecer no estado em que não se tem senso de autoria nas ações que são realizadas.

1161. Para aqueles que vivem no Self como a beleza desprovida de pensamento, não há nada a ser pensado. O que deve ser aderido é apenas a experiência do Silêncio [*mauna-anubhava-katchi*], [porque] naquele [supremo] estado nada existe para ser alcançado além de si mesmo.

1162. Saiba que, embora façam muitas atividades imensas, aqueles que realizaram o majestoso estado de estar desprovido de pensamento, tendo conhecido que a mera existência ['Eu sou'] sozinha é a sua verdadeira natureza, são não-fazedores [*akartas*] e [devido à firmeza de seu conhecimento 'Eu sou aquele que existe, não aquele que faz'] não serão iludidos como se fossem os fazedores [*kartas*].

1163. Mesmo a renúncia do caminho do *niyama* [dever religioso] pelos grandes *Jivan-muktas*, que permanecem em sua transcendental natureza real [Self], tendo amadurecido no caminho do *dharma*, é tão bela quanto [sua] observância [do caminho do *niyama*] em [sua] vida externa.

Michael James: Como o mais alto de todos os *dharma*s (deveres) é o *swadharma*, e como o verdadeiro significado do *swadharma* é a permanência no Self, os *Jivan-muktas* (ou seja, aqueles que alcançaram a perfeição na permanência no Self) estão sempre observando o verdadeiro e mais alto *dharma*. Portanto, não há erro, mesmo que eles renunciem a todos os outros *dharma*s, pois sua renúncia a eles é tão gloriosa quanto sua observância deles.

Na perspectiva dos *ajnanis*, alguns *Jiva-muktas* podem parecer estar fazendo todos os *dharmas* e *karmas* prescritos nos *dharmasastras*, enquanto outros *Jivan-muktas* podem parecer como se não estivessem observando tais *dharmas*, mas estivessem se comportando como loucos, crianças ou tolos. Mas mesmo o seu comportamento será tão belo quanto a sua observância de todos os *dharmas* e *karmas* adequadamente.

1164. Saiba que o caminhar do grande *Mukta*, sem corpo e indivisível, como se [ele estivesse] tendo um corpo, é como se o espaço supremo [da consciência] estivesse caminhando [na terra], assim como o Senhor Vishnu, que percorreu [todos] os mundos como Seu domínio.

Michael James: Como o *Jivan-mukta* percebeu que Ele não é o corpo limitado, Ele brilha desprovido do corpo como o Self indivisível e ilimitado. No entanto, na perspectiva dos *ajnanis*, Ele parece ter um corpo e estar caminhando na terra. Como é verdadeiramente nada além de um espaço sem forma de Self que parece estar caminhando na forma daquele corpo, é tão maravilhoso quanto o Senhor Vishnu, que assumiu uma forma vasta e cobriu todos os mundos em três passos, reivindicando-os como Seu domínio.

1165. Embora o *Jnani* - que, tendo descartado a coleção de implementos [*karuvi*] e instrumentos [*karana*] como os agentes que realizam as ações, não tem contato com eles, que são os agentes - [aparentemente] faça [ações], Ele é um não-fazedor.

Sadhu Om: A palavra ‘implementos’ [*karuvi*] significa os cinco órgãos sensoriais [*jnanendriyas*], a saber, olhos, ouvidos, nariz, língua e pele, e os cinco órgãos de ação [*karmendriyas*], a saber, boca, pernas, mãos, ânus e genitais, enquanto a palavra ‘instrumentos’ [*karana*] significa os quatro órgãos internos [*antahkaranas*], a saber, a mente, intelecto, *chittam* e ego. Sabendo que é apenas esses implementos e instrumentos que estão realizando todas as ações e sabendo que nenhum deles é ‘Eu’, o *Jnani* os descartou e permanece sem ter o menor contato com eles, e, portanto, Ele sempre permanece sem qualquer sentido de autoria, mesmo que na perspectiva dos outros Ele pareça estar realizando ações. Refira-se aqui aos versos 1105, B21, 1133, B22 e 1140.

1166. Aqueles [os *Jnanis*] que estão alegremente contentes no coração com o que quer que venha [por conta própria devido ao *prarabdha*], que transcenderam todos os diádicos [*dvandvas*], que estão livres de inveja e que alcançaram o estado de paz em meio ao sucesso e fracasso, não serão presos pelas ações [*karmas*] que eles [parecem] fazer.

Michael James: O verso de quatro linhas acima de Sri Muruganar é uma paráfrase do verso 22 do capítulo 4 do *Bhagavad Gita*. A mesma ideia é expressa por Sri Bhagavan no verso 40 de *Bhagavad Gita Saram* e também no seguinte verso de duas linhas.

B26. Saiba que Ele [o *Jnani*] que está equilibrado [tanto no sucesso quanto no fracasso], sendo feliz com o que quer que seja obtido [de acordo com o *prarabdha*], não tendo inveja e tendo descartado os diádicos [ou pares de opostos como dor e prazer, gostos e desgostos, e assim por diante], não é preso mesmo que Ele [aparentemente] faça ações.

51 A Natureza daqueles que Permanecem como o Eu

(*Tanmayar Salbu Tiran*)

1167. Aqueles que escrutinam [e julgam] o *Jnani* por sinais exteriores, voltarão tendo visto [Ele] como vazio, [porque] eles não veem a luz interior [do *Jnani*], que não pode ser conhecida pelo olho vazio [de carne] no rosto.

Sadhu Om: Algumas pessoas vão ver um *Jnani* para ganhar mérito [*punya*]. No entanto, devido à imaturidade de suas mentes, elas veem apenas a aparência exterior do *Jnani*, e como essa aparência não está de acordo com suas noções preconcebidas maravilhosas de como um *Jnani* deveria ser, eles retornam desapontados. Além disso, assim como uma pessoa que quer tomar banho retorna coberta de lama, tais pessoas imaturas às vezes até ridicularizam o *Jnani* e, assim, voltam com fardos de pecados [*papas*] acumulados por vilipendiá-lo em vez de elogiá-lo [veja o verso 1138].

Mesmo na vida de Sri Bhagavan havia algumas pessoas que costumavam ridicularizá-lo e encontrar defeito nele. Por exemplo, não sabendo como Sri Bhagavan havia vivido nos primeiros dias, completamente alheio ao Seu corpo e deitado ou sentado no chão de terra nua, algumas pessoas que o viram nos últimos dias vivendo uma vida aparentemente normal de atividade e sentado em um confortável sofá, costumavam comentar, “O que é isso! Ele está sentado em um sofá apoiado por almofadas macias. Ele está comendo e se comportando como nós. Ele é um *Rishi*? Isso é *Jnana*?” Portanto, o presente verso é dado como um aviso a tais pessoas ignorantes que tentam julgar um *Jnani* por Sua aparência exterior.

1168. Quando medido apenas por *siddhis*, a grandeza de um *Jivan-mukta* será conhecida erroneamente. *Muktas* brilharão com ou sem *siddhis*. [Portanto] aqueles que admiram *siddhis* não podem conhecer [a verdadeira grandeza de um *Jivan-mukta*]. Saiba assim.

Sadhu Om: Um certo matemático que ganhou um Prêmio Nobel, tinha um filho de seis anos que tinha dificuldade em memorizar a tabuada do nove. Um dia, o pequeno menino perguntou ao pai se ele poderia repetir a tabuada do nove. Quando seu pai a repetiu corretamente, o menino ficou maravilhado e exclamou com orgulho, “Ah, quão sábio é meu pai! Por isso o mundo o honrou com um Prêmio Nobel! Realmente ele merece esse prêmio!” Pessoas mundanas que aprovam alguém como *Jnani* apenas se ele for visto realizando *siddhis*, não são melhores do que esse menino, que aprovou o prêmio de seu pai apenas porque ele era capaz de repetir a tabuada do nove.

1169. O mundo está cheio de tolos que diminuem a grandeza de um *Jnani*, que existe e brilha longe [além da compreensão humana], imaginando [que eles veem nele] muitos *siddhis*, que são vistos apenas por sua mente completamente inapta e mesquinha.

Michael James: Os tolos pensam que estão glorificando um *Jnani* quando imaginam que veem tantos *siddhis* nele. Na verdade, no entanto, eles estão apenas diminuindo-o, porque os *siddhis* que eles veem são pura imaginação mental, enquanto sua verdadeira grandeza está além da mente.

1170. Saiba que atribuir grandeza ao perfeito que permanece como o Eu por causa dos *siddhis* [que Ele pode parecer realizar], é [como] louvar a grandeza do sol totalmente brilhante apenas glorificando a maravilhosa beleza de um átomo de um raio brilhante que entra em uma casa [através de um buraco no telhado].

1171. Aquele que, enquanto continua a viver uma vida no corpo e no mundo, conheceu o corpo e o mundo como sendo [nada mais que] consciência [ou o Eu], vai iludir os outros como se estivesse preso ao corpo e ao mundo. [Portanto] quem pode conhecer [a verdadeira natureza de] um *Mukta* por seu rosto [ou seja, vendo apenas sua aparência externa]?

Sadhu Om: "... Ele [que permanece como o Eu] não sabe de nada além do Eu; [portanto] quem pode e como conceber qual é o seu estado?" diz Sri Bhagavan no verso 31 de *Ulladu Narpadu*.

52 A Grandeza do Silêncio

(*Mauna Matchi Tiran*)

1172. A única letra - que é pura, que confere a glória do verdadeiro conhecimento [*mey-jnana*] e que é a fonte de todas as letras que têm um surgimento [na forma de som ou luz] - é aquela que sempre brilha por si só [ou como o Eu] no coração! Quem é capaz de escrevê-la?

Sadhu Om: Em 30 de setembro de 1937, um devoto chamado Somasundara Swami pediu a Sri Bhagavan para escrever "uma letra" [ou *ezhuttu*] em seu caderno. Sri Bhagavan graciosamente respondeu escrevendo um verso de duas linhas [*kural venba*], no qual ele disse: "A única letra [ou *ezhuttu*] é aquela que sempre brilha por si só [ou como o Eu] no coração! Quem é capaz de escrevê-la?" Posteriormente, quando Sri Bhagavan explicou a natureza dessa única letra, Sri Muruganar registrou sua explicação no verso acima, no qual ele incorporou o *kural venba* de Sri Bhagavan como as duas últimas linhas. Mais tarde, Sri Bhagavan traduziu seu *kural venba* para o sânscrito e telugu. Na versão em sânscrito, Ele disse: "A única letra [*ekam aksharam*] brilha ininterruptamente por si mesma no coração! Como pode ser escrita?". Finalmente, em 21-9-1940, Sri Bhagavan transformou seu *kural venba* em um *venba* [um verso de quatro linhas] adicionando mais duas linhas no início, nas quais ele deu a razão pela qual o verso foi composto:

Aquilo [que é digno de ser chamado de] letra [*aksharam*] é a única letra [ou *ezhuttu*]. Você me pediu para escrever essa única letra [*aksharam*] neste livro. A única letra, que é imperecível [*aksharam*], é aquela que sempre brilha por si só [ou como o Eu] no coração! Quem é capaz de escrevê-la?"

A palavra '*aksharam*', que é usada três vezes por Sri Bhagavan neste verso, significa tanto 'letra' quanto 'aquilo que é imperecível', e portanto a primeira frase pode alternativamente significar, "Aquilo que é imperecível [*aksharam*] é a única letra".

A única letra mencionada neste verso é o próprio Eu. Sua verdadeira forma é apenas o Silêncio [*mauna*], que é a definição correta de *Jnana*. A autoconsciência 'Eu-Eu' brilha transcendendo a luz e o som. Como brilha desprovida de som como o mero *sphurana*, transcende o som e, portanto, transcende a linguagem. Além disso, como o Eu é a pura consciência autoiluminada [*prajna*] que está além de todos os tipos de luzes grosseiras e sutis, transcende a luz, e portanto não pode ter a forma de uma letra escrita, já que todas as formas visíveis estão dentro do alcance da luz.

A primeira expressão da verdadeira consciência da suprema realidade, o Eu, é o *sphurana* 'Eu'. O *Pranava* 'Om' é apenas a forma sonora dessa realidade, que surge posteriormente como uma expressão secundária dela. Mas como aquilo que brilha como a realidade do som 'Om' é apenas o Eu ou 'Eu', Sri Bhagavan cantou no verso 13 de *Sri Arunachala Akshara Mana Malai*, "Ó Arunachala, realidade de 'Om', incomparável e insuperável! Quem pode te entender?", e Ele costumava dizer que, mesmo antes de 'Om', o nome natural da realidade é apenas a consciência 'Eu', que transcende tanto o som quanto a luz. Refira-se aqui aos versos 712 e 713 desta obra.

Portanto, uma vez que o Eu, a principal realidade, é um [*ekam*] e como nada existe além dele, Sri Bhagavan pergunta quem pode escrevê-lo, e como ou onde poderia ser escrito. Assim, embora o devoto que pediu a Ele para escrever "uma letra" em seu caderno, Sri Bhagavan ensinou ao mundo inteiro que aquilo que brilha por si só no coração não pode de maneira alguma ser pensado, falado ou escrito, e que tudo o que se pode fazer é ser ele e conhecê-lo como ele é no coração.

1173. Se perguntado, "[Qual é] a [verdadeira] língua divina, que é a fonte de todas as línguas, que é real e que possui a maior clareza?" Essa língua é apenas o Silêncio [*mauna*], que o Senhor [Sri Dakshinamurti] que é a personificação do conhecimento [*jnana-swarupa*] sentado ao pé da árvore de bananeira, ensinou.

Michael James: O verso 10 do apêndice de *Guru Vachaka Kovai* - *Urai* deve ser incluído aqui (ver nota para o verso 1027). Neste verso, Sri Bhagavan diz:

O Silêncio [*mauna*] é a forma [literalmente, estado] da Graça, a única língua [única, não-dual, incomparável e incomparável] que está [sempre] borbulhando dentro.

Um devoto uma vez escreveu um artigo sobre Sri Bhagavan intitulado ‘Onde o Silêncio é um Sermão Inspirado’. Vendo isso, Sri Bhagavan escreveu o verso acima dando uma definição de Silêncio. “O Silêncio é a eloquência incessante... é o fluxo perene da ‘linguagem’ [a verdadeira linguagem da Graça]”, diz Sri Bhagavan em *Maharshi’s Gospel*, Livro Um, capítulo 2.

1174. Uma vez que aquele grande *Brahman*, que não pode ser revelado mesmo por inúmeros comentários, é revelado apenas pelo Silêncio do Guru, que é raro de se alcançar, saiba que o comentário desse Silêncio é o melhor comentário.

1175. O sentido ‘eu sou o corpo’ [*alaya-vijnana*] é a base de apoio para o mundo, que aparece como se fosse muito real. A pedra fundamental imperecível para o *alayavijnana* é o Silêncio [*mauna*], a realidade primordial antiga.

Sadhu Om: Sri Muruganar explicou que, como o mundo aparece num momento [*kshanika*] e desaparece num momento, a palavra ‘*kshanika*’ é usada neste verso para denotar o mundo. Ele também explicou que *alaya-vijnana* é a consciência corporal que continua no corpo até a morte do corpo, ou seja, é a mente, cuja forma é o sentido ‘eu sou o corpo’ [*dehatma-buddhi*].

A base na qual o mundo e o corpo aparecem é a mente, a consciência ‘eu sou o corpo’, e a base na qual a mente aparece é o Self, a consciência pura, que é o Silêncio. Portanto, o Silêncio indestrutível sozinho é a base para todos os tipos de conhecimento.

1176. Em vez de argumentar com a agudeza da intelectualidade [*mati*], que [sobe e] diminui, “Isso [a realidade] existe”, “Não existe”, “Tem forma”, “É sem forma”, “É um [não-dual]”, “É dois [dual]”, o Silêncio da existência-consciência-felicidade [*sat-chitananda*], que é a experiência que nunca falha, é a única verdadeira religião [*mata*].

Sadhu Om: Usar a agudeza do pequeno e transitório intelecto, cuja natureza é subir e descer, para argumentar sobre a existência ou a natureza da realidade suprema eterna, não é a verdadeira religião. A experiência sempre existente do Silêncio, em que todos esses argumentos foram abandonados, é a única verdadeira religião. Refira-se aqui ao verso 34 de *Ulladu Narpadu*, e aos versos 989 a 993 e 1235 desta obra.

1177. Quando o *Jnana* não surge pela vida divina do Silêncio, a glorificada e transcendente religião primordial [*adi-mata*], tomando posse do coração, será que o sentido de diferença [*bhedamati*] será removido minimamente sequer pelos pensamentos de ilusórias práticas de casta e religião?

Sadhu Om: O estado de desigualdade causado por diferenças como alta e baixa só pode ser removido permanentemente e completamente no Silêncio, o estado de permanência do Self, e nunca pode ser removido nem minimamente por um número qualquer de reformas feitas nas práticas religiosas e de casta.

1178. Assim como muitos rios que correm e se fundem no [único] grande oceano [são todos da natureza da água], assim todas as religiões – que fluem apenas em direção ao oceano de Shiva, a abundante consciência-felicidade [*chit-ananda*], como seu alvo – são *Shiva-mayam* [da natureza de Shiva]. Portanto, não há lugar para diferenças [no objetivo final de todas as religiões].

1179. Como, quando se mergulha internamente tendo como [único] objetivo a inclinação [para saber] assim, ‘Quem sou eu que noto as diferenças nos preceitos [das várias religiões]?’, o ‘eu’ [a individualidade ou *jiva*] morre e se torna inexistente, deixando apenas o sempre existente Self [que sempre brilha sem diferenças], nesse Silêncio pode o sentido de diferença permanecer?

1180. “Se o sentido de diferença não permanecerá nesse Silêncio, o sentido oposto [o sentido de não-diferença] pode permanecer sozinho?” – se assim for perguntado, [a resposta é que] o sentido de não-diferença [*abheda-buddhi*] glorificado pelos conhecedores da realidade é apenas a perda do sentido de diferença [*bheda-buddhi*].

Michael James: Quando *Jnanis* falam da experiência de não-diferença, o que eles querem dizer é apenas a não-experiência de diferença, porque no estado do Silêncio nenhuma diferença existe para ser experimentada. No entanto, tendo lido o termo *abheda-buddhi* [sentido de não-diferença] nas escrituras, muitas pessoas erroneamente imaginam que o *Jnani* conhece todas as diferenças, mas experimenta a não-diferença nessas diferenças. Consulte o verso 931 e 932, onde essa ideia errônea é refutada.

1181. As perguntas e respostas grosseiras [ou defeituosas] são [aparentemente] reais na linguagem da dualidade [*dvaita*], mas quando conhecidas [corretamente], essas perguntas e respostas não existem nem minimamente na linguagem perfeita da não-dualidade [*advaita*], que é o Silêncio.

Michael James: O verso de quatro linhas acima é uma adaptação de um verso em *Panchadasī* (2-39). A mesma ideia também é expressa por Sri Bhagavan no seguinte verso de duas linhas.

B27. Perguntas e respostas existem apenas na linguagem desta dualidade [*dvaita*]; na não-dualidade elas não existem.

1182. Quando examinada, a verdadeira conversa em andamento sem interrupção entre eles [o Guru e o discípulo], que estão tendo a alegria de perguntas astutas [e respostas] que alcançam a perfeição, é apenas alcançar e permanecer lá [no estado de Silêncio livre de mente] onde, se alcançarem e permanecerem, ambas as suas mentes se unirão.

Sadhu Om: O objetivo de uma conversa na forma de perguntas e respostas entre um Guru e um discípulo é permitir que o discípulo alcance o estado perfeito da realidade. Mas como as perguntas e respostas só podem existir no reino da dualidade, elas nunca podem levar alguém ao estado não-dual de perfeição. Portanto, a verdadeira e perfeita ‘conversa’ entre um Guru e um discípulo [*guru-sishya samvada*] é apenas alcançar e permanecer no estado de Silêncio, no qual ambas as suas mentes se uniram e se tornaram uma.

A maneira perfeita pela qual um discípulo pode ‘questionar’ e aprender com o Guru é permanecer em Silêncio, pois o verdadeiro *Sadguru* está sempre ‘respondendo’ e ensinando através da linguagem não-dual do Silêncio. Se o discípulo não permanece no estado livre de pensamentos do Silêncio, ele não pode entender corretamente o *Jnana-upadesa* ensinado pelo Guru através da linguagem do Silêncio. Apenas nesse estado de Silêncio o *Brahman* será verdadeiramente revelado. “O Silêncio é a eloquência que nunca cessa; é a linguagem mais perfeita. É um fluxo perene da linguagem da Graça. As palavras obstruem a linguagem do Silêncio [*mauna-bhasha*]. As palestras orais nunca podem ser tão eloquentes quanto o Silêncio”, diz Sri Bhagavan. [Consulte *Maharshi's Gospel*, Livro Um, cap.2, de onde esta citação é parafraseada].

53 O Puro Silêncio

(*Suddha Mauna Tiran*)

1183. Saiba que o Ser, que deve ser investigado e alcançado no coração como o estado de felicidade através do *tapas* necessário [ou Atenção-Self], é apenas o estado do Silêncio [*mauna*], que é experimentado ao remover o conhecimento ilusório e inútil das diferenças [junto com sua raiz, a ignorância ou conhecimento errado ‘Eu sou este corpo’].

Sadhu Om: O Ser, que é o fruto a ser alcançado através do questionamento ou *vichara*, é apenas o Silêncio desprovido do conhecimento errado ‘Eu sou o corpo’.

1184. O estado da experiência do único Silêncio não-dual [*eka advaita mouna anubhuti*], que é alcançado como a experiência do conhecimento verdadeiro ilimitado [*mey-jnana*], é apenas o brilho [de si mesmo] como o espaço vazio desprovido da falsa imaginação que é o surgimento da malévola mente-ego.

Sadhu Om: O Silêncio é apenas o estado em que o ego ou a mente, que são meramente uma falsa imaginação, foram destruídos.

1185. Uma vez que o Silêncio do Ser, que brilha através da mente pura [a pura existência-consciência que é desprovida de todos os pensamentos], é a única porta para a Libertação, mesmo que sigam qualquer caminho que seja agradável [para eles], essa porta é o último refúgio.

Sadhu Om: Por qualquer caminho que alguém possa seguir em direção ao estado de Libertação, só se pode finalmente entrar nesse estado através do portal do Silêncio - o portal da ausência de ego ou ausência de mente. Sri Bhagavan costumava dizer: “Por qualquer estrada que se possa se aproximar da cidade da libertação, para entrar nessa cidade é preciso pagar a taxa do pedágio. Essa taxa do pedágio é a destruição do próprio ego ou mente.”

1186. Atender incessantemente e com uma mente totalmente [concentrada] ao Ser, que é a realidade perfeita não-dual, é o único e supremo Silêncio puro; por outro lado, a mera preguiça [sem pensar] da mente lenta não é nada além de uma delusão defeituosa [*tamasic*]. Saiba assim.

Sadhu Om: A preguiça ou lentidão da mente não é verdadeiro Silêncio. Apenas a auto-atenção é o verdadeiro e puro Silêncio.

1187. Saiba que o Silêncio interior – a força inabalável de louvar e adorar incessantemente, sem adorar, os Pés do Senhor Shiva pela bela Palavra Suprema [*para-vak*], que é o puro discurso não emergente [isto é, adorando pela auto-atenção, o não surgimento do ego] – é a única e verdadeira adoração natural [da realidade].

1188. Apenas aqueles que conheceram sua realidade como Shiva [o Ser], são aqueles que estão imersos no estado perfeito e natural do Silêncio. [Portanto] tendo removido o ‘eu’-sentido em qualquer coisa que não seja Shiva [isto é, tendo desistido da identificação com todos os adjuntos, como o corpo], permaneça sem ação em Shiva.

1189. A glória do estado do Silêncio – no qual alguém se fundiu e morreu no verdadeiro princípio [*mey-tattva*], Deus, que é o Ser sem ego, ao questionar ‘Quem sou eu, a falsa primeira pessoa?’ – é a única natureza da observância da auto-entrega [*sarangati-dharma*].

Michael James: A verdadeira prática de auto-entrega é para alguém diminuir através da pergunta ‘Quem sou eu?’ e assim se fundir e permanecer no Ser, o estado de Silêncio que está desprovido do mínimo surgimento do ego, o primeiro pensamento ‘Eu sou isso’. Consulte também o verso 482.

Sri Muruganar: Note que a ideia deste verso, ou seja, que o Silêncio, que é o objetivo do auto-questionamento, é a verdade da perfeita auto-entrega, também é expressa pelo grande Santo Vaishnavite Nammazhwar no seguinte verso dele: “Não me conhecendo, eu vivia como ‘Eu’ e ‘meu’ [como se ‘Eu’ fosse este corpo e estas posses fossem ‘minhas’]; Ó Senhor dos seres celestiais que é adorado pelos deuses, eu sou Você e minhas posses são Suas.”

1190. De acordo com o *prarabdha* [do *jiva*], o Supremo faz o *jiva* agir até que ele [o *prarabdha*] chegue ao fim. Esforços feitos serão em vão devido ao *prarabdha*; mesmo [apesar de] obstruções,

ele [o *prarabdha*] dará frutos. [Portanto] permanecer em silêncio [sem tentar opor-se ao seu *prarabdha*] é o melhor.

Sadhu Om: Este verso expressa o mesmo *upadesa* que Sri Bhagavan deu à Sua mãe em 1898, quando ela estava implorando a Ele para retornar a Madurai, ou seja, “De acordo com o destino [*prarabdha*] de cada pessoa, o Ordenador, estando em cada lugar, faz com que eles ajam. Aquilo que nunca deveria acontecer não acontecerá, por mais esforço que seja feito; aquilo que deve acontecer não parará, por mais obstrução que seja feita. Isto é certo. Portanto, permanecer em silêncio é o melhor.” Este e o próximo verso podem ser lidos junto com os versos 150 e 151.

1191. Não é possível para ninguém fazer nada contrário ao decreto [*niyati*] de Deus, que tem a habilidade de fazer [qualquer coisa e] tudo. [Portanto] permanecer em silêncio aos Pés [de Deus], tendo desistido de todas as ansiedades da mente má, defeituosa e ilusória, é o melhor.

1192. Se examinarmos [qual] o método [é] para acabar [para sempre] com os movimentos da mente oscilante ou ego, que é [como] um reflexo na água [ondulante], [descobriremos que] o método é para alguém permanecer em silêncio atendendo apenas a si mesmo, e não para alguém atender a isso [a mente oscilante], o que fará alguém escorregar do estado [do Ser].

Sadhu Om: O único método para acalmar a mente errante permanentemente é para alguém atender silenciosamente a si mesmo [a primeira pessoa, ‘Eu’], e não para alguém atender à mente errante, que não é nada mais do que um pacote de pensamentos em constante mudança relacionados a segunda e terceira pessoas. No entanto, não ouvimos hoje que muitos pretendentes a gurus estão aconselhando aspirantes, “Continue observando os pensamentos da mente”, como se isso fosse um verdadeiro método de prática espiritual [*jnana-abhyasa*]? Uma vez que todos os pensamentos da mente não são nada mais do que segundas e terceiras pessoas sem valor, prestar atenção a esses pensamentos é um método inútil que é recomendado apenas por Vedantins que carecem de verdadeira experiência. Para revelar que este método não serve para silenciar [ou seja, destruir] a mente permanentemente, Sri Bhagavan diz neste verso, “O método [correto] é para alguém permanecer silenciosamente atendendo a si mesmo [a primeira pessoa] sozinho, e não para alguém prestar atenção à mente oscilante [que é um conjunto de objetos de segunda e terceira pessoa]”. Consulte as páginas 101 a 102 de *O Caminho de Sri Ramana* – Parte Um para uma explicação mais completa.

No verso 17 de *Upadesa Undiyar*, Sri Bhagavan diz que se alguém vigiar atentamente a forma da mente, descobrirá que não existe tal coisa como a mente. Esse ensinamento é mal interpretado por algumas pessoas para significar que se deve prestar atenção ou observar a mente, ou seja, os pensamentos relacionados a objetos de segunda e terceira pessoa. No entanto, deve-se entender que sempre que Sri Bhagavan nos recomenda a examinar a mente, Ele não quer dizer que devemos prestar atenção aos pensamentos relacionados a segunda ou terceira pessoa, mas apenas que devemos prestar atenção e examinar a primeira pessoa ou ego, o pensamento raiz ‘Eu’. Se assim atendermos ao pensamento ‘Eu’, ele automaticamente se extinguirá e desaparecerá, enquanto que se atendermos a outros pensamentos, eles se multiplicarão e aumentarão em força. Portanto, no presente verso, Sri Bhagavan revela que, se prestarmos atenção aos pensamentos da mente oscilante, estaremos nos desviando de nosso estado natural de permanência no Ser, no qual nenhuma segunda ou terceira pessoa pode ser conhecida.

Ele não quer dizer que devemos prestar atenção aos pensamentos relacionados a segunda ou terceira pessoa, mas apenas que devemos prestar atenção e examinar a primeira pessoa ou ego, o pensamento raiz ‘Eu’. Se assim atendermos ao pensamento ‘Eu’, ele automaticamente se extinguirá e desaparecerá, enquanto que se atendermos a outros pensamentos, eles se multiplicarão e aumentarão em força. Portanto, no presente verso, Sri Bhagavan revela que, se prestarmos atenção aos pensamentos da mente oscilante, estaremos nos desviando de nosso estado natural de permanência no Ser, no qual nenhuma segunda ou terceira pessoa pode ser conhecida.

1193. Os que têm conhecimento perfeito dizem que o estado do verdadeiro conhecimento [*mey-jnana-samadhi*], em que se permanece sem ‘Eu’ [o ego], é o único *mauna-tapas*. Para experimentar [esse] silêncio [*mauna*], que é desprovido do pensamento corporal [o sentimento ‘Eu sou este corpo’], apegar-se ao Ser no coração é o *sadhana*.

1194. O Silêncio puro que brilha quando o sentido ‘Eu’ [o ego] se perde ao se permanecer no coração, conhecendo o próprio estado real de existência em vez de sair ao exterior acalentando e atendendo a outras coisas, é o único limite do *Jnana*.

Michael James: O estado de *Jnana* é aquele que é desprovido de qualquer limite e além de todas as definições. Se ao menos um limite ou definição é para ser dado para *Jnana*, é apenas o Silêncio puro que permanece brilhando após o ego ser destruído.

1195. Uma vez que, assim como as atividades vistas dentro [e por] uma pessoa sonhando se tornam risíveis e inexistentes na perspectiva da pessoa acordada, até as atividades do *jiva* [como seu nascimento e morte], que são uma imaginação [vista por ele] dentro de si mesmo, tornam-se inexistentes em [a verdadeira visão despertada de] conhecimento do Ser, todas [essas atividades, incluindo sua servidão e libertação] são irreais [e são um mero jogo de *maya*].

1196. Quando o Supremo gracioso puro revela a natureza do Ser, aquele que estava no quarto escuro [de *ajnana*] se fundirá no Silêncio da permanência no Ser, se afogando em *Siva-bodha* [conhecimento de Deus ou existência-consciência], que é a beleza da realidade.

1197. Saiba que o Silêncio - que é o conhecimento perfeito da forma do Ser e que brilha dentro de nós quando o ego atinge o coração rejeitando todas as ilusões dos pensamentos [sankalpa-jalas], que raramente são rejeitados - é a gloriosa Palavra Suprema [para-vak].

Sadhu Om: Este verso revela o verdadeiro significado da palavra 'para-vak', que foi usada por Sri Bhagavan nos versos B12, 706 e 715.

1198. Apenas aqueles que não escutaram atentamente a linguagem da Graça do Senhor [Silêncio], que é a Palavra Suprema [para-vak], [que brilha] quando a mente errante se acalma, dirão que [o som de] uma flauta é doce, que [o som de] uma veena é doce, ou que o discurso balbuciente de seus próprios filhos balbuciantes é muito doce.

Sadhu Om: Como a linguagem da Graça do *Sadguru* - a *para-vak* ou o Silêncio que brilha no coração quando a mente errante se acalma e é destruída ali - concede a bem-aventurança imortal e perfeita, é mais doce do que até mesmo o som mais doce neste mundo.

Como o sábio Tiruvalluvar escreveu o *Tirukkural* para dar conselhos a todos os tipos de pessoas de acordo com seu próprio nível de maturidade, no verso 66 [no capítulo sobre ter filhos, que vem na seção que trata da vida dos chefes de família] ele disse: "Apenas aqueles que não ouviram o discurso balbuciente de seus próprios filhos, dirão que [o som de] uma flauta é doce ou que [o som de] uma *veena* é doce". Mas apenas porque Tiruvalluvar disse isso, não devemos de maneira alguma concluir que ouvir o discurso balbuciente dos próprios filhos é a experiência mais doce de todas. Como ouvir o balbucio de crianças pode dar apenas um prazer transitório, Sri Bhagavan se dirige aos aspirantes que estão envolvidos na prática espiritual mais elevada e diz neste verso que a doçura do supremo Silêncio do *Sadguru*, que está sempre brilhando dentro do coração, é maior e mais real do que a doçura do som dos próprios filhos balbuciando.

No entanto, os leitores não devem concluir a partir deste verso que Tiruvalluvar foi um daqueles "que não escutaram atentamente a linguagem da Graça do Senhor, que é a Palavra Suprema, [que brilha] quando a mente errante se acalma", mas devem entender que, como ele mesmo nunca teve filhos, ele compôs aquele verso apenas para o bem dos chefes de família que buscam prazeres mundanos.

1199. Se o barulho dos pensamentos [sankalpas] surgindo [incessantemente] dentro não cessar, o inefável estado de Silêncio não será revelado. Aqueles cujos pensamentos [vrittis] se acalmaram internamente, não abandonarão o forte e perfeito [estado de] Silêncio, mesmo em um grande campo de batalha.

Sadhu Om: Assim como o doce som de uma música suave e melodiosa não pode ser ouvido em um lugar onde há um grande barulho, como a confusão de um mercado ou o rugido das ondas de um oceano, assim o doce ensino silencioso [*mouna-upadesa*] do *Sadguru*, que está sempre acontecendo profundamente dentro do coração, não pode ser ouvido pelas pessoas comuns por causa do barulho dos milhões de pensamentos que estão incessantemente surgindo em suas mentes. Por outro lado, por causa da força de Seu Silêncio, mesmo o grande barulho de um campo de batalha permanecerá desconhecido para um *Jnani*, que aniquilou a mente destruindo todos os pensamentos ou *sankalpas*. Porque o *ajnani* presta atenção apenas à confusão de pensamentos, ele não percebe o Silêncio sempre brilhante dentro, enquanto porque o *Jnani* presta atenção apenas no Silêncio dentro, Ele não sabe mesmo o maior barulho que pode estar acontecendo do lado de fora.

1200. Diga-me, não é o silêncio vocal observado por aqueles que não se envolvem na auto-investigação [jnana-swavichara] e que não conhecem o verdadeiro objetivo, que é o Silêncio [que brilha] quando o ego, 'eu sou o corpo sujo e carnal', se acalma e atinge o coração, um [mero] esforço mental [chitta-vyapara]?

Sadhu Om: O esforço daqueles que meramente observam o silêncio vocal em vez de se envolverem na auto-investigação ou auto-atenção, que é o verdadeiro estado de Silêncio da mente, é inútil.

1201. A vida do Eu - o verdadeiro conhecimento [mey-jnana] que brilha desprovido do senso do ego devido ao afogamento [do ego] em sua fonte quando a loucura do desejo pelos pequenos objetos ilusórios e delusivos dos sentidos foi completamente destruída - é a única coisa que pode [verdadeiramente] satisfazer a mente.

1202. Aqueles cujos corações estão transbordando de alegria ao experimentar o sempre novo néctar [amrita] do Eu, que brilha intensamente no puro Silêncio, não serão estragados no mundo ao experimentar os pequenos objetos dos sentidos, que dão um pequeno prazer louco causado pela ilusão mental.

1203. A realidade que é muito claramente conhecida pelos Sábios como o objetivo [siddhanta] de todos os Vedas e Agamas, e a observância da realidade [sat-achara] recomendada por todos os dharma-upadesas, é [nada mais que] o Silêncio, o estado de suprema paz.

Sadhu Om: O objetivo final que é ensinado em todos os *Vedas*, *Agamas*, *dharma-sastras* e outras escrituras é apenas o estado de perfeito Silêncio [*pari-purna-mauna*], que não é nada além da destruição da mente [*mano-nasa*]. Consulte a obra *Quem sou eu?* onde Sri Bhagavan diz que todas as escrituras concluem finalmente que, para atingir a libertação, é necessário acalmar a mente.

1204. O completo abandono de todos [os outros três purusharthas] começando com dharma, é o glorioso estado de paz, que é a natureza da libertação [o quarto purushartha, o único verdadeiro

purushartha]. [Portanto] abandonando completamente [todo] o pensamento dos outros [os três falsos *purusharthas*], apegue-se apenas ao Silêncio, o conhecimento do supremo Eu, que é Siva.

Sadhu Om: O verdadeiro *purushartha* ou objetivo da vida humana é o estado pacífico de libertação, que só pode ser alcançado quando se desiste completamente do desejo pelos outros três chamados *purusharthas*, a saber, *dharma*, *artha* e *kama*. Portanto, deve-se abandonar até mesmo o pensamento desses outros três *purusharthas* e deve-se permanecer firmemente no Silêncio, o supremo estado de autoconhecimento, que sozinho é a libertação. Refira-se aqui ao verso 8 desta obra.

54 Devoção Suprema

(*Para-Bhakti Tiran*)

1205. Quando alguém se entregou completamente aos pés de Siva e se tornou da natureza do Eu, a [resultante] abundante paz, na qual não há nem mesmo o menor espaço no coração [para alguém] para reclamar sobre [seus] defeitos e deficiências, sozinho é a natureza da suprema devoção.

Sadhu Om: Se alguém se entregou completamente a Deus, será impossível para essa pessoa orar até mesmo pela libertação. Refira-se aqui ao verso 7 do *Sri Arunachala Navamani-malai*.

1206. No coração que existe e brilha como a verdadeira e perfeita bem-aventurança, tendo se tornado um alvo para a Graça de Deus, pode haver as pequenas deficiências da mente, que são um sinal do sentido egoico carnal [o sentimento ‘Eu sou este corpo carnal’], que é a ignorância?

1207. Só enquanto houver outros pensamentos no coração, pode haver um pensamento de Deus concebido pela mente. A morte até mesmo desse pensamento [de Deus] devido à morte de [todos os] outros pensamentos [incluindo o pensamento raiz ‘Eu’], só isso é o verdadeiro pensamento [de Deus], o pensamento impensado.

Sadhu Om: Só enquanto houver outros pensamentos na mente de alguém, pode-se pensar ou meditar em Deus. Mas o verdadeiro pensamento ou meditação em Deus, que é o “pensamento impensado”, é apenas aquele estado em que todos os outros pensamentos, incluindo o primeiro pensamento ‘Eu sou este corpo’, morreram através da auto-entrega.

Só depois do surgimento do ego ou do pensador, o primeiro pensamento ‘Eu sou o corpo’, podem surgir outros pensamentos sobre o mundo e Deus. Depois do surgimento desses pensamentos, já que se sente então que Deus é diferente de si mesmo, só se pode meditar nele como um objeto de pensamento. Mas quando o ego, o pensamento raiz ‘Eu’, morre através da auto-entrega, não só todos os pensamentos sobre o mundo desaparecerão, mas até mesmo o pensamento de Deus, que tem a mesma realidade [*sama-satya*] que os outros pensamentos, também desaparecerá. Este estado, que é desprovido de todo pensamento de mundo, alma e Deus, e no qual se brilha como a suprema realidade livre de pensamentos, só é a verdadeira meditação ou *Brahma-dhyana*.

1208. Se você perguntar, “Diga-me, por que o ‘estar quieto’ [o estado do mero ser descrito no verso anterior], que está desprovido de até mesmo um único pensamento ascendente, é chamado de ‘pensamento’ [ou ‘meditação’]?”, saiba que é por causa do brilho da consciência sempre inesquecível da realidade [‘Eu sou’].

Sadhu Om: Pensar e esquecer são uma dualidade [*dvandva*] ou par de opostos. Como a consciência sempre inesquecível da realidade [‘Eu sou’] brilha perfeitamente no estado de ‘estar quieto’ - o estado de auto-atenção ou permanência em si mesmo - esse estado é por vezes referido como um estado de ‘pensamento’ ou ‘meditação’ [*dhyana*]. Isto é, como a realidade não é esquecida nesse estado livre de pensamentos, ela é descrita de forma frouxa como um estado de ‘pensar em’ ou ‘meditar sobre’ a realidade. É só neste sentido que Sri Bhagavan descreveu o estado de auto-atenção como ‘pensamento do Eu’ [*atma-chintana*] em *Quem sou eu?* e no verso 482 desta obra.

1209. O amor que brota dentro, no lugar [o coração] onde a paz clara é alcançada devido à luz [*Jnana*], que surge quando a mente ilusória, que está cheia da escuridão venenosa [*ajnana*], é destruída e quando o coração se torna aberto como o espaço, só isso é o verdadeiro amor [*meybhakti*] por Siva.

1210. Apenas aqueles afortunados que vivem sempre dependendo apenas do Self [que é a verdadeira forma de Deus] como o melhor refúgio, alcançarão sua própria realidade. Para os outros, a libertação, essa Morada Suprema [*param-dhama*] infindável e graciosa, é inalcançável por qualquer meio que seja.

1211. Os verdadeiros devotos que de todas as maneiras permanecem sujeitos [*adhina*] apenas ao Self [Deus], [só] são *tadiyars* [aqueles que pertencem ao Senhor]. Saiba que apenas para eles [esses verdadeiros devotos], em quem há um amor incessante, será uma conquista completa a Morada Suprema [*param-dhama*], que triunfa como transcendente.

55 A Conquista do Jnana

(*Jnana-Siddhi Tiran*)

1212. Embora os *siddhis* sejam ditos ser muitos e diferentes, *Jnana* sozinho é o mais alto desses muitos *siddhis* diferentes, [porque] aqueles que alcançaram outros *siddhis* desejam *Jnana*, [enquanto] aqueles que alcançaram *Jnana* não desejam outros [*siddhis*]. [Portanto] aspire [apenas para *Jnana*].

1213. Aquele que alcançou o Self [*atma-swarupa-siddha*] é aquele que alcançou todos os outros [*siddhis*] juntos, já que esse [Auto-realização ou *atma-siddhi*] é o *siddhi* supremo. Assim como [todos] os planetas estão dentro do espaço, [seja] manifestos ou não manifestos, todos eles [todos os *siddhis*] estarão em quem alcançou o conhecimento do Self [*atma-jnana-siddha*].

1214. Se, mergulhando profundamente, se atinge o fundo do coração, o sentimento de vileza [a sensação 'eu sou um pequeno *jiva*'] deixará e perecerá, e a vida de ser o Senhor do *Jnana*, aos pés de quem até o rei dos céus [Indra] abaixará a cabeça, virá a ser vivida [por alguém].

56Brahman

(*Brahman Tiran*)

1215. O princípio real silencioso e bem-aventurado [Self ou *Brahman*] sozinho é o palco ou base para a *Maya* - que é o grande poder da consciência [*maha-chit-sakti*], que não é diferente do princípio perfeito real - jogar [seu] jogo para sempre, tendo os três princípios [o mundo, a alma e Deus] como [seus] brinquedos. Que maravilha é!

Sadhu Om: A partir deste verso, devemos entender que, além de *Brahman*, *Maya* não tem existência real própria. Os três princípios, o mundo, a alma e Deus, são os brinquedos com os quais ela realiza seu jogo ilusório [*maya-lila*] de criação, sustentação e destruição. Mas o jogo que ela joga com esses três não poderia acontecer se não tivesse o Self ou *Brahman*, a realidade perfeita, como sua base. A verdade de que o Self permanece para sempre como a base na qual *Maya* joga, é o que é indicado pelos *Saktas* quando retratam figurativamente a Deusa Kali dançando no corpo deitado do Senhor Siva. O que deve ser entendido aqui é que a aparência do mundo, da alma e de Deus, e de sua criação, sustentação e destruição, são todos um jogo irreal de *Maya*, que não tem realidade própria. É com o ensinamento dado neste verso que o primeiro capítulo da segunda parte de *O Caminho de Sri Ramana* começa.

1216. Se eles veem as muitas imagens em movimento, eles não veem a tela única e imóvel, a base. Aqueles que veem a tela imóvel não veem nenhuma das imagens. Essa é a natureza de um cinema.

Michael James: Quando as imagens são projetadas numa tela de cinema, elas, na prática, escondem essa tela. Da mesma forma, quando as imagens de nomes e formas - o mundo, a alma e Deus - são vistas, elas, na prática, escondem sua base, o Self ou *Brahman*. Portanto, assim como a tela é vista como ela é apenas quando as imagens não são vistas, o Self é visto como ele é apenas quando o mundo, a alma e Deus não são vistos. Portanto, se o mundo, a alma e Deus são vistos, o Self não será visto, e se o Self é visto, o mundo, a alma e Deus não serão vistos. Veja também os versos 46, 876 e 877, onde a mesma verdade é expressa.

1217. Em um cinema, sem a tela imóvel não pode haver nenhuma imagem em movimento. Quando escrutinado, essa única tela imóvel é diferente das imagens em movimento na tela.

1218. A tela, a base imóvel, sozinha é *Brahman* [ou Self]. A alma, Deus e os mundos são apenas as imagens em movimento nessa tela imóvel. [Portanto] saiba que tudo o que é visto [naquela tela] é uma ilusão [*maya*].

Michael James: Os três versos acima revelam que o mundo, a alma e Deus só podem ser vistos quando *Brahman* não é visto, mas que sem *Brahman* não pode haver mundo, alma ou Deus, e que, embora *Brahman* seja assim a realidade ou base na qual eles aparecem, é diferente deles. Portanto, este verso conclui tirando a inferência, "Tudo o que é visto (ou seja, o mundo, a alma e Deus) é uma ilusão". Compare aqui o verso 160 e 1047 e 1049.

1219. Ele que, no mundo da imagem, pensa e anseia não apenas pelo mundo da imagem - que se move com almas da imagem, que se movem como ele mesmo - mas também pelo Deus da imagem [que cria, sustenta e destrói o mundo da imagem e as almas da imagem], é apenas a alma [*jiva*], que é uma imagem em movimento.

Sadhu Om: O mundo, a alma e Deus são meras imagens em movimento; eles não podem ser a tela, a base. A alma ou homem, que é uma entre as imagens em movimento, vê o mundo e Deus, os outros dois entre as imagens em movimento, e sofre por ter gostos ou desgostos em relação a eles. Ou seja, muitas pessoas veem e desejam os objetos do mundo e sofrem com o anseio de obtê-los, enquanto outras sofrem com o anseio de ver e alcançar Deus. O primeiro tipo de pessoas é chamado de pessoas mundanas, enquanto o segundo tipo é chamado de devotos de Deus. No entanto, este verso ensina que, uma vez que ambos esses tipos de anseio e sofrimento que as pessoas passam são parte do jogo de *maya*, eles não têm significado algum e são ambos meramente ocorrências irreais resultantes da ignorância de não conhecer o Self ou *Brahman*, a realidade suprema que é a base sobre a qual *maya* joga dessa maneira.

1220. Para o pensamento [*chitta-vritti*] que sofre pensando em si mesmo - que é [em sua natureza real nada mais que] a tela, a base imóvel - ser uma imagem em movimento [a alma ou *jiva*], a coisa apropriada a fazer é permanecer firmemente no estado de Silêncio, tendo completamente submerso [através da auto-atenção].

Sadhu Om: O *chitta-vritti* mencionado neste verso é a alma, o ego ou o 'eu'-pensamento [*aham-vritti*], cuja natureza real é apenas o Self, a base imóvel, mas que se identifica erroneamente como um corpo, uma das

imagens em movimento na tela, e que, assim, vê e deseja as outras imagens, o mundo e Deus.

No verso anterior, até mesmo o nobre esforço de um devoto que anseia ver e alcançar Deus, foi considerado falho, não foi? Quando é assim, não é necessário ensinar a essa nobre alma o que é apropriado para ela fazer? Portanto, neste verso Sri Bhagavan ensina que a melhor e mais nobre coisa para a alma fazer é submergir e permanecer firmemente no estado de Silêncio, conhecendo e permanecendo como Self, a base imóvel na qual as imagens em movimento do mundo, alma e Deus aparecem. Como [conforme afirmado no verso 1216] aquele que vê a tela não pode ver as imagens, quando alguém assim conhece a sua natureza real, não verá as imagens do mundo, da alma e de Deus, e, portanto, alcançará a paz suprema que está desprovida da ilusão de ser louco após essas imagens.

55 A Natureza da Libertação

(*Mukti Uru Tiran*)

1221. O conhecimento da própria verdadeira natureza - que permanece no coração quando até mesmo o pensamento de ser salvo da escravidão é destruído devido à remoção completa do pensamento dessa escravidão na mente que se vê [ao examinar] assim ‘Quem sou eu que estou preso?’ - é a única natureza da libertação.

Michael James: Quando a mente vê sua própria verdadeira natureza ao questionar ‘Quem sou eu que estou preso?’, ela perceberá que, na verdade, nunca esteve presa. Portanto, uma vez que o pensamento de escravidão é assim completamente destruído, o pensamento contrário de libertação também desaparecerá, porque escravidão e libertação são um díade [*dvandva*] ou par de opostos, cada um dos quais tem um significado por causa do outro. Este verso parafraseia e explica a ideia expressada por Sri Bhagavan em *Quem sou eu?* quando Ele disse, “Questionar ‘Quem sou eu que estou em escravidão?’, e [assim] conhecer a própria verdadeira natureza, só isso é a libertação”.

1222. Aquilo que é a paz cheia de consciência [*bodhamaya-santa*] que brilha como aquilo que permanece [quando os pensamentos de escravidão e libertação são assim removidos pela auto-investigação], é o único *Sada-sivam* [a realidade eterna]. O Silêncio sem ego [que brilha] como [o verdadeiro conhecimento] ‘Aquilo [*Sada-sivam*], que é o Supremo sempre existente, é o único “Eu”, é a única finalidade da libertação.

Sadhu Om: Deve-se ler e entender aqui o verso 40 de *Ulladu Narpadu Anubandham*.

1173. Se perguntado, “[Qual é] a [verdadeira] língua divina, que é a fonte de todas as línguas, que é real e que possui a maior clareza?” Essa língua é apenas o Silêncio [*mauna*], que o Senhor [Sri Dakshinamurti] que é a personificação do conhecimento [*jnana-swarupa*] sentado ao pé da árvore de bananeira, ensinou.

Michael James: O verso 10 do apêndice de *Guru Vachaka Kovai – Urai* deve ser incluído aqui (ver nota para o verso 1027). Neste verso, Sri Bhagavan diz:

O Silêncio [*mauna*] é a forma [literalmente, estado] da Graça, a única língua [única, não-dual, incomparável e incomparável] que está [sempre] borbulhando dentro.

Um devoto uma vez escreveu um artigo sobre Sri Bhagavan intitulado ‘Onde o Silêncio é um Sermão Inspirado’. Vendo isso, Sri Bhagavan escreveu o verso acima dando uma definição de Silêncio. “O Silêncio é a eloquência incessante... é o fluxo perene da ‘linguagem’ [a verdadeira linguagem da Graça]”, diz Sri Bhagavan em *Maharshi’s Gospel*, Livro Um, capítulo 2.

1174. Uma vez que aquele grande *Brahman*, que não pode ser revelado mesmo por inúmeros comentários, é revelado apenas pelo Silêncio do Guru, que é raro de se alcançar, saiba que o comentário desse Silêncio é o melhor comentário.

1175. O sentimento de ‘eu sou o corpo’ [*alaya-vijnana*] é a base de apoio para o mundo, que aparece como se fosse muito real. A pedra fundamental imperishável para o *alayavijnana* é o Silêncio [*mauna*], a antiga realidade primordial.

Sadhu Om: Sri Muruganar explicou que, uma vez que o mundo aparece em um momento [*kshanika*] e desaparece em um momento, a palavra ‘*kshanika*’ é usada neste verso para denotar o mundo. Ele também explicou que *alaya-vijnana* é a consciência do corpo que continua no corpo até a morte do corpo, isto é, que é a mente, cuja forma é o sentimento ‘eu sou o corpo’ [*dehatma-buddhi*].

A base na qual o mundo e o corpo aparecem é a mente, a consciência ‘eu sou o corpo’, e a base na qual a mente aparece é o Ser, a pura consciência, que é o Silêncio. Portanto, o Silêncio indestrutível é a base para todos os tipos de conhecimento.

1176. Em vez de argumentar com a agudeza do intelecto [*mati*], que [sobe e] se acalma, “Ele [a realidade] existe”, “Ele não existe”, “Ele tem forma”, “Ele é sem forma”, “Ele é um [não-dual]”, “Ele é dois [dual]”, o Silêncio da existência-consciência-felicidade [*sat-chitananda*], que é a experiência que nunca falha, é a única verdadeira religião [*mata*].

Sadhu Om: Usar a agudeza do pequeno e transitório intelecto, cuja natureza é subir e acalmar, para discutir a existência ou a natureza da eterna suprema realidade, não é verdadeira religião. A experiência sempre existente do Silêncio, na qual todos esses argumentos foram abandonados, é a única verdadeira religião. Consulte aqui o verso 34 de *Ulladu Narpadu*, e os versos 989 a 993 e 1235 desta obra.

1177. Quando a *Jnana* não se eleva pela vida divina do Silêncio, a glorificada e transcendente religião primordial [*adi-mata*], tomando posse do coração, o senso de diferença [*bheda-mati*] será removido mesmo que seja pelas práticas de castas e religiões ilusórias?

Sadhu Om: O estado de desigualdade causado por diferenças como alto e baixo pode ser removido permanentemente e completamente apenas no Silêncio, o estado de Permanência do Ser, e ele nunca pode ser removido mesmo minimamente por qualquer número de reformas feitas em práticas religiosas e de castas.

1178. Assim como muitos rios que correm e se fundem no [um] grande oceano [são todos da natureza da água], assim todas as religiões - que fluem apenas em direção ao oceano de Siva, a abundante consciência-felicidade [*chit-ananda*], como seu alvo - são Siva-*mayam* [da natureza de Siva]. Portanto, não há lugar para diferenças [no objetivo final de todas as religiões].

1179. Uma vez que, quando alguém mergulha interiormente tendo como [único] objetivo a curiosidade [para saber] assim, ‘Quem sou eu que noto as diferenças nas doutrinas [das várias religiões]?’ o ‘eu’ [a individualidade ou *jiva*] morre e se torna inexistente, deixando apenas o sempre existente Ser [que sempre brilha desprovido de diferenças], nesse Silêncio o senso de diferença pode permanecer?

1180. “Se o senso de diferença não permanecerá nesse Silêncio, o senso oposto [o senso de não-diferença] pode permanecer sozinho?” - se for perguntado assim, [a resposta é que] o senso de não-diferença [*abhedabuddhi*] glorificado pelos conhecedores da realidade é apenas a perda do senso de diferença [*bheda-buddhi*].

Michael James: Quando *Jnanis* falam da experiência de não-diferença, o que eles querem dizer é apenas a não-experiência da diferença, porque no estado do Silêncio não existem diferenças a serem experimentadas. No entanto, tendo lido o termo *abhedabuddhi* [senso de não-diferença] nas escrituras, muitas pessoas erroneamente imaginam que o *Jnani* conhece todas as diferenças mas experimenta a não-diferença nessas diferenças. Refira-se ao verso 931 e 932, onde essa ideia errada é refutada.

1181. As perguntas e respostas grosseiras [ou defeituosas] são [aparentemente] reais na linguagem da dualidade [*dvaita*], mas quando conhecidas [corretamente], essas perguntas e respostas não existem nem um pouco na linguagem perfeita da não-dualidade [*advaita*], que é o Silêncio.

Michael James: O versículo acima de quatro linhas é uma adaptação de um versículo em *Panchadasi* (2-39). A mesma ideia também é expressa por Sri Bhagavan no seguinte versículo de duas linhas.

B27. Perguntas e respostas existem apenas na linguagem desta dualidade [*dvaita*]; na não-dualidade elas não existem.

1182. Quando escrutinada, a verdadeira conversa que ocorre sem interrupção entre eles [o Guru e o discípulo], que estão tendo a alegria de perguntas perspicazes [e respostas] que alcançam a perfeição, é apenas alcançar e permanecer ali [no estado de Silêncio livre de mente] onde, se eles alcançarem e permanecerem, ambas as suas mentes se unirão.

Sadhu Om: O objetivo de uma conversa na forma de perguntas e respostas entre um Guru e um discípulo é permitir que o discípulo alcance o estado perfeito da realidade. Mas, como perguntas e respostas só podem existir no reino da dualidade, elas nunca podem levar a um estado de perfeição não-dual. Portanto, a verdadeira e perfeita ‘conversa’ entre um Guru e um discípulo [*guru-sishya samvada*] é apenas eles alcançarem e permanecerem no estado do Silêncio, no qual ambas as suas mentes se uniram e se tornaram uma.

A maneira perfeita pela qual um discípulo pode ‘questionar’ e aprender com o Guru é permanecer em Silêncio, pois o verdadeiro *Sadguru* está sempre ‘respondendo’ e ensinando através da linguagem não-dual do Silêncio. Se o discípulo não permanecer no estado de Silêncio livre de pensamentos, ele não pode entender corretamente o *Jnana-upadesa* ensinado pelo Guru através da linguagem do Silêncio. Apenas nesse estado de Silêncio, *Brahman* será verdadeiramente revelado. “O Silêncio é uma eloquência sempre incessante; é a linguagem mais perfeita. É um fluxo perene da linguagem da Graça. Palavras obstruem a linguagem do Silêncio [*mauna-bhasha*]. Palestras orais nunca podem ser tão eloquentes quanto o Silêncio”, diz Sri Bhagavan. [Consulte *Maharshi's Gospel*, Livro Um, cap.2, de onde esta citação é parafraseada].

53 O Puro Silêncio

(*Suddha Mauna Tiran*)

1183. Saiba que o Self, que deve ser investigado e alcançado no coração como o estado de felicidade através do necessário *tapas* [ou auto-atenção], é apenas o estado de Silêncio [*mauna*], que é experienciado removendo o conhecimento ilusório e inútil das diferenças [juntamente com a sua raiz, a ignorância ou o conhecimento errado ‘eu sou este corpo’].

Sadhu Om: O Self, que é o fruto a ser alcançado através do inquérito ou *vichara*, é apenas o Silêncio desprovido do conhecimento errôneo ‘eu sou o corpo’.

1184. O estado da experiência do único Silêncio não-dual [*eka advaita mouna anubhuti*], que é alcançado como a experiência do verdadeiro conhecimento ilimitado [*mey-jnana*], é apenas o brilho [de si mesmo] como o espaço vazio desprovido da falsa imaginação que é o surgimento da mente egoísta.

Sadhu Om: O Silêncio é apenas o estado em que o ego ou a mente, que é meramente uma falsa imaginação, foi destruído.

1185. Uma vez que o Silêncio do Self, que brilha através da mente pura [a existência-consciência pura que está desprovida de todos os pensamentos], sozinho se revela como a porta para a Libertação, mesmo que eles prossigam por qualquer caminho que seja agradável [para eles], essa porta sozinha é o refúgio final.

Sadhu Om: Por qualquer caminho que alguém possa seguir em direção ao estado de Libertação, só é possível finalmente entrar nesse estado através da porta do Silêncio – a porta da ausência do ego ou da mente. Sri Bhagavan costumava dizer: “Por qualquer estrada que se possa abordar a cidade da libertação, para entrar nessa cidade é preciso pagar a taxa do pedágio. Essa taxa do pedágio é a destruição do próprio ego ou mente.”

1186. Atender incessantemente e com uma mente totalmente [concentrada] ao Self, que é a realidade perfeita não-dual, é o puro supremo Silêncio; por outro lado, a mera [despensadora] preguiça da mente letárgica não é nada além de uma [tamasic] ilusão defeituosa. Saiba assim.

Sadhu Om: A preguiça ou lentidão da mente não é o verdadeiro Silêncio. A auto-atenção é o verdadeiro e puro Silêncio.

1187. Saiba que o Silêncio interior – a força inabalável de louvar e adorar incessantemente, sem adorar, os Pés do Senhor Siva pela bela Suprema Palavra [para-vak], que é o puro discurso não surgido [isto é, adorar pela auto-atenção, o não surgimento do ego] – é a verdadeira e natural adoração [da realidade].

1188. Apenas aqueles que conhecem sua realidade como Siva [o Self], são aqueles que estão imersos no estado perfeito e natural do Silêncio. [Portanto] tendo removido o ‘eu’-sentido em qualquer coisa que não seja Siva [isto é, tendo desistido da identificação com todos os adjuntos como o corpo], permaneça sem ação em Siva.

1189. A glória do estado de Silêncio – no qual alguém se fundiu e morreu no verdadeiro princípio [mey-tattva], Deus, que é o Self sem ego, indagando ‘Quem sou eu, a falsa primeira pessoa?’ – é a natureza da prática da auto-entrega [sarangati-dharma].

Michael James: A verdadeira prática da auto-entrega é que alguém diminua através da pergunta ‘Quem sou eu?’ e, assim, fundir-se e permanecer no Self, o estado de Silêncio que está desprovido do menor surgimento do ego, o primeiro pensamento ‘Eu sou isso’. Consulte também o verso 482.

Sri Muruganar: Observe que a ideia deste verso, ou seja, que o Silêncio, que é o objetivo da auto-indagação, é a verdade da perfeita auto-entrega, também é expressa pelo grande Santo Vaishnavite Nammazhwar no seguinte verso: “Não me conhecendo, vivi como ‘Eu’ e ‘meu’ [como se ‘Eu’ fosse este corpo e esses pertences fossem ‘meus’]; Ó Senhor dos seres celestiais que é adorado pelos deuses, eu sou Você e meus pertences são Seus.”

1190. De acordo com o *prarabdha* [do *jiva*], o Supremo faz o *jiva* agir até que ele [o *prarabdha*] chegue ao fim. Os esforços serão em vão devido ao *prarabdha*; mesmo [apesar de] obstruções, ele [o *prarabdha*] dará frutos. [Portanto] permanecer em silêncio [sem tentar se opor ao próprio *prarabdha*] é o melhor.

Sadhu Om: Este verso expressa o mesmo *upadesa* que Sri Bhagavan deu à Sua mãe em 1898, quando ela estava implorando para Ele voltar a Madurai, ou seja, “De acordo com o destino [*prarabdha*] de cada pessoa, o Ordenador, estando em cada lugar, faz com que eles ajam. O que nunca deve acontecer não acontecerá, por mais esforço que se faça; o que deve acontecer não vai parar, por mais obstrução que se faça. Isso é certo. Portanto, permanecer em silêncio é o melhor.” Este e o próximo verso podem ser lidos junto com os versos 150 e 151.

1191. Não é possível para ninguém fazer nada contrário à ordenação [*niyati*] de Deus, que tem a capacidade de fazer [qualquer coisa e] tudo. [Portanto] permanecer em silêncio aos Pés [de Deus], tendo abandonado [todas] as ansiedades da mente perversa, defeituosa e ilusória, é o melhor.

1192. Se examinarmos [qual é] o método para terminar [para sempre] os movimentos da mente oscilante ou ego, que é [como] um reflexo na [onda] água, [descobriremos que] o método é para alguém permanecer em silêncio atendendo a si mesmo, e não para alguém atender a isso [a mente oscilante], que fará com que se caia do estado [do Self].

Sadhu Om: O único método para aquietar a mente errante permanentemente é para alguém atender silenciosamente a si mesmo [a primeira pessoa, ‘Eu’], e não para alguém atender à mente errante, que não é nada mais do que um pacote de pensamentos sempre mudando pertencentes a segunda e terceira pessoas. No entanto, não ouvimos hoje em dia que muitos aspirantes a gurus estão aconselhando os aspirantes: “Continue observando os pensamentos da mente”, como se este fosse um verdadeiro método de prática espiritual [*jnana-abhyasa*]? Como todos os pensamentos da mente não são nada mais do que pessoas de segunda e terceira ordem sem valor, prestar atenção a esses pensamentos é um método inútil que é recomendado apenas por Vedantinos que não possuem verdadeira experiência. Para revelar que este método não serve para aquietar [ou seja, destruir] a mente de forma permanente, Sri Bhagavan diz neste verso: “O [correto] método é para alguém permanecer silenciosamente atendendo a si mesmo [a primeira pessoa] sozinho, e não para alguém atender à mente oscilante [que é um pacote de objetos de segunda e terceira pessoas]”. Consulte as pp. 101 a 102 de *The Path of Sri Ramana* – Part One para uma explicação mais completa.

No verso 17 do *Upadesa Undiyar*, Sri Bhagavan diz que, se alguém examinar vigilante a forma da mente, descobrirá que não há tal coisa como mente. Este ensinamento é mal interpretado por algumas pessoas como se significasse que alguém deveria atender ou observar a mente, ou seja, os pensamentos relacionados a objetos de segunda e terceira pessoas. No entanto, deve-se entender que sempre que Sri Bhagavan nos recomenda examinar a mente, Ele não quer dizer que devemos atender a pensamentos relacionados a segunda ou terceira pessoas, mas apenas que devemos atender e examinar a primeira pessoa ou ego, o pensamento raiz ‘Eu’. Se assim prestarmos atenção ao pensamento ‘Eu’, ele automaticamente diminuirá e desaparecerá, enquanto se prestarmos atenção a outros pensamentos, eles multiplicarão e aumentarão em força. Portanto, no presente verso, Sri Bhagavan revela que, se atendermos aos pensamentos da mente oscilante, estaremos nos desviando de nosso estado natural de permanência no Self, no qual nenhuma segunda ou terceira pessoa pode ser conhecida.

Ele não quer dizer que devemos atender a pensamentos relacionados a segunda ou terceira pessoas, mas apenas que devemos atender e examinar a primeira pessoa ou ego, o pensamento raiz ‘Eu’. Se assim prestarmos atenção ao pensamento ‘Eu’, ele automaticamente diminuirá e desaparecerá, enquanto se prestarmos atenção a outros pensamentos, eles multiplicarão e aumentarão em força. Portanto, no presente verso, Sri Bhagavan revela que, se atendermos aos pensamentos da mente oscilante, estaremos nos desviando de nosso estado natural de permanência no Self, no qual nenhuma segunda ou terceira pessoa pode ser conhecida.

1193. Aqueles que têm conhecimento perfeito dizem que o estado de verdadeiro conhecimento [*mey-jnana-samadhi*], no qual se permanece sem ‘Eu’ [o ego], sozinho é *mauna-tapas*. Para experimentar [esse] silêncio [*mauna*], que é desprovido do pensamento do corpo [o sentimento ‘Eu sou este corpo’], apegar-se ao Self no coração é o *sadhana*.

1194. O puro Silêncio que irradia quando o sentido ‘Eu’ [o ego] é perdido por [um] permanecer no coração, conhecendo o próprio estado real de existência em vez de sair para valorizar e atender a outras coisas, sozinho é o limite do *Jnana*.

Michael James: O estado de *Jnana* é aquele que é desprovido de qualquer limite e além de todas as definições. Se for para ser dado um limite ou definição para *Jnana*, é apenas o puro Silêncio que permanece brilhando após a destruição do ego.

1195. Uma vez que, assim como as atividades vistas dentro [e por] uma pessoa sonhando se tornam risíveis e inexistentes na perspectiva da pessoa acordada, até mesmo as atividades do *jiva* [como seu nascimento e morte], que são uma imaginação [vista por ele] dentro dele mesmo, tornam-se inexistentes em [a verdadeira perspectiva despertada do] autoconhecimento, todas [essas atividades, incluindo sua servidão e libertação] são irreais [e são uma mera brincadeira de *maya*].

1196. Quando o puro gracioso Supremo revela a natureza do Self, ele que estava no quarto escuro [de *ajnana*] se fundirá no Silêncio da permanência do Self, afogando-se em *Siva-bodha* [conhecimento de Deus ou existência-consciência], que é a beleza da realidade.

1197. Saiba que o Silêncio - que é o perfeito conhecimento da forma do Self e que brilha internamente quando o ego chega ao coração rejeitando todas as manobras dos pensamentos [*sankalpa-jalas*], que raramente são rejeitados - sozinho é a gloriosa Palavra Suprema [*para-vak*].

Sadhu Om: Este verso revela o verdadeiro significado da palavra ‘*para-vak*’, que foi usada por Sri Bhagavan nos versos B12, 706 e 715.

1198. Apenas aqueles que não escutaram atentamente a linguagem da Graça do Senhor [Silêncio], que é a Palavra Suprema [*para-vak*], [que surge] quando a mente errante se acalma, dirão que [o som de] uma flauta é doce, que [o som de] uma *veena* é doce, ou que o discurso tagarela de seus próprios filhos tagarelas é muito doce.

Sadhu Om: Como a linguagem da Graça do *Sadguru* - a *para-vak* ou Silêncio que brilha no coração quando a mente errante se acalma e é destruída ali - concede a bem-aventurança imortal e perfeita, é mais doce do que até mesmo o som mais doce deste mundo.

Porque o Sábio Tiruvalluvar escreveu o *Tirukkural* para dar conselhos a todos os tipos de pessoas de acordo com o próprio nível de maturidade, no verso 66 [no capítulo sobre ter filhos, que vem na seção que trata da vida dos chefes de família] ele disse, “Só aqueles que não ouviram o discurso tagarela de seus próprios filhos, dirão que [o som de] uma flauta é doce ou que [o som de] uma *veena* é doce”. Mas apenas porque Tiruvalluvar disse isso, não devemos de forma alguma chegar à conclusão de que ouvir o discurso tagarela de seus próprios filhos é a experiência mais doce de todas. Como ouvir o tagarelar de crianças pode dar a alguém apenas um prazer transitório, Sri Bhagavan se dirige a aspirantes que estão envolvidos na prática espiritual mais elevada e diz neste verso que a doçura do supremo Silêncio do *Sadguru*, que está sempre brilhando dentro do coração, é maior e mais real do que a doçura do som de seus filhos tagarelas.

No entanto, os leitores não devem concluir a partir deste verso que Tiruvalluvar foi um daqueles “que não ouviram atentamente a linguagem da Graça do Senhor, que é a Palavra Suprema, [que surge] quando a mente errante se acalma”, mas devem entender que, como ele nunca teve filhos, ele compôs aquele verso apenas para o bem dos chefes de família que buscam prazeres mundanos.

1199. Se o ruído dos pensamentos [*sankalpas*] surgindo [incessantemente] dentro de si não se acalmar, o estado inefável de Silêncio não será revelado. Aqueles cujos pensamentos [*vruttis*] se

acalmaram dentro, não deixarão o forte e perfeito [estado de] Silêncio mesmo em um grande campo de batalha.

Sadhu Om: Assim como o som doce da música suave e melodiosa não pode ser ouvido em um lugar onde há um grande ruído como o burburinho de um mercado ou o rugido das ondas de um oceano, assim o doce ensino silencioso [*mouna-upadesa*] do *Sadguru*, que está sempre acontecendo profundamente dentro do coração, não pode ser ouvido por pessoas comuns por causa do ruído dos milhões de pensamentos que estão incessantemente surgindo em suas mentes. Por outro lado, por causa da força de Seu Silêncio, mesmo o grande ruído do campo de batalha permanecerá desconhecido para um *Jnani*, que aniquilou a mente ao destruir todos os pensamentos ou *sankalpas*. Como o *ajnani* atende apenas ao burburinho dos pensamentos, ele não percebe o Silêncio sempre brilhante dentro, enquanto porque o *Jnani* atende apenas ao Silêncio dentro, Ele não sabe nem mesmo o maior ruído que pode estar acontecendo do lado de fora.

1200. Diga-me, não é o silêncio vocal observado por aqueles que não se envolvem na autoinvestigação [*jnana-swavichara*] e que não conhecem o verdadeiro objetivo, que é o Silêncio [que surge] quando o ego, ‘Eu sou o corpo carnal e sujo’, se acalma e chega ao coração, um [mero] esforço mental [*chitta-vyapara*]?

Sadhu Om: O esforço daqueles que meramente observam o silêncio vocal ao invés de se envolverem na autoinvestigação ou autoatenção, que é o verdadeiro estado de silêncio da mente, é inútil.

1201. A vida do Eu - o verdadeiro conhecimento [*mey-jnana*] que surge desprovido do senso de ego devido ao afogamento [do ego] em sua fonte quando a loucura de desejo pelos objetos de sentido pequenos, ilusórios e enganosos foi completamente destruída - é a única que pode [verdadeiramente] satisfazer a mente.

1202. Aqueles cujos corações estão transbordando de alegria ao experimentar o sempre novo néctar [*amrita*] do Eu, que brilha intensamente no Silêncio puro, não serão prejudicados no mundo ao experimentar os objetos de sentido insignificantes, que dão um pequeno prazer louco causado pela ilusão mental.

1203. A realidade que é muito claramente conhecida pelos Sábios como o objetivo [*siddhanta*] de todos os *Vedas* e *Agamas*, e a observância da realidade [*sat-achara*] recomendada por todos os *dharma-upadesas*, é [nada mais do que] Silêncio, o estado de suprema paz.

Sadhu Om: O objetivo final que é ensinado em todos os *Vedas*, *Agamas*, *dharma-sastras* e outras escrituras é apenas o estado de Silêncio perfeito [*pari-purna-mauna*], que não é nada além da destruição da mente [*mano-nasa*]. Consulte a obra *Quem sou eu?* onde Sri Bhagavan diz que todas as escrituras concluem finalmente que para alcançar a liberação deve-se acalmar a mente.

1204. O completo abandono de todos [os outros três *purusharthas*] começando com *dharma*, é o glorioso estado de paz, que é a natureza da libertação [o quarto *purushartha*, o único verdadeiro *purushartha*]. [Portanto] desistindo completamente [de todos] o pensamento dos outros [os três falsos *purusharthas*], apegue-se apenas ao Silêncio, o conhecimento do supremo Eu, que é Siva.

Sadhu Om: O verdadeiro *purushartha* ou objetivo da vida humana é o estado pacífico da liberação, que só pode ser alcançado quando se desiste completamente do desejo pelos outros três chamados *purusharthas*, a saber, *dharma*, *artha* e *kama*. Portanto, deve-se abandonar até mesmo o pensamento desses outros três *purusharthas* e deve-se firmemente permanecer no Silêncio, o estado supremo do Autoconhecimento, que é a única liberação. Consulte aqui o verso 8 desta obra.

54 Suprema Devoção

(*Para-Bhakti Tiran*)

1205. Quando alguém se rendeu completamente aos Pés de Shiva e se tornou da natureza do Eu, a [resultante] abundante paz, na qual não há nem o menor espaço dentro do coração [para alguém] para fazer qualquer reclamação sobre [seus] defeitos e deficiências, só isso é a natureza da suprema devoção.

Sadhu Om: Se alguém se rendeu completamente a Deus, será impossível para essa pessoa orar até mesmo pela libertação. Refira-se aqui ao verso 7 de *Sri Arunachala Navamani-malai*.

1206. No coração que existe e brilha como a verdadeira e perfeita felicidade, tendo se tornado um alvo para a Graça de Deus, pode haver as pequenas deficiências da mente, que são um sinal do sentido do ego carnal [o sentimento ‘Eu sou este corpo carnal’], que é ignorância?

1207. Apenas enquanto existem outros pensamentos no coração, pode haver um pensamento de Deus concebido pela própria mente. A morte até mesmo desse pensamento [de Deus] devido à morte de [todos] os outros pensamentos [incluindo o pensamento raiz ‘Eu’], sozinho é o verdadeiro pensamento [de Deus], o pensamento impensado.

Sadhu Om: Só enquanto houver outros pensamentos na mente de alguém, pode-se pensar ou meditar sobre Deus. Mas o verdadeiro pensamento de ou meditação sobre Deus, que é o “pensamento impensado”, é apenas aquele estado em que todos os outros pensamentos, incluindo o primeiro pensamento ‘Eu sou este corpo’, morreram através da auto-entrega.

Só depois do surgimento do ego ou pensador, o primeiro pensamento ‘Eu sou o corpo’, outros pensamentos podem surgir sobre o mundo e Deus. Depois do surgimento desses pensamentos, já que se sente então que

Deus é diferente de si mesmo, só se pode meditar sobre Ele como um objeto de pensamento. Mas quando o ego, o pensamento raiz 'Eu', morre através da auto-entrega, não só todos os pensamentos sobre o mundo desaparecerão, mas até mesmo o pensamento de Deus, que tem a mesma realidade [*sama-satya*] que os outros pensamentos, também desaparecerá. Este estado, que está desprovido de todo pensamento do mundo, alma e Deus, e no qual se brilha como a suprema realidade livre de pensamentos, sozinho é a verdadeira meditação ou *Brahma-dhyana*.

??? 1208. Se você perguntar, "Diga-me, por que 'ser ainda' [o estado de mero ser descrito no verso anterior], que está desprovido de até mesmo um único pensamento emergente, é chamado de 'pensamento' [ou 'meditação']?", saiba que é por causa do brilho da consciência sempre inesquecível da realidade ['Eu sou'].

Sadhu Om: Pensar e esquecer são um par de opostos. Como a consciência sempre inesquecível da realidade ['Eu sou'] brilha perfeitamente no estado de 'ser ainda' - o estado de auto-atenção ou auto-permanência - esse estado às vezes é referido como um estado de 'pensamento' ou 'meditação' [*dhyana*]. Isto é, como a realidade não é esquecida nesse estado livre de pensamentos, é descrita de forma solta como um estado de 'pensar em' ou 'meditar sobre' a realidade. É só neste sentido que Sri Bhagavan descreveu o estado de auto-atenção como 'pensamento do Eu' [*atma-chintana*] em *Quem sou eu?* e no verso 482 desta obra.

1209. O amor que brota dentro, no lugar [o coração] onde a paz clara é alcançada devido à luz [de *Jnana*], que surge quando a mente delusiva, que está cheia da escuridão venenosa [*ajnana*], é destruída e quando o coração se torna aberto como o espaço, só isso é o verdadeiro amor [*mevabhakti*] por Shiva.

1210. Apenas aqueles afortunados que vivem sempre dependendo apenas do Eu [que é a verdadeira forma de Deus] como o melhor refúgio, alcançarão sua própria realidade. Para os outros, a libertação, essa Suprema Morada graciosa e infindável [*param-dhama*], é inatingível por qualquer meio que seja.

1211. Os verdadeiros devotos que de todas as formas permanecem subjugados [*adhina*] apenas ao Eu [Deus], [só] são *tadityars* [aqueles que pertencem ao Senhor]. Saiba que apenas para eles [esses verdadeiros devotos], em quem há um amor incessante, a Suprema Morada [*param-dhama*], que triunfa como transcendente, será uma realização completa.

55 A Realização de *Jnana*

(*Jnana-Siddhi Tiran*)

1212. Embora se diga que *siddhis* são muitos e diferentes, *Jnana* sozinho é o mais alto desses muitos *siddhis* diferentes, [porque] aqueles que alcançaram outros *siddhis* desejarão *Jnana*, [enquanto] aqueles que alcançaram *Jnana* não desejarão outros [*siddhis*]. [Portanto] aspire [apenas para *Jnana*].

1213. Quem alcançou o Eu [*atma-swarupa-siddha*] é quem alcançou todos os outros [*siddhis*] juntos, já que aquele [Auto-realização ou *atma-siddhi*] é o mais alto *siddhi*. Assim como [todos] os planetas estão dentro do espaço, [sejam] manifestos ou não manifestos, todos eles [todos os *siddhis*] estarão em quem alcançou o autoconhecimento [*atma-jnana-siddha*].

1214. Se ao mergulhar profundamente se alcança o fundo do coração, o senso de baixeza [o sentimento 'Eu sou um *jiva* insignificante'] irá deixar e perecer, e a vida de ser o Senhor de *Jnana*, aos pés de quem até o rei do céu [Indra] irá curvar sua cabeça, virá a ser vivida [por alguém].

56 Brahman

(*Brahman Tiran*)

1215. O princípio real silencioso e feliz [*Brahman*] sozinho é o palco ou base para *Maya* - que é o grande poder da consciência [*maha-chit-sakti*], que não é outra senão o princípio real perfeito - para jogar [sua] jogo para sempre, tendo os três princípios [o mundo, a alma e Deus] como [seus] brinquedos. Que maravilha é!

Sadhu Om: A partir deste verso, devemos entender que, além de *Brahman*, *Maya* não tem existência real própria. Os três princípios, o mundo, a alma e Deus, são os brinquedos com os quais ela encena seu jogo ilusório [*maya-lila*] de criação, sustentação e destruição. Mas o jogo que ela joga com esses três não poderia acontecer se não tivesse o Eu ou *Brahman*, a realidade perfeita, como sua base. A verdade de que o Eu permanece para sempre como a base na qual *Maya* joga, é o que é indicado pelos *Saktas* quando eles figurativamente retratam a Deusa Kali dançando no corpo deitado do Senhor Shiva. O que deve ser entendido aqui é que a aparência do mundo, da alma e de Deus, e de sua criação, sustentação e destruição, são todos um jogo irreal de *Maya*, que não tem realidade própria. É com o ensinamento dado neste verso que o primeiro capítulo da segunda parte de *O Caminho de Sri Ramana* começa.

1216. Se eles veem os muitos filmes em movimento, eles não veem a tela única e imóvel, a base. Aqueles que veem a tela imóvel não veem nenhum dos filmes. Essa é a natureza de um cinema.

Michael James: Quando as imagens são projetadas em uma tela de cinema, elas efetivamente escondem aquela tela. Da mesma forma, quando as imagens de nomes e formas - o mundo, a alma e Deus - são vistas, elas efetivamente escondem sua base, o Self ou *Brahman*. Portanto, assim como a tela é vista como ela é apenas quando as imagens não são vistas, assim o Self é visto como ele é apenas quando o mundo, a alma e Deus não são vistos. Portanto, se o mundo, a alma e Deus são vistos, o Self não será visto, e se o Self é visto, o mundo, a alma e Deus não serão vistos. Veja também os versos 46, 876 e 877, onde a mesma verdade é expressa.

1217. Em um cinema, sem a tela imóvel não pode haver nenhum filme em movimento. Quando examinada, aquela única tela imóvel é diferente dos filmes em movimento na tela.

1218. A tela, a base imóvel, sozinha é *Brahman* [ou Self]. A alma, Deus e os mundos são apenas os filmes em movimento nessa tela imóvel. [Portanto] saiba que tudo o que é visto [nessa tela] é uma ilusão [*maya*].

Michael James: Os três versos acima revelam que o mundo, a alma e Deus só podem ser vistos quando *Brahman* não é visto, mas que sem *Brahman* não pode haver nenhum mundo, alma ou Deus, e que, embora *Brahman* seja assim a realidade ou base na qual eles aparecem, é diferente deles. Portanto, este verso conclui tirando a inferência, “Tudo o que é visto (ou seja, o mundo, a alma e Deus) é uma ilusão”. Compare aqui o verso 160 e 1047 e 1049.

1219. Aquele que, no mundo das imagens, pensa e anseia não apenas pelo mundo das imagens - que se move com almas de imagem, que se movem como ele mesmo - mas também pelo Deus da imagem [que cria, sustenta e destrói o mundo e as almas das imagens], é apenas a alma [*jiva*], que é uma imagem em movimento.

Sadhu Om: O mundo, a alma e Deus são meros filmes em movimento; eles não podem ser a tela, a base. A alma ou o homem, que é uma entre as imagens em movimento, vê o mundo e Deus, os outros dois entre as imagens em movimento, e sofre tendo gostos ou desgostos por eles. Ou seja, muitas pessoas veem e desejam os objetos do mundo e sofrem com o desejo de obtê-los, enquanto outras sofrem com o desejo de ver e alcançar Deus. O primeiro tipo de pessoas é chamado de pessoas mundanas, enquanto o segundo tipo é chamado de devotos de Deus. No entanto, este verso ensina que, uma vez que ambos os tipos de desejo e sofrimento que as pessoas passam fazem parte do jogo de *maya*, eles não têm significado algum e são ambos apenas ocorrências irrealis resultantes da ignorância de não conhecer o Self ou *Brahman*, a suprema realidade que é a base na qual *maya* joga assim.

1220. Para o pensamento [*chitta-vritti*] que sofre pensando em si mesmo - que é [em sua verdadeira natureza nada além de] a tela, a base imóvel - como uma imagem em movimento [a alma ou *jiva*], a coisa adequada a fazer é permanecer firmemente no estado de Silêncio, tendo completamente diminuído [através da auto-atenção].

Sadhu Om: O *chitta-vritti* mencionado neste verso é a alma, o ego ou o pensamento ‘eu’ [*aham-vritti*], cuja verdadeira natureza é apenas o Self, a base imóvel, mas que erroneamente se identifica como um corpo, uma das imagens em movimento na tela, e que assim vê e deseja as outras imagens, o mundo e Deus.

No verso anterior, até mesmo o nobre esforço de um devoto que anseia ver e alcançar Deus foi considerado falho, não é? Quando é assim, não é necessário ensinar a essa nobre alma o que é apropriado para ela fazer? Portanto, neste verso Sri Bhagavan ensina que a coisa mais nobre e melhor para a alma fazer é diminuir e permanecer firmemente no estado de Silêncio, conhecendo e permanecendo como o Self, a base imóvel na qual as imagens em movimento do mundo, alma e Deus aparecem. Uma vez que [como afirmado no verso 1216] quem vê a tela não pode ver as imagens, quando se conhece a própria verdadeira natureza, não se verão as imagens do mundo, alma e Deus, e assim se alcançará a suprema paz que é desprovida da ilusão de estar louco por essas imagens.

55 A Natureza da Libertação

(*Mukti Uru Tiran*)

1221. O conhecimento da própria verdadeira natureza - que permanece no coração quando até mesmo o pensamento de ser salvo da escravidão é destruído devido à remoção completa do pensamento dessa escravidão na mente que se vê [analisando] assim ‘Quem sou eu que estou preso?’ - só isso é a natureza da libertação.

Michael James: Quando a mente vê sua própria verdadeira natureza ao questionar ‘Quem sou eu que estou preso?’, ela perceberá que na verdade nunca esteve presa. Portanto, como o pensamento de escravidão é assim completamente destruído, o pensamento contrário de libertação também desaparecerá, porque a escravidão e a libertação são um díade [*dvandva*] ou par de opostos, cada um dos quais tem um significado por causa do outro. Este verso parafraseia e explica a ideia expressa por Sri Bhagavan em *Quem sou eu?* quando Ele disse, “Questionando ‘Quem sou eu que estou em escravidão?’, e [assim] conhecendo a própria natureza real, só isso é a libertação”.

1222. Aquilo que é a paz repleta de consciência [*bodhamaya-santa*] que brilha como aquilo que permanece [quando os pensamentos de escravidão e libertação são assim removidos pela auto-investigação], é *Sada-sivam* [a realidade eterna]. O Silêncio sem ego [que brilha] como [o verdadeiro conhecimento] ‘Aquele [*Sada-sivam*], que é o Supremo sempre existente, é “Eu”’, é a finalidade da libertação.

Sadhu Om: O verso 40 de *Ulladu Narpadu Anubandham* deve ser lido e compreendido aqui.

1223. Desistir de tudo [permanecendo firmemente] sem ser abalado do estado [de pacífica auto-permanência] por causa da frouxidão [*pramada*] na [quele estado de] paz, que surge devido à investigação do Self, que é a consciência básica na qual tudo [o mundo, a alma e Deus] aparece - só isso é a libertação.

1224. A menos que o conhecimento objetivo [a mente que conhece objetos de segunda e terceira pessoa] seja completamente destruído, o apego ao mundo, que é formado pelos sentidos, que amarram a alma, não pode ser cortado. A destruição desse conhecimento [objetivo] por [seu] permanecer no estado do Self, que é *nishtha*, só isso é a natureza da libertação que se desfruta.

1225. Apenas ser [como ‘Eu sou’] - tendo conhecido o caminho que destrói o apego, o inimigo que é a mãe da escravidão do nascimento [e morte], que dá espaço para o riso [ou seja, que é ridicularizado pelos Sábios], e tendo alcançado essa desapego - só isso é libertação.

Sadhu Om: “O caminho que destrói o apego, o inimigo” é [como mostrado no verso anterior] permanecer no Self, tendo abandonado o conhecimento objetivo, em outras palavras, atentar apenas para o Self e não para objetos de segunda ou terceira pessoa. “Apenas ser” significa permanecer quieto com a mera consciência ‘Eu sou’ e sem conhecer qualquer outra coisa.

1226. A afirmação, “A conquista de uma vida de pura autoconsciência, que brilha apenas como existência [‘Eu sou’], é o estado de libertação, que é a luz do conhecimento supremo [*para-jnana*]”, é o veredicto firme dos Videntes da realidade, que é a coroa dos *Vedas*.

1227. Não existe criação, nem também destruição, o oposto [da criação]; não há pessoas em cativo, e também não há pessoas em absoluto praticando *sadhana*; não há pessoas que buscam o mais alto [ou seja, a libertação], e também não há pessoas que tenham alcançado a libertação. Saiba que isso sozinho é a suprema verdade [*paramartha*]!

Sadhu Om: Este verso é adaptado do *sloka* sânscrito, “*Na nirodha na cha utpattih na baddhah na cha sadhakah, Na mumukshuh na vai muktah iti esha paramarthata*”, que Sri Bhagavan frequentemente citava, e que está incluído no *Amritabindu Upanishad* [Verso 10], no *Atma Upanishad* [verso 30], nas *Mandukya Karikas* [2.32] e no *Vivekachudamani* [verso 574]. Depois de ver este verso de quatro linhas composto por Sri Muruganar, Sri Bhagavan expressou a mesma ideia no seguinte verso de duas linhas.

B28. Não há criação [criação], destruição, cativo, desejo de cortar [cativo], esforço [feito para a libertação] para aqueles que alcançaram [a libertação]. Saiba que isso é a suprema verdade [*paramartha*]!

Sadhu Om: Criação, destruição, cativo, o desejo de cortar o cativo, aquele que busca a libertação e aquele que alcançou a libertação, todos existem apenas na perspectiva da mente. Portanto, todos têm o mesmo grau de realidade [*sama-satya*] que a mente que os conhece. Mas como Sri Bhagavan revela no verso 17 de *Upadesa Undiyar*, quando a forma da mente é cuidadosamente escrutinada, será encontrado que não há tal coisa como mente em absoluto. Portanto, quando a mente é assim encontrada para ser inexistente, toda a falsa aparência de criação, destruição, cativo, libertação e assim por diante, também será encontrada para ser completamente inexistente. Portanto, a verdade absoluta experimentada por um *Jnani*, que conheceu o Self e que assim percebeu a inexistência da mente, é apenas *ajata* - a verdade de que nunca houve, é ou será qualquer criação, nascimento ou devir.

As cinco funções divinas [*panchakrityas*], a saber, criação, sustentação, destruição, velamento e Graça, são todas coisas que estão preocupadas apenas com o mundo, a alma e Deus, que [como revelado no verso 1215] são meros brinquedos de *maya*. Portanto, tudo o que parece ser real dentro do alcance dessas cinco funções, não pode ser a verdade absoluta. Como o cativo, a libertação, o *sadhaka*, o *sadhana*, a realização e assim por diante, pertencem apenas ao mundo, à alma e a Deus, todos eles são irrealis. Isto é, como o mundo, a alma e Deus são brinquedos de *maya*, todos os conhecimentos a eles relacionados são irrealis. [Ver *Ulladu Narpadu* verso 13, “Conhecimento de multiplicidade é ignorância, que é irreal”.] Quando é assim, apenas aquele conhecimento que brilha transcendendo *maya*, e que é um conhecimento não de muitos, mas apenas de um, pode ser a verdade suprema e absoluta [*paramartha*]. A natureza exata dessa verdade suprema só pode ser conhecida por *Jnanis*, que firmemente permanecem como aquela única realidade que tudo transcende. A experiência deles sozinhos pode ser considerada a verdade absoluta.

Devemos recordar aqui que no verso 100 desta obra, é afirmado que, embora Sri Bhagavan tenha ensinado diversas doutrinas diferentes para se adequar à maturidade de cada um que veio até Ele, Ele revelou que Sua própria experiência era apenas *ajata*. Para mostrar que Sua própria experiência também era a experiência dos antigos *Rishis* que deram os *Upanishads*, Sri Bhagavan costumava citar o *sloka* do qual o presente verso é uma tradução.

O significado literal da palavra ‘*maya*’ é ‘*ma-ya*’ [o que não é], porque quando o autoconhecimento surge, a atividade [*vrutti*] de *maya*, ou seja, seu referido jogo, será encontrada para ser completamente inexistente. Assim como a cobra inexistente se funde e se torna uma com a corda sempre existente assim que essa corda é vista como é, assim a *maya* inexistente se fundirá e se tornará uma com o Self sempre existente e autoiluminado assim que esse Self for conhecido como é. Portanto, embora *maya* não seja outra coisa senão *Brahman* ou Self, e embora se diga que é sem começo como *Brahman*, ela tem um fim, já que é encontrada para ser inexistente

na clara luz do autoconhecimento. Portanto, nós [Self], que permanecemos brilhando mesmo no estado em que *maya* é assim encontrada para ser inexistente, somos a verdade suprema e absoluta [*paramartha*].

Assim, como a conclusão final desta obra, *Guru Vachaka Kovai*, que também é conhecida como 'A Luz da Verdade Suprema' [*paramartha dipam*], Sri Bhagavan revela que Self - que sempre brilha sem começo ou fim e sem qualquer mudança como a única, existência-consciência-felicidade não dual [*sat-chit-ananda*] na forma 'Eu sou' - sozinho é a verdade suprema [*paramartha*], e que tudo o mais é uma mera brincadeira de *maya* e, portanto, completamente irreal e inexistente.

No entanto, esta verdade absoluta não pode ser compreendida por pessoas que estão sob a influência de *maya* e, portanto, são iludidas pelo defeito do ego. Portanto, ignorando esta verdade suprema, elas imaginam muitos objetivos diferentes, como imortalizar o corpo, tornar o céu na terra, ir para mundos celestiais, alcançar poderes [*siddhis*] e assim por diante, e acreditando que tais objetivos são a verdade suprema [*paramartha*], em nome do *yoga* ou religião, elas traçam diferentes caminhos para alcançar esses diferentes objetivos, escrevem livros volumosos sobre seus próprios objetivos e métodos, e se envolvem em argumentos elaborados sobre eles. No entanto, todos esses esforços são inúteis, pois são possíveis apenas dentro do alcance do jogo irreal de *maya*. Referir-se aqui ao verso 34 de *Ulladu Narpadu*, onde Sri Bhagavan diz que discutir sobre a natureza da realidade, em vez de se fundir dentro e conhecê-la como é, é apenas ignorância nascida de *maya*.

1228. Uma vez que é possível apenas na [luz fraca da] irrealidade [ou ignorância] fazer o que existe [parecer ser] inexistente e fazer o que não existe [parecer ser] o que existe, mas impossível [fazer isso] na clara [luz da] verdade, na certeza que é a verdade, tudo é consciência [*chit*].

Michael James: Uma corda pode parecer uma cobra apenas em uma luz fraca, e não na escuridão completa ou na luz clara. Da mesma forma, o sempre existente Self ou *Brahman* pode parecer as formas e nomes inexistentes [o mundo, alma e Deus] apenas na luz fraca da ignorância [a luz da mente], e não na escuridão completa do sono ou na luz clara do autoconhecimento. Portanto, já que o que existe [Self ou *Brahman*] não pode parecer o que não existe [os muitos nomes e formas] na luz clara da verdade, nessa luz clara será realizado que tudo o que parecia existir no estado de ignorância é verdadeiramente nada além de consciência, que é o que realmente existe. Ou seja, assim como a corda sempre existe, tanto quando parece ser a cobra inexistente quanto quando é vista como é, a consciência sempre existe, tanto quando parece ser os nomes e formas inexistentes quanto quando brilha como é.

1229. Saiba que tudo o que é dito sobre a alma e Deus –[como] aquilo que é a alma que tem o vínculo do apego se tornará Deus quando o vínculo for removido, assim como o arroz se torna arroz quando a casca é removida – é [apenas] uma imaginação da mente defeituosa [superposta] em Self, a forma dessa consciência.

Michael James: Embora as escrituras digam inicialmente, "Assim como o arroz se torna arroz quando sua casca é removida, assim a alma [ou *jivatma*] se tornará Deus [*paramatma*] quando seu vínculo de apego for removido", a suprema verdade [*paramartha*] é que não existe alma, Deus, vínculo ou libertação, e que esses são todos meras imaginações mentais superpostas em Self, que é a única realidade sempre existente.

59 A Realidade Perfeita

(*Semporul Tiran*)

1230. Tudo que você pensa [ou conhece] com a mente para ser o que existe é, na verdade, o que não existe. Aquele [Self] que você não pode ter em sua mente [ou seja, que você não pode pensar] para ser o que existe ou ser o que não existe, é sozinho o que existe [*ulladu*].

Sadhu Om: Como a mente é em si uma entidade irreal e inexistente, tudo que é conhecido pela mente como real ou existente é, de fato, irreal e inexistente. Portanto, se o Self fosse algo que pudesse ser conhecido pela mente, também seria irreal, não seria? Mas, como os Sábios declaram que o Self é aquilo que não pode ser conhecido pela mente, ele é o único que realmente existe e é real.

1231. Diga, é possível pela imaginação [a mente] negar a grandeza [e realidade] do Supremo, que é onipresente e transcende, que engole completamente em si mesmo os defeitos e diferenças causados pela multidão de todos os tipos de conhecimento?

1232. Saiba que a consciência que sempre brilha no coração como o Self sem forma e sem nome, 'Eu', [e que é conhecido] por [um] ser ainda sem pensar [sobre qualquer coisa] como existente ou não existente, sozinho é a realidade perfeita.

1233. Entre as seis doutrinas declaradas sem começo, apenas a não-dualidade [*advaita*] é sem fim, enquanto as outras cinco doutrinas têm um fim. Tenha isso em mente, saiba claramente.

Sadhu Om: As seis doutrinas mencionadas neste verso são os *shad-darsanas*, as seis escolas ortodoxas da filosofia indiana, a saber, a escola *Nyaya* de Gautama, a escola *Vaisesika* de Kanada, a escola *Sankhya* de Kapila, a escola *Yoga* de Patanjali, a escola *Purva Mimamsa* de Jaimini e a escola *Vedanta* de Vyasa. A doutrina referida neste verso como *Advaita* é a doutrina do *Vedanta*, cuja conclusão final é que o Self ou *Brahman* não-dual, que transcende a *maya*, sozinho é a realidade sempre existente, que não tem nem começo nem fim. Por outro lado, as conclusões das outras cinco escolas estão todas relacionadas com o que está dentro do alcance da *maya*. Portanto, assim como *maya* é dita não ter começo, mas ter um fim, essas cinco escolas de filosofia também são ditas não ter começo, mas ter um fim, uma vez que não podem permanecer quando a verdade [Self] é realizada e quando *maya* chega ao fim. Como todas as doutrinas além da *Advaita* são assim invalidadas

quando o conhecimento do Self desperta, *Advaita* é a única verdade que existe e brilha para sempre sem começo nem fim.

1234. Quando conhecido [corretamente], o que é dito ser real é apenas um. Saiba que aquela firme, completa realidade perfeita sozinha é a que é descrita de várias maneiras pelos *Brahma-jnanis*, que a conhecem ao entrar silenciosamente no coração com um intelecto muito sutil.

Michael James: Embora os sábios que revelaram as seis doutrinas (*shad-darsanas*) do hinduísmo e que pavimentaram as várias religiões diferentes no mundo, todos tenham realizado a realidade perfeita não-dual, eles a descreveram de várias maneiras de acordo com a maturidade das mentes daqueles que vieram até eles. No entanto, aspirantes maduros devem entender que, embora a realidade seja assim descrita pelos sábios de muitas maneiras diferentes, ela é na verdade uma e não-dual.

1235. A verdade da não-dualidade [*advaita-tattva*], que é a mais elevada de todas as religiões, que são tão numerosas, é a única realidade silenciosa, cuja natureza é a consciência desprovida do insubstancial e fantasmagórico ego, a semente das diferentes religiões.

Michael James: Consulte os versos 989 a 993, 1176 a 1179 e 1242.

1236. Aqueles que conhecem a realidade perfeita - que não tem começo nem fim, que é desprovida de mudança, causa ou mesmo objeto de comparação, e que é aquilo que não pode ser conhecido pelo enganoso senso de individualidade [o ego] - [só] alcançarão a glória.

60 Transcendência do Pensamento

(*Bhavanatita Tiran*)

1237. A glória do *Advaita* brilhará nos corações dos *Jnanis* como o Self inalterado após os enganadores triads [*triputis*] terem desaparecido, mas não pode ser alcançada por aqueles que pensam [nisso] com a mente como [eles pensam dos] objetos de senso imaginário, irreal, dual e insignificante.

1238. O Siva livre de pensamento, que é o Self, a consciência real, não pode ser conhecido por aqueles que têm uma mente que pensa, mas apenas pelos heróis livres de pensamento que têm uma mente que, devido à consciência interior [ou Self], entrou e permanece na fonte do pensamento, [sua mente pensante] tendo morrido.

1239. Ó vocês [aspirantes altamente maduros] que têm uma loucura intensa pela [experiência] da grandeza da não-dualidade [*advaita*]! [A experiência da] não-dualidade é apenas para aqueles que permanecem no estado de realidade, tendo alcançado a paz de espírito perfeita [que resulta da completa subsídio de todos os pensamentos que surgem na mente]. Digam, qual é o benefício para as pessoas atrasadas que não buscam a permanência direta na realidade.

Michael James: O único benefício verdadeiro a ser alcançado é a experiência da não-dualidade, que só pode ser alcançada por aqueles aspirantes maduros que através da autoinvestigação buscam e alcançam a paz perfeita de espírito, que é o estado de permanência em Self, a realidade, e não por aquelas pessoas imaturas que nem sequer desejam seguir o caminho direto da autoinvestigação e assim alcançar o estado de permanência em Self.

61 Narração da Experiência

(*Anubhavam Uraitta Tiran*)

1240. Quando contamos a experiência [alcançada por causa] dos ensinamentos do Guru [Sri Ramana], [é a experiência de que] tudo o que foi visto como uma floresta de apego [ou ligação] não é nada além do inefável espaço do Silêncio do verdadeiro Conhecimento [*mey-jnanamauna*] e [que] todo conhecimento inferior é um sonho.

Sadhu Om: Neste capítulo [versos 1240 a 1248] Sri Muruganar descreve a experiência de *Jnana* que ele alcançou pela Graça de seu *Sadguru*, Sri Ramana.

1241. Eu conheci, eu conheci o estado de suprema verdade, que é pleno de transcendente existência-consciência [e no qual se sabe] que na verdadeira realidade não há nem mesmo a menor aquisição do que é chamado de ligação, libertação e assim por diante, [que tudo aparece apenas devido a] ter-se confundido [a si mesmo] para ser outro [que não o Self].

Sadhu Om: Quando o estado de suprema verdade [*paramartha sthiti*] é conhecido, percebe-se que nunca se confundiu realmente a si mesmo como sendo algo diferente do Self, e que, conseqüentemente, nunca se esteve em ligação e nunca se alcançou algo como a libertação.

Sri Muruganar: ‘Permanecer neste estado, tendo alcançado a suprema bem-aventurança que é desprovida de ligação e libertação...’ é um dito de Sri Bhagavan [no verso 29 de *Upadesa Undiyar*]. Ele também disse [no verso 37 de *Ulladu Narpadu*], “Mesmo a afirmação de que há dualidade durante a prática e não-dualidade após a realização, não é verdade...”. Se o estado de suprema verdade é conhecido como ele é, saiba que mesmo a sensação de libertação não existirá lá; já que a ligação é sempre inexistente, a natureza do Self é aquela que está completamente desprovida de até mesmo o conhecimento ‘Eu sou um *Mukta*’.

1242. Embora olhemos para qualquer religião e embora escutemos qualquer doutrina [proposta por essas religiões], vemos claramente que todas as doutrinas dessas religiões definitivamente proclamam apenas um objetivo, que brilha desprovido de diferenças.

Michael James: Em sua experiência de *Jnana*, Sri Muruganar percebeu que, embora diferentes religiões pareçam proclamar diferentes objetivos, todos esses objetivos aparentemente diferentes são, na verdade, apenas um, a saber, o estado do conhecimento do Self, que brilha sem diferenças. No entanto, essa verdadeira harmonia e unidade entre as religiões só pode prevalecer no estado de Silêncio, e não pode prevalecer apenas devido ao intelecto pensando ‘Todas as religiões são uma’, porque enquanto o intelecto existir, não pode deixar de ver diferenças entre uma religião e outra. Consulte aqui os versos 989 a 993, 1176 a 1179, e 1235.

Sri Muruganar: Na verdade, a harmonia [entre religiões] só pode existir em Silêncio [*mauna*], e não pode existir [meramente] devido à sutileza do intelecto. Após alcançar a experiência do Silêncio [*mauna-anubhava*], saberá tão claramente quanto uma fruta na palma da mão que todas as religiões e doutrinas têm como objetivo a realização do Self, sem quaisquer diferenças entre si.

1243. Ao entrar e permanecer no Todo [*purna*], que é da natureza da consciência [*chinmaya*], que brilha ali nos inquestionáveis *Vedas* como a realidade, então é impossível ver os três tempos [passado, presente e futuro], os três lugares [a primeira, segunda e terceira pessoas] e as tríades [o conhecedor, o ato de conhecer e o objeto conhecido].

Michael James: Para uma explicação sobre o significado de ‘os três lugares’, consulte a nota para o verso 447.

1244. Quando conhecida, a verdade sutil revelada [nesta obra] é [o que eu aprendi através] da elucidação silenciosa [*maunavyakhyana*] que foi alegremente concedida [a mim] por *Jnana-Ramana-Guru-Nathan*, que me ensinou [me] tendo saído à minha frente como o verdadeiro Brahmin principal.

Sri Muruganar: Uma vez que a verdade sutil dos versos acima [ou seja, a totalidade desta obra] só pode ser compreendida na experiência de *Jnana*, o que o *Jnana-Guru* me concedeu foi apenas a essência da experiência do Silêncio [*mauna-anubhava-sara*]. As palavras “tendo saído à minha frente” denotam que, embora o *Jnana-Guru* sempre exista dentro [como o Self], Ele me tomou como Seu próprio aparecendo na brincadeira de *maya* com um corpo físico humano como nós.

Como a clareza [de entendimento dos ensinamentos de Sri Bhagavan] é fortalecida apenas através do Silêncio, é dito “a elucidação silenciosa” [*mauna vyakhyana*].

1245. Em minha perspectiva [não-dual] [na qual eu existo sozinho como a realidade], você não existe, apenas eu; na sua perspectiva [não-dual] [quando você percebe que só você existe como a realidade], eu não existo, apenas você; na perspectiva de alguém [não-dual] [quando se percebeu a verdade], os outros não existem, apenas o próprio eu. Quando [a verdade é assim] conhecida, todos eles [eu, você, o próprio eu e os outros] são [nada mais que] ‘eu’ [o Self].

1246. Saiba que eu não sou nem uma posse nem sou um possuidor; eu não sou nem um escravo [um devoto] nem um mestre [o Senhor]; Eu não tenho o senso de dever [o senso de dever que faz alguém sentir ‘eu tenho um dever de fazer tais e tais coisas’] e eu não tenho o senso de experiência; eu não sou de todo um fazedor.

1247. Como o Self me considerou como seu próprio, aparecendo aqui como o Guru [Sri Ramana] na frente do meu conhecimento objetivo [minha mente], que estava lamentando como se estivesse preso por *maya*, [eu pago] mais digna reverência apenas para o meu Self infinito, que brilha como o sol.

1248. Saiba que, apesar de [qualquer quantidade de] miséria miserável que possa acontecer [com ele], [este] Murugan [Sri Muruganar] nunca cederá ao poder da ilusão [*maya-sakti*] do mundo vazio, mas apenas ao poder da consciência [*chit-sakti*] do Supremo Ramana, que é Siva.

Michael James: Na vida externa de Sri Muruganar, vimos claramente como ele viveu perfeitamente a verdade que expressa neste versículo. Apesar das incontáveis misérias e dificuldades indescritíveis que ele teve que passar desde o dia em que veio a Sri Bhagavan até o dia em que deixou o corpo, Sri Muruganar nunca foi abalado e nunca cedeu nem um pouco às ameaças poderosas e tentações da *maya* mundana que o cercava.

62 O Estado de Igualdade

(*Sama Nilai Tiran*)

1249. Para aqueles que permanecem na auto-permanência [*jnana-atmanishtha*], que é o principal *dharma*, não há nem mesmo [quaisquer diferenças como] casta, linhagem ou religião. Não há diferenças [como estas] no Self, mas apenas para o corpo sem valor, irreal.

Sadhu Om: Os cinco versos neste capítulo final registram todos os ditos reais de Sri Bhagavan.

Como a auto-permanência é em si mesma o principal *dharma* e a fonte de todos os *dharma*s, e como os vários outros *dharma*s ou deveres ordenados de acordo com as diferentes castas, linhagens e religiões existem apenas para o corpo e não para o Self, aqueles que permanecem como o Self não precisam desempenhar qualquer outro *dharma*.

1250. Saiba que a visão de ver a igualdade – que é [a experiência] de que o Self é a única realidade em tudo que é conhecido [através dos sentidos] – é a única ‘visão igual’ [*sama-darsana*] que é proclamada lucidamente pelos Sábios, [que alcançaram] o verdadeiro conhecimento [*mey-jnana*] que abunda em igualdade [*samarasa*].

Michael James: As palavras '*sama-darsana*' [visão igual] e '*sama-drishiti*' [perspectiva igual] são geralmente tomadas pelas pessoas para significar ver todas as pessoas, todas as criaturas e todas as coisas como iguais. Mas neste verso, Sri Bhagavan revela que o verdadeiro significado de '*sama-darsana*' ou '*sama-drishiti*' é apenas a experiência do *Jnani*, que sabe que Seu próprio Self é a única realidade por trás da aparência do mundo inteiro. Enquanto a multiplicidade e a diversidade forem conhecidas, a desigualdade definitivamente permanecerá; apenas no estado de perfeita unidade não-dual, na qual se sabe que apenas o Self existe, a verdadeira igualdade pode ser experienciada.

1251. Ele [o *Jnani*] que está cheio de paz perfeita, que é a experiência do Self imóvel, que está desprovido do ego, é aquele cuja mente não está alegremente satisfeita com elogios e nunca descontente com a culpa.

Michael James: Refira-se ao verso 38 de *Ulladu Narpadu Anubandham*.

1252. Para o conhecedor da realidade [*mey-jnani*] – que não imagina erroneamente ser real uma vida de glória, que é de acordo com *prarabdha*, no mundo atraente, que aparece apenas no vazio não-manifesto como o prazer da água clara [visto devido a uma miragem] no calor escaldante [de um deserto] – até uma vida de degradação [pobreza ou miséria] será [experienciada como] uma grande alegria.

1253. Saiba que todo o *tapas* que os grandes Sábios divinos naturalmente fazem sem desejos egoístas, é benéfico para [todas] as pessoas deste mundo antigo, proporcionando-lhes bela auspiciosidade.

Michael James: Como Sri Bhagavan disse no verso 30 de *Upadesa Undiyar*, “Saber o que sobrevive à destruição de ‘Eu’ [o ego], é o excelente *tapas*...” devemos entender que os *Jnanis* estão sempre, por sua própria natureza, fazendo o *tapas* mais perfeito. Refira-se ao verso 303 desta obra, onde Sri Bhagavan diz que a mera existência de um *Jnani* na terra é suficiente para remover todos os pecados do mundo, e para *Day to Day with Bhagavan*, 9-3-1946, onde Sri Bhagavan diz, “Se um *Jnani* existe no mundo, sua influência beneficiará todas as pessoas no mundo”.

Elogios

(Vazhttu)

1254. Glória a Arunagiri; glória ao Guru Ramana; glória aos devotos que vivem pela única [inigualável] palavra [ensinamentos de Sri Ramana]; glória a esta ‘Luz da Suprema Verdade’ [*paramartha dipam*], que é um belo colar [*Kovai*] dos ditos [*Vachaka*] do Gurumurti [Sri Ramana], ao dar [seu] fruto [Autoconhecimento]!

Sri Ramanarpanamastu

utu

APÊNDICE

Michael James: No apêndice de *Guru Vachaka Kovai – Urai*, a renderização em prosa Tamil de *Guru Vachaka Kovai* de Sri Sadhu Om, os seguintes onze versos dispersos de Sri Bhagavan foram adicionados, uma vez que são versos contendo instruções ou *upadesa*. No final da nota de cada verso, é indicado onde no texto de *Guru Vachaka Kovai* ele deve ser incorporado.

1. Por causa da perspectiva de ver [este mundo] como um efeito [*karya*] que consiste em feminino, masculino, neutro e assim por diante, um executor que cria [isto] existe como a causa [*karana*] deste mundo. Ele destrói e cria este mundo. Saiba [que] executor ser Hara [Senhor Siva].

Sadhu Om: Este verso é uma adaptação de Sri Bhagavan do verso em sânscrito, “*Stri-pum-napumsaka-aditvat jagatah karya-darsanat, Asti karta sah hritva-etat-srijati-asmad-prabhuh-harah*”, que é o primeiro verso de *Siva-Jnana-Bodham*.

Causa e efeito são um díade [*dvandva*], pois cada um tem um significado apenas por causa do outro. O propósito deste verso é ensinar que, uma vez que a aparência do mundo é vista como um efeito, deve existir um Deus como causa dele. Consulte também o primeiro verso de *Ulladu Narpadu*.

Enquanto o mundo for considerado um efeito, é necessário aceitar que ele tem uma causa. Mas quando o autoconhecimento desponta, a aparência do mundo será conhecida como nada mais que o Self, e a díade de causa e efeito, portanto, deixará de existir. Quando o mundo não é mais visto como um efeito, mas apenas como o Self incausado, não criado e imutável, Deus não será mais conhecido como uma causa ou executor – uma entidade separada – mas brilhará como aquele único Self indivisível.

Este verso deve ser incorporado ao texto após o verso 114.

2. Ó filho, o ilusionista [*indrajalikan*] engana as pessoas deste mundo sem se enganar, enquanto o *siddha* engana as pessoas deste mundo e [ao mesmo tempo] engana a si mesmo. Que grande maravilha é essa!

Sadhu Om: Este verso é uma adaptação de Sri Bhagavan de um verso na *Rama Gita*, “_Aindrajalikakarta-api bhrantan-bhramayati svayam, Abhrantak eva siddhastu svabhatah bhramayatayah_o”.

O ilusionista que entretém as pessoas realizando truques nas ruas sabe que seus truques não são reais. O *siddha*, por outro lado, acredita que os poderes ocultos [*siddhis*] que ele exhibe são reais, e portanto é enganado ao pensar que realmente se tornou grande. No entanto, seus *siddhis* não são mais reais do que os truques do ilusionista. Portanto, embora o *siddha* e o ilusionista sejam iguais em sua arte de enganar os outros, o *siddha* é inferior ao ilusionista porque nem mesmo tem a clareza de mente para entender que seus poderes são irreais.

Este verso deve ser incorporado ao texto após o verso 224.

3. Ó minha alma problemática, você não me dá descanso, ao estômago, por [mesmo] um *nazhigai* [vinte e quatro minutos]; você não para de comer por um *nazhigai* em um dia; você nunca sabe do meu sofrimento. É difícil viver com você.

Sadhu Om: No dia de *Chitra-purnima* no ano Tamil *Sukla* [o dia da lua cheia em abril-maio de 1929], um farto banquete foi servido no Ashram, como resultado do qual muitos devotos reclamaram de desconforto no estômago. Então um devoto citou um famoso verso Tamil cantado pela Santa Avaiyar, no qual ela se dirige ao estômago e diz: “Ó meu estômago problemático, se te pedem para abandonar a comida por um dia, você não abandona [isso]; se te pedem para pegar [comida suficiente] para dois dias, você não pega [isso]; você nunca sabe do meu sofrimento. É difícil viver com você.”

Ouvindo isso, Sri Bhagavan comentou que, nas circunstâncias, era injusto culpar o estômago citando o verso de Avaiyar, já que era apenas a alma ou ego que, para sua própria satisfação, enchia o estômago além de sua capacidade. “Pelo contrário,” disse Sri Bhagavan, “agora seria justo para o estômago reclamar contra a alma,” e assim Ele compôs o verso acima. Porque Avaiyar vivia de esmolas e frequentemente tinha que passar fome por dias a fio, ela podia justamente reclamar dos problemas que o estômago lhe causava. Mas através deste verso, Sri Bhagavan instruiu de forma humorada Seus discípulos que aquelas pessoas que mimam o sentido do paladar comendo demais não têm o direito de reclamar contra o estômago.

Este verso deve ser incorporado ao texto após o verso 492.

4. Ó você que faz uma grande celebração [sobre um suposto aniversário], [você sabe] qual é o [verdadeiro aniversário]? O [verdadeiro] aniversário é apenas aquele dia quando, ao examinar ‘Onde nós nascemos?’ [isto é, “De onde ou de que surgiu o ego, a falsa noção ‘Eu sou este corpo’?”], nascemos na realidade [Self], que sempre brilha sem nascimento ou morte como o único.

Sadhu Om: Em 1912, quando os devotos começaram a celebrar seu aniversário [*Jayanti*], Sri Bhagavan compôs este verso e o seguinte.

No verso 11 do *Ulladu Narpadu Anubandham*, Sri Bhagavan deu uma resposta à pergunta: “Quem realmente nasce?” Da mesma forma, neste verso Ele deu uma resposta à pergunta: “Qual é o verdadeiro aniversário?” Identificar o corpo como ‘Eu’ devido ao apego [*dehabhimana*] é o nascimento do *jiva*. Mas este é de fato um falso nascimento, pois identificar o corpo como ‘Eu’ é a morte do nosso verdadeiro estado. Por outro lado, uma vez que permanecer como Self é a única vida verdadeira, a realização de Self-knowledge - que é obtida ao analisar Self, a fonte do ego - é o nosso verdadeiro nascimento.

Este verso e o próximo devem ser incluídos no texto após o verso 603.

5. Subsindo [e se fundindo no Self] ao conhecer a si mesmo - [tendo discriminado] assim, “Realizar uma celebração de aniversário em vez de chorar sobre [o próprio] nascimento [como ‘Eu sou este corpo’] pelo menos no [próprio] aniversário, é como decorar um cadáver” - sozinho é [verdadeiro] conhecimento [ou sabedoria].

Sadhu Om: Depois de revelar no verso anterior que a realização do Self é o verdadeiro nascimento, neste verso Sri Bhagavan ensina que é ignorância celebrar o próprio falso aniversário, o dia em que se nasceu neste mundo como um corpo. Mesmo que em outros dias alguém se esqueça de lamentar, “Ai de mim, eu nasci neste mundo identificando este corpo como ‘Eu’”, pelo menos no aniversário de alguém deve-se lembrar de lamentar assim e se arrepender por esse erro. Se em vez disso alguém celebra o próprio aniversário com grande pompa, é como decorar felizmente um cadáver - este corpo - em vez de descartá-lo com aversão como não ‘Eu’.

Este verso e o anterior devem ser incorporados ao texto após o verso 603.

Nota do editor: Há onze versos neste apêndice. No manuscrito de Michael, os versos 6-11 já foram incorporados ao texto nos lugares apropriados. Eles podem ser encontrados nas notas dos versos 1027, 1127, 1141, 1147, 1172, 1173.

Michael James: O seguinte verso foi encontrado entre os manuscritos de Sri Muruganar com uma nota “Para ser adicionado em

Guru Vachaka Kovai”, e por isso foi incluído no final do apêndice de *Guru Vachaka Kovai – Urai*. Este verso deve ser incorporado ao texto após o verso 592.

592a. Como a morte [*yama-tattva*] vem na forma de esquecimento [do Self], para as mentes daqueles que [buscam] alcançar uma vida de imortalidade, os cinco objetos dos sentidos, cuja natureza é *tamas* e que funcionam juntos, é mais perigoso do que [qualquer] veneno mortal e cruel.

Michael James: Conhecer objetos através de qualquer um dos cinco sentidos faz com que se perca a atenção do Self, em outras palavras, esquecer o Self. Tal esquecimento (*pramada*) ou perda de atenção do Self é declarado pelos Sábios como sendo a morte (veja o verso 394 desta obra, e os versos 321 a 329 do *Vivekachudamani*).

Portanto, aqueles que estão praticando a auto-investigação a fim de alcançar o estado imortal do Self, devem ter cuidado para não permitir nem mesmo o menor espaço em seu coração para o desejo por objetos sensoriais.

utu
